Meio ambiente, esporte, lazer e turismo

estudos e pesquisas no Brasil, 1967-2007

VOLUME 1

Ana Cristina P.C. de Almeida & Lamartine P. DaCosta (Editores) Editora Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007 Meio Ambiente, Esporte, Lazer e Turismo: Estudos e Pesquisas no Brasil 1967 - 2007/

Editores : Cristina Pimentel Carneiro de Almeida e Lamartine P. DaCosta Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2007

400 p. ISBN 85-7444-062-0

- 1. Meio ambiente. 2. Esporte. 3. Lazer. 4. Turismo.
- 5. Desenvolvimento sustentável

CDD - 809 CDU - 82.09



"Livro organizado em associação da Editora Gama Filho com a Universidade Federal do Pará, 2006 - 2007"

Universidade Gama Filho REITORIA

Reitor

Prof. Luiz Eduardo Braune da Gama

Pró-Reitor de Humanidades e Ciências Sociais
Prof. Arno Wehling

Pró-Reitor de Saúde Prof. Gilberto Chaves

Pró-Reitor de Exatas e Tecnologia Prof. José Leonardo Demétrio de Souza

Editora Gama Filho
Editor Dante Gastaldoni
Programação Visual Evlen Joice Lauer
Supervisão de textos Lamartine P. DaCosta



DIREITOS AUTORAIS E CÓPIAS

A presente obra está sendo publicada sob forma de coletânea de textos fornecidos voluntariamente por seus autores, sem compensação financeira mas mantendo seus direitos autorais, segundo a legislação em vigor. Neste termos, este livro tem distribuição gratuita em CD ROM e outras mídias, como também está disponível em site para download de livre acesso, sem custos para usuários. Cópias em papel do livro e dos textos estão autorizadas desde que não tenham propósito comercial e que sejam citados os autores e fontes originais em *eventuais* reproduções.

ENGLISH FOREWORDS AND TEXTS

The "Introduction" of this book in English is available following the "Contents" section in the next pages. There are several chapters in English as far as original texts were included using this language. These texts are also listed in the above mentioned "Introduction". Any part of this book may be reproduced in any form under the condition of being referred to authors and sources. All rights reserved. Commercial use of parts of this book only with permission of the authors.

Sumário

Volume I

- 13 Introdução: Tendências centrais dos estudos e pesquisas em Meio Ambiente, Esporte, Lazer e Turismo no Brasil no período 1967 -2007 Ana Cristina P. C. de Almeida & Lamartine P. DaCosta
- 29 English forewords and review Ana Miragaya
- 33 A atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o Altitude Training Lamartine P. DaCosta
- 65 Planejamento México Lamartine P. DaCosta
- 97 Princípios do Esporte para Todos Lamartine P. DaCosta
- 101 Parque de Lazer e de Esporte para Todos Jürgen Diekert & Floriano Dutra Monteiro
- 107 A Reinvenção da Educação Física e do Desporto segundo Paradigmas do Lazer e da Recreação Lamartine DaCosta
- 117 O olhar e o pensamento ambientalista Lamartine P. DaCosta
- 123 Turismo ou Meio Ambiente: uma Falsa Oposição Rita Mendonça
- 133 A Inter-relação do ensino em Recreação e Lazer e a Educação Ambiental Ana Cristina P. C. Almeida
- 139 Visitar e compartilhar a natureza Rita Mendonça
- 143 Ecoturismo: viagem, lazer & aventura Flávio Leonel Abreu da Silveira

153 Introduction - Environment and sport: an international overview Lamartine P. Dacosta University Gama Filho, Rio de Janeiro - Brazil Guest Professor at University of Oporto

- 159 Toward a theory of Environment and Sport Lamartine P. DaCosta University Gama Filho - Rio de Janeiro, Brazil
- 171 Do Bambi ao Rambo ou do Rambo ao Bambi? As relações com a (e na) natureza¹ Alcyane Marinho
- 181 Nas trilhas da relação Educação Física Meio Ambiente Cristiane Ker de Melo Ana Cristina P. C. Almeida
- 193 Impactos do uso público em uma trilha no planalto do Parque Nacional do Itatiaia Teresa Magro
- 195 Ecoturismo urbano: rua de lazer em Tombos-MG:
 Aprendendo, brincando e inovando o Meio Ambiente
 Alba Pedreira Vieira
 Priscyla Assis
 Fernanda Fernandes
- 205 Turismo Ecológico: essa possibilidade de lazer é "quente" Alba Pedreira Vieira Priscyla Assis
- 215 Sentido da viagem Rita Mendonça
- 219 Aventura e risco na natureza: símbolos e mitos presentes nos discursos do Ecoturismo esportivo Vera L. M. Costa
- 233 O futuro das atividades físicas de Lazer e Recreação ligadas à natureza e à Educação Ambiental Ana Cristina P. C. de Almeida
- 235 A experiência na natureza segundo Joseph Cornell Rita Mendonça

- 251 Considerações sobre o futuro das atividades físicas de Lazer e Recreação ligadas à natureza - um estudo Delphi Ana Cristina P. C. de Almeida
- 269 Lazer e Recreação e a Educação Ambiental: uma questão interdisciplinar Ana Cristina P. C. de Almeida
- 289 Lazer e consumo no espaço urbano Elizara Carolina Marin Valquíria Padilha
- 299 Motivação no trekking: um caminhar nas montanhas Renato Miranda
- 311 Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos Alcyane Marinho
- 321 Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva Alcyane Marinho
- 323 Brinquedos, brincadeiras, recreação, arte e cultura popular: alternativas para um museu interativo Daniele Barreto Figueiredo e Silva Gustavo de Lira Santos Maria Cecília de Araújo Bezerra Mendes Sérgio Henrique Verçosa Xavier
- 331 International trends of sport and environment a 2001 overview

 Lamartine DaCosta

Arte, lazer e Educação Ambiental:

 o caso da Ludoteca da Universidade Federal de Viçosa Alba Pedreira Vieira
 Maria do Carmo Oliveira
 Maria do Carmo Couto Teixeira

Gestão do lazer, turismo e eventos:

349 uma nova habilitação a ser oferecida pelo CEFET-MA Leopoldo Gil Dulcio Vaz

Trekking de regularidade

 359 - o esporte construindo Valores para a melhoria da Qualidade de Vida Valdo Vieira
 Bernardo Villano
 Manoel José Gomes Tubino 361 Ecoturismo: discurso, desejo e realidade Rita Mendonça Zysman Neiman

375 Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente: visões internacionais Otávio Tavares Renato Miranda Lamartine DaCosta

389 "Avançar sobre possibilidades": horizontes de uma reflexão eco-epistêmica para redimensionar o debate sobre esportes Tânia Mara Vieira Sampaio

Capítulos por ano de publicação, autores e títulos dos trabalhos

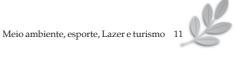
1967	Lamartine P. DaCosta A ATIVIDADE DESPORTIVA NOS CLIMAS TROPICAIS E UMA SOLUÇÃO EXPERIMENTAL: O ALTITUDE TRAINING
1967	Lamartine P. DaCosta PLANEJAMENTO MÉXICO
1981	Lamartine P. DaCosta PRINCÍPIOS DO ESPORTE PARA TODOS
1983	Jürgen Diekert Floriano Dutra Monteiro PARQUE DE LAZER E DE ESPORTE PARA TODOS
1987	Lamartine P. DaCosta A REINVENÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO DESPORTO SEGUNDO PARADIGMAS DO LAZER E DA RECREAÇÃO
1992	Lamartine P. DaCosta O OLHAR E O PENSAR AMBIENTALISTA
1993	Rita MendonçaTURISMO OU MEIO AMBIENTE: UMA FALSA OPOSIÇAO
1996	Ana Cristina P. C. de Almeida A INTER-RELAÇÃO DO ENSINO EM RECREAÇÃO E LAZER E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL
1996	Rita MendonçaVISITAR E COMPARTILHAR A NATUREZA
1996	Flávio Leonel A. da Silva ECOTURISMO: VIAGEM, LAZER & AVENTURA
1997	Lamartine P. DaCosta INTRODUCTION - ENVIRONMENT AND SPORT: AN INTERNATIONAL OVERVIEW
1997	Lamartine P. DaCosta TOWARD A THEORY OF ENVIRONMENT AND SPORT
1999	Alcyane Marinho DO BAMBI AO RAMBO OU DO RAMBO AO BAMBI? AS RELAÇÕES COM A (E NA) NATUREZA
1999	Cristiane Ker de MeloAna Cristina P. C. de Almeida NAS TRILHAS DA RELAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA - MEIO AMBIENTE
1999	Teresa Magro IMPACTOS DO USO PÚBLICO EM UMA TRILHA NO PLANALTO DO PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA
1999	Alba Vieira ECOTURISMO URBANO: RUA DE LAZER EM TOMBOS – MG APRENDENDO, BRINCANDO E INOVANDO O MEIO AMBIENTE
1999	Alba Vieira TURISMO ECOLÓGICO: ESSA POSSIBILIDADE DE LAZER É "QUENTE"
1999	Rita Mendonça SENTIDO DA VIAGEM
2000	Vera Lúcia Menezes Costa - AVENTURA E RISCO NA NATUREZA: SÍMBOLOS

E MITOS PRESENTES NOS DISCURSOS DO ECOTURISMO ESPORTIVO

- 2000 Ana Cristina P. C. de Almeida, Maria de Fátima S. Duarte & Juarez V. Nascimento O FUTURO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE LAZER E RECREAÇÃO LIGADAS À NATUREZA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL
- 2000 Rita Mendonça A EXPERIÊNCIA NA NATUREZA SEGUNDO JOSEPH CORNELL
- 2000 Ana Cristina P. C. de Almeida, Maria de Fátima S. Duarte, Juarez V. Nascimento & Markus Vinícius Nahas CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUTURO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE LAZER NA NATUREZA: UM ESTUDO DELPHI
- 2000 Ana Cristina P. C. de Almeida LAZER E RECREAÇÃO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA QUESTÃO INTERDISCIPLINAR
- 2000 Elizara Carolina MarinValquíria Padilha LAZER E CONSUMO NO ESPAÇO URBANO
- 2000 Renato Miranda MOTIVAÇÃO NO *TREKKING*: UM CAMINHAR NAS MONTANHAS
- 2001 Alcyane Marinho LAZER, NATUREZA E AVENTURA: COMPARTILHANDO EMOÇÕES E COMPROMISSOS
- 2001 Alcyane Marinho DA BUSCA PELA NATUREZA AOS AMBIENTES ARTIFICIAIS: REFLEXÕES SOBRE A ESCALADA ESPORTIVA
- 2001 Daniele B. F Silva, Gustavo Santos, Maria Cecília de A. B. Mendes, Sérgio Henrique Verçosa Xavier BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS, RECREAÇÃO, ARTE E CULTURA POPULAR: ALTERNATIVAS PARA UM MUSEU INTERATIVO.
- 2001 Lamartine P. DaCosta INTERNATIONAL TRENDS OF SPORT AND ENVIRONMENT A 2001 OVERVIEW
- 2001 Alba P. Vieira ARTE, LAZER E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O CASO DA LUDOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
- 2002 Leopoldo Vaz GESTÃO DO LAZER, TURISMO E EVENTOS: UMA NOVA HABILITAÇÃO A SER OFERECIDA PELO CEFET-MA
- 2002 Valdo Vieira *TREKKING* DE REGULARIDADE O ESPORTE
 CONSTRUINDO VALORES PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA
- 2002 Rita Mendonça ECOTURISMO: DISCURSO, DESEJO E REALIDADE
- 2002 Otávio Tavares, Renato Miranda, Lamartine DaCosta ESPORTE, OLIMPISMO E MEIO AMBIENTE: VISÕES INTERNACIONAIS
- 2002 Tânia Sampaio "AVANÇAR SOBRE POSSIBILIDADES": HORIZONTES DE UMA REFLEXÃO ECO-EPISTÊMICA PARA REDIMENSIONAR O DEBATE SOBRE ESPORTES
- 1993 Rita Mendonça TURISMO OU MEIO AMBIENTE: UMA FALSA OPOSIÇAO



- 1996 Ana Cristina P. C. de Almeida A INTER-RELAÇÃO DO ENSINO EM RECREA-ÇÃO E LAZER E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL
- Rita Mendonça VISITAR E COMPARTILHAR A NATUREZA
- 1996 Flávio Leonel A. da Silva ECOTURISMO: VIAGEM, LAZER & AVENTURA
- Lamartine P. DaCosta INTRODUCTION ENVIRONMENT AND SPORT: 1997 AN INTERNATIONAL OVERVIEW
- 1997 Lamartine P. DaCosta TOWARD A THEORY OF ENVIRONMENT AND SPORT
- Alcyane Marinho DO BAMBI AO RAMBO OU DO RAMBO AO BAMBI? 1999 AS RELAÇÕES COM A (E NA) NATUREZA
- Cristiane Ker de MeloAna Cristina P. C. de Almeida NAS TRILHAS DA 1999 RELAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA - MEIO AMBIENTE
- Teresa Magro IMPACTOS DO USO PÚBLICO EM UMA TRILHA 1999 NO PLANALTO DO PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA
- 1999 Alba Vieira FCOTURISMO URBANO: RUA DE LAZER EM TOMBOS - MG APRENDENDO, BRINCANDO E INOVANDO O MEIO AMBIENTE
- Alba Vieira TURISMO ECOLÓGICO: ESSA POSSIBILIDADE DE LAZER É "QUENTE" 1999
- 1999 Rita Mendonça SENTIDO DA VIAGEM
- 2000 Vera Lúcia Menezes Costa AVENTURA E RISCO NA NATUREZA: SÍMBOLOS E MITOS PRESENTES NOS DISCURSOS DO ECOTURISMO ESPORTIVO
- Ana Cristina P. C. de Almeida, Maria de Fátima S. Duarte. 2000 Juarez V. Nascimento O FUTURO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE LAZER E RECREAÇÃO LIGADAS À NATUREZA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL
- 2000 Rita Mendonça A EXPERIÊNCIA NA NATUREZA SEGUNDO JOSEPH CORNELL
- 2000 Ana Cristina P. C. de Almeida, Maria de Fátima S. Duarte, Juarez V. Nascimento, Markus Vinícius Nahas CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUTURO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE LAZER NA NATUREZA: UM ESTUDO DELPHI
- 2000 Ana Cristina P. C. de Almeida LAZER E RECREAÇÃO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA QUESTÃO INTERDISCIPLINAR
- 2000 Elizara Carolina MarinValquíria Padilha LAZER E CONSUMO NO ESPAÇO URBANO
- Renato Miranda MOTIVAÇÃO NO TREKKING: 2000 UM CAMINHAR NAS MONTANHAS
- Alcyane Marinho LAZER, NATUREZA E AVENTURA: 2001 COMPARTILHANDO EMOÇÕES E COMPROMISSOS



- 2001 Alcyane Marinho DA BUSCA PELA NATUREZA AOS AMBIENTES ARTIFICIAIS: REFLEXÕES SOBRE A ESCALADA ESPORTIVA
- 2001 Daniele B.F Silva, Gustavo Santos, Maria Cecília de A. B. Mendes, Sérgio Henrique Verçosa Xavier BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS, RECREAÇÃO, ARTE E CULTURA POPULAR: ALTERNATIVAS PARA UM MUSEU INTERATIVO.
- 2001 Lamartine P. DaCosta INTERNATIONAL TRENDS OF SPORT AND ENVIRONMENT - A 2001 OVERVIEW
- 2001 Alba P. Vieira ARTE, LAZER E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O CASO DA LUDOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
- 2002 Leopoldo Vaz GESTÃO DO LAZER E EVENTOS: UMA NOVA HABILITAÇÃO A SER OFERECIDA PELO CEFET-MA
- 2002 Valdo Vieira *TREKKING* DE REGULARIDADE O ESPORTE CONSTRUINDO VALORES PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA
- 2002 Rita Mendonça ECOTURISMO: DISCURSO, DESEJO E REALIDADE
- 2002 Otávio Tavares, Renato Miranda, Lamartine DaCosta ESPORTE, OLIMPISMO E MEIO AMBIENTE: VISÕES INTERNACIONAIS
- 2002 Tânia Sampaio "AVANÇAR SOBRE POSSIBILIDADES": HORIZONTES DE UMA REFLEXÃO ECO-EPISTÊMICA PARA REDIMENSIONAR O DEBATE SOBRE ESPORTES





Introdução

Tendências centrais dos estudos e pesquisas em Meio Ambiente, esporte, lazer e turismo no Brasil no período 1967 - 2007

Ana Cristina P. C. de Almeida & Lamartine P. DaCosta

Relacionando meio ambiente com esporte, lazer e turismo, este livro se propõe a ser uma coletânea de textos apresentados a público no Brasil desde 1967 - ano da provável primeira obra no assunto segundo interpretações atuais – que sugere representar diferentes caracterizações e tendências assumidas por este tipo de conhecimento ao longo do tempo. Em resumo, este novo livro está basicamente proposto como um documento de memória e uma referência para trabalhos acadêmicos futuros numa área de conhecimento que tem exibido grande impulso nos últimos anos, no país e no exterior.

Os textos inventariados foram fornecidos voluntariamente por seus autores a partir de solicitação pública de livros individuais e coletivos, artigos em periódicos, teses, dissertações, contribuições em congressos e seminários, e publicações técnicas diversas. Pesquisas e estudos aceitos para publicação (no prelo em 2006 - 2007) foram incluídos tendo em vista o objetivo de discernir tendências à semelhança das obras antecedentes. Como tal, a presente publicação destina-se à distribuição gratuita e fácil acesso por várias mídias e formatos.

As tendências centrais (*research mainstreams*) dos trabalhos foram assumidas na tradição científica de identificar convergências por tipos de abordagens temáticas e por quantidade de estudos. Entretanto, as interpretações e sínteses adiante apresentadas devem ser consideradas apenas como indicações de uso genérico uma vez que não se baseiam em levantamentos exaustivos nem amostragens estatísticas de trabalhos publicados. Em que pese uma validade reduzida - mas todavia pertinente - priorizou-se a reprodução de trabalhos publicados em livros, um meio ainda aceitável e útil nas condições acadêmicas brasileiras para caracterizar enfoques principais.

Isto posto, encontra-se em seguida nesta "Introdução", em ordem cronológica, a identidade inicial de textos na temática objetivada por este livro com



exame adicional de características e respectivos relacionamentos, quer no tempo, no espaço e segundo interesses de seus autores. Esta análise descritiva foi feita por contextualização histórica a partir de obra publicada no Brasil em 1850 (ver adiante) no tema do meio ambiente e suas influências em entes humanos. A observação das relações do meio ambiente com o esporte, lazer e turismo foi feita nos anos subseqüentes até 2007. Para esta tarefa textos e autores não contemplados nesta Coletânea foram citados à vista de esclarecimentos sempre que convenientes para melhor compreensão e registro. Em resumo, tais disposições nesta abordagem inicial incorporam tendências centrais e secundárias por sínteses e re-interpretação dos textos arrolados.

As contribuições para o livro ora em apresentação foram resumidas pelos cedentes das obras originais, procurando-se relevar aspectos essenciais dos estudos. Também foram mantidos os padrões estabelecidos originalmente pelos autores, incluindo forma de redação e modos de referenciação bibliográfica. Nos casos de obra publicada no exterior foi mantida a versão em inglês. Em suma, cada texto constituiu um capítulo do livro também integrado numa ordem cronológica geral que ao final permitiu uma primeira periodização de tendências centrais dos estudos e pesquisas: 1967 – 2000 (fase pioneira) e 2001 - 2007 (fase de maturidade). Esta mesma disposição permitiu antever dois períodos de internacionalização independentes entre si dos estudos brasileiros em meio ambiente, esporte, lazer e turismo: 1967 – 1987 (enfoque maior no esporte) e 1997 – 2007 (enfoque prioritário na sustentabilidade com visões integradas do esporte, lazer e turismo).

Em termos epistemológicos, para que fosse possível identificar *research maintreams* dos estudos e pesquisas, os editores deste livro adotaram interpretações e conceitos amplos (*soft definitions*) quer do meio ambiente – por vezes identificado como "natureza" – como do esporte, lazer e turismo, evitando definições estreitas e especializadas. Estas últimas *hard definitions* inviabilizariam a observação das relações típicas do meio ambiente à luz da sustentabilidade, distante portanto do objetivo da presente obra. Neste particular, assumiu-se como diretriz principal a concepção geral de meio ambiente estipulada pelo Comitê Olímpico Internacional – COI, isto é : "todos os fatores externos, condições e influências que afetam um organismo ou uma comunidade" (IOC, "Manual on Sport and the Environment", Lausanne, 2001, p. 80). Adicionalmente, definiu-se também a sustentabilidade como "o desenvolvimento que atende as necessidades das gerações presentes sem prejudicar as gerações futuras" (Ibidem, p. 81).

Por sua vez, a mesma fonte do COI (2001, pp. 13 - 14) ajusta a concepção de esporte aos problemas da proteção ambiental declarando que "a prática do esporte inclui atividades físicas em diferentes níveis, com participação informal e ocasional ou de alto rendimento com normatização, implicando em gestão especializada ou de livre iniciativa de praticantes". Já as relações do esporte com o turismo, sob o enfoque do meio ambiente, seguiram as proposições de



Tom Robison & Sean Gammon ("Revisiting and Applying the Sport Tourism Framework", Journal of Sport Tourism, Volume 9, Number 3, 2004) "as quais compreendem pessoas viajando, ou com estadas em locais fora de seu ambiente usual, com participação ativa ou passiva em atividades esportivas de competição ou recreativas". Outra recomendação adotada concerne às inter-relações entre o turismo e o lazer, segundo Guy Swinnerton ("Recreation and Conservation", in Jackson, E.L. & Burton, T.L., "Understanding Leisure and Recreation", Venture Publishing, State College, PA, 1989, pp. 517 - 565), que geralmente ocorrem sob forma de coexistência, simbiose ou conflito, sendo a última alternativa a mais comum dada à expansão do turismo em escala mundial.

À vista do exposto, apresenta-se em seguida análises históricas e contextuais que fundamentam os textos reunidos para a produção deste livro, com base em revisões equivalentes de DaCosta (1997) elaboradas para a Universidade do Porto – Portugal (ver "Introduction and Chronology", pp. 15 - 37); de Ana Cristina P. C. Almeida (2000) para sua dissertação de Mestrado em que fez verificações de tendências usando a técnica *Delphi* (texto incluído nesta Coletânea); e, finalmente, mas não menos importante, de Andrade da Costa para o capítulo "Meio Ambiente e Esporte – Produção do Conhecimento", publicado no 'Atlas do Esporte no Brasil', 2006 (pp.720 – 721), organizado por Lamartine DaCosta, Ana Miragaya e Evlen Lauer Bispo.

1850 Eduardo Ferreira França (1809 – 1857) de Recife-PE, médico formado na França, publica o livro "Influência dos Pântanos sobre o Homem" (Tipografia Liberal do Século, Salvador, 1850), no qual se analisam os efeitos da insalubridade do meio ambiente sobre a moral humana. Esta obra confirma a idéia dominante no Brasil de que o clima tropical produzia indolência, vícios e doenças.

1888 A Editora Garnier do Rio de Janeiro-RJ, lança a obra do escritor e político Sílvio Romero (1851 – 1914) intitulada "História da Literatura Brasileira" em cujo capítulo "O Meio Fisiologia do Brasileiro" são descritas as teorias correntes na Europa quanto à inferioridade dos povos habitantes de regiões de clima quente. Sílvio Romero interpretando o fato argumenta que era necessário não generalizar a questão climática brasileira, pois o ambiente nocivo limitava-se a determinadas áreas da nação. Porém reconhecia a deterioração física de grande parte de seus cidadãos: "Temos uma população mórbida, de vida curta, achacada e pesarosa em sua mor parte (...) O trabalho intelectual é no Brasil um martírio; por isso pouco produzimos; cedo nos cansamos, envelhecemos e morremos depressa" (p. 93, vol. 1 da 7 . Edição, 1980). Além destas dificuldades, Romero já como deputado federal e membro fundador da Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro), denunciou em 1902, o tamanho das colônias alemãs no sul do país, que já comprometiam em sua opinião a identidade cultural lusófona do Brasil.

1902 O escritor Graça Aranha, membro da Academia Brasileira de Letras, publica o romance "Canaã", um livro em que explora em estilo pré-modernista, a deca-



dência cultural de colonos alemães no estado do Espírito Santo diante das dificuldades de adaptação ao ambiente tropical.

1907 Na França, o Barão Pierre de Coubertin – onze anos depois de resgatar os Jogos Olímpicos – adotava pela primeira vez no mundo do esporte uma posição de defesa da natureza, ao mobilizar os esportistas para que limpassem seus campos de prática. Estava inaugurada então a definição do esporte como poluidor como também um envolvimento permanente do Movimento Olímpico internacional – sobretudo manifestado pelos Jogos Olímpicos de Inverno e de Verão – com a proteção do meio ambiente. Uma revisão histórico-analítica deste compromisso foi produzida no início dos anos 2000, pelo brasileiro Lamartine DaCosta em capítulo de livro internacional denominado de "Towards an Olympic Epistemology: Sport Sciences or Theory of Sustainable Sport?", como se verifica em "Olympic Studies", Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002, pp. 131 – 152 (não incluído nesta Coletânea).

1922 O Exército Brasileiro adota oficialmente o Método Francês de Educação Física, o qual incorpora nesta versão inicial brasileira – entre várias outras tendências de origem francesa – as concepções de George Hébert (1875 – 1957), líder da "L' École Naturaliste" criada em 1905. Esta doutrina elegia os movimentos naturais (saltar, correr, trepar etc.) como base do método de práticas físicas se aplicados em meio aos elementos naturais (água, sol, floresta, ar etc.). Hoje, a Escola de Hebért ainda apresenta manifestações na França e na Bélgica (Gleyse, J. *et al.*, 2002).

1932 A Escola de Educação Física do Exército – EsEFEx, situada no Rio de Janeiro (Urca), inaugura uma "Torre de Hébert" junto à sua pista de atletismo, marcando a incorporação do Método Natural aos currículos daquela instituição militar. A Torre de Hébert foi mantida até meados da década de 1960 quando o Método Francês foi substituído pelo Método Calistênico na instrução física do Exército Brasileiro (ver site www.esefex.ensino.eb.br/). No Brasil da atualidade dos anos 2000, o Método de Hébert ainda sobrevive em suas propostas essenciais em Curitiba-PR, em São Paulo-SP e outras cidades, por meio de pistas de treinamento de exercícios naturais, com a denominação original francesa "Le Parkour". Há também ainda uma Associação Brasileira de Parkour – ABPK, cujo site é www.abpk.br/.

1967 Lamartine DaCosta, professor de Educação Física do Centro de Esporte da Marinha-RJ, publica um livro com relatórios de pesquisas sobre atividades físicas em clima tropicais, realizadas na cidade do Rio de Janeiro, durante três anos (1964, 1965 e 1966). O livro foi denominado de "A Atividade Desportiva nos Climas Tropicais e uma Solução Experimental: o Altitude Training" (DaCosta, 1967), em razão de terem as investigações o objetivo de medir o gradiente redutor da performance física de longa duração sob impacto direto dos raios solares, como também os efeitos do mesmo esforço ao se realizar à sombra, em meio ao ambiente florestal.

O experimento foi feito com 10 atletas masculinos de nível nacional e internacional do atletismo, em provas de corridas de média e longa distâncias. Como as análises estatísticas das observações comprovaram uma melhoria no gradiente redutor à sombra, especificamente nas subidas da Floresta da Tijuca da mesma cidade, surgiu um método de treinamento como resultado adicional ao estudo. Por conseguinte, a inibicão do esforco físico devido ao calor foi relativizado pelo modo de se conduzir e dosar o exercício. Em suma, o determinismo que definia o trabalho físico em ambiente tropical no Brasil desde 1850, tornou-se improcedente diante dos resultados desta pesquisa. Destaque-se ainda que estas investigações biometeorológicas foram pioneiras na área esportiva nacional quanto ao uso de computadores e de protocolos de rigor científico. O livro de DaCosta (1967) encontra-se resumido em suas partes principais na presente Coletânea, representando a inauguração no Brasil de estudos e pesquisas sobre o meio ambiente e esporte e posteriores desdobramentos nas áreas de lazer e turismo. Há uma versão em inglês deste livro datada de 1966, compondo um manual técnico da Academia do Conseil International du Sport Militaire-CISM, Brussels, sob a denominação "Sport Activities in Tropical Climates and an Experimental Solution: the Altitude Training" (DaCosta, L.P., 1966). Esta obra marca o início da internacionalização da produção científica brasileira na área do esporte e possivelmente na do meio ambiente como disciplina autônoma de conhecimento.

1967 Lamartine DaCosta publica "Planejamento México" (obra incluída nesta Coletânea) pela então Divisão de Educação Física do MEC, em que estuda os efeitos do meio ambiente encontrado na altitude em geral e na Cidade do México em particular, a 2.240 metros, local dos Jogos Olímpicos de 1968 e da Copa do Mundo de 1970. Este pesquisador participara de um grupo de observadores de diversas nacionalidades que visitaram a Cidade do México em 1967, a fim de levantar as dificuldades de competições de alto rendimento no local. DaCosta em razão de seus estudos anteriores - desde 1963 - já participava na época da Sociedade Internacional de Biometereologia e da Academia do Conselho Internacional do Esporte Militar-CISM, esta última uma entidade de ponta nas questões de treinamento esportivo. Nestes estudos, tal como ocorrera antes com o clima quente, demonstrou-se que o meio ambiente adverso à atividade física representado por regiões elevadas, era real porém eivado de preconceitos. Neste mesmo ano, uma versão reduzida deste livro foi publicada em artigo em língua inglesa na revista "Sport International", Da Costa, L.P., vol 3, no. 36, pp. 16 - 23, sob o título "Altitude Training". Esta publicação (não disponível nesta Coletânea) é possivelmente o primeiro texto em inglês na área do esporte produzida por autor brasileiro para periódico científico de circulação internacional, e talvez um dos mais citados até hoje.

1968 Os Jogos Olímpicos do México têm lugar neste ano, superando a ameaça de suspensão do evento pelo COI por existirem ameaças ambientais aos atletas pela elevada altitude da sede dos Jogos. DaCosta acompanhou o evento e fez um levantamento minucioso das condições de aclimatação para a Seleção Brasileira de Futebol no local e em outras regiões do México, para uso quando da Copa do Mundo de Futebol de 1970 a ser realizada no México.

1968 João Lyra Filho publica neste ano o livro "Desporto e Trópico", em que defende a teoria determinista do esporte praticado no clima prevalente na maior parte do Brasil, a qual subentende efeitos prejudiciais. Este então famoso cultor do direito e da sociologia do esporte, propôs nesta obra a elaboração de um "Cadastro Nacional dos Desportos" com a finalidade de "explicar, à luz dos trópicos, em relação a um povo ou outro, as preferências por desportos mais atuados pelo instinto, pela alma ou pelo espírito" (Lyra Filho, 1968, p. 6).

1970 Realização da Copa do Mundo de Futebol no México. Lamartine DaCosta produziu um plano científico de adaptação usando os efeitos benéficos da altitude (super aclimatação) e minimizando suas causas nocivas. Em conjunto com outras contribuições positivas, o plano biometereológico garantiu a vitória da Seleção ao final da competição. O relatório oficial da Federação Internacional de Futebol Amador-FIFA sobre a Copa de 1970, publicado em 1972, enfatizou o trabalho científico de aclimatação à altitude mexicana de 2.240 metros, considerando como o mais eficaz entre os países concorrentes (FIFA, World Cup México 70 - Official FIFA Report, Zurich, 1972). A partir deste ano, vários estudos e registros foram publicados sobre os feitos científicos para Copa de 1970 com base em conhecimento gerado no Brasil. Este tema repercutiu mais uma vez durante a Copa de 2006 (Alemanha) como se verifica em estudo incluído nesta Coletânea (Santoro, Soares e Bartholo, 2006), o que confirma ser uma das tendências dominantes da produção de conhecimento na área de meio ambiente no Brasil, com quatro décadas de sobrevivência.

1977 Publicação do livro "Treinamento Desportivo e Ritmos Biológicos" (José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1977) de Lamartine DaCosta, reunindo pesquisas feitas com atletas brasileiros no Rio de Janeiro e em Atvidaberg, na Suécia, quando as reações dos sujeitos da investigação à mudança de ambientes foram mensuradas e comparadas à luz da aplicação de treinamento físico. Neste estágio da produção do conhecimento já se considerava importante o cruzamento de efeitos diversos advindos do meio ambiente (calor, altitude, mudança de fuso horário etc) buscando-se fatores de major influência. Neste particular, o relacionamento social destacou-se como variável fundamental da aclimatação "cruzada", fenômeno de natureza ecológica incluindo influências de vários sistemas relacionados à vida humana. O livro de DaCosta (1977) não esta incluído nesta Coletânea, em que pese seu valor para o estímulo do esporte-turismo, hoje em ampla expansão. Esta obra, também pioneira, recebeu como pesquisa o Prêmio MEC de Literatura Esportiva de 1976. Estes resultados sugerem também que a opção biológica e ambientalista de DaCosta e associados situava-se à época em nível similar às pesquisas internacionais.

1981 Neste ano, publica-se no Rio de Janeiro, o livro "Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa", Lamartine P. DaCosta (Ed.), Palestra Edições. Esta obra consolidou experiências e conhecimentos do chamado "Esporte para Todos" (EPT) no Brasil – gerados nas décadas de 1920 a 1970 -, incluindo autores sobre-



tudo das áreas de lazer e esporte recreativo. Entre as diversas revisões feitas pelo EPT brasileiro, destacou-se a valorização da natureza como ambiente de práticas físicas, como se verifica nos Princípios do Esporte para Todos (ver texto de DaCosta de 1981, incluso nesta Coletânea).

1981 – 1982 No Brasil, neste estágio, as atenções para o meio ambiente por parte dos esportistas permaneceram limitadas a interesses incidentais, tais como aos relacionados a competições em altitude na Colômbia, Equador, Bolívia e México. Entretanto, a agenda de pesquisas de DaCosta em termos de influência do meio ambiente no desenvolvimento atlético neste período incorporou experiências com atletas brasileiros preparando-se para os Jogos Olímpicos de Moscou (1981); planejamento *in loco* da adaptação à altitude de 3.600 metros para a representação brasileira ao Campeonato Sul-Americano de Natação em La Paz, Bolívia (1982); reconhecimento dos locais de jogos da Copa do Mundo de Futebol-1982, na Espanha, para adaptação da Seleção Brasileira de Futebol ao calor, alimentação e mudança de fusos horários. Em adição a estes desenvolvimentos, DaCosta fez estágio em Font Romeu, França, no laboratório de pesquisas em altitude dos Pirineus (1.850m), também em 1981.

1983 Diekert & Monteiro da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, publicam o possível primeiro livro nacional – incluso nesta Coletânea - sobre equipamentos e parques de lazer em que privilegiaram atividades físico-recreativas em ambientes naturais, promovidas por trabalhos comunitários e locais (mutirão). Jürgen Diekert era à época professor visitante na UFSM e trouxe experiências da Alemanha quanto ao uso de materiais de origem florestal.

1987 DaCosta publica em Portugal, pelo Ministério da Educação e Cultura, o estudo "A Reinvenção da Educação Física e do Desporto segundo Paradigmas do Lazer e da Recreação", em que explora especulativamente a oposição fundamental entre a idéia da natureza e a de cultura. Este nexo tradicional da filosofia, revelou-se para o autor brasileiro como um fio condutor para se re-conceituar o lazer à luz das atividades físicas organizadas de modo pedagógico ou de livre arbítrio. Possivelmente este texto inaugura o pensar ecológico no lazer no âmbito acadêmico de língua portuguesa.

Década de 1990 Neste período, o eixo de compreensão das questões ambientais no esporte se deslocou da proteção do praticante para a proteção do meio ambiente em que se pratica ou se competem esportes. Este fato foi produto do espírito da época desde que em 1992, realizava-se no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento de grande impacto internacional e marcante quanto ao início da responsabilidade dos estados nacionais, formalmente assumida, a respeito da proteção da natureza em escala global. Do lado do esporte, o COI assumiu a liderança no plano internacional e, já em 1995, esta instituição organizava a 1ª. Conferência Mundial sobre Esporte e Meio Ambiente em Lausanne, Suíça. Neste evento se estabeleceram as

bases para emendar a Carta Olímpica, documento maior de princípios do COI e das Federações Internacionais a ele filiadas, o que ocorreu efetivamente em 1996. A partir desta data, o COI passou a assumir publicamente os seus "três pilares de sustentação: esporte, cultura e meio ambiente" (Tavares, 2002). A modificação da Carta Olímpica incluiu a definição de desenvolvimento sustentável, já consagrada na histórica Conferência do Rio de Janeiro de 1992. Por este marco definitório, "as atividades físicas, os jogos e competições são sustentáveis quando sua instrumentalização respeita os valores intrínsecos da natureza e do esporte" (DaCosta, 2002). Em síntese, a definição então estabelecida e hoje corrente, propunha uma adaptação mútua entre praticantes e o meio ambiente, uma posição bem distinta em perspectivas do passado no Brasil com relação ao determinismo ambiental de Lyra Filho dos anos de 1960 ou do higienismo radical de Eduardo Ferreira França do século XIX, que entendia o meio ambiente como uma ameaça à saúde humana.

1992 DaCosta publica em capítulo de livro seu segundo estudo filosófico sobre o meio ambiente "O Olhar e o Pensar Ambientalista", no qual explora sua experiência científica de três décadas no tema. Neste texto – ora incorporado nesta Coletânea – há um resumo de sua crítica, ao declarar que "estamos incorporando, enfim, uma cultura ecológica, mas não conseguimos compreendê-la além dos dados científicos reducionistas ou da informação efêmera da mídia".

1993 Realização do Simpósio Internacional Cidadania, Esporte e Natureza, organizado pela Universidade do Porto, em Portugal, por proposta de Lamartine DaCosta, então professor visitante daquela universidade. Também neste ano, no Brasil, Rita Mendonca, especialista em Planejamento Ambiental pela UNESCO e mestre em Sociologia do Desenvolvimento pela École des Hautes em Sciences Sociales, da França, publica o artigo "Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição" (incluído nesta Coletânea) denunciando que no Brasil "o turismo, tal como vem sendo implantado, não apresenta característica de sustentabilidade a médio e longo prazos". Este estudo pioneiro, todavia de índole conceitual, constrói preliminares ao pensamento sobre o meio ambiente, que aparentemente influenciaram autores brasileiros de temas relacionados com o lazer de atividades físicas e turismo. Nas conclusões há perspectivas futuras da parte da autora que revelam tendências hoje razoavelmente confirmadas: "Há vários indícios de que essa sustentabilidade não ficará apenas em nosso exercício de raciocínio: os novos planos de desenvolvimento turístico vêm incorporando pouco a pouco os aspectos ambientais; a legislação ambiental brasileira é bastante clara e interessante em muitos aspectos; os conceitos e técnicas em educação ambiental têm evoluído muito. É claro que tudo isso precisa ser posto efetiva e completamente em prática. Mas não podemos perder de vista que se trata de um processo, formado por etapas e pequenas conquistas individuais"

1994 Realização dos Jogos Olímpicos de Inverno de Lillehammer, Noruega, que representaram os primeiros "Jogos Verdes" (*Green Games*) da história do Movi-



mento Olímpico Internacional, pelos critérios de sustentabilidade adotados nas instalações e organização das competições e hospedagem de atletas e visitantes. Neste ano, Sydney – Austrália foi escolhida por eleição como sede dos Jogos Olímpicos de Verão do ano 2000, tendo privilegiado a proteção do meio ambiente em seu projeto de candidatura. Em condições similares de dar prioridade ao ambientalismo, Atenas – Grécia foi eleita em 1998, a sede dos Jogos Olímpicos de 2004. Entretanto, a partir de Lillehammer tornou-se comum o uso dos Jogos Olímpicos como *showcases* (projetos - demonstração) de boas práticas ambientalistas. No âmbito brasileiro, autores como DaCosta, Carvalhedo e Veerman – seguidores da tradição científica, tecnológica e ética – adotaram então os eventos olímpicos como suporte empírico de seus estudos, incluindo no caso o turismo e o lazer. Tal opção foi reforçada em 1999 quando da adesão oficial do Programa Ambiental das Nações Unidas – UNEP ao trabalho em conjunto com o Comitê Olímpico Internacional (ver adicionalmente Tavares *et al.*, 2002, nesta Coletânea).

1996 Neste ano, outros autores brasileiros incluem-se na senda aberta antes por Rita Mendonça, como no exemplo de Ana Cristina P.C. Almeida ao preconizar "ênfase na Educação Ambiental que direciona a uma atualização voltada, principalmente, ao uso adequado dos recursos naturais, porém, geralmente, discrimina as relações globais de causa e efeito por falta de tempo, dedicação e até experimentação científica que tornaria o assunto mais pró-ativo além da simples 'conscientização' e, portanto, de maior importância ao aprendizado" (ver nesta Coletânea o texto "A Inter-Relação do Ensino em Recreação e Lazer e a Educação Ambiental" de 1996). Por sua vez, Flávio Leonel A. Silveira em seu "Ecoturismo: Viagem, Lazer & Aventura" (incluído nesta Coletânea), adotando uma linha conceitualista e experimental, levanta perspectivas futuras indicando que "o turismo ecológico ou o ecoturismo é um fenômeno recente e em evidência, ou melhor, é um evento típico do final do século XX, dentro do que se poderia apontar como uma perspectiva pós-moderna de interação com os naturais. Trata-se de uma atividade turística que se caracteriza por certo hibridismo, no qual as questões ecológicas mesclam-se com a experiência turística gerando um outro tipo de evasão do espaço urbano, a qual prefiro denominar 'experiência ecoturística'." A própria Rita Mendonça retorna este ano, publicando "Visitar e compartilhar a natureza" (incluído nesta Coletânea), uma reflexão em que se baseia em destacado pensador ambientalista que tenta combinar posições filosóficas com imperativos pedagógicos: "Para Joseph Cornell, a verdadeira definicão de educação, que abrange a educação ambiental, é sugerida por J. Donald Walters: 'É a habilidade de se relacionar com outras realidades, e não apenas com a sua própria'. No fundo, nós estamos ligados a todas as formas de vida, só que não percebemos mais,... No nosso dia-a-dia quase não nos damos conta deste afastamento e de quão longo é o caminho para nos reencontrarmos verdadeiramente com elas".

1997 Neste ano, foi organizado um Seminário na Universidade de Cingapura sobre os problemas ambientais dos Jogos Olímpicos de Sydney - 2000, no qual Lamartine DaCosta (Universidade Gama Filho-RJ) debateu com Richard Cashman

e Kristine Toohey, da Universidade de New South Wales, Austrália, as questões centrais sobre o meio ambiente envolvendo os Jogos Olímpicos. Nesta ocasião, foi divulgado um position paper (não incluído nesta Coletânea) então referenciado como: DaCosta, L.P., The Green Dream: the Olympic Movement and the Environment, National Olympic Academy of Singapore Seminar, Singapore, 1997. Posteriormente, ainda em 1997, este autor brasileiro publicou pela Academia Olímpica Internacional, Grécia, um estudo de revisão conceitual e tecnológica para dar suporte à candidatura de Atenas para os Jogos Olímpicos - 2004; tal documento (também não incluído nesta Coletânea) está referenciado como: DaCosta, L. P., The Olympic Movement Today and the Environment Protection, I.O.A. Report of the 37th Session, Ancient Olympia, 1997, 3-6. Em resumo, no Brasil, a linha de pesquisa liderada por DaCosta neste estágio já estava consolidada como marcada por bases científicas, filosóficas e tecnológicas ao passo que o caminho em construção exemplificado por Mendonça, Pimentel e Silveira mostrava-se como de revisão conceitualista, pedagógica e auto-reflexiva diante uma realidade típica nacional. Significativamente estas duas tendências centrais dos anos de 1990 focalizavam igualmente o meio ambiente, o lazer e o turismo, gerando um certo hibridismo conceitual e operacional.

1997 Publica-se em Portugal, o livro "Meio Ambiente e Desporto - Uma Perspectiva Internacional", tendo como editor Lamartine DaCosta e como organizador Antônio Marques, professor da Universidade do Porto. O livro – escrito em inglês e português - teve o apoio financeiro do Comitê Olímpico Internacional - COI e a colaboração de 15 especialistas de vários países no tema proposto. A tese central do livro dispôs-se na condição ambivalente do esporte que tem atuado "como vilão e vítima" do meio ambiente. A presente coletânea inclui a "Introducão" deste livro como também um capítulo de DaCosta em que se apresenta uma teoria geral sobre o meio ambiente e a prática esportiva, ambos na versão em inglês da publicação. Esta última construção conceitual, filosófica, empírica de índole científica e internacionalista demarcou a produção do autor em foco até 2006 quando publica um estudo sobre a proteção do meio ambiente - com educação ambiental e turismo correlatos - nos Jogos Olímpicos de Inverno de Turim - Itália (em associação com Cris Veerman e incluído nesta coletânea). No seu significado de obra coletiva internacional, o livro da Universidade do Porto constituiu um marco para os especialistas brasileiros em meio ambiente na medida em que se expandiu o intercâmbio com outros países como se verifica nos anos seguintes desta cronologia. Este viés explica, por exemplo, o destaque dado pelo European College of Sport Sciences aos trabalhos da linha de pesquisa de DaCosta e associados em 1991 (ver adiante).

1998 Acontece o Seminário Internacional de Esporte e Meio Ambiente, em Curitiba-PR, promovido pelo Comitê Olímpico Brasileiro-COB, com a presença de representantes de países latino-americanos e do COI. Otavio Tavares, Renato Miranda e Lamartine DaCosta organizaram um livro com os textos apresentados e as notas das discussões, que foi publicado em 2002 com o título "Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente". Neste Seminário teve destaque a "Agenda 21"

como base para a revitalização dos esportes tendo em vista as exigências de proteção ambiental. A Agenda 21 teve também origem na Conferência de 1992 do Rio de Janeiro, consistindo num compromisso de esforços conjugados de governos e instituições em projetos de conservação ou de proteção da natureza ("21" refere-se ao século visado pela Agenda).

1999 Tem lugar no Rio de Janeiro-RJ a Terceira Conferência Mundial sobre Esporte e Meio Ambiente, promovida pelo COI e organizada pelo COB. Este evento foi o maior até então ocorrido no tema proposto, com a presença de 93 representantes de Comitês Olímpicos Nacionais e de 19 Federações Internacionais de esportes. O significado desta participação inédita prendeu-se ao crescente envolvimento das modalidades esportivas per se nas questões ambientais, em complementação aos interesses voltados para os logos Olímpicos e mega eventos esportivos em geral. Segundo avaliação de DaCosta produzida em 2001 por solicitação da Universidade de Colônia, Alemanha, em 29,7% das contribuições e discussões da Conferência de 1999, o foco se pôs na ética, sobretudo em termos de comportamento pessoal e de intervenções de governo. Já 27,0% dos trabalhos voltou-se para perspectivas e projeções futuras do tema de proteção ambiental, enquanto 24,3% abordou técnicas e instrumentos de manejo ecológico. Os assuntos de promoção de eventos e os relacionados com a educação e cultura foram residuais com 18,9%. Estes resultados indicaram a existência de ambigüidade no trato das questões ambientais por parte dos gestores esportivos das entidades internacionais, o que foi posto em foco por DaCosta posteriormente no trabalho "International Trends of Sport and Environment - a 2001 Overview", já aqui citado e resumido pela presente Coletânea.

1999 No Brasil, Rita Mendonça amplia sua linha de reflexão e re-conceituação do turismo vinculado ao meio ambiente, publicando "Sentido da Viagem", capítulo de livro em que a busca de novos sentidos constitui a abordagem principal (ver texto com este título na presente Coletânea) diante da crescente valorizacão da natureza. Na mesma linha de conta, situam-se Cristiane Ker de Melo & Ana Cristina P. C. Almeida no estudo "Nas Trilhas da Relação Educação Física - Meio Ambiente" - incluído nesta Coletânea - inserindo os nexos das atividades físicas organizadas ou de lazer na re-semantização unificada da natureza. Tais resignificações neste estágio implicaram em verificações empíricas, como o fizeram Alba Pedreira Vieira & Priscyla Assis em "Turismo Ecológico: essa possibilidade de lazer é 'quente'" (ver nesta Coletânea), produzindo levantamento de campo. Para estas autoras, o desenvolvimento da Educação Ambiental passa pelo turismo ecológico (EMBRATUR, 1994: "Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas"). Este, por sua vez, "oferece enquanto espaço para vivência tanto do homem com seus pares, quanto do homem com a natureza; essa vertente do turismo vem a cada dia se consolidando como potencializadora forma de se conhecer a natureza, dela fruindo e usufruindo, de maneira orientada e sustentável". A

verificação prática de propostas de lazer, atividades físicas e Educação Ambiental foi feita também por Teresa Magro em "Impactos do uso público em uma trilha no Planalto do Parque Nacional do Itatiaia" (ver Coletânea), em que um estudo de caso demonstrou que "fatores institucionais, ligados à administração do parque, contribuíram fortemente para a degradação de parte do ecossistema estudado". Outra verificação foi feita por Alba Pedreira Vieira, Priscyla Assis & Fernanda Fernandes por meio de vivências no município de Tombos-MG (ver "Ecoturismo urbano" nesta Coletânea) quando se comprovou que a "cultura lúdica" dos praticantes pode alavancar um experiência de Educação Ambiental. Uma discussão destas possibilidades de integração de fatores culturais, educacionais e gerenciais envolvendo o meio ambiente é feita ainda em 1999 por Alcyane Marinho (ver nesta Coletânea "Do Bambi ao Rambo ou do Rambo ao Bambi? As relações com a (e na) natureza". Para esta última autora, as novas formas de se relacionar com o meio natural e com outras pessoas, manifestam-se preferencialmente por meio da prática de atividades de aventura na natureza. No seu todo, os estudos e pesquisas inventariados em relação ao final dos anos de 1990, sugerem que a fase de re-conceituações diminuiu progressivamente enquanto ampliavam-se as investigações e observações de campo. A explicação, no caso, é a de que o impacto do ambientalismo em face aos fatos sociais no Brasil exigiu reflexão e ajustes conceituais no início da década de 1990, dando lugar posteriormente às constatações práticas para legitimação de intervenções por parte de indivíduos, grupos sociais e instituições.

2000 A fase identificada para o final da década de 1990 inclui sobretudo as investigações de Ana Cristina P. C. de Almeida fazendo verificações de tendências, usando a técnica *Delphi* reunindo especialistas diversos exercendo projeções futuras. Nesta Coletânea foram arrolados dois textos da autora em foco, sendo o primeiro "Considerações sobre o Futuro das Atividades Físicas de Lazer e Recreação Ligadas à Natureza - Um estudo Delphl"; e o segundo "O Futuro das Atividades Físicas de Lazer e Recreação ligadas à Natureza e à Educação Ambiental", ambos extraídos da dissertação de Mestrado desta pesquisadora. De acordo com a metodologia usada nas pesquisas foram consultados 35 especialistas em painéis sucessivos em horizontes de tempo imediato e de três anos adiante. Ao final, concluiu-se que na opinião dos especialistas entre as práticas de ocorrência imediata encontram-se caminhadas ecológicas, corridas rústicas, surfe, canoagem, rodeio, as diversas modalidades esportivas nas areias das praias do litoral brasileiro e fotografia da natureza. Entre 2000 e 2001, os especialistas apontam que o crescimento do ecoturismo, em fazendas, sítios, e no Pantanal; as atividades desenvolvidas pelas empresas de ecoturismo, os crescentes campeonatos em diferentes ambientes naturais, colônia de férias, acampamentos, surgimento e continuidade de eventos científicos, publicações acadêmicas nas áreas do Lazer e do Turismo e o surgimento de programas relativos às atividades ligadas ao ambiente natural. No período de 2000 a 2002, destacam-se o Congresso Virtual do Meio Ambiente, a construção de parques temáticos, as pressões do poder econômico para a transformação de ambientes naturais para o lazer de massas, a educação para o lazer e o Meio Ambiente e a construção de

espaços alternativos para a prática de atividades físicas para a terceira idade. Não houve consenso quanto aos impactos considerados negativos ao ambiente natural; porém pressupõe-se que estes eventos possam causar diferentes impactos ao ambiente e no estilo de vida das pessoas. Dos conteúdos analisados referentes aos programas de Educação Ambiental, observou-se que a disciplina não consta nos currículos e apenas 10% dos professores responderam no questionário que trabalham a Educação Ambiental. Entre as sugestões metodológicas apresentadas, destacaram-se em linhas gerais o trabalho interdisciplinar, o incentivo a linhas de pesquisas, a efetivação da atividade e a preparação de materiais educativos para a comunidade, entre outros. Ao final, foi possível discernir que a disciplina Lazer e Recreação deva contemplar a Educação Ambiental devido ao crescimento dos eventos ligados à natureza e seus possíveis comprometimentos ao ambiente natural. Estas verificações ainda estão hoje (2006) em aberto para confirmações. Porém já se pode admitir que os elementos destacados na consulta *Delphi* estão presentes nas relações sócio-culturais atuais, mas continuam desconhecidas as proporções em que se influenciam umas às outras.

2001 Uma avaliação dos principais direcionamentos da produção do conhecimento do esporte em seus relacionamentos com o meio ambiente foi feito por Lamartine DaCosta durante o Congresso do European College of Sport Sciences-ECSS, na Universidade de Colônia, Alemanha (28 – 24 de julho de 2001), a convite dos organizadores. A síntese cobriu as três últimas décadas de exploração do tema e na essência incidiu sobre o caráter de resolução de conflitos que reveste os problemas da proteção do meio ambiente, e que inclui o esporte entre várias outras manifestações humanas. Contudo, o esporte tem apresentado um diferencial nesta relação por expressar fatos ao passo que o meio ambiente expressa valores (ver nesta Coletânea DaCosta, 2001), explicando assim sua condição ambivalente já enfatizada no livro de 1997 antes citado. Em conclusão, o pesquisador brasileiro pôs em evidência a ética como caminho apto para a solução do dilema de ser o esporte simultaneamente vilão e vítima do entorno físico, social e cultural. Já em relação às outras tendências identificadas no Brasil na temática ora em exame, percebe-se a partir deste ano que a linha seguida por DaCosta em quatro décadas de estudos do meio ambiente voltara-se progressivamente para uma visão micro de relações privilegiando intervenções operacionais técnicocientíficas, fundadas em argumentação histórico-filosóficas. Entretanto, a linha sócio-pedagógica aqui descrita com maiores empenhos por iniciativas dos anos 1999-2000, situam-se numa visão de predominância macro que visa ao desenvolvimento social e à proteção da natureza. Enquanto neste estágio a opção de DaCosta e seus seguidores enfatiza a gestão do esporte, lazer e turismo dando ênfase a resultados práticos, a linha sócio-pedagógica revela-se comportamentalista e produtora de valores, tanto por meio de agentes como de interventores.

2000 – 2002 Uma outra avaliação dos dois últimos anos desta ordem cronológica em conjugação com 2002 confirma o surgimento de convergência dos estudos e pesquisas nacionais – abrangendo as duas linhas dominantes - no sentido

de comprovações empíricas e revisões teóricas das propostas de sustentabilidade típicas da década de 1990 no Brasil e no exterior. De fato, dos 16 trabalhos inventariados deste estágio, 18,7% são estudos de caso e relatos de experiência; 25,0% compõem pesquisas de campo e levantamentos (surveys); 37,5% representam artigos de revisão e *position papers*, e 18,7% se referem a novas abordagens metodológicas e de re-conceituação. Neste último item, classificam-se o uso do método Delphi de Almeida (2000) e a abordagem do imaginário social em esportes de aventura na natureza de Costa (2000). Entre os surveys, inclui-se o levantamento internacional de DaCosta (2001) para o ECSS que se desenvolve a partir dos conflitos entre elementos de intervenção relacionados ao meio ambiente. Desta investigação, aliás, derivou-se um outro estudo de DaCosta ("Conflitos Ambientalistas do Desporto e da Educação Física e a Nova Cidadania Ecológica", in Vargas, A. (Ed.), Desporto e Tramas Sociais, Sprint, Rio de Janeiro, 2001, pp. 91 - 104) não disponível nesta Coletânea, que incide na ética como âncora da sustentabilidade e veículo da solução dos inevitáveis conflitos ambientais envolvendo esporte, lazer e turismo.

2003 - 2007 Este período revela mais claramente a maturidade dos trabalhos inventariados em conjunto, uma tendência já identificada desde 2001. Nestes termos, sustentabilidade e impacto ambiental são elementos de importância consensual e como tal constituem fundamentos básicos em estudos e pesquisas. Já o perfil de caracterização define-se com 17,9% de um total de 67 trabalhos voltados para estudos de caso e relatos de experiência (cifra próxima àquela registrada em 2000-2002); 20,8% são pesquisas de campo e levantamentos (surveys), com queda de 4% em relação ao triênio anterior; 34,3% constituem artigos de revisão e position papers (redução de 3% em relação a 2000 - 2002); e 23,8% se referem a novas abordagens metodológicas e de re-conceituação, cifra aumentada em 5% comparando-se com o período anterior. No geral, esses quantitativos revelam uma tendência dominante para a inovação ao se somarem os trabalhos de revisão - incluindo position papers - com os de novas abordagens metodológicas, totalizando 58,3% da produção técnica e científica arrolada nesta amostra indicativa. Este resultado ao se cotejar com a teoria de Sinclair-Desgagné (1999) sugere a existência de uma orientação adequada para o desenvolvimento da produção e gestão do conhecimento científico-ambientalista em esporte, lazer e turismo no Brasil. Segundo esta teoria, a pesquisa de inovação na área de meio ambiente permite a identificação de intervenções seletivas que criam um melhor e mais abrangente potencial de desenvolvimento. Entretanto, para se consolidar esta interpretação há que se avaliar futuramente a qualidade das investigações produzidas no país na área de saber em foco, o que demanda um desdobramento da presente apreciação com amostragem e monitoração mais precisas.

2006 – 2007 Este último estágio classificado pela presente Coletânea como inserido no período 2003 - 2007, inclui trabalhos os quais por comparação sugerem haver uma convergência entre as duas principais abordagens históricas dos



estudos e pesquisas em meio ambiente, esporte, lazer e turismo no Brasil: a de gestão bio-tecnológica de bases éticas e a sócio-pedagógica, de índole comportamentalista e axiológica. De fato, a coletânea "Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza" de Alcyane Marinho e Heloisa Turini Bruhns (Eds.), São Paulo: Manole, 2006, amplia o foco sócio-pedagógico optando por autores e temas que trabalham nos vieses da interdisciplinaridade, de mapeamento, de impactos ambientais e de monitoramento participativo. Outro exemplo de autores clássicos, reside no texto de Lamartine P. DaCosta & Cris C. Veerman (2006), publicado em livro na Alemanha sobre os Jogos Olímpicos de Inverno de Turim, que embora se mantenha na tradição tecnológica-científica privilegia a educação ambiental e posturas valorizativas. Em geral, os textos inventariados da produção 2003 – 2007 convergem para pontos comuns de análise sobretudo quando abordam a temática do eco-turismo e a dos problemas de impactos ambientais.

REFERÊNCIAS

DaCosta, L.P., Environment and sport – An international overview. Universidade do Porto-Portugal, 1997, p. 44; DaCosta, L.P.,

Conflitos ambientalistas do desporto e da educação física e a nova cidadania ecológica. In Vargas, A., Desporto e Tramas Sociais. Sprint, Rio de Janeiro, 2001, pp. 91 – 104;

DaCosta, Lamartine. A Atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o Altitude Training. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1967;

DaCosta, Lamartine. Planejamento México. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1967;

FIFA. World Cup México 70 - Official FIFA Report, 1972;

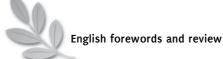
Tavares, O., DaCosta, L. P. e Miranda, R., Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente. Editora Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002;

DaCosta, L. P. Olympic Studies. Editora Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002 (em CD ROM): disponível em 2004 no site: www.aafla.org/search/search.htm;

DaCosta, L.P. International Trends of Sport and Environment - a 2001 Overview. ECSS Congress, Cologne 24 - 28, July 2001;

Gleyse, J., Pigeassou, C., Marcellini, A., Léséleuc, E., Bui-Xuân, G. Physical Education as a Subject in France (School Curriculum, Policies and Discourse): the Body and the Metaphors of the Engine—Elements. Sport, Education and Society, Volume 7, Number 1, 2002, pp. 5 – 23;

Sinclair-Desgagné, B. Remarks on Environmental Regulation, Firm behavior and Innovation. Centre Interuniversitaire de Recherche et Analyse de Organizations, Montréal, 1999 (position paper)



Research mainstreams of studies on environment, sport, leisure and tourism in Brazil within the period 1967-2007

Ana Maria Miragaya, **PhD** Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro

Sports and environment have been historically related through the following perspectives: (i) the environment as agent - acting on the participant's body causing physical performance loss (example: excessive heat); (ii) sports as source of pollution - or even destruction - (example: winter sports in natural environment), and (iii) sports as agent - participants as environment guardians (example: surfers protecting local beaches). Although research tradition on human physical impairment due to hostile climate conditions started in Brazil in 1850, it was only in the 1960s that sports became part of scientific investigations that brought successful results such as Brazil's conquest of the 1970 Soccer World Cup, as the main games were held in Mexico City, elevation 2,240m.

The issue that dealt with the protection of the environment where sports events are held was approached in Brazil in the 1990s as a result of international action, which produced more theoretical academic research in addition to field research. After evaluating international research on sports and environment during this period, the Brazilian researcher Lamartine DaCosta concluded that while sports express facts, environment expresses values, which generates an ambivalent condition. The solution in this case would be the development of some type of ethics that could solve the dilemma permitting sports to be both a villain and a victim of the physical, social and cultural context at the same time.

Among several lines of investigation in this theme, it is possible to state that Brazil has had two main groups of research over the years. The first one started up with DaCosta in 1964 and focused initially on sports, leisure, later on tourism, and their influences on the environment. This research group was already established and had scientific, philosophical and technological bases in the early 1990s. As a result, researchers sharing these same objectives have been publishing their scientific production in international periodicals since 1967. The second main research group,



which began in the early 1990s, focused on revisions of concepts and of educational procedures due to the need of environmental conservation. As a result of the studies developed, this book presents contributions from 86 authors with the purpose to explore general tendencies within the proposed theme.

At the turn of the millennium, Brazilian research was taken to Europe in 2001, when DaCosta made a first evaluation of the main directions of the production of knowledge in sport and its links with the environment during the 2001 Conference of the *European College of Sport Sciences - ECSS*, at the University of Cologne, Germany (28 – 24 July), as a guest of the organizers. The synthesis covered research in this area over the last three decades, focusing on conflict resolution related both to problems of environmental conservation and to sports among various other human manifestations. The Brazilian researcher indicated ethics as a way out to solve the dilemma of sport viewed at the same time as both villain and victim of physical, social and cultural delimitations.

The works published in 2001 and 2002 show a convergence of studies and research in Brazil – including both main research groups – in terms of empirical evidence and theoretical revisions of the proposals related to sustainability that are typical of the 1990s not only in Brazil but also abroad. As a matter of fact, out of the 16 studies examined within this period, 18.7% are case studies and reports of experiences; 25.0% are field research studies and surveys; 37.5% represent review articles and position papers, and 18.7% refer to new approaches of methods and of re-conceptualization, which includes not only the use of the *Delphi* method by Almeida (2000) but also the social imaginary approach to sports and adventures in the great outdoors by Costa (2000). Among the surveys, it is important to include the international survey done by DaCosta (2001) for the ECSS, which was developed from the conflicts between elements of intervention related to the environment.

The period 2003 – 2007 reveals more clearly the maturity of the studies as a whole, a tendency which was identified in 2001. In these terms, sustainability and environmental impact are elements of consensual importance and as such constitute basic principles in studies and research. In terms of profiles, it is possible to define that 17.9% out of 67 works which include case studies and reports of experiences (similar to the one registered for the period 2000-2002); 20.8% refer to field research and surveys, with a decrease of 4% related to the previous three-year period; 34.3% constitute review articles and position papers (reduction of 3% in relation to the 2000-2003 period) and 23.8% refer to new approaches of methods and of re-conceptualization, number increased in 5% if compared to the previous period.

In terms of Brazil, as of 2006, it is possible to observe on the one hand that research conducted by DaCosta during the last four decades of studies on environment has been going back towards a micro vision of relations which privilege technological and scientific operational interventions based on historical and

philosophical arguments. On the other hand, the social-pedagogical group of research, which developed initiatives between 1999 and 2000, has shared a macro vision which aims at social development and nature conservation. In other words, while DaCosta and his followers have been working on sport, leisure and tourism management emphasizing practical results, the social pedagogical group of research has been focusing on the behavior of producers of values by means of agents.

In general, these numbers reveal a major tendency related to innovations if review works, including position papers, are added to works that deal with new methodological approaches, reaching 58.3% of the technical and scientific production registered in this indicative sample. If compared with the theory of Sinclair-Desgagné (1999), this result suggests the existence of an orientation that is adequate for the development of the production and management of the scientific-environmental knowledge in sport, leisure and tourism in Brazil. According to this theory, the research of innovation in the area of environment permits the identification of selective interventions which create a better and more comprehensive potential for development. Nevertheless, in order to consolidate this interpretation in the future, it is necessary to evaluate the quality of the investigations produced in Brazil in this area of knowledge This will require more detailed samples and more precise monitoring.

The research works identified for 2006 and 2007 in terms of comparison suggest that there is a convergence between the two main historical approaches of studies and research on environment, sport, leisure and tourism in Brazil. Such coincidence primarily refers to bio-technological management with ethical bases, and in the second place to a social-pedagogical tendency, of behaviorist and axiological character. As a matter of fact, the classic anthology "Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza" ("Trips, leisure and sport: the space of nature") by Alcyane Marinho and Heloisa Turini Bruhns (Eds.), São Paulo: Manole, 2006 enlarges the social-pedagogical focus choosing authors and themes that work with different viewpoints and biases in the areas of interdisciplinarity, mapping, environmental impact and participative monitoring. Another example of classic authors resides in the text of Lamartine P. DaCosta & Cris C. Veerman (2006), published in a book in Germany about the Winter Olympic Games of Turin, which in spite of keeping itself within the techno-scientific tradition privileges environmental education and valuesled attitudes. In general, the texts surveyed for the production 2003 – 2007 seem to converge to common points of analysis particularly when they approach themes related to eco-tourism and environmental impacts.

SOURCES AND REFERENCES

DaCosta, L.P., Environment and sport – An international overview. Universidade do Porto-Portugal, 1997, p. 44;

DaCosta, Lamartine. A Atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o Altitude Training. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1967;

DaCosta, Lamartine. Planejamento México. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1967;

FIFA. World Cup México 70 - Official FIFA Report, 1972;

DaCosta, L. P. Olympic Studies. Editora Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002 (em CD ROM): disponível em 2004 no site: www.aafla.org/search/search.htm;

DaCosta, L.P. International Trends of Sport and Environment - a 2001 Overview. ECSS Congress, Cologne 24 - 28, July 2001;

Gleyse, J., Pigeassou, C., Marcellini, A., Léséleuc, E., Bui-Xuân, G. Physical Education as a Subject in France (School Curriculum, Policies and Discourse): the Body and the Metaphors of the Engine—Elements. Sport, Education and Society, Volume 7, Number 1, 2002, pp. 5 – 23;

Sinclair-Desgagné, B. Remarks on Environmental Regulation, Firm behavior and Innovation. Centre Interuniversitaire de Recherche et Analyse de Organizations, Montréal, 1999 (position paper).





Formato da contribuição: texto resumido sem referêcias bibliográficas

Fonte: "A Atividade Desportiva nos Climas Tropicais e uma Solução Experimental: o Altitude Training", Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1967.

E-mail do autor: dacosta8@terra.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Doutor em Filosofia e LD em Administração do Esporte, PPGEF-Universidade Gama Filho / Rio de Janeiro.



A atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o Altitude Training

Lamartine P. DaCosta

SUMÁRIO

5	Inti	00	luça	10
---	------	----	------	----

- 7 Sistema Ambiente-Homem
- 8 Meio Externo
- 8 Separação dos Meios
- 8 Reação à Temperatura
- 12 Influência da Umidade
- 14 Influência do Vento
- 14 Reação a Variação de Pressão
- 15 Influência da Radiação
- 16 Reação do Sistema Círculo-Respiratório ao Calor
- 18 Metabolismo e Alimentação em Relação ao Calor-Umidade
- 21 Efeitos do Calor-Umidade no Exercício
- 33 O esforço e a Recuperação em Relação ao Calor-Umidade
- 36 Efeitos Psicológicos do Calor-Umidade
- 37 O Fenômeno da Aclimatação
- 48 A Individualidade das Reações Meteorotrópicas
- 52 O Treinamento Desportivo Face ao Ambiente Tropical
- 71 Uma Solução Experimental: o Altitude Training
- 86 Conclusões
- 91 Bibliografia



INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma condensação dos estudos e pesquisa realizadas pelo autor, nos anos de 1964, 1965 e 1966, sobre a atividade desportiva nos climas tropicais. Eventualmente, durante os experimentos, surgiram indícios de um fenômeno de características positivas quanto a realização da performance, cuja concepção e metodização foram estabelecidas em caráter experimental.

Face aos meios utilizados, o mérito dos resultados é essencialmente das organizações e colaboradores envolvidos. Desta forma deixo em registro o reconhecimento às entidades que direta ou indiretamente colaboraram com a realização do projeto: Comissão Desportiva das Forças Armadas, Centro de Esportes da Marinha, Comissão de Desportos do Exército, Hospital Central da Aeronáutica, Instituto de Cardiologia Aloysio de Castro, Administração dos Estádios da Guanabara, Fluminense Football Club, Divisão de Processamento de Dados, (DI-17) do Ministério da Marinha, Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura, Serviço Cartográfico do Exército e Casa Masson do Rio de Janeiro.

É, também, digno de menção o dedicado apoio do Dr. JOSÉ RIZZO PINTO a cobertura médica dos atletas sem o qual não seria possível a execução do programa. Outrossim, cooperaram relevantemente: o Capitão –Tenente (FN) DANILO SILVESTRE FERNANDES, processando a programação e a computação eletrônica dos dados estatísticos; o Dr. EUGENIO SILVA CARMO, dirigindo os exames de ergometria cardiocirculatória; o Dr. ATAIDE RIBEIRO, atendendo a cobertura psicotécnica dos atletas; o Engenheiro LUCAS TORTORELLI, técnico da FAO, orientando as questões florestais envolvidas nas experiências; o professor MELQUIZEDEC LUIZDOS SANTOS, pela direção de um dos grupos experimentais; o Dr. JOSÉ CARLOS NOGUEIRA SCHMIDT, pela cobertura das questões meteorológicas; e os seguintes auxiliares: EDMUNDO CÔRREA DO NASCIMENTO, ATELIO DE CARVALHO, GERALDO MARTINS DE PAULA, WALDEMAR VALIM, EDGARD BARBOSA, GEORGE GREEN MATHEWS, PAULO ANTUNES LOPES, VILSON BERNARDINO PINTO, EDUARDO SANTAN, e MANOEL CUNHA LEITE.Rio de Janeiro, dezembro de 1966. Lamartine P. DaCosta

SISTEMA AMBIENTE-HOMEM

O homem, sob o aspecto biológico, forma sistema com os dois ambientes que condicionam a sua existência: o externo e o interno. O externo compreende o meio físico atmosférico e o interno, o líquido extra-celular, composição aquosa contendo o plasma do sangue, a linfa e o líquido intersticial que banha as células, tecidos e órgãos. Há, no corpo humano, cerca de 15 litros desse líquido, que

somados aos 30 litros de água das células nos dão a razão de 70% de água no peso corporal, aproximadamente.

O perfeito funcionamento das células, tecidos e órgãos está na dependência das propriedades físicas e químicas desse meio interno; essas propriedades são:

Temperatura;

Pressão osmótica:

Gravidade específica;

Concentração de ions de hidrogênio (pH);

Pressão parcial de oxigênio;

Concentração de eletrólitos: sódio, potássio, cálcio, fósforo e cloro;

Concentração de glicose.

A saúde do corpo pode ser avaliada pelo afastamento dessas propriedades de seus índices de normalidade – a febre, por exemplo, é um aumento da temperatura que indica alguma anormalidade orgânica. HOMEOSTASE, é o termo que define a ação fisiológica para a manutenção dessas propriedades.

O mecanismo homeostático funciona através da propriedade fundamental dos organismos vivos: resposta aos estímulos. Havendo uma alteração que implique na modificação de alguma característica do meio interno, criar-se-á um estímulo e a conseqüente resposta por uma ação direta nas células, ou via indireta quando essas células forem as do sistema nervoso. Nesta última alternativa o reflexo ao estímulo será do sistema endócrino que agirá através de transformações químicas do meio.

Um exemplo de reação homeostática nos é dado pelo fenômeno da manutenção da pressão osmótica do sangue. O processo se inicia nos rins que tem por função eliminar os detritos metabólicos e ao mesmo tempo conservar a água do corpo: dependendo no excesso ou na deficiência de água, é produzida urina ou concentrada. A pressão osmótica é função da quantidade de água do organismo. As alterações desse equilíbrio são detectadas por osmoreceptores localizados em pequenos vasos sangüíneos do HIPOTÁLAMO (região da raiz do cérebro contendo vários centros de reflexos do mecanismo homeostático). Daí são originados impulsos nervoso que vão estimular a glândula pituitária posterior que lança o hormônio antidiurético na corrente sangüínea por onde atinge.

MEIO EXTERNO

O meio externo condiciona essencialmente o sistema AMBIENTE-HOMEM. A máquina humana, numa visão de rendimento de trabalho, está ajustada para funcionar dentro de determinadas características físicas. À medida que se modi-



ficam essas características as condições de funcionamento orgânico vão desaparecendo gradativamente.

O meio externo é constituído pela atmosfera terrestre que possui as seguintes características físicas: temperatura, umidade, pressão, vento, radiação, ions, eletricidade, impurezas, aerosóis e gases raros. A variação desses elementos, de per si ou em conjunto, influencia o meio interno em diferentes graus criando estímulos que corresponderão a reações específicas.

Para os objetivos visados pelo presente trabalho algumas dessas características são dominantes e, desta forma, somente elas serão levadas em consideração.

SEPARAÇÃO DOS MEIOS

O elemento de separação entre os meios externo e interno, o tecido epitelial, é neutro em relação às reações dos desequilíbrios do sistema ambiente-homem e funciona independente com características próprias. BERZINGER (confirmado depois por WUSTER) comprovou experimentalmente a assertiva encontrando uma temperatura constante na pele de indivíduos que foram submetidos a ingestão de bebida quente e que apresentavam, em conseqüência, um aumento de temperatura interna, medida da membrana do tímpano. Em outro experimento foi aumentada rapidamente a temperatura ambiente de 30° para 50° C e não houve modificação na temperatura interna.

HENANE aponta como parâmetros característicos e particulares da pele, o gradiente térmico entre as temperatura interna e externa, a capacidade de sudação e o estado hifrométrico do ar, denominando-os de "coeficientes de isolamento térmico da pele".

REAÇÃO A TEMPERATURA

No que se refere ao elemento temperatura, o sistema ambiente-homem está em equilíbrio quando a temperatura do meio interno situa-se entre 35,7° e 37,2° C e a do externo, entre 28° e 30° C.

[Fim p. 8 - Continua p. 10]

Na reação particular ao calor, através da sudação, surgem repercussões em outras funções que tornam a mobilizar o mecanismo homeostático. Há, aproximadamente 2.300.000 glândulas sudoríparas no corpo humano que podem segregar de 1,5 a litros por hora, sob uma temperatura externa de 40° C. Como o suor

é uma modificação do líquido extracelular, há uma reação à água do corpo. Esta provém inicialmente do líquido extracelular e do plasma sangüíneo e, não sendo substituída pela absorção de líquidos, será retirada das células. A proporção de eletrólitos eliminados é de três a sete vezes menos que a água, tornando o líquido extracelular mais concentrado. Como a taxa de eletrólitos, também diminui, o volume de fluido, dentro das características homeostáticas que pode ser retido para o equilíbrio, é reduzido.

A primeira conseqüência é a retenção de água e sódio pelos rins que agem automaticamente sem estímulo hormonal. Em seguida, a glândula adrenal reage a essa modificação do meio interno, lançando na corrente sangüínea o hormônio aldosterona que aciona os rins para diminuir gradualmente a taxa de sódio na urina. Outra reação da adrenalina é a redução da excreção de corticóides, não se conhecendo ainda suas conseqüências. Sabe-se da existência do fenômeno por experiências realizadas em compartimentos de clima artificial; descobriu-se, também, que a excreção desses hormônios é maior no inverno que no verão.

Outra reação hormonal ao aumento da temperatura, é por parte da glândula tiróide excretando a thypoxine, reguladora da produção metabólica de calor. Um indivíduo, que habita uma região tropical, tem a atividade da tiróide diminuída de 10 a 15%. TROMP é de opinião que o sistema nervoso, é influenciado por esta reação criando uma atitude mental desfavorável para exercícios violentos.

A defesa orgânica contra o aumento da temperatura não se limita somente a essas reações. Praticamente todas as funções são mobilizadas, em graus diversos, à medida que se chega aos limites da resistência. Em condições normais de ambiente é dividido pelos seguintes valores, de acordo com KARPOVIC:

MEIOS	PORCENTAGEM
Radiação	55.0
Condução e convenção	15,0
Evaporação (pele e pulmões)	26,0
Aquecimento do ar inspirado	2,5
Urina e fezes	1,5
TOTAL	100

Como sabemos o aumento da dissipação de calor é necessariamente uma defesa contra a elevação da temperatura externa, ultrapassados os limites de equilíbrio. Os dados numéricos, portanto, são relativos e compõem uma função com o aumento de temperatura. Observa-se que a transmissão direta ao meio externo tem a participação majoritária de 70% do total e que a evaporação (suor e vias respiratórias) é responsável somente por um quarto do processo. Este último parâmetro diminui rapidamente. HERLITZKA localiza em 10%, o calor des-

prendido pelas vias respiratórias em relação ao total emitido pelo corpo, nas condições dos climas temperados, diminuindo até 34 C, quando será nulo, TROMP registra 35 C para esta nulidade (Fig.3)

Daí, face à proporcionalidade inversa entre a evaporação e o aumento de temperatura bem como o desaparecimento gradual de condições físicas para a transmissão direta de calor ao meio ambiente à medida que a temperatura sobe, podemos conceber uma soma com as parcelas do quadro em evidência, que tenderá para nulidade com a temperatura aumentando.

O aspecto mais importante a ser realçado, entretanto é a carga que se submete o organismo, com repercussões comprovadas até na intimidade das células. São incluídas, desta forma, as condições adversas de calor, entre os fatores de "agressão" na definição do STRESS segundo a concepção clássica de SELYE. Através das etapas determinantes desse fenômeno que são padronizadas, independentemente do agente "stressor" (frio intenso, emoções violentas, exercício pesado, etc.), encontraremos uma concordância com as conclusões anteriores. Em relação ao tempo essas etapas envolvem pela ordem: (1°) reação de alarma; (2°) fase da resistência e (3°) fase da exaustão. A reação fisiológica ao calor normalmente obedece a esta seqüência causando desconforto, dor, colapso e finalmente a morte.

INFLUÊNCIA DA UMIDADE

A unidade atmosférica é o vapor d'água existente no ar proveniente da evaporação das águas dos oceanos, lagos, rios e chuva. É normalmente medida em termos de umidade relativa que significa, em percentagem a relação entre a quantidade de vapor d'água realmente existente e aquela que o ar poderia conter, à mesma temperatura, antes de saturar-se (a saturação acontece quando em quantidades absolutas, a proporção de vapor d'água no ar chega a 4%). Assim considera-se o ar "seco" quando a umidade relativa é inferior a 50%, "medianamente seco" entre 50 e 75%, "úmido" entre 75 e 90% e "muito úmido" acima de 90%.

A ação da umidade sobre o meio interno acontece por via indireta, segundo foi observado experimentalmente por BURTON, SNYDER e LEACH que comprovaram a insensibilidade do organismo a esse fator. Ela age conjugadamete com a temperatura condicionando seus efeitos.

[Fim p. 12 - Continua p. 13]

A BIOMETEOROLOGIA tem procurado localizar no homem os efeitos do conjugado temperatura-umidade relacionando estes elementos numa chamada ZONA DE CONFORTO. A figura 4 apresenta um quadro utilizando valores extraídos de

observadores de SINGER (1931), TROMP (1963), SARGENT e colaboradores (1964) e MAC PHERSON (1964).

[Fim p. 13 - Continua p. 14]

INFLUÊNCIA DO VENTO

O que pode ser levantado em relação à reação do meio interno ao fator temperatura-umidade depende muito do gradiente de movimentação do ar. Como se sabe, uma das formas de transmissão de calor de um corpo para outro é por meio da convecção, que é maior ou menor de acordo com a movimentação do meio fluido ou gasoso onde se processa o fenômeno.

REAÇÃO A VARIAÇÃO DE PRESSÃO

Como acontece com a temperatura, o organismo humano tem condições de funcionamento limitadas a determinados valores da pressão atmosférica do meio externo. As variações desses valores são detectadas e o mecanismo homeostático é posto em funcionamento para a busca de equilíbrio do meio interno. A reação neste caso é a variação da pressão parcial do oxigênio do ar, como veremos a seguir.

[Fim p. 14 - Continua p. 15]

Quando o organismo é submetido a pressão inferior, subindo uma montanha por exemplo, as pressões parciais dos gases do meio ambiente diminuem, também, criando um desequilíbrio homeostático. Torna-se necessário aumentar a pressão parcial do oxigênio do ar alveolar para que a absorção de gás pelas células não sofra solução de continuidade.

[Fim p. 15 - Continua na mesma página, dois parágrafos abaixo]

INFLUÊNCIA DA RADIAÇÃO

A pele humana tem capacidade de absorver ou refletir as radiações existentes na atmosfera. O homem branco somente absorve 60% do que recebe. Esse fenômeno contribui bastante para a diminuição da carga total de calor recebido. Os indivíduos de raça negra apresentam uma temperatura da pele, superior aos da raça branca, quando expostos durante algum tempo ao sol, em razão de uma absorção de radiação. Segundo HEER a radiação é absorvida ou rejeitada de acordo com as propriedades e a cor da pele; a pele negra absorve acima de 44%



mais energia solar que a pele branca que, em contraposição, reflete 3,5 vezes mais raios ultravioletas que a negra.

O sol a pino, num tempo limpo de nuvens faz chegar a um objeto na superfície terrestre uma quantidade de calor igual a 1,2 – 1,4 calorias numcm2 por minuto, independente da latitude. O equilíbrio do calor humano, segundo observa SARGENT, consiste em ganhos do metabolismo e da absorção da radiação solar e doas raios infravermelhos; e nas perdas por convecção, evaporação e reflexão de infravermelhos.

[Fim p. 16 - Continua na mesma página, quatro parágrafos abaixo]

REAÇÃO DO SISTEMA CÍRCULO-RESPIRATÓRIO AO CALOR

Vimos que ocorre uma dilatação dos vasos periféricos na reação ao calor. Um maior volume de sangue corre para a superfície para, através de condução e radiação, aumentar o desprendimento de calor do corpo o fenômeno observando que o sangue que deixa as regiões próximas à pele é saturado de oxigênio indicando que o aumento de suprimento por atividades normais dos tecidos que absorveriam aquele gás como combustível.

Esse processo obriga a uma ativação da circulação e da respiração conjugadamente com conseqüências secundárias.

Para um aumento na temperatura interna (medida no reto, local de maior precisão e regularidade) de 2°C, que corresponde ao sinal fisiológico da reação orgânica ao calor, BAZETT registrou em diversos indivíduos um aumento médio de 37 batimentos no ritmo cardíaco; à cada aumento de 0,5°C na temperatura retal correspondeu a diferenças de 15 batidas por minuto na posição de pé.

O ritmo respiratório reage através de um aumento de 5 a 6 vezes por minuto para cada variação positiva de 0,5°C nas mesmas condições, segundo KARPOVICH. Se o aumento da temperatura externa é rápido de maneira a aumentar a ventilação pulmonar para fazer face às necessidades é a queda de tensão alveolar do dióxido de carbono, algumas vezes a 25, ou mesmo 23mm de mercúrio, em lugar dos habituais 40mm (ver quadro de pressões parciais em "REAÇÃO À VARIAÇÃO DE PRESSÃO"). O quadro resultado disso é um aumento da taxa alcalina do sangue.

[Fim p. 16 - Continua p. 17]

Essas observações são convergentes e nos levam a citar conclusões de MOREHOUSE e MILLER que a freqüência cardíaca e a temperatura corporal são índices seguros acerca dos efeitos da temperatura ambiente e aconselham como limite para o trabalho industrial o aumento de 1°C na temperatura do corpo.

EFEITOS DO CALOR-UMIDADE NO EXERCÍCIO

Um quadro completo dos chamados METEOROTROPISMOS – fenômenos biológicos correlatos com fatores meteorológicos – ainda não foi levantado pela pesquisa científica. Em se tratando dos efeitos meteorológicos na atividade física, um conhecimento quantitativo torna-se mais complexo face aos limitados conceitos da fisiologia do exercício, mesmo considerando a aproximação da relatividade biológica.

No caso particular do conjugado temperatura-umidade já foi visto que, em princípio e em termos gerais, a atividade física é por ele condicionada. Uma confirmação simples e lógica dessa assertiva surge na revisão dos ganhos e gastos energéticos do organismo.

A "máquina" humana transforma continuamente em energia os alimentos e oxigênio do ar absorvido. Três quartas partes dessa energia é convertida no calor emitido pelo corpo e a restante é utilizada pela atividade muscular. Num ambiente quente, onde o organismo reage ativamente no fenômeno da termorregulação, uma maior percentagem de energia, logicamente, é dissipada pelo calor. Em vista disso, o brasileiro ADALBERTO SERPA nos ensina que " rendimento do motor humano, expresso em trabalho mecânico é mias ou menos fixo (em torno de 25% do calor total produzido) segue-se que o habitante da zona tropical produzirá menos que os das regiões frias".

[Fim p. 22 – Continua p. 23]

A determinação quantitativa da influência da temperatura-umidade separadamente do exercício no fenômeno visto pelo conjunto, a qual dará condições ideais de observação, é extremamente difícil; ORWELL, TAYLOR e WANG tentaram e concluíram que os processos correntes de avaliação do consumo máximo de oxigênio tornam-se invalidados porque o máximo de pulsação é alcançado a uma menos intensidade de trabalho pela ação do calor. Na verdade, esses fatores somam- em sua ação (não havendo propriamente uma "adição algébrica" mas sim uma reação unificada como é comum dos fenômenos fisiológicos) sendo oportuno lembrar o conceito de SARGENT sobre o equilíbrio térmico: METABO-LISMO +-RADIAÇÃO+-CONVECÇÃO+-ARMAZENAGEM DE CALOR-TRABALHO REA-LIZADO-VAPORIZAÇÃO; essa fórmula está em equilíbrio num ambiente neutro em situação de repouso, no caso de um deslocamento de um dos termos (exercício, por exemplo) os outros reagirão na busca do equilíbrio variando continuamente seus limites de ação. Além disso há o imponderável fator psicológico de influenciação. O australiano MAC FARLANE comprovou experimentalmente que a reação do aparelho cardiovascular ao exercício e ao calor é ativada pelo mesmo mecanismo de controle nervoso, e o holandês TROMP nos chama a atenção, a propósito do chamado "suor" psicológico que serve de demonstração simples de uma provável ligação.

Portanto, mesmo considerando a complexidade do fenômeno pela interposição das funções e a influência psicológica, a referência mais prática e mais importante é o ritmo cardíaco, tanto para o repouso (Ver "REAÇÃO DO SISTEMA CÍRCU-LO RESPIRATÓRIO AO CALOR") como no exercício num ambiente quente-úmido no primeiro caso SAYES e DAVENPORT merecem citação por defenderem pioneiramente esta tese, em 1927, quando estudaram a suportabilidade dos climas, e no segundo, MAC CONNEL e HOUGHTON, já citados, que concluíram, em 1925, que "quanto mais elevado o pulso, tanto menor é a capacidade para o trabalho".

[Fim p. 24 - Continua p. 33]

EFEITOS DO CALOR-UMIDADE NO EXERCÍCIO

As influências do fator calor-umidade só é marcante, no exercício, após determinados valores de temperatura e índices de umidade relativa. Há uma faixa desses valores cujos efeitos somente são percebidos de acordo com a intensidade de esforço. Por isso, explica-se que GERSCHLER e REINDELL tenham aventado a hipótese de que a temperatura não influenciaria no esforço, mas sim na recuperação. Logicamente os dois pesquisadores se referiam à aplicação do "Interval Training" porém, a não ampliação do conceito, tem criado erros de interpretação, especialmente no Brasil e em Portugal (Ref. ANAIS DO III CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA 1966).

[Fim p. 33 – Continua p. 35]

Observou-se claramente que a reação ao esforço e à recuperação dependiam dos valores do conjugado temperatura-umidade, e que a recuperação tornavase difícil sob temperaturas superiores a 26,5°C e índices de umidade relativa acima de 60%. A figura n° 8 mostra as relações numéricas médias dos elementos pesquisados.

[Fim p. 35 - Continua p. 37]

O FENÔMENO DA ACLIMATAÇÃO

O termo aclimatação é demasiado amplo para uma razoável definição do fenômeno, MAC FARLANE, a propósito, propõe os seguintes desdobramentos:

ACLIMATAÇÃO: É o complexo de modificações reversíveis de respostas fisiológicas que aumentam a eficiência do organismo quando ele é mantido fora da zona neutra.



Habituar: é a alteração de reflexos, respostas ou percepções como resultado da retenção da experiência dos centros nervoso a estímulos específicos.

ADAPTAR: biologicamente é a generalização do conceito de ajustamento evolucionário das espécies por muitas gerações; fisiologicamente é a rápida modificação das funções celulares produzida por estímulos continuados tendo maiores aplicações terminológicas sobre as funções nervosas.

HERTLITZKA, interpretando o problema define: a adaptação é um fenômeno passivo, no qual as funções do organismo se acomodam de maneira a não haver prejuízo face às novas condições; assim a adaptação ao clima tropical implica numa redução do trabalho muscular; a aclimatação, pelo contrário, é uma reação ativa que tende a restabelecer a eficiência do organismo e um nível mais próximo àquele que tinha antes das mudanças das condições ambientais.

[Fim p. 37 - Continua p. 43]

TROMP registra valores médios de 2 a 3 semanas para uma aclimatação ao ambiente de calor-úmido, mas realça a individualidade de reações: há indivíduos que basta uma semana e outros que nunca se adaptam. O autor holandês considera uma pessoas aclimatada aos trópicos quando:

- (a) volume de suor aumentando e início de sudação a uma menos temperatura do corpo;
- (b) conteúdo de sódio da urina e do suor diminuído;
- (c) habilidade ao trabalho e destreza aumentadas com uma menor freqüência cardíaca:
- (d) plasma e fluido extracelular aumentados;
- (e) metabolismo basal reduzido no repouso.

[Fim p. 43 – Continua p. 46]

Conclui-se que, à luz desses dados, no esforço, o limite superior da pressuposta ZONA DE MÁXIMO RENDIMENTO para o habitante dos trópicos, não parece ser muito maior no sentido do aumento da temperatura e da umidade relativa. De outra forma não seria tão relevante a queda de rendimento constatada pelos três últimos autores citados.

Pelo quadro comparativo de TROMP, observamos que a amplitude máxima entre os limites superiores das zonas de conforto da diversas regiões pesquisadas, é de apenas 4,5°C. MACPHERSON, num estudo de determinação destas zonas para a Austrália, constatou que elas são iguais (aproximadamente 23°C) para os indivíduos sedentários sejam habitantes dos trópicos ou das regiões temperadas. Isto tem

sido comprovado por várias outras pesquisas realizadas naquele país e nos leva a aventar a hipótese que o deslocamento das zonas de conforto, nas diversas latitudes, se deve em parte ao gênero de atividade dos indivíduos pesquisados.

No esforço, aconteceria semelhantemente com os limites da proposta ZONA DE MÁXIMO RENDIMENTO, que seriam condicionados ao grau de treinamento em ambientes quentes e úmidos.

De qualquer forma somos levados incidentalmente a perceber a pouca amplitude desse deslocamento diante de uma eventual indisposição de um atleta quando de um trabalho intenso em dia quente.

Segundo os autores italianos VENERANDO e D'ARCAIS são pouco comuns essas reações, seja pela própria defesa do organismo que diminui espontaneamente a intensidade do esforço em atividades de longa duração ou pela natureza de certas modalidade (provas de velocidade, desportos de equipe etc.) que permitem a alternância dos esforços com pausas de recuperação. MOREHOUSE e MILLER também registram tais limitações, acrescentando que o déficit de sono, a sobrecarga de vestimentas, a ingestão de bebidas alcóolicas e o excesso de trabalho cooperam com a ineficiência da compensação provida pelos intervalos.

[Fim p. 47 - Continua p. 48]

A INDIVIDUALIDADE DAS REAÇÕES METEREOLÓGICAS

Um dos problemas mais importantes da pesquisa biometereológica é o da individualidade das reações meteorotrópicas. Vimos anteriormente que certos pesquisadores alemães da influencia do clima nas modificações psicológicas, separam os "weather-sensitive" visando uma diminuição de erro estatístico em suas observações, e que o inglês BEDFORD, conceituando sobre a pesquisa experimental biometereológica, considerava controláveis os parâmetros temperatura, ventilação, trajes, trabalho muscular e nutrição, enquanto que a idade, a constituição física, o grau de aclimatação e o índice de sudação eram variáveis individuais, surgindo então as limitações dos conhecimentos sobre o meteorotropismos.

[Fim p. 48 – Continua p. 52]

Em conclusão, e sintetizando a problemática do Treinamento Desportivo através das informações examinadas, propomos a esquematização de uma fórmula de termos gerais, válida para as atividades físicas nos ambientes quentes e úmidos e que servirá de guia para as pesquisas meteorotrópicas do esforço desenvolvido nesses ambientes:

REAÇÃO METEOROTRÓPICA = INTENSIDADE E DURAÇÃO DO ESFORÇO +- GRAU DE ACLIMATAÇÃO +- GRAU DE ADAPTAÇÃO AO ESFORÇO EM AMBIENTE QUENTE-ÚMIDO +- INDIVIDUALIDADE BIOLÓGICA.

O TREINAMENTO DESPOTIVO FACE AO AMBIENTE TROPICAL

A interpretação moderna do treinamento desportivo tem base em determinados elementos característicos da realização da performance. Ao lado do preparo técnico, mental e tático, a preparação física, segundo FAUCONNIER (1963), considera isoladamente ou em conjunto as seguintes qualidades: RESISTÊNCIA, "ENDURANDE", FORÇA, COORDENAÇÃO e VELOCIADE. Há concordância geral nesta concepção embora haja variações de definições (MOLLET, 1961) ou adaptações ao ambiente aquático (MARIA LENK, 1964).

Em observando essas qualidades face às influências meteorotrópicas no esforço, e segundo as premissas estabelecidas pelos dados anteriormente considerados no presente trabalho, far-se-á incidir na RESISTÊNCIA e na ENDURANCE a atenção prioritário do treinamento em ambientes quentes e úmidos, desde que não há, aparentemente, influências negativas consideráveis na FORÇA, na COORDENAÇÃO ou na VELOCIDADE.

A pesquisa desses fenômeno meteorotrópico foi realizada pelo autor do presente trabalho através de experimentações de campo, em três etapas isoladas nos anos de 1964, 1965 e 1966, usando um total de 10 atletas (8, 7 e 9 respectivamente), cujo desenvolvimento passamos a relatar.

a) Métodos

O local escolhido foi a BARRA DA TIJUCA, região do Estado da Guanabara, num terreno plano e descampado, em linha reta de 8 quilômetros de comprimento, com o solo pavimentado de asfalto e situado ao nível do mar. O objetivo era oferecer condições de uniformidade ao esforço, realizado ao solo, por uma corrida na distância considerada.

Os atletas eram todos confirmados, possuindo um mínimo de um ano de competições em suas modalidades e habituados ao treinamento pesado no ambiente tropical do RIO DE JANEIRO e representavam caracteristicamente a variabilidade racial do homem brasileiro em cumprimento às condições de homogeneidade de grupo e heterogeneidade de tipos, com vistas à diminuição do erro de observação previsto pela individualidade das reações meteorotrópicas.

[Fim p. 53 – Continua p. 55]

O esquema de trabalho consistiu em fazer os atletas percorrerem as distância de 8.000 metros em três fases distintas de intensidade, em etapas de 1.000, 6.000 e 1.000 metros respectivamente, sem solução de continuidade. Na segunda fase, do 1° ao 7° quilometro, os atletas procuraram mantes um ritmo constante, previamente determinado de acordo com os níveis de possibilidades individuais; na primeira fase da partida ao 1° quilometro, o ritmo era mais intenso, numa média de 10% em relação ao ritmo padrão, também de acordo com a capacidade pessoal; finalmente na terceira fase, do 7° ao 8° quilometro, os atletas eram solicitados a render o máximo, abandonando o ritmo padrão, elevando-o até ultrapassar os limites aparentes da resistência e entrando na faixa do sofrimento.

Para determinar o ritmo padrão individual foram realizados testes em pista de atletismo, medindo-se em cada atleta a capacidade submáxima de manutenção de um ritmo para cobrir a distância de 8.000 metros. Ao se comprovar um aumento no nível de possibilidades de um atleta, ou mesmo a seu julgamento, o ritmo era ajustado de modo a manter uma constante condição submáxima de esforço. Além disso, semanalmente, durante os períodos de experimentações, foram realizadas sessões de treinamento onde o programa consistia em 5 12 repetições de 1.000 metros dentro do ritmo padrão e com intervalos de 3 minutos, visando a criar a automatização e sentimento do esforço.

Nas performances experimentais os atletas controlavam os eventuais desvios de ritmo por cronômetros que conduziam na mão e pelos cheques fornecidos pelos postos de controle distribuídos ao longo do percurso. Estes postos eram em número de três, situados nos 1°, 4° e 7° quilômetros. Os tempos totais das performances eram tomados no 8° quilômetro com os mesmos cronômetros usados na partida de onde eram conduzidos por uma viatura. Na rotina dos trabalhos havia sempre uma verificação prévia de todos os cronômetros, não sendo utilizados os que apresentavam desvios maiores de dois segundos. No final organizava-se um quadro pelo qual se comparavam as anotações dos postos com observações dos atletas e os tempos totais: qualquer discrepância resultava na eliminação da validade da tomada. Essas medidas visavam a obter um máximo de precisão nas medições.

No que se referiu ao método de pesquisa, a rotina era relacionar as performances com as variações de temperatura, umidade relativa e pressão. Os resultados obtidos nos 1°, 4° e 8° quilômetros forneceriam condições de observações sobre a RESISTÊNCIA e a ENDURANCE em conjunto, enquanto que nos desvios apresentados entre os 7° e 8°, somente a resistência estaria em evidência.

Todos os dados coletados foram montados de forma a esquematizar um estudo estatístico dentro de normas de pesquisas biometeorológicas, segundo



ensinamentos de RUDDER (1952), TROMP (1953) e SARGENT e colaboradores (1964), e que mais se ajustavam aos fins objetivados pela experimentação.

O processo consistiu, em síntese, na procura de evidências estatísticas entre os elementos envolvidos, de modo a comprovar ou a determinar reações meteorotrópicas no esforço realizado em condições naturais e clima tropical e dentro da situação real do treinamento desportivo.

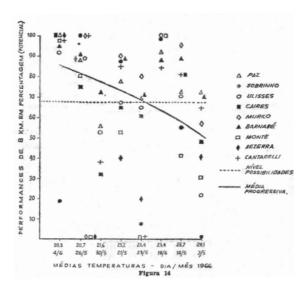
[Fim p. 55 - Continua p. 61]

b) Resultados

Havendo um elevado e significativo índice de correlação meteorotrópica, passou-se para a determinação quantitativa de evolução desse fenômeno.

Um levantamento das relações referentes ao tempo total que são interpretadas graficamente pelas figuras 12, 13 e 14, demonstrou que a média progressiva das variações das performances relacionadas às temperaturas ordenadas no sentido da elevação era influenciada por uma terceira variável. Esse elemento foi identificado como sendo o nível de possibilidade dos atletas, correspondente à média dos resultados médios, por sessão de experimentação, dos valores das performances considerados em percentagem do potencial referente a cada período.

Com efeito, esse nível de possibilidades significativa, em outras palavras, a intensidade média em que era desenvolvida a performance, e, neste caso, um elemento bastante importante a ser considerado no fenômeno. Outrossim, explicava-se a aparente incoerência de diferentes médias progressivas das performances relacionadas a faixas iguais de variações de temperatura. Como os atletas eram todos mantidos em treinamento, apresentando constante ascensão em suas marcas, o nível de possibilidades cresceu aproximadamente 10%. Essa variação produziria uma queda no rendimento à medida que a temperatura subisse confirmando constatação de DILL anteriormente citada (VIDE "O ESFORÇO E A RECUPERAÇÃO EM RELAÇÃO AO CALOR-UMIDADE"). Essa queda pode ser observada nas figuras 12, 13 e 14, e avaliada quantitativamente pelo quadro síntese que se segue no qual as quedas de rendimento verificadas foram: 14% em 1964; 21% em 1965 e 34% em 1966. Para o ano de 1966, reproduzimos abaixo a figura 14 do estudo original. [Fim p. 62 – Continua p. 67]



A interpretação desses resultados conduz à suposição que nos primeiros 1.000 metros, até onde se pode constatar, os atletas não ofereceram sinais externos de reação às condições do ambiente porque transferiram o ônus, traduzido pela queda do rendimento, para a complementação da performance. Estaríamos, portanto, diante de uma comprovação dos conceitos emitidos no estudo do "ESFORÇO E A RECUPERAÇÃO EM RELAÇÃO AO CALOR-UMIDADE".

Essa independência dos tempos do primeiro e do oitavo quilômetros bem como uma simultânea dependência do tempo total e dos parciais do 7 quilômetro em relação à temperatura nos conduzem a uma apreciação da RESIS-TÊNCIA e da ENDURANCE.

Como se sabe a ENDURANCE é uma qualidade que permite manter por longo tempo um esforco de intensidade média, sem provocar um débito de oxigênio enquanto que a RESISTÊNCIA é a capacidade de suportar esse débito produzido por uma maior intensidade imprimida ao esforço.

No experimento em causa é evidente a influência da temperatura observada sobre a ENDURANCE e a RESISTÊNCIA, considerados em conjunto e interpretadas pela evolução dos tempos totais e parciais. Já relativamente ao exame da RESIS-TÊNCIA de per si, essa influência se comprovaria somente pelos resultados do oitavo quilômetro que ficariam disfarçados pelas individuais e variáveis reações ao desafio e diferentes capacidades de suportar o sofrimento não fôra a comprovação da dependência ao esforço realizado durante o primeiro quilômetro.

Portanto conclui-se que esforços curtos ou de média duração especialmente descontínuos, como os jogos coletivos, não oferecem condições de observação da RESISTÊNCIA em relação a ambientes quentes e úmidos.

c) Discussão

A premissa básica para a discussão da experiência levada a efeito é a da aproximação dos resultados. Havendo um grande número de variáveis incontroláveis (vento no local, dias nublados, estado emocional, estado de saúde, horas de sono etc.) que produzem resultados falsos, influenciando no levantamento estatístico, nenhuma conclusão poderá ser considerada totalmente correta.

Assim, em princípio, ao se relacionar um evento do tipo das performances executadas, com fatores meteorológicos, apenas poderemos esperar por conclusões de ordem geral, nem sempre aplicáveis a um caso individualizado. Além disso, uma singular característica dos meteorotropismos, segundo TROMP, é uma maior correlação com o chamado "tempo atmosférico" do que isoladamente com os fatores que o condicionam. Isto explicaria, inicialmente, aos poucos evidências encontradas num número tão elevado de amostragens desde que o levantamento estatístico não poderia considerar o fator "tempo atmosférico" que não possui ordem de grandeza matemática.

[Fim p. 68 – Continua p. 69]

d) Conclusões

Em resumo poderíamos estabelecer as conclusões nos itens que se seguem:

- 1) O clima tropical limita a capacidade de elevar o nível de possibilidades, no que se refere a RESISTÊNCIA e a ENDURANCE para as modalidades desportivas que demandam esforços a longo prazo;
- 2) A gueda do rendimento pode ser avaliada em aproximadamente 15% do potencial do atleta, que é definido pela amplitude da faixa de flutuações de seus resultados obtidos na época considerada. Esse decréscimo na performance é relativo a marcas obtidas, respectivamente, a umidade relativa em torno de 80%. Caso o atleta aumente a intensidade da realização da performance, o rendimento cairá rapidamente segundo uma curva parabólica;
- 3) O treinamento desta forma, é limitado pelas condições externas que, não dando margem a atingir o máximo da capacidade atlética do indivíduo, não permite que haja o desenvolvimento correspondente.

Um repasse nos registros de resultados desportivos confirma com fatos essas conclusões. Nas quatro últimas Olimpíadas os indivíduos oriundos de Países tropicais quando se destacaram, o fizeram somente em provas de velocidade ou destreza. As duas únicas exceções, KIPCHOGE KEINO (KENIA) e ABEB BIKILA (ETIÓPIA) são habitantes e regiões de altitude (NAIROBI, 1.650M; E ADIS ABEBA, 2.400m) e de clima temperado perene.

Evidentemente prepondera, no caso, o desenvolvimento econômico e cultural, que é maior, no estágio atual de nossa civilização, nos Países de clima temperado e que permite uma seleção de indivíduos de condições excepcionais através de um maior movimento desportivo aliado a aplicação de técnicas apuradas de treinamento.

UMA SOLUÇÃO EXPERIMENTAL: O ALTITUDE TRAINING

Diante das conclusões do último capítulo, as alternativas válidas para um atleta que trabalhe ao ar livre, em esforços de longa duração, em ambientes tropicais e que se queira elevar seu nível de possibilidades, seriam a remoção para regiões de clima mais fresco e seco ou fazê-lo trabalhar em ginásios de temperatura e umidade controladas.

Essas duas hipóteses tem implicações sociais e econômicas de difícil praticabilidade principalmente em Países subdesenvolvidos. Ao nosso ver essas regiões deveriam aplicar seus recursos destinados aos desportos, em modalidades mais propícias de se obter um rendimento maior. No BRASIL, por exemplo, os auxílios seriam dirigidos, a grosso modo, para a natação em toda região amazônica, e para o atletismo em todos o sul do País.

[Fim p. 71 - Continua p. 72]

O autor do presente trabalho pesquisou na prática as prováveis soluções a serem aplicadas nesse problema.

Inicialmente, era necessário observar os efeitos do clima tropical em relação ao fator "quantidade de trabalho". O treinamento moderno de corridas de resistência evoluiu espontaneamente para a obtenção de um "lastro" que garante o desenvolvimento das qualidades essenciais (CERUTTY, 1962 e 1964; LYDIARD, 1963; MOENS, 1965;MALLEJAC, 1965). Essa mesma tendência surgiu na natação (FORBESCARLILE, 1963) e parece corresponder a uma acomodação fisiológica ao esforço realizado a longo prazo que se instalaria e se manteria caso o atleta não passe grandes períodos na inatividade. Explicar-se-ia então a vantagem dos atletas que treinam e competem o ano inteiro. O problema seria apenas na dosagem, para evitar situações de STRAIN ou STRESS (FORBES CARLILE).

[Fim p. 72 - Continua dois parágrafos abaixo]

Para uma comprovação prática desse tipo de preparação física numa região tropical, o autor organizou um teste com quatro atletas veteranos e especialistas em provas de fundo, todos oriundos e habitantes de regiões quentes e úmidas, conforme mostra o quadro:

ATLETA	NATURALIDADE	MELHOR MARCA	ANO INÍCIO ATIVIDADES	PELE/IDADE 1964
Ciro	Bahia	5.000m = 15′10′′	1958	Parda/27 anos
Albino	Bahia	5.000m = 16′00′′	1957	Parda/32 anos
Caíres	Bahia	3.000m = 9'34''	1960	Branca/24 anos
Murilo	Pernambuco	3.000m = 9'04''	1958	Negra/25 anos

A época foi Set/Out 1964, em plena primavera tropical, e o local foi a ILHA DAS ENXADAS (CENTRO DE DESPORTES DA MARINHA), em frente à entrada da Baía de Guanabara, região ventilada pela brisa marítima, de temperatura média inferior À cidade do Rio de Janeiro (22,7°C) mas de umidade relativa elevada, acima de 80%. Aos atletas não foi dado conhecimento dos objetivos da experimentação para não haver qualquer influência psicológica nos resultados. O método de trabalho era correr livremente, num ritmo inferior às possibilidades de cada um, de maneira a não produzir cansaço. Caso desejasse o atleta autorizado a fazer intervalos de recuperação: a finalidade precípua era cobrir o maior número possível de quilômetros, não importando a intensidade nem o tempo da sessão de treinamento. A meta a atingir foi estabelecida em 160 km semanais.

[Fim p. 72 - Continua p. 73]

A) Métodos e Resultados

A região escolhida foi a do ALTO DA BOA VISTA – SUMARÉ num percurso sinuoso cobrindo uma distância de 12 quilômetros com o ponto de partida situado a 200 metros de altitude. O esforço da subida era todo feito à sombra das árvores e com a temperatura decrescendo gradativamente até o cume da montanha.

O método planejado para a obtenção ou melhoria do "lastro" foi estruturado no esquema do neozelandês LYDIARD que se baseia, em resumo, em se impor ao atleta longas distâncias em terreno variado, sobre percursos naturais, de forma a cobrir 160 km por semana. Esta fase dura 4 meses e dá condições para passar para uma outra que consta trabalhos de contra-resistência (400 metros planos, 800 metros subida 30° de inclinação, 400 metros planos no topo da colina)

processados sob a forma de repetições em subidas e descidas . Isto é feito durante um período de 1 mês e visa melhorar a ENDURANCE. A terceira fase consta de trabalhos de velocidade e de resistências realizados através de repetições em distâncias curtas e médias que são executados por três meses. Após este período, o atleta começa a tomar parte e competições. Essa forma de treinamento, embora surgida da experiência empírica, produziu uma notável geração de corredores como PETER SNELL, MURRAY HALBERG, BARRY MAGEE e BILL BAILLIE. Sua linha mestra, que constitui a base da preparação da maioria dos grandes nomes da provas de fundo e meio-fundo da atualidade, pode ser localizada em 4 pontos, segundo MOLLET (1963);

- Impressionante condição física adquirida por um trabalho longo, continuado e natural;
- 2) Musculação natural pelos trabalhos de subida;
- 3) Trabalho na pista RESISTÊNCIA e VELOCIDADE trabalho fracionado; e
- 4) Mobilização da vontade em grau elevado.

A versão dessa doutrina de treinamento, tendo em vista o local, as características do grupo, a disposição e o tempo disponível, ficou estruturada através das seguintes etapas, para uma jornada semanal:

- 1) 24km de trabalhos na montanha 12 km de subida e 12 de descida;
- 2) corrida à vontade, com pique de velocidade alternados com longas distâncias, percorrendo de 8 a 10 km em local gramado e sombreado;
- 3) 20ª 30 repetições de 200 metros, na pista de atletismo, no tempo de 30" e intervalo ativo de 1'30" percorrendo a distância de 200 metros; o número de repetições dependeria da reação ao esforço controlado pela pulsação (máximo = 180 batimentos/minuto);
- 4) 5 a 12 repetições de 1.000 metros num ritmo padrão, determinado para cada atleta de acordo com suas possibilidades; o intervalo seria estabelecido dentro de 3' máximo e o trabalho realizado na pista de atletismo;
 - 5) igual a 2;
- 6) competição; 8 km, nas condições descritas no capítulo anterior (experimentação das influências ambientais na performance).

[Fim p. 74 - Continua p. 75]

O grupo experimental foi o mesmo citado no capítulo anterior ("O TREINA-MENTO DESPORTIVO FACE AO AMBIENTE TROPICAL"), num arranjo simultâneo com a pesquisa da influência dos fatores meteorológicos, sendo constituído de atletas de características heterogêneas em treinamento para o Campeonato Mundial de Pentatlo Militar (Tiro; Percurso de Obstáculo – 500m; Lançamento de Granadas; Natação Utilitária – 50m e "Cross-Country" – 8 km) daquele ano (1965) promovido pelo "CONSEIL INTERNATIONAL DU SPORT MILITAIRE" a ser realizado na HOLANDA (ARNHEIN).

Esta equipe oferecia condições excepcionais de comparação. Basicamente constituída dos mesmos atletas desde 1960, experimentaram-se diferentes métodos de treinamento sem resultados positivos. Em 1961 e 1962 foi aplicado o Interval Training e GERSCHLER-REINDELL (1960) por um dos melhores treinadores d País; em 1963, adotou-se uma fórmula mista com o I.T. longas distâncias (TONI NETT, 1959) e percursos na areia (CERUTY, 1962); em 1964 processou-se um outro esquema com o I.T. de distâncias curtas (200m) e de distâncias longas (600m), repetições de subida e descida em terreno natural (com 40° de inclinação, 200m) ou numa arquibancada de um estádio, FARTLEK (jogo de velocidades terreno gramado) e 8 km nas condições de experimentação do capítulo anterior. Um processo de eliminação no qual se procurou observar todos os fatores envolvidos no treinamento – aplicação defeituosa do treinamento – e através do qual não se chegou à origem da estagnação, conduzira a pesquisa para o fator clima durante a temporada de preparação de 1964.

O programa planejado foi posto em execução por 12 semanas (abril/junho, 1965) e os resultados confirmaram plenamente a hipótese de o ambiente ser o responsável principal pelo entrave ao desenvolvimento da equipe.

[Fim p. 75 – Continua p. 76]

Em vista disso, no ano seguinte, 1966, planejou-se diminuir a quilometragem para se avaliar até onde a altitude cobriria o aumento do rendimento. Um novo programa foi estabelecido com apenas 50% do volume de trabalho do ano anterior, no valor médio de 30 km semanais, bem como o número de etapas foi reduzido de 6 para 4 – dias ao acaso, alterando esforços fortes com fracos – dentro da rotina que se segue:

- (1°) 12 km subida de 200 a 1.000 metros de altitude;
- (2°) repetições de 200m a 30", com intervalo à vontade do atleta até 2 num total de 12 a 15 vezes pista de atletismo;
- (3°) 6 a 8 repetições de 1.000 metros no ritmo padrão individual intensidade submáxima com 3' de intervalo, realizadas em pista de atletismo; e,
 - (4°) 8 km, em terreno e condições descritas no capítulo anterior.

Aplicou-se o método por 12 semanas (abril/junho, 1966) e se obteve uma elevação de 10% no nível de possibilidade (FIG 14) em relação a 1965 e 20% em relação a 1964. Da mesma forma que no ano anterior , não houve conseqüências nocivas para a saúde sendo o controle realizado por dois médicos com a cobertura de um hospital. Na oportunidade acompanhou-se o desenvolvimento do rendimento cardiocirculatório através de uma bicicleta ergométrica eletrônica, cujos resultados foram considerados bastante significativos tendo em vista o tempo aplicado do método, o nível de possibilidades dos atletas e o aproveitamento alcançado. O quadro que se segue nos dá os valores numéricos dessas medições, com a ausência do atleta MONTE que se encontrava adoentado no exame inicial:

RENDIMENTO CARDIOCIRCULATÓRIO EM KGM/MINUTO

Atleta	Antes do Treinamento	Depois do Treinamento	Porcentagem do Aumento
Paz	950	1.400	47,3%
Ulisses	950	1.500	57,9%
Bezerra	950	950	0%
Murilo	1.200	1.450	20,8%
Sobrinho	950	1.200	26,3%
Cantarelli	1.100	1.250	13,6%
Barnabé	1.300	2.100	61,%
Caires	1.300	1.650	26,9%

Obs.: Valor médio de indivíduo não-atleta = 900 kgm/m; Valor médio de corredor de fundo (Categoria Internacional) = 2.800 Kgm/m.

Esta comprovação fisiológica do aumento do rendimento também foi confirmada e acompanhada pelo controle da pulsação como o quadro a seguir mostra, com valores medidos pela manhã, ao acordar, com o atleta ainda deitado:

PULSAÇÃO EM REPOUSO - BATIMENTOS/MINUTO

Atletas	INÍCIO Treinamento	26 Abril	5 Maio	TÉRMINO Treinamento
Paz	60	48	49	44
Ulisses	56	48	-	45
Bezerra	56	53	56	54
Murilo	53	47	=	=
Sobrinho	56	58	53	53
Cantarelli	56	46	50	46
Caires	56	56	56	48
Monte	46	43	44	42
Barnabé	56	51	50	47

A par desses resultados, que reforçavam a hipótese da altitude, não foi possível encontrar nenhuma evidência fisiológica, pela evolução dos exames médicos efetuados, da influência desse fator:

Entretanto um outro grupamento de atletas, a equipe de corredores de fundo da MARINHA prestou-se a testes de experimentação nas condições de realização da performance. Este novo conjunto deslocara-se para a cidade de NOVA FRIBURGO, a 120 km do Rio de Janeiro, para um período de treinamento de 2 meses (10 de abril a 6 de junho de 1966), e naquela região haveria possibilidades de observações, pois há duas pistas de atletismo em níveis semelhantes aos da aplicação do treinamento no Rio de Janeiro.

[Fim p. 77 - Continua p. 78]

B) Discussão

Embora pareça evidente a influência da altitude no aumento de rendimento demonstrado pela equipe a qual se aplicou o método de treinamento experimental, não há condições, à vista dos dados à disposição, para se isolar a ação do trabalho muscular da influência da diferença de níveis no desenvolvimento das qualidades físicas e se conhecer até que grau a altitude tomou parte no processo.

[Fim p. 78 - Continua p. 79]

Excluindo as duas performances destoantes de 23/MAIO e 30/MAIO a oscilação dos tempos para a distância dá uma amplitude de 2 minutos, que é extraordinária para as características do atleta e para o volume e o tempo de treinamento aplicado. Desta maneira, somos levados a crer que o desenvolvimento relevante de toda a equipe na qual a maioria dos atletas bateu seus recordes para a distância (Fig. 14) não foi devido em primeiro lugar à "memória fisiológica" mas sim à altitude.

Além disso, um repasse na literatura sobre o assunto dá um sentido convergente nos pontos em discussão.

Já há algum tempo, que vários autores vem registrando redução na performance em razão da altitude e independentemente da influência da aclimatação (RIVOLIER, 1956), tornando indiscutível o conceito da capacidade de trabalho ser inversamente proporcional a altura (HERLITZKA, 1945; PRETTELT, 1965).

Em conclusão, podemos conceituar que altitude constitui por si só uma resistência a ser vencida pelo treinamento, independente do trabalho muscular, e que dá origem a uma melhoria nas qualidades de RESISTÊNCIA e ENDURANCE.

Uma explicação fisiológica deste fenômeno estaria no fato da altitude ser, indubitavelmente, uma forma de STRESS, conforme SELYE conceitua em suas obras (TROMP denomina de "STRESS DA HIPOXIA"), e portanto pode atuar, dentro de certos limites, como uma forma de exercício, criando adaptações fisiológicas ao esforço desenvolvido nas alturas que solicita um maior empenho das funções orgânicas. Ao se descer ao nível do mar, essas adaptações – de ordem circulatória e respiratória, até onde se possa reconhecer – ofereceriam melhores condições de oxigenação produzindo um melhor rendimento muscular.

A este propósito e se antevendo uma possível dosagem do fator stressante para enquadrá-lo como forma de preparo físico é oportuno citar a interpretação de SCHUTZ e ARNDT sobre a ligação da concepção do STRESS com o treinamento desportivo, numa transcrição de MOLLET (1963): "Abaixo de um certo grau de intensidade o organismo não reage. Assim que esse limite é ultrapassado, a reação é proporcional à intensidade do estimulante. Acima de um determinado ponto, o aumento da força do estimulante provoca uma diminuição da força de reação podendo prosseguir até a criação de um fenômeno de inibição e de proteção. O organismo vivo submetido a um exercício de intensidade crescente, adapta-se progressivamente até suportar um estimulante no limite fisiológico de suas capacidades. Essa surpreendente adaptabilidade tem sido reconhecida por toda a parte. Sobre ela está fundamentada o treinamento desportivo moderno".



C) Conclusões

A viabilidade de um método de treinamento físico que use a altitude como agente stressante para o desenvolvimento de RESISTÊNCIA e da ENDURANCE é perfeitamente reconhecida à mostra dos dados postos em discussão. Portanto, podemos formalizar esse processo de trabalho - o ALTITUDE TRAINING - com base nas experimentações levadas a efeito e com a seguinte organização funcional:

- (1) Em princípio, nesse novo método a altitude atuará como uma "carga" de um exercício qualquer. Como se sabe o rendimento obtido pela aplicação de diferentes cargas estará na razão direta da dosagem: se for aplicada gradativamente será assimilada e, se for excessiva, se instalará um estado de inibição ou proteção. Simultaneamente com esse processo será executado um outro trabalho de contra-resistência no qual o agente stressor será o esforço da subida. Desta forma, é de se esperar adaptações funcionais específicas às resistências oferecidas pela altitude e pela dificuldade de progressão no terreno inclinado e não as modificações de natureza fisiológica, normalmente observadas no fenômeno da aclimatação.
- (2) Fundamentalmente, a exploração da altitude para esse tipo de preparação física não se resume em treinar nas alturas, mas sim passar de um nível para outro de modo a encontrar uma progressiva queda na pressão parcial de oxigênio.

Se um atleta desenvolver um esforço em determinada altitude, ou sobre uma amplitude de variação pequena, o organismo tende a se aclimatar aquele nível, cessando, após algum tempo, o efeito estressante. Além disso, a simples remoção do atleta para lugar elevado (acima de 1.500 metros) criará um estado inicial protetor de duração variável e individualizado que impedirá, por algum tempo, um máximo rendimento no que se refere ao fator "quantidade de trabalho". Se bem que as adaptações fisiológicas oriundas da aclimatação, neste novo lugar de treinamento, darão origem a uma performance melhorada em níveis mais baixos, a vantagem será transitória desaparecendo ao fim de alguns dias.

(3) A amplitude funcional de diferenças de níveis para a obtenção de um efeito "stressante", decresce com a altitude desde que a capacidade de trabalho é inversamente proporcional à altura. Até onde se pode observar, e de acordo com as necessidades de guantidades de trabalho no treinamento, o maior rendimento deve ser produzido pelo esforco executado entre 500 e 1.500 metros acima do nível do mar, percorrendo-se uma distância de 20 a 40 guilômetros entre os dois pontos, levando-se em conta a subida e a descida. A isto se acrescenta o detalhe da individualidade de reações tanto pelos efeitos da altitude como pela distância percorrida. Um outro esquema de trabalho, para indivíduos habitantes de locais elevados, seria subir a distância programada numa menor amplitude de variação de níveis; assim, por exemplo, um atleta que vive a 1,500 metros, subiria até 2,000 metros, através de um percurso menos íngreme. De qualquer forma somente uma

experimentação no local escolhido determinará essa amplitude, principalmente acima de 2.000 metros, em obediência a reconhecida e pronunciada reação individual à altura

- (4) O ALTITUDE TRAINING é por suas característica, um método de trabalho misto, já que o uso da altitude somente desenvolve a RESISTÊNCIA e a ENDURANCE. A VELOCIDADE, a FORÇA, a COORDENAÇÃO RITMO para o caso particular das corridas de fundo e meio fundo e a RESISTÊNCIA objetivada isoladamente, devem ser desenvolvidas através dos processos usuais de trabalho: repetições de corridas de velocidade em pequenas distâncias, exercícios com pesos ou de contrações isométricas e repetições cronometradas de intensidade sub-máxima em distâncias médias.
- (5) As cargas de altitude deverão ser aplicadas de modo individual dependendo da capacidade do atleta e do nível de onde partirá o esforço de subida. O número de cargas num programa de trabalho depende do grau do desenvolvimento da RESISTÊNCIA-ENDURANCE em relação as outra qualidades visadas pelo treinamento . Esta dosagem dependerá essencialmente na avaliação do treinador em manter o equilíbrio dos pontos visados. Observou-se em várias oportunidades que o excesso do número de cargas produz uma diminuição considerável na VELOCIDADE , embora a aplicação de três vozes, não trouxe nenhuma conseqüência extraordinária. O melhor sistema parece ser alternar as cargas de altitude com as cargas de intensidade na corrida completando-se com cargas de contraresistência (peso). Um exemplo de programação-base semanal para um atleta confirmado que suporta uma carga de 1.500 metros altitude e uma quilometragem de 160 kms, poderá ser:
 - 2ª feira 20 kms de subida e 20 de descida: saindo de 500 metros e chegando a 1.500m de altura.
 - 3^a feira 30 a 40x200 metros em pista de atletismo, a 28" 30" com intervalo ativo máximo de 90" percorrendo 200 metros ou 15 a 20x400 metros a 60" 70" com intervalo ativo máximo de 2' percorrendo 200 metros; exercícios com pesos.
 - 4ª feira 8 a 10x1.000 metros a 85 90% do melhor tempo na distância com intervalo máximo de 3'.

5ª feira - igual a 2ª feira.

6ª feira - igual a 3ª feira.

Sábado - igual a 2ª feira.

Domingo - igual a 4ª feira.



A gradação para chegar até este ponto, também depende da capacidade individual, devendo ser efetuada através do aumento de repetições das distâncias curtas e médias para os trabalhos de pista de atletismo. Para a altitude, a graduação refere-se à intensidade do esforço da subida: partindo da marcha alternada com pequenas corridas e procurando melhorar sempre em cada treinamento o tempo anterior. Na quantidade de trabalho total, a distancia de 160 km foi estabelecida como guia face a ser intensamente referenciada pela experiência empírica: o limite de quilometragem que é individual podendo estar abaixo ou acima desse valor. Somente a observação a longo prazo do atleta mostrará sua capacidade real.

A subida deve ser feita por alternância da velocidade: maior nas retas e menor nas curvas. Para a descida, esta diretriz torna-se sobremaneira importante. A experimentações levadas a efeito mostraram que vários atletas sentiam, por vários dias, dores agudas nos joelhos após o treinamento na montanha; a eliminação do percurso descendente ou o controle da velocidade da descida fez cessar esses efeitos.

- (6) O ALTITUDE TRAINING é um método que desenvolve num grau elevado a capacidade de sofrimento do atleta, tornando-o confiante e apto para a competição. Observe-se, entretanto, que o treinador não deve solicitar o máximo do atleta nas primeiras aplicações tendo em vista a força dos estimulantes (altitude e esforço da subida), que podem causar um estado de STRAIN a curto prazo. O treinamento em conjunto, por sua vez, é o melhor indicado: registrou-se queda de rendimento em certos atletas que trabalhavam isolados; por outro lado um trabalho realizado sob a forma de competição esgota os atletas, diminuindo a produção do dia seguinte. Um processo que se tem mostrado eficiente no trabalho coletivo é organizar uma partida individualizada, com 30" a 60" de intervalo, e fazer com que cada atleta controle sua performance.
- (7) O ALTITUDE TRAINING pode ser uma solução eficiente para regiões tropicais e subtropicais onde existiam montanhas e que se queira elevar o nível de possibilidades em relação à RESISTÊNCIA e à ENDURANCE. No caso particular do Brasil essa viabilidade é excepcional: um relevo acidentado se estende pela costa e penetra pelo interior na área de maior desenvolvimento e concentração populacional (RIO DE JANEIRO, MINAS GERAIS, SÃO PAULO, SANTA CATARINA e PARANÁ). Além dos micro-climas temperados perenes encontrados nesta região e que poderão servir de nível-base para o treinamento de atletas excepcionais são encontrados sítios apropriados dentro ou nas proximidades das grandes cidades para a organização de um treinamento em massa.

A escolha de locais apropriados, para as regiões quentes e úmidas de um modo geral, necessita ser feita através de um levantamento geo-esportivo cujos principais pontos a serem examinados são:

TEMPERATURA – de um modo geral o decréscimo da temperatura com a altitude corresponde a 1° C por 150 a 200 metros de elevação. No Brasil, segundo

DELGADO DE CARVALHO, esse gradiente situa-se entre 0,53 3 0,58 graus centígrados por cada 100 metros. Esses valores são maiores no inverno – ao contrário das regiões temperadas – que deverá ser assim programado como época-base para ao calendário anual do treinamento.

UMIDADE – o valor absoluto da umidade do ar também decresce com a altitude, ressalvando-se as características intrínsecas de certos locais. A proporcionalidade da queda pode ser avaliada para uma determinada região, segundo PIERY, de acordo com as porcentagens: Om = 100%; 1000m = 70%; 2000m = 49%; 3000m = 35%; 4000 = 24%.

Esse detalhe é de bastante importância para o rendimento do trabalho, sabendo-se que redução gradativa da umidade absoluta do ar, conjugar-se com o equivalente comportamento da temperatura, somando-se os efeitos e criando condições mais favoráveis à medida que se vence a altura.

[Fim p. 85 - Continua p. 86]

(8) Como gualguer outro método de treinamento, o ALTITUDE TRAINING é apensa um meio e não um fim em si próprio. Portanto é importante e conclusivo ressaltar que o rendimento estará na razão direta do cuidado dos fatores constitutivos do chamado TREINAMENTO TOTAL (MOLLET, 1963) que incluem, além do desenvolvimento das qualidades física, a cobertura médica, social e psicológica, e o apuro da técnica - calendário anual, uso do material, programa de viagens, aclimatação, local e disciplina da concentração, exame dos fatores envolvidos e da programação funcional respectiva foge ao escopo do presente trabalho e deve ser deixado ao livre arbítrio do responsável pelo treinamento. Além disso, em relação ao atleta de per si, há o primeiro básico e indiscutível tantas vezes realçado neste trabalho - da "individualidade do treinamento" que dará origem a inúmeras variações sobre a orientação a que apresentada e a respeito da qual citamos, para firmar doutrina, a interpretação de MOLLET: "O treinamento é uma arte individual. Não haverá jamais um limite no progresso dos métodos de treinamento. A técnica será, indubitavelmente, uma ciência exata; a sua aplicação - nunca - porque cada atleta é sempre um novo problema".

CONCLUSÕES FINAIS

- 1. O homem forma sistema com o meio atmosférico que o cerca e que é caracterizado por variações de temperatura, umidade, pressão, vento, etc. Esse sistema tem suas partes internas e externas separadas pela pele que funciona como elemento neutro.
- 2. O sistema ambiente-homem está em equilíbrio quando a temperatura interna é, aproximadamente, 37° C e externa entre 28° e 30° C. Fora desses valores, funciona o mecanismo de termorregulação.

- 3. O fator temperatura-umidade é o mais importante a ser considerado na termorregulação, inclusive condicionado o conforto e a atividade humana. Os valores temperatura e da umidade que definem as zonas de sensações e de rendimento do esforço, são uma função do gradiente movimentação do ar. Além disso, o organismo tem reações específicas às variações de pressão e às radiações atmosféricas.
- 4. O sistema Círculo-respiratório é o mais atuante na reação no calor-umidade, e a freqüência cardíaca e a temperatura do corpo são índices seguros para a avaliação dos efeitos deste fator.
- 5. O metabolismo sofre influências da temperatura e seus menores valores basais são encontrados na zona de conforto mostrando que há um mínimo de dispêndio de energia nesta situação particular. A alimentação, também, acompanha as variações da temperatura e, no caso de ambientes quentes, o déficit de calorias é mais importante que o de vitaminas; caso seja inadequada haverá deficiências na termorregulação.
- 6. O estudo das influências meteorotrópicas nos fenômenos fisiológicos do esforço físico, ainda está em seus passos iniciais. Algumas medições qualitativas e quantitativas já são convergentes em alguns pontos. Sabe-se, assim, que o calor-umidade limita a atividade física. A freqüência cardíaca, temperatura corporal e o suor são os parâmetros normalmente usados para o estudo de seus efeitos. Esses detalhes são poucas vezes levados em consideração, por não ser um problema prioritário nos Países temperados que são, coincidentemente, os líderes da pesquisa do treinamento desportivo.
- 7. A influência do fator calor-umidade só é marcante, no esforço, após determinados valores de temperatura e índices de umidade relativa. Há uma faixa desses valores cujos efeitos somente são percebidos de acordo com a intensidade do exercício. A recuperação, por sua vez, dependerá diretamente desses valores, podendo ser observada, em qualquer situação ambiental, através da freqüência cardíaca.
- 8. Os efeitos do calor-umidade sobre a resistência e a força ainda não são bem claros. O mesmo não acontece em relação às reações psicológicas: sabe-se que é aumentado o tempo de reação e que são diminuídos o poder de concentração e a eficiência do trabalho quando são ultrapassados determinados valores.
- 9. A aclimatação é um fenômeno de mecanismo pouco conhecido: envolve funções interpostas e simultâneas que dificultam a pesquisa. A Biometeorologia estuda seus efeitos gradativos em relação ao tempo, incluindo as gerações das descendências de indivíduos removidos de seus ambientes de origem. Os parâmetros mais utilizados pela pesquisa são o suor, a freqüência cardíaca, a temperatura interna e os sistemas circulatório e endócrino. O fator "tempo" é o elemento funcional visado

pelos experimentos. Ficou evidenciado pelo exame desse fator que a atividade física acelera a aclimatação. Pressupondo-se que o indivíduo aclimatado ao calor-umidade tenha um melhor rendimento em seu trabalho do que o não aclimatado, num ambiente tropical, é necessário deslocar os valores das zonas de conforto e de eficiência no sentido de maiores temperaturas e umidade relativa. Outrossim, demonstra-se incidentemente que essa alteração não é substancial já que os limites para a prática desportiva são mais facilmente alcançados em regiões tropicais. Os casos fatais são raros seja pela própria reação de defesa do organismo que diminui a intensidade do esforço ou pela natureza da modalidade praticada que permite, em certos casos, a alternância dos esforços com pausas de recuperação . Residiria aí a explicação para a queda do rendimento atlético nas regiões tropicais.

- 10. A individualidade nas reações meteorotrópicas é um parâmetro importante nas avaliações dos fenômenos biometeorológicos. Sendo um elemento característico da própria genética, conceitua-se que as reações são sempre diferentes, porém semelhantes. A diminuição do erro estatístico é conseguida através da fixação da homogeneidade do grupo, mantendo-se a diversidade de tipos. Para isso considera-se os fatores: idade, sexo, raça, cor da pele, tipo morfológico, saúde e hábito às condições adversas.
- 11. A fórmula de termos gerais que servirá de gula para as pesquisas das reações meteorotrópicas no esforço desenvolvido em ambientes tropicais, segundo proposta do autor, é a seguinte: REAÇÃO METEOROTRÓPICA = INTENSIDA-DE E DURAÇÃO DO ESFORÇO +- GRAU DEACLIMATAÇÃO +- GRAUDE ADAPTAÇÃO AOESFORÇO EM AMBIENTES QUENTE-ÚMIDO +- INDIVIDUALMENTE BIOLÓGICA.
- 12. Foram realizadas experimentações de campo, dentro das premissas anteriores, com objetivo de se observar a RESISTÊNCIA e a "ENDURANCE" face ao esforço realizado num ambiente tropical. Conclui-se que:
 - a) o clima tropical limita a capacidade de elevar o nível de possibilidade no que se refere a RESISTÊNCIA e a "ENDURANCE" para as modalidades desportivas que demandam esforços a longo prazo;
 - b) a queda do rendimento pode ser avaliada em aproximadamente 15% do potencial do atleta que é definido pela amplitude da faixa de flutuações de seus resultados obtido na época considerada. Esse decréscimo na performance é relativo a marcas obtidas, respectivamente, a 20° e 30° C de temperaturas medidas na sombra e sob um índice de umidade relativa em torno de 80%. Caso o atleta aumente a intensidade da realização da performance, o rendimento cairá rapidamente segundo uma curva parabólica;
 - c) o treinamento, desta forma, é limitado pelas condições externas que, não dando margem a atingir o máximo da capacidade do indivíduo, não permite que haja o desenvolvimento correspondente.



13. A observação dos fatos corroboram com essas assertivas e nos conduzem para a suposição que o ótimo de clima para as atividades desportivas é o seco, sem extremos de frio e calor. Por outro lado, o clima tropical ofereceria vantagens excepcionais no que se refere aos desportos aquáticos.

Do qualquer forma o aumento do nível de possibilidades para o atleta terrestre tropical só deve ser conseguido através da exploração dos microclimas temperados perenes. Esses tipo de ambiente pode ser pilotado através de um levantamento "geodesportivo" e oferece a facilidade de se trabalhar o ano inteiro dando elasticidade ao calendário anual que não se basearia nas estações do ano. Esta facilidade, somente encontrada nas regiões tropicais e subtropicais, contrabalançaria os fatores negativos bem como, daria uma vantagem considerável sobre os atletas das regiões temperadas.

14. O autor realizaou um levantamento essa espécie e utilizou uma montanha de 1.000 metros de altitude, onde se aplicou um método de treinamento misto. Constatou-se no grupo experimental que o simples deslocamento de parte do treinamento para um ambiente mais propício elevara o nível de possibilidades em 10%, no curto período de 12 semanas, em relação aos resultados conseguidos anteriormente por diversos processos com o mesmo conjunto de atletas que se mostrava estagnado, com alguns elementos em decadência.

Faça a hipótese da altitude, desenvolveram-se novas pesquisas no fim das quais estabeleceram-se, em caráter experimental, a concepção e a metodização do ALTITUDE TRAINING que seria um método de viabilidade prioritária para climas tropicais e subtropicais.

15. O ALTITUDE TRAINING visa, fundamentalmente, explorar a altitude como forma de preparação física e não se resume em treinar nas alturas mas sim passar de um nível para outro de modo a encontrar uma progressiva queda na pressão parcial de oxigênio. A altitude nesse processo age como uma "carga" de um exercício qualquer surgindo, então, adaptações funcionais específicas às resistências oferecidas pela atitude e pela dificuldade de progressão no terreno inclinado e não as modificações de natureza fisiológica normalmente observada no fenômeno da aclimatação.

16. Essencialmente, treinar nas alturas dá origem a performances melhoradas em níveis mais baixos porém em condições transitórias pois a vantagem desaparece ao fim de alguns dias enquanto que através do ALTITUDE TRAINING procurase a instalação permanente dos benefícios da altitude. [Fim, p. 89]

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original constante no início do texto]



Formato da contribuição: texto reduzido sem referêcias bibliográficas

Fonte: "Planejamento México", Lamartine P. DaCosta, Divisão de Educação Física

do MEC, Brasília: Divisão de Educação Física do MEC, 1967.

E-mail do autor: dacosta8@terra.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Doutor em Filosofia e LD em Administração do Esporte, PPGEF-Universidade Gama Filho / Rio de Janeiro.



Planejamento México

Lamartine P. DaCosta 1

SUMARY

The altitude, by itself, cannot originate any physical harm. There are strong evidences that the great majority of the accidents were due to the surpassing of the possibilities barrier which limits are reduced by the intrinsic conditions of the altitude's atmospheric environment; athletes, ignoring the deteriorating characteristics of the diminished partial pressure of oxygen related to prolonged efforts, and not yet acclimatized – on a safety degree – would try to perform on the same rhythm, or in the same proportion, as those condicionated in lower levels, creating a state of fatigue that would lead them to dismays, vomits, headaches, nausea, etc. Thus, the problem is only associated with the physical condition improvement, the adaptation to the particularities of efforts at altitudes and an adequated acclimatization.

¹ Professor de Educação física, Membro Ordinário da Academia do Conseil International du Sport Militaire, Membro Colaborador do Comitê de Pesquisas do C.I.E.P.S. da U.N.E.S.C.O, Membro Regular da International Society of Biometeorology.



Brazilians athletes will need a larger acclimatization period than those who come from temperate climate regions; besides altitude, it must be considered that local temperature/humidity on September/ October period, are out of confort zone range of natives from tropical and subtropical areas. It is supposed, also, that the athletes from southern part of the country have better results in this processing. The functional acclimatization period – the minimum required to attain maximum efficiency in the new local conditions – will probably range from 3 to 5 weeks. However, a 2 or 3 weeks period on high levels (up to 2800m) before departure, and short training sessions and competitions at altitudes will improve the processing conditions.

Possibly, the most part of the research works on the subject of acclimatization in Mexico was distorted due to the changes in time zones. Our specific experiments on that matter, connected to the same physiological parameters normally established in Mexico, in relation of a region at sea level, four time zones eastward and similar climatic conditions pointed out particularly importance variations. No matter the imponderability of biometeorogical experimentation and the consequent skepticism toward such results, it would be advisable to condicionate our athletes – at long range – to the Mexican time.

Physical fitness is an absolute "must" on the training program. On the other hand, the training methods must be well adjusted on the matter of loads and intervals while performing in mountain stages and during the acclimatization period. Low-pressure chambers are very useful to prepare and to observe the athlete submitted to hipoxy. Even far from optimum simulation of acclimatization some physiological parameters are satisfactorily attained and individual reactions to altitude can be efficiently tested.

Some preventive measures must be taken – from the departure day – regarding diarrhea. It is necessary to keep in mind that such illness might rend the athlete useless from competition and that Brazilian athlete's resistance to the "turista" cannot be trusted. There must be a strict discipline on food and drink consumption, as a safety measure. The low level of humidity in the air will cause a permanent status of dehydration. The athletes must be advised to drink water preferably between meals. Is is also advisable to use portable humidifiers (humidors) in the rooms.

The adaptability to altitude will be affected by organic disturbances that will require for clinical surveillance. Anomalous athletes must be dismissed before departure and vaccination is to be planned in advance. When in high levels, care should be taken to choose high carbohydrate food. During adaptation period it is expected a substantical raise in food consumption. In Mexico, this increase in our athletes specifically will be related to all meals, except dinner.

The "Altitude Training" method uses altitude as a training load to develop resistance and endurance. Basically, the utilization of altitude for this type of

physical preparation does not restrict itself to training in altitudes, but consists in the passage from one level to another, in a way as to attain a progressive declive in the partial oxygen pressure. If an athlete makes an effort at a certain altitude, or in an amplitude of reduced variation, organism will have a tendency to acclimatization to that level and the stressing factor will disappear after some period of time. Thus, it is a method "of" altitude, and not "for" altitude. On the particular case of Mexico City, such a system would be effective only between 2240 and 2800 meters.

Massage is much more important in altitude that at sea level. It should be a normal practice – after training or competition – to accelerate the athlete's muscular recovery. Psychological preparation is another "must" for the competitions in Mexico. Misinformation or distortion of the facts, might endanger the athletic performance. Exercises that require permanent effort of the arms must be considered in training adjustments, to enhance muscular resistance of the arms. The concentration of the Brazilian selection for the 1970 World Football Championship must take place on the higher city of the games program, to avoid the consequences of partial oxygen pressure changes. Considering that the event will occur in June, we can foresee a handicap for the natives of tropical climates, regardless of the specific acclimatization to altitude.

ÍNDICE

- 1 Aclimatação
- 16 Deterioração da Performance
- 21 Fusos Horários
- 26 Treinamento
- 31 Camara de Baixa Pressão
- 34 Diarréia
- 38 Clima
- 43 Umidade do Ar
- 45 Pressão Parcial de Oxigênio
- 47 Testes
- 49 Efeitos Patológicos
- 52 Síndrome da Mudança Climática Vertical
- 54 Alimentação
- 56 Stress
- 57 Altitude Training
- 63 Massagem
- 64 Preparo Psicológico
- 66 Modalidades
- 73 Conclusões
- 76 Summary
- 79 Resume Français
- 82 Referências de Base
- 83 Referências Complementares

[p. 1] ACLIMATAÇÃO

O principal problema a ser considerado no planejamento do treinamento e da competição em altitude é o da chamada "aclimatação". Uma apreciação correta desse fenômeno é ainda bastante difícil em face do atual estágio da evolução da pesquisa. É comum encontrarmos contradições em dados experimentais e observações de fontes diversas, assim como há razoáveis evidências que parte do processamento e função e ainda inadequado. Neste contexto, qualquer informação é relativa e nenhum dado pode ser considerado como definitivo.

[p. 2] Na verdade, a aclimatação pode vir a ser uma reação natural a um agente externo – frio, calor úmido, altitude, calor seco, etc. – ou a diversos agentes correlacionados eventualmente – frio e altitude, por exemplo. A dificuldade da pesquisa do fenômeno situa-se na impossibilidade de serem separadas as reações específicas. Além disso, um complexo de alterações interferem entre si causando desvios nas avaliações; as mudanças de fases dos ritmos biológicos, por exemplo, são freqüentemente responsáveis por conclusões divergentes (Vide: FUSOS HORÁRIOS).

Neste sentido, é fundamental a conceituação de MACFARLANE da não-existência da aclimatação cruzada (CROSS-ACCLUIMATIZATION), ou seja, a adaptação ao frio não confere uma resistência semelhante ao calor, ou vice-versa, ou entre quaisquer outros tipos de agentes externos. Tal fato é perfeitamente comprovado pela experiência empírica e seria um indício plausível de que se trata de um caso típicos de "stress" (Vide: STRESS), pois é observável que a reação inicial à "agressão" do organismo pelas novas condições ambientais obedece a uma sistemática padrão em determinados parâmetros.

[p. 3] Assim sendo, no exame particular da aclimatação à altitude, podemos partir do princípio de que se trata de reação de "stress" (SELYE, comunicação pessoal, 1966), embora diversos pesquisadores tenham tido dificuldade em detectar as modificações características de tal fenômeno nas alturas e tenham procurado aventar outras hipóteses.

Na prática experimental, entretanto, o mais importante é acompanhar as alterações estruturais e funcionais específicas para o ambiente considerado, uma vez que a aclimatação é um processo contínuo e de longa duração, cobrindo mesmo diversas gerações. O fator "stressante", de modo geral, só é relevante no início do processamento, sendo eliminado, a curto prazo, pelas adaptações fisiológicas adquiridas; o mesmo não acontece em relação a um deslocamento para altitudes elevadas (acima de 5.000 metros) quando a intensidade do "stress" da hipoxia é de tal monta que não dá lugar aos processos adaptativos. A altitude da Cidade do México, 2240 metros, se insere na primeira hipótese, sendo habitualmente reconhecíveis a reação inicial de alarme e a fase de resistência; apenas alguns indivíduos, portadores de desordens cardiovasculares ou respiratórias, entram excepcionalmente na fase de esgotamento.

Em face dessas circunstâncias, podemos observar, esquematicamente uma distinção entre os processos de adaptação imediata e os de adaptação profunda, ou, como propõe o japonês STAKE (1967), que os processos adaptativos se apresentam agudos ou crônicos, constituindo este último a chamada adaptação natural encontrada no homem das montanhas.

[pp. 4-5] O período de adaptação imediata é imponderável, dada a diversificação de funções avaliadas em conjunto; entretanto, segundo registra PUCH, sabese que a adaptação respiratória se completa por volta de duas semanas; a compensação de hemoglobina leva dois meses; a do PH do sangue, três meses; a do volume sangüíneo, nove meses. É também relevante que VELASQUEZ, em seus experimentos, comprovou que a capacidade de trabalho muscular, a 4 540 metros, levou um ano para atingir 77 a 90% do normal.

Por sua vez, a adaptação profunda ou crônica se refere a alterações na atividade das enzimas celulares, comprovadas em trabalhos experimentais pioneiros do russo BARBASHOVA. Esse fenômeno de natureza bioquímica aumentaria a eficiência dos tecidos na utilização do oxigênio. Recentes pesquisas ligadas ao Programa Biológico Internacional, realizadas na Etiópia, comparando características físicas, genéticas e fisiológicas de três populações vizinhas, vivendo, respectivamente, a 1600, 3300 e 4000 metros de altitude, demonstraram que as taxas de glóbulos vermelhos e de hemoglobina eram bastante aproximadas ao lado de diferenças marcantes de peso do corpo e de dimensões torácicas aumentadas. Sendo geneticamente semelhantes, concluiu-se que os habitantes das altitudes mais elevadas deveriam possuir adaptação ao nível dos tecidos para um melhor metabolismo celular. SARGENT registra fenômeno semelhante em algumas espécies de animais, e não se está bem esclarecido ainda se se trata de alguma deficiência alimentar produtora de falsa interpretação ou a comprovação prática da descoberta de BARBASHOVA. De qualquer forma, estaríamos diante da etapa mais aperfeiçoada da evolução da adaptação á altitude conseguida através de inúmeras gerações, embora ainda haja necessidade de cautela na interpretação dos fenômenos ligados à estrutura celular.

Considerando esses dados, é válido concluir que o mais importante para a problemática do rendimento do esforço em altitude é a determinação do tempo funcional de aclimatação, ou seja, o período necessário para o indivíduo atingir uma relativa eficiência em seu desempenho muscular com um mínimo de prejuízo causado pelo primeiro estágio da aclimatação. Este tem sido o objetivo, sem embargo, da quase totalidade das pesquisas realizadas no México, na atualidade, desde que é ponto pacífico a queda da capacidade de trabalho em razão da reduzida pressão parcial de oxigênio (Vide: DETERIORAÇÃO DA PERFORMANCE).

[pp. 7-8] Outro aspecto importante, e de bastante relevância, ressalta entre as idiossincrasias da individualidade meteorotrópica; o papel do preparo físico diante da problemática de aclimatação. A quase totalidade das observações reali-

zadas no México destacam a importância desse fato. os búlgaros ILIEV e KRUSTEV (1967) chegaram mesmo a aventar a proposição de que no caso da impossibilidade de se treinar em altitudes iguais à da Cidade do México, a solução é procurar compensar a aclimatação através de um aumento de carga do treinamento num grau proporcional às modificações fisiológicas adequadas à altura da capital mexicana. Conclusões mais recentes, como a de REINDELL (1967), após prolongadas pesquisas com a participação dos maiores nomes da medicina desportiva alemã (ROSKAMM, WEIDEMANN, DOLL, KEUL, MALLEROWICZ, MERZ, RENEMANN e SAMECK), estabeleceram em termos razoavelmente seguros essa questão. Não há prejuízo orgânico no desenvolvimento do esforço prolongado na altitude de 2240 metros. O problema da performance naquela altura está apenas ligado à deterioração em razão de uma menor pressão parcial de oxigênio (Vide: DETERI-ORAÇÃO DA PERFORMANCE) e a uma diminuição do potencial do organismo, que pode estar empenhado na aclimatação ao novo ambiente. É evidente, nessas circunstâncias, que uma forma aprimorada resultará num melhor resultado.

Uma comprovação prática dessa hipótese nos é relatada por NORAN 91967); a equipe de canoagem romena, diversas vezes campeã mundial da modalidade, apresentou resultados excepcionais na Semana Pré-Olímpica de 1966 no México, em decorrência de um prioritário empenho na preparação física ao nível do mar; tanto a aclimatação como a performance da competição foram beneficiadas pelo elevado grau de condição física, havendo ainda a possibilidade de um componente psicológico de caráter positivo.

Dentro desse contexto é interessante citar a interpretação levantada por ANDRIVET (1966). As pesquisas francesas em FONT ROMEU – estação de treinamento especial para as Olimpíadas do México, situada a 1800 metros nos Pirineus – e no MÉXICO foram contraditórias, no que se refere à hiperglobulia. No primeiro caso, entre cinco atletas submetidos a treinamento intenso apenas um apresentou ligeiro aumento no número de glóbulos vermelhos; no segundo, num grupo de 14 atletas, oito baixaram, quatro permaneceram em seus valores iniciais e dois apresentaram aumento. Por outro lado, observou-se que alguns dos atletas deslocados para a capital mexicana, submetidos anteriormente a treinamento longo e intenso na França, ao nível do mar, pareceram suportar melhor a agressão inicial da altitude. Desta forma, o emérito pesquisador francês estabelece a suposição de que os atletas bem treinados desenvolveriam outros processos de adaptação ao nível dos tecidos que tornariam desnecessária a hiperglobulina nas alturas.

O problema da determinação do tempo funcional de aclimatação, outrossim, é também dependente do valor da altitude. Em princípio, é preciso considerar que a literatura médica examina prioritariamente o problema da altitude sob o aspecto patológico ou fisiológico, enquanto que a bibliografia desportiva preocupase, sobretudo, com as variações de performance. No primeiro caso somente acima de 1500 metros (ROSSIER, BUHLMANN e WIESINGER, 1962; TROMP, 1963) os



efeitos da altitude se tornam importantes; no segundo, registraram-se variações acima de 500 metros (STEGER, 1965; PEREIRA DA COSTA, 1967).

[pp. 9-10] Não há dúvida que tal procedimento não é suficiente para uma perfeita aclimatação, e isso ficou comprovado por ILIEV e KRUSTEV: antes de participar da II Semana Pré-Olímpica, na Cidade do México (outubro de 1966), um conjunto de atletas búlgaros foi submetido a uma aclimatação a 1800 metros, com a duração de três semanas; observou-se, posteriormente, que a aclimatação adquirida era insuficiente para a altitude do local das competições (2240 metros).

As pesquisas alemãs (REINDELL e Coll. 1967),. Também com vistas aos Jogos Olímpicos de 1968, confirmam plenamente esse pormenor, porém aconselham escalonar a aclimatação para o México, passando por FONT ROMEU, estação francesa de treinamento a 1800 metros de altura. Nisso também estão concordes os tcheco-eslovacos (KRAL, 1967), que realizaram trabalhos experimentais em BADGASTEIN (1083 metros) e BIELER HOHE (2040 metros) na Áustria, com quinze esquiadores de fundo.

Em face do exposto é indutivo que o máximo de rendimento é obtido no treinamento da altura correspondente ou possivelmente um nível mais elevado. Ocorreria, nesta última alternativa, o que poderíamos denominar de superaclimação.

Embora seja reconhecido que indivíduos adaptados às elevadas altitudes tenham necessidade de se aclimatar quando transportados para a planície (Vide: SÍNDROME DA MUDANÇA CLIMÁTICA VERTICAL), os habitantes das regiões próximas ao nível do mar, ao se ambientarem á altitude, não perdem suas características iniciais – pelo menos a médio prazo – e nada sofrem ao regressar, apresentando, inclusive, melhorias nas performances de esforço de resistência e de "endurance". Explicar-se-iam, assim, as notáveis inversões nos resultados de prélios de futebol entre bolivianos e argentinos, em LA PAZ (4000 metros) e BUENOS AIRES (Nível do mar).

A interpretação desse fenômeno residiria no fato de ser a altitude uma forma de "stress" que criaria adaptações de ordem circulatória e respiratória que criariam condições mais eficientes de oxigenação, produzindo, em conseqüência, melhor rendimento muscular nos esforços prolongados. As notáveis performances de atletas de médias altitudes (1500/2500 metros), como as de BIKILA (habitante de 2400 metros), KEINO (1650 metros), MEJIA (2645 metros), etc., ao competirem em níveis mais baixos, confirmariam a hipótese.

Recentemente foram levantadas considerações em torno desses fatos por REINDELL e seus colaboradores. A opinião dos eméritos pesquisadores alemães – que estão concordes com observações realizadas pelos russos – é que não há base segura para uma explicação do fenômeno e que o limite de treinamento para o homem do nível do mar estaria na faixa de 2800/3000 metros de altura.

Acima desses valores não seria compatível um aumento da eficiência porque o sistema nervoso vegetativo seria influenciado de forma a criar uma desregulação de diversas funções cíclicas do organismo, principalmente da circulação sangüínea. Esse informa teria bastantes indícios convergentes na prática, particularmente pelas observações de ROSNER, citadas por REINDELL, em treinamento com esquiadores austríacos acima de 3000 metros; pelas conclusões de SCHONHOLZER, na Suíça, e pelas observações de BALKE com um grupo de atletas americanos em treinamento no Peru, a 3000 metros de altitude. Neste último caso, segundo relato de CASTELLO, o retorno à planície produziu piores resultados em todos os atletas considerados.

Por outro lado, a exploração dos efeitos benéficos da altitude para a realização da performance é perfeitamente válida e passível de ser enquadrada metodologicamente num processo de treinamento. Neste sentido surgiu uma proposição experimental em conseqüência de trabalhos de pesquisa em altitudes médias (Vide: ALTITUDE TRAINING). Sendo previsível, também, que a superaclimação ocupará lugar relevante nos planejamentos de treinamento e competição parta os próximos Jogos Olímpicos.

[pp. 11-13] Assim já se considera válido o processo para locais onde não há montanhas, como elemento auxiliar de treinamento (cargas de esforço realizado em ambiente hipóxico), para trabalhos de pesquisas e para manutenção de aclimatação adquirida. Os métodos e a duração das aplicações são variáveis, porém alguns autores aconselham a não se ultrapassar o máximo de duas horas diárias de exercícios dentro da câmara, em razão de conseqüências psicológicas negativas já observadas (TATARELLI). É registrável, também, que alguns pesquisadores evoluíram para a utilização de máscaras através das quais os atletas respiram uma mistura gasosa contendo 13-15% de oxigênio, realizando assim as sessões de treinamento em estado de hipoxia (HEBBELINCK, 1966).

Uma outra conduta, de conhecimento antigo, é a administração de drogas. CABEZA, em seu relatório para o Comitê Olímpico Espanhol (1967), propõe o uso farmacológico de compostos ferrosos para uma produção forçada de hemoglobina, enquanto que ROCA (1966) é partidário do ácido pangâmico em face dos excelentes resultados obtidos na prática. Outros agentes farmacodinâmicos têm sido citados como eficazes, como a actolozamide e a centropneine de Santenoise; entretanto, a opinião mais aceita é a de PLAS, que preconiza a aclimatação natural para atletas, uma vez que não são conhecidas ainda as consegüências dessas drogas para a situação de esforço.

Ainda dentro da sistemática do tempo funcional de aclimatação, um outro aspecto importante para ser observada é o da chamada "crise de aclimatação". Tais eventos não se restringem á altitude e são de longa data registrados em estudos realizados em balneários e estações de repouso. As reações são diversas: VENERANDO aponta como característica o aparecimento de alterações na

coordenação dos movimentos, observando, entre atletas italianos, o surgimento dessa crise entre o 7° e 10° dia após a mudança de ambiente; CABEZA localizou uma crise entre o 4° e o 5° dia da permanência no México, através de descontinuidade na evolução dos parâmetros fisiológicos em observação; THIEBAULT registrou uma paradoxal queda no rendimento das performances dos atletas franceses presentes à 1 Semana Pré-Olímpica no México (1965) a partir do oitavo dia da estada, efeito que se estendeu até o 12° dia: os atletas sentiamse bem, em plena euforia, porém não conseguiram obter proveito no trabalho físico; PLAS comprovou o aparecimento da crise também no oitavo dia, embora considerasse a adaptação sangüínea quase estabilizada e as adaptações cardíaca e respiratória praticamente completas: MARTIN LALANDE observou um "período anárquico" entre o 5° e o 12° dia da permanência na altitude de 3600 metros de um grupo de 7 indivíduos sujeitos a uma série de pesquisa fisiológicas.

A interpretação desse fenômeno, sob o ponto de vista da influência do sistema nervoso, nos é oferecida por HITTMAIR (1964): "é muito importante assinalar que a recuperação não segue um curso retilíneo nem progressivo, mas sim transcorre em fases com ondas positivas e negativas. Consideramos como onda positiva o estado vagotônico que liberta energias e como negativa o estado simpaticotônico agitado, com algumas alterações. No curso da recuperação temos comprovado a existência de fases negativas, com grande regularidade, no terceiro, décimo e vigésimo dias. A partir da quarta semana estas ondas negativas desapareceram, normalizando-se, e estabilizam as reações aos estímulos cotidianos, o que eqüivale dizer que a recuperação se completou. A fase negativa do terceiro dia costuma ser especialmente intensa. Desde algum tempo se tem comprovado sua existência".

E, outrossim, valiosa a contribuição de MARTIN LALANDE. Este autor francês sugere que os diversos fenômenos de adaptação fisiológica para a condição da altitude se processam descoordenadamente, acontecendo periodicamente encontros de efeitos contraditórios que produzem as "crises"; somente a partir do dia se coordenariam e se grupariam, atingindo a forma ótima no fim de três semanas. Tal proposição parece ser correta, tendo em vista as medições realizadas pelos trabalhos de pesquisas realizados no México, com grupos de diferentes origens. para esclarecimento do fenômeno PLAS, auxiliado por CHESNE, CHARRIEAU e DUTHOIT (1967), realizou notável trabalho de pesquisa com 14 atletas franceses em FOMNT ROMEU, fazendo o levantamento das reações hormonais e do metabolismo protídico durante as condições de treinamento na altitude. Observou-se uma remarcável queda nos índices dos glicocorticóides no oitavo dia da permanência no local em todos os atletas. Isto foi interpretado como uma peculiaridade do esforço realizado em altitude, já que o mesmo não acontece habitualmente num programa de treinamento prolongado ao nível do mar. Além disso, ficou evidenciada a possibilidade da baixa nos glicocorticóides ser um elemento patogênico da crise que se desenvolveria após determinado estágio das adaptações respiratória, circulatória e sangüínea. Concebeu-se, por outro lado, que este decréscimo da função surrenal entravaria o processamento dos metabolismos protídicos e hidrocarbonados, gerando a tão característica indisposição ao esforço, peculiar

às crises de aclimatação. Os mesmos autores fazem menção a outros trabalhos de natureza semelhante, mas de resultados diferentes.

HALHUBER e GABL, por exemplo, em 1962, comprovaram um aumento da atividade o córtex surrenal, na primeira semana, em cinco indivíduos a 2000 metros; na segunda, registrou-se queda; na terceira, houve oscilações, voltando aos valores normais do nível do mar.

Dentro desse complexo de elementos em jogo é assinalável a influência da aclimatação na qualidade do esforço desenvolvido. É, outrossim, um dado fundamental no planejamento. Ressalvando-se o valor da aclimatação para qualquer tipo de esforço em prol do melhor aproveitamento possível, a necessidade prioritária está situada, como já foi observado, entre os atletas de resistência e "endurance". Estes tipos de modalidades requerem esforços prolongados e são influenciados pela carga extra produzida pela reação de adaptação.

[pp. 13-15] Em princípio nos parece que os atletas brasileiros precisam de um maior período de aclimatação do que aqueles oriundos de regiões de clima temperado. O ambiente da Cidade do México, além da altitude, demandará adaptação para os indivíduos habitantes dos trópicos e subtrópicos, cujas zonas de conforto situam-se em faixas de temperaturas e de umidade de valores superiores às médias registradas na época setembro/outubro no local (Vide: CLIMA). É de se supor que os atletas do sul do País encontrem mais facilidade nesse processamento.

Sabendo-se que a maioria das observações realizadas no México concluíram por tempo funcional de aclimatação variando entre 2 e 4 semanas – o que se pode visualizar na seleção de alguns dados apresentados no quadro da página 14 -, é provável que os valores para os nosso atletas sejam de 3 a 5 semanas, considerando os 5/7 dias necessários à adaptação ao ambiente frio-seco. Tal avaliação, entretanto, está proposta em seus valores máximos por questão de segurança, já que no fenômeno da aclimatação não há uma adição das duas reações específicas, mas sim um processo integrativo que origina uma margem elevada de variações.

A aclimatação dos nossos atletas, contudo, seria bastante facilitada com a possibilidade de se usar o escalonamento. Da mesma forma que os alemães utilizarão FONT ROMEU (1800 metros) como degrau antes de transportarem suas equipes para o México, poder-se-ia programar um período de 3 semanas em CAMPOS DE JORDÃO (1700/1800 metros) para um período de treinamento (para os alemães o tempo calculado é de 2 semanas) que traria também como vantagem a aclimatação ao ambiente frio-seco.

Outra alternativa seria estabelecer um período de treinamento-aclimatação numa cidade da América do Sul que estivesse situada entre 2300/2800 metros de

altitude. Locais com essas características não são encontrados no Brasil e poderiam ser uma das escalas a caminho do México, Bogotá (2645 metros), por exemplo. Evidentemente, tal providência traria implicações de organização e planejamento de difícil execução, porém nos parece ser o caminho mais eficiente na obtenção do rendimento máximo.

É necessário, por outro lado, considerar o papel da atitude psicológica dos atletas em períodos tão longos de treinamento em lugares estranhos. Este fato tem sido relevado pelos estudos realizados no México. Os belgas, por exemplo, são favoráveis ao menor período possível (12 semanas) no local das competições em favor de uma maior etapa preparatória na Europa, prevendo-se inclusive interrupções no treinamento para visitas a familiares.

A longo prazo, o programa mais eficiente estaria no estabelecimento de pequenos períodos de treinamento ou de competições em regiões de altitude acima de 1500 metros. Sabe-se que existe um fenômeno de assimilação da aclimatação por etapas, uma espécie de "memória" fisiológica, que ficou evidenciado pela quase totalidade das pesquisas em altitudes. Praticamente, todos os programas de treinamento estabelecidos para o México incluem tal procedimento. A alternativa, não considerando o fator econômico, seria a construção de câmaras de baixa pressão, nos grandes centros, para assimilação de algumas das adaptações fisiológicas próprias das alturas. Como facilidade de acesso e organização do treinamento, esta seria a melhor evidência, até onde se possa conceber.

[pp. 16-18] DETERIORAÇÃO DA PERFORMANCE

Ao lado da Aclimatação, o fenômeno da Deterioração da Performance constitui o principal problema da atividade física desenvolvida em altitudes. Comumente ambos os fatores se confundem entre os leigos e mesmo entre médicos e treinadores mal informados. Na realidade trata-se de coisas diferentes: a aclimatação é um fenômeno de adaptação do organismo a condições ambientais estranhas que resultará num desempenho muscular reduzido do normal: a deterioração da performance é a conseqüência de uma pressão parcial de oxigênio diminuída nas alturas, que não oferece a mesma oxigenação das condições do nível do mar, atingindo qualquer organismo vivo e parcialmente independendo da aclimatação.

Tais fatos, de simples concepção, não eram considerados até recentemente, embora correntemente relevantes como, por exemplo, numa apreciação da lista de recordes mexicanos em que os melhores resultados de provas de atletismo de velocidade eram obtidos nas regiões elevadas e os de resistência nas planícies junto ao mar. Após os Jogos Olímpicos de Tóquio, quando se iniciaram as especulações em torno dos efeitos negativos da altitude, apareceram os primeiros trabalhos de previsão de performances determinadas em razão da altitude da capital mexicana, sede das próximas Olimpíadas. Tais estudos tomavam como

base comparações estatísticas entre os Jogos Pan-Americanos de 1955, realizados na Cidade do México, e outros eventos semelhantes, realizados em Buenos Aires, Chicago e São Paulo: uma notável correlação existia entre o decréscimo relativo dos resultados à medida que as distâncias das provas atléticas aumentavam. Num artigo publicado, em 1965, na revista "American Review of Respiratory Deseases", os doutores REEVES, JOKL e CONN apresentaram a mesma correlação estabelecida para uma competição realizada a 1605 metros e que se pode apreciar graficamente na figura 1. Essas evidências, entretanto, nada mais eram do que comprovações de descobertas antigas do pesquisador PUGH em experimentos realizados durante a escalada ao Monte Everest. O eminente fisiologista inglês concluíra que a absorção máxima de oxigênio de indivíduos aclimatados às altitudes de seu habitat começa a decrescer a partir do nível do mar. Sabendose que a absorção máxima de oxigênio traduz diretamente a capacidade de trabalho físico, segue-se que o desempenho muscular deteriora-se progressivamente ao elevar-se a altitude. Por outro lado, os resultados inalterados ou melhorados nas provas atléticas de distâncias curtas seriam explicados pela nãoinstalação de um débito de oxigênio, ou seja, um esforço de pequena duração consumiria o oxigênio disponível nos tecidos sem depender do fornecimento externo, portanto não se condicionando ao ambiente.

Outrossim, a fisiologia do esforço localiza habitualmente três tipos de trabalho atlético:

- 1°) Trabalho prevalentemente anaeróbico trabalho explosivo de curta duração e de grande velocidade (anaeróbico significa "sem oxigênio");
- 2°) Trabalho prevalentemente aeróbico trabalho de longa duração, contínuo e de velocidade média (aeróbico significa "com oxigênio").
- 3°) Trabalho misto anaeróbico e aeróbico alternância de períodos de repouso relativo entre esforços de longa ou curta duração durante os quais o débito de oxigênio eventualmente adquirido é neutralizado ou parcialmente equilibrado.

Em altitude, podemos estabelecer então que somente sofrem deterioração da performance os trabalhos aeróbicos e mistos. Colocando-se em termos da prática desportiva, prevê-se uma queda nas possibilidades dos eventos atléticos maiores que 800 metros de distância corrida, no Basquetebol, no Volibol, no Boxe, na Esgrima, no Futebol, no Pólo Aquático, nas provas de Natação em todas as distâncias regulamentares e estilos, no Remo, no Judô, etc.

[p. 20] A par desses fatos, é notavelmente relevante o efeito positivo da densidade do ar diminuída das alturas que ofereceria vantagem nos eventos de velocidade, de lançamentos e de saltos. Um estado interessante nesse sentido foi apresentado pelo Major TOM BRAIN, do Exército dos Estados Unidos, no

Congresso de MACOLIN (Suíca), realizado em dezembro de 1965 e dedicado ao levantamento dos problemas do esforço físico em altitudes. Trabalhando nos laboratórios do "U. S. ARMY RESEARCH DEVELOPMENT GROUP-EUROPE", o pesquisador americano calculou que para 2240 metros os resultados no peso melhorariam de 5,8cm; no martelo de 53cm; no dardo de 69cm e no disco de 1,62m. Esses números foram estabelecidos sobre o recorde olímpico atual de cada prova, com exceção do peso quando se considerou o recorde mundial (21,30m). Quanto ao dardo, pode ser previsto alterações no cálculo desde que não possui movimento de corpo rígido, sendo sujeito a vibrações e a desvios da linha reta, que podem diminuir ligeiramente a distância total percorrida. Também da Alemanha nos vem uma contribuição, sob responsabilidade de ROEDER, que avalia uma ajuda de um vento de 1 metro por segundo na vantagem oferecida pela rarefação do ar a 2240 metros de altura, nos eventos de corridas e de ciclismo. ILIEV e KRASTEV corroboram com tais previsões e aventam a possibilidade de compensação equilibrada entre a hipoxia redutora da performance das provas de ciclismo com a vantagem de uma resistência do ar diminuída para o deslocamento do atleta com sua bicicleta: teríamos, então, resultados semelhantes aos do nível do mar, ou mesmo melhorados. É digno de menção, para uma localização em relação aos saltos, que o atleta brasileiro ADEMAR FERREIRA DA SILVA conseguiu seu melhor resultado no salto triplo durante os Jogos Pan-Americanos realizados na Cidade do México (1955), batendo o recorde mundial, com marca excepcional para a época (16,22m).

[p. 21] FUSOS HORÁRIOS

No estudo da ACLIMATAÇÃO foi observado que a dificuldade na pesquisa do fenômeno residia na impossibilidade de serem separadas as reações específicas. Além disso, um complexo de alterações interferem entre si causando desvios nas avaliações, citando-se, como exemplo, as mudanças de fases dos ritmos biológicos que são freqüentemente responsáveis por conclusões divergentes.

As alterações dos ritmos biológicos provocadas pelo deslocamento para fusos horários diferentes, têm, há algum tempo, atraído a atenção dos desportistas. No Brasil, o pioneiro da pesquisa dessa peculiaridade foi o Dr. HILTON GOSLING, que, como médico de diversas seleções viajando pelo estrangeiro, teve oportunidade de observar os efeitos desse fenômeno sob as mais diferentes condições, concluindo por uma necessidade mínima de uma semana de adaptação para as regiões de grande diferença de fusos horários (GOSLING, 1965). Na União Soviética, cuja área comporta 12 fusos horários, desde longa data se leva em conta a necessidade de compensação nas competições desportivas (EMME, 1962).

Nas pesquisas realizadas no México, a influência da defasagem de horário tornou-se bastante evidente, principalmente entre os belgas (DIRIX e VAN DEN BOSSCHE, 1967) e os franceses (DEBERRE, 1966; THIEBAUT, 1967), além de regis-

tros relevantes de SCANO (1967) entre os italianos de LEMASURIER (1967) entre os ingleses e de CABEZA (1966) entre os espanhóis.

De um modo geral, podemos considerar que este problema não tem sido colocado dentro das devidas proporções de causas e efeitos. A tendência é de se interpretar o fenômeno à luz dos conhecimentos clássicos de Fisiologia, atribuindo ao sistema nervoso vegetativo um condicionamento ao ritmo de atividades, de repouso, de alimentação, de sono, etc.; a alteração no cumprimento dessas etapas não seria obedecida, em primeira instância, pelo sistema controlador que manteria, por algum tempo, a inércia anterior. A experiência empírica, neste sentido, calcula, a grosso modo, a adaptação necessária na razão de um dia por fuso ultrapassado.

Entretanto, a pesquisa específica dos Ritmos Biológicos, ainda pouco divulgada e restrita a um reduzido círculo de investigadores, estabelece proposições de fundamentos diferentes.

[pp. 23-25] O autor do presente trabalho realizou, com atletas brasileiros, uma tentativa no sentido de uma medição específica (PEREIRA DACOSTA, 1967). Transportavam-se seis atletas para ATVIDABERG, Suécia, onde durante dez dias foram submetidos a testes fisiológicos, psicológicos, subjetivos e de aptidão física funcional. Anteriormente, no Rio de Janeiro, o conjunto experimental teve a normalidade relativa ao local determinada pela mesma bateria de testes. As medições realizadas obedeceram a horários fixos, de forma a dar viabilidade ao traçado de curvas circadianas das funções escolhidas. Desta maneira acompanham-se a evolução da aclimatação propriamente dita – existente no plano prático – pela avaliação da amplitude das variações, e da adaptação ao horário de novo local pela observação das fases dos ritmos. A diferença entre ATVIDABERG e o RIO DE JANEIRO é de quatro fusos (12,00 horas GMT corresponde a 09,00 horas no Rio e a 13,00 na Suécia) e as condições climáticas na época escolhida para as experimentações são aproximadamente iguais (julho/agosto: verão na Suécia, inverno tropical no Rio).

Nos dez dias disponíveis para as medições ficou claramente constatada a não adaptação ao local, sendo importante ressaltar que não nos primeiros dias, os atletas repousaram e nos sete restantes exercitaram-se levemente, e que a rotina dos horários de sono, refeições ("standard" com as do Rio), exercícios, etc. manteve-se sob controle, de acordo com o planejamento. Evidentemente, como qualquer experimento biometeorológico, dependente de condições naturais, os meteorotropismos são imprevisíveis e mesmo desconhecidos, originando erros de apreciação.

Em que pese esses desvios, podemos então prever para o México um período mínimo de 10 dias, somente para acerto dos ritmos das funções fisiológicas e biológicas, já que a diferença de horas é a mesmo no sentido inverso (12,00 GMT = 09,00 RIO = 13,00 SUÉCIA = 0,5,00 MÉXICO), ressalvando que no deslocamento

no sentido leste-oeste o impacto das alterações é ligeiramente maior segundo registrou SOLLBERGER.

Para neutralizar parte dos efeitos negativos da adaptação horária poderíamos valer-nos do procedimento habitual dos russos, segundo ensinamento da EMME, que é o de alterar a rotina das atividades antes da viagem. As limitações desse processo são relativas às diferenças: a troca do dia pela noite (caso de PARIS-TÓQUIO, por exemplo) seria indesejável e prejudicial na prática. Ressalte-se contudo, que qualquer quantidade de adaptação prévia à hora mexicana produzirá algum rendimento favorável. O quadro que se segue mostra os horários das atividades fundamentais em relação à hora do Rio de Janeiro:

	MÉXICO	RIO
LEVANTAR	07,00	11,00
CAFÉ DA MANHÃ	08,00	12,00
ALMOÇO	12,00	16,00
JANTAR	19,00	23,00
DEITAR	22,00	02,00

Portanto, os atletas brasileiros deverão ser instruídos, a longo prazo, para dormir e acordar mais tarde, assim como deslocar os horários de todas as suas atividades – principalmente refeições e treinamento – no sentido da hora mexicana.

Um outro expediente – usado pelos franceses na Segunda Semana Pré-Olímpica no México – é o uso de medicamentos narcotizantes para induzir o sono nos atletas, dentro dos horários do novo local. Segundo relata BISSON (1966), esse método produziu os efeitos desejados. Entretanto, parece ser uma conclusão errônea. Convergentemente a totalidade dos especialistas em ritmos biológicos, entre os quais citamos SOLLBERGER, EMME, REINBERG e GHATA, AJELLO e KLEITMAN, são concordes no fato de que os ritmos circadianos são insensíveis à influência de drogas. Conclui-se, para o caso citado, que os atletas dormiram com suas funções trabalhando num ritmo de estado de vigília. O melhor rendimento adviria de uma adaptação espontânea dos horários de dormir uma vez que o sono é, dentro das limitações do assunto em pauta, apenas uma conseqüência da necessidade da diminuição da intensidade das funções orgânicas, e não uma causa.

[pp. 26-27] TREINAMENTO

Para o exame das condições de treinamento em altitude partiremos das premissas estabelecidas no planejamento da aclimatação, ou seja, estágios em

regiões elevadas e chegada ao local da competição no mínimo com três semanas de antecedência.

Tanto nos estágios como no período de aclimatação ao local, o atleta deve submeter-se a um programa de treinamento, não somente em razão da conhecida influência negativa de uma inatividade prolongada como também para assimilar as peculiaridades da deterioração da performance da altura considerada. Neste último caso haverá vantagem para aqueles já habituados especificamente para a altitude do lugar da competição.

A primeira questão ou relação ao esboço do programa é o da progressão da intensidade do treinamento. Para os estágios isto não terá grande importância, porém para a situação pré-competitiva trata-se de um ponto crítico fundamental.

Após a Semana Pré-Olímpica de 1965, os franceses concluíram que a 1ª semana da estada no México deveria ser dedicada ao repouso para fazer entre ao choque inicial da aclimatação; posteriormente seria retomado o treinamento, de modo a atingir o ritmo máximo no fim de três semanas. STEPAHN, relatando suas conclusões sobre a Semana Pré-Olímpica seguinte, a de 1966, observou que esta diretiva era arbitrária e ineficiente na prática: considerando-se o incontornável aparecimento da crise de aclimatação do 8º dia com prolongamento até o 12º dia, ter-se-ia ao redor de duas semanas de quase inatividade, a solução, portanto era iniciar mais cedo a escalada da progressão, propondo-se então começar no 5º ou no 6º dia da estada.

Um dado convergente do acerto dessa proposição é a decisão dos ingleses, segundo LEMANSIURIER, de estabelecer um vagaroso e progressivo trabalho na primeira semana, de forma a que a maioria dos atletas deve estar apta a resistir ao trabalho pesado no fim de 8 dias.

A vista do exposto, parece-nos que a melhor diretiva é começar o trabalho físico no 4º dia, dedicando os três primeiros dias ao repouso da viagem, à reação do choque inicial da aclimatação e à adaptação das mudanças de fas4es dos ritmos biológicos (Vide: FIUSOS HORÁRIOS). O autor teve condições de observar os efeitos de diferentes linhas de ação a respeito desse problema como treinador da Seleção Brasileira de Pentatlo Militar em sete eventos internacionais. Não havendo o fator altitude a considerar, mas tão-somente a viagem, o clima e as alterações de hora, o primeiro dia é de euforia, seguindo-se dois dias de astenia e depressão. Parece, até onde atinge a nossa experiência, que, nesses dois dias críticos, se conjugam todos os agentes de "agressão", surgindo a reorganização orgânica somente no 4º dia. Qualquer esforço de importância realizado pelo atleta nesse período advirá um retardo na recuperação. Levando-se em conta a altitude, há evidências que tais condições sejam mais caracterizadas. Contudo, a necessidade incontornável da realização de trabalho físico para uma aclimatação adequada não permitirá alterações nessa diretiva.

Neste contexto, a ação do treinador no controle do treinamento físico toma aspecto decisivo. Com referência à metodologia, o desenvolvimento da pesquisa ainda não criou bases para o estabelecimento de um processo específico para as alturas. O recente ALTITUDE TRAINING (vide capitulo correspondente) é um método de trabalho que usa a altitude como "carga" da mesma forma que o POWER TRAINING usa o peso, ou o INTERVAL TRAINING usa o estímulo da velocidade. Assim sendo, seu emprego implica em não aclimatar o atleta a uma determinada altitude, mas sim passar de um, nível para outro desenvolvendo um esforço: trata-se, então, de um método de altitude, mas não para altitudes. Certamente advirá alguma reação de aclimatação em face da notável característica da "memória" fisiológica adaptativa (Vide: ACLIMATAÇÃO), porém inexpressiva para os objetivos em mente.

A tomada de posição inicial diante do problema pode ser feita através de uma frase feliz de CREFF (1966) sobre as condições de aclimatação da Cidade do México: "... se trata menos de adaptar o atleta à altura do que adaptar o treinamento aos requisitos impostos pela altitude no que respeita à repartição de esforços, aos períodos de recuperação, etc."

Com efeito, desde que se iniciaram as peregrinações experimentais à Cidade do México, como preparativos para os Jogos Olímpicos, ficou patenteada a dificuldade na recuperação dos esforços, não importando fossem de curta ou longa duração. Isto foi interpretado, inicialmente, como uma conseqüência coerente da pressão parcial de oxigênio reduzida: o "pagamento" do débito de O2 demandava mais tempo para se completar. Tão característico era o fato, que ANDRIVET chegou a registrar que o maior problema dos atletas franceses, no que se referia ao treinamento, era o da recuperação após o esforço ou entre dois esforços.

[pp. 31-32] CAMARA DE BAIXA PRESSÃO

A utilização de câmaras de condições ambientais controladas não constitui novidade científica. Já em 1664, registrou-se a construção de um compartimento de pressão variável com comando externo, por um físico inglês chamado HENSHAW. Em 1835, JUNOD, na França, usa pela primeira vez uma câmara de baixa pressão para propósitos terapêuticos. Na atualidade, existem numerosas câmaras desse tipo, a maioria das quais utilizada para pesquisas aeronáuticas e espaciais.

No caso particular do esforço físico em altitudes simuladas, com objetivos de treinamento desportivo, o emprego de tal artifício é bastante recente. Alguns pesquisadores, não são favoráveis à utilização das câmaras para aclimatar artificialmente atletas. O inglês PUGH é de opinião que as condições naturais não podem ser simuladas e, portanto, não aconselhou à Associação Olímpica Britânica a aplicação desse método.

Na verdade, a colocação dos termos do problema nesse sentido é incorreta. É indubitável que as câmaras de pressão não podem substituir o processo natural de aclimatação, porém é certo que influenciam eficientemente parte dos parâmetros fisiológicos envolvidos. O americano BALKE propôs, no Congresso de MACOLIN sobre altitude, o estabelecimento de um método misto – câmara e montanha – para contornar as dificuldades inerentes ao problema. REINDELL, em suas conclusões, prevê o uso das câmaras em FREIBURG, para o preparo, a longo prazo, dos atletas olímpicos, TATARELLI aponta a utilização do artefato para evitar a desaclimatação adquirida em eventuais estágios de treinamento,. Os suecos (SALTIN), os italianos (SCANO) e os franceses (PLAS) vêm utilizando as câmaras para treinamento, testes, experimentações e aperfeiçoamento de algumas funções adaptativas. Os russos construíram uma aperfeiçoadíssima instrumentação, com a técnica assimilada das pesquisas espaciais, montando uma câmara no Estádio Central Lenin, onde LETUNOV (1966) tem realizado, com sucesso, experimentações em torno da altitude do México.

A construção de uma câmara de baixa pressão não oferece grandes dificuldades técnicas. BANISTER (1966) idealizou um sistema que se mostrou bastante eficaz na prática. O compartimento, cujos detalhes esquemáticos podem ser apreciados na figura 3, recebe, através de uma das aberturas, uma injeção de nitrogênio fisiológico inerte, que simplesmente diminui a percentagem de oxigênio do ar ambiente hermeticamente isolado. Uma válvula controla ao mesmo tempo o fluxo de nitrogênio e a altitude simulada. Assim, a relação 20.93°, de oxigênio por 79% de nitrogênio corresponde ao nível do mar, bem como 15°, por 84%, respectivamente, representa uma simulação de 2450 metros de altitude (a pequena diferença para 100°, é constituída de gases raros e CO2). A circulação do ar é feita em circuito fechado, inclusive na aparelhagem de ar refrigerado – que regula normalmente a temperatura em 18/20°C e a umidade relativa em torno de 50° – de modo a permitir a neutralização do CO2, produzido pela respiração, através de uma substância regeneradora.

[p. 33] As conseqüências do uso de aparelhos desse tipo ainda não são em claras; entretanto, alguns treinadores, em trabalhos a curto prazo, obtiveram efeitos fisiológicos específicos de altitude. HOLMAN, por exemplo, trabalhando na Sporthochschule de Colônia, Alemanha, conseguiu "aclimatar" alguns atletas à altitude com o uso de máscaras semelhantes, seguindo um programa de 12 minutos diários em 5 dias na semana, segundo nos relata BANISTER.

[pp. 36-37] Por outro lado, há opiniões especulativas em torno da qualidade da água disponível no local; TARARELLI admite ser este o veículo responsável pela "turista"; THIEBAULT experimentou controlar o uso da água por um grupo de atletas, o que resultou em nenhum caso de diarréia; neste sentido, ficou constatado que a "Água Mineral de Mesa de Tehuacan", de Firma Penafel Etat de Puebla, tem condições de substituir a água de Evian, famosa pela sua pureza (DARTOIS,



1966). Parece, entretanto, haver erro de apreciação dos fatos: o boletim "NOTICIERO OLIMPICO" (n. 14, de 27 de março de 1967) publica documentação circunstanciada e fundamentada provando que a água da capital mexicana possui o índice excepcional de pureza de 100 por cento.

Para aqueles que adquirem a doença, a medida clássica aconselhada é adotar uma dieta branda, com chá, arroz e compota de maçã, conjugada com um calmante (o difenoxilato, por exemplo), evitando a medicação específica (antibióticos, por exemplo) durante 48 horas no mínimo.

No que se refere ao atleta brasileiro não é seguro prever uma maior resistência '{a diarréia mexicana em face da reconhecida característica de certos povos em relação à "turista". O autor deste trabalho assistiu a toda a equipe brasileira de Pentatlo Militar (6 atletas e sedentários) presente ao Campeonato Mundial de 1963, em vários) presente ao Campeonato Mundial de 1963, em Roma, acompanhar as equipes do norte da Europa nos sintomas de diarréia, enquanto os italianos, franceses, gregos e turcos permaneceram praticamente insensíveis ao fenômeno.

De uma maneira geral, as regras que se seguem quanto à alimentação dão uma relativa segurança quando conjugadas com um dos medicamentos citados:

- manter o mais próximo possível uma dieta semelhante à região de origem;
 não adotar nenhum prato típico mexicano;
- não permitir o consumo de saladas, particularmente as temperadas com azeite;
- · descascar todas as frutas ingeridas;
- · não tomar água da bica, a não ser fervida;
- proibir qualquer espécie de líquido (refrigerantes, bebidas típicas, café, chá, bebidas alcoólicas, etc.), sorvetes ou comida a ser ingerida em bares, cafés, etc., fora do local da concentração da equipe.

[pp. 38-42] Para o México, país que é atravessado pelo Trópico de Câncer, e portanto região da faixa tropical e subtropical, tais condições particulares são bastante características. O relevo é extremamente acidentado, formando um conjunto de três grandes bloc9os de altos planaltos e montanhas, separados por extensas depressões (os chamados "bolsones"). Nessas bacias de terreno plano é que se localizam as cidades principais do país, sendo a do centro cognominada de "coração" do México (Planalto de Anauac), onde se situa a capital. Dada a variação de climas em razão da altitude, os mexicanos dividem as diversas regiões de seu país em "tierra caliente", até 800 metros de altura, "tierra templada", até 1700 metros e "tierra fria" acima de 1700 metros (fig. 4).

A Cidade do México – México D.F. – encontra-se na faixa da "tierra fria" a 2240 metros de altitude, numa região geográfica (19° 24' de latitude norte e 99 05' de longitude oeste) onde o inverno é rigoroso apenas por um curto período e o verão é ameno e chuvoso. Esta situação oferece condições climatológicas "magníficas", segundo informa o Boletim do "Comitê organizador de los Juegos de la XIX Olimpiada" (n. 4 de 1966), o que tem sido corroborado por diversas outras fontes de observação.

Segundo os dados oficiais publicados (Referência: Boletim n° 4), durante o outono (época dos Jogos Olímpicos de 1968) o clima da Cidade do México apresenta uma média de temperaturas de 17,5° C, com valores máximos e mínimos de 25 e 10°C respectivamente, apresentando variações que se registram sem modificações violentas (figuras 5 e 6).

As apreciações pluviais são escassas, pois a temporada de chuvas é bem definida: começa em meados de junho e termina em fins de setembro. A umidade relativa durante o mesmo período alcança um máximo de 81% e um mínimo de 58%, com uma média de 69% (no Rio de Janeiro, a média é de 80%). É relevante que durante essa época as condições meteorológicas são bastante estáveis dentro dos limites em consideração.

Tais condições, como nos chama atenção TATARELLI (1966), são semelhantes ás dos ambientes das últimas Olimpíadas, como se pode observar pelo quadro, citando-se dados do autor em pauta:

	TEMPERATURA	UMIDADE	
	Mx	Mn	Mx
Roma	22	11.7	86
TOQUIO	20.6	12.8	88
MÉXICO-DF	21.1	10	83

Assim sendo, é bastante provável que seja encontrado o melhor ambiente possível para a realização do trabalho físico no referente à temperatura e à umidade, cujos valores ideais se situam nas faixas próximas aos 20 C e 50% respectivamente (PEREIRA DA COSTA, 1966). Esta hipótese é confirmada por VENERANDO (1966) que considera o clima da Cidade do México fora do tipo denominado "biologicamente agressivo", e que o único problema em relação ao ambiente atmosférico é o ligado à baixa pressão de oxigênio do ar. Vai mais longe dentro dessa suposição o inglês PUGH (1966), uma das maiores autoridades do mundo em altitude; ele considera viável que os eventos de velocidade, provas de campo e algumas modalidades de "endurance" sejam beneficiadas pelo clima, desde que haja uma aclimatação adequada. No verbete ACLIMATAÇÃO o fenômeno é examinado com maiores detalhes.



[pp. 45-46] PRESSÃO PARCIAL DE OXIGÊNIO

É crença geral, inclusive entre conceituados autores de diversos campos científicos, que a quantidade de oxigênio do ar decresce com a altitude. O fato é que as proporções dos gases que constituem o "ar atmosférico"! são aproximadamente constantes em qualquer altitude. A variação situa-se nas pressões parciais, tendo em conta que a pressão total decresce continuadamente a partir do nível do mar em razão da rarefação. É perfeitamente perceptível que menor quantidade de ar ocupando determinado espaço tenha menor pressão.

Um indivíduo, habitante do nível do mar, respirando o ar rarefeito das alturas, reage, em primeira instância, através de uma hiperventilação procurando captar maior quantidade de ar. Como o trabalho dos pulmões não consegue equilibrar o débito, instala-se uma diferença entre as pressões externa e interna. Essa diferença é que sensibiliza o aparelho círculo-respiratório, criando-se alterações fisiológicas que eliminarão progressivamente o débito de oxigênio.

Neste contexto e para maior entendimento do fenômeno, é digno de menção que os gases que compõem o ambiente atmosférico têm suas pressões parciais modificadas no interior do organismo durante as fases de absorção de oxigênio e eliminação do dióxido de carbono. A pressão total interna, entretanto, mantém-se igual à externa, para que seja possível um equilíbrio no fluxo das trocas. O quadro de STARLING e EVANS a esse respeito é bastante elucidativo:

PRESSÃO PARCIAL EM MM DE MERCÚRIO (1)

	Ar Inspirado	Ar Alveolar (3)	Ar Expirado (4)
Oxigênio	158,3	99,0	116,0
CO2	0,3	39,0	30,0
N2	596,4	577,0	575,0
Vapor d'água (2)	<u>5,0</u>	<u>45,0</u>	<u>39,0</u>
	760,0	760,0	760,0

(1) Nível do mar; (2) Variável com temperatura umidade; (3) 37 C; (4) 35,5 C.

Assim sendo, é correto dizer-se que o organismo humano, em altitude, reage diante da redução da pressão parcial de O2 e não da falta de O2. TROMP, esclarecendo a questão, registra que a percentagem de O2 no ar alveolar, ao nível do mar (pressão do ar = 760mm Hg), é de 14% com uma tensão parcial de aproximadamente 100mm Hg. Isto representa 7% menos que o O2 contido na atmosfera (21%), sendo a pressão parcial igual a 150mm Hg. Com uma pressão atmosférica de 646mm, relativa a uma altitude de 1400 metros, a percentagem de O2 alveolar cai para 13,19%, que é uma diferença bastante diminuta diante da alteração da pressão parcial que nesse caso é 78,6mm. Portanto, é a queda da pressão parcial

nos alvéolos que provoca a deterioração da capacidade de absorção de oxigênio no sangue, estabelecendo o estado de hipoxia, o qual por sua vez, sensibilizará, através da circulação, os centros nervosos desencadeadores do processo de aclimatação.

[p. 47] TESTES

Um conhecimento prévio das reações de um determinado atleta à altitude é de bastante importância no que se refere às decisões de planejamento e organização. Vimos em ACLIMATAÇÃO que há indivíduos que são intolerantes às alturas ao lado de outros de excepcional capacidade de assimilação. Os dados de PLAS são bastante interessantes a respeito: entre 83 atletas franceses submetidos a um reconhecimento à inadaptação, 15 apresentaram reações desfavoráveis.

O teste da câmara de baixa pressão, na atualidade, é o que melhor se apresta a esses objetivos, apresentando uma sistemática bastante simples: o atleta é submetido a uma progressiva e decrescente pressão até o ponto que corresponda a uma altitude elevada, digamos 4000 metros; nesse ínterim é feita a tomada do pulso de minuto a minuto, de forma a estabelecer um gráfico das alterações.

Se o aspecto da curva é ascendentemente uniforme, estamos diante de um caso de tolerância normal; se as alterações são de pequena amplitude ou se o traçado representa um V invertido ou normal., há possibilidade de que o indivíduo em consideração seja resistente à aclimatação. Há variações mais aperfeiçoadas desse tipo de teste, inclusive com cobertura de eletrocardiograma; entretanto, a experiência tem aprovado a rotina mais simplificada.

Um teste antigo, o de WYSS-DUNANT, de eficácia comprovada, ainda recebe guarita de diversas fontes. Seu processamento é o mais acessível e consiste em tomar o pulso pela manhã, antes de levantar, durante um minuto, com o indivíduo em repouso completo.

[p. 52] SÍNDROME DA MUDANÇA CLIMÁTICA VERTICAL

No estudo da ACLIMATAÇÃO foi observado que os habitantes de altitudes elevadas necessitam uma fase de adaptação ao serem levados para o nível do mar. Para esta situação pode-se afirmar, em princípio, que esta fase tem características aproximadamente inversas ao que ocorre com os indivíduos da planície ao se transportarem para as alturas.

O mesmo não acontece, até onde se possa conhecer, com os nativos de médias altitudes (1500/2500 metros) que além de se aclimatarem mais rapidamente a

maiores alturas de seu habitat, retêm, por tempo mais longo, nos níveis mais baixos alguns dos ajustamentos fisiológicos da altitude. Isto lhes facultaria uma notável superioridade em trabalhos de resistência. Alguns famosos atletas da atualidade (BIKILA, KEINO, MEJIA, etc.) vêm confirmando essa assertiva e, nesse contexto, as observações de VELZIAN (1967) são, sobremaneira, conclusivas.

Esse treinador inglês fez um levantamento das possibilidades atléticas dos 14 grupos étnicos habitantes do KENIA (África Oriental), os quais distribuem em regiões de grande variedade de relevo e, consequentemente, de condições climáticas diferentes. As melhores performances de resistência são encontradas entre os KALENJINS, que habitam a faixa de 1500 metros de altitude, enquanto que os LUOS, nativos das planícies ao nível do mar, apresentam as melhores marcas nos eventos de força e explosão.

A necessidade de aclimatação do homem das altitudes elevadas ao ambiente do nível do mar é de longa data reconhecida, especialmente entre os povos andinos, dada a facilidade de acesso a regiões baixas, próximas ao oceano Pacífico (ROCA, 1966). O fenômeno fisiológico mais evidenciado neste caso é o da destruição dos glóbulos vermelhos.

[p. 54] ALIMENTAÇÃO

Paralelamente às considerações apresentadas no estudo das perturbações intestinais (Vide: DIARRÉIA), impõe-se uma análise das condições de alimentação em altitude.

A vista dos dados à disposição, pode-se afirmar que o conhecimento sobre o assunto é ainda bem restrito. Sabe-se, em princípio, que o metabolismo basal não se altera até a altura de 1700 metros (VERZAR, DOETSCH e VOGTLI, 1945), experimentando um ligeiro aumento em níveis mais elevados (PLAS, 1966). Assim, os valores em calorias para a alimentação dos atletas devem ser ligeiramente aumentados para a altitude da Cidade do México.

Sob o aspecto qualitativo as informações são incompletas ou divergentes. Se as conclusões de THIEBAULT (1966) são corretas, é necessário adaptar as relações proporcionais entre glicídios, protídios e lipídios para a situação de atmosfera encontrada a 2240 metros; deve-se aumentar a taxa de glicídios, levando-se em conta os dados do nível do mar. A interpretação do pesquisador francês é de que os glicídios constituem o combustível apto a reduzir os efeitos nocivos da hipoxia, tendo em vista que seu catabolismo necessita menos oxigênio em comparação aos outros nutrimentos. DEBERRE (1966) concorda com essa assertiva e experimentou rações desequilibradas no sentido dos glicídios com atletas franceses no México, parecendo obter mais vantagens no aproveitamento atlético. Outro dado

convergente e mais preciso nos é oferecido por VIOLETTE (1967), que observou uma tendência espontânea para alimentos carboidratados entre 34 atletas de diferentes modalidades, submetidos a experimentações em FONT ROMEU.

De nossa parte, podemos aduzir que é preciso ter em mente o papel importante dos protídios, além dos glicídios, para a situação de esforço. Se levarmos em conta o registro de GRANDJEAN, BONI e MORIKOFER (1957), teremos uma assimilação maior de protídios em altitude e, desta forma, só nos resta reduzir a proporção de lipídios em favor dos outros nutrimentos. Assim, ganha importância o cuidado da escolha dos alimentos para a compensação da dieta.

Proporíamos, então, um quantitativo de 5100 calorias para os atletas masculinos e de 3800 calorias para as do sexo feminino (normal: 5000 e 3750, respectivamente)(, derivando a proporção habitual de 55% de glicídios, 15% de protídios e 30% de lipídios, para 65%, 20% e 15%, respectivamente.

[pp. 57-58] ALTITUDE TRAINING

O Altitude Training é um método desenvolvido no Brasil (PEREIRA DACOSTA, 1967) e estabelecido em caráter experimental em face da necessidade de aperfeiçoamento e observação a longo prazo. Surgiu durante a procura de soluções para o problema da deterioração da performance nos ambientes tropicais.

Em princípio, nesse novo método, a altitude atuará como uma "carga" de um exercício qualquer. Como se sabe, o rendimento obtido pela aplicação de diferentes cargas estará na razão direta da dosagem: se for aplicada gradativamente será assimilada e, se for excessiva, se instalará um estado de inibição ou proteção. Simultaneamente com esse processo será executado um outro trabalho de contra-resistência, no qual o agente "stressor" será o esforço de subir correndo uma montanha. Desta forma, é de se esperar adaptações funcionais específicas às resistências oferecidas pela altitude e pela dificuldade de progressão no terreno inclinado e não as modificações de natureza fisiológica, normalmente observadas no fenômeno da aclimatação.

Fundamentalmente, a exploração da altitude para esse tipo de preparação física não se resume em treinar nas alturas, mas sim passar de um nível para outro de modo a encontrar uma progressiva queda na pressão parcial de oxigênio.

Se um atleta desenvolver um esforço em determinada altitude, ou sobre uma amplitude de variação pequena, o organismo tende a se aclimatar aquele nível cessando após algum tempo o efeito "stressante". Além disso, a simples remoção do atleta para lugar elevado criará um estado inicial protetor, de duração variável e individualizado, que impedirá, por algum tempo, um máximo rendi-

mento no que se refere ao fator "quantidade de trabalho". Se bem que as adaptações fisiológicas oriundas da aclimatação, neste novo lugar de treinamento, darão origem a uma performance melhorada em níveis mais baixos, a vantagem será transitória, desaparecendo ao fim de alguns dias.

A amplitude funcional de diferenças de níveis para a obtenção de um efeito "stressante" decresce com a altitude, desde que a capacidade de trabalho é inversamente proporcional à altura. Até onde se pode observar, e de acordo com as necessidades de quantidade de trabalho no treinamento, o maior rendimento deve ser produzido pelo esforço executado entre 500 e 1500 metros acima do nível do mar, percorrendo-se uma distância de 20 a 40 quilômetros entre os dois pontos., levando-se em conta a subida e a descida. A isto se acrescenta o detalhe da individualidade de reações, tanto pelos efeitos da altitude como pela distância percorrida. Um outro esquema de trabalho, para indivíduos habitantes de locais elevados, seria subir a distância programada numa menor amplitude de variação de níveis; assim, por exemplo, um atleta que vive a 1500 metros subiria até 2000 metros, através de um percurso menos íngreme., de qualquer forma somente uma experimentação no local escolhido determinará essa amplitude, principalmente acima de 2000 metros, em obediência a reconhecida e pronunciada reação individual à altura.

O ALTITUDE TRAINING é, por suas características, um método de trabalho misto, já que o uso da altitude somente desenvolve a RESIST~ÇENCIA e a ENDURANCE, A VELOCIDADE, a FORÇA, a COORDENAÇÃO – RITMO para o caso particular das corridas de fundo e meio fundo – e a RESISTÊNCIA, objetivada isoladamente, devem ser desenvolvidas através dos processos usuais de trabalho: repetições de corridas de velocidade em pequenas distâncias, exercícios com pesos e repetições cronometradas de intensidade submáxima em distâncias médias.

As cargas de altitude deverão ser aplicadas individualmente, dependendo da capacidade do atleta e do nível de onde partirá o esforço de subida. O número de cargas num programa de trabalho depende do grau do desenvolvimento da RESIS-TÊNCIA – ENDURANCE em relação às outras qualidades visadas pelo treinamento. Esta dosagem dependerá essencialmente na avaliação do treinador em manter o equilíbrio dos pontos visados. Observou-se em várias oportunidades que o excesso de número de cargas produz uma diminuição considerável na VELOCIDADE, embora a aplicação de três vezes por semana, num grupo de atletas que realizou um trabalho misto, nenhuma conseqüência extraordinária tenha trazido. O melhor sistema parece ser alternar as cargas de altitude com as cargas de intensidade na corrida, completando-se com cargas de contra-resistência (peso).

[pp. 59-60] O ALTITUDE TRAINING pode ser uma solução eficiente para regiões tropicais e subtropicais onde existam montanhas e que se queira elevar o nível de possibilidades em relação à RESISTÊNCIA e à ENDURANCE. No caso particular do Brasil, essa viabilidade é excepcional: um relevo acidentado se estende pela costa e penetra pelo interior na área de maior desenvolvimento e concentração

populacional (RIO DE JANEIRO, MINAS GERAIS, SÃO PAULO, SANTA CATARINA e PARANÁ). Além dos microclimas temperados dos perenes encontrados nesta região, e que poderão servir de nível-base para o treinamento de atletas excepcionais, são encontrados sítios apropriados, dentro ou nas proximidades das grandes cidades, para a organização de um treinamento em massa.

A escolha de locais apropriados, para as regiões quentes e úmidas de um modo geral, necessita ser feita através de um levantamento geodesportivo, cujos principais pontos a serem examinados são:

TEMPERATURA – de um modo geral o decrescimento da temperatura com a altitude corresponde a 1°C por 150 a 200 metros de elevação. No Brasil, segundo DELGADO DE CARVALHO, esse gradiente situa-se entre 0,53 e 0,58 graus centígrados por cada 100 metros. Esses valores são maiores no inverno – ao contrário das regiões temperadas – que deverá ser, assim, programado como época-base para o calendário anual do treinamento.

[pp. 61-62] VEGETAÇÃO – a vegetação oferece as mais favoráveis condições biofísicas e psicológicas para aumentar o rendimento do trabalho. O esforço físico realizado em ambientes naturais – longe dos ginásios e pistas de atletismo – é reconhecidamente mais proveitoso, haja vista a existência de métodos de treinamento que exploram seus benefícios como o "FARTLEK" de COSTA HOLMER ou o CROSS PROMENADE de MOLLET. O argentino TORTORELLI, a propósito, aponta, entre inúmeras razões positivas, a absorção das impurezas do ar, a neutralização os ruídos e o efeito de tranqüilidade e repouso que proporciona o predomínio da cor verde. Esse efeito tonificante encontrado nas florestas tornase bem mais importante no treinamento desportivo das áreas subtropicais. Absorvendo a radiação solar e atmosférica, uma área arborizada apresenta sempre uma temperatura mais baixa que um descampado. Uma elevação coberta de bosques tem esse efeito somado ao da altitude, auxiliando a compensação ambiental à fadiga do esforço em execução.

A diferença característica entre as florestas temperadas e as subtropicais, no que se refere aos efeitos fisiológicos, parece residir na ação dos aerossóis florestais, que são partículas microscópicas de substâncias resinosas em estado de suspensão. De acordo com TORTORELLI (1966), no primeiro tipo os bosques são, em geral, constituídos de uma espécie de árvore (coníferas, em sua maioria) que dá origem a um ar específico determinado pelos aerossóis corresponde tes. Estes produzem estímulos positivos e – bem mais raros – negativos, através de uma ação indireta sobre os sistemas nervoso e cardíaco (daí a razão da existência da AEROSSOL-FLORESTAL-TERAPIA).

Como nos bosques tropicais a vegetação se destaca pela multiplicidade de espécies, parece ser evidente que haverá sempre um efeito benéfico, pois as partículas positivas constituem a maioria dos aerossóis florestais.

O autor deste trabalho teve oportunidade de recolher impressões subjetivas entre o treinamento realizado num bosque temperado, considerado teoricamente o ideal para a atividade muscular (HONEFOSS, NORUEGA, verão de 1964) e o aplicado dentro de um ambiente vegetal subtropical (SUMARÉ, RIO DE JANEIRO, outono de 1965 e 1966). Pelo que se pôde observar os atletas consideraram menos monótono este último tipo, tanto pela variedade da vegetação como pela agressividade da paisagem; a alternância de espaços fechados – copas das árvores se tocando que, em certos trechos, dão a impressão de verdadeiros túneis de vegetação – com espaços abertos é o toque peculiar do bosque de médias altitudes subtropicais, parecendo ter um efeito mais favorável sob o aspecto psicológico.

CIDADE E ARREDORES – a variação de temperatura produzida pela localização de centros populosos pode ser relevante em determinados casos, para a programação do treinamento. DUCKWORTH e SANDBERG constataram que a temperatura de uma cidade é proporcional à área edificada e à densidade populacional, condicionando a temperatura dos arredores. De um modo geral, a cidade é mais quente à tarde do que os arredores, acontecendo o contrário pela manhã. Assim, é uma boa norma programar as sessões de treinamento – tanto os de pista como os de montanha – bem cedo pela manhã, caso o local disponível seja dentro de uma cidade, ou ao anoitecer, se for nos arredores.

Como qualquer outro método de treinamento, o ALTITUDE TRAINING é apenas um meio e não um fim em si próprio. Portanto, é importante e conclusivo ressaltar que o rendimento estará na razão direta do cuidado dos fatores constitutivos do chamado TREINAMENTO TOTAL (MOLLET, 1963), que incluem, além do desenvolvimento das qualidades físicas, a cobertura médica, social e psicológica, e o apuro da técnica – calendário anual, uso do material, programa de viagens, aclimatação, local e disciplina da concentração, aquecimento, competição, etc. Dentro desta forma fundamental, o exame dos fatores envolvidos e da programação funcional respectiva foge ao escopo do presente trabalho e deve ser deixado ao livre arbítrio do responsável pelo treinamento.

[pp. 64-65] PREPARO PSICOLÓGICO

As alterações importantes das funções psíquicas aparecem somente em elevadas altitudes (FOLK, 1967); entretanto, para a altura da Cidade do México (2240 metros) aparecem resquícios dessas influências dignos de nota.

De um modo geral, o indivíduo transportado do nível do mar para a montanha se adapta a um ambiente menos propício à atividade. As reações físicas e psíquicas tornam-se mais lentas do que na planície (TATARELLO, 1966), embora não afetando a exatidão (GRANDJEAN, BONI e MORIKOFER, 1957). O teste de RORSCHACH, aplicado nessas condições constata dificuldades em conceber abs-

tratamente, regressão da personalidade a um estado primitivo e um certo grau de viscosidade mental (MUMENTHALER, 1955).

STEPHAN (1966), realizando medições de excitabilidade nervosa em atletas franceses no México, comprovou essas condições, embora fazendo reservas quanto à influência da fadiga do treinamento no fenômeno. Por outro lado, THIEBAULT (1966) prefere examinar o aspecto psicológico das influências da altitude através do pormenor intensamente registrado de que, paralelamente ao fenômeno da desaceleração biológica, os indivíduos apresentam-se mais irritáveis. Isto é característico também nos animais em altitude (FOLK) e explica-se fisiologicamente pela redução da pressão parcial de nitrogênio do ambiente atmosférico modificado das alturas (THIEBAULT). O eminente cientista francês prescreve, assim sendo, uma explicação para cada atleta, de que se trata de uma reação normal orgânica e a utilização da psicoterapia em grupos para neutralizar as influências sobre os conjuntos, principalmente quando houver o "stress" da competição. Para isso, a ação e o gabarito dos dirigentes e treinadores é de capital importância.

Ainda neste contexto, o ponto crítico a relevar é o medo das alturas. GODDARD (1966) observou que nas notáveis variações individuais do processamento da aclimatação, ao lado dos fenômenos fisiológicos, havia possibilidade da existência de fatores implícitos de natureza psicológica. Todos os estudos realizados no México são concordes em ressalvar a influência negativa das especulações sobre a altitude nos resultados atléticos. A tonalidade dos comunicados na imprensa, as informações generalizadoras e, mesmo, a divulgação de dados incompletos têm provocado a manutenção desse clima. É de se esperar que não haja modificações até a realização das próximas olimpíadas.]desta forma, é absolutamente essencial a programação de um preparo psicológico para qualquer tipo de modalidade. O atleta precisa chegar no local da competição perfeitamente informado dos efeitos da altitude, principalmente no referente aos falsos malefícios para a saúde: trata-se tão-somente de uma adaptação a um novo ambiente e a uma maneira diferente de realizar o esforço.

[pp. 69-71] FUTEBOL: Os problemas a serem enfrentados por essa modalidade são muito bem colocados pelo editorial "México: Quels sont les problèmes qui s'y présemteront?", publicado no Bulletin Officiel de l'Union des Associations Européennes de Football (n° 37, desembro de 1966): "Inicialmente é preciso rejeitar a idéia que a aclimatação é necessária exclusivamente para os atletas de eventos contínuos de resistência; além disso, é preciso encontrar uma solução para a imprevisível variação individual à adaptação do esforço em altitude, que acarretará possivelmente uma perda na harmonia do conjunto; o terceiro ponto vital é o do período de aclimatação no local para o melhor rendimento possível".

Dentro desse contexto poderíamos aduzir uma quarta questão, normalmente levantada pelos dirigentes e técnicos brasileiros, que parece ser também habitual no estrangeiro, segundo podemos deduzir das palavras do inglês WALTER WINTERBOTTON (Foot-ball Association Year Book, 1966-67): "O problema crítico para as equipes qualificadas para as séries da Copa do Mundo de 1970 será o dos locais dos jogos. Não se poderá programar todas as partidas na Cidade do México: algumas serão realizadas ao nível do mar, não dando o tempo necessário para as adaptações".

Recentemente, a Federação Mexicana de Futebol conferiu com as previsões citadas ao propor à FIFA os locais para as sede e subsedes do Campeonato de 1970: Cidade do México, Guadalajara, Puebla, Monterrey e Leon (opções propostas: Jasso, Estado de Hidalgo e Veracruz), todas cobrindo variações de altitude do nível do mar a 2240 metros.

A vista dos dados até aqui expostos, podemos propor algumas linhas de ação, em termos gerais, tanto para os Jogos Olímpicos como para a Copa do Mundo de 1970, no sentido de solucionar essas dificuldades:

- a aclimatação à altitude e a adaptação à situação particular da execução de esforços, num ambiente de pressão parcial de oxigênio reduzida, são imprescindíveis para as modalidades onde se misturam trabalhos aeróbicos e anaeróbicos; no futebol principalmente, onde as distâncias a percorrer e os piques de velocidade são mais importantes do que no Basquetebol e no Volibol, por exemplo, esses dois fatores precisam ser aperfeiçoados a longo prazo, de modo a criar reflexos da movimentação, uma técnica especial e, possivelmente, uma tática ajustada à queda do ritmo prevista para o ambiente hipóxico (Vide: ACLIMATAÇÃO e DETERIORAÇÃO DA PERFORMANCE);
- um trabalho a longo prazo, por sua vez, permitirá a observação particular de cada jogador no que se refere à sua adaptação relativa aos esforços executados em altitude, já que sabemos que o melhor atleta ao nível do mar nem sempre é o mesmo em altitude; isto permitirá uma seleção no sentido de se evitar a quebra da harmonia do conjunto, tanto sob o aspecto do preparo físico como psicológico; é fora de qualquer dúvida, outrossim, que a forma física deverá Ter lugar prioritário na preparação da equipe;
- a aclimatação no Brasil poderá ser feita "em degrau", em Campos do Jordão, por exemplo, seguindo-se de um possível estágio numa cidade andina que esteja situada na faixa 2400 / 2800 metros. Bogotá, caso haja condições; no México, o local de concentração deverá ser também dentro dessa faixa e num período mínimo de 3 semanas; não haverá cuidados quanto aos propalados efeitos de subidas e descidas consecutivas: a aclimatação em nível mais elevado somente trará benefícios atléticos na planície ou nos níveis intermediários os suecos (SALTIN, 1967), numa experiência de controle rigoroso, comprovaram que uma descida ao nível do mar durante 40 horas, no período de aclimatação a 2240 metros, não trouxe influências na continuidade do processamento da aclimatação ao nível mais elevado;

· os efeitos de jogos nas subsedes de níveis mais baixos serão também destacados no que se refere à temperatura e à umidade: neste particular, os brasileiros, e outras equipes de países tropicais, serão certamente beneficiadas; o calendário proposto estabelece as datas das partidas durante o mês de junho (época de verão no hemisfério norte), quando as temperaturas durante o dia, nos planaltos, marcam fregüentemente valores na faixa de 30°C; o mesmo não acontecerá durante os Jogos Olímpicos, quando a temperatura amena criará necessidade de aclimatação - sem levar em conta altitude que atinge a todos - para os originários dos trópicos e subtrópicos; é interessante registrar que na excursão do selecionado inglês ao México, em 19549, o fator relevante do baixo índice de produção foi a temperatura e não a altitude (Football Association Year Book 1959):

NATAÇÃO E PÓLO AQUÁTICO: Essas duas modalidades, sem embargo, serão as mais afetadas pela altitude; somente as provas na distância de 100 metros têm condições de permanecer inalteradas, assim mesmo com reserva; os franceses (BISSON, 1966) observaram, no México, que as braçadas, de um modo geral, sofrem variações deterioradoras do estilo e da performance, e que as viradas são imperfeitas em razão da dificuldade das pernas executarem um impulso normal: COUNSILMAN (1967), por sua vez, uma das maiores autoridades mundiais no assunto, teve oportunidade de levar os campeões americanos KEVIN BERRY (200 m borboleta), ROBERT ANDLE (1500 metros) e CHET JASTREMSKI (200 m peito) "a Cidade do México para um período de experimentações, cujas condições mais importantes se apresentaram como se segue:

- todas as distâncias acima de 100 metros apresentaram rendimento inferior ao normal; essa deterioração era mais evidente à medida que as distâncias aumentavam e era também acompanhada opor um aumento progressivo do número de braçadas necessárias para cobrir as distâncias consideradas em relação ao nível do mar;
- nos treinamentos, os nadadores puderam executar repetições de 50 e 100 jardas em tempos semelhantes aos do nível do mar quando o intervalo foi aumentado (para as 50 jardas o acréscimo foi de 35 segundos); distâncias maiores, nesse tipo de treinamento fracionado, mostraram-se impraticáveis;

[pp. 73-78] CONCLUSÕES

1. A altitude, observada isoladamente, não causa nenhum dano físico, Há evidências consideráveis que a maioria dos acidentes foram produzidos pela ultrapassagem da barreira das possibilidades cujos limites se acham reduzidos pelas condições intrínsecas do ambiente atmosférico da altitude; os atletas desconhecedores das características deterioradoras da pressão parcial de oxigênio diminuída em relação aos esforços prolongados, e ainda não-aclimatados num grau satisfatório, empenhar-se-iam no mesmo ritmo ou na mesma proporção condicionados em níveis inferiores, originando, em consegüência, um estado de fadiga que os conduziria a desmaios, dores de cabeça, vômitos, náuseas, etc. Assim sendo, a problemática se resume no apuramento da forma física, adaptação às condições de esforço na altura em evidência e uma aclimatação adequada.

- 2. Os atletas brasileiros precisarão de um maior período de aclimatação do que aqueles oriundos de regiões de clima temperado. Além da altitude é necessário considerar que os valores do conjugado temperatura/umidade, na época setembro/outubro no local, situam-se fora da faixa das zonas de conforto dos habitantes dos trópicos e subtrópicos. É previsível que os atletas do sul do País encontrem mais facilidade nesse processamento. Provavelmente o tempo funcional de aclimatação ou seja, o período mínimo para se obter o máximo de eficiência nas novas condições ambientais será de 3 a 5 semanas. Entretanto, um escalonamento de 2 a 3 semanas numa região de altitude até 2800 metros assim como pequenos estágios de treinamento e competição em montanhas oferecerão melhores condições para esse processamento.
- 3. Possivelmente a maioria dos trabalhos de pesquisas realizados no México sobre a aclimatação sofreram desvios consideráveis, em face das conseqüências da mudança dos fusos horários. Nossas experimentações específicas sobre essas alterações em torno dos mesmos parâmetros fisiológicos observados no México, em relação a uma região ao nível do mar, situada a 4 fusos horários para leste e com condições climáticas semelhantes, mostraram variações particularmente notáveis. Em que pese a imponderabilidade da experimentação biometeorológica e a reserva a tomar à vista desses resultados, é aconselhável condicionar nossos atletas, a longo prazo, ao horário mexicano.
- 4. A preparação física é absolutamente prioritária no programa de treinamento. Este, por sua vez, deverá estar ajustado no que se refere às cargas e aos intervalos quando dos estágios na montanha e durante o período de aclimatação ao local.
- 5. As câmaras de baixa pressão são úteis no preparo e na observação do atleta às condições de hipoxia. Embora não podendo simular o ambiente visado pela aclimatação, atingem satisfatoriamente alguns dos parâmetros fisiológicos envolvidos no processamento, como também oferecem meios eficientes de testar as reações individuais às alturas.
- 6. As medidas preventivas em relação à diarréia deverão ser planejadas e postas em execução a partir do dia do embarque. É preciso ressalvar que o aparecimento desse mal tem condições de alijar o atleta da competição, bem como a possível resistência dos atletas brasileiros à "turistas" não merece confiança. Normas rígidas de disciplina no uso de alimentos e bebidas se impõem como segurança.
- 7. O baixo índice de umidade do ar provocará uma situação permanente de desidratação. Os atletas deverão ser orientados no sentido de beber água de

preferência entre as refeições. É aconselhável, outrossim, a instalação de aparelhos portáteis de umidificação nos quartos durante a noite.

- 8. Qualquer distúrbio orgânico diminui a velocidade de adaptação à altitude, sendo, nesse caso, prioritária a vigilância clínica. Atletas possuidores de anomalias, antes da viagem, devem ser eliminados da delegação e a vacinação deve ser programada com bastante antecedência.
- 9. A alimentação nas alturas deve ser feita escolhendo-se preferencialmente os glicídios. É de se esperar um aumento quantitativo no consumo e falta de apetite no jantar para os atletas brasileiros durante o período de adaptação no México.
- 10. O método ALTITUDE TRAINING usa a altitude como "carga" no desenvolvimento das qualidades de resistência e "endurance". Fundamentalmente, a exploração da altitude para esse tipo de preparação física não se resume em treinar nas alturas, mas sim passar de um nível para outro, de modo a encontrar uma progressiva queda na pressão parcial de oxigênio. Se um atleta desenvolver um esforço em determinada altitude, ou sobre uma amplitude de variação pequena, o organismo tende a se aclimatar àquele nível, cessando, após algum tempo, o efeito "stressante". Portanto, trata-se de um método "de altitudes" e não "para altitudes". Para a situação particular da Cidade do México esse sistema somente surtiria os efeitos esperados na faixa 2240/2800 metros, fora, desta maneira, das condições topológicas brasileiras.
- 11. A massagem é mais importante em altitude do que ao nível do mar. Deve ser prescrita sempre após treinamentos ou competições, para acelerar a recuperação muscular dos atletas.
- 12. O preparo psicológico é absolutamente essencial para as competições no México. A desinformação e a deturpação dos fatos podem criar prejuízos decisivos na atuação atlética.
- 13. As modalidades que se utilizam de um esforço constante dos braços precisam ser ajustadas no treinamento com referência à resistência muscular localizada dos membros superiores.
- 14. Para o Campeonato Mundial de Futebol de 1970, a concentração da Seleção Brasileira deverá ser feita na cidade mais elevada da série dos jogos, para não sofrer as conseqüências negativas da variação da pressão parcial de oxigênio. Considerando-se a época dos jogos junho -, é de se esperar uma vantagem para os oriundos de climas tropicais, não levando em conta a aclimatação específica para a altitude.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original constante no início do texto]



Ano: **1981**

Publicação original: capítulo de livro

Formato da contribuição: texto resumido do capítulo, focalizando os princípios do Esporte para Todos relacionados ao meio ambiente.

Fonte: "Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa", Lamartine P. DaCosta (Ed.), Rio de Janeiro: Palestra Edições, 1981, pp. 9 – 29.

E-mail do autor: dacosta8@terra.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Doutor em Filosofia e LD em Administração do Esporte, PPGEF-Universidade Gama Filho / Rio de Janeiro.



Princípios do Esporte para Todos

Lamartine P. DaCosta

A demanda social de práticas esportivas é crescente em todo o mundo. Tratase de uma tendência tanto vinculada à valorização do tempo de lazer como à busca de atividades ao ar livre. Por outro lado, as pressões da vida moderna provocam solicitações das pessoas por contato social e por compensações de exercícios físicos; citações das pessoas por contato social e por compensações de exercícios físicos; assim a sociabilização e a forma física são os esteios do esporte moderno, visto do lado da prática em massa e paralelamente às versões mais tradicionais de alta competição e do escolar. "O Esporte para Todos" (EPT) é um movimento que visa o encontro com essas solicitações, hoje categorizadas como esporte de massa e comunitário.

ORIGENS

No Brasil o Esporte para Todos nasceu com a versão não-formal do futebol – a pelada – entre 1910 e 1920. Na década dos anos 30 a Escola de Educação



Física do Exército introduziu a Colônia de Férias, seguindo-se as Ruas de Lazer da antiga Divisão de Educação Física do MEC, no final dos anos 50. A partir de 1973 iniciou-se um movimento pela expansão do EPT que redundou no seu reconhecimento legal em 1975. Neste mesmo ano foi lançada a campanha MEXA-SE pela televisão; em 1977 a campanha ESPORTE PARA TODOS implantou o EPT em todo o país (SEED-MEC/MOBRAL/SECRETÁRIAS DE EDUCAÇÃO), transformando-se em movimento a partir de 1979 de diversas entidades e pessoas reformistas.

DEFINIÇÕES

A experiência brasileira já com 70 anos indica que o EPT tem sido um meio termo entre as modalidades esportivas tradicionais e os jogos informais, ou seja, atividades com um mínimo de organização e de técnica que permitam um máximo de participação. Então, numa primeira aproximação, entende-se o EPT no Brasil como o conjunto de todas as atividades esportivo-recreativas que visem, em graus diferentes, a sociabilização e a forma física dos praticantes; que ocorrem em locais e equipamentos improvisados e sob orientação ou auto-condução simplificada; e que tenham acesso a todos os grupamentos naturais da sociedade, sem limitações excessivas de condições econômicas, de sexo ou de faixa etária. Ainda numa perspectiva mais ampla: o EPT é qualquer atividade esportiva que não seja praticada nas condições do alto nível, mas que lhe possa servir de apoio quando assim for desejável. [Fim p. 10 – Continua p. 22]

DECÁLOGO DO ESPORTE PARA TODOS

Em 1977, como decorrência do PNED, foi deslanchada a campanha "Esporte Para Todos" em todo território nacional, tendo como veículo o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), assumindo-se então os *objetivos* característico de esporte de massa, nas suas diversas dimensões de atendimento:

1. Lazer

Orientar o tempo livre para a prática esportiva com prazer e alegria de modo voluntário e sem prejudicar as demais possibilidades educacionais e culturais.

2. Saúde

Criar oportunidade de melhoria de saúde do povo, no que se refere à prática de atividades física e recreativas, nas medidas possíveis e adequadas às condições locais das diferentes comunidades.

3. Desenvolvimento Comunitário

Aperfeiçoar a capacidade de organização e mobilização das comunidades para o trabalho em conjunto, em mutirão e dentro do necessário sentimento de vizinhança, de bairro, de região e de Município.

4. Integração Social

Estimular a congregação e a solidariedade popular, dando ênfase à unidade familiar, às relações pais e filhos, à participação feminina e à valorização da criança e do idoso.

5. Civismo

Reforçar o sentimento de povo, de nacionalidade e de integração nacional.

6. Humanização das Cidades

Criar meios de prática de esportes recreativos com participação de grande número de pessoas, para conscientização geral quanto aos benefícios de áreas livres nos grandes centros urbanos.

7. Valorização da Natureza

Orientar a prática esportiva ao ar livre, principalmente nas crianças, de maneira a dar valor e a preservar áreas verdes, parques, bosques, florestas, praias, rios, lagos, etc.

8. Adesão a Prática Esportiva

Criar oportunidades e atividades esportivas simples e improvisadas de modo a ampliar o número de praticantes, diversificar esportes a serem praticados e aumentar o uso das instalações e áreas já existentes.

9. Adesão ao Esporte Organizado

Motivar, através do contágio de emoções da prática com grande número de pessoa, o apoio e a participação nas atividades da Educação Física estudantil e do esporte em clubes e outras entidades.

10. Valorização do Serviço à Comunidade

Congregar o apoio popular às entidades públicas e privadas que participam dos mutirões esportivos.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original constante no início do texto]



Formato da contribuição: texto resumido da introdução sem referêcias bibliográficas

Fonte: "Parque de lazer e de Esporte para Todos", Jürgen Diekert e Floriano Dutra Monteiro (Eds.), Santa Maria-RS: Ministério da Educação e Cultura/ Sub-secretaria de Esporte para Todos & Universidade Federal de Santa Maria

Colaboradores: Wilton O. Trapp; Pepe Reyes; Jaime Mazzuco; Augusto Sachs; Juan E. M. Oliveiras; Luiz Angelo M. Gandolfi; Altamiro Gebert; Valdir Lazzarin; Magali L. Luz (Centro de Educação Física – UFSM)

Títulos acadêmicos principais: Dr. Dieckert - Professor visitante da UFSM e professor da Universidade de Oldenburg - Alemanha; Ms Floriano - professor da graduação em Educação Física na UFSM e mestrando em Educação Física à época da publicação do livro origem do texto abaixo.



Parque de Lazer e de Esporte para Todos

Jürgen Diekert & Floriano Dutra Monteiro

PRFFÁCIO

Lamartine P. DaCosta

Nos últimos anos uma cena se tornou comum em todos os quadrantes do Brasil: a do praticante de esporte, de jogos e de brincadeiras que utiliza a rua, a praia, a as estradas e os campos nas suas oportunidades de lazer.

São corredores, jogadores, nadadores, ginastas ou simples participantes de folguedos que não se limitam a clube, quadras, ginásios, escolas e outros recintos fechados, buscando ambientes comunitários, espaços abertos, lugares de maior liberdade de ação.

É só olhar em torno, no nosso dia-a-dia, que deparamos com um novo estilo de viver que também se reflete na televisão, revistas, jornais, rádio, etc. E neste caso não há desigualdades sociais, de sexo, de idade, de condição ou apresentacão física. Trata-se de um fenômeno social que envolve a todos indistintamente.

[Fim 1 p. – Continua 2 p.]

O EPT brasileiro, com proposições e alguma sistematização teórica, já existe há alguns anos mas sempre sofreu críticas ou simplesmente desinteresse por parte da maioria dos profissionais. Essas formulações foram feitas com base em iniciativas isoladas de popularização do esporte que estão acontecendo desde o final da década de 60. Mas, agora, os impedimentos típicos à inovação que representava o EPT já não fazem sentido. Desde março de 1983, os países membros da UNESCO elegeram as suas prioridades até o ano 2000: a Educação Física escolar e o Esporte Para Todos, numa simultânea perspectiva educacional e social.

Assim sendo a nossa experiência permite entender o Esporte para Todos através de atividades físicas sem excessos de formalizações, com regras simples e flexíveis nos jogos ou com padrões simplificados na movimentação individual, reduzindo-se as pressões características da competição e do seu treinamento. É o esporte mais recreação do que seleção dos mais capazes, praticado nas praias, parques, jardins, ruas, campos ou onde haja um mínimo de espaço. É a atividade ajustada para a maior participação possível, sem limite de sexo, idade ou condicão social. Por outro lado, não depende de equipamento sem instalações especiais, usando de preferência materiais locais adaptados e o chamado espaço comunitário, ou seja, aquele de acesso a qualquer pessoa.

[Fim 3 p. – Continua 4 p.]

À vista desses propósitos apresente obra constitui um modelo a ser seguido: ele transmite a concepção teórica devidamente temperada com a abordagem comunitária. Temos a técnica equilibrada com participação. Temos a proposta legitimada pela consulta. Enfim: temos um encontro de profissionais com a população, exatamente nos ideais da futura Educação Física e dentro dos princípios do Esporte para Todos.

Os autores, evidentemente, orientaram-se através das citadas perspectivas desejáveis para o EPT: a do realizador e do praticante. No primeiro caso encontramos extensa fundamentação que servirá para referenciação e consultas, na Segunda alternativa, temos variados aspectos metodológicos de atividades nãoformais e respectivas possibilidades de apoio material, através de tecnologia tradicional ou popular.



Além disso, só nos resta repetir a pergunta: O que o EPT pode fazer por meu grupo ou minha comunidade?

1. INTRODUÇÃO

Este livro apresenta um modelo e PARQUE DE LAZER E DE ESPORTE PARA TODOS como uma proposta.

O presente modelo foi elaborado, a través de um planejamento científico, onde foram aplicados critérios básicos para um desenvolvimento de instalações esportivas e recreativas, bem como para sua organização e uso.

Para tal, o trabalho foi dividido em duas partas, denominadas Parte I e Parte II.

A parte I é composta da metodologia do planejamento, com todos os critérios e plantas para um planejamento de parque.

Na parte II é apresentada a aplicação prática dos critérios em uma realidade brasileira: na cidade de Santa Maria. Rio Grande do Sul.

Como um modelo, o novo PARQUE DE LAZER E DE ESPORTE PARA TODOS, necessita, no momento de sua aplicação, de modificações, respeitando as condições locais e os interesses do seus futuros usuários.

[Fim p. 17 - Continua p. 21]

2.1.1 Objetivos Gerais

Os objetivos gerais são os primeiros passos que um agente ou uma entidade pública ou privada deverá percorrer para planejar e realizar a construção de um parque.

Os objetivos para este modelo de PARQUE DE LAZER E DE ESPORTE PARA TODOS são:

- oferecer à população um Parque aberto a todas as faixas etárias, de ambos os sexos, para o indivíduo e para grupos (famílias, vizinhos, amigos, colegas, etc.) de um bairro ou uma quadra;
- oportunizar a utilização regular de um ambiente ao ar livre, que produza a sensação de bem-estar;

- estimular as diferentes formas de movimento, de atividades físicas, de jogos, de recreação, de lazer e de recuperação;
- oferecer um local com muita natureza, com instalações e aparelhos simples, de baixo custo, preferindo material natural e reciclável;
- oferecer um Parque com a participação e a identificação dos usuários no campo de planejamento, de organização e de manutenção;
- dinamizar a vida comunitária, através da integração social do seus usuários, oportunizando o desenvolvimento de um Centro Comunitário de um bairro e/ ou quadra.

[Fim p. 21 - Continua p. 23]

2.1.3 Levantamento do Local

A consulta e a interpretação do Plano Diretor de uma cidade, normalmente possibilita o entendimento sobre todas as condições e detalhes de um bairro, facilitando o trabalho de planejamento de um PARQUE DE LAZER E DE ESPORTE PARA TODOS. Sobre o bairro, ou a quadra é importante saber:

- dados sociais sobre os moradores (quantidade, idade, sexo, classes, origem, etc.)
- dados culturais e tradicionais dos habitantes (cultura regional, tradições, comportamentos, costumes, religião, etc.);
- dados urbanos (zona residencial, industrial, comercial, tráfego, natureza, água, luz, etc.);
- dados da infra-estrutura (existência e localização de creches, jardins de infância, escolas, asilos, instalações esportivas e/ou recreativas, clubes, centros de cultura, academias, etc.).

Sobre o local do parque em vista interessa:

- dados topográficos e físicos do local (terreno plano/ondulado, constituição do solo, vegetação/árvores, edificações próximas, ruas de acesso, fluxo de tráfego, água, luz, esgotos, etc.);
- dados sobre o uso atual (por exemplo: aterro sanitário, campo de "pelada", estacionamento de carros, etc.)

Para uma melhor interpretação é documentação sobre o estado físico do local e do seu uso, é necessário que se realize, também, um levantamento fotográfico. Outro detalhe importante, será a mobilização dos futuros usuários e o apoio destes na formação do Grupo de Planejamento.

[Fim p. 24 - Continua p. 28]

D) Critérios para a escolha de zonas.

As zonas e o respectivo piso dependem do tipo de atividades que nelas se realizarão. O basquetebol, por exemplo, necessita de um tipo e piso diferente do usado par um aparelho de escorregar.

Utilizando-se o catálogo de zonas típicas (veja Apêndice I, 6), foram escolhidas para este modelo de Parque:

- · Zonas de movimentos livres: grama/areia/caminhos/pistas;
- Zonas de movimentos com aparelhos móveis: grama/areia/piso de concreto;
- · Zonas de movimentos em aparelhos fixos: areia;
- · Zona de atividades manuais: areia/água;
- · Zonas de comunicação e recuperação; grama/vegetação/árvores.

Com esse oferecimento de diferentes pisos, foi preenchido critério da multifuncionalidade/polivalência.

[Fim p. 28 - Continua p. 31]

2.1.9 O Modelo de Organização

O objetivo principal de um PARQUE DE LAZER E DE ESPORTE PARA TODOS é o uso pela população. O modelo de organização deve ser em função do uso, ou dependente dele, possibilitando ou facilitando a utilização, não restringindo, como em muitos casos conhecidos. Sob o pressuposto de que o parque "viva", deve haver, na identificação dos moradores, um mínimo de normas e regulamentos. Os usuários se organizam entre si, respeitando e, caso necessário, mudando as normas. Cabe ao Grupo de Planejamento, ao elaborar a proposta de organização, sugerir uma maneira de pôr em prática as medidas de controle, respeitando a realidade local. Os responsáveis pelo parque colocarão em prática essas medida de, que serão aperfeiçoadas com o tempo.

4.2 LITERATURA DE ORIENTAÇÃO AOS CONSTRUTORES E PROJETISTAS

DIECKERT, Jürgen: Freizeitsport, Westdeutscher Verlang, Opladen 1978², p. 74/75 (Tradução).

[Fim p. 136 - Continua p. 137]

BRAMANTE, Antônio Carlos/MARTINS, Maria Cristina S.:

Material reciclável, uma proposta criativa e econômica.

In Costa, Lamartine, 1981, p. 93 - 108.

BRAMANTE, Antônio Carlos/MARTINS, Maria Cristina S.:

Tecnologia de Escassez no Esporte.

In Rev. Comunidade Esportiva. Rio de Janeiro, 13/1981, p. 21.

DACOSTA, Lamartine Pereira. (Editor):

Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa.

Rio de Janeiro, 1981.

DACOSTA, Lamartine Pereira e alli (Editor):

Revista Comunidade Esportiva. Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, desde 1980.

[Fim p. 137 - Continua p. 138]

MONTEIRO, Floriano Dutra:

Parques de Lazer e de Esporte Para Todos.

Uma investigação Científica sobre o Planejamento de um Novo Modelo na Cidade de Santa Maria. Santa Maria, RS, 1980, p.208.



Publicação original: folheto - Antologia de textos

Formato da contribuição: texto resumido sem referêcias bibliográficas

Fonte: "Antologia de Textos – Desporto e Sociedade", Ministério da Educação e Cultura, Lisboa, 1987, pp. 3 – 23.

E-mail do autor: dacosta8@terra.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Doutor em Filosofia e LD em Administração do Esporte, PPGEF-Universidade Gama Filho / Rio de Janeiro.



A Reinvenção da Educação Física e do Desporto segundo Paradigmas do Lazer e da Recreação

Lamartine DaCosta

NATUREZA VERSUS CUI TURA

No início do século XIV, John Duns Scotus colocou em dúvida na Inglaterra o princípio então dominante do *omne quod movetur ab alia movetur* (tudo que se move é movido por outra coisa). Para este filósofo medieval a causalidade não explicava todos os fenômenos humanos.

Seis séculos mais tarde, em 1973, W. Dufor (1) encerrando o Congresso Mundial de Educação Física, realizado em Bruxelas em comemoração dos 50 anos de existência da Federação Internacional de Educação Física à vista da diversidade de tendências e orientações ocorridas nos últimos cem anos: oposição fundamental entre a idéia da natureza e a de cultura.

Verdadeiramente, o que une ambas interpretações, embora tão distantes em seus contextos e propósitos, refere-se à explicação *por causalidade*, uma idéia ainda sobrevivente da antiga filosofia grega. Para Aristóteles, o primeiro sistematizador das ciências, o mundo físico ordenava-se por quatro causas:



formal, material, eficiente e final. No primeiro caso cogitava-se da idéia antes da obra ser realizada, sucedendo-se a matéria sobre a qual se trabalhava, os instrumentos utilizados e, finalmente, o propósito da obra. Assim sendo, a rebelião de Duns Scotus apoiou-se na constatação de que seres moviam-se por iniciativa própria, enquanto que em Dufour pretendeu-se enfatizar as posições contraditórias entre a objectividade científica e a subjectividade humana, ou melhor, entre as relações causais e a intuição criativa das pessoas.

Na actualidade, uma simples observação sobre a educação física, os desportos e a recreação – esta última quando formalizada em excesso – revela que a ordem aristotélica continua a regular as relações entre professores que desenvolvem seus alunos através da movimentação, entre técnicos que aperfeiçoam o desempenho de seus atletas, ou entre recreadores que monitoram seus clientes quanto ao uso do tempo livre. Mas, o facto novo, confirmando na prática a antiga contestação de Duns Scotus, apresenta-se pela crescente autonomia do praticante de actividades físicas, tanto no âmbito educacional, como no desporto ou no recreativo.

Para este praticante revelado por tendências, simplesmente não faz sentido as fronteiras de interesses profissionais e institucionais, estabelecidas pela educação física, desporto e recreação. Para neste cidadão mais consciente quanto aos direitos de seu corpo face à natureza, ao convívio social e à estima pessoal, pretendese que não seja cabível uma prática física regulamentada por interesses estranhos à sua vontade, exceptuando-se os casos de livre opção ou formação educacional básica. Para este Homo Ludens que se movimenta, a especialização exagerada na actividade física aparece como um contra-senso para sua cultura diversificada, cada vez mais característica de seu tempo ampliado para o lazer.

Embora os líderes e profissionais tradicionais das actividades físicas organizadas tenham naturais dificuldades em admitir, recentes investigações têm esboçado progressivamente este perfil do praticante futuro. Assim, na mesma Inglaterra da contestação inicial, ao *ab alia movetur*, P Mc Intcsh e V, Charlton (2) descobriram, em extensa pesquisa patrocinada pelo governo britânico, que a educação física entre 1966 e 1981, referia-se mais a uma expansão do currículo do que às necessidades reais dos alunos, nítidos optantes de actividades externas de livre escolha e carácter recreativo. Conclusões semelhantes foram alcançadas por J. Dumazedier (3) com estudantes franceses entre 1973 e 1981, e por levantamento de âmbito maior, realizado em 1982 pelo Conselho da Europa, reunindo adolescentes de sete países do continente (4).

Em concordância com estas constatações de G. G. Watkins, na abertura do Congresso da Federação Internacional de Administração de Parques e Recreação, realizado em 1986, na Nova Zelândia, algumas indicações de maior significado (5). Estabelecendo-se o estado actual da arte na recreação, dados estatísticos revelavam a opção dos jovens pela participação casual, sobretudo no desporto, essen-

cialmente como resultado de valores em mudança, da descentralização da oferta com polarização nas residências e do crescimento do desporto organizado prioritariamente como espetáculo. Sintetizando, Watkins sugeriu que a emergência desses valores pluralísticos solicitariam uma administração peculiar, diferente da tradicional e orientada para conflitos, invocações e variedade de situações.

Tentando avançar um pouco além de Watkins, ousaríamos antecipar que os colegas dirigentes e profissionais da educação física e do desporto deverão abandonar os ideais aristotélicos e criar um futuro segundo uma lógica partindo das aspirações do praticante autônomo, tal como tem ocorrido com os profissionais da recreação em seus sectores mais avançados. Isto implicaria, no final deste século, ir de encontro à proposta já antiga de 15 anos de W. Dufor, que uma educação física mais «existencialista» do que «essencialista», globalizante das tendências humanas em vantagem sobre a actual fragmentação científica. Por outro lado, teríamos também de desenvolver a integração da educação física com o desporto, seguindo os modernos paradigmas da recreação e do lazer.

Para aqueles que preferem referenciar-se por noções de <<mercado>> como extensão dos praticantes, e de «produto» em substituição das actividades, cabe apelar para a interpretação de miopia em marketing, conforme a clássica proposição de T. Levitt (6). Nestas circunstâncias, a persistência dos profissionais das actividades físicas na manutenção dos antigos padrões de «prestação de serviços>> em lugar da <<aquisição de clientes>>, deverá representar o mesmo erro das estradas de ferro que se fixaram no seu produto tradicional, perdendo o mercado para outros meios de transporte mais modernos. Esta atenção exagerada sobre o próprio produto num mercado dinâmico, desfocalizada das oportunidades emergentes, repetiu-se recentemente com a indústria cinematográfica que somente percebeu ser o seu produto o do entretenimento quando já em pleno predomínio da televisão.

A julgar por recentes reacções de mudança por parte do sector desportivo naturalmente mais orientado para o marketing do que a educação física -, tornou-se mais viável o aparecimento de uma nova postura sem as ilusões da miopia, pelo menos no que concerne aos dirigentes. Neste caso, o exemplo mais relevante é o do Conselho Internacional Olímpico cujas recentes mudanças são analisadas por R. Mollet (7), que destaca o esforco de se estabelecer uma nova filosofia para o olimpismo pela busca de um equilíbrio entre ênfases na competição e na cooperação; pelo trabalho de negociação política e administrativa para disciplinar a comercialização dos desportos; pela tarefa de codificar a participação feminina ora em crescimento e, sobretudo, pela composição de interesses para desenvolver o chamado «Desporto para Todos».

Neste último caso reside a síntese das inovações em andamento, uma vez que incorpora voluntários, dirigentes e profissionais diversos, considera teoria e prática dos desportos, como também engloba a educação física e a recuperação. Efectivamente, o movimento Desporto para Todos já transita em pelo menos 50 países, sob diversas denominações e versões, devendo estar implantado em cerca de 100 países no início do século XXI, segundo projecção de J. Palm da Confederação Alemã dos Desportos (8). Para estas condições, a expansão é menos importante do que o sentido de renovação. [...] Progressivamente, a experiência «Trim» ajustou-se ao fenômeno social da crescente demanda desportiva e recreativa que se tem verificado na Europa e virtualmente em todo o mundo. Na essência, estes pioneiros da actual Desporto para Todos, conforme análise por nós publicada em outra oportunidade (9), inverteram as relações desportivas tradicionais: as actividades passaram a ajustar-se à autonomia dos praticantes, antes sujeitos a um processo implícito de mobilização, seleção e exclusão da maioria. Daí variedade da oferta de jogos e exercícios simplificados e ajustáveis a diferentes pessoas, grupos e comunidades, que o Desporto para Todos passou a exibir durante a sua evolução.

REVISANDO O PASSADO

Se buscarmos os origens históricas da demanda das actividades físicas, deparamos com circunstâncias que podem dar significado mais abrangente do que as superficiais e imediatas interpretações e postulações do marketing. Nestes termos, Jean Verdon relatando sobre actividades de lazer na Idade Média, relaciona o homem, neste período, ainda «mais perto da natureza e dos prazeres do corpo do que os referidos ao espírito, com a excepção de uma elite>>(10). Este mesmo autor descreve centenas de festividades, jogos e actividades físicas durante os dez séculos da França medieval, de modo a nos indicar que havia maior fecundidade e variedade neste estágio histórico do que nos subsegüentes.

Significativamente as actividades de lazer eram de íntima convivência comunitária, tanto por influência da Igreja como pela carga reduzida de trabalho no campo e nos burgos, estimada por Verdon como de 4 a 5 dias por semana (11). A famosa gravura do pintor holandês Brueghel do século XVI, denominada de « Jogos Infantis>>, oferece indícios valiosos desta verdadeira culminância da participação comunitária em actividades de lazer: cerca de 80 alternativas de movimentação lúdica e agonística são retratadas de maneira a se observar o grau de complexidade, o uso de implementos, a localização, o número e tipo de participantes, as regras, etc., sempre referidas a um contexto de relacionamento grupal, incluindo adultos, jovens e crianças (12).

Desde a obra clássica de Johan Hiuzinga publicada em 1938, «Homo Ludens», a interpretação das actividades lúdicas relacionou-se com a cultura de modo irreversível. Daí o notável avanço das actividades de lazer no período medieval - comparativamente aos nossos dias - ter encontrado a apropriada compreensão histórico-filosófica. Efectivamente, Huizinga coloca em evidência o jogo não com parte mas confundindo-se com a própria cultura (13).

Neste contexto, não há exagero em se observar a antropologia sub espécie ludi, como sugere Huizinga (14) ou se aproxima Silvino Santin (15). Esta posicão estaria também de acordo com a discussão filosófica que se desenvolve desde o final do século passado com relação à antropologia. Conforme nos sintetiza Otto Friedrich Bollnow (16), desde Dilthey, Scheler, Pessner e Heidegger - para citar apenas os nomes de maior destaque - a antropologia oscila por localizar o homem no mundo ou, a partir deste por identificar o homem. Bollnow, particularmente, defende uma «antropologia filosófica» e apóia-se em exemplos educacionais para defender a interpretação existencial do homem, isto é, o seu encontrar-se na ordem do mundo. Após criticar uma pedagogia baseada na exortação declara que [...] « Também considero que as festas e festividades, que não estão somente ao serviço do descanso, senão as que o homem experimenta, e sua atmosfera de entusiasmo crescente, um tempo novo, ciclicamente voltado para si mesmo, são uma experiência verdadeiramente metafísica, que libera o homem de uma vida de trabalho sem descanso, abrindo-lhe uma forma mais originária de existência e uma nova e mais profunda relação com seus congêneres e com o mundo>> (17).

Com o aparecimento da educação física, sistematizada a partir do século XIX nas escolas européias, o sentido comunitário de bases antropológicas das actividades físicas foi-se reduzindo progressivamente, experimentando um retorno com a «revolução» desportiva, iniciada no século XIX na Inglaterra. A recuperação, entretanto, veio como fenômeno societário mais amplo do que o universo escolar, contratual (actividades regradas e fair-play) e político (organização e elite desportivas). Vejamos como interpreta Bernard Booth este estágio (18): «Strutty em sua obra Sports and Pastimes of the People of England (1801), dividia os exercícios rurais, aqueles praticados por pessoas de posição, dos próprios do vulgo. Mas foi durante o século XIX que muitos dos desportos que haviam sido espontâneos, ritualistas e locais começaram a decair e desaparecer, à medida que uma sociedade rural pré-industrial se transformava numa sociedade industrial urbana. Na sociedade industrial nascente, o desporto passou a assumir características nacionais. As regras formalizaram-se e foram administradas por associações de desportivas de carácter privado, cuja autoridade nesta matéria se estendia a todo país. O alto grau de racionalização do desporto, tão evidente no mundo moderno, teve seus antecedentes na primeira metade do século XIX. Até então, somente os aristocratas e a gente acomodada tinham tempo para a dedicação ao desporto. Como não havia conflito social, não havia outrossim qualquer incentivo social para o estabelecimento de regras. Estas tornaram-se necessárias quando distintas classes sociais comecaram a enfrentar-se em competição, principalmente em relação à classe acomodada, mais sedentária, diante da classe trabalhadora fisicamente mais forte. A noção de profissionalismo foi introduzida pra criar uma barreira entre a classe acomodada que desfrutava o desporto, e a nascente classe trabalhadora que adoptava o desporto como meio de vida. De acordo com a tradição, o desporto devia ser desfrutado mais como uma oportunidade de interacção social do que para descobrir campeões>>.

Assim sendo, foi-se incorporando à actividade física uma relação ambígua que passou a conviver como sentido original comunitário. Do lado da educação física, a contradição situou-se na acomodação da postura educativa com a faceta utilitária, identificada com luta e o poder. No desporto, este equívoco tornou-se mais explícito diante da visível exploração comercial ou política dos espectáculos veiculados pelos meios de comunicação de massa. Nestas condições, as actividades físicas *sistematizadas* pela escola e pelo *establishment* desportivo passaram a ser interpretadas por exaltação ou crítica, dependendo de interesses ou de ângulo de observação.

ANALISANDO O PRESENTE

A análise da actualidade mostra-se portanto, mais pertinente sob a óptica da ambigüidade, herança incómoda de um passado recente, predominante essencialista, que acabou por se explicitar na epistemologia da educação física. [...] No caso em estudo, uma demonstração inequívoca de crise paradigmática foi realizada no final dos anos 70, por Uriel Simri que relatou mais de 60 denominações distintas para educação física mundial, com semelhante diversificação quanto a definições e objectivos (19). Ao analisarmos as razões exógenas deste processo de refutação colectiva, complementaremos o pluralismo endógeno com a mudança do *locus* da prática – ou seja, adicionaremos o espaço comunitário ao conjunto da escola, clube e outros ambientes fechados – que também está contribuindo para uma previsível renovação da educação física. Sem embargo, as relações interpessoais e a ordenação dos acontecimentos, sem situações voluntárias de indivíduos e grupos, são ainda insuficientemente dominadas pelas técnicas e métodos ortodoxos das actividades físicas dirigidas.

Através deste percurso analítico, ganha sentido a questão: e qual tem sido o procedimento dos especializados em educação física, desporto, recreação, dança etc., ao enfrentarem em conjunto a pressão inovadora, partindo tanto de fora como de dentro do seu ambiente profissional? Em tese, mantendo o *status quo*, seja por alienação ou por resistência. Nestes termos, cabe apelar mais uma vez para Peter McIntosh e Valerie Charlton que oferecem indícios reveladores deste tipo de reacção observados empiricamente e de modo freqüente em diversos países. Em última instância, a rejeição por parte da maioria dos alunos à educação física *stricto sensu*, refere-se ao fenômeno social da preferência dos jovens por actividades casuais, físicas ou culturais, e não propriamente à disciplina em si (20).

[...] Esta contextualização foi por nós admitida participamos como conferencista de um seminário internacional organizado nos EE. UU., em 1984, pela Universidade de Illinois. Convidado em face à condição de «dissidente» segundo a interpretação dos organizadores, tivemos oportunidade de trocar opiniões e escrever posteriormente um livro em conjunto (21) com membros do Departamento de Estudos do Lazer daquela entidade de ensino, um grupo reconhecido como um dos

melhores na sua especialidade em âmbito mundial. Em resumo, para estes pesquisadores, o desporto, a recreação, os exercícios físicos etc., não deviam ser observados per se, mas sim por intermediação do lazer, uma categoria mais ampla que lhes dão sentido de forma, conteúdo e actualidade, juntamente com outras actividades não-corporais. Aparentemente, a dificuldade no desenvolvimento desta concepção situava-se na resistência oferecida pelas organizações desportivas tradicionais e pelos profissionais de educação física, detentores e importante parcela de poder nos EE. UU. E de outros países. Esta suposição revela-se apenas de modo implícito, mas chamava atenção da inexistência de professores de educação física no corpo multidisciplinar do Departamento citado.

Em contraponto à presumida expectativa dos organizadores do seminário, a nossa contribuição referiu-se à adaptação dos meios pedagógicos e organizacionais da educação física ortodoxa às novas e antigas versões nãoconvencionais, sem contudo excluir as técnicas originais. Com base na experiência brasileira do «Esporte para Todos» propusemos um modelo de integração que congregava num continuum as actividades formais (variáveis usuais da escola, clube etc.), não-formais e informais (elevado de autonomia do praticante em qualquer ambiente). Nos debates que se seguiram ficou claro que a conjuntura actual privilegiava o oposto da convivência preconizada, ou seja, o fortalecimento das fronteiras profissionais e a competição entre diferentes especialistas, embora não surgissem discordâncias quanto a posicionar o lazer como referência principal.

Predominando a tese do grupo de Illinois - aliás antiga, gerada por outras origens e em evidência crescente em vista do impacto do livre sobre a economia moderna - a reinvenção da educação física sob um novo paradigma terá um suporte importante para o seu delineamento. Com este pressuposto em mente, podemos retornar ao desporto e ao Desporto para Todos.

As versões alternativas do desporto convencional na sua fase contemporânea tem evoluído por adição com as práticas já existentes, não se excluindo mutuamente e nem ocupando os espacos dos praticantes de leite. Isto indicaria, numa primeira abordagem, uma convivência natural entre diferentes opções de prática desportiva. Em termos de concepção, estaríamos confirmando as palavras do Barão Pierre de Coubertin, relatadas por Juan Antonio Samaranch, presidente do Comitê Internacional Olímpico, na abertura do Congresso sobre Fundamentos do Desporto para Todos (Frankfurt, Março 1986): « O desporto não é um objecto de luxo, uma actividade ociosa não mais que uma compensação muscular do trabalho cerebral. Ele é para todos os homens uma fonte de aperfeicoamento interno eventual não condicionado por suas ocupações profissionais. Ele é o atributo de todos no mesmo grau sem que a sua ausência possa ser substituída». Sendo esta declação de 1900, tivemos assim uma antecipação do «para todos» exactamente da fonte geradora do actual desporto de elite, dos indivíduos de excepcionais qualificações atléticas.

Em 1930, o mesmo Coubertin, ensaiou soluções para conter os exageros do desporto de competição ao redigir a «Carta da Reforma Desportiva» já em resposta a problemas então nascentes, com os quais ainda hoje convivemos. Para o promotor do Olimpismo moderno, o desporto estaria sendo acusado, na época, de contribuir para «fadiga física, regressão intelectual e difusão do espírito mercantil>>, não por culpa dos desportistas mas dos «educadores, o poder público e, secundariamente, dos dirigentes de federação e imprensa>>. Seguiamse recomendações diversas entre as quais duas procuravam abrandar as distorções da competição:

- «Estabelecimento de uma clara distinção entre cultura física e educação desportiva de um lado, e educação desportiva e competição de outro.
- «Incentivo, por todos os meios, do exercício desportivo individual para os adultos, ao contrário dos adolescentes, para os quais, inversamente, se deve frear de modo racional a actividade desportiva>>.

Como se pode deduzir, o movimento olímpico ainda na sua primeira geração, experimentou a exaltação e, ipso facto, a auto-crítica. Entretanto, em germe já havia uma idealização do desporto democratizado, aquele do cidadão comum. Em simetria com estes acontecimentos, nos anos 30 todavia, alguns pensadores, não pertencentes ap ambiente desportivo, alcançavam os procedimentos equívocos do desporto, destacando-se entre estes os filósofos da chamada «Teoria Crítica» da Escola de Frankfurt (Horkheimer, Adorno, Benjamin, Marcuse etc.). As teses deste grupo continuam a desdobrar-se nos nossos dias como se verifica pelos exemplos que se seguem.

Segundo nos relata Hans Lenk (22), no âmbito da sociologia do desporto, a crítica radical sobre a competição desportiva lastreia-se no princípio do rendimento. Partindo-se daí o desporto aparece com uma réplica do mundo do trabalho, derivando para seus praticantes repressão, manipulação, marginalização social e alienação. Observando a competição desportiva como um espectáculo e daí examinando a reacção dos assistentes, interpreta a socióloga Gladys Lang: «As competições desportivas são um dos muitos eventos ritualísticos por meio dos quais a sociedade protege o indivíduo do medo e da repressão das tensões. Actuam como válvulas de segurança» (23). Em ambos autores, entretanto, encontramos argumentos compensadores: em Lenk a repressão desportiva só existe com o consentimento do praticante, enquanto que em Lang a mobilização desportiva da massa pode tanto manter o status quo como reunir apoios para reformas.

Outros intelectuais não especializados ou despreocupados de digressões acadêmicas têm captado a ambigüidade da prática e do espectáculo desportivo. Entre estes citamos Aldous Huley (24): <<Como os outros instrumentos que o homem inventou, o desporto pode ser utilizado com finalidades boas ou nocivas». De qualquer modo, parece-nos que a posição mais equilibrada na compreensão das contradições do desporto (explícitas) e da educação física (implícitas), reside na interpretação desses dois tipos complementares da teoria e da prática das actividades físicas sob o enfoque da conceituação do controle social [...] Por isso, Nelson Melendez (25) atribui às actividades de lazer uma excepcional condição de «arena de controle social».

Em última análise, a sociedade moderna ainda se regula pelo arquétipo de actividades físicas lúdicas e agonísticas como um dos seus fundamentos para a cultura e o desenvolvimento comunitário, mas freqüentemente usa tais recursos no sentido oposto, i. e., como meio de controle social. Este paradoxo reforça a proposição do desporto tradicional assumir mais abertamente sua versão não-informal e incentivar a pratica informal, com o máximo de autonomia dos praticantes.

CONSTRUINDO O FUTURO

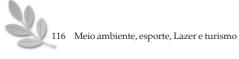
Enfim, conquistaremos uma educação física existencialista e um desporto contextualizado desde que interpretamos ambos como categorias de um processo dialéctico, estabelecido em bases críticas permanentes. Se os desafios da técnica e da investigação daí decorrentes forem condizentemente equacionados e superados, estaremos reinventando a educação física e o desporto. Para estes propósitos nossa base empírica com a prática do «Desporto pata Todos» no Brasil e em outros paises - capitalistas ou socialistas - já admite o estabelecimento de pontos de partida.[...] Resta-nos, assim sendo, investigar e teorizar sobre estas alternativas já orientadas para o futuro. Se vamos ampliá-las, reduzilas ou adaptá-las, dependerá da nossa capacidade em atender o princípio do suficiente na multiplicidade. Caminho, aliás, também previsto pelo filósofo contestador Jonh Duns Scotus (26), no meio das grandes controvérsias do final da Idade Média...

NOTAS

- (1) Cf. Dufour, W. << Nature et Culture Nature ou Culture>>, World Congress of Physical Education, FIEP-50, Julho 1973 Bruxelas.
- (2) Cf Mc Intosch, P. and Charlton, V. << The impact of Sport for All Policy, 1966-1984>>, The Sports Council, Junho 1985, Londres.
- (3) Cf. Dumazedier, J. << Tendências nas Actividades Físicas Voluntárias>>, Corpo e Movimento, n 2, Junho 1984, São Paulo, pp. 25/26.
- (4) Cf. Conseil de L'Europe «Sport in European Society A Transnational survey into Participation and Motivation>>, Estrasburgo, 1982.
- (5) Cf. Wtkins, G. G. << Parks and Recreation A Changing Community Service>>, World Leisure & Recreation, Junho 1986, Nova lorque, pp. 20-36
- (6) Cf. Levitt T. < Marketing Myopia>>, Presidente and Fellows of Havard College 1960, Havard Exame 1983, pp. 109-120

- (7) Cf. Mollet, R, <<Le Sport de l'An 2000>>. Sport International n 57, 1982, Bruxelas, pp. 17-18
- (8) Cf. Palm, J. and apud Schottler, B. << Sport for All Experiences of Participants>>, International Round Table Sport for All Students - Oberstdorf, fevereiro 1985, IUS/ICSSPE - UNESCO? ADH, pp. 18-36.
- (9) Cf. Costa L. P. << The Network and Low-cost Approach to leisure and Sport for All A Theory and Practice Review>>, International Olympic Committee – German Sports Federation. Março 1986, pp. 7-9. Há tradução portuguesa na nossa coleção DESPORTO e SOCIEDADE, com o n 28.
- (10) Cf. Verdon, J., «Lês Loisirs em France au Moyen Age», Tallandier 1980, Paris, pag. 7 («Avant-propos»).
- (11) Ibidem, pág. 14.
- (12) Dados sobre a gravura de Brueghel são encontrados em Taffarel, C.N. Z., «Esporte pata Todos Em Busca de uma Nova Filosofia para o Esporte>>, Comunidade Esportiva, n 37, Março/Abril 1986, pág. 4.
- (13) Cf. Huizinga, J., << Homo Ludens>>, ed. Perspectiva, São Paulo, 1980, pp.3 a 32.
- (14) Cf. Ibidem, pp. 193 a 215.
- (15) Cf. Santin, S., «Educação Física e Desportos: Uma abordagem Filosofia da Corporeidade», Kinesis, número especial, 1984, USFM, Santa Maria - Rs, pp. 143 a 156.
- (16) Cf. Bollnow, O>F>< << Antropologia Filosófica>>, Education, vol. 30, 1984, Tubingen, pp. 7 a 23.
- (17) Ibidem, pág. 11.
- (18) Cf. Booth, B. F., << El Deporte y la Autonomia Social>>, Revista Internacional de Ciências Sociales, vol XXXIV, n 2, 1982, Paris - UNESCO, pp. 249 a 262. A citação textual é das páginas 255 a 256.
- (19) Simiri, U. «Diversidade dos Conceitos de Educação Física e sua Influência sobre seus Objectivos», Revista Brasileira de Educação Física e Desporto. Janeiro/Maio. n 40. 1979. Brasília.
- (20) Mc Intosh. P. e Charlton. V. Op. Cit págs. 157/170.
- (21) Pereira da Costa, L. << The Uniquenses of Non; Formal Sports in Different Countries an Regions>> in << Sports for Everyone>> The Academy of Park and Recreation Administration. Joseph J. Bannon (ed.) Champaig. Illinois, 1985.
- (22) Cf. Lenk H. << Sobre la Critica al principio del Rendimento en el deporte>> in << Sociologia Del Deporte>>, G. Luschen e K. Weis (ed). Editorial Minon Valladolid. 1979, pp. 133 a 141.
- (23) Cf. Lang. G. E., << La Exposicion de Tumultos em Actos Deportivos>>, Ibidem. Pág.233
- (24) A citação de Aldous Huxley é encontrada em Seurin, P. «Problemes Fondamentaux de l'Education Physique et du Sport>, Violette, Paris, 1979, pág. 39.
- (25) Cf. Melendez N., «Social Control is Induced by Leisure», WLRA Journal, vol. XXV, n 2., Março-Abril. 1983, pp. 7 a 12.
- (26) Cf. Duns Scotus, J. «Questiones super Metaphysicam Aristotelis» apud «Filosofia e Comunicação» vol. VIII, n° 1 e 2, Jan/Jun 1982, Rio de Janeiro. Pp. 117-118.

As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]





Ano: **1992**

Publicação original: Capítulo de livro

Formato da contribuição: texto completo

Fonte: "Ecologia e Literatura", Angélica Soares (Org.), Rio de Janeiro: Tempo

Brasileiro, 1992, pp. 35 - 40

E-mail do autor: dacosta8@terra.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Doutor em Filosofia e LD em Administração

do Esporte, PPGEF-Universidade Gama Filho / Rio de Janeiro.



O olhar e o pensamento ambientalista

Lamartine P. DaCosta

Se a percepção da natureza como valor fundante vem se acentuando em dimensões até agora desconhecidas no senso comum, o mesmo não pode ser afirmado com relação ao olhar e ao pensar do meio ambiente, em que pese a atração irresistível da comunicação de massa.

Simplesmente no mundo pós-moderno dos dias atuais, imagens e concepções mediáticas antecipam-se ao saber e ao criticar, gerando a auto-referenciação. Ou seja: estamos incorporando, enfim, uma cultura ecológica, mas não conseguimos compreendê-la além dos dados científicos reducionistas ou da informação efêmera da mídia.

Tais dissonâncias e fragmentações, aliás demarcam a modernidade deste *finde siècle* em que todos vivemos com perplexidade. Entre as freqüentes constatações do cotidiano, basta dar a realce à desarticulação das instituições, das crenças e do próprio meditar para antevermos o *kosmos* que cede a vez ao *kaos* de modo progressivo e visível. Em outras palavras, a ordenação do pensar e do fazer humano ocidental parece estar próxima ao esgotamento após sua gênese grega de 25 séculos. Isto prenunciaria uma regressão ou um novo



renascimento do homem no seu estágio pós-moderno que se revela tipicamente ambivalente. Estaríamos, finalmente, numa era em que o ambientalismo constitui uma prática sem conteúdo filosófico.

Estamos, então, envolvidos pretensamente num pragmatismo fundante de conteúdo naturalista, revivendo o momento pré-socrático, sem a expressão e o significado filosófico. Ao modo pós-moderno, estamos citando o passado para dar sentido e formato ao presente. Note-se que a filosofia grega naquele momento inicial inseriu a physis no kosmos, ou melhor, a natureza, como fonte originária, na ordenação do mundo. A mesma expressão physis possuía conotação verbal de desabrochar, desvelar, aparecer e desenvolver, o que conferiu à natureza seu papel primordial no pensamento ocidental: um espelho sobre o qual o homem reconhecia seus entornos, seus semelhantes e a si mesmo 1.

Em suma, o filósofo pré-socrático olhava a natureza para pensar a alteridade. o que conhecida interpretação nietzscheana corresponderia à descentralização da cultura helênica e ao sentido alegórico assumido pela filosofia grega em seus primeiros passos. Esta lógica de intermediação, no dizer de Richard Rorty 2, um eminente epígono do pragmatismo pós-moderno, continuaria prevalecendo no pensar ocidental, tendo como lastro a concepção cristã da natureza como antinomia do espírito.

Um caso mal resolvido, de voyeurismo instigante, por vezes arrogante, seria em última instância uma condigna interpretação da história das relações do homem ocidental com a natureza. Daí a tradição filosófica ter assimilado as visões literárias de Novalis, nas origens do Romantismo alemão do século 18, que apontavam um distanciamento da vontade homem quanto ao domínio da natureza diante de uma ética necessária para tal ocorrência. Hegel, mais radical, racionalizou a oposição definindo a natureza como uma contradição não-resolvida, no alvorecer do século seguinte. No caso, Schelling, contemporâneo de Hegel, representou o meio-termo até hoje em evidência com a réplica da natureza como "auto-atividade" jamais exaurida 3.

Ainda na perspectiva histórica, porém, o sentido de oposição ou de conflito entre o homem e a natureza jamais foi eliminado. Assim aconteceu com o homem renascentista, autônomo e dominador, tanto quanto às pretensões iluministas que associaram o poder das ciências ao controle de entorno humano. É o que refletiram as obras de Galileu, Bacon ou Descartes, *maîtres-a-penser* do cientificismo dos séculos 16 e 17; é o que se verifica em Espinosa, em extração da mesma época ao pregara a união do homem com Deus e com a natureza por meio do conhecimento racional.

A instrumentalização da natureza é uma síntese conclusiva em qualquer das vias históricas ora admitidas, se de fato tentarmos superar a citação pela interpretação no jogo das categorias pós-modernas. Além disso, o conteúdo instrumental permeia a cultura do limiar do terceiro milênio, tendo se tornado consensual tal tipo de perspectiva hermenêutica entre intelectuais. A recente repercussão do livro de Frederick Turner ou da obra de Clemente Rosset 4 sobre o antinaturalismo do pensar moderno, são comprovações inequívocas da hegemonia instrumentalista.

Não é de se admirar, pois, que haja reações afetas à pós-modernidade ao se construir uma cultura ecológica, já que o antinaturalismo tradicional está se compondo com o naturalismo pragmatista e fundacional. E mais: esta adaptação aparentemente paradoxal pode representar o ocaso da lógica tradicional grega e ocidental que elimina em favor de outros e que se regenera instrumentalmente pela exclusão e não pela integração⁵. Com efeito, hoje convive-se com um pensar antinaturalista e um olhar naturalista, com a filosofia em crise na primeira dimensão e em renovação na segunda.

O que esta tese supostamente contraditória difere das filosofias pragmatistas de última geração à feição das proposições de Richard Rorty, é quanto ao aspecto fundacional: para o pragmatismo rortyano de vê-se abandonar a filosofia centrada na teoria da representação, isto é, do espelho, adotando-se uma hermenêutica de diálogo com as essências da cultura sem intermediação; aqui, neste caso, cogita-se que o espelho preservou-se estimulado pela mídia, mas se tornou heterônimo, dicotomizando o olhar do pensar.

Um reforço a esta possibilidade é encontrado nas novas teorias da cultura que estão privilegiando os estudos substantivos, a partir dos fatos em si mesmos por descrições sucessivas e compreensivas, em lugar do clássico debate analítico ao estilo de Marx, Weber e Durkheim que visam a explicações mais do que compreensão. Neste ponto, todavia, há um esclarecimento mais pormenorizado do pragmatismo de caráter fundante que não coincide com o pragmatismo situado na linguagem, ao estilo rortyano, que advoga a desconstrução e epistemológica.

O sentido fundacional, então, seria essencialmente imagístico e mais sincrônico do que diacrônico em suas posturas interpretativas, o que aproximaria o trabalho intelectual do senso comum. Nestas circunstâncias, o pragmatismo nãorortyano ganha impulso a partir da subjetividade e não da objetividade, sua categoria histórica de relação. Neste particular é inevitável um encontro das presentes interpretações como trabalho de Félix Guattari com sua proposição da Ecosofia, ou seja: uma articulação da ética com a política ao anunciar uma revolução cultural em andamento com base na crescente valorização da subjetividade humana. Seria o momento da singularização, descentramento, ruptura e multiplicação de antagonismos, combinados à luz da afetividade e do pragmatismo dos grupos humanos no contexto da pós-modernidade 7.

Guattari, por suposto, acompanha a tradição iluminista e bem francesa de procurar soluções universais, mas de qualquer modo um ponto de partida é

obtido quando a Ecosofia aceita o *kaos* pós-moderno sem julgamentos apriorísticos. Há, ainda, uma rejeição da parcela de arrogância do iluminismo, inserindo o homem na natureza sem as pretensões de domínio.

Outra contribuição da Ecosofia refere-se ao pensar por intensidades variadas, na elaboração de idéias e conceitos, numa tentativa de superação da simples ou exclusão da tradição logística 8. Neste termos, a proposta de Guattari faz evoluir a famosa "ecologia de idéias" de Gregory Bateson, passando da concepção da "ação e enunciação dependendo do contexto" para "intensidades diferenciadas dos elementos contextuais" estabelecido um jogo de aproximações com as percepções assumidas dos fatos e dos efeitos a serem produzidos no meio ambiente.

Por isso, a Ecosofia estabelece essencialmente três registros ecológicos – do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana – que se relacionam por intensidades variadas e de modo transversal para cada acontecimento perceptível ou intencionado. Em resumo, nesta formulação de ordem ecológica supera-se a tradição filosófica fundamental de se pôr o fato no ser e o valor no dever ser, embora isto não seja sugerido por Guattari.

É claro que o *Sein e Sollen*, o ser e o dever ser, Kant e Hegel entenderam como bases de suas filosofias de acordo com as raízes gregas da meditação ocidental, ainda prevalecem no pensar, mas não no olhar contemporâneo da natureza que tende freqüentemente a fundir o ser com o dever ser. Esta inédita associação, talvez revolucionária em termos filosóficos, é identificada por Holmes Rolston ao discutir a existência de uma ética ecológica ¹⁰: na natureza não faz sentido axtrair valores dos fatos nem separa-los arbitrariamente como ocorre no meio social. De efetivo a natureza apenas estabelece um equilíbrio dinâmico que para o homem – seguindo-se os três registros de Guattari – significa harmonizar *physis* (meio ambiente), *socius* (relações sociais) e *psique* (subjetividade).

A discussão ética implica ainda em revelar a única referência encontrada na natureza para uma sistematização normativa: o fenômeno do *steady-state*, do estado de equilíbrio dinâmico dos ecossistemas, ou homeostase, uma lei fundamental da natureza e, de acordo com Paul Sears, correspondente ao Bem Comum, o referencial ético supremo ¹¹.

Embora Rolston e Sears sigam a tradição anglo-saxônica do empirismo, há uma certa convergência com o universalismo francês de Guattari uma vez que este último pensador pressupõe soluções "ético-estéticas" para os problemas ecológicos e sócias da atualidade ¹². O mesmo Guattari, embora ausente da categorização filosófica do ser-dever ser, pressupõe em sua Ecosofia a reinvenção sistemática do ser, quer por mutações existenciais em função da subjetividade, quer por experimentações micro-sociais¹³.



Portanto, a associação da ética com a estética nada mais consistiria do que numa representação formal do olhar ecológico que une o ser ao dever ser, captando o fato já emoldurado de um valor presumidamente mediático. Neste ato hipotético em que se confunde a ontologia com a axiologia, a epistemologia aparece revigorada por constituir um suporte para a crítica e para a razão tradicional, todavia sobreviventes. Explicar-se-ia, em conclusão o aparente paradoxo entre o pesar e o olhar pós-moderno diante da natureza, por simples inclusão do saber tradicional.

O mundo está sendo reinventado, enfim, e "se movimenta, mas muito silenciosamente para ser ouvido" como disse Nietzsche ao identificar a transformação dos valores no final do século passado. E tendo como pano de fundo a dessacralização da cultura, já terminal ao tempo das elocubrações nietzcheanas, vale perguntar se o homem após dessacralizar seus referenciais superiores, empenhou-se numa autosacralização e logo após estaria tentando sacralizar seu entorno. Afinal, o espelho da natureza reflete um olhar narcisista e um pensar edipiano?

Notas

- ¹ Para os significados da palavra *physis* ver Hedegger, M., *introdução à Metafísica*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969, especialmente p.43 e seguintes. A interpretação clássica da natureza como espelho tem sido enfatizada e criticada ultimamente por Rorty, R., A Filosofia e o Espelho da Natureza, Don Quixote, 1988, Lisboa, p. 247-304
- ² Rorty, R., Op. Cit., p.15-22
- ³ Ver Schelling, F. v., "Do Princípio Divino e Natural das Coisas", In: Obras Escolhidas, São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 71-154.
- ⁴ Cf. Turner, F., O Espírito Ocidental Contra a Natureza, Rio de Janeiro, Campus, 1990, e Rosset, C., Anti-Natureza, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989.
- ⁵ Esta tese é explorada por Serres, M., O Contrato Natural, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991, que propõe uma mudança do contrato social pelo natural, superando o modelo iluminista da cultura ocidental.
- ⁶ Para maior aprofundamento veja Alexander, J. C. e Seidman, S., Culture and Society Contemporany Debates, New York, Cambridge University Press, 1990, em especial p.1-27.
- ⁷ Verifique-se em Guattari, F., As Três Ecologias. Campinas, Papirus, 1990, p. 45 e seguintes.
- 8 Ibidem, p. 27 e seguintes.
- 9 Ibidem, p. 39.
- ¹⁰ Cf. Rolston, H., Phylosophy Gone Wild Environmental Ethics, New York Buffalo, Prometheus Books,
- 11 Verifique-se em Rolston, H., p. 14-15, em especial as referências ao texto The Steady State: Physical Law and Moral Choice de Paul Sears.
- ¹² Cf. Guattari, Op. Cit., p.18 e seguintes.
- 13 Ibidem, p. 15-16.





Publicação original: artigo de publicação institucional

Formato da contribuição: texto integral

Fonte: "Estudos de Turismo e Hotelaria", é uma publicação da Administração Regional do SENAC de São Paulo, coordenada pelo Centro de Estudo de Administração em Turismo e Hotelaria.

E-mail da autora: ritam@institutoroma.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, Especialista em Planejamento ambiental pela UNESCO e mestre em Sociologia do desenvolvimento pela École des Hautes em Sciences Sociales.

Turismo ou Meio Ambiente: uma Falsa Oposição

Rita Mendonca

É possível que uma primeira impressão do confronto destes dois termos turismo meio ambiente - seja a de que são irremediavelmente antagônicos. Ou um ou outro. Pelo menos, é o que a experiência comum tem nos mostrado. Onde há turismo, há degradação ambiental. Onde o turismo é considerado desenvolvido, há concentração de um grande número de pessoas que na realidade não se interessa muito pelo lugar visitado (por incrível que isto possa parecer). "O turismo se resume, quase sempre, a uma viagem se sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e de comportamento". (Guattari, pág. 8).

A atividade turística tem se desenvolvido de tal forma que os indivíduos escolhem o lugar que vão visitar por critérios, digamos, mais "universais", que não incluem forçosamente a personalidade do lugar, seus aspectos peculiares e especiais, suas características ambientais mais fortes - com exceção do clima, que a todos interessa - tais como a vegetação, o relevo, a hidrografia, o povo do lugar e sua cultura, sua música, seus hábitos, seus hábitos, sua culinária. E, sem esse conhecimento, fica difícil respeitar.

Resgatar o interesse e o respeito nas localidades onde a implantação do turismo está muito avançada é tarefa árdua. Em geral, esses locais estão extremamente descaracterizados do ponto de vista natural e cultural. No



entanto, são esses mesmos aspectos que compõem a própria matéria-prima do turismo, constituindo parte importante dos seus atrativos. Quando eles começam a se deteriorar, a atividade turística tende a declinar. Na origem do processo está uma forte diferenciação social resultante da homogeneização dos perfis e da redução do número de beneficiários do desenvolvimento econômico. As conseqüências, como a violência, são graves e de difícil resolução. Face a esta dificuldade e ao fato de não assumirem sua parte de responsabilidade, os empresários do setor turístico costumam redirecionar seus investimentos, buscando novas regiões para se implantarem. O Rio de Janeiro é um exemplo disso. Tendo sido a grande "estrela" receptora do turismo nacional e internacional, vem sendo hoje relegado a um segundo plano, ou eliminado de certos circuitos turísticos.

Há outros lugares em que, até bem pouco tempo, ainda predominavam as características ambientais e culturais, como é o caso de Salvador. Lá, a cultura popular era forte, e constituía um dos principais, para não dizer o principal, atrativo para o turista nacional e internacional, com suas festas, rituais, jogos, comida, praias, etc. No entanto, hoje em dia, Salvador apresenta-se como uma cidade turística como tantas outras, com praias poluídas e a população marginalizada, desempregada, cada vez mais afastada dos benefícios trazidos pela atividade. O intercâmbio que existia entre visitante e o morador começa a desaparecer, resultando em uma total desconfiança, até mesmo quando se solicita uma simples informação na rua. À semelhança do Rio de Janeiro, o roubo, a violência e a degradação social e ambiental começam a fazer parte de sua história. A decadência como atração turística é conseqüência inevitável.

Tomemos, ainda, um terceiro exemplo, o de Cancún, no México. Foi planejada para constituir pólo turístico destinado a atender um público de alta renda. Este público costuma interessar-se mais pelos hotéis do que pelas características naturais e culturais do local visitado. As qualificações do estabelecimento, seu conforto, sua capacidade de reproduzir o local de moradia do visitante ou, até, sua capacidade de corresponder temporariamente ao sonho de ascensão social são aspectos preponderantes para uma determinada faixa do público-alvo. Para implantar o pólo turístico de Cancún, vários de seus ecossistemas originais foram eliminados e tudo o que era próprio do local foi substituído por um paredão de hotéis de luxo que se interpõe entre a avenida principal e o mar. A população local ficou afastada, foi deslocada de seu lugar de origem e hoje se concentra em seu núcleo urbano distante. As próprias ruínas da civilização maia restaram apenas em parte, como atração iluminada dos fundos de um dos hotéis.

As praias foram, na prática, privatizadas. O visitante não integrado a um circuito turístico não tem mais acesso à paisagem do mar, pois o seu azul-turquesa só é acessível a partir das janelas dos hotéis. E a paisagem submarina? Também está cada dia mais deteriorada, com o assédio inescrupuloso e descontrolado de um

número excessivo de turistas, que destrói direta (retirando partes) ou indiretamente (elevando turbidez, modificando salinidade) os corais e seus arrecifes, fundamentais para a manutenção da vida e da beleza marinhas. No entanto, para vender seus produtos, os empresários de Cancún usam o apelo de suas origens, suas riquezas naturais, seu povo, seu testemunho de antigas e evoluídas civilizações. Mesmo correndo o risco de, a médio prazo, começarem a frustrar os clientes, quando estes perceberem o que está ocorrendo com os próprios objetos da motivação que os levou até lá.

O que tudo isto tem em comum? O descaso de todos os agentes sociais com relação a essa degradação. Empresários e turistas são cúmplices em seu desrespeito não só pela população local como pelas populações futuras. Para cada local onde a evolução do turismo tornou-se difícil devido à degradação socioambiental, cria-se outro, com características semelhantes, ainda que mais modernas e aparentemente diferenciadas. É assim que, no Brasil, passa-se do Rio de Janeiro a Salvador, Recife ou Natal.

Quando todo o Nordeste estiver inviável, haverá ainda tantos lugares possíveis, sendo o país tão grande e tão rico em atrativos turísticos potenciais. Também no México, primeiro, não era Acapulco? Agora, concentra-se em Cancún, e depois virão outros.

De maneira geral, o turismo atual é caracterizado por uma grande superficialidade em relação à natureza e às populações locais. O deleite quanto à qualidade estética de um lugar é extremamente efêmero. A política de desenvolvimento do setor tem tornado o turismo uma atividade exploratória de curta duração: raramente o turista volta a um lugar em função de suas qualidades estéticas. Além disso, ou talvez por isso mesmo, não se importa de deixar atrás de si a poluição na forma de resíduos sólidos, líquidos e gasosos, ou mesmo de descaracteriza ou marginalizar comunidades nativas. Nem os investidores do setor inquietam-se com isso, acreditando na possibilidade de explorarem outros locais, outras regiões, no futuro.

O distanciamento e descompromisso do homem moderno em relação à natureza não se expressam apenas no meio natural. O descaso com o meio físico e biológico é mais conhecido e difundido, mas se revela também em outras naturezas, como a das relações socioculturais e das relações individuais. "Mais do que nunca, a natureza não pode se separada da cultura e precisamos aprender a pensar transversalmente as interações entre ecossistemas, mecanosfera e universo de referência sociais e individuais." (*Guattari, pág 25*).

Nessa linha de raciocínio, vamos examinar a relação do turismo com essas três ecologias definidas por Guattari.

O TURISMO E O MEIO NATURAL: A PAISAGEM

Fazer turismo tem significado para os indivíduos, de forma geral, viajar para um lugar diferente do de sua moradia e fazer algo que contraste com seu cotidiano, sem, porém expô-lo a situações desconhecidas. A idéia de conhecer realmente o lugar para onde se vai, o que há de próprio nele, as bases que compõem sua beleza e sobre as quais foi construído, parece algo distante e completamente desnecessário. Aventurar-se, então, estar disponível para descobrir o lugar naquele momento, é algo inacessível. Na verdade, para o homem civilizado, tudo o que é estranho parece arriscado, como se fosse perder algo com isso. O próprio desenrolar de nossa história, que culminou com o que somos hoje, caminhou para o afastamento da natureza, que passou significar o escuro, o contrário da civilização, nosso refúgio. Tudo o que é diferente, estranho, desconhecido, fica associado ao perigo.

Em relação à natureza, o que o turista pode exigir? Até onde sua capacidade de percepção pode ir? "A avaliação do meio ambiente pelo visitante é puramente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por um critério formal de beleza. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes". (...) "Sua percepção frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada de sua imersão na totalidade de seu meio ambiente. O ponto de vista do visitante, por ser simples, é facilmente enunciado. Por outro lado a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, conhecimento e mito." (*Tuan, pág. 72-74*).

Para se ter uma relação mais intensa com o lugar é preciso vivenciá-lo. É preciso que o turismo possibilite alguma relação mais direta, em que a vivência represente uma relação de troca, de aprendizado e de respeito. Muitas vezes, a elevação da qualidade da percepção requer conhecer melhor as características ambientais locais. Para isso é preciso interessar-se e informar-se. O turismo pode possibilitar isto. Só a vivência pode levar ao afeto, que finalmente levará ao respeito e à solidariedade com as populações futuras.

Sem um contato mais intimo, sem a noção da realidade, sem informações atuais e históricas, a relação do turista com a paisagem fica restrita ao revelada pela câmera fotográfica. Tanto assim, que não é incomum acontecer de se considerar a viagem um completo fracasso, quando ocorre algum incidente com a câmera e as fotos ficam perdidas. É como se a pessoa não tivesse ido. As emoções, os contatos, o aprendizado, não ficaram, porque provavelmente não ocorreram. Alguns ambientes naturais, entretanto, têm sido enormemente valorizados pela atividade turística, e proporcionam de alguma forma um contato mais direto com certos elementos naturais. Eles têm, "em diferentes tempos e lugares, atraído fortemente a imaginação humana: a praia, o vale e a ilha. As praias (as

baías e planícies costeiras) sugerem segurança e o horizonte aberto para o mar sugere aventura. Alem disso, o corpo humano que normalmente desfruta do mar e da terra, entra em contato com a água e a areia. A natação, ao contrário do que acontece com muitos esportes competitivos, minimiza as diferenças físicas e sociais dos seres humanos". (...) "Os vales são lugares onde a humanidade deu os primeiros passos para a agricultura e para a vida sedentária. Transmitem segurança". (...) "As ilha têm um grande número de significado na história da humanidade. Representam, no mínimo, um lugar de fuga temporária para escapar das pressões do cotidiano". (Tuan, pág. 131-135).

A paisagem se deteriora das mais diversas formas, evidentes ou não, com exercício da atividade turística. A transformação dos espaços naturais para a implantação de edificações é uma delas. De qualquer forma, as paisagens rurais, contendo áreas de mata ou não, foram de alguma forma transformadas pelo homem em algum momento do passado. Portanto, não se trata de reivindicar situações de pureza, de intervenções humanas, pois estas situações muito provavelmente, não existem. As transformações da agricultura ou da pecuária sobre a paisagem são, de alguma forma, mais integradas, permitindo a continuidade de pelo menos alguns ciclos naturais. Já as edificações para fins da segunda residência ou para estabelecimentos de hospedagem produzem um efeito mais agressivo e menos integrado aos aspectos naturais. Além de alterar a paisagem de modo negativo, tendem a privatizá-la, tornando-as, muitas vezes, inacessíveis aos transeuntes em geral. Em outros casos, a construção de prédios, estradas e pontes dá origem a processos erosivos de difícil contenção, tornando a degradação do solo e sua exposição às intempéries cada vez maiores.

O turismo dá também o inicio ao processo de especulação imobiliária que, ao valorizar novas áreas, faz com suas características ambientais se tornem completamente secundárias. Deste modo, o aterro de mangues e de lagunas, a eliminação de florestas originais, ocupação de dunas e a construção sobre altas declividades perfeitamente possíveis e extremamente fregüentes em todo nosso litoral, para citar apenas fatos nacionais. Isso ocorre à revelia da legislação ambiental, bastante clara nestes aspectos.

As localidades turísticas têm dificuldades em solucionar os problemas de saneamento básico, pois a demanda sobre esse serviço é multiplicada às vezes por cem, em épocas de temporada e fins de semana prolongados. Nesses períodos, os efluentes domésticos chegam atingir níveis muito superiores a capacidade de saturação. Os despejos de fossas e esgotos acabam contaminando as praias, comprometendo a balneabilidade de suas águas. É também difícil organizar a coleta de lixo e, muitas vezes, é impossível estabelecer um local apropriado para o seu despejo. Ou fica disperso por várias áreas sem um tratamento adequado, ou a municipalidade é obrigada a negociar sua deposição em algum município vizinho. São todas soluções de curto prazo, que prejudicam o futuro do desenvolvimento turístico.

A avalanche de turistas e veranistas que surgem nas temporadas altera ou destrói as culturas locais, eliminando com elas a possibilidade de realização de qualquer atividade integrada aquele meio natural específico.

O TURISMO E AS RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS: A SUSTENTABILIDADE

Na formação dos centros turísticos, a população nativa é frequentemente afastada de seu local de moradia e atividade de origem. Isto se dá das mais diversas formas, seja fisicamente, vendendo sua terra e deslocando-se para outro lugar; seja participando, informal e marginalmente, da economia; seja menosprezando seus próprios valores culturais e submetendo-se aos novos trazidos pelos turistas.

A noção de respeito pelas comunidades nativas é algo extremamente difícil de se definir e, mais ainda de realizar. Estas comunidades, sejam elas indígenas, caboclas, caiçaras, caipiras ou outras, têm como todos o direito a modernizarse, a modificar seus padrões de comportamento. Trata-se de uma opção aberta para cada grupo cultural ou para cada pessoa, individualmente. Mas as comunidades têm também, ou deveriam ter, o direito de manter e reproduzir seus valores culturais tradicionais. A diferença está aí. O desenvolvimento de centros turísticos, planejados ou não, não tem deixado esta possibilidade.

Em geral, confundem-se a absorção de certas tecnologias com descaracterização cultural. O fato de, por exemplo, certa população ter acesso à televisão não quer dizer, obrigatoriamente, que perdeu suas referências culturais. Muitas vezes, pode ocorrer de estarem fazendo uma "leitura" do que vêem na tela, segundo seus padrões culturais mais tradicionais, e continuarem pensando, crendo e agindo da mesma forma que seus ancestrais. Assim uma população pode participar da economia do turismo, estar em contato com os visitantes e até melhorar sua qualidade de vida, sem dissolver-se como cultura. Mas isso só será possível participar ativa e não passivamente do processo. Ela precisa estar consciente e desejosa dessa transformação e participar com igualdade em relação aos novos participantes, aos que vêm de fora, que são os turistas e os investidores.

A desconsideração dos elementos culturais locais no planejamento e desenvolvimento de atividades turísticas está profundamente relacionada com a degradação ambiental gerada na grande maioria das localidades turísticas, tanto no Brasil como no exterior. Há exemplos semelhantes em todo o mundo. As comunidades nativas conhecem muito bem as características ecológicas do meio natural e seu limite de saturação. Sua participação ativa pode dar os parâmetros da sustentabilidade da atividade turística. Só assim elas, e igualmente as gerações futuras, poderão ser beneficiárias do desenvolvimento. Até aqui, os povos nativos têm sido descartados do processo, aumentando cada vez mais

os índices de pobreza e marginalidade, sobretudo na faixa tropical do planeta, onde a riqueza e a diversidade de atrativos turísticos são extraordinárias.

O desenvolvimento integrado do turismo traz vantagens obvias para o turista. Ele poderá conviver com interesse e respeito pelas pessoas do lugar, caminhar fora de circuitos turísticos, olhar com atenção para o meio circundante, aprender com isto, conhecer os costumes locais através de um contato mais pessoal, comer sua comida.

A culinária é instrumento importante para se conhecer um povo. Há certas culturas que desenvolveram pratos extremamente sofisticados e reveladores de seu temperamento, transformando o ato de alimentar em uma outra "viagem", principalmente para o visitante. Experimentar a comida é mergulhar na cultura local e diminuir a distância social que possa existir entre visitante e visitado. De certa forma, "cada cultura manifesta uma preocupação de utilizar a alimentação para afirmar e evidenciar sua coesão interna e sua heterogeneidade em relação a cultura vizinhas". (Garine, pág. 83, tradução livre). Interessar-se pela alimentação significa romper barreiras socioculturais, respeitar e conhecer nestas culturas sua especificidade. Isto as fortalecerá, pois vivenciamos um avançado processo de aglutinação cultural. E esses grupos aos quais me refiro estão muitas vezes no limite da transição.

Além da culinária, há inúmeros outros pontos de "contato" entre diferentes culturas, tais como festas, música, literatura oral, artesanato e conversa fiada mesmo, tão rica que é em aprendizado.

É importante que os planejadores de novos pólos e centros turísticos comecem a levar em conta suas populações e a elaborar, juntamente com elas, o plano de desenvolvimento local. Muito frequentemente, são elas que conhecem o manejo sustentado de seus ecossistemas é responsabilidade do planejador optar por concentrar os benefícios econômicos do desenvolvimento turístico em poucas mãos ou difundi-lo para todos os setores da sociedade local, elevando o nível econômico da população como um todo. Como consequência, elevase sua qualidade de vida e diminuem-se as diferencas sociais, os conflitos e a violência. Se nos discursos de órgãos e governos nacionais e internacionais todos se referem enfaticamente ao chamado desenvolvimento sustentável, não há como realmente implantá-lo sem as populações locais no processo.

A troca de vivências entre diferentes culturas é fonte riquissima e inesgotável de aprendizado. É o ponto através do qual o viajante pode voltar a ter retorno em termos de crescimento individual. "Parte, deixa o ninho para se enriquecer com os costumes de outros lugares, ouvir palavras nunca antes proferidas. Expõem o corpo ao vento e à chuva porque, para ser verdadeiramente educado, é preciso expor-se ao outro, esposar a alteridade e renascer mestiço". (Serres).

O TURISMO E A SUBJETIVIDADE: O SENTIDO DA VIAGEM

"(...) A época contemporânea exacerbando a produção de bens materiais e imateriais em detrimento da consistência de territórios existenciais individuais e de grupo, engendrou um imenso vazio na subjetividade que tende a se tornar cada vez mais absurda e sem recursos". (Guattari, pág. 30).

O turismo atual constitui atividade que gera uma série de subprodutos a serem consumidos. E, como qualquer produto com essa finalidade, é desfrutado por um período de tempo limitado para logo ser descartado. O que fica, na lembrança, e é extremamente tênue e fugaz. Não proporciona qualquer aprimoramento na qualidade do ser humano. Não dá um passo, não leva a um caminho. Na realidade, não sai do lugar. Assim, a possibilidade de se vivenciar uma experiência mais verdadeira é desperdiçada.

TURISMO OU MEIO AMBIENTE

A grande maioria das experiências conhecidas tem revelado um forte antagonismo entre turismo entre turismo e meio ambiente, este último entendido nas três dimensões acima mencionadas. Há grandes dificuldades institucionais no planejamento e implantação de um plano integrado de desenvolvimento turístico. As forças econômicas não estão voltadas para os interesses locais, no sentido de respeitar as populações nativas e os sistemas naturais. As experiências relevantes, preocupadas com essa revalorização, são sobretudo as denominadas de educação ambiental, que são bastante tímidas e de pequeno alcance, se levarmos em conta a amplitude e a gravidade dos impactos ambientais provocados pela atividade turística em geral.

O turismo, tal como vem sendo implantado, não apresenta característica de sustentabilidade a médio e longo prazos.

TURISMO E MEIO AMBIENTE

No entanto, nos grandes debates sobre desenvolvimento sustentável, o turismo aparece como uma das atividades com maior potencial de sustentabilidade, apesar da prática ter nos mostrado o contrário. O componente ambiental é, ao final das contas, uma das vigas mestras de seu desenvolvimento, se este for considerado em nível de cada local.

O desenvolvimento sustentável da atividade virá se os elementos ambientais forem considerados em seus três aspectos, através do conhecimento e respeito pelo meio natural, através da participação ativa das populações nativas, tanto no planejamento como na implantação da atividade, e também através da abertura da possibilidade de um maior desenvolvimento da subjetividade dos indivíduos, a partir de suas viagens.

Há vários indícios de que essa sustentabilidade não ficará apenas em nosso exercício de raciocínio: os novos planos de desenvolvimento turístico vêm incorporando pouco a pouco os aspectos ambientais; a legislação ambiental brasileira é bastante clara e interessante em muitos aspectos; os conceitos e técnicas em educação ambiental têm evoluído muito. É claro que tudo isso precisa ser posto efetiva e completamente em prática. Mas não podemos perder de vista que se trata de um processo, formado por etapas e pequenas conquistas individuais. As Unidades de Conservação vêm sendo criadas e pouco a pouco implantadas, reservando às populações atuais e futuras a possibilidade de interagirem diretamente com a natureza, a que propicia o homem urbano uma reflexão mais profunda sobre sua condição humana. Há experiências interessantíssimas de ecoturismo que, quando bem realizadas, fazem crer em uma real possibilidade de mudança em nossa sociedade.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte]



Formato da contribuição: artigo (texto completo)
Fonte: *Sprint Magazine*. Nov./dez. n°. 87, p. 44-47

E-mail do autor: anacrisal@hotmail.com

Títulos acadêmicos principais atuais: Professora Substituta da UFPR disciplina Recreação e Lazer; Professora do Ensino Fundamental; Graduação em Educação Física UFRRJ, Especialista em Psicomotricidade Relacional Sistêmica; Especialista em Psicologia dos Distúrbios de Conduta.



A Inter-relação do ensino em Recreação e Lazer e a Educação Ambiental

Ana Cristina P. C. Almeida

Na atual conjuntura construída em prol do desenvolvimento econômico, visualizam-se ambientes fragmentados e por demais deteriorados tanto na interpretação natural como a socialmente vivenciada perante o crescimento urbano e rural.

A preocupação ambiental deixou de ser tratada apenas por ecólogos para tomar decisões interdisciplinares com ávidos consumidores dispostos a ajudar de alguma forma, sejam nas suas rotinas ou até adotando medidas restritivas como a futura série de normas ISO 14.000 que direciona a gestão ambiental nas empresas, sem mencionar a proliferação da rotulagem verde em produtos que agregam valores do tipo reciclável, biodegradável e inócuo ao meio, capazes de restituir ou amenizar as transformações vulneráveis a que está submetida à comunidade.

A metodologia de ensino em Recreação e Lazer deve contemplar um currículo mais voltado à dinâmica ambiental pela complementaridade do curso de Educação Física atuante diretamente neste segmento hoje, mas carente de informa-



ções realistas sobre os verdadeiros efeitos x benefícios e, ao mesmo tempo, longe da demagogia vinculada na mídia que descaracteriza a ciência pelas diferentes interpretações do manejo dos recursos ambientais.

Atualmente no ensino de 1° e 2° graus, já é facultado ao professor de Educação Física a ênfase na Educação Ambiental que direciona a uma atualização voltada, principalmente, ao uso adequado dos recursos naturais, porém, geralmente, discrimina as relações globais de causa e efeito por falta de tempo, dedicação e até experimentação científica que tornaria o assunto mais pró-ativo além da simples "conscientização" e, portanto, de maior importância ao aprendizado.

Aliado a estes fatores, existe na atualidade uma tendência na prática de atividades físicas ligadas à natureza, os quais denotam preocupações ambientais devido à excessiva relação das indústrias do Lazer que privilegiam o retorno econômico sem se preocupar com a adequação ao uso nos diversos *habitats* onde atuam, cujos excessos promovem danos pela ultrapassagem dos limites apropriados daquela modalidade esportiva, disputada pelo crescente número de praticantes e o reduzido número de áreas compatíveis à interação almejada da conservação da natureza e recreação.

DESENVOLVIMENTO

O questionamento da interdisciplinaridade na Educação Física vem desde a década de oitenta no Brasil sendo discutida por diversos especialistas preocupados com as constantes tendências que direcionam o ensino nas Ciências do Esporte, apesar do caráter recente desta modalidade como desagregado de outras ciências, anteriormente caracterizado na Medicina, por exemplo, GUIRALDELLI JÚNIOR (1) E MEDINA (2).

Em outros trabalhos mais específicos ao ensino de recreação e lazer, MARCELLINO (3) e (4) destaca a necessidade de intercâmbio entre profissionais do setor na procura de movimentos mais amplos que "tenham por objetivo não simplesmente o puro consumo de atividades alienantes...mas a efetiva participação natural".

De maneira semelhante, ratificam BRAMANTE E BRUHNS citados por VALENTE et. alli (5). O primeiro autor citado considera a categoria mais ampla do lazer um conjunto interdisciplinar, onde concorrem profissionais de diversas áreas com interações profissionais, sociais, espirituais de conteúdo próprio. Já a segunda autora, descreve o aspecto complementar de ouras ciências, como a sociologia, a antropologia e a filosofia que favorecem com suas próprias análises do fenômeno Lazer no desenvolvimento de atividades promovidas.



BRAMANTE citado por VALENTE *et. alli* (6), caracteriza um currículo base de recreação e Estudos do lazer nacionais visando servir de referência ao nível de graduação, cujo desenvolvimento proporciona meios de melhoria social com repercussões na escolaridade formal e nos meios de educação não-formal. A postura focalizada por BRAMANTE prioriza as questões de ordem teórica e aquelas relativas às necessidades de pesquisa em detrimento do questionamento prático.

Também MARCELLINO citado por VALENTE *et. alli* (5), denota a importância do lazer no atendimento às necessidades das pessoas no seu todo, sendo, porém, fundamental que este público seja estimulado a participar e receba uma orientação básica, onde se decidirá a melhor opção aos seus anseios. De forma simplificada, "a escolha e a opção em termos de conteúdo estão diretamente ligadas ao conhecimento das alternativas que o Lazer oferece".

Por outro lado, o grau de compatibilidade entre manifestações de Lazer e sociedade presentes deve-se fazer perceber em espaços meticulosamente apropriados, mas sobretudo, com participação consciente dos envolvidos na sustentabilidade do meio onde se desenvolvem as atividades. Deve-se reconhecer que meio natural e meio social são indissociáveis pela interferência direta na questão desenvolvimento e preservação, de maneira a garantir possibilidades de uma qualidade de vida melhor a toda a sociedade e, em particular, a brasileira pela importância sócio-econômica da sua rica biodiversidade.

Todo este conjunto de inter-relações e interesses sociais exige a busca de uma conduta compatível a um estilo de desenvolvimento que foi dimensionado através dos termos da Lei maior, art. 225 – Constituição da república federativa do Brasil: "Todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações".

Os resultados destas ações que podem gerar melhores condições ambientais são adversas, mas, necessariamente encontram um lugar comum, expresso pela Educação. Esta visão atualmente é compartilhada por vários países preocupados coma questão e indicam a Educação Ambiental como a maneira mais eficiente para desenvolver uma consciência para o tema.

Conforme MUNHOZ (7) uma das formas de levar a Educação Ambiental à comunidade é pela ação direta do professor na sala de aula, em pesquisas extracurriculares como leituras, pesquisas e debates onde os acadêmicos poderão entender melhor os problemas que afetam a comunidade onde vivem, e, posteriormente, refletir e criticar as ações que desrespeitam e, muitas das vezes, destroem um patrimônio que é de todos nós.

É inegável a participação conjunta e precípua do professor em Recreação e Lazer na medida em que se define a consciência ecológica a um grupo também disseminador e provedor de motivações que se incorpora ao movimento ambientalista.

Na linha, DIESEL (8) descreve que "o programa educativo centrado na mudança de valores e na internalização de uma ética ecológica promove a mudança de comportamentos individuais e, por esta via, controla a degradação ambiental". Mais recentemente, afirma a autora, houve uma transição da concepção de educação ambiental centrada na modificação de valores e comportamentos individuais para uma preocupação com a transformação como projeto coletivo.

Sobre a metodologia apropriada no momento, MEYER (9) enfatiza que apenas a transmissão de informações e dados e a aquisição de atitudes de uma forma mecânica e automatizada são ineficazes, exigindo-se, atualmente, "uma postura formativa para compreender e analisar a diversidade sócio-cultural e biológica (sociobiodiversidade) inserida numa abordagem transformadora. Impor atitudes, condicionar condutas, adestrar comportamentos não passam de um verniz pedagógico".

A elaboração de projetos de Educação Ambiental passou a ser uma preocupação de grupos sociais no Brasil como, por exemplo, as organizações não governamentais (ONGs) e órgãos da esfera governamental, cuja proliferação desses projetos desencadeou o estabelecimento de parâmetros claros para sua conceituação e desenvolvimento que incluem, no mínimo, a delimitação do seu âmbito, de sua inserção no sistema educacional e, sobretudo, das diretrizes para o planejamento curricular e posterior avaliação, afirma KRASILCHIK (10). Esta autora, neste trabalho, descreve também a falta de comprometimento por parte dos docentes em não se envolverem nos problemas emergentes visando se defenderem das questões consideradas polêmicas, quando exemplifica: "evasivas baseadas em impedimentos burocráticos tais como obrigação de cumprir o programa, planejamento preestabelecido, falta de tempo ou material, são usados como argumentos para manter, em sala de aula, assuntos e comportamentos tradicionais, envolvendo temas com informações e opiniões prontas e definitivas, descaracterizando o auxílio na tomada de decisões próprias".

Essa interação do Lazer como veículo da Educação Ambiental é essencial na associação da aprendizagem de informações e a vivência de técnicas que possibilitem o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da ludicidade coma prática de ações e atitudes ambientais desejáveis, o que possibilitará ao aluno o pensar, sentir e agir em consonância com a natureza (WICKERT,11).

De maneira Singular TUBINO (12) esboça alguns indicadores capazes de traçar um delineamento do quadro contextual da sociedade atual perante projeções das atividades físicas, considerando-se novos contextos para o início do próximo século, reconhecendo algumas macrocaracterísticas: "a revolução tecnológica, a sociedade de massas, as revisões conceituais, a relativização com a ecologia e a percepção de que estamos num mundo dissenso". O autor pressupõe uma nova acomodação no campo social do esporte, listando algumas projeções em um total de oito que caracterizam, nas duas primeiras projeções, uma continuação do surgimento de modalidades esportivas ligadas à natureza e ao aparecimento sistemático de modalidades relacionadas à aventura do homem. O autor chega a citar: "o excesso e a falta de cuidado têm levado os ambientes de disputa ao ponto de exaustão indesejável. Certamente esse será um conflito novo no século XXI".

Também BRAMANTE (13) focaliza a importância do aspecto ambiental nas atividades de Recreação e Lazer, considerando uma variável imprescindível na administração do espaço urbano em busca de emergentes experiências de lazer, sendo necessário "estabelecer o equilíbrio inteligente entre o seu uso e sua preservação".

MARCELLINO (14) descreve que fundamentalmente a participação comunitária é essencial para "o conhecimento do valor do ambiente e no incentivo a um comportamento destinado à valorização, preservação e revitalização urbana".

QUESTIONAMENTOS E SUGESTÕES

Mediante o exposto pode-se delinear algumas questões merecedoras de reflexão por parte dos profissionais de ensino sobre a metodologia em recreação e lazer:

- 1 Qual a ênfase ambiental que atualmente é dada na disciplina de Recreação e Lazer?
- 2 Como seria o nível de conhecimento da problemática ambiental referente aos efeitos das atividades físicas ligadas à natureza? Haveria como mensurar índices visando-se à obtenção de limites de utilização homem/equipamento/ meio ambiente?
- 3 De que maneira e até que ponto a interdisciplinaridade, neste caso, é necessária para a compreensão e comprometimento das relações causa e efeito dos problemas ambientais promovidos pela interferência casual do homem via atividades de Recreação e Lazer?

Tais premissas seriam fundamentais ao evoluirmos o assunto sobre a adaptabilidade desta inter-relação necessária e desejada pela sociedade emergente.

Como sugestão a pesquisas acadêmicas, deve-se mencionar a carência de estudos sobre o conteúdo disciplinar em recreação e lazer que caracterize os aspectos referentes à inserção do componente ambiental.

Da mesma forma, deve-se elaborar uma listagem das atividades físicas impactantes, seja pela atividade em si ou através dos níveis de saturação das práticas, ou por demais meios, compondo-se um prognóstico atual destas atividades juntamente à evolução alcançada até o momento. Quanto à evolução das atividades, poderá ser levantada uma amostragem da produção industrial dos equipamentos e/ou a procura de interessados em excursões, montanhismo, escaladas e demais práticas que denotem referenciais impactantes ao ambiente.

Para complementar, sugere-se que através de entrevistas estruturadas sejam realizados questionários visando posicionar os anseios de praticantes assíduos, instrutores ambientais, ecoturistas, professores de recreação e o lazer entre outros, referente a ações de melhoria que viabilizem a adequação disciplinar entre o atendimento humanitário, inerentes às expectativas da qualidade de vida da sociedade envolvida

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]



Formato da contribuição: texto resumido de artigo em periódico

Fonte: "Visitar e compartilhar a natureza". Educador Ambiental, n°. 14, 1966 (WWF e Ecopress)

E-mail do autor: ritam@institutoroma.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, Especialista em Planejamento ambiental pela UNESCO e mestre em Sociologia do desenvolvimento pela École des Hautes em Sciences Sociales.

Visitar e compartilhar a natureza

Rita Mendonça

O professor Joseph Cornell, atualmente um dos mais respeitados educadores naturalistas do mundo, vem desenvolvendo, desde a década de 71, exercícios, jogos e brincadeiras que visam promover uma aproximação e interação do indivíduo com a Natureza. Seus jogos são aparentemente simples, mas têm um enorme potencial para quem quiser aprofundar essa relação. É um processo que pode ser permanente, se o participante se dispuser a ir cada vez mais longe na percepção de seu ambiente.

Para Cornell, a verdadeira definição de educação, que abrange a educação ambiental, é sugerida por J. Donald Walters: "É a habilidade de se relacionar com outras realidades, e não apenas com a sua própria". No fundo, nós estamos ligados a todas as formas de vida, só que não percebemos mais, No nosso dia-adia quase não nos damos conta deste afastamento e de quão longo é o caminho para nos reencontrarmos verdadeiramente com elas.

Com o desenvolvimento do ecoturismo, o desejo de visitar a Natureza vem aumentando. Pessoas que nunca tinham pensado nisso, agora buscam novas formas de turismo e vão acabar se deparando com paisagens deslumbrantes, árvores centenárias, cachoeiras cintilantes, montanhas e vales maravilhosos, vilarejos,outros povos. Tudo isso provocando emoções diversas. Mas, por estarmos tão mergulhados nessa vida moderna,urbana,mecanizada, individual, artificial,perdemos o canal de comunicação com a Natureza. Estamos visitando as poucas áreas naturais que restam,com o mesmo desinteresse que atravessa-

mos as grandes avenidas e viadutos de nossas cidades. Perante espetáculos grandiosos da Natureza, conseguimos parar apenas alguns minutos, o suficiente para dizer algo ou para tirar uma foto. É por isso que o trabalho pioneiro de Joseph Cornell tem uma especial importância para que atua com ecoturismo.

Para que as pessoas possam encontrar um sentido mais profundo para suas vidas e poder realmente desfrutar, compartilhar e desejar a conservação do mundo natural como algo indissociável de sua própria essência, é preciso se preparar, reaprender. É como entrar em contato com um novo idioma. É criar as bases para o início de uma nova relação, em que a razão sucede o sentimento.

É muito difícil resgatar a percepção de que pertencemos ao mundo natural, se vivemos em uma sociedade em que prevalece tudo o que é contrário ao sentido restaurador do indivíduo e da Natureza (ver Matsushima, K. "Dilema contemporâneo e educação ambiental:uma abordagem arquetípica e holística", Em aberto, vol 10 n 49, Brasília, 1991). Enquanto sociedade vivemos sob o desejo de nos apropriarmos dela, e não de nos reconhecermos como seus filhos. Para Satisfazer nossas "necessidades" de consumo,nós a transformamos em simples recurso, para utilizarmos hoje ou no futuro.

Cornell gosta de citar Henry David Thoreau:"Você não pode perceber a beleza se não estiver com a mente serena". Sua proposta de trabalho visa atuar nesse preparo: possibilitar que os indivíduos a percebam e se envolvam com ela. Quando as pessoas expandem sua auto-identidade para incluir todas as coisas como parte de si mesmas, então elas começam a realmente se interessar e cuidar da Natureza.

Esse trabalho abre as portas para as questões otimistas será que finalmente as pessoas terão a oportunidade de se integrar com a Natureza, desfrutar dela de forma a reencontrar o sentido próprio para tudo aquilo que fazem? Será que o educador ambiental vai finalmente alcançar seus objetivos de demonstrar o valor intrínseco da natureza, de uma forma vivenciada, resgatar sentimentos de respeito, admiração, indo muito além da idéia simples de utilidade?

Visitar uma área natural e observar a imensa diversidade que a compõe, reparar nas suas formas, cores, individualidades, pensar e sentir de que maneira fazemos ou não parte dela,pode ser uma boa oportunidade de resgatar valores e sentidos adormecidos. Há uma enorme trabalho pela frente para aqueles que se interessam em se aprofundar nessa linha de trabalho e o ecoturismo tem um especial potencial para isso. Cormell escreveu, até agora, quatro livros. O primeiro deles já está em português: *Brincar e Aprender com a Natureza.*

De tudo que existia de áreas naturais, resta hoje muito pouco. Em todo o mundo. Se o ecotutrismo existir para dar continuidade, ainda que de outra forma,

a esse antigo processo de devastação, então não estará atendendo minimamente a expectativa de ser sustentável e colaborar com a conservação da Natureza. Qual o sentido de visitar a Natureza, se não for para encontrar as bases para a transformação de nós mesmos e de nossa sociedade?

Conforme ensina Cornell, amar, respeitar e compartilhar a Natureza é possível e absolutamente necessário.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]



Publicação original: dissertação

Formato da contribuição: Capítulo da dissertação

Fonte: Dissertação de mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, defendida em 1996 e intitulada "Pelas Trilhas da Ilha de Santa Catarina: ecoturismo e aventura".

E-mail do autor: flavio.leonel@terra.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Biólogo e Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professor adjunto na Universidade Federal do Pará - UFPA.

Ecoturismo: viagem, lazer & aventura

Flávio Leonel Abreu da Silveira

DO TURISMO AO FCOTURISMO

O ato de viajar tem relação direta com os cenários atraentes, envolvendo por isso uma interação com aqueles aspectos das paisagens que seduzem os cidadãos urbanos, fazendo-os se afastarem de seus lugares de origem em busca de *evasão*, posto que tal experiência representa uma fuga temporária do cotidiano no qual estão inseridos (Parker, 1973; Urry, 1990).

A viagem enquanto um fenômeno cultural transformou-se com o passar do tempo, adquirindo novas características com a dinâmica das transformações sócio-econômicas, bem como das modificações que ocorreram nas formas de conceber o deslocamento na civilização ocidental, implicando uma complexa relação entre trabalho, lazer e turismo.

Sendo assim, a viagem tem no *estrangeiro* o seu personagem típico, pois o mesmo está vinculado à idéia de deslocamento espacial e ao ímpeto de ir que o colocou em trânsito. A noção de viagem sempre esteve relacionada de alguma forma ao chamado "mundo natural" - às paisagens exuberantes - e as culturas exóticas, pois ambos atraem os citadinos, impelindo-os a procura de novos lugares, estimulando o seu deslocamento para além do ambiente urbano, como uma forma de experienciar formas de lazer no qual é possível vivenciar o contato com as paisagens e as culturas que nelas vivem e as produzem.

As viagens de lazer e conhecimento vêm ocorrendo com mais intensidade, pelo menos, desde o século XVIII, porém tendem a assumir um caráter diferenciado desde a segunda metade do século XX, pois envolvem novas formas de interação com o ambiente e as culturas ditas locais.

Durante a Modernidade, a percepção do mundo natural parece ter oscilado entre a idéia de natureza como paraíso edênico - enquanto manifestação do bucólico e do prazer - e aquela de uma natureza inferiorizada pela cultura, sendo considerada apenas como substrato para a produção de bens materiais. Variou, portanto, entre o poético e o maquínico; o mundo do prazer e o da labuta; o jogo e o sério.

O século XX, todavia, foi palco para a legitimação de dois fenômenos sociais de extrema importância e que definiram transformações significativas nas formas de conceber e pensar as relações com o mundo, entre os cidadãos urbanos de parcela significativa de diferentes nações. Trata-se, por um lado, do turismo, que a partir da segunda metade do século teve um enorme desenvolvimento e, por outro, da ecologia, que aparece como uma questão central desde pelo menos a década de 60. Ambos os fenômenos aparecem hibridizados no final de século XX, através de práticas de lazer denominadas de *ecoturismo*, que emergem no cenário turístico como um dos fenômenos antropológicos mais interessantes entre aqueles surgidos nas sociedades modernas urbano-industriais.

O ecoturismo surge como uma alternativa ao turismo de massas, ou ainda, âquele estilo de fazer turismo que envolve uma certa "passividade", no sentido de que os turistas realizam pouquíssimo esforço físico (ficando restritos a roteiros pré-determinados nos quais serão conduzidos por um micro-ônibus até o local de visitação, por exemplo), ficando distantes das comunidades receptoras. Os ecoturistas, pelo contrário, buscam a interação com comunidades locais, que nesse caso, são de significativa importância para as práticas ecoturísticas.

O turismo ecológico ou o ecoturismo é um fenômeno recente e em evidência, ou melhor, é um evento típico do final do século XX, dentro do que se poderia apontar como uma perspectiva pós-moderna de interação com os naturais. Trata-se de uma atividade turística que se caracteriza por certo hibridismo, onde as questões ecológicas mesclam-se com a experiência turística gerando um outro tipo de evasão do espaço urbano, a qual prefiro denominar *experiência ecoturística*.

As transformações sociais em torno da idéia de lazer são dinâmicas e, no caso de ecoturismo, demonstram o ressurgimento de determinados valores do passado: a valorização do bucólico em contraposição ao urbano; a reatualização da idéia de *aventura*; a simplicidade do deslocamento e das hospedagens se comparados com o turismo tradicional; a importância dos relatos de viagem que os "aventureiros" contemporâneos dispersam no social a partir de livros, revistas,



etc. Tais questões se assentam em contextos sociais específicos, originando possibilidades diferenciadas de experimentar as práticas ecoturísticas, imprimindo características próprias a fenômenos com tendências globalizadoras, como são a ecologia e o turismo, que, todavia, não escapam aos jogos de poder inerentes à expansão de certos processos de globalização cultural e econômica.

A EXPERIÊNCIA ECOTURÍSTICA

Se a segunda metade do século XX é considerada o período do desenvolvimento do turismo como importante fonte econômica, assumindo o seu caráter de atividade de massa, também é a da constatação dos problemas ecológicos a nível global, aliada a uma forma diferenciada de percepção da natureza¹. Portanto, trata-se de dois fenômenos que surgem com uma força espantosa no cenário mundial, pois ambos representam de alguma forma a expansão das ações humanas sobre o planeta, daí que ecologia e turismo, num jogo de palavras se fundem originando um neologismo em voga – ecoturismo -, cujo agente social é o ecoturista².

Conforme Ribeiro & Barros (1994:2) "tornaram-se comuns expressões como 'turismo ecológico' ou 'ecoturismo', correspondentes a um segmento promissor de uma das indústrias mais dinâmicas da economia mundial, numa era em que as mudanças para uma economia com ênfase no consumo e no lazer fazem com que o setor de serviços experimente um crescimento inusitado".

O ecoturismo, desta forma, apresenta-se como um fenômeno recente que desponta no cenário internacional como um das atividades sócio-econômicas e culturais mais promissoras na virada do século³. Trata-se da reunião de dois temas instigantes e polêmicos sob o ponto de vista cultural: o turismo como uma importante prática de lazer e, conseqüentemente, a sua relação com o sistema econômico, implicando uma série de impactos socioambientais e, a ecologia, enquanto conhecimento científico e como uma forma de percepção do mundo natural na atualidade, ou ainda, como uma metáfora de natureza (Matta, 1993).

Neste sentido, a junção do prefixo "eco" com a palavra "turismo" não representou apenas o surgimento de um novo termo na língua portuguesa, relacionando turismo com os ecossistemas pouco alterados e as culturas detentoras de costumes exóticos que habitam os mesmos. A questão é mais ampla, suscitando uma série de reflexões. Desse hibridismo, origina-se uma gama de possibilidades interacionais que percorrem os interstícios existentes entre a dimensão cultural e aquela que é, fundamentalmente, de caráter ecossistêmico. Existem ainda, as peculiaridades da região na qual as atividades ecoturísticas ocorrem, decorrendo daí experiências de lazer muito específicas, onde biodiversidade e a etnodiversidade estão profundamente inter-relacionadas.

Surgem questões acerca do fenômeno "ecoturismo" que são relevantes, por exemplo: existe uma definição clara para o que vem a ser o ecoturismo? O que significa reunir ecologia e turismo numa expressão única? Quais as relações entre ecologia e turismo? Quais as interações entre ecoturismo e esporte? Como o fenômeno relaciona-se com a questão de classe e gênero, por exemplo?

Entendo o ecoturismo como um fenômeno sócio-antropológico, cuja origem vincula-se aos centros urbanos, estando relacionado aos deslocamentos dos citadinos em direção as regiões ditas "naturais", habitadas ou não por grupos humanos. Tais deslocamentos visam o prazer dos grupos humanos, dizendo respeito ao contato com paisagens diversas àquelas que estão acostumados, na medida que tais experiências aliam conhecimentos acerca da natureza e das culturas existentes no lugar visitado, pois se trata de experienciar a fruição ético-estética – o bucolismo; o exótico; a aventura - oriunda do tribalismo contemporâneo (Maffesoli, 1987) junto às paisagens do Outro.

O ecoturismo, sendo uma experiência de evasão, é um fenômeno que aproxima o passado e o presente, revelando-se como uma forma lúdica de experimentar o mundo e o exotismo que existe nele. O fenômeno nesses termos não é novo, pois se reveste da aura romântica já presente nas viagens modernas (séculos XVIII e XIX), porém com a exacerbação das problemáticas ambientais no final do século XX, termina por conter características muito peculiares na atualidade. O ecoturismo vincula-se a questões importantíssimas nas sociedades urbanas, pois relaciona entre si fenômenos complexos como:

a. o lazer (e sua conexão direta com o mundo do trabalho);

b. atividades práticas junto ao ambiente natural: esportes de aventura/radicais, passeios, piqueniques, etc. Tais interações com a natureza, suscitam aquelas problemáticas inerentes à gestão e a conservação ambiental;

c. as relações interétnicas, quando surgem questões ligadas as diferenças culturais e de respeito às culturas visitadas, além daquelas relações envolvendo práticas de dominação econômica (entre países centrais e de periferia, por exemplo).

O fenômeno ecoturístico está inserido num contexto de globalização cultural e apresenta, no entrecruzamento do turismo com a ecologia sua característica central. Assim, a partir de uma perspectiva cultural torna-se possível concebê-lo como um conjunto de atividades eco-culturais de lazer junto aos ambientes naturais, bem como às sociedades humanas ali existentes, sem, no entanto, deixar de considerar as conseqüências socioambientais decorrentes de suas atividades.

Ceballos-Lascurain (apud Pellegrini Filho, 1993), o define como um tipo de "turismo que consiste em viajar para áreas naturais não degradadas ou não

poluídas, com o objetivo específico de estudar, admirar e fruir a paisagem e suas plantas e animais, tanto quanto manifestações culturais (do passado e do presente) encontradas nessas áreas. Nesses termos, o turismo orientado para a natureza de uma maneira normalmente não possível no meio ambiente urbano".

Sendo assim, a relação entre ecologia e turismo é um desses aspectos que parece estar evidenciando as modificações na idéia de viagem e na concepção de natureza na atualidade e, por isso, tomando cada vez mais uma dimensão que transcende a própria noção de ecologia e turismo que se tornaram realidade no decorrer da Modernidade.

Ecologia, por sua vez, é um termo que já não pertence unicamente ao universo acadêmico, como um conceito que pretendia dar conta das interações dos seres vivos entre si e deles com ambiente, mediante suas permutas energéticas. Ela transcendeu a discussão biológica, atingindo outras disciplinas e, ainda, escapou do domínio de especialistas para adentrar no social como uma questão, como uma forma de percepção do mundo natural que não pode mais ser entendida apenas em termos ecossistêmicos. Ela é um fato sócio-antropológico e como tal, percorre os atos e falas dos cidadãos urbanos e amplia o seu significado, onde a mídia alimenta e imprime força a questão, que parece cada vez mais tomar corpo e se estabelecer como uma problemática relevante na atualidade, mas sujeita a uma série de contradições.

O que fica claro é que a ecologia como "metáfora da natureza" (Matta, 1993), vem mostrar que a banalização do termo, antes de desmerecê-lo, acaba o complexificando. Sua relação com o ecoturismo, portanto, é evidente. Desta forma, não estamos frente a um fenômeno menor, inferiorizado por alguns como uma "moda" - como se isso pudesse depreciá-lo enquanto um fenômeno social. Pelo contrário, a partir de tal situação é possível perceber como a noção de natureza sofre alterações no contemporâneo, originando espaços para manifestações que anunciam novas formas de sociabilidade, de relações com o mundo natural e com o corpo.

Se a "ecologização do mundo" como aponta Maffesoli (1994) é um fenômeno em andamento é porque não estamos mais frente a uma metáfora mecanicista (a dimensão maguinal do ambiente, funcionalista ao extremo), mas sim frente a uma metáfora que é de caráter orgânico. Encontrei entre os ecoturistas que estabeleci contato ao longo de minha pesquisa de campo na ilha de Santa Catarina (Florianópolis), noções de ecologia que são descritas na maioria das vezes como sinônimo de natureza, de paisagens naturais e seus componentes, relacionadas a beleza do lugar e a sua energia. Parece ser quase um senso comum entre algumas pessoas pertencentes às camadas médias (e provavelmente nas demais), o fato de relacionarem os ambientes e suas paisagens à idéia de ecologia, sinalizando para uma visão de natureza, que se reveste de algum romantismo, mas que implica na noção de escassez e devastação ambiental.

A ecologia é entendida como uma referência ao discurso ecológico-ambientalista, à contracultura, mas também enquanto natureza, estando relacionada a ecossistemas detentores da preciosa biodiversidade; enquanto um fenômeno ligado às revistas e jornais cujo enfoque são as paisagens, à moda, às camisetas, cadernos, chocolates, ao ecoturismo. Uma hiper-natureza (Noronha,1993) que se configura na medida em que representa o belo e a riqueza inerente ao mundo natural, que paulatinamente escasseia ou que está sempre a mercê de um perigo potencial relacionado às ações humanas. Ela é reproduzida e veiculada de várias formas pela sociedade de consumo, envolvendo uma ampla gama de representações do mundo natural, de discursos acerca dos problemas ecológicos.

As práticas ecoturísticas têm uma íntima ligação com as paisagens ditas "naturais" e de grande beleza cênica, com as peculiaridades eco-culturais das regiões nas quais os participantes das atividades se inserem. Os ecoturistas, portanto, estão em busca de experiências e paisagens exóticas, de ambiências que podem estar revestidas pela aura do mistério ou do maravilhoso: lugares inóspitos, paisagens deslumbrantes e raras, costumes exóticos de um povo, lugares considerados mágicos ou místicos -, rotas e trilhas sagradas, ruínas de civilizações que desapareceram, regiões onde ocorrem contatos com seres extraterrestres e que estão geralmente vinculados a cenários atraentes.

A relação entre ecoturismo e esporte é outro aspecto relevante e, em alguns casos, determinante. Mesmo que alguns ecoturistas com os quais dialoguei afirmem que não vêem as práticas ecoturísticas como esporte, é evidente a proximidade de algumas delas com práticas esportivas, com a utilização de determinadas técnicas corporais (Mauss, 1974), seja numa simples caminhada ou mesmo numa escalada. Se a questão do esporte é relevante para a experiência ecoturística, a da aventura não é menos.

A idéia de aventura também é um elemento de extrema importância nas atividades ecoturísticas, pois ao atualizá-la, o ecoturismo distancia-se do turismo tradicional, na medida em que investe nas atividades de risco (cujo nível pode ser variável), gerando experiências que trazem à tona emoções intensas como o pânico, o medo, a vertigem (Caillois,1967). A aventura, portanto, parece ser um dos elementos centrais no ecoturismo, pois estando ela relacionada ao tempo vivido, ao presente, acaba por romper com o tédio (Jankélévitch, 1989), pelo fato de que "trilhar" – ou praticar *trekking*-, por exemplo, é um ato que necessita uma predisposição a errância, ao novo, àquelas situações inesperadas e de risco.

A trilha, desta forma, deve ser pensada enquanto espaço de interação social, de manifestação do lúdico (de *iludere*, daí a ilusão), do jogo proveniente do estar-junto e do encantamento pelo entorno, pela paisagem. Ou seja, a trilha é percebida como caminho e ambiência, mas também enquanto efeito de trilhar, como deslocamento, envolvendo questões subjetivas e de ordem emocional e

estética. Ao recortar (ou atravessar) a paisagem ela permite certa ordem em meio ao aparente caos da natureza que a rodeia, porém a dinâmica da trilha implica em alterações no seu "corpo": a invasão do caos circundante gera certa desordem no caminho. A trilha senão for utilizada com certa fregüência, assume características diferenciadas, transforma-se, desordena-se; é preciso trilhar e, ao deslocar-se, imprimir pegadas que mantém a sua integridade enquanto espaço de manifestação do anthropos (a trilha como "lugar antropológico" - Augé, 1994) em meio ao mundo natural. Ela pode ser considerada o lugar que atualiza os deslocamentos primevos da espécie humana, ou ainda, dos antigos caminhos das comunidades locais.

Os praticantes do ecoturismo descobriram isso a sua maneira, se tal questão é uma forma de banalizar a trajetória humana -, por estar relacionado ao fenômeno da moda, pouco importa, pois o que interessa é o significado que a trilha assume num período em que as tecnologias de ponta, a urbanização excessiva e a destruição da biodiversidade fazem com que o homem na medida em que se distanciou da natureza, busca um reencantamento com o mundo natural.

O ecoturista ao percorrer uma trilha segue imerso numa paisagem que se apresenta como repleta de detalhes, de belezas nunca vistas ou que podem estar relacionadas a lugares visitados virtualmente através das imagens cinematográficas ou de reportagens das revistas especializadas vistas outrora. A trilha, ao se transformar, deflagra a dinâmica das imagens do lugar, permitindo a cada nova visita descobrir detalhes não vistos noutro momento. Não há o conforto de automóveis ou micro-ônibus, muito menos o asfalto, mas sim a constância dos passos sobre o caminho irregular, a deriva que faz o viandante um descobridor de sutilezas do mundo natural e da experiência cultural nativa.

Portanto, a questão aqui não é desmerecer o turista tradicional, mas mostrar que a experiência ecoturística é de outra ordem, implicando na busca de outras qualidades estéticas das paisagens, que não podem a princípio ser encontradas no ambiente urbano, pois para vivê-las requerem o afastamento dele, possibilitando, inclusive, outras formas de relacionamentos sociais e de interações grupais.

ALGUMAS PERSPECTIVAS PARA O ECOTURISMO

O ecoturismo permite relacionar o local (a eco-região) e o global (o nível planetário), o micro e o macrossociológico, evidenciando a importância de pensar o local e o "pequeno" dentro de uma perspectiva de desenvolvimento, que possibilite uma forma de relação subjetiva com o meio, ao mesmo tempo em que permita a gestão dos aspectos regionais e socioambientais, pautada no respeito e integração das comunidades no planejamento e decisões acerca dos projetos de ecoturismo para a região na qual as atividades se voltam. Os aspectos culturais e ecossistêmicos de uma dada localidade, são fatores essenciais a serem levados em consideração, pois se ambos não forem contemplados, uma série de problemas da ordem de impactos sociais e ambientais poderão advir de tal empreendimento ecoturístico.

O fenômeno cultural que é o ecoturismo está intimamente relacionado ao ecodesenvolvimento - uso o termo como sinônimo de desenvolvimento sustentável, como Sachs (1987) vem utilizando -, onde haveria uma simetria entre as dimensões ecológicas e antropológicas. Portanto, é necessário falar numa perspectiva eco-antropológica para os empreendimentos voltados ao ecoturismo.

Sendo assim, ao aliar lazer, práticas esportivas e informações acerca do contexto eco-cultural da região, o ecoturismo pode representar um instrumento estratégico, se bem direcionado, para políticas municipais de turismo, cuja tônica seja o respeito aos diferentes tipos de manifestações culturais (festas populares e religiosas, por exemplo); às formas locais de uso do espaço e de manejo dos ecossistemas; de conservação do patrimônio histórico-cultural e ambiental, pois é de suma importância, a existência de políticas conservacionistas que não excluam o homem nativo deste processo singular no qual os grupos urbanos seguem ao encontro de suas paisagens de pertencimento.

Tais questões apontam para o fato de que qualquer projeto econômico voltado para o ecoturismo, precisa considerar que as comunidades (tradicionais ou indígenas) devem ser respeitadas e mantidas nas suas regiões de origem: a autoctonia e o caráter pretérito de sua presença na eco-região, vinculados à dinâmica da memória coletiva, devem ser considerados como um elemento fundamental que alicerca o direito dos grupos sociais de permanecerem nos seus lugares de pertença, implicando assim, numa ética em relação à diferença cultural e a integridade das paisagens do Outro, pela via das chamadas "tecnologias brandas" associadas ao saberes locais, visando o êxito dos projetos numa área com potencial ecoturístico. Portanto, a elaboração e execução de um projeto ecoturístico só pode ser dialógico - levando em conta a voz e a vontade do outro no processo -, ou então, está fadado ao equívoco e ao deslize ético.

Para que o ecoturismo se torne, de fato, uma das atividades humanas de caráter econômico voltadas ao lazer e ao esporte junto à natureza, que sejam promissoras para determinadas localidades no país, mais especificamente, na busca de uma melhor adequação das realidades sociais e ambientais no Brasil, é preciso um planejamento interdisciplinar dos projetos a serem implantados. É necessário destacar ainda a necessidade de um amplo debate envolvimento as comunidades locais, os grupos organizados politicamente (ONGs, Movimentos Populares, Associações de Bairros), os empresários e poder público (prefeituras, por exemplo), no processo de implantação dos projetos ecoturísticos.

As atividades ecoturísticas ao apostarem no local, no caráter suave da experiência, no sentido de tentarem causar o mínimo de impactos socioambientais, desconsideram os grandes empreendimentos - os megaprojetos -, buscando ao invés disso, uma adequação à ambiência (seja em termos arquitetônicos, de inserção na comunidade local ou nos ecossistemas). O ecoturismo aposta num desenvolvimento integrado ao ambiente natural, possibilitando inclusive investimentos mais moderados e consequências menos impactantes no contexto em que se insere.

Assim, temos que o ecoturismo está numa direção oposta ao turismo de massas, no sentido de que não deve estar vinculado a grandes grupos; à urbanização desordenada e excessiva; à especulação imobiliária; à devastação dos ecossistemas para a implantação de megaprojetos. Pelo contrário, sinaliza para as ecotécnicas; para práticas voltadas a "cidadania ambiental" e, portanto, relacionadas com a educação (e não necessariamente a idéia nebulosa de "educação ambiental"); ao uso não destrutivo dos ecossistemas e ao respeito às peculiaridades culturais encontradas numa eco-região, pois conservacionismo e valorização da cultura regional são fatores relevantes nas atividades ecoturísticas, que devem ser priorizadas pelas políticas públicas e acompanhadas de perto pelos atores sociais organizados.

O ecoturismo percorre caminhos que podem conduzir a paradoxos. O interessante nesse jogo está na aventura que se quer experienciar, nas estratégias engendradas para gerenciar determinadas condições específicas do contexto socioambiental no qual um empreendimento ecoturístico é instaurado. Os riscos devem ser administrados considerando a participação de todos os interessados no processo, pois é preciso trilhar junto. Acima de tudo, trata-se de criar formas de lidar com o presente (específicas de cada contexto cultural), de maneira a gerar uma situação propícia para que se efetive a tão falada tríade que constitui qualquer empreendimento ligado à idéia de ecodesenvolvimento, ou seja, a conservação do patrimônio ecológico, o respeito às culturas tradicionais e a justiça social, permitindo assim que o cidadão urbano experimente uma forma de lazer singular e gratificante na sua relação com a diferença, seja ela da ordem da natureza ou da cultura, mas que na realidade configuram-se enquanto instâncias indissociáveis no mundo.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

NOTAS

¹Urry (1992:1) menciona o fato de que o significado da natureza é algo relacionado ao aprendizado e, como tal, tem suas variações devido às diferenças existentes entre os grupos sociais. Isso demonstra a grande diversidade de concepções de natureza, que um país como o Brasil pode conter, dada a sua significativa heterogeneidade cultural. A idéia de natureza tem uma trajetória repleta de transformações, ou seja, de formas pelas quais o Ocidente tratou de se relacionar com o mundo natural e de percebê-lo, no sentido estético e moral. Collingwood (1986:15-16) distingue três cosmologias, ou melhor, "três períodos de mentalidade cosmológica construtiva", nos quais a natureza foi alvo de intenso interesse e debates, fruto de inquietações provenientes da ciência



e que determinaram feições diferenciadas à idéia de natureza. As três visões que o autor menciona são: a Grega, a Renascentista e a Moderna. Ele se refere à visão Moderna da natureza afirmando que ela, "como as suas predecessoras, é baseada numa analogia. O que tem de novo é que essa analogia é inédita. Enquanto a ciência natural grega se baseava na analogia entre a natureza como macrocosmo e o homem como um microcosmo, à medida que o homem se revelava a si próprio através da autoconsciência; enquanto a ciência natural da Renascença era baseada na analogia entre a natureza como obra de Deus e as máquinas como obra do homem (...), a moderna visão da natureza, que comeca a tomar forma em fins do século XVIII e desde então se tem consolidado cada vez mais até os nossos dias, é baseada na analogia entre os processos do mundo natural, estudados pelos cientistas da natureza, e as vicissitudes dos problemas humanos, estudadas pelos historia-

²Conforme Roger Dajoz (1983), a palavra ecologia foi empregada pelo naturalista Ernst Haeckel pela primeira vez em 1866 em sua obra intitulada "Generelle Morphologie der Organismen". Eugene Odum (1988), afirma que o termo foi utilizado por Haeckel em 1869, porém ambos concordam quanto a definição do termo, cuja origem etimológica é grega e onde: oykos significa casa e logos significaria estudo ou tratado, sendo assim, a ecologia seria o "estudo da casa"; "o estudo do lugar onde se vive"; "o estudo do habitat". Aurélio Buarque de Hollanda define o termo como "Estudo das relações entre os seres vivos e o meio ou ambiente em que vivem, bem como as suas recíprocas influências". A palavra turismo, por sua vez, aparece primeiramente em 1811, no Oxford English Dictionary (Schmeil, 1994). A origem da palavra tour é francesa "como muitas palavras do inglês moderno que definem conceitos ligados à riqueza e à classe privilegiada. Isso aconteceu porque, durante o tempo em que a Inglaterra esteve ocupada pelos franceses (normandos, século X até o XIV), a corte passou a falar francês, e o inglês escrito quase desapareceu. A palavra tour quer dizer volta e tem seu equivalente no inglês turn, e no latim tornare. O pesquisador suíço Arthur Haulot acredita que a origem da palavra está no hebraico Turque aparece na Bíblia com o significado de viagem de reconhecimento". (Barreto, p.43)

³Conforme matéria do Diário Catarinense de 10/12/95 "os dados do World Travel & Tourism Council (WTTC, Conselho Mundial de Viagens e Turismo) ajudam a entender a importância do debate. Dez por cento de todas as pessoas que viajam no mundo estão em busca de contato com a natureza. Até o ano 2000 serão 15%, o que vai movimentar US\$ 1,185 trilhão anuais. A receita gerada no Brasil com a atividade é de US\$ 2,2 bilhões/ano, ou 5% do total movimentado com o turismo no país. Enquanto o turismo convencional no mundo cresce em média 5% ao ano, o ecoturismo chega a crescer 20%. No Brasil, cerca de 2 milhões de pessoas fazem ecoturismo todos os anos. Uma pequena parcela desse número corresponde aos estrangeiros - apenas 140 mil em 1994. Ou seja, o país está apenas mordiscando um enorme mercado quase inaproveitado. Nos Estados Unidos, 800 milhões de pessoas visitaram os parques naturais no ano passado e 2,5 milhões de americanos observadores de pássaros viajaram ao Exterior. Na Grã-Bretanha 80% da população viaja regularmente para o campo". p.6



Ano: 1997
Publicação original: capítulo de livro ("Introduction" - versão em inglês)

Formato da contribuição: texto completo em língua inglesa, sem referências

Fonte: "Environment and Sport: An International Overview / Meio Ambiente e Desporto: Uma Perspectiva Internacional", Lamartine DaCosta (Ed.) e António Marques (Org.), Porto (Portugal): Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 1997, pp. 15 – 21.

E-mail do autor: dacosta8@terra.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Doutor em Filosofia e LD em Administração do Esporte, PPGEF-Universidade Gama Filho / Rio de Janeiro.



Introduction Environment and sport: an international overview

Lamartine P. Dacosta University Gama Filho, Rio de Janeiro - Brazil Guest Professor at University of Oporto

The purpose of this book is pragmatic in its initial approach: the promotion of philosophical, scientific, and technological interchange on topics related to the environment and sport from the perspective of sustainable development, which consists of a productive and healthy life in harmony with nature.

The concept of "sustainable development" can be found in the Rio Declaration - the final result of the United Nations Conference on Environment and Development, which took place in 1992 - and in this book it encompasses sport, as it has been one of humanity's main activities at the close of the century. Since principle number eight of the aforementioned Declaration, to which over one hundred countries subscribed, proposes the "reduction and elimination of non-sustainable production and consumption patterns" (In "The Rio Declaration On Environment and Development", United Nations Conference on Environment and Development, Rio de Janeiro, 1992), it has been assumed here that sport is one of those patterns on account of its increasing expansion in ways that are often neither healthful to society nor in harmony with nature.



For this reason, as of 1992 sport has been included among the several areas which have undergone ecology-related assessment, as was seen at the Olympic Centennial Congress, which took place in Paris in 1994. In the course of that event, the International Olympic Committee - IOC considered the environmental implications of sport activities as one of the main problems of the Olympic Movement. The 1995 UN-Klimakonferenz in Berlin is a good example among the international conventions that have been dedicated to other more ecologically sensitive areas, such as the climate and biodiversity.

This book is inserted in this ongoing assessment process whose benchmark was the 1992 Rio Declaration, and it attempts to establish a theoretical foundation as well as an analysis of the experiences concerning environmental protection in the field of sport. Thus, we aim not only to keep up with the generation of knowledge, but also to define the concept of a desirable "sustainable" management of sport, a challenge with which sport organizations in general will have to cope in the next few years.

Such intents were also based on the ISO 14000 series (Sept. 1994), a set of standards developed by the Swiss-based International Standard Organization, which will regulate the relationship between business firms and organizations in general and the environment in the next few decades. In this case, the progressive incorporation of sport organizations within the scope of international standardization can be expected.

The ISO 14000 Standards are specifically related to environmental protection and they are expanded in documents (implementation procedures, concepts, standards of reference, audits, etc.) which are produced in accordance with the experience of the different countries which have subscribed to the ISO system. Having undergone a trial period with the participation of a number of European business firms and governmental organizations, the first ISO 14000 Standards will be made available in the course of 1996.

Thus, this book provides an opportunity to establish the preliminary conditions for the standardization of sport "production" and "consumption" with regard to the currently evident ecological demands on sport activities, not only when they occur on snow, or in lakes, beaches, and forests, but also when they are related to the impact produced by large-scale facilities, as is the case of national, continental, and Olympic games.

Regardless of subscribing or not to the ISO system, sport organizations, especially the IOC, international federations, and national organizations are beginning to consider alternatives involving self-control and standardization in view of their increasing involvement in environmental conflicts. This trend has emerged in a variety of events which were dedicated to the environment-sport



theme, and has prevailed as such in the recent workshop on "Ecology & Environment" which was held during the international congress on "Sport Images in the World", a celebration of the 75th anniversary of the Sport University of Cologne (Germany) in November, 1995.

The guidelines for the work accomplished during that opportunity for scientific interchange were furnished by the statement quoted below:

"The increased public awareness of the problems concerning ecological preservation has inevitably also turned to sport. Along with the growing number of persons active in sport and the development of new "sport disciplines", the danger of ecological damage through sport rises. Sport needs the natural environment, but it also "consumes" it. The workshop should contribute to the search for solutions to those problems, by describing scientific investigations dealing with the development of criteria regarding the conditions under which the "environmental consumption" by sport is legitimate and the aspects in which it should be criticized." (GERMAN SPORT UNIVERSITY COLOGNE - "International Congress - Images of Sport in the World", Final Program, p. 39, 1995)

Based on these considerations, and having inserted the book within the framework of local and global relationships encompassing the environment as well as sport, we feel free to adopt a second approach so as to shed light on certain points regarding the country, the institutions and the individuals who have produced this collection of texts.

Starting with Portugal, it should be pointed out that as early as in the 14^{th} century, this country was already aware of the hazardous effects of deforestation as a result economic exploitation and population growth. That was the reason for King Denis' having promoted in those days what would now be called "sustainable development", replenishing the Leiria region by means of the intensive planting of pine trees for the controlled use of the newborn shipping industry (MOTTOSO, J. e SOUZA, A., "História de Portugal", Editorial Estampa, Lisboa, 1993, pp. 322-327).

Later, in the 18th century, environmental control measures were included in the royal Portuguese decrees, when King John the Second commanded that hunters and coal merchants in the Palmela region be repressed and held responsible for their actions. This governmental intervention was brought about by the "councilmen and good men" who protested against the burning and destruction of the vegetation and the consequent decline of the wax and honey industry (BUARQUE DE HOLLANDA, S., "Caminhos e Fronteiras", Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1994, pp.235-236).

These two historical landmarks coincide with the naval and subsequent colonial expansion of Portugal, where there occurred a combination of factors which typify the ecological unbalance of the world we now live in: population growth, urbanization, technological development, and the predatory use of natural resources. In this manner, Portuguese civilization incorporated into its history the ambivalent sense of progress, this fundamental Western myth whose ultimate results are now being questioned.

This resembles the recent developments in current sport, which shares with progress a common Promethean origin (KATAOKA, A, "Sport and Prometheus' Fire" in "Die Aktualität der Sportphilosophie", Gebauer, G. (Ed.), Academia Verlag, Sankt Augustin, 1993, pp. 49-62): one hundred and fifty years have elapsed in the expansion which stemmed from the ideals of Thomas Arnold and Pierre de Coubertin, and now sport activities in different countries are faced with the need for the fixing of boundaries in compliance with environmental protection and preservation. This tendency was expressed by scientific verification and petitionary criticism in the early 1970s, and reached its highest point with the support of the International Olympic Committee at the dawn of the 1990s.

In 1993, the University of Oporto, in turn, through an initiative of its Faculty of Sport Sciences and Physical Education (FCDEF - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física) decided to fill the gap in academic study on the novel topic of "Sport and Environment" by approaching it in essential yet unprecedented ways. The idea was not only to redeem the Portuguese tradition with regard to the subject, but above all to comply with the sociocultural vocation to which the FCDEF had been devoting itself since 1988.

Actually, the interpretation of current sport by the University of Oporto still took a weak stand on an international level by choosing to favor the bias of contemporary culture and historical comprehension, yet maintaining a scientific basis as well. In this manner, under the initial direction of Professor Doctor Jorge Olímpio Bento, whose work was complemented by that of Professor António Marques, the FCDEF produced a series of symposiums and congresses whose topics were later published as books on themes such as health and welfare (1988), ethics (1989), Sport for All (1991), third age (1993), the city and nature (1993), and children and adolescents (1994).

In addition to all these undertakings, the FCDEF headed the organization of congresses for Portuguese-speaking countries where efforts were made toward the establishment of an intercultural perspective of sport (1989, 1991, and 1992). Scientists and scholars of international renown were welcome to participate in debates and in the production of texts during these congresses as well as in the thematic events. This book represents the conjugation of such a procedure, as it was originally the outcome of an international symposium held in Oporto at the beginning of 1993, having been completed in the latter half of 1995.

The Editor's task, with which we were entrusted by the FCDEF, was based on a relationship marked by personal contacts and successive proofreadings with the Authors who had been included in the book after the 1993 Symposium, However, the first step toward the publishing of the book now being presented was taken in 1992, while the summit conference of the United Nations on the environment was taking place in Rio de Janeiro. We participated in the organization of the event, where we also spoke during a conference on environmental education, and it was during that event that for the first time a global commitment involving practically all the nations on our planet was formally made.

On that occasion, sport was represented by the IOC, whose spokespersons were Fekrou Kidane, one of the Authors who will be encountered below, and Juergen Palm, president of the TAFISA - "Trim and Fitness International Sport for All Association", who held a memorable discussion with Maurice Strong, the Secretary-General of the Conference, on the participation of sport in the international mobilization for the survival of human life on Earth. It was concluded in this public meeting that sport would be the perfect environment-friendly partner for the environmental movement.

On that same day, June 7^{th} , 1992, the TAFISA invited the citizens of Rio de Janeiro to take part in an ecological walk, a proposal to which 250 thousand people responded among ECO-92 participants, members of a great number of environment-related NGOs - Non-Governmental Organizations, and people in general. This demonstration was surely one of the largest in the history of sport in a single event and it contributed to the reinforcement of the image of international commitment with regard to the protection of nature on a global scale.

However, aside from all the enthusiasm, the 1993 symposium as well as the three years spent in the production of this book substantiated the ambivalence of sport vis-à-vis the environment. In fact, sport has been one of the environmentalists' travel companions at the close of our century. After all, sport activity can be defined as a general attitude as well as an individual and collective type of awareness with regard to nature. Nevertheless, sport also plays the role of the villain toward that selfsame nature when it participates in the latter's destruction.

The contributions collected in the book reflect this ambivalence of sport and they conclude by suggesting solutions. In the first chapter, -"The Recovery of the Meaning"-, the historical background is appropriately established, and is then broken down into methodological and epistemological propositions regarding the book's central theme. The Authors who are present in this first approach have produced theoretical perspectives, but they examine practical issues in their conclusions.

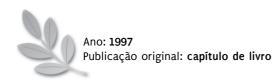
In the second chapter, which deals with emerging paradigms, there can be found a description as well as an analysis of those central aspects of sport linked to the circumstances which associate it with ecology. The Authors of the texts in

this collection started out from the concept of a city, the human body, a changing culture, and knowledge in their thematic approach of nature instead of inverting that order as can be observed in the usual ecological studies of sport. Since the ecological perspective is not a self-containing fact, the purpose of this second stage of the book is to relate the environment-sport theme to the different mutations which are taking place in sport activities. In short, on account of its being more conceptual than theoretical, the second chapter rounds out the objectives of the first. The third chapter provides more examples and facts about the historical background for the sake of comparison with the theses and concepts in the first two chapters.

After the presentation of the essential thematic guidelines of this book, chapter four consists of a direct and objective intervention in the criticism and conflict in which the relationship between sport and nature is markedly involved. The issues raised here are complemented in chapter five, which draws ethical definitions into the discussion. Broadly speaking, chapters four and five establish the basic content of the book, whereas the first three chapters introduce the discussion and provide a framework for future investigations.

The sixth and last chapter represents a repository of solutions to ecological concerns connected with sport, among which are research, the mediation between management and policy, the praxis of environmentally correct Olympic Games, and the mobilization of institutions and scientists in the redefinition of sport activities. In short, chapter six regards the experiences which are currently in progress, thereby contributing to the generation of benchmarks for the standardization or re-conceptualization of sport in the future at the discretion of sport organizations, governments, business firms and individual citizens in the years to come.

Finally, it seems fit to quote the first principle of the 1992 Rio Declaration, which legitimates the production of this book by proposing the general goal of "establishing a new and equitable global partnership through the creation of new levels of cooperation among States, key sectors of societies and people, working towards international agreements which respect the interests of all and protect the integrity of the global environment and developmental system, recognizing the integral and interdependent nature of the Earth, our home."



Formato da contribuição: texto completo em língua inglesa, sem referências

Fonte: "Environment and Sport: An International Overview / Meio Ambiente e Desporto: Uma Perspectiva Internacional", Lamartine DaCosta (Ed.) e António Marques (Org.), Porto (Portugal): Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 1997, pp. 39 – 56.

E-mail do autor: dacosta8@terra.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Doutor em Filosofia e LD em Administração do Esporte, PPGEF-Universidade Gama Filho / Rio de Janeiro.



Toward a theory of Environment and Sport

Lamartine P. DaCosta University Gama Filho - Rio de Janeiro, Brazil

The environment has become an intensely topical theme to sport practice in recent years. Based on Jorge Bento's interpretations the pervasiveness of this environmentalist theme, may be primarily regarded as the restoration of an historical relationship between sport and nature rather than on newly articulated phenomenon of modern sport. ⁽¹⁾

So far the re-infusion of self-expression in physical activities within natural contexts – brought about at large by environmentalism – is one of the distinctive approach to contemporary sport. A good illustration of this current interpretation is provided by Fernand Landry when nothing that "self-realization and self-expression aimed at personal well-being, health and adaptation to one's environment" seems to be the completion of the globalization process of sport, perceived by Coubertin. ⁽²⁾. Although its foundations have been on individuals, the distinctiveness of sports interdependence with nature will likely to be more clearly contextualized in the new global culture.



In other words, sport might be understood comprehensively in present days but a twofold statement, that is by means of the ontological argument of sport as a being-in-it-self in natural circunstances and by the explanation of cultural identity of sport.

Not surprisingly, Hans Lenk already in 1985 defined sport as a "cultural phenomenon on a natural biological basis" and more recently Ommo Grupe pointed out boldly: $^{(3)}$

Sport as a cultural phenomenon reaches far beyond the traditional boundaries of sport itself, it is the expression of a new understanding of culture.

These interchangeable definitions are otherwise apart from the conception of sport as independent of things, in which the traditional view of universals is applied, similarly to the theory of play as elaborated by Johan Huizinga and others. (4) Actually, sport as an entity of nature pressuposes universals as existing within particulars (*universalis in re*) while the cultural meaning of sport refers to universals derived from particulars (*universalia post res*).

But this universality cannot be regard as a basis for principles of judgement if the so called naturalistic fallacy is accepted as a philosophical criterion. Significantly this fallacy reduces from natural characteristics a nonnatural property. Nevertheless, distinguished philosophers such as Jürgen Habermas (foundationist) and Richard Rorty (antifoundationist) have been rejecting the naturalistic fallacy validity. (5) Thus, whether in universalist or in relativist points of view, sport in nature expresses values and sport in culture represents facts. As yet both interpretations are claiming universalizability although playing independent roles, not mutually exclusives.

The ambivalence towards sports is furthermore similar to the ambivalence of globalization whish corresponds to diverse claims of universality. Milton Santos sees this controversy in the grounds of the universal dominance of man in postmodernity, contrasting with separate and disperse damages to life everywhere on Earth. ⁽⁶⁾ For Michel Serres, this self-degradation of society induced by technology is mainly referred to a demand of *natural contract* instead of *social contract* which formerly typified modernity ⁽⁷⁾ and also the Olympism proclaimed by Coubertin.

SUSTAINABILITY AND ETHICS

At this point of reasoning on environment and sport, the current proposition of *sustainable development* can illuminate the potential of natural contract. To enhance a sustainable society is to arrange development and environmental

protection as complementary forces rather than antagonists. That is to say, increasingly high standarts of any sort ought to be consistent with the needs and contraints of nature. (8)

This reconciliation constituted the common challenge of both the Stockholm (1972) and Rio de Janeiro (1992) United Nations Conferences on Environment and Development. As historical milestones for environmentalism these conferences focused on promoting the union of single-minded forces of international society as a global agreement. The attempt to have such natural contract in a planetary scope, among successes and failures, proved the importance of a harmonious combination of political actions and environmental ethics. (9)

However, the challenge of sustainability gained more visibility on local levels where politics and ethics become a combination of instrumental values with intrinsic values seeking for environment preservation. This conception in spite of variety of forms, is commonly shared by leading scholars of environmentalism, such as Hargrove, Rolston, Fox, Lovelock, Turner, etc. (10)

Drawing primarily on the propositions of these philosophers and scientists, sustained development is specifically the ethical instrumentalization of nature, respecting its intrinsic values. Or, more pointedly for sport concerns: physical activities, games and competitions are sustained when their instrumentalization respects the intrinsic values of nature and sport.

Moreover, the best way to lead into a discussion on sustainability in sport is to be aware of Arne Naess' ontological argument. For this Norwegian philosopher, proponent of *Deep Ecology*, intrinsic values derive from richness and diversity of life forms which "contribute to the realization of these values and are also values in themselves (11)

Arne Naess also calls attention to the typical attitude of *frilufsliv* (free air life) when arguing the roots of Deep Ecology: (12)

Norwegians walk, run, creep into nature to get rid of whatever represses them and contaminates the air not only the atmosphere. They don't talk about going out, but in and into nature.

This life-based approach to sport complemented the work of several environmentalists and scholars in the development of "Nature, the True Home of Culture" project. In short, this initiative of the Norwegian University of Sports and Physical Education promotes the reconciliation of sport, nature and culture, following the tradition set by Fridtjof Nansen, a well-known nineteenth century explorer. His influence, still alive in Scandinavian countries, is characterized (13)

By an appraisal of simple "antitechnological" ways of life and by and emphasis on the struggle with nature as a means to develop individual courage, daring and determination. These examples are an indication of the fact that physical activity in nature is culture bound.

COUBERTIN, GAIA AND OLYMPIA

In terms of Olympism and the Olympic Movement, the tradition of sport and nature has its original source in the writings of Pierre de Coubertin himself. Early in 1907, the "Revue Olympique" published a Coubertin's article, "A Propos de Rallyes" (14) in which "sportmen" were urged to keep clean sport practice sites.

For the founder of Olympism, probably for the first time in modern sport history, sport people were intended to become defenders of nature. Regarding values, the article proposed the development of the beau public (public beauty) in addition to bien public (public wellness), combining ethical justification with aesthetic experience.

This typical *sprit de finesse* of Coubertin had, however, a previous motive.

Accouting to Don Anthony's declarations during the International Congress "Hosting the Olympic Games, the Physical Impacts" (Olympia-Greece, June 1994), the Baron visited the Much Wenlock Olympian Society in England, by 1890, when he planted a named tree. This ceremonial planting was at that time a tradition of the Society, since its roots were originally found in the Wenlock Agricultural Reading Society, on off spring of the Royal Society of Arts which included tree planting schemes in its national parks as early as 1754. As such, Anthony deduced that "the modern Olympic idea was revived in on environmental friendly atmosphere by people who saw sport as part of on all-round education and cultural experience".

Thus, in large measure, past developments of sport environmentalism imply an intrinsic value understood as a sense of belonging recently described by Risto Telama as follows: (15)

For physical activity, the symbolic value of nature means, for instance, the possibility to feel that one is part of nature, nature is part of life. This possibility is also related to the observation of changes in physical activity in nature is appealing because it is possible to observe changes in nature: growth and decay.

Such interpretation may be significantly met by an emerging fact: in symbolic terms nature and sport have a common origin, a singular identity to be shared.



This thesis has support in Pausanias' text, "Hellados Periegesis", written in second century A.D. In this "Description of Greece" the alter of godess Gaia is located on the slope of Kronos hill at Olympia, north of the Temple of Hera. (16)

In Ancient Olympia this sacred area was called "Gaion". It was found directly opposite the equally sacred Olympic Games premisses. During that period, the setting of Gaion became famous in Greece for the beauty of the landscape and specially for the river Alpheios, where waters flowed down into earth. (17)

The myth of Gaia, therefore, might have originated as a relationship for the Alpheios' geological break and the established religious rituals, since Gaia was acknowledged as "mother earth" as well as a godess among Olympian gods. It is worth noting that Gregory Bateson when discussing the analogy between the system by which social groups are recognizes as parts of the larger ecological system, proposed that fantasy becomes morphogenetic, that is, it turn out a determinant of the shape of the society. (18)

For the most part then the sacred area of Olympia should represent a selfvalidation example of a cultural identity, involving nature and religion from former Greek civilization. And the "actions that the fantasy dictates", still reviewing Bateson words, seems to refer to Altis valley where worship, art and agonistic contest - Olympic Games included - were integrated in celebrations.

In sum, totemism is the best description for Olympism if anthropological terminology is adopted in order to define the relationship of the natural world and social systems. Such interpretation is reinforced by recalling a H.W. Pleket text: (19)

Olympia was a function of an increasingly urbanized world but was itself not the product of an important city... Elis, that is the region in which Olympia was situated, was an agrarian district and the city of Elis was a relatively late, rather artificial town... Olympia just was and remained all through antiquity the top of the vast iceberg of crown-games.

It follows that a sound explanation for choosing Olympia to stand as the "locus classicus" of Olympic Games, relates to the vitality of local forests and rivers, the natural elements that gave birth to Gaia symbolism. Nikolas Yalouris, Greek archeologist and historian, favours this interpretation too, following his decades of excavating the different sites of the Elis region. (20)

In his vivid analysis he declares: (21)

Myth is the language of the spirit. Unlike history, it does not refer to ephemeral events and incidents, to ever-changing external factors and phenomena



of human life. Myth is the embodiment of man's earliest memories of his own origin, his "god-given origin", as Pindar says (Frg. 137a). Inseparably linked with religion, it formed its very roots and ramifications in the life of the Hellenes ... As "immanent reason" myth is expressed in the fine arts, in poetry, music and danseall of which lead to beauty and the attainment of man's true nature.

Notice that Yalouris refers additionally either to disregarded aspects of the myth or to the enrichment of meaning during its evolution. (22) Indeed, Gaia is now rehabilitated as a central symbol for many ecological minded scientists and activists as well. (23) In turn, the Olympic myth was restored one hundred years ago by Coubertin through new representations from the original Greek meanings, but Olympia remained only as a symbol of the Olympic Games.

Of course, it a foundational symbolism for environment and sport is needed the rehabilitation of Olympia as also the birth place of environmentalism is justified. This suggestion necessarily incorporates Gaia by giving her a more clear reference in addition to the global representation already assimilated.

THE LILLEHAMMER CONVERGENCE

The interplay between claims and symbols is actually a peculiarity of Ecology in its associations with other areas of knowledge, ⁽²⁴⁾ going far beyond Gaia and Olympia aspirations and needs. In this sense, Felix Guattari had proposed a new "Ecosophy" and Warwick Fox mentions an "Ecophilosophy", both giving emphasis to the role of subjectivity in human relations with environment. ⁽²⁵⁾

On the other hand, symbolism is an essential characteristic of sport that is often overlooked. So, the Olympic Movement and Olympism, by their very nature, have sustained sport as a mode symbolic production. But innovative claims were included already in Coubertin's era, being marked by Cities, in this course of actions, became milestones of modern Olympic history. That is the case of Lillehammer.

In fact, there was a convergence during the 1994 Winter Olympic Games in which the meaning and identity of culture, nature and sport had an interface with a contract of sustainability calling for a redefinition of sport management and facilities. Early on, in Norway, a democratic process of negotiations took place shortly after the initial demonstrations and protests against the Games. In effect, the environmental damage occurred during the 1992 Winter Olympics of Albertville brought forth strong reactions from governments and environmentalists. (26)

The Lillehammer Olympic Organizing Committee (LOOC) consequently forged a partnership with local environmental groups, injecting a new sensibility into the

Olympics. This became the first time in history that the Olympics assumed a positive pseudonym, "the Green Games". (27)

Further, the phrase "environmental showcase" was officially coined by the Norwegian Government. The LOOC proceeded to develop a "green profile" by means of coordinated project for the management of the environment and sport under the auspices of unified concept. The expertise was provided by Sigmund Haugsjaa, a physical educator with connections in the environmental and Olympic movements, who challenged apparently conflicting interests in order to obtain the best possible Olympics for the environment. ⁽²⁸⁾

The improvement was evident at virtually all athletic venues in Lillehammer. As a result, the expressions "the greening of sports", "the third dimension of the Olympics" and even "eco-correct sports" (29) become synonymous with the Lillehammer experience.

This noticeable advancement may be represented by the renewal of Lillehammer's natural and cultural settings with their intangible qualities usually unremarked in regular planning from previous Olympics. Summarizing here follows key guidelines adopted by LOOC: (30)

- (a) All building must reflect a simply design, conform to the aesthetic and ecological prescription of the landscape, and use natural materials such as wood and stone as well as traditional colors.
 - (b) Unity and coherence in environmentally friendly design and construction.
- (c) Permanent buildings conforming to local architectural traditions, while temporary structures reflect the unique visual profile of the Games.
- (d) Ceremonial elements expanding on Northern lights, ice and snow, crystal, reinforcing the aesthetic unity of the Games.
- (e) An individual visual profile for each Olympic sub-site, often centred on one key or "signal" building or facility, easily identifiable into overall style of the Games.
- (f) Energy saving facilities, consuming at least 30 per cent less energy than similar premises.
- (g) Control and early warning routines for food and water supply; prevention or reduction of waste in the first place as well as was separation at source; recycling of materials and energy.

- (h) Environmental impact control by standards, audit and spacfial surveillance capable of measuring and monitoring around the clock land, water and air management.
- (i) To develop new products and technologies associated with environmental demands of the Games to benefit companies concerned, government and sport institutions, in a broad educational purpose.

The comparison of Lillehammer's achievements with previous remarks may elucidate a relationship between concepts in transition or generalized notions and propositions (to explain on area of empirical reality) that are contributing to the emergency of a unified theory of sport and environment. Table 1 arranges these basic ideas into format that suggests areas of potential improvement.

Table 1: Environment and Sport. Structures of knowledge

CONCEPTS	SOURCES	DOMAINS
Ontological Meaning	Empirical Evidences	History, Sociology
Common Cultural Identity	Theoretical Interpretations	History, Sociology
Partnership for Sustainability	Globalization Trend	Political Science, Economics
Culture-Nature-Sport Interplay	Needs and aspirations of Ethics and Aesthetics	Philoosophy, Ecology
Environmental Friendly Techology	Need of Principles, Standarts and Laws	Engineering, Education

It is appropriate to say of few additional words about the concepts which have been unfolding throughout this text. The construction of descriptive and explanatory concepts is legitimized by the absence of a tightly articulated theory, in addition to restrictions imposed by traditional disciplinary domain. This requirement is not sufficient managed yet by leaders and scholars.

By and large, sport institutions are still seeking to respond only to base-line demands imposed by environmental challenges. Their actual position is indicative as it may be ascertained in the evocative words of Richard W. Pound, member of the International Olympic Committee (IOC) Executive Board: (31)

It is natural that the International Olympic Committee, as the leader of a worldwide humanistic Movement, should be concerned with the integration of the activities of the Olympic Movement with the well-being of the world in which we live. Indeed, the Olympic Movement is predicated on holistic principles of balance between body and mind, between action and contemplation, between sport and

culture. It would be unconceivable for the IOC to divorce itself from recognition of the desirable balance between the needs of the present and those of the future.

In terms of developing concepts, this statement can be appraised in the light of Lillehammer's milestone. In a nutshell, the 1994 Games represented an epistemological break, that is, a replacement of one central conception by another. Kept in its proper context, the IOC official guidelines on the environment state an explicit commitment to sustainable development and to this end they prescribe educational, managerial and monitoring *principles*, not standarts or norms. (32) At Lillehammer those principles were overextended by ethical and aesthetic assumptions locally developed, and equally by assuming culture as the centre of the overall planning.

ENVIRONMENT AND SPORT REDEFINITIONS

More importantly, Lillehammer as a real influential project in science and technology pointed out another unsettling bedrock of knowledge for the environment and sport. Unlike the set of interrelations of Table 1, the remaining focus evolves in day-to-day studies and research.

As the philosophical and scientific dialectics on the environment and sport relations continue, this current trend lies between the construction of knowledge presented in Table 1 and the efforts to develop a unified theory. Even being a dominant mainstream, this trend is lacking in an impact similar to what was provided in Lillehammer. While the later course concentrates its efforts in fragmented and inductive approaches the former ones have been experiencing deductive and in-depth advancements, as seen in Nansen, Coubertin, Naess and other cornerstones.

But still missing in Table 1 is the notion of redefining sport practices and required facilities in light of the increasing ecological awareness in many countries. This supposition is initially supported by more than 500 articles and books on the environment and sport published in the 1986-1992 period. Most of them is point-specific and close enough to observed data or presuppositions to be incorporated in principles, norms, standards and even laws. (33)

In the line the last comment German scientists and thinkers are emerging as a leading group in the process of knowledge building for environment and sport involvements. Perhaps reflecting the unrelenting environmental crisis of their country, prominent scholars from sport and leisure activities showed an early accountability for ecological consideration for sport planning.

For instance, Jürgen Dieckert, from the University of Oldenburg, wrote an article in the beginning of 1970's emphasizing the character-building quality of nature-

oriented practices. To foster this idea he put the focus on a sort of social pedagogy predicated on Sport for All which was extremely innovative for that period. (34)

Later, but still in the seventies, teaching in a Brazilian University, Dieckert and his local collaborators published a book about appropriate technology in sports. Through this book he expanded his original theoretical propositions. (35) In short, these early works attempted to combine educational and community-based principles with equipment and facility norms and standards in view of local and cultural adaptations.

The redefinitions of sport and all of its components was surely the central premise of Dieckert's works. He sought solutions for *Umweltprobleme* (environment problems) by means of *Sport und Umweltschutz* (sport and nature protections), using his textual expressions. (36) And rather than merely identifying environmental risks, this demand included explicit changes in the Olympic Games and more effective participation of German federations of sports, especially their leading representative body, the *Deutche Sportbund* – DSB. (37)

At the suggestion of Dieckert, *Sport und Umweltschutz* assumed on or going commitment from the German Sport Federation (DSB), during the past decade. Under the coordination of Hans Jägemann, DSB has been promotion an information network since the late 1980's besides providing capacity building to federations and other German sport, environment and other institutions through printing materials, technical meetings, seminars, etc. ⁽³⁸⁾

Today, to assess the state of scientific and philosophical knowledge in sport and environment issues, DSB is a major and indispensable source. And by all means, this accomplishment appears to maintain the tone established by Jürgen Dieckert as equally to develop in present times a growing public awareness on account of Hans Jägemann's main principle of Sport Schützt Umwelt (sport protects the environment). (39) What should this enduring association represent in terms of symbolism an enrichment of Gaia by Olympia?

THE SYMBIOSIS OF KNOWI FDGE

In developing a unified theory on the environment and sport, the descriptions and explanations of the priliminary sections of the paper offer a conclusive synthesis that is shown in Table 2. Contrary to Table 1, which represents an overview of previous conditions of knowledge, the new design attempts to redefine the five cognitive interests in terms of epistemological consistency.

In sum, Table 2 combines already familiar relationships between claims and symbols with new propositions in order to fulfill Robert Merton's classic requirement, $^{(40)}$ understood as

The all-inclusive systematic efforts to develop unified theory that will explain all observed uniformities of social behavior, organization and social change.

While focusing more precisely on how symbols are linked to propositions and their claims, Table 2 illustrates that, only Gaia is an assimilated point of reference among environmentalists. Althought the Green Games were a short term proposal and a sucessfull and emblematic response on the part of Lillehammer and the imagery building media, Olympia, Coubertin and Gaia-Olympia signify existing symbolic representations of sport and the environment combined.

Table 2: Environment and sport theory. Foundations and meanings

PROPOSITIONS	CLAIMS	SYMBOLS
Ontological Meaning	Universal Value	Gaia (assimilated)
Common Cultural Identity	Universal Fact	Olympia (suggested)
Natural Contract	Sustainable Society	Green Games (Proposed)
Culture-Nature-Sport	Olympism and Deep	Coubertin (suggested)
Cognitive Domain	Ecology	
Redefinition of Sport	Ecological Conscious	Gaia-Olympia
Practices and Facilities	Society	

Ultimately, Table 2 represents on epistemological break in the redefinitions and overall coherence of sport environmentalism. But as yet it is a work in progress, insufficient to draw uniformities at all. Unless this five-levels model for the structure of knowledge is recognized to represent on element of truth, its scientific validity is thereby applied only as foundations to some future theory.

Nevertheless, these conclusions must be attached to a fact-value multidisciplinary botton-line originally resulted in Table 1 and developed further into on epistemological critique in Table 2. Ecological conscious philosophers otherwise interpret these positivist approaches as reducionist in their nature, implying often acceptance of the on-going process of theory building. This new validity criterion is expressively called symbiosis by Arne Naess in Deep Ecology. In other words *meanings* are visions as basic and significant as *foundations* (41).

Eugene Hargrove endorses this thesis by explanning the peculiarites of the socalled environmental science: (42)

Humans have most sucessfully manipulated nature by applying principles from physical sciences... No comparable degree of manipulative ability has as yet been developed in the environmental or natural history sciences. Although it is sometimes suggested that complete technological mastery of the environment might be possible if environmental science could somehow be reduced to physics and chemistry, it is important to recognize that these sciences are based on a reductionist method that may be only partially appropriate to environmental science, thereby making this possibility very unlikely.

Notwithstanding, Holmes Rolston summarizes the option usually taken by environmentalist scholars: (43)

Still a philosopher ought to hope for some veridical unity in the mind, whatever its divisions, and to try to make explicit rationally what is so often tacit...Our upsets follow from our mindsets, and we are aroused to act in accord with what we believe. It is a blending of thought, affection and willing that the epistemic powers of the mind lie, and we need accordingly a philosophical account of a suitable emotional response to nature.

Now the final words belong to Gregory Bateson who inspires this essay. Already in 1958, dealing with environment and culture, he came up to the conclusion that "explanation means to put frames of knowledge together" ⁽⁴⁴⁾. That was the objective throughout this text which focuses on how the cultural meaning is encoded in all aspects of contemporary life, including sport.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]



Publicação original: Revista Conexões

Formato da contribuição: artigo de periódico

Fonte: "Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza". *Conexões*: educação, esporte, lazer. Campinas (SP): Faculdade de Educação Física da Unicamp, v.1, nº. 3, p.33-41, dez/1999.

E-mail do autor: alcyane.marinho@hotmail.com

Títulos acadêmicos principais atuais: Graduação pelo Departamento de Educação Física da UNESP de Rio Claro (SP); Mestrado e Doutorado (em andamento) pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP (Campinas, SP), na Área de Estudos do Lazer.

Do Bambi ao Rambo ou do Rambo ao Bambi? As relações com a (e na) natureza¹

Alcyane Marinho

"... do discurso ambientalista com sotaques tecnocráticos ao jardineiro de domingo cultivando e falando com amor de seu canteiro de legumes, passando pelo descritivo poético dessa paisagem 'a ver', proposto pelo 'guia turístico', o campo da relação com a natureza é muito amplo." ²

Tendo noção da amplitude nos assuntos referentes à natureza, ³ como é colocado por Maffesoli, é possível afirmar que, em nenhum outro momento da história humana, fez-se tão necessário refletir sobre o relacionamento sociedade/ natureza, tendo em vista, principalmente, a forte e atual aproximação humana ao meio natural no que se referem as mais variadas instâncias: econômica, social, política, religiosa, etc.

A problemática ambiental tem aumentado significativamente devido ao deterioramento dos ecossistemas e do ambiente construído, afetando, entre outros fatores, a qualidade de vida humana. Cabe, aqui, mencionar que são inúmeras as



reportagens, em jornais, livros e revistas, que apontam o ser humano como agente destruidor do meio ambiente. O contrário, muitas vezes, não é colocado, sendo poucas as que mostram as comunidades e instituições humanas que preservam a natureza (bem como seus elementos) com ela convivendo em harmonia e prazer. Neste sentido, compartilho com Rodrigues 1 o fato de que a questão ambiental coloca a necessidade de releitura do território, considerando e compreendendo a complexidade da apropriação, da produção, do consumo, da distribuição, a complexidade do ecossistema, assim como as relações que se estabelecem, no tempo e no território, entre as sociedades e a natureza. Ressalto ainda que, mesmo sendo vivida em um determinado espaço, a natureza tem dimensões globais, mundiais, por isso todas as instâncias deveriam ser observadas. Desta forma, Rodrigues esclarece:

> Trata-se não da socialização da natureza ou da naturalização da sociedade, mas da busca de compreensão das inter-relações e das especificidades, pois, a compreensão será atingida não com a soma das partes, mas com a análise concreta da realidade, com a superação do atual paradigma científico-tecnológico e construção de novos paradigmas científicos.2

Neste sentido, mesmo que os seres humanos sejam "naturais" e a vida em si seja natural, a natureza como um todo tem sido considerada de maneira exterior aos homens e às sociedades. E, ainda, mesmo que os processos da natureza não tenham uma aceleração natural, os mesmos podem ser acelerados por meio de processos tecnológicos. 3 Ciência e técnica representam fatores que possibilitam o descobrimento de novas alternativas de recursos naturais.

> Ciência e técnica como instrumentos de 'descoberta' de formas e processos construtivos de contenção de enchentes, de incêndios, de novas fontes de recursos, de energia, enfim, de superação da tecnologia pela própria tecnologia. 4

Pensar no desenvolvimento de grandes construções (cidades, parques, rodovias, túneis, barragens, etc.) e na transformação da paisagem em si (exploração/ preservação da natureza), faz-nos refletir sobre nossa própria história no mundo, nossa existência na Terra. Esta que, na contemporaneidade, permeia-se por novas maneiras de se perceber a natureza. É exatamente sobre estas novas formas de percepção e de relação com a natureza que este texto pretende abordar.

CONFLITO ENTRE ATIVIDADES DE AVENTURA E NATUREZA?

Utilizarei, como eixo norteador, as idéias de Vanreusel 5 desenvolvidas em seu artigo "Do Bambi ao Rambo: em direção à uma abordagem sócio-ecológica para a busca dos esportes ao ar livre".



Primeiramente o autor aponta que a busca pelo esporte *outdoor* e o conceito de consciência ambiental parecem ter se desenvolvido completamente independentes um do outro com o passar do tempo. Os poucos pontos de contato que existiam, sugeriam uma figura idealizada de indivíduos praticando seu esporte em grandes ambientes *outdoor*, em uma harmonia quase perfeita com seus arredores naturais. Entretanto, os entusiastas de esportes ao ar livre podem, justificavelmente, ser descritos como a vanguarda do movimento ecológico: escoteiros (exploradores), aqueles que caminham e praticam *canoeing* foram, antes de tudo, os herdeiros diretos da mitologia dos primeiros caçadores, bem como de suas técnicas utilizadas. Bem antes das atividades ao ar livre terem se tornado esportes institucionalizados, elas já estavam sendo perseguidas pelos interesses da ciência natural. Vanreusel ainda afirma que os primeiros escaladores alpinos se viam como pesquisadores ambientais.

Ao fundamentar-se em Broekhoff & Borms (1981) e Telama (1990), o autor mostra que o primeiro estudo sobre as relações entre o esporte e o meio ambiente se referia às qualidades da "natureza como um meio ambiente de esporte para todos...", mas que, no entanto, poucos esforços foram feitos neste período para discutir os possíveis problemas ecológicos relacionados aos esportes outdoor.

Vanreusel ⁶ ressalta que a democratização dos esportes ao ar livre originou o primeiro atrito visível entre a busca pelo esporte e a proteção ambiental. O aumento profundo neste tipo de atividade esportiva *outdoor* levou, inicialmente, a um número de conflitos em uma escala limitada e local. Mas os conflitos locais entre os esportes recreacionais e a conservação da natureza, desde então, tem se estendido para quase todas as regiões que contêm características atrativas naturais. Consequentemente, o que foi antes tratado como um problema periférico tem agora se desenvolvido para um problema existencial quanto à busca pelos esportes e a aceitabilidade social dos esportes ao ar livre. O uso do ambiente natural para a busca de esportes na natureza agora está sendo cada vez mais criticado, questionado, restringido e proibido. O conflito finalmente explodiu quando os ecologistas começaram a culpar os praticantes destes tipos de atividades por estarem criando um problema ambiental, enquanto a maioria destes entusiastas, que procurava por suas atividades, estava na verdade mal informada sobre os impactos ecológicos que estavam sendo causados por eles. ⁷

É neste quadro que se pode perceber, de acordo com Vanreusel, a emergência de um possível conflito entre esporte e natureza. A partir das idéias deste autor, pode-se pensar que, atualmente, pelo fato de os entusiastas esportivos *outdoor* estarem cada vez mais se apresentando como amantes da natureza, eles possam estar sendo, definitivamente, considerados pelos ambientalistas como uma ameaça ecológica. Como resultado de todo este processo, o autor chama atenção para o quanto a imagem do entusiasta de esportes ao ar livre tem se alterado. A visão cultural daqueles que praticam atividades ao ar livre está longe de ser a de

um aliado do meio natural que vive na e com a natureza comportando-se de acordo com princípios ecológicos (o tipo Bambi). Ao contrário disso, os entusiastas de esportes *outdoor* estão sendo vistos agora mais freqüentemente como destruidores e poluidores da natureza e, como seria de se esperar, aventureiros que simplesmente se unem às expedições esportivas e esmagam as sutilezas e os refinamentos ecológicos (o tipo Rambo).

Segundo Vago ⁸ esta visão contraditória dos praticantes de esportes *outdoor* é permeada por um processo de mudança social e cultural, o qual tem se apoderado das atividades ao ar livre em dois diferentes níveis. No primeiro, o protótipo do entusiasta (ambientalmente amigável) destes esportes tem sido sucedido por outros grupos e tipos. O advento destes novos entusiastas não tem somente levado a uma multiplicação e diversificação das atividades esportivas ao ar livre mas, também e, fundamentalmente, alterado todo o significado social das atividades esportivas na natureza. Em segundo lugar, o conceito de natureza tem sido socialmente redefinido. Desde então, os diferentes tipos de usuários têm dado diversos significados para a natureza, que tem mudado de um conceito singular para um conceito plural.

É neste sentido que Vanreusel acredita que este processo dual de mudança social e cultural deveria servir como um ponto de partida para o desenvolvimento de uma abordagem sócio-ecológica com relação à busca do entusiasta pelas atividades *outdoor*. Por esta razão, segundo o autor, a mudança na imagem do entusiasta de esportes ao ar livre de um amigo ecológico para um inimigo ecológico deveria ser melhor discutida.

REDEFININDO A NATUREZA

A reversão da imagem dos entusiastas de esportes ao ar livre do ecologicamente amigável para o ecologicamente não amigável pode também ser trilhada conforme o significado social da natureza, que tem claramente, agora, tornadose pluriforme. ⁹

A visão crescente do ambiente natural como um território para diferentes praticantes de atividades *outdoor* tem também levado a uma mudança no caminho que a sociedade considera natural. Conforme Vanreusel¹⁰

os primeiros entusiastas de esportes ao ar livre defenderam uma visão idealizada da natureza como um mundo ecologicamente harmonioso. Devido à influência da crescente consciência ambiental, a natureza foi redefinida como um ambiente racional. O conhecimento e a administração do ambiente e a satisfação da qual o homem é dependente e responsável pela qualidade do



ambiente é central para esta definição racional. Esta definição está implicitamente sustentada pelas expedições científico-recreacionais e pelas atividades que nós podemos caracterizar como 'esporte da paz yerde' (Greenpeace sport).

Permaneço com o autor citado para ressaltar que a satisfação trazida pelas atividades esportivas ao ar livre por meio da (pseudo) aventura ao alcance de todos, produz uma definição social da natureza como um ambiente de experiência orientada. O autor continua: 11

quando o valor desta experiência recreacional ganha importante ênfase, é freqüente pelo custo, que se tenha uma busca responsável, em termos ecológicos, por estes esportes ao ar livre. A natureza, então, deteriora-se, torna-se meramente uma área de atividade cujo propósito é simplesmente servir às necessidades do entusiasta esportivo que procura por satisfação.

Se esta atitude é tida como um passo novo, a natureza é levada para um plano ainda mais secundário. Redefine-se, portanto, um ambiente coincidentemente atrativo e conveniente (um perfeito pano de fundo) para as atividades esportivas. O conhecimento do meio ambiente ou a proteção ambiental são quase completamente irrelevantes neste contexto e o enfoque do consumidor orientado domina qualquer consideração sobre a natureza. A definição da natureza como um "pano de fundo" possibilita o entendimento do consumidor esportivo. Vanreusel aponta que a introdução da neve artificial, o desflorestamento para fazer pistas de ski e o desgaste das cavernas são os resultados diretos de uma redefinição da natureza como este citado "pano de fundo". 12 Um exemplo bastante pertinente sobre esta redefinicão da natureza é dado pelo autor: iniciativas tais como "Troféus de desafio", nas quais grupos de executivos do mundo dos negócios e das indústrias ficam em oposição uns aos outros em um jogo de representação de sobrevivência, redefinem a natureza como um teatro no qual os indivíduos agem fora do espetáculo industrial. A natureza é agora reduzida a um cenário teatral no qual os protagonistas se empurram para seus limites físicos. Vanreusel 13 continua:

Neste estágio de redefinição, a natureza é abstraída em um mero símbolo. Os ambientes naturais tornam-se metáforas para os obstáculos e dificuldades que ocorrem na 'vida real'. De acordo com esta definição, a superação destas barreiras naturais, seja caminhando, escalando ou nadando pode ser traduzida para lições de vida escolar para indivíduos ou grupos.

Finalmente, em uma visão pós-moderna da natureza, como pontua Vanreusel, as imitações artificiais da natureza são construídas como substituições para as coisas reais. Portanto, não somente as atividades esportivas ao ar livre mas,

ultimamente, a própria natureza é dispersada e/ou retirada do seu contexto original e reconstruída em um ambiente "estranho". O homem pós-moderno é familiarizado com as rochas artificiais para escalada, com as pistas *indoor* de *ski* e com piscinas que simulam ondas, principalmente, (mas não só) para surfistas.

O autor em questão, aponta um número de linhas de desenvolvimento que pode ser identificado nesta redefinição contínua do meio natural. Primeiro, segundo este autor, o conceito da própria natureza está gradualmente desaparecendo e sendo levado para um segundo plano. Segundo, existe também um risco de que uma abordagem ecológica para a busca desses esportes ao ar livre gradualmente esteja escondida por esta definição social (fora) do ambiente natural. Terceiro, o conceito de natureza está evoluindo de um meio tangível, concreto para um estoque de idéias que podem ser usadas para servir para uma variedade de fins. As várias redefinições sociais da natureza estão se movendo fora de uma abordagem ecológica da natureza para um conceito econômico e egocêntrico da natureza, ou seja, de definições eco-cêntricas para definições ego-cêntricas.

É nesta direção que Vanreusel tenta mostrar a necessidade da existência de uma abordagem sócio-ecológica para a busca de esportes ao ar livre, tendo em vista os efeitos nocivos que os mesmos têm causado no meio natural. Contudo, o autor aponta que uma abordagem "verde" excessivamente parcial e dogmática não pode proporcionar uma solução global para o problema, uma vez que este tipo de abordagem não pode reconhecer a necessidade de uma recreação de alta qualidade. Similarmente, uma abordagem excessivamente orientada para os esportes pode ser igualmente não apropriada, uma vez faltando conhecimento e compreensão suficientes do ecossistema natural. A proposta do autor refere-se a uma abordagem sócio-ecológica para o problema tratando da relação entre os praticantes das atividades ao ar livre (como uma realidade social da qual não se pode escapar) e a necessidade urgente de uma abordagem ecológica fundamentada. Este debate sobre as atividades *outdoor* x a proteção ambiental, bem como o desenvolvimento de uma abordagem sócio-ecológica, requer uma consideração ética. 14

Fica claro, portanto, que estas atividades praticadas no meio natural causam, por si só, um determinado impacto, seja ele em pequena ou grande escala e que estes danos merecem certa importância. Estudos tratam destas questões, as quais têm sido denunciadas, principalmente, por associações ecologistas, as quais requerem propostas alternativas para a minimização destes impactos. Estas reivindicações além de poderem ser claramente observadas ao longo do discurso de Vanreusel, podem também ser detectadas em outros autores. ¹⁵

Nesta direção, cabe destacar que um dos primeiros pontos de partida, para entender como ocorreram as inúmeras transformações no modo como os seres humanos (de todos os níveis sociais) percebiam e classificavam o mundo, é o livro escrito por Thomas ¹⁶ sobre a relação humana com a natureza, no período de 1500 a 1800, particularmente na Inglaterra. O autor ressalta que:

alguns dogmas desde muito estabelecidos sobre o lugar do homem na natureza foram descartados, nesse processo. Surgiram novas sensibilidades em relação aos animais, às plantas e à paisagem. O relacionamento do homem com outras espécies foi redefinido, e o seu direito a explorar essas espécies em benefício próprio se viu fortemente contestado.

É possível verificar que, de acordo com Thomas, é equivocada a idéia de que os seres humanos valorizavam mais a natureza no período anterior à Industrialização. Contrariamente a isso, apenas depois de a flora e a fauna serem dizimadas é que o homem passou a ter maior preocupação com ambas. Este autor trata exatamente da passagem da violência sobre o mundo natural para uma relação baseada na simpatia e na sensibilidade. O antigo processo baseado no domínio da natureza é amenizado a favor de um domínio mais suave e com maior consciência. Este processo está, ainda, em andamento e tem sido alvo de pesquisadores e estudiosos de diversas áreas.

Desta maneira, acredito que seja pertinente, neste momento, fazer um questionamento: o que tem ocorrido em nossa contemporaneidade, no que diz respeito à relação humana com a natureza, representa uma passagem do Bambi ao Rambo, como nos mostrou Vanreusel, ou do Rambo ao Bambi, como pode ser observado por Thomas?

OUTRAS FORMAS DE SE PERCEBER A NATUREZA¹⁷

De certa maneira, pode-se perceber que, apesar de alguns estremecimentos na relação entre os grupos sociais e a natureza (na maioria das vezes por consequência de práticas pensadas e, também, impensadas) por falta de orientação, organização e, até mesmo, disposição, há um outro olhar que perpassa a atualidade: um olhar de admiração, de atração e de descoberta. A natureza aparece, então, como espetáculo, podendo ser apalpada, sentida e admirada. Há uma espécie de simpatia, de "sentimento de participar de um cosmo comum" e, também, 18

> o pressentimento de uma harmonia entre os diversos elementos desse cosmo (...). Pode-se acrescentar que essa simpatia e essa harmonia exprimem-se na sua própria lógica, isto é, são vividas com os outros, seja esse outro eufemizado, correspondendo ao leitor ideal, ou o que está ao meu lado no mundo dos turistas. A natureza deixando-se tocar na paisagem, lembra que a vida social repousa sobre a tatilidade.

A natureza possui uma força intrínseca que talvez se resuma no poder de transmissão deste referido fascínio que, como consegüência, também forma



grupos. Neste sentido, Maffesoli ¹⁹ remete-se à poesia, apontando que a nature-za é capaz de colocar o mundo numa gota de água e que o poeta é capaz de exprimir isto e, mais ainda: o sábio deve perceber. No limite, o autor coloca que o caminho mais seguro para se chegar à harmonia social é a reconciliação entre a natureza e a arte (em seu sentido amplo de urbanização, modos de vida, produtos, etc.).

Compartilho com este mesmo autor sobre a necessidade de a sensibilidade ser pensada como um fim e não como um meio, tendo em vista que o sensível é negado ou tolerado em limites muito precisos; às vezes, ele é reconhecido apenas como mero vetor para aceder a outra coisa, como por exemplo, na produção artística, os dados sensíveis serem concebidos apenas para exprimir uma idéia que irá ultrapassá-los.

Perceber a sensibilidade como um fim, permite-nos acreditar no sensível dando razão maior à vida, permitindo o desenvolvimento do sentido estético em suas formas artísticas clássicas ou em suas formas cotidianas; permitindo considerar "a vida como obra de arte".²⁰

Esta sensibilidade deve ser vivida e experimentada com os outros, sendo este prazer de estar junto observado nas múltiplas situações do dia-a-dia (nas festas, no trabalho, na rua, etc.).

A sociedade ou os diversos grupos que representam a contemporaneidade procuram suas memórias, muitas vezes, em uma vida enraizada, nos prazeres cotidianos vividos aqui e agora. Neste sentido, inúmeras relações estabelecidas pelos grupos humanos moldam os mais diferentes ambientes presentes no planeta. Nesta mesma direção, Maffesoli ²¹ faz algumas reflexões sobre as relações sociais se estabelecerem entre as "tribos" nas megalópoles contemporâneas, as quais se constituem em "espaços de celebração" (em termos religiosos), onde se celebram os mais variados cultos.

São as celebrações do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, da 'comédia', do esporte... O denominador comum é o lugar onde se faz essa celebração. Assim, o lugar torna-se laço.

Acredito, neste sentido, poder extrapolar o limite da cidade e estender este espaço de celebração à natureza. Da mesma forma que Maffesoli aponta, nas cidades (o bar da esquina, a tabacaria, o jardim do bairro, os bancos das praças, as salas de ginástica, de política, enquanto laboratórios de elaboração da "misteriosa alquimia da sociedade"), arrisco um paralelo com a natureza. Nela também permeia um certo tipo de celebração social. As árvores, as sombras, as trilhas, as cachoeiras, os rios e lagos, as pedras e montanhas, as flores; todo este cenário natural representa a possibilidade de ser vivida, conforme descreve



Maffesoli, uma "mistura de afetos e de emoções comuns". O meio natural representa, portanto, um lugar que pode ser emocionalmente vivido. Atribuo esta conotação ao mencionar a natureza enquanto espetáculo. Espetáculo no sentido dos sentimentos que nela (e com ela) podem ser vividos. A natureza torna-se ponto de encontro representando, de alguma forma, um espaço que celebra certos tipos de mistérios. A oportunidade de estar em relação com o meio natural possibilita o reconhecimento do outro e de nós mesmos. O sensível vivido num dado lugar (neste caso específico, a natureza) com os outros é consideravelmente relevante para a história humana, tendo em vista o vigente processo fragmentário, globalizante e, muitas vezes, efêmero, impedindo a sensibilidade de se aflorar no dia-a-dia humano.

As atividades *outdoor*, na maioria das vezes, são praticadas em grupos, dos quais fazem parte pessoas de diferentes modos de vida. Em comum elas têm a descoberta de uma nova relação com o meio natural e, até mesmo, a descoberta de sentimentos possíveis de serem vividos em conjunto. Vive-se um prazer e uma emoção compartilhada e, de uma certa forma, determinadas diferenças (língua, raca, sexo) são apagadas por este sentimento coletivo. Talvez esta característica particular faça destas atividades uma reação à nossa realidade atual, repleta de efemeridade e superficialidade, como uma forte e criativa expressão dos diferentes grupos sociais. Atualmente acredito ser impossível imaginarmos uma natureza "encapsulada", distante dos olhares, protegida de tudo e de todos. Para que serviria um lugar excepcionalmente maravilhoso (estilo paraíso perdido) se não pudermos tocá-lo, senti-lo e partilharmos emoções?

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

NOTAS



²² MARINHO, Alcyane. Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza. *Conexões*: educação, esporte, lazer. Campinas (SP): Faculdade de Educação Física da Unicamp, v.1, nº. 3, p.33-41, dez/1999 (ISSN: 1516-4381).

² Maffesoli, M. No fundo das aparências, p.243.

³ A natureza está sendo tratada aqui como um conceito que, de acordo com Carvalho (1994:26), "exprime uma totalidade, em princípio abstrata, que os homens concretizam na medida em que a preenchem com suas visões de mundo".

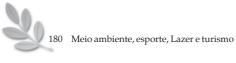
⁴ Rodrigues, A. A questão ambiental e a (re) descoberta do espaço, p.68.

⁶ Como, por exemplo, o processo de gerar energia por meio de represas as quais são, minimamente, planejadas.

⁷ Rodrigues, A. op. cit., p.35-39.

⁸ Vanreusel, B. From Bambi to Rambo, p. 273-282.

⁹ Ibidem, p.274.



¹⁰ Para estas colocações, Vanreusel utilizou autores como: Daniels & Krannich, 1990; Duffey, 1975; Liddle, 1973; Renson, 1983; Straeter & Voigt, 1989; Tuning, 1989.

¹¹ Vago apud Vanreusel, B. op. cit., p.275.

¹² Vanreusel, B. op. cit., p.278.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

¹⁵ É pertinente ressaltar, neste momento, que mesmo em se tratando de um outro contexto (em um outro país), as colocações e os exemplos colocados por Vanreusel têm relação estreita com a realidade brasileira, no que se refere aos impactos causados pelas atividades mencionadas, mesmo que em diferentes escalas.

¹⁶ Vanreusel, B. op. cit., p.279.

¹⁷ Vanreusel aprofunda-se nestas questões éticas baseando-se em Holderegger, 1989.

¹⁸ Castillo, D. et al. (1995); Da Costa, L. (1997); López Pastor, V. & López Pastor, E. (1997); entre outros.

¹⁹ Thomas, K. O homem e o mundo natural, p.18.

²⁰ As idéias, aqui apresentadas, sobre a valorização do sensível vivido coletivamente e manifestada, em específico, nas práticas outdoor, foram por mim apresentadas no artigo: "Uma relação sensível entre natureza e sociedade", publicado nos anais do XI Conbrace.

²¹ Maffesoli, M. op. cit., p.246.

²² Ibidem, p.243.

²³ Ibidem, p.77.

²⁴ Maffesoli, M. *O poder dos espaços de celebração*, p. 64.



Ano: 1999

Publicação original: Coletânea 11° Encontro Nacional de Recreação e Lazer. "Lazer, Meio Ambiente e Participação Humana". Foz do Iguaçu - PR, O2 a O6 de novembro de 1999, pp.144 -152.

Formato da contribuição: texto integral

Fonte: Coletânea 11° FNARFI

E-mail do autor: ckerdemelo@yahoo.com.br; anacrisal@hotmail.com

Títulos acadêmicos principais atuais: Cristiane Ker de Melo: especialização e mestrado na Unicamp na área de Recreação e Lazer; Ana Cristina P. C. Almeida: Mestranda em Educação Física/UFSC, Especialista em Psicologia dos Distúrbios

de Conduta; Especialista em Psicomotricidade Relacional Sistêmica.



Nas trilhas da relação Educação Física - Meio **Ambiente**

Cristiane Ker de Melo Ana Cristina P. C. Almeida

Neste trabalho perspectivamos, sob o enfoque de uma concepção sistêmica¹, sugerir alguns elementos que possam contribuir à discussão/compreensão das inter-relações entre Educação Física e Meio Ambiente. Essas inter-relações são apontadas pela compreensão da Educação Física como a área do conhecimento que tem o corpo e o movimento como seus objetos de investigação e intervencão, portanto, não podem desconsiderar a vertente do Meio Ambiente, pois, este constitui o locus em que o corpo se põem em movimento, dele faz parte e, com ele interage em seu processo de auto-construção.

Longe de pretendermos esgotar tal temática, suscitamos apenas buscar, no diálogo com alguns autores e na visão de um grupo de acadêmicos da Educação Física, uma análise sobre as esquinas onde tais conceitos podem convergir, fornecendo-nos indicações das trilhas (novas!) possíveis de serem percorridas no interior dos currículos de formação profissional.



Essa proposta, justifica-se, tendo em vista a efervescência do tema ecologia na atualidade e, com ela, a ampliação das possibilidades de atuação do profissional de Educação Física. Uma ampliação requerida, dentre outros aspectos, principalmente, pela construção de uma nova gestualidade lúdica ou, um novo tipo de gesto esportivo denominado Atividade Física de Aventura na Natureza (AFAN). Bem como, a ação pautada na metodologia da animação sócio-cultural através de propostas situadas como de Educação Ambiental no âmbito do ecoturismo.

As temáticas Meio Ambiente e Educação Ambiental parecem ainda não constituírem preocupação no contexto da formação profissional em Educação Física. Pouco se discute sobre a questão ecológico nas disciplinas curriculares dessa área. Com o intuito de buscar elementos capazes de destacar alguns dos hiatos nessa, utilizamo-nos da aplicação de um questionário, adaptado de Reigota (1995) – ciente dos limites implícitos nessa técnica -, a um grupo de graduandos matriculados em diferentes fases do crupo de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. A partir do contexto específico desse grupo - portanto, impossível pretender generalizações - buscamos elencar e analisar suas representações acerca dessa problemática. Além de suas representações sobre os conceitos de Meio Ambiente e Educação Ambiental, também abordamos suas percepções quanto aos aspectos que ampliam e ou limitam a efetivação de propostas nessa direção. Igualmente, destacamos a compreensão da relação Educação Física e meio Ambiente. Para tanto, o tratamento dos dados se efetivou através da análise de conteúdo.

A problemática esteve centrada sobre as seguintes questões: a) de que forma a Educação Física encontra-se atrelada à guestão da Educação Ambiental?; b) como o currículo poderia contemplar as diferentes representações acerca da Educação Ambiental?; c) quais sugestões são feitas pelos autores no que diz respeito à inclusão da temática Educação Ambiental na estrutura curricular?

O CORPO COMO "AMBIENTE INTEIRO"

Anteriormente, o homem se percebia integrado à Natureza, e as técnicas corporais utilizadas por esse tinham muito mais a conotação de inter-ação/cooperação do que intervenção/competição. A (sua) Natureza, permeada de significados, era reconhecida e venerada, portanto, dela retirava apenas o essencial à sobrevivência. Entre Natureza e Homem a relação não se constituía pelo domínio, mas pela troca. Havia um Todo integrado, inteiro.

Entretanto, as técnicas corporais desenvolvidas através da história da evolução da humanidade interferiram nessa relação. O trabalho, concentrando táticas e estratégias de transformação da Natureza, modificaram também a percepção do Ser Humano, fator que aguçou significativamente o processo de construção da realidade. Em tal processo, distanciado da (sua) Natureza, o homem moderno

construiu uma realidade essencialmente técnica, mecânica, artificial, Vivendo o tempo dos objetos técnicos, produzidos continuamente por novas máguinas e novas tecnologias, que exigem cada vez mais, formas reduzidas de motricidade, fragmentando-o e desumanizando-o. Respondendo a interesses de um determinado modelo capitalista (urbano-industrial) de existir, o tempo, os espaços, o trabalho, os gestos, as relações, as idéias, colhem igualmente os efeitos dessa desnaturalização. O ambiente se compartimentaliza, se isola, se subdivide, tornando-se apenas "meio". Homem - Natureza deixam de existir/ser um Todo.

Por que isso ocorreu dessa forma? Podemos indicar o fato da racionalidade constituir uma das partes dessa natureza do Ser Humano e, "como seres humanos, amoldamos nosso meio ambiente com muita eficácia porque somos capazes de representar o mundo exterior simbolicamente, pensar conceitualmente e comunicar nossos símbolos, conceitos e idéias" (CAPRA, 1982: 289). Priorizada em detrimento das outras dimensões do Ser Humano, deflagou-se um modo de pensar coletivo, no qual o individualismo dissimula e mascara o reconhecimento da necessidade de re-união da totalidade Homem-Natureza.

Podemos dizer que o(s) corpo(s) humano(s) e seus movimentos, estarão sempre compondo a dialética oposição/integração das categorias natureza-cultura². O corpo, parte da natureza, se constrói enquanto tal a partir de determinada referência sócio-cultural, ou seja, cada sociedade entende os limites e as possibilidades dos corpo que a integram através de um conjunto de elementos presentes no imaginário social. Esse imaginário assume papel significativo na forma de compreender, estabelecer relações e, principalmente, circunscrever onde comeca e onde termina o eu, o outro, as coisas etc.

Estando tudo fragmentado, a humanidade convive com um momento de profunda crise, e isso é inegável, tendo em vista os conteúdos dos noticiários a nos bonbardear no dia-a-dia pela mídia.. Diversos autores³, de diferentes áreas de conhecimento já a identificaram. Dimensionando a visão do caos que se instaura na atualidade. Gatarri (1997) expõe que, as intensas transformações técnico-científicas criam fenômenos de deseguilíbrios ecológicos, e se não forem remediadas emergencialmente, ameaçam a vida na superfície da Terra. Ao lado de tais deseguilíbrios, os modos de vida individuais e coletivos estão se deteriorando progressivamente (p.07).

Fundamentalmente, para reverter esse quadro, o ser humano precisa novamente sentir-se natureza. Necessita incorporar a natureza. Ultrapassar a visão de "meio ambiente"- em que se coloca separado desse - e, perspectivar o corpo como "ambiente inteiro". Nesse sentido, também a concepção de Meio Ambiente deve encontrar-se permeada por essa mesma referência. Compartilhando com Reigota (1995), sua definição de Meio Ambiente, o qual sugere como sendo o "lugar determinado ou percebido onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio ambiente". (p.14); podemos referendar esta como uma concepção na qual o homem está incluído. Não se limitando a considerar com meio ambiente apenas a fauna e a flora ou os recursos naturais mas, sobretudo, todos os espaços sociais.

No olhar de Boff (1999), a superação dessa crise depende de uma mudança de atitude, segundo o autor, "precisamos de um novo paradigma de convivência que funde uma relação mais benfazeja para com a Terra e inaugure um novo pacto social entre os povos no sentido de respeito e preservação de tudo que existe e vive". (pp.17-18).

Na mesma direção, mas com outros argumentos, Guatarri (1997) aponta que somente uma articulação ético-política entre os elemento meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana é que poderia redirecionar tal situação (p.08). Para o autor, a superação da crise ecológica que se instala, exige uma resposta planetária, condicionada a uma autêntica revolução política, social e cultural capaz de reorientar os objetivos da produção de bens e atingir os domínios da sensibilidade, da inteligência e do desejo (p.09).

Podemos afirmar então, baseado nesses argumentos, que a transformação depende e implica uma total mudança de valores. Implica, como diz Boff, a formulação de uma nova ética a partir de uma nova ótica, para realmente compreender a dimensão do significado de Ser-no-mundo-com-os-outros. Complementa o autor:

"quando dizemos ser-no-mundo não expressamos uma determinação geográfica como estar na natureza, junto com as plantas, animais e outros seres humanos. Isso pode estar incluído, mas a compreensão de ser-no-mundo é algo mais abrangente. Significa uma forma de ex-istir e de co-existir, de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coissas do mundo. Nessa co-existência e com-vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua auto-consciência e sua própria identidade".(p.92)

E, Ser/Estar no mundo incorporam a idéia de um *se-movimentar*, portanto, o processo de construção da realidade ao se efetivar, a priori, por um sentido, escolha, desejo, intenção há que reconhecer a responsabilidade das repercussões desse movimento. Considerando dessa perspectiva vamos entender, como sugere Tamboer citado por Bruhns (1997), movimento como um diálogo entre homem e mundo. O *se-movimentar* como uma forma de existência na qual se tem os próprios valores e onde o homem pode realizar-se e expressar-se. (p.88)

A perspectiva de "ambiente inteiro" sugerida anteriormente, diferenciada dos interesses hegemônicos fundados na capital, requer uma tomada de atitude ou

seja, a compreensão e corporificação do fato de Homem-Terra constituírem um todo orgânico, vivo e em movimento, consideradas todas as duas diferenças e diversidades de manifestações; incluindo não somente parte dos homens (detentores do capital e dos meios de produção), mas as mulheres, negros, crianças, idosos, deficientes, obesos, além, claro, dos animais, rios, lagos, mares, montanhas, ar e as plantas. Enfim, tudo que esteja ligado à vida...

Ainda nos concentrando nos argumento de Boff, tomamos como referência a categoria "cuidado", por ele utilizada, para melhor situar a temática que nos propomos desenvolver. Pois, para o autor, o modo de ser-no-mundo se realiza pela dimensão do cuidado e o define nos seguintes moldes: "é um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas ".(p.92).

Esse modo de ser requer que não mais nos relacionemos com a natureza como sujeito-objeto, mas como sujeito-sujeito (idem, p.95). No lugar da competição, cooperação, no lugar de domínio, comunhão, no lugar de existir, co-existir. Isso exige respeito, ética e compaixão. Ou seja, todo agir devendo se pautar por uma consciência ecológica ampliada. Uma consciência que não se realiza apenas quando se está próximo do "verde", mas, sobretudo, manifestada e compartilhada com todos os seres, em todos os tempos e espaços.

Tomemos então nossa parcela de responsabilidade nesse co-existir.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA TRILHA POSSÍVEL À EDUCAÇÃO FÍSICA

Atualmente vem crescendo significativamente o número de indivíduos que buscam, sob diversos interesses, práticas de atividade física de aventura junto à natureza. O esporte, permeando-se por novas formas, valores e conceitos, torna-se um elemento chave nessa re-aproximação Homem-Natureza. Mas, ao que parece, pequena ainda é a preocupação da Educação física quanto a esse movimento dos indivíduos.

A cada dia, surge uma nova modalidade de atividade física, tanto em ambiente urbano como no rural, e as práticas na natureza nem crescendo em uma proporção maior, devido ao estresse das grandes cidades, fazendo com que homem resgate seu contato com o ambiente natural, em busca de aventuras e novos desafios.

Tubino (1992, p.136) faz algumas projeções no campo social do esporte para o século XXI, e a primeira delas se refere ao contínuo surgimento de modalidades esportivas ligadas à natureza, motivo de preocupação de ambientalistas, pois "o excesso e a falta de cuidado tem levado os ambientes de disputa ao

ponto da exaustão indesejável. Certamente, esse será um conflito novo no início do século XXI".

Outro aspecto a destacar e, o qual também requer uma atuação responsável do profissional da Educação física, dis respeito à função do animador sócio-cultural da dimensão do turismo⁴. Aquele profissional que estará propondo jogos, atividade física e outras práticas em Parques, Reservas Ecológicas, Trilhas, Praias, Montanhas etc., na perspectiva da Educação ambiental..

Dentre os poucos autores que têm se interessado por discutir a vinculação Educação Física e Meio ambiente, destaca-se Bruhns. Expondo alguns dos aspectos que permeiam o diálogo gestual das práticas na natureza, podemos perceber o qual amplo se torna a dimensão de responsabilidade desse profissional. A autora aponta o fato da visita à natureza expressar

"através das diversas manifestações do corpo (caminhadas, escaladas e outras), traz à tona várias questões envolvidas na relação homem-natureza, como a pobreza oriunda pela exclusão num sistema de trocas desiguais, bem como de uma política inexistente de fixação do homem à terra, levando à incapacidade de absorção dos migrantes dos centros urbanos, além de muitas outras, como o desperdício, questões relacionadas `q qualidade de vida, não só tomando como referência o visitante, mas também as populações fixas dos núcleos receptores, dentre outras". (p.87)

Cabe, portanto, um questionamento: em que medida, por exemplo, a proposta de uma tarefa como catar lixo, responde positivamente quanto à mudança de atitude que tratamos anteriormente, qual seja, do desenvolvimento da consciência ecológica? Será que somos capazes de reconhecer os impactos ambientais de determinadas propostas ditas "educativas"? Essas questões são respaldadas ao depararmos com os argumentos de Antuniassi (1995):

"(...) o âmbito da Educação Ambiental não é apenas o da transmissão de conhecimentos ecológicos, que são imprescindíveis, mas que não esgotam o conteúdo da proposição. A Educação Ambiental, ao lado da transmissão dos conhecimentos ecológicos acumulados, representa uma proposta política de reflexão, debate e posicionamento sobre a relação HOMEM/NATUREZA. Sobretudo, como este relacionamento sofre a mediação da relação dos homens entre si, na medida em que os caminhos palmilhados por uma sociedade em direção ao seu desenvolvimento sócio-econômico passa pelas relações sociais de poder que se estabelece entre grupos sociais que a compõem, no decorrer de sua história".(idem, p.46)



Pensar a Educação Física, por essência, ao lidar com o corpo e com seus movimentos, trazemos nesse sentido, a perspectiva apresentada por Daolio (1992:54) sobre a ação do professor de Educação Física ao afirmar que "atuar no corpo implica em atuar na sociedade na qual este corpo está inserido", automaticamente, no ambiente possível deste Ser-no-mundo. Ser-coro completo como cidadão, participante e co-responsável pela direção das decisões que transformam /deformam o ambiente.

O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURRÍCULO

A educação tem sido considerada a salvadora dos problemas relativos aos meio Ambiente e começa-se a questionar em que ponto está sendo falha em suas funções, visto que a consciência ambiental dos dias atuais, não tem sido satisfatória, a ponto de atender as necessidades mais prementes de preservação/ conservação ambiental.

Como sugere Antuniassi (1995), a questão da Educação Ambiental pode ser considerada como um elemento crítico para o combate à crise ambiental.

Desde o início da escolarização, é passada aos mais jovens a imagem da natureza como provedora infinita, podendo o homem extrair dela todo o indispensável à sua sobrevivência. Desta instrução apropriadora, onde a natureza tudo fornece, o indivíduo acaba absorvendo uma compreensão um pouco distorcida da realidade e não consegue se perceber enquanto componente deste ambiente.

Segundo Antuniassi (1995):

"em uma ação conscientizadora que tem por objetivo levar o homem, nos seus diferentes papéis a reassumir sua condição de componente do ecossistema que a civilização moderna vem negando e que, numa visão prospectiva, poderá inviabilizar sua própria sobrevivência. A educação ambiental cabe provocar a reflexão sobre o relacionamento homem/natureza, tendo em vista uma transformação do seu posicionamento face ao Universo. Fazer com que o homem entenda que lhe compete assegurar para si, para sua comunidade e gerações futuras, um ambiente que lhe proporcione a sobrevivência em padrões capazes de satisfazer suas necessidades física e psicossociais".(p.44)

A partir do momento em que não concebe a idéia de que deveria cuidar deste ambiente como de si mesmo, para sua e para as próximas gerações, de que não sente-se realmente um integrante do ambiente, o indivíduo o percebe apenas como um espaço a sua disposição, existente apenas para servi-lo.

Diante disso, Boff (1999, p.17) argumenta que "a atitude de sentir com cuidado deve transformar-se em cultura e demanda um processo pedagógico para além da escola formal que atravessa as instituições e faz surgir um novo estado de consciência e conexão com a Terra e com tudo o que nela existe e vive".

Portanto, uma educação ambiental [ara que atinja seus objetivos, necessita antes, de uma mudança no processo tradicional de ensino, visto que ele não vem atendendo as premissas básicas de uma consciência efetiva com relação ao Meio Ambiente.

Partindo da idéia de que através de suas ações o homem se relaciona com o ambiente, ao mesmo tempo em dele faz parte, a Educação Ambiental estará atrelada ao conceito que se tenha de meio ambiente, considerando para tal as representações sociais.

Representações sociais conforme Muscovici (1976) citado por Reigota (1995, p.12) "é o senso comum que se tem sobre um determinado tema, onde se incluem também os preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas". Desta forma, para se encontrar soluções para os problemas ambientais, defende o autor, é necessário que se compreenda as diferentes representações.

Desse princípio, trazemos alguns aspectos de representações sobre natureza no imaginário dos acadêmicos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Elencado e selecionado alguns termos caracterizadores dessas representações, podemos, pela freqüência de determinadas respostas, visualizar um quadro no qual o ser humano foi desconsiderado enquanto componente da definição de meio ambiente pela grande maioria dos respondentes. Dentre as representações mais associadas à definição de meio ambiente foram citados os termos espaço ocupado (natural /construído); meio onde vivemos; integração homem/natureza; elementos da natureza; natureza; meio físico. 'Na definição do conceito de Educação ambiental pelo grupo de acadêmicos, os termos mais citados foram: consciência, preservação, conservação e respeito. Apesar desses termos terem tido destaque, observamos numa menor freqüência a Educação Ambiental ser associada a informação, cuidado, interação, utilização correta e interação consciente.

Através desses dados, temos a percepção sobre a Educação Ambiental associada a consciência. Talvez devêssemos buscar compreender a dimensão do entendimento de consciência, posto que, apresentam-se em menor escala a caracterização de cuidado, interação e utilização. Percebemos aqui uma limitação nessa compreensão, pois a nosso ver a aquisição dessa consciência deve incluir tais elementos.



Colocando em foco agora uma outra questão veiculada no questionário, buscamos destacar não mais o conceito, mas uma relação entre dois conceitos: Educação Física - Meio Ambiente, e surgiram as seguintes colocações:

- · saúde (do homem e do ambiente;
- · prática do exercício no meio da natureza:
- · ambiente como estímulo à atividade física:
- · forma de alcançar um objetivo de saúde física e mental;
- · diminuição do estresse;
- · movimento em relação ao ambiente;
- · vivência do lúdico/prazer;
- · ser/corpo humano;
- · interação corpo/meio;
- lazer.

Em algumas respostas coletadas, esses elementos foram considerados, sob aspectos diferenciados. Não visualizando entre tais conceitos, nenhuma relação. Outro aspecto a ser observado nas respostas coletadas, implica uma concepção de Educação física na qual também reflete dicotomias e visões restritas sobre a Educação Física, corpo e saúde. Evidencia-se a ótica da saúde numa perspectiva dicotomizada na saúde do corpo-mente. Em apenas um dos guestionários a Educação física foi vislumbrada na perspectiva ser/corpo humano.

Solicitados a citar uma atividade de lazer que acreditavam estar vinculada à Educação Ambiental, descreveram: trilhas ecológicas, visitas a parques ambientais, acampamento, caminhada, surf, natação, mountain bike, gincana, volta à ilha (corrida), trekking, cross country, sandboard, corrida de orientação, caça ao tesouro, passeio de escuna, pesca, escalada, passeio ciclístico e plantio de mudas.

As proposições "educativas" vinculadas a tais atividades situaram na seguinte direção: coleta de lixo, promoção do respeito ao meio ambiente, limpeza do local e incentivo à preservação.

A escola, ao propor um currículo que venha ao encontro dos anseios e expectativas de uma comunidade, também enfrenta diferentes obstáculos ao tentar adequar este currículo à diversidade sócio-político-cultural na qual está inserida, considerando neste contexto, as representações sociais.

Grün (1996, p.12), reforça esta idéia ao citar que "devemos revincular os problemas ambientais ao agir que os originou e deveria ser uma das preocupações de uma Educação Ambiental".

Portano, a Educação Ambiental necessita ser avaliada frente aos deseguilíbrios humanos e não apenas nos deseguilíbrios naturais, através de uma reeducação dos sentidos, responsáveis por todo o desajuste, argumenta Cascino (1999). E acrescenta o autor: "desajuste que não é portanto, geográfico, biológico, químico, geológico, físico, técnico. É ao contrário, social, histórico, antropológico, filosófico, político ".(p.93)

A necessidade de se considerar estes aspectos (social, histórico...), já havia sido ressaltada na Conferência de Tbilise, Geórgia, em 1977, considerada um marco na evolução da Educação Ambiental e reforçada na ECO 92 no Rio de Janeiro, ao tratar as questões ambientais. Nestes dois eventos, orientou-se para que a Educação Ambiental não fosse abordada como uma disciplina específica (Dias, 1991)

Diante de um quadro de disciplinas estanques que compõe o currículo nos tempos atuais, torna-se difícil uma abordagem ambiental que abranja todo o currículo, ratificando, Grün (1996) defende a abordagem hermenêutica para que as "áreas de silêncio" possam ser focalizadas praticamente em todas as disciplinas, argumentando que: "fruto de um dualismo lógico-estrutural entre o tipicamente moderno e a tradição essas áreas de silêncio são, talvez, o principal problema que a Educação Ambiental deverá encontrar pela frente nos próximos anos ".(p.106). Conforme o autor, o mito do progresso perderia seu encanto se fosse mostrado seu avesso. Daí as áreas de silêncio que perpassam o currículo, onde o processo civilizatório, como fuga distanciou-se da natureza, pois esta remete ao primitivo, que confronta como modernismo. Para contemplar as diferentes representações o currículo precisa ser estruturado de maneira a levar o indivíduo a adotar uma postura crítica, transformadora, que determine um comportamento mais consciente de suas ações, tanto a nível individual como coletivo.

A Educação Física ao atuar no corpo, corpo este inserido e estimulado pelo ambiente, torna-se uma grande aliada no tocante à Educação Ambiental. Por trabalhar com o corpo, a Educação Física tem condições de tornar a Educação Ambiental um processo mais ampliado da consciência da sensibilidade desse corpo/natureza. Consciência que não passa apenas pela informação, mais que se amplia a aspectos do sensível e da participação, influenciado diretamente no modo como o indivíduo se relaciona com a natureza.

Também neste aspecto, é importante mencionar um argumento apresentado por vário autores, dentre eles Cascino (1999, p.102), sobre a necessidade de um ensino voltado ao processo interdisciplinar, visto que, "a conjunção com o pensar interdisciplinar gera uma qualidade profundamente diferente na ação educativa".

A interdisciplinaridade deve ser vislumbrada para atenuar as guebras existentes entre as disciplinas, procurando atender a complexidade dos fenômenos, que não se limita a um campo único de conhecimento. A nosso ver, propor a interdisciplinaridade torna-se indispensável como possibilidade de experiência da totalidade humana e universal. A interdisciplinaridade recoloca a idéia de integração.

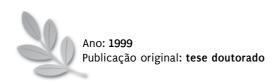
Significa re-unir novamente o que se experiência como separado, resgatando a percepção de totalidade.

Vivendo e cultivando os valores dessa re-união aprende-se uma lógica que rompe com a prática do domínio, sacrifício e exploração, tanto do corpo como da natureza. Ao re-unir estamos reconhecendo o espírito que compõe tais elementos, estamos recuperando a idéia de vida. Talvez, assim, possamos compreender no corpo quem na dinâmica da vida nada se coloca de fora, tudo se agrega a um movimento que é a própria vida.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

NOTAS

- ⁵ Segundo Fritjof CAPRA, O ponto de mutação, "a concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e de integração"p.260.
- ² Sobre a relação natureza cultura, ver José Carlos RODRIGUES, O tabu do corpo.
- 3 Apenas para citar alguns, ver: Leonardo BOFF, Saber Cuidar; Fritjof CAPRA, O ponto de mutação; Félix GUATARRI, As três ecologias.
- ⁴ Kátia Brandão CAVALCANTI e outros, na obra Lazer e educação ambiental: o caso do Parque das Dunas de Natal, apontam que a animação sócio-cultural nessa dimensão do turismo "constitui num processo voltado para a participação e a organização de pessoas e grupos, objetivando a realização de projetos e incitativas a partir da cultura, tendo em vista o desenvolvimento de grupos, comunidades da sociedade como um todo"., 1997, p.715.



Formato da contribuição: resumo da tese

Fonte: Impactos do uso público em uma trilha no planalto do Parque Nacional de Itatiaia. São Carlos. (Tese Doutorado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. 135 pag Sites: http://www.ipef.br/servicos/teses/?Termo=Magro - http://www.ipef.br/servicos/teses/arquivos/magro,tc.pdf

E-mail do autor: tecmagro@esalq.sup.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Doutor em Ciências da Engenharia Ambiental. Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo

Impactos do uso público em uma trilha no planalto do Parque Nacional do Itatiaia

Teresa Magro

Foram realizados estudos no ano de 1995 na Trilha Rebouças-Sede, no planalto do Parque Nacional do Itatiaia para identificar os parâmetros físicos com maior influência no grau de impacto causado pelo uso público. Em 1996, os mesmos dados foram coletados para avaliar a recuperação da trilha no período de um ano. Podem ser considerados bons indicadores, a área da secão transversal da trilha, o número de caminhos não oficiais e a área de solo exposto. O grau de declividade e o tipo de solo foram os principais fatores facilitadores da degradação da trilha estudada. A compactação do solo, ao contrário do resultado de outros trabalhos, não mostrou relação efetiva com as áreas mais impactadas. Constatou-se em teste de germinação do banco de sementes, em amostras coletadas no centro da trilha, que o maior número de plantas germinadas estava relacionado a um solo com teores mais elevados de matéria orgânica e de nutrientes. Além dos fatores naturais, dados referentes ao manejo da área foram obtidos na Administração do parque e através de entrevistas com funcionários. A análise dos Relatórios referentes ao período de 1940 a 1984, demonstrou que os fatores institucionais, ligados à administração do parque, contribuíram fortemente para a degradação de parte do ecossistema estudado.

Conclui-se que o processo de regeneração da vegetação nos locais mais impactados será acelerado com a utilização de técnicas simples, como, por exemplo, escarificação e adubação do solo e dissipação do volume da enxurra-



da canalizada no interior da trilha, através da construção de pequenos canais e terraços ao longo de sua extensão. Estes procedimentos deverão ser também utilizados nas trilhas secundárias e caminhos antigos de gado que funcionam como canais de escoamento da enxurrada, que fluem em direção à trilha principal. Esta trilha atua como canal principal, por conseguinte, sendo mais susceptível aos impactos causados pelo processo erosivo.



Formato da contribuição: texto expandido

Fonte: Coletânea do 11º Enarel, Encontro Nacional de Recreação e Lazer - Lazer, meio ambiente e participação humana. Foz do Iguaçu: Unioeste, 1999.

E-mail da primeira autora: apvieira@ufv.br

Títulos acadêmicos principais da primeira autora: Doutoranda em Dança, Temple University – Filadélfia, PA, EUA; Mestre em Educação/Educação Física, Valdosta State University, Valdosta, GA, EUA; Licenciada em Educação Física, ESEFEGO-GO

Ecoturismo urbano: rua de lazer em Tombos-MG: Aprendendo, brincando e inovando o Meio Ambiente

Alba Pedreira Vieira¹ Priscyla Assis² Fernanda Fernandes²

A degradação do meio ambiente, historicamente, traduz a relação das sociedades com seus espaços. Atualmente, quando se fala em educação ambiental, lazer e turismo ecológico ou ecoturismo, há uma tendência em se pensar sobre atitivades que propiciam às pessoas um distanciamento do espaço urbano e aproximação da natureza. Porém, nas maioria das vezes, atividades tidas como ecologicamente educativas não cumprem o seu papel. Após momentos de sensibilização junto à natureza, os ecoturistas, ao voltarem para a "selva de pedras" em que vivem o seu dia-a-dia, tratam com descaso o seu meio ambiente porque esse, na maioria das vezes, não é rico em árvores, cachoeiras, rios, animais, e demais elementos que são apropriados como inerentes à natureza e, portanto, dignos de respeito e "bons tratos".

Entendemos, porém, que o ecoturismo não deva se restringir à realização de visitas a áreas naturais não degradadas e não poluídas. Além da experiências com a natureza, o ecoturismo deve e pode incluir ao mesmo tempo, possibilidades de contato com a cultura local. A cultura local da maioria das comunidades brasileiras, contudo, se constrói em cidades.

A cidade, segundo FORATTINI (1991), se constitui ao longo do tempo em ecossistema antrópico, onde o grau de artificialidade atinge seu nível mais ele-



vado. Para este autor, a discussão sobre meio ambiente não pode ser feita dicotomizada da cidade pois ...

[...] o desenvolvimento do meio urbano resulta em intensa e profunda manipulação do ambiente. Daí decorrerem acentuadas modificações que recaem sobre a paisagem, a comunidade, o estado psicológico e fisiológico dos habitantes, além de darem origem a fatores culturais, tanto econômicos como políticos que, isolada ou coletivamente, influem ou mesmo determinam a qualidade de vida da população ali residente.

Com o crescimento populacional, avanço industrial e tecnológico, e consequente degradação do ambiente natural, as cidades brasileiras fazem com que os indíviduos percam o sentimento de pertencimento. Essa ausência, por sua vez, faz com que os moradores, diante do ambiente urbano, consciente ou inconscientemente hostil, optem pela solução da fuga. Esta, forçosamente temporária, manifesta-se pelo êxodo dos moradores em finais-de-semana e/ou nas férias para ambientes que proporcionem um maior contato com a natureza. FORATTINI (1991) esclarece que, à maneira de verdadeira compulsão coletiva, ocorre nessas ocasiões a fuga da população urbana, o que pouco resolve, a mais das vezes levando para as estradas e outras cidades a sua própria problemática para, em seguida, voltar com ela. Porém, como decorrência, dá-se a proliferação de novo artigo de consumo, consubstanciado pela indústria do turismo, o ecoturismo.

O ecoturismo, porém, é para uma população privilegiada que tem condições econômicas para pagar os preços crescentes dos chamados pacotes ecológicos. Para os que permanecem na cidade, a televisão, atingindo metade ou mais da população brasileira, tem na cidade os seus maiores índices de audiência. A TV exerce papel relevante na aglutinação de pessoas, doutrinando-as, à maneira de gigantesca catequese, para o consumo de inúmeros produtos, nem sempre propiciadores de melhores níveis de qualidade de vida.

Diante dessa problemática, confrontamos o dilema de se trabalhar as relações entre lazer, turismo, meio ambiente e educação ambiental a partir de uma melhor integração do ser humano com o seu meio ambiente *urbano*. Nossa perspectiva é que uma atividade dessa natureza pode se caracterizar como uma forma de turismo ambiental, no qual cada participante é convidado a explorar seu meio ambiente urbano a partir de novas perspectivas culturais: a lúdica e a ecológica.

Esse trabalho nasceu então, a partir de uma experiência no desenvolvimento de uma vivência de Lazer, Rua de Lazer, em uma cidade no interior de Minas Gerais, a qual nunca havia fruído/usufruído de tal possibilidade de lazer. Nosso objetivo foi estimular as manifestações do patrimônio lúdico-cultural, e a valorização de experiências coletivas-cooperativas que possibilitassem aos participantes se reapropriarem dos espaços públicos.

A promoção do evento foi uma iniciativa da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Tombos-MG. A gestão política nesta cidade, à época de realização do evento, caracterizava-se pela "sua articulação e compromisso com a justiça social", segundo o próprio slogan adotado pela governo municipal.

A organização e execução do evento foi realizada por seis acadêmicos do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa/UFV e com auxílio de outros oito colegas, tendo como coordenadora geral a professora responsável pela disciplina Lazer II (EFI 347). Essa equipe contou ainda com a colaboração de voluntários da comunidade.

Antes de relatarmos nossa experiência, sentimos a necessidade de esclarecer qual entendimento de Lazer abraçamos. Concordamos com PINTO (1995), que lazer representa conquista pelo direito a espaços de tempo que possam se contrapor às obrigações cotidianas e, especialmente, às obrigações do trabalho. Representa, também, demanda por um tempo disponível e privilegiado para concretização de experiências lúdicas, momento de gozar a vida e espaço de busca de qualidade no viver.

Ademais, SANTIN (1997) nos lembra que o lazer, como o da atividade desenvolvida no interior da sociedade, somente pode ser entendido a partir do sentido que recebe do sistema de significação que sustentam toda ordem social.

Para MARCELLINO(1996), o lazer é cultura vivenciada no tempo disponível e espaço privilegiado de manifestação das possibilidades lúdicas, tendo como objetivo não só o divertimento e o descanso, mas também, o desenvolvimento pessoal e social, perspectivando a vivência de novos valores. Esses novos valores possibilitam ocasionar mudanças indispensáveis para construção de uma comunidade mais democrática justa, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos que a integram.

Abraçando essa compreensão de Lazer nos colocada pelos estudiosos da área, é que nos inquietamos quanto às várias formas que o Lazer tem assumido na sociedade atual como momento de fuga das problemáticas econômicas, sociais e políticas diárias. A partir de seu duplo aspecto educativo, ou seja, educação para e pelo lazer (MARCELLINO, 1996), compreendemos as relações íntimas que podem se estabelecer entre lazer e educação ambiental, pois, tal diálogo permite formas mais integradas de ser e viver no mundo%natural e urbano.

Várias são as possibilidades de se trabalhar o Lazer com comunidade, tais como: acampamentos, tarde de lazer, matroginástica, festivais de jogos, semanas das criancas, festas de natal, etc (OLIVEIRA, 1997). No nosso caso, a perspectiva de trabalharmos com maior número de pessoas, a fim de tornar a vivência de Lazer mais democrática, acabou nos levando a optar pela realização de uma Rua de Lazer. Mas afinal, ...

O QUE VEM A SER A RUA DE LAZER?

Desde os tempos mais antigos, a rua já servia como local de diversão e encontro de amigos, como se encontra no Antigo Testamento em uma de suas passagens: "E as ruas da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão". A profecia de Zacarias foi muito significativa e nos dias atuais, se faz mais necessária do que nunca.

A Rua de lazer nasceu nos Estados Unidos, como "playstreet," na década de 50. Ela foi introduzida no Brasil na década de 70 através do movimento "Esporte Para Todos" (VIEIRA, comunicação oral).

A rua é um espaço onde as pessoas circulam, se conhecem, se comunicam; os sujeitos sociais podem nela passar por breve instante ou ali permanecerem por muito tempo. Nela transitam crianças, jovens e idosos, muitas vezes preocupados e estressados com o cotidiano sem perceberem que a rua pode se tornar um espaço de desenvolvimento de atividades lúdicas.

Segundo MARCELLINO (1996), o ser humano acaba vivendo nas cidades entre os "cheios" e "vazios" na espacialidade, estando apenas preocupados em extrair desses espaços o lucro. A proposta da Rua de Lazer é transformar a agitação do dia-a-dia de uma rua em uma festa coletiva, na qual as pessoas possam extravasar seus sonhos e se entregarem à atividades que lhes proporcionem prazer.

Com esta perspectiva, o objetivo da nossa Rua de lazer foi proporcionar vivências lúdico-educativas à comunidade do município de Tombos-MG, principalmente o público infantil, visto que o evento foi realizado em um dia escolar das crianças em que elas foram liberadas das atividades na escola para participar da "festa comunitária," como o evento passou a ser conhecido. Concomitantemente à Rua de Lazer, foi promovido o I Encontro Municipal de Educação.

Esse trabalho se justificou por garantir a essa população o direito ao Lazer. O fato histórico do reconhecimento do lazer como parte integrante do conjunto dos direitos básicos de todo cidadão é previsto na Constituição Brasileira de 1988 no Art. 217 Seção III. A ressonância do lazer é igualmente reconhecida por órgãos como a ONU e a UNESCO, que o apontam como um dos indicativos para detectar o nível de qualidade de vida das populações.

O reconhecimento da importância do lazer tanto em nível nacional como internacional, reflete o papel fundamental que o mesmo vem ganhando nas últimas décadas. Seja como objeto de reivindicações populares ligados ao direito à qualidade de vida, como também remete à questão da cidadania.

Ainda a nos dar suporte, temos o Art. 1 da Carta Internacional de Educação para o Lazer (1995), a qual afirma que todo homem tem direito ao lazer como criador, autor e animador das relações sociais. Tem sobretudo, direito às atividades de sua própria escolha, não importando sua idade, sexo, nível de educação ou condição social. Nesse sentido, concordamos com DEMO (1997) que, somente a partir da conscientização e apropriação dos sujeitos do exercício pleno de sua cidadania, é que poderemos afirmar que os direitos humanos e dentre eles o lazer, são de direito e de fato, a razão de ser.

METODOLOGIA

A abordagem da nossa pesquisa é qualitativa, pois como tal, ela responde a questões muito particulares. O lazer se constitui nosso objeto de estudo, entendido como elemento da cultura que compõe o humano. É um dado da realidade dificilmente quantificável, pois vamos trabalhar "(...) com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos às operacionalizações de variáveis" (MINAYO, 1994, p.22). Entretanto, não desprezamos os dados quantitativos, tendo clareza de que qualitativo e quantitativo não se opõem, mas se complementam e se integram.

Também entendemos como necessária, nesse trabalho, a interação entre o pesquisador e os atores sociais envolvidos nesse estudo, tendo em vista sua característica principal de pesquisa-ação. Nessa perspectiva, não somente os investigadores dão sentido ao seu trabalho intelectual, "(...) os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade às suas ações e às suas construções (...)" (MINAYO, 1994, p.14). Dessa forma, os pesquisadores e o campo de estudo estabelecem relações, de forma definitiva, para compreenderem a realidade.

Por meio dessa compreensão, temos condições de caminhar e perceber aspectos que vão além dos dados coletados. Dados foram coletados através de observação participante e de relatórios reflexivos escritos pelos organizadores do evento.

PROGRAMANDO O EVENTO

Por não conhecermos a comunidade alvo, reuniões prévias com representantes da comunidade foram feitas no sentido de entender melhor suas condições culturais e sociais. Essas reuniões contaram com a participação da Secretaria Municipal de Educação e a coordenadora geral do evento.

A partir da análise das características da comunidade tombense, optou-se por realizar um primeiro evento de Lazer em que se privilegiasse a educação para e pelo Lazer. A discussão anteriormente mencionada revelou uma necessidade de se sensibilizar a educação ambiental dos morandores do município. Assim, esse foi o tópico privilegiado na perspectiva de educação pelo lazer por nós adotada.

O intuito era que, após esse primeiro contato com um evento de Lazer vivenciado de maneira coletiva, a comunidade pudesse conhecer não apenas essa possibilidade lúdica, mas várias outras. Ou seja, o contínuo exercício crítico e criativo do lazer lhes possibilitaria ampliar as possibilidades culturais. Nessa primeira vivência, houve um maior direcionamento por parte dos animadores culturais, mas nossa esperança era que, com o decorrer do tempo e aumento do conhecimento e vivências, a comunidade poderia se tornar mais autônoma para programar e realizar seus próprios eventos de Lazer. Nossas ações foram norteadas pela crença que educar para e pelo lazer implica em formar cidadãos autônomos não somente em relação ao seu lazer, mas bem como à sua vida individual e coletiva.

DINÂMICA DO EVENTO

As atividades foram desenvolvidas em forma de estações/oficinas que aconteceram durante todo o decorrer do evento, estando pelo menos dois monitores da equipe de recreação e lazer e um voluntário da comunidade presente em cada estação.

A Rua de Lazer aconteceu na rua principal da cidade. Essa rua é bastante longa e praticamente corta toda a cidade. Consultada anteriormente quanto ao trecho da rua em que o evento deveria ser realizado, a comunidade opinou pelo segmento mais arborizado. Esse dado nos indicou o desejo da população em ocupar os espaços urbanos que preservam um pouco do contato com a natureza.

Um ônibus fornecido pela Prefeitura Municipal levou as crianças dos bairros até a avenida onde acontecia o evento. As estações/oficinas foram as seguintes: Voleibol Gigante, uma forma recreativa de voleibol, onde podem participar um número indefinido de pessoas e utilizadas várias bolas de tamanhos e pesos variados. Basquetaro: Dois aros cuidadosamente presos às árvores serviram de cestas; aproveitamos esse auxílio dado pelas formas naturais das árvores para fazer nesse local uma mini-palestra sobre como elementos da natureza são úteis aos serem humanos em todos os sentidos, mas que devemos respeitá-los e preservá-los. Petecalegal: uma corda serviu de rede e utilizou-se peteca oficial, assim como petecas confeccionadas na oficina de construção de brinquedos alternativos a partir de sucatas. Privilegiamos a construção de brinquedos tradicionais como peteca, para-quedas, biloquê, balangandã arco-íris, capucheta, bolinha de meia, perna de lata, fantoches, e outros. Durante essas oficinas, a importância de se reclicar materiais descartáveis era informalmente discutida

com os participantes. Essa oficina, curiosamente, foi a que atraiu o maior número de adultos. Futebolbom: foram feitos dois gols utilizando garrafas plásticas com água % mais uma vez a sucata se transformava, de lixo a um equipamento não-específico de lazer (vide MARCELLINO, 1996).

Conscientes que as pessoas não devem ser privadas de materiais e equipamentos específicos de lazer e desportivos, utilizávamos ambos tipos de materiais: os oficiais (por exemplo, bolas e petecas oficiais) e também os "alternativos".

Para incentivar os jogos coletivos e cooperativos, com integrações de pessoas de ambos os sexos, foram utilizados jogos recreativos com regras variadas como futebol de casal e 10 toques. Nesses jogos também foram utilizadas bolas feitas a partir de sucata assim como bola oficial de futebol. Na oficina de artes os participantes se expressaram através da pintura, e exercitaram suas habilidades manuais através de dobraduras e colagem. Vários jogos tradicionais foram realizados tais como pular corda, amarelinha, 3 Marias, bambolê, e bolinha de gude. Uma estação que teve público fiel e constante foi a de brinquedos cantados. Outras brincadeiras aconteceram a pedido dos participantes e foram "improvisadas" no momento, tais como: corridas do jornal, nariz de caixa, estourando o balão, bola ao saco, não molhe balão. Essas improvisações, ocorrendo em concomitância com as atividades previamente elaboradas, sugeriam a importância de se aliar organização prévia com flexibilização e sensibilidade ao momento e ao desejo atual dos participantes.

No encerramento do evento foram desenvolvidas junto com os recreantes ginásticas historiadas: Mariana, peão e índio, além de uma matroginástica com a presença não só das crianças como dos professores presente ao Encontro Municipal de Educação.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A instalação de oficinas de esportes, brinquedos cantados, construção de brinquedos alternativos a partir de sucatas e oficinas de artes teve como intuito atender a ampla gama de interesses dos participantes, principalmente das crianças. Inicialmente, nossa equipe se deparou com uma situação surpreendente: pelo fato das crianças nunca terem vivenciado uma Rua de Lazer, as atitudes iniciais foram um misto de curiosidade e ao mesmo tempo receio e timidez. As crianças se aproximaram, mas não se integraram no início, precisando ser estimuladas pelos animadores culturais para participarem das estações.

Todas as oficinas foram abertas ao mesmo tempo, porém, logo no início, uma que chamou bastante atenção foi a de pinturas utilizando tintas "naturais." Enquanto preparávamos as tintas, as crianças se aproximayam e ficavam curiosas

para aprender a preparar a tinta a partir de elementos naturais (terra, urucum, e outros). Durante todo o tempo esta estação permaneceu com um alto número de crianças. Contamos com a participação de três voluntários da comunidade que auxiliaram no trabalho das duas monitoras. Percebemos também um interesse grande dos adultos nessa oficina.

A oficina do Voleibol Gigante de início não teve muita procura, as crianças pareciam tímidas diante da nova brincadeira que parecia complicada pois lembrava o jogo de voleibol que exigia técnica apurada. Aos poucos foram chegando crianças que percebiam que o importante era se divertir e não jogar bem. Um fato importante foi observado: as crianças mais velhas limitavam a participação das menores, sendo preciso uma intervenção das monitoras.

O basquetaro foi uma estação que a princípio não despertou muito interesse. Os monitores então, usaram da estratégia de começarem a brincar chamando a atenção das crianças que se interessaram e resolveram participar. Os monitores tiveram facilidade em brincar com as crianças, as quais abraçaram a idéia de que o importante não era marcar pontos mas vivenciar o prazer proporcionado pela atividade.

A oficina de Futebolbom foi a que mais dificuldades encontrou, por se localizar num ponto mais afastado e pela rua apresentar um desnível acentuado. Constantemente a brincadeira tinha que ser interrompida para a busca da bola. Por ser futebol um esporte muito popular, cujas regras são amplamente conhecidas, só foi necessário nesta estação um monitor. Um fato relevante foi que houve maior procura por parte dos meninos, o que demonstra que ainda existe um certo preconceito por parte da sociedade em relação à participação feminina no futebol.

No início, a oficina da Peteca Legal despertou pouco interesse por parte das crianças. Elas não tinham muito controle sobre as petecas, provavelmente pela sua pouca vivência com esse equipamento. Porém, após construírem petecas na oficina de construção de brinquedos, voltavam à oficina da Peteca Legal para experimentar suas "construções".

Uma oficina que também teve uma concentração grande de crianças foi a de construção de brinquedo. Seu encerramento foi feito após o início da ginástica historiada e somente porque o material havia acabado. As presença constante e alta de crianças e *pais* nos indicaram seu sucesso. Uma disputa pelos brinquedos construídos ao término da estação foi observada. Na opinião do grupo, foi uma das que foi mais foi ao encontro ao interesse da comunidade durante todo o tempo da Rua de Lazer. Além de uma possível carência de brinquedos tradicionais, o sucesso da oficina pode também indicar uma sensibilidade ecológica por parte dos moradores de Tombos que participaram da Rua de Lazer.

Após o encerramento de todas as estações, como atividade de encerramento foi feita uma ginástica historiada. Como estava no final da tarde, não mais havia um número grande de crianças pois muitas delas tiveram que partir obedecendo ao horário de partida dos ônibus que as levariam para seus respectivos bairros. Mas as crianças que participaram desta vivência pareciam ainda estar bastante animadas e demonstravam que estavam se divertindo bastante.

No geral, observamos que as crianças estavam eufóricas e, ao contrário do que normalmente acontece numa Rua de Lazer, não se prendiam a uma estação em particular e sim, queriam vivenciar todas as estações. O estado de euforia foi tão grande que dificultou a execução de algumas variações dos jogos, pois os grupos mudavam constantemente.

A comunidade de forma geral se identificou com o evento. Os país incentivavam os filhos a participar das atividades e integravam-se com os monitores oferecendo auxílio no desenvolvimento das estações. No final, convidados a se expressarem, os participantes elogiaram a realização da Rua de Lazer.

Os membros da gestão administrativa municipal acompanharam o trabalho desenvolvido e fizeram uma avaliação positiva, comprometendo-se a dar continuidade a eventos de lazer não construídos *para* mas *com* a comunidade.

CORDA

O evento realizado na cidade de Tombos pôde ser considerado como bem sucedido, porém, como a maioria dos municípios brasileiros, a cidade não possui um planejamento em termos de políticas públicas de lazer.

Nesse sentido, MARCELLINO (1996) ressalta que um município dever ter, no decorrer do ano, um projeto de políticas públicas que possa responder às seguintes perguntas: Há equipamentos específicos subutilizados? Como os equipamentos estão distribuídos? Há possibilidade de adaptação de utilização de equipamento não-específicos? Existe uma estrutura de animação capacitada e atuantes?

Porém, deve-se deixar claro que,

as diretrizes gerais de uma política municipal de lazer não podem se restringir apenas a uma política de atividades, mas contemplar também questões relativas à formação e reciclagem de quadros para atuação, aos espaços e equipamentos, e critérios de ordenação do tempo (REQUIXA, 1980 e CARVALHO, s/d, citado por MARCELLINO, 1996).

Tratando-se da cidade de Tombos, sugerimos um maior empenho das autoridades competentes no sentido de proporcionar à comunidade eventos que cumpram com as diretrizes básicas de uma política de lazer. Há de se investir na formação de uma equipe multidisciplinar de lazer que incida nessa área com ações interdisciplinares, principalmente com pessoas ligadas à área do meio ambiente e educação ambiental. Além disso, é preciso investir na manutenção, melhoria e ampliação de espaços e equipamentos que proporcionem aos seus usufruintes a vivência privilegiada do lúdico (PINTO, 1998).

Uma proposta de trabalho que poderia ser adotada é a linha de Ação Comunitária, onde as idéias são trazidas pela comunidade, as decisões são tomadas em reuniões da própria comunidade, e a ação de trabalho também será desenvolvida por esta (VIEIRA, 1999). A experiência com projetos que utilizam a Ação Comunitária como estratégia de ação, mostra a necessidade de se ter uma extrema sensibilidade no dia-a-dia do desenvolvimento do trabalho, pois esse tipo de intervenção se caracteriza fundamentalmente como uma ação deliberada de profissionais da área de lazer, que atuarão "com" a comunidade, e não "para a comunidade" (PAIVA, 1996).

Para os acadêmicos do curso de Educação Física, no que diz respeito a Rua de Lazer elaborada e executada, este tipo de experiência é significativa e vem contribuir para a formação pedagógica e profissional. Esse tipo de realização permite aos agentes culturais extrapolar a teoria e ensina na prática a contornar problemas, aplicar conhecimentos e crescer enquanto (futuros) profissionais.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

NOTAS



¹ Professora do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa. Mestre em Educação pela Valdosta State University, EUA e doutoranda na Temple University, EUA.

² Acadêmicas do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa (UFV).



Publicação original: anais de congresso

Formato da contribuição: texto expandido

Fonte: Coletânea do 11° Enarel, Encontro Nacional de Recreação e Lazer - Lazer, meio ambiente e participação humana. Foz do Iguaçu: Unioeste, 1999.

E-mail da autora: apvieira@ufv.br

Títulos acadêmicos principais da primeira autora: Doutoranda em Dança, Temple University – Filadélfia, PA, EUA; Mestre em Educação/Educação Física, Valdosta State University, Valdosta, GA, EUA; Licenciada em Educação Física, ESEFEGO-GO

Turismo Ecológico: essa possibilidade de lazer é "quente"

Alba Pedreira Vieira¹ Priscyla Assis²

O campo do Lazer vem se ampliando consideravelmente devido à sua estreita relação com as demais áreas de atuação do homem, além de ser um momento privilegiado que pode propiciar uma maior integração dos sujeitos com a natureza.

Uma das barreiras em termos de possibilidades de Lazer é a falta de vivências lúdicas críticas e criativas que se confrontem com o cotidiano da "selva de pedras" em que vivemos e da correria necessária para o "sucesso" no mercado de trabalho. Concomitantemente, a questão ambiental vem sendo considerada cada vez mais urgente e importante para a sociedade, pois o futuro da humanidade depende da relação estabelecida entre a natureza e o uso pelo homem dos recursos naturais disponíveis. Ademais, segundo MARINHO (1999), a problemática ambiental tem aumentado significativamente devido ao deterioramento dos ecossistemas e do ambiente construído, afetando entre outros fatores, a qualidade de vida humana.

Diante dessa realidade, faz-se necessário o oferecimento de possibilidades de Lazer que propiciem às pessoas contrastarem uma realidade diferente, já que a vida urbana e a rotina do trabalho distanciam o homem do contato social e com a natureza. Percebemos no Lazer potenciais estimuladores de reflexões das redes de interação entre os pares.

Partimos da premissa que o Lazer é um espaço privilegiado para vivências lúdicas, críticas e criativas (PINTO, 1998), além de admitirmos sua importância na vida moderna como um campo que contribui para mudanças de ordem moral e cultural (MARCELLINO, 1996). Inclusive em relação ao meio ambiente.

Dentre as várias possibilidades de se trabalhar, através do Lazer, a questão da educação ambiental, a alternativa que optamos foi pelo turismo ecológico, devido às possibilidades que oferece enquanto espaço para vivência tanto do homem com seus pares, quanto do homem com a natureza. Essa vertente do turismo vem a cada dia se consolidando como potencializadora forma de se conhecer a natureza, dela fruindo e usufruindo, de maneira orientada e sustentável.

Mas o que é turismo ecológico ou ecoturismo? Segundo a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), o ecoturismo compreende: "Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas." (EMBRATUR, 1994, p. 59).

No nosso entendimento, o ecoturismo pode se constituir em um processo educativo à medida que aglutine aspectos primordiais que permeiam o Lazer como a busca do prazer e do relaxamento, mas, além disso, o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos envolvidos é fundamental (MARCELLINO, 1996). Nesse sentido, é necessário esclarecer a importância da conservação do meio ambiente como um dos elementos da qualidade de vida, atualmente tão discutida e buscada por todos nós.

Procuramos em todos os momentos de desenvolvimento do nosso trabalho, evitar o que BHRUNS (1999) denomina de práticas não refletidas nem discutidas, pois somente adjetivar uma prática como ecológica não lhe garante estar comprometida com nenhum vínculo educativo.

A fim de ampliar as perspectivas educativas da nossa experiência, os aspectos sociais e político-econômicos característicos da população da região visitada foram considerados.

METODOLOGIA

Nesse artigo, a fim de refletir sobre a ação educativa ambiental desenvolvida, optamos pela abordagem de pesquisa hermenêutica-fenomenológica. A preocupação da fenomenologia é descrever o fenômeno, não explicá-lo; é compreendê-lo, não achar relações causais. Além da descrição voltada para e olhar as coisas

como elas se manifestam, a reflexão hermenêutica inclui a possibilidade de explorar significados da experiência.

Essa possibilidade de abertura, de ir em direção às coisas mesmas, àquilo que vai se apresentar como fenomenal, no sentido do que se mostra à experiência, exige um olhar cuidadoso, meditativo. Nossa intenção, portanto, é descrever uma experiência de lazer e turismo ecológico e refletir sobre os significados dessa experiência.

A primeira autora, professora da disciplina Lazer II do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, incluiu o tema "Lazer e Meio Ambiente" como tópico da referida disciplina. Um grupo de alunos da disciplina (incluindo a segunda autora) além de aulas téoricas, planejaram e executaram, sob orientação da professora, uma excursão com o fim de vivenciar e aprofundar conhecimentos sobre as questões do Lazer, Meio Ambiente, Esporte, Turismo, e Educação Ambiental.

Como mencionado acima, para investigar essa experência, adotamos a trajetória hermenêutica-fenomenológica. A fenomenologia procura estabelecer um contato direto com o fenômeno que está sendo vivido. Para compreender esse fenômeno é preciso então buscar a descrição da experiência pelos sujeitos que a vivenciam. Demos voz aos sujeitos participantes da experiência através de protocolos escritos produzidos pelos alunos da disciplina Lazer II e estudantes da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, que respectivamente construíram e tomaram parte no evento. Nos protocolos, os organizadores e participantes da excursão foram convidados a descrever a experiência de lazer e turismo ecológico por eles vivenciada. REZENDE (1990) esclarece que é preciso recorrer à descrição para a aproximação maior possível da densidade semântica do fenômeno estudado. A descrição de experiência por quem vivencia um fenômeno é o caminho para a compreensão dele, e a linguagem, incluindo a escrita, é uma das formas que se abrem para essa compreensão. A linguagem não tem função apenas de comunicação, mas também de revelação de um ser que existe em si e para os outros, como singular e idêntico (AUGRAS, 1981).

Para Heidegger, toda compreensão se consuma na linguagem. A totalidade significativa da compreensibilidade vem à palavra (HEIDEGGER, 1995). Compreender um fenômeno é percebê-lo do interior. Na compreensão está sempre subentendida a interpretação. Ela possibilita ao investigador explorar os significados do fênomeno vivenciados a partir do olhar dos participantes. Assim, a fase interpretativa desse estudo foi desenvolvida tento os protocolos escritos pelos participantes como nossa fonte de dados, os quais foram analisados sob a perspectiva reflexiva hermenêutica.

Apesar deste estudo ter um caráter hermenêutico-fenomenológico, para avaliação do evento junto aos participante foi utilizado um questionário composto por perguntas fechadas, e que foi analisado quantativamente.

A excursão a Rio Quente, no estado de Goiás, aconteceu nos dias 2 a 6 de Junho de 1999, sendo realizada pela professora, alunos da disciplina Recreação e Lazer II (EFI-347) do Departamento de Educação Física e Saúde (DES) da Universidade Federal de Viçosa. O local da excursão foi escolhido pela organização pôr possui uma sistemática voltada para o ecoturismo, na qual o respeito e o conhecimento da natureza vem em primeiro plano.

Participaram do evento 34 pessoas, sendo 14 alunos da disciplina Lazer II (EFI-347), a professora da disciplina, dois profissionais, sendo um da área de Educação Física, quatro estudantes de outras áreas da Universidade Federal de Viçosa e 13 estudantes do curso de Educação Física. A faixa etária dos participantes variou de 20 a 33 anos.

OBJETIVO E JUSTIFICATIVA DO DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DE LAZER E TURISMO ECOLÓGICO

A presente experiência teve por objetivo proporcionar às pessoas que da excursão participaram o atendimento do seu interesse turístico no Lazer, bem como lhes possibilitar uma vivência educativa ecológica.

Houve a preocupação por parte da organização do evento em promover um contato mais direto dos participantes com a natureza, com novas paisagens e com diferentes pessoas, o que possibilita o conhecimento de uma cultura diversificada. Além disso, procuramos ainda propiciar um melhor relacionamento interpessoal o que, numa excursão ecoturística, pode assumir um caráter bem diferente do relacionamento cotidiano devido a uma interação social mais intensa e descontraída.

Justifica-se a realização dessa excursão: (1) pelo fato do setor do ecoturismo vir assumindo grande importância na vida dos indivíduos, principalmente aqueles que residem nos grandes centros urbanos; (2) pela necessidade em sensibilizar os sujeitos que a natureza é uma responsabilidade social; (3) por Viçosa não oferecer à sua população possibilidade de Lazer na perspectiva aqui almejada.. Partimos do pressuposto que a interação com a natureza deva se dar sem que ocorram impactos de ordem ecológica, cultural ou estética.

EXPERIÊNCIA VIVENCIADA

Após a proposta de realizar a excursão de lazer no âmbito do turismo ecológico ter sido feita ao grupo de alunos da EFI-347, considerou-se a necessidade de um trabalho a ser efetuado com qualidade para realização do evento. Nesse sentido, concordamos com França que

"Vivenciar o lazer enquanto possibilidade de viver-explorar o lúdico, através das práticas corporais e esportivas, perspectivando aprendizagens com prazer, com revelação e percepção que desperta a sensação de realização e fascínio, exige que a intervenção na realidade social possa subsidiar uma intervenção de qualidade" (Franca, 1995:109).

Procedemos então à formação de uma equipe de trabalho, na qual a cooperação entre os seus componentes foi essencial para que o projeto se concretizasse. Para o desenvolvimento do trabalho, a equipe dividiu-se em comissões tendo claro que essa divisão não era somente uma repartição de tarefas. A comissão central viabilizou a organização geral da excursão e manteve contato com as demais comissões a fim de verificar se as atribuições estavam sendo desenvolvidas em tempo hábil e de forma articulada. Providenciou-se o transporte e estabeleceu-se o custo da viagem por pessoa, após verificação de custos como diárias do camping, passeios a serem realizados, alimentação, dentre outros. A comissão de divulgação e finanças ficou responsável pelas informações gerais, a divulgação do evento, as inscrições, o recebimento das parcelas de pagamento, bem como todos os outros pagamentos necessários. A comissão de material providenciou as barracas e todo material requerido pela comissão de programação que, por sua vez, estabeleceu o cronograma de horários e de vivências, viabilizou a execução da programação e promoveu a avaliação do evento. Para realização desta avaliação foi aplicado junto aos participantes, um questionário que teve uma análise quantitativa.

Por ser a viagem longa e cansativa (em torno de 15 horas) desenvolvemos dentro do ônibus, tanto na ida quanto na volta, várias atividades lúdico-educativas com os participantes. Priorizamos atividades lúdicas que possbilitavam a sensibilização e educação ambiental dos participantes da excursão.

No camping, inicialmente procuramos os locais mais apropriados para montar as barracas e observarmos os regulamentos. Sua localização é bastaste privilegiada, pois está inserido num ambiente natural, em pleno contato com a natureza. Essa área de camping é banhada por um rio de água quente, onde todos podiam fruir e usufruir vivências aquáticas. O local contava também com espaços que atendiam a determinados interesses físico-desportivos como jogos de vôlei e peladinhas de futebol. Privilegiando o interesse social, na área de camping havia um barzinho onde as pessoas desenvolviam suas redes de relacionamento social.

Houve vários períodos de não-atividade na programação para que todos pudessem se organizar de forma a buscar sua autonomia em termos de escolha de possibilidades de Lazer. Exercitando inclusive, o "doce balanço de não fazer nada", a fim de vivenciar uma relação mais relaxante com a vida e refletir sobre as próprias idéias (BRUHNS, 1999).

A grande expectativa da viagem foi a visita ao Hotel Resorts Pousada do Rio Quente, que na verdade é a principal estrutura que atrai turistas para a região de Caldas Novas e Rio Quente, O Resort Pousada do Rio Quente, particularmente, é um local de alta rotatividade de pessoas, com infra-estrutura invejável, montado de forma a aproveitar ao máximo o privilégio presenteado pela natureza. O espaco físico é amplo e possui muitas piscinas de água corrente e naturalmente aquecidas pelo processo geotérmico que ali ocorre, elevando a temperatura do parque aquifero a 45 C. Algumas das piscinas contam com "bares molhados" e uma com tobogã com bóias todas rodeadas com muitas árvores e várias espécies de vegetação, além de ambientes com trilhas. Além do desfrute oferecido pela beleza natural da região, os hóspede e visitantes também podem contar com uma grande opção de atividades recreativas e desportivas desenvolvidas pela equipe de lazer do mesmo, cuja organização é muito bem estruturada. Porém, inquietou-nos perceber como as atividades propostas, apesar de atenderem aos vários conteúdos do Lazer (físicos, artísticos, manuais, turísticos, intelectuais e sociais), permaneciam em um patamar menos elaborado, pois visavam fundamentalmente atender aspectos de divertimentos e relaxamento aos seus participantes. Descrevemos detalhadamente a seguir o hotel Resort Pousada do Rio Quente e suas relações com o turismo de lazer ecológico.

O Resort conta com o Parque das Fontes com oito piscinas naturais de água quente corrente e bares funcionando 24 horas por dia, e o Hot Park, um complexo de piscinas de atividades que oferece escorregador gigante, passeios de bóias num rio de corredeiras, além de vários bares incluindo os aquáticos. No Hot Park a maior atração é o Lazy River, que permite passeios de bóia em mais de 4.000 metros quadrados de água quente.

Para os que preferem atividades de lazer físico-desportivas, o parque oferece uma ampla gama de possibilidades: hidroginástica, esporte aquático, tênis, futebol, vôlei, passeios a cavalo, pedalinho, mergulho, caminhadas ecológicas, musculação. Inovando na área de ecoturismo esportivo, o Resort já conta com rafting, boia-cross, escalada, mergulho livre, exploração de cavernas, canoagem, bici-cross, e outros. Além disso, os trabalhos manuais e artísticos também ampliam as possibilidades de lazer dos visitantes. Todas essas atividades são organizadas pelos membros da equipe de lazer do Resort, denominada Equipe Boto. A programação visa atender os interesses recrativos das diversas faixas etárias.

À primeira vista, o Resort parece estar completamente integrado à bela e rica natureza que o cerca. No site do Resort Rio Quente, pode-se ler: "Você vai sentir plenamente que todas as atividades realizadas no Resort estão totalmente integradas ao meio ambiente" (www.rioquente.com). Em outro site divulgativo do Resort, outro informativo ressalta a relação deste com o meio ambiente: O Resort é descrito como o "Habitat natural de várias espécies de pássaros e com suas insuperáveis fontes de águas termais, transforma-se em um lugar único em matéria de prazer e sensações. Prepare-se para conhecer um lugar realmente

único e desfrutar do encanto e das águas quentes. Você vai conhecer um lugar que Deus criou e que o homem ajuda a preservar" (www.viverpousada.com.br).

O Resort realmente desenvolve um projeto de educação ambiental com o objetivo de esclarecer as necessidades de preservação. Em nossa perspectiva, a relação do ecoturismo com esse ambiente, contudo, tem-se mostrado um tanto quanto tensa. O Resort foi o primeiro hotel de águas termais da região, mas seguiu-se uma inauguração desenfreada de hóteis da mesma natureza a partir do sucesso do precurssor. Por si só, o Resort provocou/tem provocado impactos ambientais como deteriorização de algumas áreas naturais e alterações na fauna para ampliação, cada vez mais constante, do próprio Resort. Observamos tansformações no meio ambiente, como a mudança natural do curso do rio, devido a presença dos ecoturistas. Sentimos falta de um número amplo de estudos, com uma abordagem interdisciplinar, que foquem por exemplo, as relações geógraficas, de lazer e de ecoturismo e seus impactos no meio ambiente. Sentimos também a necessidade de uma política de educação ambiental sustentável e de lazer envolvendo não somente o Resort e a população frequentadora como um todo, mas também os impactos do Resort e do ecoturismo na cidade mais próxima, Caldas Novas.

Nosso contato com Caldas Novas deu-se a partir de uma atividade programada pela equipe organizadora da excursão ecológica. A equipe organizadora, com intuito de ampliar a aproximação e convívio entre os participantes, organizou um "amigo ocultológico", o qual foi aceito e realizado com entusiasmo pelo grupo. Para a compra dos presentes, fomos até uma cidade próxima do Resort, Caldas Novas, tendo assim a oportunidade de vivenciar uma paisagem e principalmente, uma cultura diferenciada.

Percebemos que Caldas Novas é uma cidade cuia receita econômica advém basicamente do turismo, acarretando uma diversidade cultural marcante dentre a sua própria população. Observamos como a cidade é composta de ambientes voltados para pessoas de classe social mais elevada até outros que visam atender a classe menos abastada.

Apesar de cada um ter seu "pedaço" (MAGNANI, 1998) definido, os sujeitos pareciam não atentar para esse aspecto, cada um desfrutando do local com prazer e satisfação. O comércio da cidade é voltado para a criação de nichos de consumo, como produção e venda de souveniers e outros atrativos que levam os visitantes a adquirirem os produtos. A presença de jovens é marcante nos vários bares, restaurantes e lanchonetes existentes na cidade, os quais estavam sempre agitados pela presença desta faixa etária. As pamonharias, lugares bem típicos dessa região, também se encontravam sempre muito movimentados envolvendo pessoas de todas as faixas etárias por se caracterizarem por como um espaço "familiar".

Notamos que todos esses ninchos de consumo são constituídos por poder de mercado diferenciados, onde culturas do gosto e grupos determinados expressam seus desejos (BRUHNS, 1999). Dessa forma, a mobilização da moda, a qual é centrada no consumo, encobre quase sempre a base real das distinções econômicas, através de gostos e preferências estéticas diferenciados.

AVALIAÇÃO

A comissão organizadora procurou todo o evento fazer o máximo para atender às expectativas das pessoas que dela participaram. Para aproximar-se do conhecimento de ter atingido seus objetivos, foi aplicado um questionário avaliativo do evento, sendo apresentados a seguir os resultados encontrados, analisados sob uma perspectiva quantitativa.

Os participantes foram unânimes em afirmar que:

1. Ficaram sabendo do evento através da propaganda oral da comissão de divulgação; 2. Suas expectativas em relação a excursão foram atingidas plenamente; 3. Houve total interação social no evento através de atividades consideradas agradáveis; 4. Há grande valorização do convívio social da busca de novas paisagens, pessoas e costumes em evento desta natureza.

Já em relação a outros aspectos, os resultados indicaram que que: A grande maioria, cerca de 77% dos ouvidos, classificou a excursão como excelente e a outra parte, 23%, a considerou boa. Isto de forma geral reflete a aceitabilidade positiva da nossa excursão reforçando que o objetivo foi alcançado. Em termos de organização, 61% das pessoas entrevistadas acharam excelentes. Isto veio comprovar o nosso êxito em termos organizacionais, ou seja, a estrutura da excursão estava satisfatória. Porem 39% considerou-a apenas boa, ressaltando o fato de que algumas alterações nos horários pré-estabelecidos não foram satisfatórios para elas. A programação também foi bastante elogiada e tida como um dos aspecto mais citados por todos, atingindo assim o seu objetivo, já que 85% das pessoas acharam-na suficiente e 15% mais que suficiente. As pessoas tiveram "espaço" para a reflexão critica e criativa já que 61% expressaram positivamente tal aspecto. Entretanto devemos ressaltar que 39% disseram que somente algumas vezes tiveram este espaço.

REFLEXÕES FINAIS

Em relação ao Resort, gostaríamos de sugerir que as atividades recreativas e de lazer desenvolvidas pela Equipe Boto fossem mais incisivas nas questões relativas à educação ambiental. Ou seja, que através de atividades lúdicas os

monitores buscassem melhor informar, sensibilizar e estimular uma mudança de comportamento dos visitantes em relação ao uso e a conservação do patrimônio cultural e natural da região.

Uma abordagem mais fortalecida das relações entre lazer, esporte, turismo e meio ambiente, se faz necessária para que os visitantes do Resort se tornem sensíveis entre as diferenças entre o modo de vida ecológico e urbano e a relação de ambos com o cotidiano das diferentes pessoas. Ademais, há de se desenvolver estratégias para que os ecoturistas possam compreender a importância dos recursos naturais para as suas vidas não somente em curtos momentos como finais-de-semana ou durante as férias. Nesse sentido, é importante relembrar a discussão de RUSCHMANN (1997). Para ela, a educação para o turismo ambiental deverá ser desenvolvida por meio de programas não-formais, convidando o "cidadão-turista" a uma participação consciente na proteção do meio ambiente não apenas durante as férias, mas também no cotidiano e no local de residência permanente.

Essa experiência foi, acima de tudo, de grande valor para os acadêmicos da disciplina Lazer que dela participaram. Tendo em vista a formação acadêmica dos estudantes que participaram da comissão organizadora do evento, futuros profissionais da área do Lazer, a excursão transformou-se em uma fonte de experiência e vivência das mais ricas e formativas possíveis, principalmente por ter articulado conhecimento e intervenção. Em uma discussão após o evento, os estudantes avaliaram o projeto como uma realização bem sucedida para os participantes bem como para eles mesmos, pois a experiência forneceu um grande conhecimento prático pedagógico que permanece como fonte estimuladora para projetos futuros que venham enriquecer sua prática pedagógica e profissional.

Vários fatores foram levados em consideração para o desenvolvimento desse projeto. Para se levar adiante um excursão em um nível mais elaborado em termos de valores e com uma avaliação satisfatória por parte dos que na excursão participaram, é uma grande recompensa, pois é a partir do reconhecimento por parte do próprio público com o qual se trabalha é que podemos inferir que nossas metas foram alcançadas.

Mais do que simples atividade e passeio, o público de ecoturismo busca um convívio social e um contato com a natureza, hoje tão escassos no cotidiano. Esse aspecto foi bastante observado, tendo em vista a alegria, a integração entre as pessoas, o espírito der amizade e cooperação, compreensão e principalmente o bem estar de cada integrante da excursão. Além disso, observamos uma participação efetiva em todas as atividades e tomadas de decisão.

É ainda importante ressaltar que por mais que se esforce, organize, planeje, sempre haverá dificuldades, imprevistos, barreiras ao andamento do projeto, os quais deverão ser contornados com sensibilidade crítica e criativa, além de muita dedicação por parte dos organizadores e executores, afim de que se chegue a uma solução satisfatória para todos. Uma barreira para o bom andamento de um evento dessa natureza e que talvez seja o mais problemático entre todos, é o interesse individual superando o coletivo. Felizmente tal aspecto não ocorreu com expressividade no nosso evento, podendo então se inferir, a partir daí, um dos aspectos que tornaram a nossa excursão bem sucedida.

Nosso estudo, consonante com as idéais de MINAYO (1994), não teve como objetivo "descobrir o novo", mas ratificar caminhos, abandonar certas vias e encaminhar-se para outras direções privilegiadas. Ao fazer este percurso, nós pesquisadores, aceitamos os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, procuramos nos imbuir "... da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento que é aproximado, é construído." (MINAYO, 1994).

Para finalizar, valemo-nos das considerações de ALVES (1994): "a ciência não é vida, da mesma forma que H₂O não é água. Na ciência a gente só lida com coisas faladas e escritas, hipóteses, teorias, modelos, que a nossa razão inventou. A vida, ela mesma, fica um pouco mais além das coisas que falamos sobre ela."

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

NOTAS

¹ Professora do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa. Mestre em Educação pela Valdosta State University, EUA e doutoranda na Temple University, EUA.

² Acadêmica do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa (UFV).



Formato da contribuição: texto integral

Fonte: "Sentido da viagem", Arte e Ciência-Descoberta/Descobrimentos-Terra Brasilis/Elza Ajzenberg (coord.) São Paulo: ECA/USP, 1999, Volume II

E-mail da autora: ritam@institutoroma.com.br

Títulos acadêmicos principais: graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, Especialista em Planejamento ambiental pela UNESCO e mestre em Sociologia do desenvolvimento pela École des Hautes em Sciences Sociales.

Sentido da viagem

Rita Mendonça

Hoje em dia é possível viajar para qualquer parte do planeta. Regiões desérticas, vales e montanhas mais escondidos da geografia são hoje acessíveis aos viajantes bem dispostos. Vilarejos onde comunidades ainda vivem em seus costumes tradicionais podem ser visitadas.

Os meios de transporte e de comunicação tornaram possível não só o contato direto com as mais variadas regiões como também possibilitaram a construção da própria idéia de planeta, isto é, a idéia de que todos nós – por mais diferentes que possamos ser, indivíduos e culturas – somos tripulantes dessa mesma espaçonave.

Viajantes sempre existiram: aventureiros que saíam em busca de novas terras, novos recursos, novas experiências, novas trocas. No entanto, houve uma época na historia da humanidade em que as viagens se tornaram o meio a partir do qual toda a concepção de mundo vigente se transformou completamente: foi a época dos descobrimentos. Segundo Edgar Morin e Anne B. Kern¹, foi a partir de 1992 que as jovens nações européias, ao partirem para a descoberta de novos territórios, suscitaram o que hoje chamamos de Era Planetária; suscitaram o que hoje chamamos de Tempos Modernos.

Esses novos tempos são marcados pela descoberta de que a Terra é só um planeta (e não é mais o centro do cosmos, como se acreditava) e pela comunicação entre as diferentes partes desse planeta. As viagens provocaram, portanto, uma profunda transformação das visões de mundo das mais variadas civiliza-



ções então existentes. Nem a China nem a Índia – que na época eram as mais importantes civilizações do mundo – nem os impérios Inca e Azteca – que foram violentamente subjugados, apesar de serem muito mais desenvolvidos que as nações invasoras – deixaram de incorporar as profundas transformações trazidas pelo contato com os estrangeiros que abarcavam em suas terras.

Essa nova visão de mundo foi se expandindo pouco a pouco por todo o globo, ao mesmo tempo em que a ciência e a técnica foram se tornando referências fundamentais dessa nova civilização. Hoje a sociedade moderna se vê de um lado globalizando as suas economias e suas culturas, e de outro lado totalmente compartimentalizada, dificultando a comunicação entre as partes que a formam. As infinitas possibilidades e interconexões convivem com a ausência de linguagem comum.

A devastação do planeta e o esgotamento dos recursos naturais são preocupações de alguns setores, apesar de afetarem a todos. Os desequilíbrios sociais também afetam a todos: a violência, o stress, a miséria e a fome.

Há indícios que os desequilíbrios recentes são indicadores do final de uma era, assim como aconteceu com tantas civilizações que ocuparam e se expandiram pelo planeta antes de nós. "(...) a crise que hoje estamos enfrentando não é uma crise qualquer, mas uma grande fase de transição, como as que ocorreram em ciclos anteriores da história humana. (...) Eles podem ter sido menos de meia dúzia em toda a história da civilização ocidental, entre elas o surgimento da agricultura no Neolítico, a ascensão do cristianismo na época da queda do Império Romano e a transição da Idade Média para a Idade Científica²".

Se as viagens foram tão importantes e estão na origem da construção dessa fase da história que estamos encerrando, qual é agora o seu papel na fase atual de transição, construção de novos valores e na solidificação das bases desses novos tempos que hoje estão se delineando?

Tal como nas demais atividades humanas, o turismo hoje se desenvolve, a meu ver, por dois diferentes caminhos:

a) há viagem convencional, em que o modelo de vida urbano é transferido para o local visitado, transformando os espaços turísticos em áreas muito similares aos locais de origem dos visitantes. A multiplicação das facilidades para viajar, a garantia de segurança e de conforto, se de um lado possibilitou o contato com qualquer par do mundo, de outro vem levando o visitante a uma experiência cada vez mais monótona, diluída e pré-fabricada. Embebidos de sua própria cultura, espalham pelo globo sua experiência de dominação, de indiferença, de descompromisso. O viajante te se tomado cada vez mais passivo, evita a experiência, o contato, e se contato com manifestações pré-organizadas e sem

autenticidade. Essas características são observáveis em qualquer tipo de localidade turística, seja urbana, rural, e mesmo em áreas naturais.

b) há a viagem encarada como uma oportunidade de vivência, que propicia transformações internar profundas nos indivíduos; ela propicia experiências novas por poder se colocar em confronto com o outro, vivenciar o incomum. reconhecer-se com a diferença, ampliando assim o conhecimento que cada um pode ter de si mesmo. São viagens que situam, acima de tudo, o respeito e o interesse por outras maneiras de pensar, fazendo com que essa diversidade seja a base para a aproximação de outros povos que vivem hoje sua vida à sua margem ou apesar de nós. É uma maneira de viajar que nos leva a refletir sobre as diferenças e que busca compreender os fundamentos dessa diferença.

Para finalizar, gostaria de enfatizar a importância do desenvolvimento desse segundo perfil de viagem, como base e um dos caminhos possíveis para a estruturação de uma sociedade mais harmônica e da vida com mais qualidade. Nessas experiências, a relação com o tempo e o espaço são recriadas e as relações como o diferente são transformadas de forma a fazer renascer o germe do respeito, do interesse e da preservação da dignidade tanto do visitante como do visitado. Se o que estamos buscando é modificar o paradigma de sociedade sob o qual hoje vivemos, é necessário proporcionar um processo de vivência onde essas transformações possam se experimentadas tanto nas relações de cada um consigo mesmo, como nas experimentações no contato com o outro e com o meio que o cerca. Há um outro mundo a ser descoberto quando o percurso é feito com a intenção da busca, da experiência, e não da conquista e da dominação. Fazendo isso, seguimos o conselho de Michel Serres:3

Parte, deixa o ninho para se enriquecer com os costumes de outros lugares, aí ouvir palavras nunca antes proferidas. Expõe o corpo ao vento e à chuva porque, para ser verdadeiramente educado, é preciso se expor ao outro, esposar a alteridade e renascer mestico.

NOTAS

¹ Edgar Morin e Anne Brigitte Kern, *Terra Pátria*, Barcelona: Kairós, 1993.

² Frijot Capra, *O Ponto de Mutação*, São Paulo: Cultix, 1983.

³ Michel Serres, *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.



Formato da contribuição: texto resumido

Fonte: "Esportes de Aventura e Risco na Montanha - Um Mergulho no

Imaginário", São Paulo: Editora Manole, 2000

E-mail do autor: veralmc@globo.com

Títulos acadêmicos principais atuais: Doutora e LD em Educação Física, Lires-LEI

PPGEF-UGF



Aventura e risco na natureza: símbolos e mitos presentes nos discursos do Ecoturismo esportivo

Vera L. M. Costa

Na indiferenciação reinante nesta sociedade de massas, a aproximação entre turismo e natureza evidencia as particularidades do sujeito que testemunha as belezas das paisagens e a singularidade da natureza, bela e regeneradora, passando a se constituir em fatores de diferenciação social. Vivenciar uma viagem de aventura e risco calculado como lazer na natureza demanda, entre outras coisas, prestígio e distinção social.

O atual interesse por temas relacionados ao ambiente e a demanda por práticas esportivas de lazer associadas à aventura e ao risco calculado, fez surgir empresas especializadas de turismo que adotam a paisagem como representante da natureza e como cenário para as ações humanas, permitindo novos modos de desfrutar desse panorama. O mercado da aventura conhece hoje um excepcional desenvolvimento junto a essas agências de viagens.

Os destinos desses roteiros se encaminham a lugares exóticos, exuberantes, de grande interesse ecológico, sob a égide de um desenvolvimento ambiental sustentado e de um turismo de baixo impacto, um serviço "limpo", não poluidor, preservador da natureza:



Esse segmento é reconhecido como ecoturístico, e todas as atividades esportivas de lazer realizadas nesses sítios são incorporadas a esse sentido: atividades esportivas de lazer ecoturísticas, organizadas na perspectiva de um turismo de aventura. As atividades são sustentadas também por uma poderosa indústria cultural que veicula revistas e outdoors que provocam a imaginação dos atores e suscitam o desejo de buscar essas atividades dando-lhes condição de se encaminhar a essas aventuras fantásticas.

Mas o que leva uma pessoa a caminhar várias distâncias, se embrenhar pela floresta, escalar paredes e montanhas, voar pelos céus com asas e pára-pentes de material sintético, embrenhar-se no mar, deslizando em ondas ou em corredeiras de um rio em velocidade? O que faz com que sujeitos com relativo nível sócio-econômico e prestígio social se desliguem da segurança e do conforto da vida urbana e sigam em busca de uma aventura de vida simples que lhes exige audácia e ousadia, atenção constante e também muitas restrições? Que fascínio as atividades esportivas ecoturísticas exercem sobre esses atores, levando-os a dedicar-lhes grande parte do tempo de suas vidas, testando seus limites? Que sensações assolam esses indivíduos? Como investem em perseverança e num planejamento metódico e rigoroso?

O desafio de conhecer novos lugares, atingir o desconhecido, por-se diante de outras comunidades, de outras paisagens pouco, ou ainda não exploradas, parecem se constituir em objetivos do lazer para os atores que adotam esse estilo de vida. Toda a criação pessoal, de dedicação a essas práticas, implica na superação de situações limitantes, em cuidados pessoais com o condicionamento físico, com a adaptação do organismo às necessidades ambientais compatíveis com a atividade e com um planejamento metódico e rigoroso.

Diante da expansão do universo esportivo ecoturístico, na temática da aventura e do risco calculado, de como os conhecimentos racional, sensível e simbólico se relacionam com ele e pressupondo que existe um discurso fundador de sacralização de tais atividades, desenvolvo este artigo no campo do conhecimento do Imaginário Social de pessoas que se dedicam a atividades esportivas como lazer. Crenças, sonhos, simbologias mobilizam as ações dos praticantes dessas atividades. Trata-se de reconhecer como esses atores sentem as atividades e o significado que estas assumem em seu universo, ou seja, o modo existencial como escolhem viver esse estilo de vida, sem negar-lhes a "bioquímica da coragem", ação das glândulas adrenais, das supra-renais e o aumento dos neurotransmissores bem como a existência e nem o risco das dimensões fisiológicas que as envolvem.

A contemporaneidade faz circular um sem número de imagens de lugares exóticos na natureza, saturando seu consumo em grande escala, encaminhando as pessoas a valorizarem o afastamento das rotinas obrigatórias às quais os indivíduos estão expostos no cotidiano. A ruptura desse cotidiano com práticas cor-

porais e de mudanças de ambiente permite ao homem vivenciar uma sensação de liberdade e de agradável regeneração das forças dispendidas pelo *stress* da vida diária. A experiência de um pequeno afastamento das comunidades, a vivência de práticas corporais que resgatem os sistemas multipolares (integração corpo/mente/cosmos) e posterior retorno e reintegração às atividades do cotidiano traz a renovação desse homem.

Segundo Pociello (1995), no livro *Les Cultures Sportives*, há um sistema de práticas esportivas, de estrutura e de gostos e de comportamentos esportivos, de imagens culturais e de representações simbólicas que definem, organizam e orientam a demanda social das atividades, considerando os objetos e os espaços necessários para se manifestarem. Este sistema se apóia na evolução dos modos de vida e das ideologias e sobre os efeitos culturais diferenciadores; tem sua lógica própria de funcionamento, onde suas propriedades simbólicas e marcas sociais são conferidas às atividades por suas posições relativas no espaço. Existe uma circulação de modelos neste sistema de práticas, relativos aos estilos de vida.

Os praticantes desses esportes, chamados de "radicais" pela mídia, ou de aventura e risco calculado na natureza, também obedecem à lógica de um sistema que articula um mundo, cercado pela incerteza com a necessidade de ações ousadas capazes de lidar com o inusitado a cada instante. Eles se manifestam dotados de um discurso com um fundo religioso, voltado para o sagrado. Respeitam e amam a natureza, são sensibilizados e seduzidos por sua beleza, reconhecem-na como matriz e como poder, reconhecem-se como parte dela.

Assoladas por um sofisticado aparato de segurança, regulador do risco a que se submetem, essas práticas esportivas realizadas junto à natureza, em florestas, rios, mares e montanhas, são marcadas por desenvolver um cuidado com o corpo, com a manutenção da aparência jovem, higiênica e da expressão de saúde e bem-estar. Tal postura, em interação com o ambiente desencadeiam no praticante uma percepção diferente do espaço e da natureza. Lidar com a profundidade, com a vertigem, com a altura, com a imersão e com as pistas que as variações da natureza fornecem (temperatura, vento, avalanche, enchente) exige uma produção de pensamento complexo. A complexidade na apreensão do espaço e da natureza, tanto do ponto de vista sensorial quanto afetivo, técnico e espiritual faz com que o aleatório e a intuição sejam considerados. Cada decisão do praticante é uma aprendizagem vital, caso contrário poderá enfrentar riscos desnecessários. Há um entrelaçamento entre os processos vitais e os processos de aprendizagem (metafísica de Bergson).

Essas atividades são acompanhadas, por parte dos praticantes, de uma atitude de seriedade, em torno do seu caráter recreativo. Uma seriedade que exige extensa dedicação de tempo e que lhes reserva um estado de interação com os elementos da natureza e suas variações (sol, vento, montanha, rios, vegetação densa ou desmatada, lua, chuva, tempestades), desencadeando, em relação a

eles, comportamentos de admiração, respeito e responsabilidade com a preservação, desenvolvendo atitudes ecológicas (ambiental, social e humana).

Mas vencer os desafios que tais atitudes exigem desses seguidores, além de dedicação de tempo, desencadeia um autocontrole que favorece o benefício do auto-enriquecimento por sentimentos de realização pessoal e de autoconfiança que lhes despertam o desejo de chegar cada vez mais longe, cada vez mais alto, de desfrutar de uma liberdade que os encaminha ao impossível. Eles se conduzem a lugares exóticos, exuberantes, de grande interesse ecológico, sob a égide de um desenvolvimento ambiental sustentado e de um turismo de baixo impacto, um serviço "limpo", não poluidor, preservador da natureza:

Esses esportes assim desenvolvidos podem ser entendidos como um ritual que promove os mitos e ritos representativos da coletividade. A ordem cultural cria uma unidade de conhecimentos e valores, válidos e compreensíveis para o homem, supondo um apoio moral de ajuste cultural entre o mundo material e o sistema social. Assim realizar práticas esportivas na natureza como escalar paredes, descer rios, voar, navegar no mar é mais do que isso, é, antes de tudo, mergulhar num mundo de imagens, de crenças, de símbolos, de sonhos, de aventura.

A vivência dessa aventura vem acompanhada de um forte valor simbólico. Trata-se de uma aventura motriz que mobiliza o imaginário; remete a uma representação fantasmática do meio que é influenciada pelos mitos e símbolos que animam a cultura na qual se desenvolve a atividade. Essa aventura motriz, no meio selvagem, não se apresenta somente como uma prática física, mas se manifesta como um exercício da vontade do sujeito que a vivencia, de sua imaginação, da razão e do sacrifício para chegar ao objetivo primordial: o êxta-se. O êxtase de seu próprio reencontro.

Somos constituídos por racionalidades e experiências irracionais, por sentimentos, por paixões, por imaginação. Pressionados por uma vivência cotidiana racionalizada, insatisfeitos com isso, alguns esportistas se lançam num processo de busca que se encaminha na direção de si mesmo, de seu interior, numa aventura na natureza por meio de práticas esportivas ecoturísticas, perseguindo o ser perdido ¹ (Costa, 2000)..

Mas são as sensações de vertigem que se apresentam como o fio condutor dessas atividades de aventura e de risco calculado, nos quais os atores vivenciam um engajamento lúdico que lhes permitem virar o mundo, culminando num abandono relativo ou total de suas próprias forças às do meio ambiente, diz Le Breton (1991). A altura, a velocidade, o deslize, o balanço, fazem o praticante realizar movimentos nos quais eles jogam com o tempo e o espaço, numa instância intermediária da experiência, favorecendo a passagem da angústia de sentir-

se em queda, perdendo o equilíbrio, ao prazer de uma sensação corpórea voluptuosa. Tangenciar o risco de morte é o que parece excitá-los, diz Le Breton (1991). Paradoxalmente esses esportes conjugam vertigem e controle, abandono e potência total, o que nos leva a questionar o que afirma o autor. Não seria a busca de seus próprios limites, da expansão de si, de seu interior, algo que surge em seus discursos como liberdade, que poderia encaminhá-los a tais vivências?

Quinodoz (1995), psicanalista, distingue a sensação de vertigem vivenciada desse modo como aquela criada pelas condições externas próprias à atividade, diferenciando-se do caso de origem patológica cujas fontes de informação vêm, no caso de origem somática, da coordenação dos sistemas sensoriais: informacões óticas, proprioceptivas e do aparelho vestibular, no ouvido interno, ou de um componente psíquico. A autora, portanto, ao discutir a vertigem o faz considerando os mecanismos somáticos e psíquicos que desencadeiam a vertigem e o equilíbrio, bem como a personalidade dos praticantes. Fala de uma vertigem metafísica, de uma necessidade de encontrar um sentido psíquico para a questões de existência como a vida, a morte, o vazio, o aniquilamento, o infinito, a eternidade, vivenciada por uma angústia de não encontrar tais sentidos e do valor da vivência corporal como favorecimento ao enriquecimento psíquico do sujeito, destacando as representações corporais e as fantasias.

Nesse sentido destaca que é possível jogar com a vertigem unindo-se as pulsões de vida e de morte, elaborando uma síntese a serviço dos processos vitais e que esses atores sociais, que jogam com a vertigem, não estão flertando com a morte, como pressupõem Le Breton e a representação da maioria das pessoas acerca desses esportistas aventureiros, de que se comportam como suicidas. A essa síntese poder-se-ia chamar da vivência de um estilo de vida próprio, com qualidade, e que isso é colocado, de modo positivo, a favor da realização dos sentidos a que esses homens se propõem: conhecer e expandir seus limites. O rigor e o controle na vivência dos riscos calculados permitem que eles visualizem antecipadamente os possíveis perigos e que se mantenham em estado de alerta, durante todo o tempo, o que lhes dá condições de desafiar seus limites em todos os domínios, ainda que "o limite entre a vida e a morte seja o mais espetacular" (Quinodoz, 1995, p.146). Para essa autora, o prazer advindo desse gosto por jogos de desafio torna-os jogadores não do "impossível" (como tratam os discursos da mídia), mas de jogadores do "possível". Tentam expandir seus limites, mas não ultrapassá-los.

O gosto pelo limite, pelo "possível", parece ser o que diz Roger Caillois (1988), no livro O homem e o sagrado, ao falar de um mundo profano, cercado de segurança, regrado, (como o que vivemos em nossas rotinas cotidianas, por exemplo) refere-se à quebra do limite desse mundo para se alcançar o mundo sagrado (aquele que nos conduz à transcendência, à evolução interior); diz que dois abismos limitam o mundo profano da segurança e da comodidade, e que duas vertigens atraem o homem, quando esse conforto e segurança já não o

atraem mais, quando se torna pesada a tranquilidade da submissão à regra. Compreendendo que a regra só tem função de barreira, o homem, para esse autor, percebe que o sagrado é o que está fora do alcance, aquilo que não lhe é permitido viver devido aos interditos então, lança-se na quebra desse limite, num caminho sem descanso que o levará pela via da santidade ou da condenação. Ele então se separa daqueles que nunca ousaram, que nunca tentaram nenhum abismo, e constrói o seu caminho. Com isso também se pode compreender um pouco da ousadia desses aventureiros, a trilha que constroem no sentido sagrado de seu reencontro, sem pensá-los como loucos ou suicidas.

Os aventureiros esportistas ecoturistas controlam as emboscadas do excesso e buscam não ultrapassar o *métron* ancorando-se mais à *sophrosyne*, uma disposição sadia do espírito, estado de moderação e de prudência, que respeita tudo que é sagrado, dos que se dedicam à *hybris* do herói. A *hybris* significa "*tudo que ultrapassa a medida, o excesso, o descomedimento*" (Brandão, 1991, p.558), a violência. Trata-se de uma forma de vertigem, porém com o significado vital de sentimentos orgulhosos. A *hybris*, no pensamento de Jung, é o orgulho cego e, na medida que o homem deseja competir com o divino, ele se lança e ultrapassa o *métron,* a medida de cada um, e aí ele é levado à destruição. E esses esportistas, por amarem a vida, reconhecem seus limites, resguardam o *métron,* a sua própria medida, embora a exercitem, e procurem sempre extendê-la. Fazem uma opção de viver com intensidade cada instante, de desfrutar a duração de suas práticas.

Ao mergulhar no universo ecoturístico esportivo os praticantes dão início a um processo de deslizamentos de sentidos às suas ações que vão de *eu* versus *a natureza,* passa pelo *eu* e *a natureza* e atinge o *eu-natureza.*

Na fase em que predomina o sentido eu versus a natureza o esportista luta contra ela, vence os obstáculos, as intempéries, o inesperado, alcançando patamares antes considerados inacessíveis, mas desejados e acompanhados de uma certeza de conquista. Ao ter certeza de que é possível vencer, superar, ousa dirigir-se a um obstáculo mais complexo: ir mais alto numa escalada, descer um rio de maior dificuldade deslizando, promover um expedição mais longa, buscar lugares ainda inatingíveis, enfim ascende a um patamar mais elevado em sua carreira interior e, consequentemente, mais profundo na direção de si mesmo. Passa, então pelos sentidos do eu e a natureza, quando descobre que harmonizar-se com ela é mais prazeiroso do lutar contra e passa a jogar junto com ela: explora, descobre, decifra enigmas, seduz. Ele joga com adversários criados imaginariamente: outros praticantes e a própria natureza: montanhas, rios, onda, vento, cachoeira. Conquista as vias, as trilhas, a montanha, o céu, o rio, o mar. Seduz para conquistá-los. Brinca de ser o primeiro em suas explorações, reveste-se de pioneirismo em suas conquistas. Decifra enigmas, guarda-os em segredo para si e seus parceiros provocando-os a decifrá-los também, realizando as próprias conquistas também. Envolve-se no mistério das decifrações do meio ambiente e de si mesmo. Faz uso das energias da natureza, da energia de seus



ventos, de suas correntezas. O lúdico presente na aventura toma então o caminho da estética, o caminho das emoções. O esportista vai abandonando o mundo do jogo e se encaminha ao mundo do êxtase. O impulso lúdico, que motivou a trajetória, manifesta-se tanto no sentido de jogo como de estética. E tudo então reveste-se do sagrado, sagrado de coesão. O juízo sobre o belo torna-se sublime, um equilíbrio perfeito, uno, que tende ora para a beleza de fusão do indivíduo com a natureza, ora para uma beleza energética. A alegria e o divertimento desses esportistas manifestados em seus relatos mostram como intervêm e são afetados por essa forma de apreciar a beleza da paisagem. Ela os envolve com sua exuberância, com sua receptividade e intensidade, os seduz, os arrebata. Essa sensibilidade lhes fornece condições de aperfeicoamento. Trata-se de uma forma viva e se constitui no objeto do impulso lúdico que habita a sensibilidade e promove a ação. Dá-se então a projeção simbólica da própria liberdade desse homem diante do belo, tal como pensou Schiller (1995). Esse esportista vai além do objeto da natureza, de sua condição física, concede-lhe vida, vai em direção ao reino espiritual. E diante desse impulso lúdico alcança sua plenitude humana com a qual desenvolve sua afetividade, seus sentimentos, encaminhando-se ao encontro de sua arché, encaminhando-o a encontrar-se com seus heróis míticos aventureiros, deparando-se com sua própria natureza.

O esportista alcança o sentido do eu-natureza quando se descobre como ser pertencente a ela, ao Cosmos. Reencontra-se, realiza a fusão do ser anteriormente fragmentado, alcança a totalidade, sentindo-se livre. Trata-se de um processo sagrado de purificação, de transcendência. Ele reencontra a sua natureza, a sua unidade, realiza a busca de uma necessidade existencial, ir ao encontro da liberdade perdida.

Esses homens heróis, épicos ou trágicos, encontram o ser-natureza na natureza em suas práticas esportivas de risco calculado. Aos poucos interagem com ela, tocam-na, penduram-se, deslizam, desfrutam de um gozo primordial, de um prazer que tem a aparência de cópula, tal qual encontram na relação erótica. A necessidade de possuir a natureza (a montanha, o mar ou o rio) é tão grande, a necessidade de consumar o ato de prazer é tão grande que quando ele se consubstancia, o esportista se sente um vitorioso, não só sobre o risco, sobre a escalada, sobre a corredeira, sobre a onda, mas sobre o prazer em si, sobre a intensidade encontrada na vertigem, nesse estado voluptuoso que faz o homem desprender-se das amarras da terra. Trata-se de um prazer primordial, mais espiritualizado, mais apolíneo. Ultrapassa o corpóreo e é traduzido como liberdade, um estado livre de tabus e de amarras.

O impulso lúdico que acompanhou todo o processo de reencontro consigo mesmo, inicialmente movido pelo agon de vencer obstáculos, de conquistar, foi dando lugar ao ilînx das vertigens e à mimicry das fantasias do herói, do pioneirismo do conquistador, até se consolidar no caráter sublime do êxtase na estética . libertando-o.

Essas práticas promovem vivências que permitem a harmonia das pulsões de vida e de morte com menos angústia, possibilitando a harmonia de opostos: a vida que é negação de morte; a morte que é negação de vida.

A forma de jogar com o corpo, com o movimento, com a imaginação encontrada por esses praticantes, tende ora para a *paidia*² ora para o *ludus*. Na *paidia* enfrentam obstáculos, realizam proezas metamorfoseando-a para o *ludus*, o polo normalizado e de integração do jogo, autocontrolando-se, autodisciplinando-se no treinamento para adaptação ao meio ambiente, resistindo à fadiga e ao sofrimento, ou ainda pela meditação, em simbiose com a natureza, alcançando um estado de calma e tranqüilidade. São as presenças dionisíacas e apolíneas do jogo.

Esses esportistas não resistem ao chamado da montanha, do mar, da floresta, do rio para realizar uma atividade. Podem enfrentar o maior perigo, sofrer algum acidente que não se intimidam: retornam à atividade. A natureza possui o *Canto das Serejas* e eles não resistem ao seu mayjoso canto e se aventuram.

A aventura tem algo de instintivo, do ponto de vista ontológico, se apresenta como inerente à natureza humana, sendo identificável em todas as culturas e épocas; já do ponto de vista da condição humana, é algo especificamente cultural/histórico, havendo épocas tipicamente com espírito aventureiro e outras em que esse espírito mergulha, ensimesmando-se, reaparecendo renovado. A aventura se apresenta como exterior à trama global da vida; todavia, está organicamente ligada a ela e marca o momento agudo desta necessidade interior que impregna a história pessoal. Ela vem de fora como o encadeamento homogêneo da vida, em que cada anel completa o outro para dar-lhe um sentido global. Ela é uma vivência de tonalidade incomparável que só cabe interpretar com um envolvimento peculiar do acidental, exterior, pelo necessário, interior. Essa relação responde a uma configuração interior mais profunda. (Simmel, 1998). Aqueles que têm essa atitude com a vida hão de perceber, mais além de sua totalidade, uma unidade superior, uma sobrevida.

A aventura é um dom do sonho, parte escondida em cada homem que o faz vibrar à escuta ou à leitura de um relato onde os homens se chocam duramente no mundo antes de se livrar de algum embaraço ou de morrer (Le Breton, 1996). É pródiga em emoções, prediz uma existência sem tempos mortos, uma vida plena de movimentos excepcionais.

"Ver o Everest de perto me fez muito bem. Fiquei ainda mais motivado a escalá-lo, mesmo percebendo quão difícil seria. Do alto do Kala Pattar pude calcular aproximadamente a altitude a 8500m sobre a crista sudeste, até onde deveria chegar sem o uso de oxigênio artificial. De longe parece insignificante a distância



deste ponto ao cume. [...] Continuei a caminhada e, após ultrapassar um pequeno lago junto a Gorak Shep, cheguei a um monumento dedicado aos alpinistas mortos no Everest. [...] O monumento que se erguia ao lado do caminho me alertava para os perigos e parecia me dizer: Calma, vá tranquilo! Não se afobe." (Niclevicz, 1994, p.72)

Esse relato parece revelar que o ator conduz a aventura como um modo de vida, algo realizado por escolha ou por impossibilidade de viver de outro modo. Dizer-se mais motivado a escalar diante da imensidão e da força da montanha é dizer-se mais confiante, mas também leva a lembrar de ser mais prudente, mais cauteloso e atento aos perigos, o que não o intimida a prosseguir; ao contrário, a autoconfiança lhe diz que é capaz de realizar.

A aventura explora as possibilidades da condição humana, recusa uma identidade limitada, é a aspiração secreta, nossa nostalgia sempre renovada. Le Breton (1996) diz que o desejo da aventura marca o inacabado da condição humana, esta aspiração para desejar o que não existe ainda, para responder aos pensamentos de fuga em que se deseja ser outro diferente de si.

O fato de fazer uma escalada em alta montanha ou de deslizar em altas ondas. por exemplo, também estabelece uma rotina de acampar, escalar, adaptar-se ou de viajar, preparar a prancha, entrar no mar, aguardar a onda certa, deslizar. Parar para reflexões diante da paisagem remete à ruptura dessa rotina, colocando-se diante do inusitado, do memorável. A aventura vem então se estabelecer como a completude da própria vida; ela vem do exterior e ancora na necessidade, que é interior. E aí, como diz Simmel (1988), a vida para esses aventureiros só pode ser vivida como aventura, carregada de emoção, plena de eternidade. Por isso, apesar das diversidades, das dores, ele sabe que se renderá ao chamado de mais uma aventura, não se negar ao ouvir o Canto das Sereias.

Para Simmel, a aventura se assemelha a uma conquista, ao aproveitamento rápido da oportunidade. O aventureiro trata o incalculável da vida de maneira idêntica a como nos comportamos com o totalmente calculável. Admite o autor que há um instinto místico que orienta a vivência do aventureiro genial, a ponto de considear que o desenrolar do mundo e o destino individual sejam faces de uma mesma moeda. Ele converte em segurança o mais inseguro e incalculável, do mesmo modo que o não-aventureiro pondera com o calculável. Sob o foco do aventureiro, o que pode parecer absurdo é apenas um desafio e uma brincadeira:

> "Saindo da chaminé são só mais uns 10m em cabo de aço e pronto! Você chegou no CUME!, agora é só assinar o livro que fica dentro da caixa e deixar uma mensagem para a posteridade; curta um pouco a sensacional vista (se estiver de tardinha você verá



um chão de nuvens quase a seus pés) e se mande rapidinho daí porque, não se esqueça, você tem todo aquele caminho para percorrer de volta (e já está escurecendo!); mas não se preocupe, o caminho de volta vai passar rápido porque, eu tenho certeza, você vai estar com sua mente o tempo todo lá em cima nas nuvens (um pouco de mim ainda está lá, naquele local distante, mais próximo de Deus, onde nenhum homem jamais... CHEGA!!!! Que sentimentalismo barato, tá loco, eu hein!)".(Maurício Grego, "Agulha do Diabo", http://www.geocities.com/Yosemite/3103/Orgao.htm, p.3)

Mistificar a aventura e fazê-la ter significado é uma questão de imprimir-lhe sentido. A vivência deste sentido é que transforma o episódio em acontecimento, em verdadeira aventura.

Talvez por isso Simmel (1988) aponte para o conteúdo erótico que envolve a aventura. A vivência amorosa que foge da rotina limitada situa-se no âmbito da aventura. Dois elementos são comuns à aventura e à relação amorosa: a conquista/aceitação e a dependência da sorte, que permite acatar que uma força imprevisível e exterior a nós nos concede a graça de sua proteção. A aventura remete o homem ao gozo extremo, ao êxtase. A aventura, por sua natureza específica e suas formas de sedução, é uma forma de experimentar e, como tal, se enquadra com um estilo de vida jovem, com as ameaças e experimentações que lhe são inerentes. Não parece adequada a pessoas idosas que preferem a segurança, o equilíbrio. Os procedimentos do aventureiro, para o mesmo autor, se assemelham aos comportamentos do jogador que se representa por uma vida condicionada pela sorte, que ele considera estar a seu favor. Também o aventureiro faz com que a sorte seja incorporada de alguma maneira em sua atividade, uma vez que a sorte lhe acompanha em suas decisões acertadas; não a pura sorte, geradora da certeza de que tudo sempre sai bem, mas a sorte acompanhada das capacidades de decidir acertadamente e de agir com competência.

Os procedimentos dos aventureiros parecem loucos ao homem sensato; porque, para ter sentido para este, tudo que lhe parece desconhecido deve pressupor o conhecido, isto é, o desconhecido deve estar dentro de certos limites que lhe permitam um adequado controle. A relação entre certeza e incerteza deve ser mantida sob a ordem da segurança, enquanto para o aventureiro é exatamente a incerteza, o desconhecido, que o provoca. Na compreensão de Le Breton (1996), ele abandona os alicerces seguros e flutua num universo cheio de incertezas, onde é possível se construir uma identidade sem entraves, endossado ao redor do papel de personagens múltiplas que se atropelam para existir ao menos um momento. Para ele, a aventura é a paixão do desvio, é a paixão que transforma os obstáculos encontrados em trampolim, em expansão de seus espaços, de seus projetos. Os projetos comuns sempre se apresentam como insuficientes para conter sua imaginação e ação. A aventura desperta sonhos, implica em luta



contra adversidades, seja de homens, seja de elementos. Ela projeta os indivíduos em outra dimensão de sua existência, longe de suas referências menos familiares ou de outras formas de rotinas pessoais. A adversidade encontra em Ulisses ³ um ancestral tutelar, um herói noturno. Em especial nas qualidades de coragem, competência prática, força física, imaginação fértil, astúcia, inclusive quando amarrou-se para não enfrentar e sucumbir ao canto das sereias.

A aventura, continua Le Breton, se opõe à condição banal do homem, onde a sucessão dos dias não sofre algum incômodo. Ela o leva a mergulhar numa gama de peripécias para as quais não está preparado. Ela se instala na duração quando é um modo de vida, escolha sem trégua do perigo, a permanência de uma relação com o mundo. Por se conduzir fora da rotina ou de caminhos domesticados, ela exige uma via clandestina, marginal, noturna, imprevisível, notadamente perigosa e atraente. A exaltação que ela suscita dá ao aventureiro uma consciência excitada de existir.

A aventura na escalada vivida por um paraplégico evidencia essa consciência de existir de que fala Le Breton:

"Se eu sair daqui vivo, juro que nunca mais faço isso. Foi o que pensei num instante quando me percebi praticamente deitado no ar, eu estava suspenso por uma corda presa ao meu peito e cintura. Nessa posição eu via a corda que me pendia esmagada contra a extremidade do paredão pelo qual descíamos, também via o céu azul com leves nuvens brancas sopradas pelo vento e, ainda mais assustador, girando a cabeça eu podia ver, muitos metros abaixo, o chão, que aparecia entre rochas menores e as copas das árvores. Como cheguei nessa situação, o que me moveu na condição de paraplégico e amputado de ambas as pernas acima do joelho a encarar essa aventura, é o que tentarei explicar agora. [...] Esse trecho da trilha foi tão difícil de ser superado como a escalada propriamente dita. Houve trechos que eu tive que me sentar nas pedras ou ser içado para o patamar mais acima. [...] Finalmente galguei o ponto, quase no topo, onde há uma ponta que se projeta para fora da parede, aí fiz uma parada de mão, ou seja, fiquei suspenso por uma só mão que, devido ao ângulo necessário para a foto, foi com a mão esquerda, eu sou destro. Essa é a foto que mais gosto, exatamente porque entre todos os momentos da escalada foi o que possibilitou maior grau de autonomia. [...] O visual é deslumbrante. A sensação é incrível, ali me senti mesmo muito mais poderoso, e comentei com os demais: voar deve ser maravilhoso!" (Humberto Pinheiro Lippo, "Histórias e Estórias - Diário de Aventura" - (www.uol.com.br/webventure/ mountain/h diar.htm)

As palavras do ator evidenciam que a fascinação e o desejo de galgar cada vez mais alto são os desencadeadores da aventura, e a sensação de realização e de poderio acompanham o ato de se aventurar.

Uma idéia importante que Le Breton desenvolve é a de que o aventureiro é um homem que emerge na paixão do presente. Ele enfrenta no instante à frente toda a projeção do futuro. Ele raramente é apegado à busca da fortuna, nem mesmo para acumulá-la.

A aventura tem um caráter mágico no imaginário humano. Todos carregam dentro de si o desejo de desbravar, de desprender-se e voar com liberdade, mas as máscaras sociais da cultura e do modo de educação que os envolve tolhe, em parte, esse desejo, fincando-lhes os pés na terra. Esses esportes de aventura e risco calculado, realizados na natureza, que hoje se desenvolvem na sociedade, com certeza estão agasalhando esses desejos. Ousada, a aventura se apresenta sempre carregada de risco e de incerteza e carrega seus adeptos a vivências em mundos imprevisíveis.

O esporte na Natureza é regido pelo arcaísmo e o modernismo de *Janos*. Jano é um mito energético, dinâmico, é o senhor das passagens, é o oposto à passividade, é a unidade da ambivalência de quem vê o futuro e não se desprende do passado, aprende com ele. Há uma certa androginia na ambivalência de Jano. Ele se integra no regime diurno das imagens de Durand (1989), caracterizado pela estrutura heróica da fronte para frente, para o futuro e também no regime noturno das imagens, das estruturas sintéticas, da inversão da cabeça voltada para trás, para o passado. Jano não esquece o tempo, integra-o na narrativa. Faz passagem. E os discursos daqueles que praticam esportes na natureza apontam isso. Compreende-se a utilidade, o valor, rende-se às precariedades, mas se está em disponibilidade para o futuro. As ações também apontam a passagem: vai-se da angústia pela perda do equilíbrio ao prazer na vertigem, do descontrole ao controle total do tempo. Retorna-se ao primitivismo da natureza, mas se adota a segurança e o conforto proporcionado pela tecnologia.

Há uma riqueza nesse homem novo, praticante desses esportes, na androginia de Jano, a expressão da totalidade, da coincidência dos contrários, frente e trás. Jano é um deus fecundo, exprime a perfeição das origens, de um estado primordial, de síntese, de totalidade.

O imaginário social desses aventureiros do "possível" se apresentou assim, um sustentáculo dos discursos e do racional. Não se trata de um elemento secundário do pensamento humano, como diz Durand (1989), mas dos modos arquetipais, simbólicos e míticos que fundam os sistemas filosóficos, lógicos e conceituais, que lhes dão sustentação e nos fornecem pistas para ampliar a compreensão das singularidades dessas atividades que tanto mobilizam a sociedade na atualidade.

A análise dos discursos de praticantes dessas atividades como lazer pôs em evidência os mitos que dão significado à vida desses ecoturistas-esportistas (Costa, 1999 e 2000). Encontramos Prometeu, Ulisses, Ícaro, Dioniso, Hércules, mas podemos adotar como pregnante, o mito de Apolo. Apolo é o Deus do Oráculo e seu simbolismo é o da espiritualização. Suas advertências muito vêm ajudando a tarefa de dar sentido à vida desses esportistas - "Conhece-te a ti mesmo" -.

Esses homens heróis, épicos ou trágicos, encontram o ser-natureza na natureza em suas práticas esportivas de risco calculado. Ao longo de suas jornadas interagem com ela, tocam-na, penduram-se, deslizam, mergulham em queda, desfrutam de um gozo primordial, de um prazer que tem a aparência de cópula, tal qual encontram na relação erótica. A necessidade de possuir a natureza (a montanha, o mar ou o rio) é tão grande, a necessidade de consumar o ato de prazer é tão grande que quando ele se consubstancia, o esportista se sente um vitorioso, não só sobre o risco, sobre a escalada, sobre a corredeira, sobre a onda, mas sobre o prazer em si, sobre a intensidade encontrada na vertigem, nesse estado voluptuoso que faz o homem desprender-se das amarras da terra.

Os esportes de aventura e risco apresentam a dimensão pedagógica fundamental para o homem do século XXI, que é o homem globalizado, que desliza de um campo para outro num mundo de incertezas. O homem que foi criado nos ideais da permanência, da segurança, está sendo desmontado no mundo contemporâneo. Como pode se construir o homem do século XXI, que viverá num mundo planetário em que a segurança não se fixa, mas se desloca? Ele só pode se construir ancorando a segurança nele mesmo.

Para se educar alguém que possa viver com paixão e ter ancoragem em si mesmo, é preciso desenvolver um homem que tenha audácia, ousadia, ludicidade, presença constante, para decifrar problemas, e convivência com muitas restricões. Essas parecem ser categorias indispensáveis para a formação do homem do novo século. Até mesmo para navegar no mundo virtual das redes de comunicação, em que ele tem que imaginar. Ele tem que se soltar e construir os caminhos. A vivência desses esportes não é só uma prática de lazer, é mais, é a vivência de uma dimensão pedagógica.

Talvez os praticantes de esportes de aventura e risco sejam os últimos sobreviventes da luta pela vida autêntica, da verdadeira vida humana que é a vida do homem como ser da natureza. Talvez eles sejam os pioneiros do paradigma de uma nova educação.

NOTAS

(1) Trata-se de interpretação de resultados de estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa Lires-LEL, na linha de pesquisa (LP) Estudos em Ludicidade, Esporte e Lazer sob a Ótica do Imaginário Social do Programa de



Pós-graduação Stricto sensu em Educação Física da Universidade Gama Filho - área de concentração Educação Física & Cultura. Esta LP tem como propósito mapear o imaginário desses novos aventureiros do esporte que o fazem como lazer, seja na natureza e/ou na zona urbana. Tem por hipótese que esses praticantes conquistam, pelas vias do simbólico, a si mesmos, desafiando seus próprios limites. Estudos relacionados: Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário (Costa, 2000); A participação feminina nos esportes de aventura e risco: um vôo no universo do desafio e da incerteza (Abdalad, 2001); Aventura e risco no skateboard-street: um estudo do imaginário social de jovens skatistas (Costa, 2004); A utopia da aventura em cadeira de rodas: um imaginário da dança como (re) descoberta das linguagens corporais (Cunha, 2004); A aventura de voar por lazer no imaginário dos pára-quedistas (Gonzales, 2004); O imaginário no rafting: uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem (Souza, 2004); Aventura do trekking: um reencantamento da natureza (Passos, 2004); O jogo do jogo do futvôlei como lazer na praia de Copacabana no Rio de Janeiro (Costa Neto, 2005); Aventura de escalar montanhas: morrer e renascer para a eternidade (Melo, 2006); Alguns sentidos da aventura, orientação e mobilidade corporal na natação em águas abertas com pessoas cegas (Rosa, 2006); Pesca submarina: um mergulho no imaginário de seus praticantes (Esteves, 2006); Os Sentidos da Aventura no Lazer de Caminhantes-Peregrinos do Caminho do Sol (Cardozo, 2006).

- (2) Caillois (1990) diz que os jogos transitam entre dois pólos, duas maneiras de jogar: a paidia e o ludus. A paidia tende à diversão, à turbulência, à improvisação, às proezas, às manifestações espontâneas do instinto do jogo e à expansão; o caráter desregrado, inesperado, é a única razão de ser da paidia. Já o ludus é complemento e adestramento da paidia, e propende a uma intenção civilizadora dos comportamentos, à disciplinarização, à subordinação às regras convencionais. O ludus tende à satisfação pela tranquilidade, ao autodomínio, à capacidade de resistir à fadiga, ao sofrimento. A paidia, segundo Caillois, também pode ser metamorfoseada para a calma, para a paciência, para o devaneio, como acontece na China. Sua agitação pode se transformar, mediante a adoção de valores orientais, em apaziguantes e repousantes suavidades de um passeio junto à natureza e do que por aqui entendemos por hobby (que é característica do ludus).
- (3) Ulisses ou Odisseu, da mitologia grega, era filho de Sísifo, o mais astuto e atrevido dos mortais, neto de Autólio, o maior e o mais sabido dos ladrões, bisneto de Hermes, o deus dos ardis e trapaças. Ele gozava de uma inteligência exuberante, de coragem e determinação, e só poderia ser mesmo um herói cheio de malícia e habilidade. Casou-se com Penélope. Lutou na Guerra de Tróia evidenciando sua argúcia e bom senso. Levou para lá doze navios com heróis, soldados e marujos e, pelo estratagema do Cavalo de Tróia, conseguiu tomar o Paládio, estátua de Minerva, protetora da cidade. Ao retornar, teve grandes aventuras. Tempestades o conduziram a diferentes lugares; naufragando, viveu sete anos na ilha de Calipso; embarcou numa jangada e com dificuldades explorou a região e alcançou a ilha dos Feácios, onde foi bem recebido e conduzido de volta para sua casa, após 20 anos. Através de Circe, ficou sabendo que teria de passar pela ilha das Sereias, cantoras maravilhosas cujas vozes seduziam os homens e os faziam perder a vida. Ele falou aos seus homens sobre elas e lhes disse que a única maneira de atravessar seus domínios com segurança era tapar os ouvidos com cera. Ele, porém, estava decidido a ouvir-lhes o canto e propôs à tripulação que o amarrassem no mastro para que não conseguisse soltar-se e sucumbir à sedução do canto das sereias. Mas o herói as ouviu cantar e prometer poder, sabedoria e elevação espiritual aos homens que delas se aproximassem. O coração de Ulisses encheu-se de desejos de juntar-se a elas, mas as cordas o seguraram e ele superou a provação. Ao regressar à casa, soube que seus bens haviam sido apoderados por príncipes vizinhos e teve que tomar medidas astuciosas para se desembaraçar dos inimigos. Foi reconhecido por seu cão e por uma velha ama, mas não pelos demais. Penélope faz saber que não pode recusar os pretendentes, e que casaria com aquele que conseguisse retesar o arco de Ulisses. Todos tentaram em vão, até que Ulisses, que havia entrado disfarcado como velho e feio mendigo, pede para experimentar, e com facilidade retesou o arco e ainda atirou nos perseguidores, matou-os um a um ajudado pelo filho e outros fiéis domésticos. Reconhecido por Penélope, reinou em sua ilha até ser morto por seu filho Telégono, que não o conhecera. Ulisses é o herói do mito do retorno do esposo (Commelin, 1997 e Brandão, 1991).

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]



Formato da contribuição: resumo

Fonte: ALMEIDA, Ana Cristina Pimentel Carneiro de, "O Futuro das Atividades Físicas de Lazer e Recreação Ligadas à Natureza a Educação Ambiental" Dissertação de Mestrado/UFSC; Orientadora: Prof. Dr. Maria de Fátima da S. Duarte; Co-Orientador: Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento e Prof. Dr. Markus Vinicius Nahas

E-mail do autor: nacpca@ufpa.br; anacrisal@hotmail.com

Títulos acadêmicos principais atuais: Mestre em Educação Física, Especialista em Psicologia dos Distúrbios de Conduta; Especialista em Psicomotricidade Relacional Sistêmica.

O futuro das atividades físicas de Lazer e Recreação ligadas à natureza e à Educação Ambiental

Ana Cristina P. C. de Almeida

Nos atualidade, devido ao crescente desenvolvimento das cidades e à diminuição dos espaços urbanos de lazer, as pessoas estão resgatando antigas práticas e ao mesmo tempo buscando novas alternativas de atividades de lazer no ambiente natural. Diante deste quadro, procurou-se verificar se há consenso entre os especialistas de renome na área de lazer e Recreação, no que se refere ao Futuro das Atividades Físicas de lazer e Recreação ligadas à Natureza, seus impactos ao ambiente natural e ao estilo de vida das pessoas, bem como a necessidade de se contemplar a Educação Ambiental no conteúdo programático da disciplina Lazer e/ou Recreação, dos cursos de Educação Física das Instituições de Ensino Superior. Este é um estudo "Delphi" ou Delfos", com três rounds ou momentos distintos que se utiliza de um levantamento dos conteúdos trabalhados na disciplina Lazer e Recreação, para enriquecer os resultados encontrados na aplicação da técnica. O painel de especialistas foi composto de forma não casual. Inicialmente foram consultados alguns professores do Ensino Superior que ministram a disciplina Lazer e Recreação, funcionários do Serviço Social do Comércio -SESC, do Serviço Social da Indústria - SESI e funcionários de Prefeituras Municipais, ligados ao lazer e Recreação, para indicarem os nomes de especialistas na área do Lazer e Recreação no Brasil. Compuseram o painel 35 integrantes. Os



dados quantificáveis foram analisados através de estatística descritiva, em termos de média, moda, mediana e desvio padrão e os dados não quantificáveis foram analisados subjetivamente, procurando ser o mais fiel possível a essência da resposta original. Concluiu-se que na opinião dos especialistas entre os eventos de ocorrência imediata encontram-se caminhadas ecológicas, corridas rústicas, surf, canoagem, rodeio, as diversas modalidades esportivas nas areias das praias do litoral brasileiro e fotografia da natureza. Entre 2000 e 2001, os especialistas apontam que o crescimento do ecoturismo, em fazendas, sítios, e no Pantanal: as atividades desenvolvidas pelas empresas de ecoturismo, os crescentes campeonatos em diferentes ambientes naturais, colônia de férias, acampamentos, surgimento e continuidade de eventos científicos, publicações acadêmicas nas áreas do Lazer e do Turismo e o surgimento de programas relativos as atividades ligadas ao ambiente natural. No período de 2000 à 2002, destacamse o Congresso Virtual do Meio Ambiente, a construção de parques temáticos, as pressões do poder econômico para a transformação de ambientes naturais para o Lazer de massas, a educação para o Lazer e o Meio Ambiente e a construção de espacos alternativos para a prática de atividades físicas para a terceira idade. Não houve consenso quanto aos impactos considerados negativos ao ambientes natural; porém acredita-se que estes eventos possam causar diferentes impactos ao ambiente e no estilo de vida das pessoas. Dos conteúdos analisados referente aos programas da disciplina, observou-se que o termo Educação Ambiental não consta nos programas e apenas 10% dos professores responderam no questionário que trabalham a Educação Ambiental na disciplina. Entre as sugestões metodológicas apresentadas, destacou-se em linhas gerais o trabalho interdisciplinar, o incentivo a linhas de pesquisas, a efetivação da atividade e a preparação de materiais educativos para a comunidade entre outros. Sugere-se ainda que a disciplina Lazer e Recreação deva contemplar a Educação Ambiental devido ao crescimento dos eventos ligados à natureza e seus possíveis comprometimentos ao ambiente natural.



Publicação original: capítulo de livro

Formato da contribuição: texto integral

Fonte: "A educação pelas pedras-ecoturismo e educação ambiental", Célia

Serrano (org.) São Paulo: Editora Chronos, 2000 E-mail do autor: ritam@institutoroma.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, Especialista em Planejamento ambiental pela UNESCO e mestre em Sociologia do desenvolvimento pela École des Hautes em Sciences Sociales.

A experiência na natureza segundo Joseph Cornell

Rita Mendonca

O professor Joseph Cornell é um dos mais respeitados educadores naturalistas do mundo. Alguns de seus livros foram traduzidos para mais de 15 línguas e já venderam mais de 400.000 cópias. Seu trabalho tem exercido grande influência no desenvolvimento da educação ambiental em contato com a natureza em diversos países. Neste artigo apresentaremos a fundamentação teórica de seu trabalho, a sua metodologia com alguma exemplificação das atividades e o relato da experiência de alguns países. Aqui no Brasil temos buscado desenvolver uma adaptação de sua proposta para roteiros ecoturísticos.

A metodologia e as atividades propostas pelo professor Joseph Cornell baseiam-se na consideração de que há um grande espaço a ser percorrido no caminho da busca da compreensão e da interação com a natureza. Se a ela estamos nos voltando, com esse crescente interesse pelo ecoturismo em todo o mundo, devemos olhar para nós mesmos, para a nossa história e observarmos o que nos liga a ela e o que nos separa e nos distancia.

Porque visitar a natureza hoje com tanta aplicação? Reduzida a áreas de difícil acesso ou de baixo interesse econômico, a natureza preservada funciona como fundo de quintal, local menos privilegiado entre as classificações de espaço feitas implicitamente pela sociedade urbano-industrial.

Última fronteira para a conquista final de toda a natureza, as áreas naturais hoje existentes podem, por outro lado, ajudar-nos a perceber quem somos e para que estamos aqui, permitir que seja desenvolvida a consciência que fazemos parte daquele conjunto, mesmo estando esquecidos disso em nossos ambientes e afazeres urbanos. Podem, por fim, permitir que conheçamos a nós mesmos. Se solitários, num mundo exclusivamente humano, compartilhado apenas com espécies que possam nos servir, que sentido encontraremos para os nossos exercícios de visita? Para que servirá a nossa pressa produtiva se não estivermos mais à altura de compartilhar o planeta com aqueles que conosco vieram povoá-lo?

Símbolos de nosso inconsciente, as matas e os mares nos são muito mais necessários do que podemos imaginar. Depois de milênios de conquista, e de dois séculos de exploração intensiva, vemo-nos agora, na iminência de perder os espaços naturais. Ao mesmo tempo, perdemos a intimidade que com eles tínhamos.

As crescentes visitas à natureza que hoje observamos são muitas vezes desconhecedoras dessa possibilidade mais profunda de interação íntima com ela. Visitamos os espaços naturais impregnados de nossa cultura de dominação e consumo e de nossa vivência urbana, que nos deixa muito poucas possibilidades de expressar os potenciais de nossos órgãos dos sentidos e de nossos sentimentos.

Vivemos uma sociedade racionalista, tecnológica e objetiva. No entanto, o sentir é algo inerente ao viver. Não é valorizado mas fica latente, aguardando sua oportunidade para ser revelado. As experiências com a metodologia criada por Joseph Cornell mostram que, muito além dos conhecimentos que queremos ter sobre a natureza e seus mecanismos, muito além do simples contato, estão nossas formas de compreender, perceber e sentir esse universo.

Necessitamos agora encontrar a ponte que nos leva de volta ao nosso ponto de partida. Aqui se encontra - ao nosso ver - o campo de atuação da metodologia e atividades propostas pelo professor Cornell. Elas expressam uma profunda reflexão e conhecimento sobre as possibilidades humanas de interação com a natureza. Elas revelam que estas podem ser infinitas. Elas comprovam que a visita à natureza pode ser infinitamente aprimorada.

Joseph Cornell não se cansa de dizer que o principal ingrediente para uma efetiva conservação dos espaços naturais é a afetividade. Temos informações suficientes sobre o estado atual do ambiente no mundo, sobre as catástrofes naturais, sobre os impactos das atividades humanas, sobre os limites do crescimento econômico etc. Se o conhecimento fosse suficiente, já teríamos há muito tempo interrompido esse processo agressivo de destruição para manter um modo de vida insustentável. Mesmo valorizando a criatividade, nesse universo competitivo de hoje, não conseguimos sair do círculo vicioso em que fomos nos envolvendo há séculos. Portanto, informações, conhecimento, ainda que absoluta-



mente necessários são insuficientes para engendrar processos de efetiva transformação na organização social e formas de se relacionar com o mundo. Um equilíbrio entre a razão e o sentimento é fundamental para um entendimento mais amplo da natureza.

Muitas visitas ecoturísticas hoje praticadas revelam um desperdício de oportunidade e, muitas vezes, são altamente impactantes aos ambientes visitados. Elas não deixam de reproduzir - e talvez não poderiam deixar de fazê-lo, num primeiro momento - a nossa cultura. As visitas obedecem ao mesmo ritmo urbano, os interesses estão no final da linha, nos chamados atrativos, e não na experiência em si, não no caminho; os olhares são rápidos, consumidores de paisagens e não interativos; a relação de dominação se expande, o lixo se espalha e o descompromisso com os lugares e culturas visitados também se amplia. O ingrediente faltante, o afeto, está latente. Ao expressar-se, pode transformar profundamente o indivíduo.

Não há como expandir uma consciência conservacionista da natureza se a relação afetiva com ela não estiver impregnada na cultura de um povo. "Para que conservar se não sinto de fato necessidade disso, dela?"; "Para que conservar se posso viver indiferente a ela e ela indiferente a mim?

QUAL O REAL SENTIDO DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA?

A questão aqui é focada nos sentimentos. O que mais poderia fazer um investidor mudar de idéia e querer deixar uma floresta em pé ao invés de substituí-la por algo mais "produtivo"? Os espaços naturais bem preservados são os nossos maiores mestres. "Dizem" tudo o que nós não conseguimos dizer. Mas é uma aula sutil, o "aluno" precisa estar receptivo. O monitor pode ser um facilitador desse diálogo. Se o ecoturismo visa ser o motivador da conservação da natureza e das culturas locais, ele não pode deixar de ser, entre outras coisas, o facilitador desse diálogo.

O ecoturismo pode ser concebido e planejado respeitando o seu potencial de, além de conservar a natureza, poder ampliar as possibilidades humanas de desenvolver uma relação integral com ela. Nesse processo, ele pode contribuir para que os indivíduos evoluam em relação ao conhecimento e respeito a si próprios. Ao mesmo tempo propiciar o desenvolvimento de uma relação de respeito e interesse pelo outro.

A vivência é essencial para engendrar esse processo. Não é possível "compreender" esta proposta sem a experiência. É o tipo da coisa que não se explica, que não se ensina. O educador facilita, sugere, propicia. É como a vida, que não pode ser apreendida sem a experiência. Ao caminhar pelos espaços naturais, somos

convidados não mais a observar o que vemos, mas observar a nós mesmos enquanto componentes daquele ambiente.

As explicações científicas são valiosíssimas para nos dar suporte para essa compreensão, para o começo da conversa. Mas a natureza existe em si, além das nossas explicações. Ela vai muito além das possibilidades oferecidas por nossa linguagem. Somos o resultado de um processo tanto quanto aquelas plantas e animais e rochas e águas que estamos visitando. Para experienciar a natureza precisamos ampliar a minha capacidade de percepção. Se mudamos nossa maneira de pensar, mudamos nossa maneira de me relacionar com ela, mudamos a nós mesmo, mudamos todo o sistema do qual fazemos parte. Toda vivência é uma auto-observação, uma observação de nós mesmos que leva à observação de que estamos ligados uns aos outros.

Não existe separação entre o eu e o mundo. Existe um contato permanente, quer percebamos quer não. Cada um tem sua experiência, o mundo não é o mesmo para todos. Cada um produz o mundo segundo suas próprias estruturas. Nesses exíguos e maravilhosos espaços naturais que ainda temos, nessa amplitude de possibilidades mentais que sempre tivemos, podemos pensar nas visitas à natureza como laboratórios de experiências e de elaborações de novas relações com o mundo.

As atividades propostas por Joseph Cornell, sejam elas aplicadas separadamente, sejam potencializadas quando dentro da metodologia do "aprendizado seqüencial", têm sua atuação justamente nesse campo, o da facilitação da interação com o mundo selvagem.

"À medida que começamos a sentir uma comunhão com os seres vivos que nos rodeiam, nossas atitudes tornam-se mais harmoniosas e fluem com naturalidade, e, por conseguinte, passamos a nos preocupar com as necessidades e o bem estar de todas as criaturas" (Cornell, 1997: 13)

Essa aproximação nem sempre se dá a partir do simples contato. Pensando nas perspectivas de mudanças de hábitos e relações é que suas propostas foram elaboradas.

CONSTRUINDO NOVAS POSTURAS: AS PREMISSAS BÁSICAS

Antes de começar com a exposição sobre a metodologia, é importante relembrar as cinco regras do ensinamento ao ar livre que o professor Cornell sempre enfatiza. Elas são dirigidas aos guias/monitores/educadores que conduzirão grupos na natureza, mas a observação dos princípios que as fundamentam

pode ser muito valiosa para todos os profissionais relacionados à estruturação das visitas à natureza:

- 1. *Ensine menos e compartilhe mais*. Se partimos com um grupo para entrar em contato com a natureza, é claro que todos têm a expectativa que você lhe explique o que pode ser visto, que os auxilie a compreender o que está acontecendo por ali. Mas é importante que o monitor também tenha condições de expressar o que sente e ouvir as manifestações dos participantes. Uma observação muito frequente é a de que o excesso de conhecimento, ou a forma absoluta em que ele é apresentado pode desautorizar os sentimentos, provocando logo de início uma situação de hierarquia e de distanciamento que definirá todo o resto da experiência. Tão importante quanto conhecer os seus mecanismos, é a reflexão sobre os princípios que a regem, é perceber de que forma estas novas situações estão chegando até nós, como as estamos recebendo e o que fazemos com elas. De que serve, por exemplo, saber momentaneamente o nome científico de uma planta se isso nada vai me dizer sobre seu funcionamento, sobre suas relações com o meio e sobre suas relações conosco, que fazemos parte desse meio? Além do conhecimento do nome da espécie está a reflexão sobre como nos relacionamos com aquela espécie e como ela pode influenciar a nossa vida: o que ela pode estar me dizendo. Atrás desse esforço de interação está a idéia de que pouco a pouco posso ir desfazendo essa relação de sujeito-objeto (eu sou o sujeito que observo e manipulo e a natureza é objeto de minha observação ou admiração) para criar uma relação de sujeito-sujeito (estamos experienciando uma relação de troca). Por isso é importante compartilhar a experiência a cada passo. Assim você vai estimulando os participantes a se expressarem e a localizarem conhecimentos e sentimentos muitas vezes adormecidos em cada um.
- 2. Seja receptivo. O monitor deve ouvir e estar atento tanto às manifestações do grupo como às manifestações do mundo natural. O monitor guia, dá o exemplo. Estando ele receptivo, o grupo já terá uma referência de como ser receptivo também. Ao abrir dessa forma as portas da percepção, as constantes descobertas trarão satisfação e alegria, estimulando cada vez mais a receptividade, que por sua vez possibilitará o início do aprofundamento da experiência. Todo comentário, por mais exótico que às vezes pareca, pode servir de oportunidade para que o interesse pela natureza vá crescendo gradativamente. Se assim for, a tendência natural de "consumir paisagens" vai se transformando em interesse autêntico, abrindo o caminho para uma maior interação.
- 3. Concentre a atenção do grupo. A maioria das pessoas não está acostumada a observar a natureza tão de perto. Descubra logo de início o que lhes desperta mais o interesse e, pouco a pouco, leve-os a entender o que é uma observação perspicaz.
- 4. Observe e sinta primeiro, fale depois. Se alguém chama a atenção para algo interessante que lhe chamou a atenção, uma explicação imediata do fenômeno pode interromper a experiência direta que estava acontecendo. Mais importante

do que a explicação ou a identificação em termos científicos está a descoberta e a própria observação de cada um, observação essa sobre o fenômeno em si e sobre a própria reação de cada um frente ao observado. Emoção, agitação, medo, susto, perplexidade, maravilhamento, são fenômenos tão importantes quanto o pulsar do sangue nas asas transparentes de uma libélula, o bater das asas de um beija-flor, a dança das sementes aladas ao sabor do vento, a beleza de uma orquídea, a riqueza de uma bromélia, a vida social dos bugios, o encanto de um cervo, a tranqüilidade de uma preguiça etc. As explicações devem vir após o desfrute total do que está sendo observado. Assim, caso o monitor não tenha conhecimento de todas as explicações ou não sabe o nome científico de todas as plantas ou animais, a experiência não fica desperdiçada, e pode-se perceber que há muito mais a conhecer do que a simples denominação dos fenômenos. Diz Cornell (1996:9):

"Os nomes das plantas e animais são apenas qualificações superficiais para aquilo que eles verdadeiramente são. Assim como a nossa existência não está presa ao nosso nome nem ao nosso físico ou personalidade, um carvalho é muito mais do que um simples nome e uma lista de acontecimentos relacionados a ele... Observe a árvore por meio de perspectivas diferentes..."

5. Crie um ambiente leve, alegre e receptivo. Vale lembrar aqui que o próprio entusiasmo do monitor é contagiante, e que talvez esta seja sua arma mais poderosa. O grupo não vai se animar ou se interessar em uma visita mais elaborada se o monitor não estiver entusiasmado com isso.

Os princípios básicos subjacentes a estas regras, são: interdependência, complementaridade, respeito, diversidade, cooperação, flexibilidade, sensibilidade, interesse e responsabilidade.

O APRENDIZADO SEQÜENCIAL

Baseado nestes princípios e na experiência com os jogos e atividades ao ar livre que criou, o professor Cornell desenvolveu uma metodologia chamada "Aprendizado Sequencial", que organiza as atividades e auxilia o educador para que seu trabalho seja mais eficaz, dentro do objetivo de buscar uma interação cada vez maior com os elementos naturais. Ela contribui tanto para ampliar a intuição como para aumentar o conhecimento científico da natureza.

"Cada brincadeira cria uma situação, ou uma experiência, na qual a natureza é a mestra" (Cornell. 1996:4)

As atividades, jogos e brincadeiras são mais eficazes quando utilizados dentro

de uma determinada seqüência, independente da idade dos participantes, do seu estado de espírito e do local em que estas atividades são realizadas. Por isso seu nome ficou sendo aprendizado seqüencial (Flow Learning,™). Ele indicará uma infinidade de experiências com a natureza, em que as circunstâncias do momento são a referência principal para a escolha.

O monitor deverá começar suas atividades a partir do ponto em que o grupo está e então estimular uma participação intensa e guiá-lo, passo a passo, a atividades progressivamente mais sensíveis e a experiências mais profundas dentro de um novo prisma de compreensão, conscientização e entusiasmo.

O sistema é muito flexível. Outras atividades, além das inúmeras apresentadas nos livros de Joseph Cornell1, podem ser utilizadas dentro da estrutura desta metodologia. Esta observação é muito importante para a sua adaptação a roteiros de ecoturismo, em que as atividades sugeridas devem ser entremeadas pelo simples caminhar, o apreciar da paisagem, os banhos de cachoeira, as conversas livres etc.

"O aprendizado seqüencial tem por objetivo proporcionar uma experiência genuinamente positiva com a natureza. Depois de uma sessão conduzida com sucesso, cada participante adquire uma nova, agradável e sutil conscientização de sua unidade com a natureza e uma intensa empatia com a vida. Você também descobrirá que as pessoas participarão com mais entusiasmo das discussões sobre o aspecto científico da história natural e da ecologia se você primeiro ajudá-las a ficar receptivas e inspiradas" (Cornell, 1997:17).

A partir de uma maior agitação e dispersão do grupo, a progressão sugerida conduz gradativamente a estágios em que se dá a percepção intuitiva de nossa conexão com tudo o que nos cerca.

Um dia de atividades ao ar livre é dividido em quatro estágios: Despertar o entusiasmo; Concentrar a atenção; Dirigir a experiência; Compartilhar a inspiração

Estágio 1: Despertar o entusiasmo

Ao chegarmos a uma área natural é comum observarmos o grupo agitado, às vezes até eufórico, com vontade de falar, contar histórias, até falar bem alto e gritar: o ar fresco da manhã, o espaço aberto, o mistério da vida selvagem costumam excitar os visitantes recém chegados. Pode acontecer também que o grupo esteja cansado, sonolento, desanimado, apático, desinteressado, sentindo muito calor ou muito frio. De uma maneira ou de outra estamos falando de

Entusiasmo, de sua presença ou ausência. Cornell (1997:28) cita Bulwer-Lytton: "Nada é tão contagiante quanto o entusiasmo... ele é o gênio inspirador da sinceridade, e a verdade não pode ser alcançada sem ele."

Em nossa experiência, observamos que o sucesso de toda a experiência de um dia depende desse primeiro momento. O grupo precisa ser trabalhado para que possa se sintonizar com o lugar, isto é, para que possa ter a percepção do agora do ambiente visitado. Precisa se dar conta de que vai fazer coisas diferentes das de sua vida cotidiana. "Precisa mudar de botão". As atividades sugeridas para este estágio são ativas, seja para concentrar o interesse a partir da agitação existente, seja para estimular os desintegrados e desinteressados. Estas atividades geram um intenso fluxo de energia. O monitor perceberá se alcançou os objetivos deste estágio ao observar que todos estão participando com alegria.

Podemos dar alguns exemplos de atividades desse estágio: a brincadeira "Corujas e corvos" 2 ou "Caça a bugigangas" 3. Numa visita turística, o simples caminhar livre em um espaço aberto pode ser uma atividade desse estágio, em que os participantes deixam fluir a sua energia, ao mesmo tempo em que estão caminhando e percebendo (muito pouco, por enquanto) o seu entorno. Um grupo agitado e falante tem poucas condições de perceber e muito menos de interagir com esse entorno. Por isso, essa caminhada livre deve ser logo direcionada para algo um pouco mais concentrado. É preciso ser cuidadoso com essas passagens pois um grupo de ecoturismo não está sempre disposto a "jogar" ou "brincar" pelo caminho. Temos o hábito de viajar para chegar a um ponto, o atrativo que deu motivo à ida àquele lugar. Então, o desfrute do caminho deve ser cuidadosamente sugerido pelo monitor. Ao fazê-lo, ele estará abrindo as possibilidades para que os participantes tenham experiências realmente novas.

"Quando você levar um grupo a um passeio ao ar livre, tenha em mente que os primeiros momentos são extremamente importantes porque as pessoas, em geral, percebem desde o início se a experiência será divertida ou não. Se você começar com brincadeiras animadas, é quase certo que o grupo todo estará disposto a participar" (Cornell, 1997:28).

O monitor deverá não só conhecer bem as brincadeiras para poder escolhê-las como também saber que tipos de reação elas suscitam, para defini-las em função do estado de ânimo em que o grupo se encontra a cada momento.

Estágio 2 - Concentrar a atenção

Normalmente as pessoas estão alegres, descontraídas e revigoradas no final do primeiro estágio. Mas perceber melhor a natureza é preciso acalmar as nos-

sas mentes. Este é o momento para se concentrar a energia e tornar o grupo mais atento. Essa atenção é impossível de ser conseguida logo no primeiro momento de atividades com o grupo. As primeiras atividades servem de ponte para o segundo estágio. É nesse momento em que a diferença entre "olhar" e "ver" pode ser percebida. O segredo das atividades deste estágio está em focalizar a atenção em um dos sentidos (tato, visão, audição, olfato) e utilizar uma forma sutil de levar os participantes a se concentrarem nele. Os livros citados sugerem muitas atividades desse tipo, mas o monitor pode criar outras delas, em função de sua experiência e possibilidades. São exemplos de atividades desse estágio: "Uma trilha de surpresas" 4, "Sons" 5, "Mapa de sons" 6. As atividades deste estágio não precisam ser muito longas, variando de 5 a 15 minutos, a critério do monitor. Mas se ocorrer uma manifestação natural que atraia a atenção de todo o grupo, como por exemplo uma revoada de centenas de pássaros, não será necessário definir nenhuma atividade específica para esse fim.

O monitor deverá estar sempre atento para os momentos de sugerir as atividades, e se perguntar se o grupo já está pronto para passar para o próximo estágio, em que atividades mais sensíveis serão propostas.

Estágio 3 - Dirigir a experiência

O professor Cornell tem como uma de suas principais fontes de inspiração os escritos deixados por John Muir, o grande naturalista americano, pioneiro na disseminação de idéias de proteção da natureza e principal defensor idéia da criação de parques, conceito que hoje é difundido em todo o mundo. John Muir foi um personagem fora do comum, que se embrenhava pelos espaços naturais e voltava descrevendo suas experiências realmente intensas e profundas. Estava sempre tão ávido de experiências na natureza que a fome e o frio não lhes eram fatores inibidores. Atualmente Cornell está lançando um livro baseado na biografia de Muir. Inspirados nele, podemos pensar: numa situação de encantamento, as palavras que conhecemos nunca são suficientes para expressar o que sentimos e percebemos. No entanto, "nenhum elemento químico da Terra é tão sensível como a alma humana". (John Muir in Cornell, 1977:36). Há aí um espaço que podemos ampliar infinitamente...

As atividades deste estágio visam atuar nesse espaço. É interessante que para esse momento sejam escolhidas áreas em que os participantes possam ter uma experiência realmente direta e positiva com a natureza. Quanto mais preservada a área, melhor. Uma mata primária traz resultados mais intensos que um local alterado ou em regeneração. Estas atividades têm a finalidade de intensificar um ou mais sentidos. São semelhantes às do estágio 2 mas têm um maior potencial de envolver os participantes em uma experiência direta. As atividades com os olhos vendados levam as pessoas a ficarem mais atentas às informações recebidas dos outros sentidos e, assim, podem perceber o ambiente de uma outra

forma. A partir dessas atividades pode-se descobrir um forte sentimento de pertinência e compreensão. Uma coisa é ter conhecimento sobre a teia alimentar e a relação entre todos os seres vivos. Outra coisa é senti-la a partir de uma experiência direta. Quando um indivíduo tem uma experiência desse tipo ele "sabe" e esse saber não precisa ser comprovado para ninguém. Ele sabe para si, viveu aquele conhecimento. É um aprendizado que não se esquece. São experiências que possibilitam penetrar completamente no espírito do mundo natural, do qual fazemos parte. Esse tipo de experiência pode abrir o coração das pessoas e levá-las a um sentimento de preocupação pela Terra, "caso contrário, as pessoas passarão a conhecê-la de modo superficial e teórico, sem nunca serem tocadas profundamente" (Cornell, 1997:39).

Segundo Cornell, essa é a única forma de se conhecer realmente a natureza. É como se, pelo menos por alguns instantes, nos permitíssemos esquecer de nós mesmos.

São exemplos de atividades deste estágio "Abrace a árvore" 7 e "Máquina fotográfica" 8.

Estágio 4 - Compartilhar a inspiração

Este é o momento de sedimentação da experiência. Dão um fechamento para o dia favorecendo a sensação de totalidade. São atividades envolventes e poéticas. Nesses momentos as pessoas se sentem convidadas a expressar o melhor de si. "Quando os participantes passam juntos momentos maravilhosos, a troca de informações tem um efeito muito intenso" (Cornell, 1997:42).

Assumir esse encantamento perante o grupo leva os participantes a consolidarem a sua experiência. E a voltarem para casa "diferentes".

Quando a experiência for conduzida por mais de um dia, o aprendizado seqüencial poderá ser aplicado a cada dia, e o grupo tenderá ficar cada dia mais receptivo e envolvido com o mundo natural. Neste estágio pode-se usar as atividades do livro *Journey to the Heart of Nature* (Cornell,1994), ou então trabalhar contando mitos e lendas da literatura oral, escrevendo poemas individuais ou coletivos ou ainda ouvindo uma música que sintetize e integre as experiências daquele dia.

A SHARING NATURE FOUNDATION

A Fundação Sharing Nature foi criada pelo professor Joseph Cornell para difundir o seu trabalho. Sua sede fica em Nevada City, Califórnia, EUA. Ela

tem um núcleo de profissionais que desenvolvem *workshops* nos Estados Unidos e Canadá. Cornell viaja por todo o mundo proferindo palestras e *workshops*. Alguns países têm coordenadores regionais tais como Brasil, Japão, Alemanha, Taiwan, Tailândia, Grécia, Suíça, Reino Unido, Austrália e Eslovênia. Estes são também os países em que ele tem realizado visitas periódicas, entre outros.

A Dawn Publications tem editado todo o material produzido pela Fundação: livros, vídeo e jogos.9 O primeiro livro do professor Cornell, *Sharing Nature with Children*, publicado pela primeira vez em 1979 e que teve uma segunda edição revista e ampliada lançada em 1998, em comemoração ao seu vigésimo aniversário, recebeu o título em português de *Brincar e aprender com a natureza* (1996). Trata-se de um guia de bolso, em formato sugestivo para ser realmente utilizado em campo. Foi o seu primeiro grande sucesso, que exerceu e exerce grande influência sobre a educação ao ar livre em todo o mundo, e que teve receptividade excepcional em alguns países. Depois dele, em 1987, publicou *Listening to Nature*, um livro de fotos e poemas comentados, com sugestões de atividades mais contemplativas, uma para cada dia do mês. Este livro não foi traduzido para o português. Em 1989 publicou *Sharing the Joy of Nature*, que em português recebeu o título de *A alegria de aprender com a natureza* (1997). Aqui ele apresenta o aprendizado seqüencial e desenvolve novas atividades. As duas publicações brasileiras são resultado de uma parceria feita entre as editoras Senac e Melhoramentos.

Em 1994, a convite da "Organização Mundial do Movimento Escoteiro", Cornell lançou o Journey to the Heart of Nature, destinado a jovens adultos, contendo novas aproximações, com muitas aventuras. Trata-se também de um belo livro, com muitos exercícios individuais e atividades interativas. Atualmente está no prelo o livro John Muir: My Life with Nature em que ele surpreende convidando o leitor a conviver com a natureza a partir do olhar amoroso, experiente e aventureiro de John Muir, e a partir daí explorar com profundidade as suas próprias experiências e a refletir sobre elas. Está também em fase de publicação o livro: With Beauty Before Me: An Inspirational Guide for Nature Walks, em que ele selecionou citações dos mais variados autores, para servir de material de apoio para as atividades mais reflexivas do estágio 4. Para algumas citações ele sugere atividades ou faz reflexões. Estas citações são muitas vezes utilizadas por ele em suas palestras e workshops. No final há indicações sobre diversas formas de utilizá-las. Ele apresenta ainda a atividade "Círculos em expansão", já bem conhecida dos participantes de seus workshops mas que ainda não tinha sido publicada. É uma atividade que requer bastante concentração, destinada a grupos mais experientes.

A seguir relatamos algumas experiências de países que, a nosso ver, têm se destacado na difusão e adaptação das propostas da Fundação.

Japão

O Japão destaca-se por sua estruturação, em que a Japan Nature Game Association tem expressão nacional e reúne mais de 6.000 associados. É uma organização de serviço público reconhecida pelo Ministério da Educação. Este título tem um grande impacto nesse país, onde muito poucas instituições recebem esse título. Além de oferecer *workshops* em seu país e nos países vizinhos, publicam o jornal *Sharing Nature Worldwide*, difundindo as idéias da Fundação e auxiliando seus simpatizantes a trocarem suas experiências.

Eslovênia

O terapeuta Bogdan Zorz tem uma experiência extraordinária com as atividades e jogos de Joseph Cornell. Ele trabalha com crianças e jovens com distúrbios comportamentais, desequilíbrio emocional ou problemas psicossomáticos, e busca ajudá-los a superar ou facilitar sua vida face aos problemas que enfrentam. O Centro onde recebe as crianças localiza-se em área cuidadosamente escolhida no entorno de uma floresta, pois já haviam descoberto que a natureza é uma excelente mestra e terapeuta, e que as pessoas tornam-se mais abertas, comunicativas e responsáveis quando em contato com o mundo natural. Bogdan Zorz fez uma adaptação das atividades e surpreende ao relatar os resultados alcançados:

os jogos de observação ou os energéticos são excelentes para as crianças com problemas psicomotores e distúrbios de concentração. Com esses jogos a criança aprende a controlar aquilo que originalmente era o seu maior problema;

os jogos noturnos são apropriados para os que sofrem de vários tipos de ansiedade, especialmente nos distúrbios do sono. São também empregados com crianças vítimas de violência e outros tipos de abuso;

os jogos que requerem participação com a natureza são excelentes para as crianças com problemas de comunicação com os outros, para as agressivas ou as que têm problemas de auto-estima.

Ele criou uma adaptação para poder empregar os jogos dentro de seu trabalho terapêutico; um aspecto que ele destaca como importante é o *follow up*, em que os participantes são estimulados a relatar a experiência e a refletir sobre ela.

Conhecer essa experiência me fez pensar em quanto esses jogos atuam muito próximos à essência da natureza humana, extraindo o que cada um tem de melhor. Esse núcleo central de cada um une a todos formando uma substância comum, em que todos somos diversificadamente iguais. Cada vez que tomo

conhecimento de novas experiências percebo a riqueza e importância da Sharing Nature. Na verdade, cada monitor/professor/terapeuta utiliza os jogos à sua maneira, integrando-os em suas atividades, o que faz com que seu aproveitamento tome múltiplas tonalidades.

Reino Unido

Segundo Alan Dyer, coordenador de Educação Ambiental da Universidade de Plymouth, a atuação da Sharing Nature nestes últimos anos influenciou várias gerações de professores em seu país. De maneira sutil e difusa, influenciou o sistema educacional: não há uma biblioteca escolar que não tenha os livros de Joseph Cornell. Ainda que com dificuldades de implantar a educação ambiental de maneira mais ampla nos currículos escolares, a educação na natureza sempre formou parte importante da vida escolar. Essa conquista, segundo Dyer, muito deve à penetração do trabalho de Cornell.

A EXPERIÊNCIA NO BRASIL

Os jogos e atividades da Sharing Nature são praticados no Brasil por professores do ciclo fundamental e por ONG (organizações não governamentais). Estão também começando a ser aplicados por agências de ecoturismo e de estudos do meio.

Até 1996, data da primeira visita10 de Joseph Cornell ao Brasil e da publicação em português de *Sharing Nature with Children - Brincar e aprender com a nature-za*, as atividades eram conhecidas por aqueles poucos profissionais que tiveram acesso aos livros em inglês e em espanhol.

Após o lançamento em português de *Sharing the Joy of Nature - A alegria de aprender com a natureza* e sua segunda visita11 em 1999, seu trabalho começou a ser muito mais difundido e utilizado pelos profissionais da área.

Temos conhecimento de algumas ONG que integram as atividades sobretudo em seus programas de formação. Educadores de diversas instituições procuram integrar as atividades em seus programas de educação ambiental. Até onde pudemos perceber, a partir de conversas com esses educadores, as atividades são postas em prática integradas aos mais variados programas, sem a aplicação da metodologia do aprendizado seqüencial. Supomos que o mesmo esteja ocorrendo com os educadores do ciclo fundamental.

É muito difícil "mapear" o andamento da incorporação destas atividades no Brasil. Podemos comentar com muito mais liberdade a nossa experiência pessoal nesse campo, como educadora e monitora de grupos. O que temos desensora e monitora de grupos.

volvido são adaptações da metodologia do aprendizado seqüencial para roteiros ecoturísticos, baseada na observação de que a simples visita à natureza nem sempre é suficiente para proporcionar ao visitante uma empatia com as outras formas de vida e uma interação pessoal com elas. Estas experiências têm sido desenvolvidas com grupos de adultos, grupos mistos, de jovens e eventualmente de crianças.

Como já dissemos anteriormente, nas viagens de ecoturismo as pessoas estão habituadas à prática de visitar atrativos, não dando tanta importância à experiência e ao desfrute do caminho. Por isso, a escolha do itinerário e o planejamento das visitas são definidos com a intenção de conciliar seus interesses com os objetivos de estreitar o relacionamento que os participantes podem ter com os elementos naturais - que consideramos ser essenciais para dar sentido e justificar esse tipo de visita. Senão, porque visitar a natureza?

Sempre que possível promovemos um encontro com os participantes antes do dia da viagem. Nesses encontros preparatórios refletimos sobre a relação que cada um tem com a natureza, como outros povos se relacionam com ela, e quais são os efeitos decorrentes do relacionamento que nossa sociedade tem tido com ela. Estes encontros são geralmente muito interessantes pois freqüentemente as pessoas desejam visitar as áreas naturais porque gostariam de fazer algo diferente, sem maiores pretensões. Quando explicamos o que vamos fazer, e quais as implicações e possíveis desdobramentos o sentido da visita amplia-se, assim como o interesse do grupo. Eles também são úteis para aqueles participantes que não estão habituados a entrar em contato com sua sensibilidade e evita que eles sejam pegos de surpresa. Nesses encontros cria-se uma atmosfera receptiva e de grupo.

Justificamos esse procedimento ao considerar que, se temos tão poucas áreas naturais preservadas e se é tão difícil cuidar e manter essas áreas, visitá-las deve ter muita importância para o indivíduo, senão seria melhor conhecer ambientes menos frágeis e mais alterados, onde o impacto da visita é menor.

Na verdade, a grande vantagem em se buscar promover uma visita mais consciente está no conhecimento de seu potencial transformador dos indivíduos que, ao voltar renovados para casa possam desejar a busca de estruturar sua vida com maior qualidade e responsabilidade. Cornell sempre se refere à importância das experiências transformadoras na natureza e através dela, onde o aprendizado vem de dentro para fora e não o inverso, como é usual. Para interagir com a natureza é preciso ter uma experiência pessoal e direta com as plantas, com os animais e com as rochas, sem intermediários. Em nossa cultura urbana não somos preparados para isso, daí a importância desse trabalho.

Temos posto em prática essas reflexões em diversos lugares, com destaque para dois parques em especial: o Petar (Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira-SP),

em que o programa de aprofundamento da experiência é incrivelmente facilitado pela exuberância de suas matas e a generosidade de suas cavernas; e o Parque Estadual da Cantareira-SP, que impressiona pelo contraste devido à proximidade de uma das maiores manchas urbanas do mundo. As atividades são sempre conduzidas de forma a criar uma intimidade progressiva com o ambiente. Procuramos propor as atividades sem que elas criem uma sensação de quebra no fio da caminhada, no decorrer da visita. A experiência em conduzir grupos numa mesma área por repetidas vezes revela ainda mais a potencialidade desse método, pois há sempre uma originalidade em cada visita, que nunca é a mesma. Faz-nos perceber que nem nós somos os mesmos a cada vez que voltamos a um mesmo lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades propostas pela Sharing Nature constituem um instrumento através do qual a visita à natureza pode ser aprimorada. Inúmeras vantagens decorrem desse aprofundamento pois, ao ampliar as possibilidades de interação dos indivíduos com ela e entre si, a necessidade de conservá-la fica mais clara e premente. Além disso, o processo de interação promove um comportamento mais trangüilo e perceptivo, impactando muito menos o ambiente visitado, em comparação ao usual, frequentemente eufórico e agitado. É uma proposta de vivência em que cada participante, se envolver verdadeiramente, cria laços sólidos com a natureza, de forma que sua motivação pela sua conservação fica confirmada não só pelos dados objetivos de necessidade de recurso, como por uma necessidade interna de convivência e interação. Propõe uma experiência rica e profunda.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

NOTAS

- 12 Ver www.arvore.com.br/artigos/htm/ar2711_1.htm
- 2 O grupo deve correr de um lado ou para outro do eixo que os divide em "Corujas" e "Corvos", conforme a veracidade das afirmações feitas pelo monitor: se verdadeira as corujas devem "pegar" os corvos, se for falsa, o inverso. A explicação completa está no livro Brincar e Aprender com a Natureza.
- 3 Cada participante recebe uma lista de 20 a 25 itens que devem ser procurados, observados ou coletados, se for o caso. Os ítens são sugestivos e incitam reflexões. Após um período de 10 a 15 minutos, faz-se uma pausa para troca de experiências e comentários. Maiores detalhes em Brincar e Aprender com a Natureza.
- 4 Objetos manufaturados são escondidos ao longo de uma trilha, cuja extensão é definida por uma corda de cercade 30 metros. Cada um participará em silêncio, apenas contando quantos objetos consegue ver.
- 5 Com os olhos fechados, cada um deve apoiar os punhos fechados acima da cabeça e levantar um dedo para cada tipo de som diferente que puder ouvir.
- 6 Os sons ouvidos devem ser marcados em uma ficha, com uma indicação de sua localização e cada sonoridade deve ser expressa em sílabas.



7 O grupo é dividido em pares: um será o guia e o outro terá seus olhos vendados. O guia escolhe uma árvore para levar o seu companheiro, que travará um conhecimento pessoal com ela. Ao voltar, ainda com os olhos fechados, ao ponto de partida, deverá então retirar a venda e percorrer livremente a área até encontrar a sua "árvore".

8 Grupo em pares. O guia será o fotógrafo e seu parceiro, que está de olhos vendados, será a máquina fotográfica. O fotógrafo escolherá as melhores cenas e fotografará quando der um toque no ombro do outro, que abrirá os olhos, e, logo em seguida, dois toques para que este feche os olhos o internalize o que viu.

9Livros em inglês: Sharing Nature with Children, 1979; Listenig to Nature, 1987; Sharing the Joy of Nature, 1989; Journey to the Heart of Nature, 1994; John Muir-My Life with Nature, 2000; With Beaty Before Me-An Inspirational guide for Nature Walks, 2000

Vídeo: Sharing the Joy of nature (40 minutos)

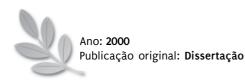
Jogos: Ocean Animals Clue Game (jogo de cartas); Rain Forest Animals Clue Game

Fitas audio: A Day in the Forest (75 minutos); Listening to Nature (60 minutos)

10 Esta visita ocorreu em julho de 1996 e foi realizada com o apoio do SENAC-CET, São Paulo. Foi realizada uma conferência de lançamento do livro, e dois workshops de 1 dia, no Parque Estadual da Cantareira.

11 Esta visita ocorreu em maio de 1999, com o apoio da Ecoassociação, São Paulo. Foi realizada uma conferência e 4 workshops





Formato da contribuição: resumo de parte da dissertação

Fonte: ALMEIDA, Ana Cristina Pimentel Carneiro de, "O Futuro das Atividades Físicas de Lazer e Recreação Ligadas à Natureza e a Educação Ambiental" Dissertação de Mestrado/UFSC; Orientadora: Prof. Dr. Maria de Fátima da S. Duarte; Co-Orientador: Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento e Prof. Dr. Markus Vinicius Nahas

E-mail do autor: anacrisal@hotmail.com

Títulos acadêmicos principais atuais: Títulos acadêmicos principais: Professora Adjunta do Curso de Educação Física – UFPA / Castanhal; Doutora em Ciências; Mestre em Educação Física, Especialista em Psicologia dos Distúrbios de Conduta; Especialista em Psicomotricidade Relacional Sistêmica

Considerações sobre o futuro das atividades físicas de Lazer e Recreação ligadas à natureza - um estudo Delphi

Ana Cristina P. C. de Almeida

Com o decorrer dos tempos, novas alternativas podem surgir em virtude de todo o processo de desenvolvimento a que o homem está submetido. Em função destas mudanças constantes propiciadas pela tecnologia, o futuro das atividades físicas de Lazer vem sendo permeado de estudos quanto às suas tendências. E a chegada do novo milênio já despertava esta curiosidade algumas décadas atrás, tanto no Brasil como no exterior. Entre os autores que se ocuparam com a temática do futuro do lazer, destacam-se Kraus (1971), Requixa (1987), Wall (1989), Kelly (1990), Bramante (1992), entre outros.

Cerca de vinte anos atrás, Kraus (1971, p.454) destacou que entre as tendências sociais previstas para as próximas décadas, que influenciariam a demanda para serviços de lazer e programas da recreação, seriam: alteração da dinâmica populacional, crescimento econômico e da composição de classe racial, socioeconômica; crescimento econômico e do nível de renda; novas formas de desenvolvimento tecnológico incrementando a exploração planetária e espacial, medicamentos, comunicações, educação, negócio, viagem e desenvolvimento urbano; relações humanas variáveis e sistemas de valor; revisão da estrutura industrial; mudanças na disponibilidade de lazer.

Parker (1978, p. 176) também se ocupava com questões relativas ao futuro do Lazer nesta época, e observou que "tentar compreender a dinâmica da sociedade é tentar relacionar o passado ao presente e este ao futuro (...) e que as previsões razoavelmente precisas sobre o provável tipo e nível das atividades de lazer depende da posse de dados adequados".

Requixa, em um artigo intitulado "Lazer" na obra "A Virada do Século" datado de 1987, expressa um questionamento de como o Lazer se apresentará na virada do século. Nesta obra, o autor previa maior utilização de tecnologias modernas, como também o desemprego e aumento do tempo livre, e destacou:

Eis aí a grande revolução cultural que a vivência em atividades de lazer traz consigo. Revolução que modifica não apenas as idéias e concepções relativas ao trabalho, mas também aquelas relativas à família, à religião e a política. Esta parece ser a grande revolução de nossa época e independente de qualquer tipo de ideologia. Uma revolução eminentemente cultural e desafiadora de valores tradicionalmente assentados. (p. 90)

Também Wall (1989) comenta que vários estudos foram realizados nos Estados Unidos na tentativa de predizer mudanças para o próximo século. O mais completo destes estudos foi realizado por um comitê de cientistas, conhecido como Relatório Instituto Hudson, que descreve em detalhes o avanço tecnológico e a especialização:

(...) as mudanças sociais e de lazer sofrerão mudanças marcantes no ano 2000 o homem terá maior controle de seu comportamento e personalidade, podendo alcançar no próximo século uma expectativa de vida de 120 anos aproximadamente. Estima-se como grande desafio para o futuro, o lazer para as massas e adaptação à rapidez das mudanças. (p.454)

Kelly (1990), em seu artigo "Lazer e o Futuro", faz uma lista de tendências de continuidades e mudanças no contexto do Lazer, considerando estilos, recursos e significados. Entre as mudanças, ressalta o envelhecimento da população como um mercado crescente para a área do lazer, a classe feminina no mercado de trabalho, bem como a participação das mulheres casadas ou separadas, com disponibilidade financeira e de tempo para usufruto do lazer; destaca também, que com o aumento de novas tecnologias, a escassez espacial ficará agravada e as casas de entretenimento eletrônicas se diversificarão e se tornarão mais acessíveis à população, entre outras considerações.

Nos anos noventa, Bramante (1992) cita que os estudos de projeção de tendência de futuro das atividades de Recreação e Lazer eram temerosos devido as "variáveis

intangíveis de mensuração e por sua própria natureza de fenômeno/experiência interdisciplinar" (p. 161). Também afirma que tanto a preservação do meio ambiente, como a interferência do meio construído, deve afetar as vivências do Lazer nacional, pelo aumento da reivindicação de um maior número de espaços verdes.

O aumento da procura por espaços naturais tem mudado a postura ecologizadora inicialmente agregada a estas atividades físicas. Em estudo sobre as tendências globais do desporto e da natureza, DaCosta (1997), acrescenta:

Admite-se que o desporto em relação à valorização da natureza essencialmente apresenta-se em processo de reajuste de sua expressão, passando de ecologizador para ecologizado na medida em que participa da tendência de globalização (p.72).

Observou-se que para estes autores, há a necessidade de se encontrar um equilíbrio para a postura diante das atividades de lazer, visto que ele poderá ser ao mesmo tempo, um meio de tornar o indivíduo mais próximo à natureza e despertar sua atenção para o respeito a este ambiente; enquanto receptor, haja vista a disseminação, de uma variedade crescente de modalidades alimentadas pela globalização.

A globalização tende a influenciar na forma de vida de todo o mundo e modificar a postura diante de alternativas de lazer, onde conceitos como saúde e bem-estar estão mudando em função de fatores sociais e estas mudanças se tornarão mais críticas com a aproximação do século XXI (Carter 1997, p. 27).

Também se referindo à atividade física ligada a natureza, Mota (1997) argumenta que as experiências vivenciadas nas atividades físicas de Lazer estão associadas ao bem-estar e a saúde, e que:

A relação entre o desporto e natureza, caracterizado com um problema correlacionado com os seus efeitos sociais, sugere algumas questões acerca das causas, da responsabilidade e da culpa para com este problema, exigindo também fórmulas para gerir e encontrar soluções. (p. 59)

Acrescenta o autor que como muitos destes problemas relativos ao ambiente só aparecem a longo prazo, atingindo as futuras gerações, portanto não fazendo parte das preocupações atuais da população em geral, acabam por "desresponsabilizar" as pessoas quanto aos acontecimentos relativos à preservação do ambiente natural.

O fato da inexistência de uma ação orientada, a longo prazo, poderá comprometer tanto a sobrevivência dos ambientes como a do próprio homem, gerando

um problema para si mesmo e um transtorno social. Daí a necessidade de se incentivar estudos nesta linha e estar atentos às questões relativas ao ambiente.

Os estudos citados constituem um desafio dos especialistas na tentativa de prever os rumos tomados pelo Lazer e Recreação. Muitos fatos se confirmaram, da mesma maneira que outros não se concretizaram, mas certamente estes estudos contribuíram e ainda podem contribuir para a elaboração de novas diretrizes, visando acompanhar o processo evolutivo dos tempos a que se submetem.

ATIVIDADES FÍSICAS DE LAZER E RECREAÇÃO LIGADAS A NATUREZA: UM ESTUDO DEI PHI

Esta investigação caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, prospectiva ou futurística, buscando através de questionários, coletar informações a respeito de julgamentos e previsões de uma população específica.

Foi empregada a Técnica Delphi, com três "rounds" ou momentos distintos, adaptada conforme Justo (1993), Nahas (1988), Nascimento (1998) e Pires (1995), utilizando-se de consenso nivelador, na intenção de observar opiniões convergentes entre os especialistas envolvidos.

O nome desta Técnica origina-se do oráculo de Delphos, na Grécia antiga, pois se acreditava que tinha condições de prever o futuro.

Considerado um clássico dos sistemas de previsão, argumenta Pires (1995), este método ou técnica "trata de realizar previsões acerca dum assunto completamente novo ou quando os dados estatísticos não existem, são irrelevantes ou não são fiáveis" (p.91).

O desenvolvimento desta técnica consiste na utilização de questionários, em três ou quatro etapas, onde em cada uma delas, os especialistas opinam acerca de um assunto específico. A técnica, conforme Pires (idem, p.94) "não se preocupa em extrapolar as tendências atuais, mas sim, ter diferentes visões hipotéticas acerca da organização do futuro," não se preocupando apenas em determinar os acontecimentos futuros, e sim contribuir nas decisões que serão tomadas acerca de determinado assunto. Em função disto, é gerado um consenso de um grupo representativo da área, onde a subjetividade e o anonimato, estão presentes.

Como os demais métodos, esta técnica também possui vantagens e desvantagens. A vantagem é que ela possibilita obter informações dos especialistas, sem que haja troca de informações, não comprometendo os resultados e diminuindo as barreiras da distância. A desvantagem é que não há como debater as possíveis

ambigüidades de algumas questões, destacando ainda mais a importância da qualidade do instrumento (Moreira, 1996).

O número de especialistas que participou deste estudo (35), corresponde ao estimado como aceitável, pois conforme Pires (1995), o painel de especialistas normalmente compõem-se de 10 a 50 membros para um grupo homogêneo, sendo aconselhável mais de cem componentes em caso de grupo heterogêneo. Considerou-se o grupo deste estudo como homogêneo, por todos estarem diretamente envolvidos com o Lazer e/ou Recreação.

Alguns estudos no Brasil privilegiaram o uso desta técnica na área da Educação Física, como por exemplo, Bramante (1988), Nahas (1988) e Nascimento (1998).

Como o desenvolvimento social afeta o desenvolvimento do desporto, tornase necessário segundo Pires (1995), estar atento às respostas dos sistemas sociais de maneira que o sistema desportivo atenda a essas necessidades. Com apoio neste argumento, procurou-se situar as Atividades Físicas de Lazer e Recreação nos próximos cinco anos, bem como as perspectivas educativas no que se refere ao ambiente.

SELEÇÃO DOS SUJEITOS

O painel de especialistas, conforme características, da técnica, composto de 35 componentes, de forma não casual. Inicialmente, foram consultados alguns professores do ensino superior que ministram a disciplina Lazer e Recreação: funcionários do Serviço Social do Comércio - SESC, funcionários do Serviço Social da Indústria - SESI, funcionários de Prefeituras Municipais para indicarem nomes de profissionais para comporem o painel do estudo. O painel correspondeu ao grupo de especialistas que participaram da Técnica Delphi.

Os critérios para escolha dos profissionais que citaram os nomes dos especialistas para a composição do painel foram os seguintes:

- a) Com relação aos professores do curso de Educação Física, que ministrem a disciplina Lazer e Recreação (aceitando-se variações como somente Lazer ou somente Recreação em sua nomenclatura) nas Instituições de Ensino Superior da Região Sul do Brasil, credenciadas pelo MEC.
- b) No que diz respeito aos Funcionários do SESC, SESI, e Prefeituras Municipais das capitais dos três estados da Região Sul do Brasil: ser formado em Educação Física e possuir no mínimo três anos de experiência na área de Lazer e Recreação.

Tais critérios justificam-se por se acreditar que seja necessário um mínimo de dois anos de experiência para que o profissional encontre-se familiarizado e preparado para dominar a contento, sua área de atuação. Quanto aos professores das Instituições de Ensino Superior (IES), o único critério para participar na composição do painel desta pesquisa foi lecionar a disciplina Lazer e Recreação, partindo do princípio de que, fazendo parte do corpo docente de uma instituição deste porte, passaram por um processo de avaliação para testar sua competência na área e, de qualquer forma, estão capacitando futuros profissionais que atuarão nesta área.

Atendido todos os critérios estabelecidos anteriormente, os envolvidos foram solicitados a citar profissionais brasileiros que atuam na área de Lazer e Recreação, e que sejam considerados "experts", (especialistas de renome nacional/internacional), para composição do painel deste estudo, iniciando-se a aplicação da Técnica Delphi.

PROCEDIMENTOS - A APLICAÇÃO DA TÉCNICA DELPHI

O número de especialistas citados chegou a 87, no entanto somente 65 foram identificados em função de dados fornecidos incorretamente. Destes 65 especialistas, 35 aceitaram por escrito participar do estudo, quando então no decorrer do ano de 1999, foram enviados os questionários de forma a vislumbrar eventos de Lazer e Recreação ligados à Natureza. Os questionários foram enviados através de correio eletrônico (internet) para 21 especialistas, e através do sistema de correios convencional para os 14 restantes. A análise dos questionários de cada momento foi feita de forma anônima, informando o grupo sobre os resultados obtidos no momento anterior.

Primeiro momento (round I):

Após concordar em participar da pesquisa, cada respondente foi solicitado a opinar sobre dez eventos que aconteceriam, nos próximos cinco anos, com atividades de Lazer e Recreação ligadas a Natureza, que poderiam causar impactos positivos ou negativos para o ambiente natural. Junto ao material, foi enviado envelope endereçado e selado para devolução.

Segundo momento (round II):

Os participantes do painel tomaram conhecimento das sugestões dos demais e opinaram sobre a probabilidade (escala de cinco níveis) e impactos (positivos ou negativos) de tais acontecimentos.

Desta análise, destacou-se 27 eventos, dentre os 76 citados que compõem o segundo questionário, que alcançaram à probabilidade de ocorrência no mínimo

razoável (\geq 3,80) e grande (\geq 4,0). Como consenso forte, considerou-se a média, mediana e moda (\geq 4) e desvio padrão menor que 0,65.

Quanto aos impactos, observou-se como positivo (+++) ou negativo (—) a concordância de (\geq 70%) e (?) indefinido para os eventos que os especialistas se sentiram indecisos quanto ao seu efeito no ambiente natural. Observados estes critérios, montou-se então o terceiro questionário.

Terceiro momento (round III):

Confirmaram as respostas mais significativas ou de maior impacto derivadas do segundo momento, observando-se a probabilidade de ocorrência no período de mais ou menos cinco anos (2000 a 2004) e as sugestões que pudessem incrementar ou inibir a ocorrência de tais eventos.

Para os participantes, foi também o momento de proposição de sugestões metodológicas para que a Educação Ambiental pudesse ser vislumbrada nos programas da disciplina Lazer e Recreação nos cursos de graduação em Educação Física das Instituições de Ensino Superior.

Inicialmente planejaram-se quatro momentos ou *rounds* distintos, mas em função do andamento do estudo, optou-se por concentrar os questionários, equivalendo a um terceiro e último momento. Esta decisão foi informada aos participantes na carta enviada juntamente com os questionários, e bem aceita por todos, devido à dedicação que esta técnica exige dos participantes.

Os dados obtidos com a aplicação da Técnica Delphi foram analisados através da estatística descritiva, em termos de média, moda, mediana e desvio padrão. Os dados não quantificáveis foram analisados subjetivamente, procurando ser o mais fiel possível a essência da resposta original.

As sugestões propostas pelos especialistas para incrementar ou inibir a ocorrência dos eventos citados, obedeceram a categorização utilizada para o questionário do segundo momento, porém, foram consideradas apenas as categorias contempladas no terceiro momento.

Este estudo encontrou limitações no tocante a possibilidades de discussões individualizadas para esclarecer possíveis dúvidas, devido à distância entre participantes e investigadora; obtenção de melhor fidedignidade às respostas apresentadas pelos especialistas, visto que nem sempre era possível encontrar o respondente para esclarecimento das respostas; melhor delimitação e descrição das características dos eventos, de maneira a facilitar a previsão e as sugestões propostas e estipulação do período em anos, ao invés de prazos (curto, médio e longo).

ANÁLISE DOS MOMENTOS DA TÉCNICA DELPHI

1° Momento:

Neste momento, os eventos citados pelos especialistas participantes do estudo foram categorizados e com estes novos dados, montou-se então o segundo questionário, correspondente ao segundo momento (round II) da Técnica Delphi.

2° Momento:

Após a devolução pelos respondentes deste segundo questionário, foi feita análise dos dados, considerando-se a média, mediana, moda e desvio padrão, bem como os possíveis impactos, positivos ou negativos, destes eventos ao ambiente natural. Considerou-se para fins deste estudo, a concordância mínima de 70% entre os respondentes, para considerar o evento com consenso.

Importante ressaltar que os eventos listados para compor o terceiro questionário, predominaram como positivos ou indefinidos ao que se refere aos impactos. Isto ocorreu em função dos eventos considerados pelos respondentes como de impacto negativo, aproximarem-se, mas não atingirem os 70% de concordância estabelecida neste estudo, não obtendo, portanto, o consenso dos especialistas neste item.

3° Momento:

O terceiro momento visou para identificar a data mais provável de ocorrência dos eventos (no período alvo de cinco anos – 2000 a 2004) e sugestões para incrementar ou inibir tais eventos, finalizando a Técnica Delphi.

Dois respondentes deixaram claras suas dificuldades em preencher o questionário em função da amplitude de características dos eventos, e um outro por não se sentir possibilitado no momento em fazer tais previsões, contribuindo com as demais solicitações do questionário. Os demais nada declararam, respondendo prontamente aos questionários enviados.

As análises deste questionário se basearam na média, moda, mediana e desvio padrão, para a identificação da data mais provável de ocorrência de cada evento. Na opinião dos especialistas, 48% dos eventos citados deverão ocorrer entre o ano 2000 e 2001; 33% dos eventos ocorrerão até 2000 enquanto 17% deverão ocorrer entre 2000 a 2002. No quadro 1 apresenta-se a opinião dos especialistas quanto à data mais provável de ocorrência dos eventos listados no questionário do terceiro

momento. A numeração dos itens apresentados está respeitando a seqüência em que os eventos foram listados no questionário do segundo momento.

Diante dos dados obtidos no quadro 21 notou-se que os eventos citados na categoria do crescimento do ecoturismo, predominam no período de 2000 a 2001, como período provável de ocorrência. Pôde-se observar que os eventos citados já ocorrem e estão em fase de expansão, conforme destacam Burton (1995), Castillo (1995), Betrán e Betrán (1995) entre outros.

Com referência aos crescentes campeonatos em ambientes naturais, os eventos destacados foram indicados como de ocorrência imediata (até 2000). Conforme os especialistas, estes eventos já estão ocorrendo. Interessante destacar que os eventos citados nesta categoria no segundo momento da técnica, estão tendo seu acesso possibilitado à maior parcela da população. Coincidência ou não, os eventos que permaneceram (crescentes campeonatos, *surf*, canoagem, rodeio e as modalidades esportivas nas areias das praias) têm tido atualmente espaço significativo na mídia eletrônica, atingindo a população em massa e contribuindo para o crescimento do interesse por tais modalidades. Eventos desta categoria cujos equipamentos são de custos elevados, não foram contemplados no terceiro momento da técnica, como por exemplo: *jet sky*, caça submarina, pesca oceânica entre outros.

Quanto aos diversos jogos em praças e parques, acampamentos e colônias de férias, surgimento e crescimento de eventos científicos, surgimento de programas ligados ao ambiente natural, predominam a ocorrência no período entre 2000 a 2001.

Com previsão de ocorrência no período de 2000 a 2002 encontram-se os eventos: Congresso Virtual do Meio Ambiente, a construção de parques temáticos em várias regiões do país, as pressões do poder econômico na transformação de ambientes naturais para o Lazer de massas, a educação para o Lazer e o Meio Ambiente e a construção de espaços alternativos para a prática de atividades físicas para a terceira idade. Estes eventos, portanto, estariam em fase de desenvolvimento, atingindo um crescimento significativo por volta do ano 2002.

As categorias dos eventos citados pelos especialistas se diferem significativamente, contribuindo ara dificultar a previsão do período de ocorrência, visto que são dependentes de uma série de fatores (sócio-político-econômicos), em função da grande maioria dos eventos já ocorrerem.

A presença de eventos que só dependem de iniciativa pessoal, também torna difícil avaliar o período de ocorrência. Vale ressaltar que os modismos e a mídia concorrem para crescimento destas modalidades, o que facilita a previsão de crescimento momentâneo.

Quadro 2: Período provável de ocorrência dos eventos

EVENTOS	PREVISÃO
O crescimento do ecoturismo	2000 - 2001
Caminhadas ecológicas (trilhas/trekking)	Até 2000
Turismo rural e eqüestre (realizados em fazendas,	2000 - 2001
sítios, Pantanal, etc.)	
Atividades desenvolvidas por empresas de	2000 - 2001
ecoturismo	
Corridas rústicas	Até 2000
Os crescentes campeonatos em diferentes	2000 - 2001
ambientes naturais	
Surf	Até 2000
Canoagem	Até 2000
Rodeio	Até 2000
A diversas modalidades esportivas nas areias das	Até 2000
praias do litoral brasileiro	
Colônia de férias	2000 – 2001
Acampamentos	2000 - 2001
Fotografia da natureza	Até 2000
Surgimento e continuidade de eventos científicos	2000 - 2001
Sangimento e continuado de eventos elentimos	2000 2001
World Ecotur – Congresso e Exposição Internacional	2000 - 2001
de Ecoturismo- Salvador/BA	
Curso de Mestrado em Lazer SESI-UNICAMP	2000 - 2001
Congresso Nacional de Ecoesporte – Angra dos Reis	2000 - 2001
Congresso Virtual do Meio Ambiente	2000 - 2002
Encontro Nacional de Ginástica na Empresa	Até 2000
Encontro Nacional de Recreação e Lazer- ENAREL	Até 2000
Publicações acadêmicas, nas áreas do lazer e do	2000 - 2001
turismo	
O surgimento de programas relativos as atividades	2000 - 2001
ligadas ao ambiente natural	
Programa Nacional de Municipalização do Turismo	2000 - 2001
(PNMT/EMBRATUR/MT)	
A construção de parques temáticos em várias	2000 - 2002
regiões do país	
As pressões do poder econômico na transformação	2000 – 2002
de ambientes naturais para o lazer de massas	
Educação para o lazer e o meio ambiente	2000 – 2002
Construção de espaços alternativos para a prática	2000 - 2002
de atividades físicas para a terceira idade	

Não houve previsão de ocorrência dos eventos para o período de 2003 e 2004. Os especialistas acreditam que os eventos citados estão em previsão de ocorrência de imediato a curto prazo.

Determinar o período de ocorrência dos eventos categorizando os períodos em curto, médio e longo prazo, talvez proporcionasse maior clareza e facilidade

aos especialistas na estipulação da data provável de ocorrência, do que em anos, maneira como foi apresentado (2000 a 2004).

Providências Sugeridas para Incrementar ou Inibir a Ocorrência de Eventos de Lazer e Recreação no Ambiente Natural

A seguir, apresenta-se de forma mais fiel possível, as sugestões apresentadas exclusivamente pelos especialistas que participaram do preenchimento do 3 questionário da Técnica Delphi, quanto às providências sugeridas para incrementar ou inibir a ocorrência de tais eventos.

A análise das sugestões apresentadas pelos especialistas evidenciou um consenso em determinados pontos. De um modo geral, os especialistas propõem a criação de programas de Educação Ambiental para todas as classes sociais e em todos os níveis de ensino, o incentivo a parcerias públicas e privadas, desenvolvimento e implantação de legislação pertinente, aumento e continuidade de eventos científicos na área, bem como sua divulgação e popularização, redução de preços e facilitação do acesso às famílias aos eventos, incentivando práticas em grupo e atentando para a sustentabilidade dos ambientes onde ocorrem a prática de tais atividades.

Na intenção de facilitar a compreensão das sugestões apresentadas, utilizouse das categorias estruturadas no questionário do segundo momento e que ao mesmo tempo foram contempladas no terceiro momento. São elas:

- 1. O crescimento do ecoturismo
- 2. Os crescentes campeonatos em diferentes ambientes naturais
- 3. Os diversos jogos em praças e parques
- 4. O surgimento e continuidade de eventos científicos
- 5. O surgimento de programas relativos a atividades ligadas ao ambiente natural
- 9. A construção de parques temáticos em várias regiões do país
- 14. As pressões do poder econômico na transformação de ambientes naturais para o lazer de massas
- 15. Educação para o lazer e o meio ambiente

Construção de espaços alternativos para a prática de atividades físicas para a terceira idade

No que se refere ao *crescimento do ecoturismo* sugerem os especialistas que seja incentivado o descobrimento de áreas com características exóticas, pro-

porcionando informações sobre as peculiaridades dos percursos, associado à busca de novos roteiros. Argumentam também, que deverá ser melhorada a organização dos eventos, capacitando empresários na gestão dos empreendimentos e a contratação de guias especializados.

Sugerem ainda, o esclarecimento aos proprietários de áreas rurais quanto à possibilidade de exploração do turismo rural, como forma de melhor proteger estas áreas, estimulando o contato com culturas regionais, estruturando as fazendas sem perda das características rústicas locais, bem como o fornecimento de linhas de crédito para investimentos no setor e divulgação em todo o país, para aproveitamento de áreas rurais. As citações dos especialistas denotam uma preocupação com o crescimento do ecoturismo e sua relação com o meio ambiente. Eles revelaram uma inquietação com a proteção das áreas verdes próximas às cidades, a preocupação com o despejo de lixo nos percursos, e a depredação do patrimônio cultural. Defendem a intensificação do controle das condições em que o turismo esteja ocorrendo, regulamentando pré-requisitos básicos para autorizar o funcionamento, como também pessoal capacitado, segurança, períodos de ocorrência, entre outros.

Neste sentido, acredita-se que deverá ser dada atenção à sustentabilidade dos ambientes explorados pelas diversas empresas que surgirem neste setor, visto que os respondentes mostraram-se preocupados em proteger os locais de práticas de lazer, sugerindo como fatores de inibição destes eventos a limitação do número de pessoas em cada visita, e o combate à idéia de aventura que está sendo atribuída em detrimento da contemplação e conservação/preservação.

Também como forma de controlar este crescimento, sugeriu fiscalizar eficientemente a efetivação dos eventos, visando licenciamento responsável, cadastrando as empresas e subordinando esta fiscalização aos órgãos de preservação ambiental.

Quanto aos *crescentes campeonatos em ambientes naturais* pôde-se constatar na opinião dos especialistas que a identificação de patrocinadores potenciais, o cadastramento de espaços, a fiscalização dos locais de provas, como o aumento proporcional dos adeptos na descoberta de novos ambientes, poderão incrementar a ocorrência de tais eventos. Da mesma forma, ressaltaram a importância de resgatar e preservar as tradições regionais que estão sendo massacradas pela onda dos mega eventos de algumas atividades, como o rodeio, por exemplo, evitando a banalização e a estereotipia da atividade.

Os especialistas demonstraram, porém, a preocupação com a democratização do espaço, controle e respeito do ambiente público, permitindo a permanência e a prática sem deseguilíbrios (poluição sonora, visual, entre outras).



E ainda, enfatizaram os possíveis danos que os locais poderão sofrer, principalmente onde algum elemento da fauna ou flora esteja em risco de extinção, inibindo a sua realização, bem como a limitação destas atividades usufruídas particularmente por praticantes especializados, atentando-se para o fato de que o lazer ecológico não faz parte de campeonatos.

Chamaram a atenção para os problemas decorrentes do excesso do uso de álcool e violência nos locais dos eventos.

No que se refere aos *diversos jogos em praças e parques*, acampamentos e colônias de férias incentivaram a proposição de sugestões como o aproveitamento dos espaços escolares no período de férias, a organização de eventos para a comunidade, possibilitando o acesso às famílias e estimulando o convívio em grupo. Em função disso, estimularam a incrementação de treinamentos às prefeituras, para que os organizadores possam efetivar a atividade, difundindo na mídia, e aumentando o número de adeptos.

Os especialistas sugerem também a ampliação do campo de atuação, proporcionando uma mudança de paradigma de determinadas atividades, incentivando a renovação das mesmas e a integração com as entidades responsáveis pelo meio ambiente.

Para inibir, os respondentes sugeriram ampliar o campo de atuação destes eventos, pois estão estereotipados e ensimesmados.

Para o *surgimento e continuidade de eventos científicos* os respondentes sugerem disponibilizar melhor os recursos financeiros, incentivando a pesquisa e a realização de eventos qualificados, envolvendo grandes corporações no financiamento de projetos, e buscando incentivos do governo, órgãos de pesquisas, universidades e associações com patrocínio de entidades privadas.

Torna-se interessante, acrescentam os especialistas, inibir o interesse comercial e favorecer as discussões sobre os impactos e tendências para os próximos anos, devendo atentar-se para a importância destes congressos como suporte para efetivação da prática consciente, da preservação/conservação, e educação ambiental de todas as modalidades e eventos já existentes.

No tocante aos eventos científicos, os especialistas acreditam que os mesmos necessitam melhorar a densidade teórica da área, e propor que as discussões ultrapassem seus próprios limites e constituam-se em propostas de ações, devendo-se estimular pesquisadores da área, mediante mais divulgação e incentivos profissionais.

Há de se inovar através do acompanhamento de iniciativas e manifestações nacionais, para não manter o *status quo* e promover encontros regionais que antecedam aos eventos de porte da área, acompanhando com maior critério e valorizando as publicações que partirem de uma ação concreta, e não só de discussões bibliográficas, complementam os especialistas.

Acrescentam ainda que as publicações necessitem tornarem-se acessíveis a população no que se refere a preço, e disponibilizá-las na internet, como também estimular a edição de revistas da área via patrocínio, propondo intercâmbio entre os produtores de publicações com as universidades, órgãos privados e públicos. Para tal, deve-se considerar a demanda das ações e atentar para um grande impulso neste setor, com o crescimento das universidades de Turismo e Hotelaria, argumentam os especialistas.

Quanto ao surgimento de programas relativos as atividades ligadas ao ambiente natural sugerem introduzir a relação do homem com o ambiente e consigo mesmo na perspectiva da sua evolução moral. Incluir pensamento humanístico e ecológico na prática consumista, introduzindo o conceito de lazer comungado com a vida social e realizações pessoais, criando atividades que dinamizem e estimulem a participação.

Os especialistas aconselham discutir antes da implantação, quais os princípios da natureza desta atividade, conscientizar e fiscalizar estes programas, incentivando a atividade e elaborando políticas com base no turismo sustentável. Não somente explorar recursos, mas também criá-los e desenvolvê-los, viabilizando a concretização estruturando-se para aumentar o fluxo sem prejuízo para o meio ambiente, através da criação de programa educacional paralelo.

E ainda proporcionar palestras e propiciar discussões descentralizadas, definindo uma política nacional juntamente com secretarias de turismo.

Para inibir a ocorrência, os especialistas destacam o fato destes programas dependerem da situação política do país.

Para incrementar a construção de parques temáticos em várias regiões do país_sugerem os especialistas, que se deve valorizar o que é natural e acessível a todos, constituindo recursos e realizando uma real avaliação dos impactos ambientais.

Para isto é necessário oportunizar linhas de financiamento e abertura aos investidores externos, fazer levantamento de áreas ideais, e apresentação de projetos a grandes grupos. Verificar demais infra-estruturas, tais como: vias de acesso, hotéis, gastronomia, receptividade da população, entre outros.

Conforme os especialistas, a perda de potencial histórico e de elementos da natureza em virtude da não consideração do impacto ambiental pode inibir tais construções, bem como refletir a atividade dentro de um conceito americano, necessitando de uma cultura brasileira para parques temáticos. Outros fatores que citam como inibidores são o interesse e especulação financeira, (necessitando reduzir preços dos ingressos para torná-los mais acessíveis à população) e a dependência de vontade política, e de empresários.

No tocante *as pressões do poder econômico na transformação de ambientes naturais para o lazer de massas*, conforme os respondentes necessita-se definir critérios com cuidado, promovendo uma real avaliação dos impactos ambientais, criando novas leis de proteção ambiental, precisando disciplinar o lazer de massas, dirigi-lo ao bem comum com o apoio e fiscalização do Estado.

Acreditam também que se deve incentivar a participação da iniciativa privada para o desenvolvimento dos projetos e envolver entidades que protejam o meio ambiente, transformar esta pressão a favor do desenvolvimento das áreas verdes dentro e fora da cidade. Incentivar pressão de pequenas comunidades nos seus espacos específicos.

Incentivar mudanças políticas no país, acrescentam os respondentes, pode ser um forte incremento.

O baixo nível educacional no país, argumentam os especialistas, pode acarretar um sério risco ecológico, necessitando de controle da sociedade e mobilização popular, inibindo através de esclarecimentos à população e principalmente aos formadores de opinião, a transformação destes locais para o lazer de massas. Aconselham ainda, a desestimular o crescimento descontrolado da atividade, criando comissões junto à câmara de vereadores, deputados, entre outros, para a viabilização deste desenvolvimento sem maiores danos ao ambiente.

Para incrementar a *Educação para o lazer e o meio ambiente,* os especialistas sugerem levar a todas as situações, dentro e fora da escola, desde os hábitos domésticos até os passeios na natureza, e desenvolvê-los através de temáticas que englobem várias disciplinas e áreas de conhecimento, conscientizando sobre a necessidade de um lazer ecológico consciente para o futuro da humanidade.

Sugerem também aproximar e fortalecer as ações dos trabalhos desenvolvidos, entre as diversas instituições públicas e privadas, atentando-se para as leis de proteção ambiental;

Para a *construção de espaços alternativos para a prática de atividades físicas para a terceira idade,* destacam que há a necessidade de se conscientizar a população, prefeituras e entidades para que se estimule a construção destes

espaços e a revitalização dos espaços existentes, respeitando princípios arquitetônicos de bem-estar na elaboração de projetos de ruas, bairros, cidades, etc. Transformar a construção destes espaços em projeto de lei e evitar que tais espaços se transformem em guetos, guardando relações com a sociedade como um todo.

Incentivam também a criação de programas de apoio à grupos organizados, e a estimular o poder público quanto a estas iniciativas, envolvendo secretarias municipais e fundações ligadas às ações para idosos, articulando-se com o Movimento Nacional de Aposentados e as ONGs que cuidam da terceira idade.

A cultura estereotipada nas atividades e programas com a terceira idade e o fato de copiar iniciativas adotadas em outros países, são mencionados como fatores de inibição do evento.

Pôde-se observar nas sugestões apresentadas pelos especialistas a preocupação com o crescimento destas atividades no ambiente natural sem a existência de uma ação educativa, havendo um forte consenso no que se refere à necessidade de uma Educação Ambiental para os praticantes destas atividades. E este fato tem despertado a atenção de estudiosos na intenção de minimizar os conflitos da relação homem/natureza.

Conclusões e recomendações

Pôde-se observar nos resultados da aplicação da Técnica Delphi a obtenção de consenso forte entre os especialistas quanto ao crescimento dos eventos ligados à natureza, mas quanto à data provável de ocorrência o consenso foi fraco, em função da diversidade de características dos eventos e da dependência de iniciativa pessoal de outros eventos. O consenso foi inexistente quanto ao impacto de ordem negativa destas atividades ao ambiente natural, visto que não atingiu os 70% de concordância estipulado neste estudo.

Com relação à data provável de ocorrência dos eventos, na opinião dos especialistas 48% dos eventos deverão ocorrer entre os anos 2000 e 2001; 33% dos eventos no ano 2000 e 19% de 2000 a 2002.

Neste sentido, os participantes do estudo evidenciaram a ocorrência imediata (até 2000) de eventos como: caminhadas ecológicas, corridas rústicas, *surf*, canoagem, rodeio, as diversas modalidades esportivas nas areias das praias do litoral brasileiro e fotografia da natureza. No período de 2000 até 2001, os especialistas apontam para o crescimento do ecoturismo, em fazendas, sítios, e no Pantanal; as atividades desenvolvidas pelas empresas de ecoturismo, os crescentes campeonatos em diferentes ambientes naturais, colônia de férias, acam-

pamentos, surgimento e continuidade de eventos científicos, publicações acadêmicas nas áreas do Lazer e do Turismo e o surgimento de programas relativos as atividades ligadas ao ambiente natural.

Num período um pouco mais prolongado (2000 a 2002), destacam-se o Congresso Virtual do Meio Ambiente, a construção de parques temáticos, as pressões do poder econômico para a transformação de ambientes naturais para o Lazer de massas, a educação para o Lazer e o meio ambiente e a construção de espaços alternativos para a prática de atividades físicas para a terceira idade.

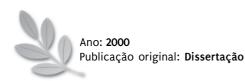
As novas tendências de Lazer foram associadas ao crescimento econômico, à cultura de massas, ao aumento do tempo livre e à diminuição da carga horária de trabalho, estabelecendo uma nova relação entre o homem e a natureza, mudando hábitos e oportunizando novas alternativas de Lazer.

Os participantes da Técnica Delphi manifestaram entre as sugestões apresentadas a necessidade de se fazer um trabalho de sensibilização e conscientização quanto às interferências humanas na prática de suas atividades físicas de Lazer e Recreação na natureza.

Uma série de sugestões foi apresentada para incrementar ou inibir tais atividades no ambiente natural. De maneira sucinta, algumas das sugestões citadas em vários eventos são as seguintes: criar programas de Educação Ambiental para todas as classes sociais; incentivar parcerias públicas e privadas para a prática de tais atividades; desenvolver e implantar legislação para regulamentar as práticas de Lazer junto ao ambiente natural; aumentar o número e o nível dos eventos científicos na área para garantir a continuidade dos eventos; divulgar os resultados dos eventos científicos com linguagem compreensível para toda a população; reduzir preços tornando os eventos mais acessíveis à população; incentivar o convívio em grupo e a freqüência de famílias nestes locais e atentar para a sustentabilidade dos locais onde ocorrem a prática de atividades físicas de Lazer e Recreação.

Concluindo, os resultados deste estudo evidenciaram que os eventos ligados à natureza tendem a continuar crescendo. Neste sentido, acredita-se ser necessária a tomada de providências para promover uma relação harmoniosa do homem com o ambiente em que realiza as atividades de Lazer, de forma a garantir a continuidade e sobrevivência de ambos.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]



Formato da contribuição: resumo de parte da dissertação

Fonte: ALMEIDA, Ana Cristina Pimentel Carneiro de, "O Futuro das Atividades Físicas de Lazer e Recreação Ligadas à Natureza e a Educação Ambiental" Dissertação de Mestrado/UFSC; Orientadora: Prof. Dr. Maria de Fátima da S. Duarte; Co-Orientador: Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento e Prof. Dr. Markus Vinicius Nahas

E-mail do autor: anacrisal@hotmail.com

Títulos acadêmicos principais atuais: Títulos acadêmicos principais: Professora Adjunta do Curso de Educação Física – UFPA / Castanhal; Doutora em Ciências; Mestre em Educação Física, Especialista em Psicologia dos Distúrbios de Conduta; Especialista em Psicomotricidade Relacional Sistêmica

Lazer e Recreação e a Educação Ambiental: uma questão interdisciplinar

Ana Cristina P. C. de Almeida

Preocupados com a questão do lazer no ambiente natural, recentemente vários profissionais em diversos países, vêm divulgando estudos no âmbito dessas atividades onde se evidencia a necessidade de atuação sensibilizada e consciente. Assim sendo, diante da vasta biodiversidade de ecossistemas na realidade brasileira, torna-se ainda mais importante um entendimento quanto à possibilidade de se fazer uso da interdisciplinaridade, para promover a Educação Ambiental na disciplina Lazer e/ou Recreação dos cursos de graduação em Educação Física, de maneira a refletir e fundamentar junto a um grupo que deverá atuar diretamente com a prática de atividades físicas de lazer na natureza.

Professores de Instituições de Ensino Superior/ IES da Região Sul do país, foram convidados a propor alguns preceitos metodológicos de Educação Ambiental a serem incluídos nos programas da disciplina de Lazer e Recreação, a fim de proporcionar a utilização consciente do ambiente natural, a preservação do bem-estar e a qualidade de vida dos indivíduos. Os objetivos da proposta destes preceitos foi o de averiguar, na opinião dos participantes, quais as atitudes e/ou estratégias sugeridas para inibir ou estimular tais tendências no planejamento desta área e também verificar se os professores dos cursos de graduação em Educação Física, da Região Sul do Brasil, abordavam a Educação Ambiental em seus programas da disciplina Lazer e Recreação.

Para analisar as propostas dos docentes, partiu-se de um levantamento bibliográfico, ainda incipiente na área, para possibilitar uma melhor compreensão da dimensão que este assunto assume no fim do século XX e, em seguida, apresentar as indicações feitas pelos participantes do estudo.

LAZER E RECREAÇÃO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O questionamento da interdisciplinaridade na Educação Física vem desde a década de 80 no Brasil, sendo discutida por diversos especialistas preocupados com as constantes tendências que direcionam o ensino nas Ciências do Esporte, como Ghiraldelli Junior (1991) e Medina (1985), apesar do caráter recente desta modalidade como desagregado de outras ciências.

De maneira semelhante, Bramante (1992), Bruhns (1993), Carvalho e Riera (1995), Da Costa (1992), Godbey (1989) e Spink (1995), analisam a questão da interdisciplinaridade no Lazer e na Recreação. O primeiro autor citado considera a categoria mais ampla do lazer, um conjunto interdisciplinar, em que concorrem profissionais de diversas áreas com interações profissionais, sociais, espirituais de conteúdo próprio. Bruhns (1993), ao se referir à questão interdisciplinar, descreve o aspecto complementar de outras ciências, como a sociologia, a antropologia e a filosofia, que favorecem, com suas próprias análises do fenômeno lazer, o desenvolvimento de atividades promovidas.

Na opinião de DaCosta (1992), a diversidade cultural do lazer oportuniza as contribuições das mais diversas áreas envolvidas na questão, e em menor escala a um campo especializado do lazer. Nesta mesma linha, Godbey (1989) defende as contribuições das diversas áreas do conhecimento, como Geografia, História, Psicologia, Teologia, Sociologia entre outras, que envolvem o lazer e a Recreação, não devendo este se limitar apenas a uma base intelectual. Spink (1995) bem como Carvalho e Riera (1995) também compartilham desta idéia.

Ao abordar este tema, Marcellino (1990, p.191) diz acreditar, que devido ao significado e abrangência do Lazer para o homem atual, faz-se necessária a contribuição das várias ciências sociais, da filosofia, de arte-educadores, arquitetos, entre outros, ressaltando que também Dumazedier, "defensor da sociologia empírica," reconhece esta necessidade, para melhor compreensão das questões relativas ao lazer

Ainda no que se refere à interdisciplinaridade, Pastor e Pastor (1997) destacam que, devido à complexidade da problemática ambiental, torna-se evidente seu tratamento e solução junto a outras disciplinas, de forma que todas contribuam nas soluções de problemas tão importantes e urgentes.

Partindo desse princípio, Melo e Almeida (1999, p. 151) descrevem que a Educação Física possui condições de se comprometer com a esfera da Educação Ambiental, pois, ao atuar sobre os corpos dos indivíduos no contexto da natureza, estes exercerão influências de suas atitudes, frente ao ambiente e às condições que ele pode proporcionar.

De maneira semelhante, Cascino (1999, p. 93) acrescenta que a Educação Ambiental vai além da simples discussão sobre os "desequilíbrios" ambientais, caracterizando a necessidade de se considerar posturas humanas inadequadas, através do investimento na "reeducação dos sentidos", visando atenuar os desajustes de uma cultura historicamente situada.

Esta posição é compartilhada por Grün (1996, p.112), ao acreditar que se devem associar os problemas ambientais às atitudes que originaram os "desequilíbrios naturais", caracterizando, desta forma, o papel da Educação Ambiental.

Ao elucidar a questão da interdisciplinaridade, Fazenda (1991, p. 30-31) cita que apesar da inexistência de um único sentido, este termo possui princípios que se caracterizam pelo grau de intensidade de intercâmbio entre pesquisadores de áreas distintas, aliada à integração de disciplinas voltadas a um projeto específico. A mesma autora considera este esforço como "uma tentativa de saber unificado para preservar a integridade do pensamento e o restabelecimento de uma ordem perdida".

Por outro lado, o grau de compatibilidade entre manifestações de lazer e sociedade presente deve se fazer perceber em espaços meticulosamente apropriados, mas sobretudo com participação consciente dos envolvidos, na sustentabilidade do meio onde se desenvolvem as atividades. Deve-se reconhecer que o meio natural e o meio social são indissociáveis pela interferência direta na questão desenvolvimento e preservação, de maneira a garantir possibilidades de qualidade de vida melhor a toda a sociedade, em particular a brasileira, pela importância socioeconômica da sua rica biodiversividade (Almeida, 1996, p. 45).

Este conjunto de inter-relações e interesses sociais exige a busca de uma conduta compatível a um estilo de desenvolvimento que foram dimensionados através dos termos da Lei Maior, Art. 225 – Constituição da República Federativa do Brasil: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações".

Outro importante documento preocupado com as gerações futuras, criado em prol do desenvolvimento sustentável que vem de encontro a estes interesses é a Agenda 21, derivada da ECO-92, nome popular da Conferência das Nações Unidas

sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, juntamente com o Fórum Global das Organizações Não Governamentais (ONGs), que aconteceu no Rio de Janeiro, no mesmo ano. A Agenda chama a atenção de todas as nações para os graves problemas que a humanidade vem atravessando e convoca-as a se unirem em favor de um desenvolvimento sustentável (Barbieri, 1997).

Baseado no documento "Cuidando do Planeta Terra", do ano de 1991, publicado por entidades da Organização das Nações Unidas (ONU), Barbieri (1997) diferencia desenvolvimento sustentável, economia sustentável e uso sustentável:

(1) desenvolvimento sustentável para indicar a melhoria da qualidade de vida respeitando os limites da capacidade dos ecossistemas; (2) economia sustentável, para indicar a economia que resulta de um desenvolvimento sustentável e que, portanto, conserva a sua base de recursos naturais; e (3) uso sustentável para indicar a utilização de recursos renováveis de acordo com sua capacidade de reprodução. (p. 33)

A resultante destas ações que podem gerar melhores condições ambientais é adversa, mas necessariamente alcançam um lugar comum, expresso pela Educação. Esta visão atualmente é compartilhada por vários países preocupados com a questão e indica a Educação Ambiental como a maneira mais eficiente para desenvolver uma consciência sobre o tema.

Viezzer e Ovalles (1995) afirmam que, para se conviver de maneira mais coerente com as idéias da sociedade sustentável, precisa-se de educação que conduza a repensar velhas fórmulas de vida do cotidiano, auxiliando a proposição de ações concretas de transformação da casa, da rua, do bairro, das comunidades, sejam elas no campo ou na cidade.

É inegável a participação conjunta e precípua do professor de Lazer e Recreação, na medida em que se define a consciência ecológica a um grupo também disseminador e provedor de motivações que se incorporam ao movimento ambientalista. Nesta linha, Diesel (1994) comenta que, recentemente, houve a transição da concepção de Educação Ambiental centrada na modificação de valores e comportamentos individuais para uma preocupação com a transformação como projeto coletivo.

Essa complexa questão ambiental exige melhores abordagens com conotações menos ortodoxa, informa Oliveira (1996), visando romper a "tradição segmentada e reducionista e, requerendo a aplicação de métodos multi e interdisciplinares".

Sobre a metodologia apropriada no momento, Pastor e Pastor (1997) expressam idéia semelhante à de Meyer (1994), enfatizando que a mera transmissão de

informações e dados, bem como a aquisição de atitudes de forma mecânica e automatizada são ineficazes, exigindo-se, atualmente, uma atitude formativa para compreender e analisar a diversidade sócio-cultural e biológica, inserida numa abordagem transformadora. "Impor atitudes, condicionar condutas, adestrar comportamentos não passam de um verniz pedagógico".(p.59).

Ao ser abordada nos programas de ensino de Lazer e Recreação, a Educação Ambiental deverá, conforme Pastor et al. (1997), constar em todos os itens do programa, tais como obietivos, procedimentos, conteúdos, como também na avaliação, não permitindo que se torne apenas uma "declaração de intenções".(p.80)

A elaboração de projetos de Educação Ambiental passou a ser uma preocupação de grupos sociais no Brasil, das ONG's e dos órgãos da esfera governamental. A proliferação desses projetos desencadeou o estabelecimento de parâmetros claros para conceituação e desenvolvimento, que incluem, no mínimo, a delimitação do seu âmbito, de sua inserção no sistema educacional e, sobretudo, das diretrizes para o planejamento curricular e posterior avaliação (Krasilchik, 1994).

Por outro lado, o comprometimento Lazer x Ambiente propicia também um processo pedagógico não formal constituído no universo educativo que se fundamenta como um método de ensino (estruturado, sistemático e não padronizado) e se desenvolve de forma paralela à educação formal, orientando seus objetivos na aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de atitudes positivas sobre o mesmo ambiente (natural e sócio-cultural), através de atividades essencialmente práticas e de duração variável, afirma Gonzáles (1991).

A interação do Lazer com a Educação Ambiental é essencial na associação da aprendizagem de informações e na vivência de técnicas que possibilitem o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da ludicidade com a prática de ações e atitudes ambientais desejáveis, o que possibilitará ao aluno o pensar, sentir e agir em consonância com a natureza (Wickert, 1992).

De maneira singular, Tubino (1992) esboça alguns indicadores capazes de tracar um delineamento da sociedade atual perante projeções das atividades físicas, considerando os novos contextos para o início do próximo século e reconhecendo algumas macrocaracterísticas: "a revolução tecnológica, a sociedade de massas, as revisões conceituais, a relativização com a ecologia e a percepção de que estamos num mundo discenso" (p.126-127). Este autor pressupõe uma nova acomodação no campo social do esporte, listando algumas projeções. Das oito projeções listadas, destacam-se as duas primeiras que indicam a continuação do surgimento de modalidades esportivas ligadas à natureza e o aparecimento sistemático de modalidades relacionadas à aventura do homem. Além disso, cita que "o excesso e a falta de cuidado têm levado os ambientes de

disputa ao ponto de exaustão indesejável. Certamente este será um novo conflito no século XXI" (p.136).

Observa-se que a preocupação ambiental deixou de ser tratada apenas por ecólogos para tomar dimensões interdisciplinares e, no ensino fundamental, já é facultado ao professor de Educação Física a ênfase na Educação Ambiental, que direciona a uma atuação voltada principalmente ao uso adequado dos recursos naturais. Porém, o que se observa no cotidiano escolar é que, geralmente, os profissionais da área ignoram as relações globais de causa e efeito por falta de tempo, dedicação e até experimentação científica, o que tornaria o assunto mais pró-ativo, além da simples "conscientização" e, portanto, de maior importância ao aprendizado.

Receosos com as questões ambientais, recentemente vários profissionais, em diversos países, vêm divulgando estudos no âmbito das atividades de lazer no ambiente natural, em que se evidencia a necessidade de atuação sensibilizada e consciente diante do ambiente natural. Assim sendo, diante da vasta biodiversidade de ecossistemas na realidade brasileira, torna-se ainda mais importante um entendimento quanto à possibilidade de se fazer uso da interdisciplinaridade, para promover a Educação Ambiental na disciplina Lazer e/ou Recreação dos cursos de graduação em Educação Física, de maneira a refletir e fundamentar junto a um grupo que deverá atuar diretamente com a prática de atividades físicas de lazer na natureza.

Este estudo buscou avaliar a ênfase proporcionada ao conteúdo disciplinar de lazer e Recreação nas Instituições de Ensino Superior/IES, da Região Sul do país, no sentido de verificar se havia a abordagem da Educação Ambiental em seus programas de Ensino. Como complemento a esta investigação, ocorrida no ano de 1999, os professores consultados foram convidados a propor alguns preceitos metodológicos de Educação Ambiental a serem incluídos nos programas da disciplina Lazer e/ou Recreação - considerando as diferentes denominações adotadas pelas instituições -, no sentido de proporcionar a utilização consciente do ambiente natural.

Os participantes do estudo foram convidados a propor até cinco sugestões metodológicas para que a Educação Ambiental pudesse ser vislumbrada nos programas da disciplina Lazer e Recreação, nos cursos de Educação Física das Instituições de Ensino Superior.

ANÁLISE DOS PROGRAMAS DA DISCIPLINA LAZER E/OU RECREAÇÃO DAS IES/SUL

Análise do Conteúdo Programático

Na análise do conteúdo programático foi utilizado um questionário, identificado como "Anexo A", que foi apresentado aos professores da disciplina Lazer

e/ou Recreação das IES da Região Sul, para preenchimento e retorno junto com a cópia do programa da disciplina. Foi solicitado aos participantes que, entre os conteúdos listados no questionário, marcassem aqueles que costumam abordar em seu programa (planejamento) da disciplina Lazer e Recreação, e que estipulassem por alto, um percentual desta distribuição, de forma a atingir um total de 100% na carga horária dos tópicos trabalhados.

Os dados apresentados foram analisados considerando-se a média, moda, desvio padrão e amplitude das respostas obtidas. Ao avaliar a amplitude considerou-se, em cada um dos conteúdos apresentados, o zero como referência mínima, e como referência máxima, o percentual mais alto estipulado pelos respondentes. Dos conteúdos listados, três são contemplados em mais de 95% dos programas, sendo eles: Políticas Públicas de Lazer; Recreação Escolar; Significados e Funções do Lazer. Com uma amplitude menor, os demais conteúdos, seguindo também a ordem decrescente de concentração nos programas, aparecem na seqüência: Jogos e Brincadeiras; Brinquedos cantados / Lazer Não-Formal; Lazer na Terceira Idade; Lazer e Educação Ambiental

Observou-se durante a análise do questionário, referente ao conteúdo dos programas da respectiva disciplina, que alguns professores priorizavam a concentração em demasia de um conteúdo em detrimento de outros, como Políticas Públicas de Lazer, com maior desvio padrão e maior amplitude, enquanto o Lazer na Terceira Idade e Lazer e Educação Ambiental, aparecem nesta ordem com menor desvio padrão e menor amplitude. Há de se considerar também que o número de professores que mencionou trabalhar estes dois últimos conteúdos é bem inferior.

Os resultados obtidos neste estudo, no que se refere à amplitude de conteúdos abordados na disciplina Lazer e Recreação nos cursos de Educação Física, são similares àqueles encontrados por Valente (1993). Na análise da disciplina Lazer e Recreação no currículo de formação do profissional de Educação Física no Nordeste do Brasil, a autora encontrou uma diversidade de conteúdos programáticos abordados nesta disciplina, como foi observado também na região Sul do país.

No que se refere aos conteúdos citados anteriormente, o que os participantes mencionaram que gostariam de ampliar na carga horária a ser trabalhada, em ordem crescente de preferência, são os seguintes: (1) Recreação Escolar; (2) Brinquedos cantados; (3)Lazer Não-Formal e Lazer para Terceira Idade; (4) Significados e Funções do Lazer e Lazer, Meio Ambiente e Educação Ambiental.

Os conteúdos que ocupam o terceiro e quarto lugar empataram quanto à preferência de aumento da carga horária. Outros conteúdos também foram requisitados para aumento de carga horária na instituição do respondente. Abaixo cita-se categorizados, todos os conteúdos indicados, não havendo neste momento nenhuma correlação com a ordem de apresentação.

CONTEÚDOS DE LAZER E/OU RECREAÇÃO

· Recreação Escolar; Programas de Recreação; Brinquedos cantados; Jogos e Brincadeiras; Recreação Ocupacional; Lazer Não-Formal; Lazer para Clientelas Especiais; Teoria, significados e funções do Lazer; Lazer, Educação Ambiental, Meio Ambiente; Tecnologia e Lazer; Políticas Públicas do lazer; Lazer Ecológico ou Lazer Rural; Educação para o Lazer; Jogos, Inteligência e Teoria da Aprendizagem; Danças Folclóricas; Atividades Culturais (História, teatro, etc.)

Análise dos Programas (Planejamentos) da Disciplina Lazer e Recreação das IES da Região Sul

Para fins deste estudo, em cada um dos programas foi observado se a Educação Ambiental encontrava-se contemplada em cinco campos: ementas, objetivos, conteúdos, metodologias e referências bibliográficas. Como esclarecido anteriormente, neste estudo não houve a intenção de uma análise mais aprofundada dos conteúdos dos documentos apresentados, mas sim apenas uma constatação se a Educação Ambiental estaria sendo abordada, de forma direta ou indireta nos planejamentos das IES da Região Sul.

Da observação feita nestes documentos, pôde-se constatar que em nenhum dos programas aparece o termo Educação Ambiental ou uma abordagem direta do assunto.

Em apenas 7 dos 17 programas analisados, há menções à possibilidade de um trabalho voltado a este objetivo, de uma forma subjetiva, deixando margens a uma interpretação bem intencionada por parte da pesquisadora. Há de se considerar que o assunto abordado neste estudo é relativamente novo.

A seguir apresentam-se os tópicos destacados nos programas, e para referir-se às instituições e ao planejamento da disciplina Lazer e Recreação da mesma, adotou-se a sigla IES seguida de uma letra do alfabeto, de forma a manter o anonimato.

Nas abordagens aqui consideradas, destacam-se as seguintes observações acerca dos programas:

IES-A

Nesta instituição, há um destaque à missão da instituição que seria "a melhoria da qualidade do ambiente de vida para a promoção do desenvolvimento regional".

Outro ponto, ainda neste programa, que comportaria a presença da Educação Ambiental fez-se presente nos objetivos e conteúdos. No que diz respeito aos

objetivos refere-se "a melhoria da qualidade de vida através da produção de conhecimentos e transformação social".

Nos conteúdos, o item "Recreação e Educação – jogos recreativos e a relação interdisciplinar, formas de organização", permitem, através da ação interdisciplinar a dimensão globalizada de nossas ações.

IES-B

Este programa, na parte dos conteúdos, aborda a questão do Lazer na atualidade brasileira, bem como o processo de transformações culturais nesta sociedade "considerando interação entre ação e significado". Destaca-se também a possibilidade educativa do Lazer. Esta Instituição desenvolve um projeto de apoio ao município, visando à formação discente com estímulo para "realização de eventos de apoio, impacto e especial na área do Lazer".

Neste aspecto, a Educação Ambiental poderia ser abordada ao se detectar as novas modalidades de Lazer que surgem ligadas ao ambiente natural e suas conseqüências, fazendo um elo com as transformações culturais e da sociedade, alertando para a responsabilidade individual, onde toda ação leva a uma reação. Deste modo, ao usufruir do ambiente natural para prática de atividades físicas, torna-se importante a consciente utilização deste espaço.

IES-C

Entre os tópicos dos conteúdos, encontram-se: itens como "possibilidades de atividades no meio ambiente, análise dos locais de lazer da população e projetos de lazer em diferentes espaços".

Nos objetivos, encontra-se "possibilitar a elaboração de projetos que envolvam atividades recreativas em diferentes ambientes".

Na avaliação, oportuniza-se a "elaboração de projetos envolvendo lazer em diferentes espaços públicos e privados".

Observa-se que se valoriza a prática do Lazer em diferentes ambientes e poderia acomodar valores educacionais e uma utilização sensibilizada destes locais, quando se refere a fazer uma análise dos locais de Lazer da população.

IFS-D

Neste programa encontraram-se os seguintes tópicos nos objetivos: "apontar perspectivas de redimensionamento das práticas culturais de lazer na realização

de visitas a espaços e equipamentos específicos e não-específicos no âmbito do lazer; planejar, organizar e avaliar eventos de Lazer".

No que tange aos conteúdos, destaca "Lazer e Educação: a relação lazerescola-processo educativo- os valores associados ao lúdico no processo educativo".

Existe uma preocupação com as respectivas mudanças relativas às práticas culturais do Lazer, bem como o cuidado de avaliar os eventos organizados. Associado a isto, proporciona destaque ao valor educativo agregado ao lúdico, deixando margem a um trabalho que possa abordar a questão ambiental.

IES-E

O programa desta instituição privilegia em seu conteúdo "uma abordagem conceitual das relações existentes entre Educação Física, Recreação e Lazer, dentro de uma visão histórica e com vistas às perspectivas contemporâneas" e faz uma justificativa de seu plano onde os alunos deverão saber aplicar as atividades recreativas para as diferentes faixas etárias, bem como nos diferentes ambientes. Entre seus tópicos do objetivo, encontra-se também a aplicação de atividades recreativas no ambiente escolar e extra-escolar.

Feita esta breve análise de conteúdos dos planos de ensino das disciplinas de Lazer e Recreação, pode-se observar que a questão da Educação Ambiental parece estar permeada no desenvolvimento da disciplina, mas em nenhum momento o fato ficou evidenciado, sem deixar margens a dúvidas.

O lazer no mundo contemporâneo, as possibilidades educativas e interdisciplinares do lazer, a preocupação com a qualidade de vida e o desenvolvimento integral do ser humano, foram tópicos encontrados em outros programas; comportaria tais aspectos a contemplação da questão ambiental, mas, como o assunto é muito amplo, torna-se difícil tal constatação.

Nos demais programas observados, um total de 10 (dez), nenhuma menção levou a acreditar estar sendo desenvolvido um trabalho voltado à Educação Ambiental, o que não descarta a possibilidade de o professor estar atento a estas questões, considerando que o planejamento é um referencial básico do conteúdo que o professor almeja trabalhar. Porém, a sua ação na sala de aula pode contemplar ou não o que está exposto no programa, da mesma maneira que o possibilita ir além deste referencial básico. Cabe salientar que os programas avaliados são os que constam como apresentados pelo professor para aplicação no ano de 1999. Existem professores que deixaram clara sua insatisfação com o documento, propondo mudanças para o próximo ano.



Em síntese, observou-se que a Educação Ambiental não está formalizada, enquanto conteúdo, nos programas da disciplina Lazer e/ou Recreação das IES/ Sul que enviaram o planejamento para este estudo.

Neste sentido, torna-se importante uma preocupação nos dias atuais no que diz respeito a estas práticas e às questões ambientais, visto que as atividades físicas de Lazer e Recreação no ambiente natural estão crescendo a cada dia.

Sugestões Metodológicas para contemplar a Educação Ambiental na disciplina Lazer e/ou Recreação

As sugestões apresentadas pelos participantes foram separadas em três categorias: Enfoque geral da disciplina (mudança de enfoque); Alteração do conteúdo ministrado e Estratégias de dinamização. A seguir apresentam-se as respectivas categorias com as sugestões propostas.

ENFOQUE GERAL DA DISCIPLINA (ALTERAÇÃO DO ENFOQUE)

- Incluir fundamentação sobre Educação e lazer, incluindo "Ecosofia", ou seja, a ecologia social, não se restringindo ao plano físico.
- Pensar a disciplina Lazer e Recreação diferentemente do que ela foi "inventada", quando implantada nos cursos de Educação Física, por alguns professores ligados ao regime militar;
- Romper com a falsa dicotomia teoria/prática existente na área, que confunde teoria com discurso vazio e prática como tarefismo;
- Esclarecer que a Educação Física, em todos os seus campos de atuação, tem ligação com a Recreação e o Lazer, mas estes não se restringem a ela;
- · Dar as bases ideológicas que sustentam o lazer mercadoria e o lazer na perspectiva sócio-educativa da transformação da sociedade - vivência de valores que denunciem o atual estado das coisas, e anunciem a possibilidade do novo;
- Incentivar as práticas da sociedade e da cultura tradicionais, e não apenas as eruditas reguladas pela regra olímpica;
- · Contextualizar a prática física no cotidiano e não apenas como prática especializada de academias, buscando aproximar os alunos das práticas artísticas, artesanais e associativas:



- Ter como centro a questão antropológica situar o Lazer e a Ecologia como a ponta do processo civilizatório nos seus aspectos positivos e negativos, nas construções culturais e suas manifestações;
- Ter uma ampliação teórica integrada sobre todas as disciplinas e áreas implicadas (Sociologia, Antropologia, Educação Física, Psicologia, Ciências Sociais, etc.), numa perspectiva interdisciplinar;
- Fugir do insucesso didático, reinante no meio acadêmico, de aulas teóricas com provas periódicas. É preciso uma didática dinâmica com exposições, atuações em loco entre outras;
- Construir uma nomenclatura, na neologística, que consiga identificar este campo de estudo/trabalho, bem como um campo estrutural teórico, material expositivo (filmes,etc) devido às pouquíssimas publicações, pesquisas e materiais existentes no país;
- Manter, paralelos aos cursos, eventos, encontros, exposições que consigam contribuir para a divulgação desta área; aglutinar assuntos; estruturar referenciais teóricos, e ou expositivos, dinamizar e incentivar os estudantes e professores envolvidos, criando, por fim, uma cultura Lazer/Ecológica, conforme o respondente, ainda inexistente;
- Criar uma cadeira formadora de recreadores para pousadas, hotéis fazendas, parques aquáticos, etc.
- Incluir a Educação Ambiental no contexto do Lazer e da Recreação como disciplina optativa a partir de 2001, com congressos sobre o tema, e obrigatória a partir de 2002, também com congressos e seminários;
- Estimular a reflexão permanente e a crítica sobre a Educação Ambiental, Lazer e Recreação;
- Articular as universidades com os programas políticos municipais e estaduais, visando à inserção dos alunos e professores para intervirem com sugestões, propostas, até mesmo de resistência;
- Conhecer a legislação vigente na área do desenvolvimento sustentável, bem como estudar a legislação brasileira referente à Educação Ambiental;
- Formar guias ligados aos ambientes municipais, estaduais e nacionais, com relação à prática dos esportes nos ambientes naturais;

- Estimular os cuidados no acesso aos ambientes naturais e na prática dos esportes nestes ambientes;
- Ampliar os conhecimentos gerais sobre meio ambiente, proteção, conservação, recuperação e sustentabilidade;
 - · Selecionar bibliografia adequada da área em questão;
- · Atentar para o papel do Estado e da Iniciativa Privada em relação à Educação Ambiental:
- Ampliar o entendimento de homem e sua relação com o outro, com ele mesmo e com a sociedade, não restringindo a natureza somente a questões que envolvam o verde, as matas;
- Compreender a Educação Ambiental em um sentido mais amplo, para além da preservação em si, compreendendo-a inserida no contexto sociocultural;
- Compreender a importância do lazer como forma de reunificar cidadãocidade, investindo na formação de um profissional de lazer que compreenda a cidade como instalação de lazer;
- Compreender a Educação Ambiental pela perspectiva do desenvolvimento moral e ético da sociedade na amplitude de suas relações;
- Iniciar a discussão crítica embasada nos conhecimentos da Psicologia e da Pedagogia, referentes ao desenvolvimento humano sobre o papel de divertimento, prazer e alegria, entre outros, como elementos presentes em todas as formas de atuação do ser humano e, em específico, no lazer, levando em conta a mudança nas formas de trabalho causada pelo progresso tecnológico, científico e artístico:
- Demonstrar que as relações e as condições atuais apontam a necessidade de desenvolver a criatividade necessária em todas as áreas de atuação humana, como conseqüência do progresso tecnológico científico;
- Desenvolver pesquisas que demonstrem o papel do lazer na totalidade da vida do homem, principalmente em relação aos resultados sociais e pessoais de sua atuação;
- Criar condições para a realização pessoal orientada pelos objetivos de desenvolvimento social;

ALTERAÇÃO DO CONTEÚDO MINISTRADO

- · Considerar ou ministrar a Educação Ambiental vinculada a fatores de ordem econômica, social e cultural:
- · Contemplar nos programas da disciplina Lazer e Recreação conteúdos do tipo: Gestão e Administração de Eventos de Recreação e Lazer no Meio Ambiente; Turismo, Lazer e Educação Ambiental; Atividades de Lazer na Natureza para Grupos Especiais; Atividades Esportivas Não-Formais de Lazer na Natureza; Recreação, Lazer e Turismo Ecológico; Ecologia Corporal/integração corpo e meio ambiente; Acampamento como Identificação, Estudo e Propostas de Solução, para os problemas apresentados nas determinadas regiões; Esportes de Aventura desenvolvidos no meio natural
- · Acrescentar conceituação geral sobre os termos inerentes ao conteúdo: Espaco, Meio Ambiente, Ecologia, Preservação/Conservação, Desenvolvimento Sustentado, entre outros:
- Inserir temas de Educação Ambiental na disciplina Recreação, como também na especialização, mestrado e doutorado;
- · Desenvolver conteúdos ligados ao conhecimento da evolução histórica das relações ser humano/ meio ambiente, da convivência harmoniosa à exploração indiscriminada até a busca de uma reconciliação através do conceito de sustentabilidade múltipla:
- · Viver experiências concretas de aproximação com a natureza, tendo a ludicidade como eixo norteador:

ESTRATÉGIAS DE DINAMIZAÇÃO

- · Propor linhas comparativas de pesquisas entre programas de Educação Ambiental com base em tecnologias de ponta e formas tradicionais (de populações nativas) de defesa do meio ambiente;
- Incentivar programas de Educação Ambiental dirigidos a públicos alvo diferenciados:
- Incentivar os estudos interdisciplinares, especialmente entre disciplinas dos campos biológico, arqueológico e sociocultural;
- · Construir o RIMA (Relatório de Impacto ao Meio Ambiente) do bairro onde está instalado o Campus do curso de Educação Física;

- Desenvolver estudo de viabilidade de cada região, onde estão inseridos os cursos de Educação Física, para prática de lazer ligado à natureza;
- Trabalhar, na disciplina Lazer e Recreação, atividades que propiciem uma atitude positiva, que possam incrementar uma melhoria da qualidade de vida em ambientes naturais, tais como: o planejamento e execução de trabalhos com ecoturismo, caminhadas ecológicas, acampamentos, gincanas, colônias de férias, fotografias, entre outras.
- Promover oficinas, estágios, workshop, participação e realização de eventos acadêmicos, incentivando a pesquisa e com conseqüente publicação de trabalhos e avaliação de todos os aspectos do processo;
 - Estabelecer programas de ensino, pesquisa e extensão acerca da problemática;
- Trabalhar a conscientização da comunidade, por meio dos alunos, de comitês, grupos de estudos, equipe de trabalhos voluntários;
 - Utilizar recursos pedagógicos como conferências, vídeos, música, teatro;
- Destacar eventos e competições pertinentes ao assunto, e aspectos de sua organização/operacionalização relacionados à questão ambiental, apresentando relatórios críticos referentes à realização de eventos;
- Criar parcerias do curso com eventos oficiais para assimilação da filosofia e objetivos da realização dos mesmos;
- Introduzir palestras sobre o ecoturismo e programar participação em eventos ecológicos;
- Criar um dia do ano ou semestre letivo como "Dia de Conscientização Ambiental";
 - · Provocar a demanda de atividades junto à natureza;
- "Mapear" as possibilidades de pesquisa nesse campo de atuação, desde pequenos inventários até projetos integrados nessa área;
- · Informar sobre a criação de parques temáticos, fazendas, sítios de lazer, legislação e infra-estrutura;
 - · Visitar áreas de conservação onde haja programas e projetos para visitantes;

- · Propor aulas práticas e experiências em Educação Ambiental;
- Preparar cartilhas de orientação para a comunidade, devendo ser clara e bem ilustrada e desenvolver ações efetivas com a mesma;
- Relacionar os aspectos sociais, econômicos, políticos que envolvem a questão do meio ambiente, permitindo um entendimento das atitudes diárias do homem para com ele e suas relações com nossa sobrevivência;
- Estimular a pesquisa de campo, não somente aquela de cunho monográfico, mas a de observação de hábitos e atitudes dos visitantes da natureza, colocando os acadêmicos mais próximos das situações;
 - · Criar e capacitar cursos técnicos de "Agentes de Lazer";
- Políticas de esporte voltados para o meio ambiente adaptação de esportes, criação e difusão de esportes já existentes;
- Criar parcerias com as empresas, prefeituras e comunidades locais próximas para desenvolver a Educação Ambiental;
 - · Fomentar concursos com apoio/patrocínio de empresas privadas;
- Analisar, refletir, discutir casos de experiências positivas e negativas no desenvolvimento de Educação Ambiental de outros países e adaptar as práticas às realidades locais;
- Desenvolver campanhas publicitárias, otimizar a mídia, incentivando parcerias de cursos e disciplinas com foco em Educação Ambiental e faculdades de jornalismo/publicidade e propaganda.

A seguir, apresentam-se as sugestões dos participantes do estudo, no que se refere aos impactos que estes eventos possam acarretar ao estilo de vida das pessoas.

IMPACTOS DOS EVENTOS DE LAZER LIGADOS À NATUREZA NO ESTILO DE VIDA DAS PESSOAS

As sugestões foram direcionadas a duas possibilidades: impactos positivos e impactos negativos. Um dos respondentes, destaca que a oposição entre o aumento do entretenimento no recinto do lar e a crescente busca de vivências de lazer na natureza constitui-se em um dos "paradoxos do lazer no presente/futuro".

IMPACTOS POSITIVOS

Questionados quanto aos impactos que os eventos ligados à natureza poderiam causar no estilo de vida das pessoas, os respondentes mencionaram como positivo, entre outros fatores, a busca de divertimento, aliada à alteração das emoções, como resposta ao crescimento tecnológico e a uma cultura de massas.

O próprio lazer é encarado como um princípio de vida, ou seja, um estilo mais criativo, mais humano e principalmente mais feliz. Haverá a possibilidade de uma sociedade com ambientes mais saudáveis, o que irá colaborar para uma melhoria da qualidade de vida, em que a Educação Ambiental, utilizada como forma de educar para a sensibilidade, possibilitará a formação de uma sociedade mais solidária, coletiva, alegre, onde o Lazer ocupará um lugar vital.

Esta repercussão crescente irá gerar mudanças no estilo de vida das pessoas, e deverá ser "fomentada e estimulada por formadores de opinião, no que se refere às atitudes e comportamentos de mudanças".

Este novo estilo de vida através do crescimento de formas alternativas de Lazer, ligadas ao ambiente natural, contribuirá para a formação de uma nova mentalidade e oportunizará as pessoas a exercitarem uma nova forma de pensar e viver o ambiente, nova forma de relacionar-se com o outro, tanto no trabalho como no Lazer.

A ocupação do tempo livre será privilegiada com mais opções de Lazer, proporcionando a recuperação do stress diário, o desenvolvimento pessoal e o descanso, favorecendo o equilíbrio psicossomático das pessoas, motivando o cuidado do planeta, aumentando ao mesmo tempo a consciência ecológica, o tempo de lazer na natureza e o acesso da população a estas práticas.

A nova "relação indivíduo/natureza" inspirará novas práticas de Lazer ao ar livre, estimulará a mudança de hábitos, e alertará as pessoas para outras opções de Lazer, fora do ambiente urbano.

Como os países desenvolvidos e em desenvolvimento estão centralizando suas atenções na questão do tempo livre e do lazer, isto estimulará o Brasil a se pronunciar como potencial de trabalho, diversificar as atividades de lazer, a economia nacional e as oportunidades empresariais e de emprego, com aprovação e apoio da população na recepção de turistas.

IMPACTOS NEGATIVOS

Há, também, a preocupação, entre os participantes do estudo, com os impactos considerados negativos com a prática de tais atividades, com os chamados modismos, salvo em regiões onde há um trabalho de conscientização da comunidade. A possibilidade de ser uma "febre", um momento, como tantos foram, sem desenvolver uma cultura para tal, "reforçará uma mentalidade já existente no Lazer, pela maioria dos eventos de caráter comercial e aparentemente desenvolvimentista" (participante A).

Haverá a necessidade de algum compromisso social nas atividades de tempo livre, defende um respondente, dizendo com isso que o "puro divertimento não pode constituir o futuro do Lazer do homem culto e interessado no seu desenvolvimento em conjunto com as mudanças nas condições de vida e dos valores morais" (participante B)

O desconhecimento por parte dos praticantes dos princípios do ecoturismo ou quaisquer outras atividade neste meio torna-se questionável em termos de contribuição para estes e para a natureza, em função do despreparo das pessoas para o reencontro com a natureza, visto que seus hábitos não apresentam mudanças significativas.

O estilo de vida forjado pela indústria do entretenimento, como lazer mercadoria, abertura de parques temáticos sem relação com nossa natureza e histórias tão ricas, como destaca um dos respondentes, reforçado pelo poder da mídia, influencia e continuará influenciando novos hábitos das pessoas em relação à prática de atividades em contato com a natureza, em virtude de um desconhecimento por parte dos praticantes dos princípios do ecoturismo. O "evento-atividade," por si só, será incapaz de efetivar mudanças em termos de "atitude ao lazer ecológico".

Existe, entre os participantes do estudo, a preocupação do mau uso dos recursos naturais (sujeira, poluição, etc.), o que restringirá as possibilidades de proveito dos bens naturais, reforçando o desenvolvimento da competição e da indiferença com o ambiente e seu próximo, pelas atividades de lazer.

Acreditam que deverá ocorrer preocupações acerca da utilização do lazer, em função do aumento do tempo livre e da diminuição da carga horária de trabalho e das impossibilidades de acesso de grande parte da população em funções das exigências econômicas. Preocupa-os também o impacto repentino, de difícil avaliação.

Desta forma, resumem-se as opiniões dos respondentes no tocante aos impactos no estilo de vida das pessoas. Buscou-se ser o mais fiel possível às sugestões apresentadas no texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sugestões metodológicas apresentadas concentram-se nas alterações a serem efetuadas no enfoque geral da disciplina, no conteúdo ministrado e nas

estratégias de dinamização utilizadas. As sugestões de alteração no enfoque e no conteúdo versaram em torno do trabalho interdisciplinar, o incentivo as linhas de pesquisas, a elaboração e efetivação das atividades, a preparação de materiais educativos para a comunidade, e vivências de experiências concretas, enquanto as sugestões de estratégias de dinamização foram arrojadas e diferenciadas, propondo desde a reflexão crítica permanente às mais diversas maneiras de obter o rompimento com as práticas acadêmicas tradicionais de ensino da disciplina. Nesta última estratégia, as práticas de esporte na natureza são bem enfocadas, fortalecendo a necessidade da relação da Educação Ambiental com a disciplina Lazer e/ou Recreação.

A análise dos conteúdos trabalhados nos programas de Lazer e Recreação revelou a amplitude de conteúdos abordados, não havendo homogeneidade nos programas analisados. Políticas Públicas de Lazer, Recreação Escolar, Significados e Funções do Lazer foram os conteúdos trabalhados quase na totalidade (95%) dos programas. Por outro lado, Jogos e Brincadeiras, Lazer Não-Formal, Lazer e Terceira Idade e Lazer e Educação Ambiental foram os menos contemplados.

Indiretamente pôde-se verificar uma possível ênfase dada à Educação Ambiental em 29% dos planejamentos analisados, não constatando a presença do termo Educação Ambiental em nenhum dos planejamentos observados. Entretanto, há menções que remetem à possibilidade de um trabalho voltado a estas questões, deixando margens à interpretação da pesquisadora. Importante ressaltar que o fato de o programa não contemplar tal conteúdo não significa que o professor esteja alheio a estas questões, visto que o programa é flexível e, por vezes, se trabalha conteúdos não listados no programa.

Além disso, precisa-se atentar para os possíveis impactos gerados por estas atividades ao ambiente natural, necessitando promover ações educativas em torno da questão ambiental, não só ligadas à natureza mas a todo ambiente que cerca o homem. Recomenda-se, portanto, a Educação Ambiental como eixo transversal nos currículos de graduação em Educação Física, nos quais os conteúdos possam ser abordados a partir de estratégias diversificadas e de acordo com o conjunto de disciplinas acadêmicas oferecidas pelas instituições.

Concluindo, os resultados deste estudo evidenciaram que os eventos ligados à natureza tendem a continuar crescendo. Neste sentido, acredita-se ser necessário a tomada de providências para promover uma relação harmoniosa do homem com o ambiente em que realiza as atividades de Lazer, de forma a garantir a continuidade e sobrevivência de ambos.

Parece haver um consenso entre os especialistas sobre a necessidade de uma Educação Ambiental, não só para as pessoas ligadas às atividades físicas de Lazer e Recreação no ambiente natural, mas para todos os indivíduos, bem como aos profissionais que atuam diretamente com os envolvidos nestas práticas, estando a disciplina Lazer e Recreação devidamente envolvida neste processo.

Quanto aos impactos que as atividades físicas de Lazer e Recreação possam causar ao estilo de vida das pessoas, foram citados impactos positivos e negativos. Entre os impactos positivos, encontram-se as experiências junto à natureza, as mudanças significativas no estilo de vida e nas alternativas de lazer e maior sensibilização à causa da preservação. Entre os impactos negativos encontra-se o reforço da mentalidade já existente no lazer de caráter comercial com rótulo desenvolvimentista, restrição às possibilidades de proveito dos bens naturais em função da má utilização destes bens, e os modismos.

As novas tendências de lazer foram associadas ao crescimento econômico, à cultura de massas, ao aumento do tempo livre e à diminuição da carga horária de trabalho, estabelecendo uma nova relação entre o homem e a natureza, mudando hábitos e oportunizando novas alternativas de lazer.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]



Publicação original: artigo periódico

Formato da contribuição: texto

Fonte: Corpoconsciência n.6, Santo André, 2000

E-mail dos autores: eliz_carol@hotmail.com; valpadilha@fearp.usp.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Marin: Doutora em Ciências da Comunicação e Professora do CEFD - UFSM; Doutora em Ciências Sociais e Professora da FEA USP; Padilha: Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, Docente no

Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos

Lazer e consumo no espaço urbano

Elizara Carolina Marin Valquíria Padilha

DISCUSSÕES ACERCA DO LAZER

Não é incorreto afirmar que o lazer sempre existiu. Todas as sociedades conheceram o tempo livre e, em algumas delas, este tempo era muito superior ao que dispomos hoje. No entanto, a noção de lazer foi sendo modificada com o passar dos séculos em decorrência das diferentes formas de organização social.

A civilização grega foi a que melhor permitiu a realização do homem no lazer. O cidadão grego levava uma vida de lazer, sendo que, o que contava era a plena expressão de suas nobres virtualidades. O trabalho era considerado degradante e ficava reservado aos escravos e o acesso ao lazer indicava o pertencimento a uma certa casta. É no século XIX, com o aparecimento das primeiras sociedades industriais, que o trabalho torna-se o valor central do sistema social, do mesmo modo que o lazer é criticado do ponto de vista da economia e da moral.

O lazer moderno é marcado por três características, segundo Roger Sue (1988: 15), "uma característica material: um tempo disponível e homogêneo para a prática dos lazeres; uma característica social: a generalização dos lazeres ao conjunto da população; uma característica institucional: a coletividade pública assume a responsabilidade de certos lazeres."

Na literatura atual que trata do lazer, ele comumente aparece segundo duas variáveis: o tempo e a atitude. Sob a variável atitude, o lazer é conce-



bido como um estilo de vida e caracteriza uma relação entre o sujeito e a experiência vivida de forma que ela propicie satisfação. A variável tempo considera o lazer segundo a idéia de tempo livre, de liberação do trabalho e das obrigações sociais diárias.

A conceituação de lazer elaborada pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier (1980:19) tem servido de referência para a maioria dos estudiosos do assunto, embora mereça alguns questionamentos. Ela pode ser assim enunciada: "Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais."

O conteúdo destas ocupações escolhidas pelo indivíduo pode ser diferente conforme alguns interesses: físico, artístico, intelectual ou social.

Na caracterização do lazer, este autor deixa claro que a atividade deve ser desinteressada, ou seja, não pode ter fim lucrativo, utilitário ou ideológico. Quando uma atividade está ligada a alguns destes fins, deve ser chamada de "semilazer". Assim, pode-se chamar de "semilazer", por exemplo, quando um amante da jardinagem resolve plantar também algumas verduras para sua alimentação.

Parece complicado estabelecer, como o faz Joffre Dumazedier (1980), critérios muito determinados para tratar do grau de autonomia das atividades de lazer em relação ao que está sendo considerado como obrigação. A definição deste autor ainda associa as atividades de lazer à satisfação de determinadas necessidades humanas: descanso, divertimento, recreação e desenvolvimento da personalidade mas, não compreende a dinâmica social na qual se manifestam essas necessidades.

Esta idéia de necessidades iguais para todos, passíveis de serem satisfeitas com atividades também iguais para todos, assemelha-se à premissa fundamental do esquema teórico do funcionalismo.¹ Então, a conceituação exposta por Joffre Dumazedier fica restrita às funções que o lazer pode ou não corresponder, distanciando-se da perspectiva dialética que vincula as necessidades humanas sem hierarquizá-las - ao processo histórico e às transformações da civilização.

Existe ainda uma distinção entre termos que acabam sendo confundidos: lazer, tempo livre e ócio. Ócio, derivado do latim *otium* traz consigo a idéia de tranqüilidade, de repouso, de não fazer nada. No Oriente, esta palavra ganhou o significado de contemplação e no Ocidente, repouso.² A palavra lazer deriva do verbo *licere* que, em latim, quer dizer "ser permitido", "poder", ou seja, ao lazer está ligada a idéia de liberdade de fazer.



Nelson C. Marcellino (1990:28) sugere a utilização de "tempo disponível" no lugar de "tempo livre" pois, "tempo algum pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social". Roger Sue (1988) é um outro autor que considera o lazer como um fenômeno da sociedade, na medida em que existem "determinismos sociais" que condicionam relativamente as escolhas do indivíduo.

Nelson C. Marcellino (1992:01) coloca lazer e ócio num mesmo campo, salientando que o que os diferencia é a opção por contemplação ou por atividade. Quanto ao lazer nas grandes cidades, o autor afirma que ele está hoje entre "(...) o salto no vazio do bungee jump de alguns e os dois terços da população da região metropolitana de São Paulo que andam à pé por falta de dinheiro, acordando por volta das três horas para chegar ao trabalho às sete ou oito. (...) Entre as retiradas dos habitantes das grandes cidades, nos feriados prolongados, entupindo as entradas em congestionamentos e o hábito de passar os fins de semana dentro de casa."

Para quase a totalidade dos autores que estudam este tema, tanto na compreensão do lazer como na do tempo livre, o trabalho está sendo suposto como a obrigação. O lazer corresponde, então, à ocupação de uma parte do tempo liberado periodicamente do trabalho, seja num fim de semana, nas férias ou na aposentadoria. Partindo desse entendimento, não há lazer se não há trabalho ou qualquer outra obrigação, ou seja, a libertação das obrigações é uma condição para o lazer, o qual acaba sendo tomado por alguns autores como atividade "residual".

É importante salientar que a maioria das concepções de lazer e de tempo livre acabam sendo conservadoras na medida em que pensam a sociedade como homogênea, equilibrada, sem contradições, na qual o lazer só ocorre no interior do tempo livre e é supostamente divertimento para todos. Estas concepções são funcionalistas, pois pensam no lazer como o tempo necessário para atividades ou descanso que visem prioritariamente a compensação do trabalhador para que ele possa voltar novamente ao trabalho um pouco mais recuperado.

Seguindo esse referencial teórico-metodológico, o lazer passa a ser um apêndice do trabalho, dotado de poderes mágicos capazes de solucionar ou acabar com as frustrações das desagradáveis condições de vida, principalmente dos trabalhadores. Na tentativa de se criticar o trabalho, faz-se um elogio ao lazer, considerando-o como finalidade da existência e ideal de felicidade.

No entanto, a realidade cotidiana dos trabalhadores acaba revelando a prevalência de um tempo livre funcionalista, quando as atividades de lazer visam apenas uma manutenção do ser humano. Em outras palavras, isso quer dizer que, na prática, os momentos de lazer significam divertimento, descanso e recuperação das energias. Mas, a partir desta constatação, resta uma pergunta: qual é o problema de o lazer ser compensatório, na teoria e na prática? Na verdade, isso só é um problema quando há uma preocupação com a emancipação humana,

quando se almeja mudar a lógica do capital que rege o tempo de trabalho e o tempo de não trabalho.

Muitos autores acabam atribuindo ao tempo de lazer e às atividades lúdicas o mérito de favorecer a emancipação humana por si só. Isso deve ser questionado, a partir de um entendimento do alcance totalizante do capital. Se o trabalho é alienante na sociedade capitalista, não seria também o lazer?³ Thomas Bottomore (1968:106) diz que sim: "O trabalho e o lazer não podem ser isolados um do outro, especialmente em sua influência sobre as atitudes sociais do indivíduo. O homem que gasta suas horas de trabalho numa posição subordinada, ocupado constantemente em tarefas maçantes e sem importância, em meio circundante desprovido de beleza, dificilmente será capaz de exprimir-se de maneira completa, como pessoa ativa criadora, durante o seu tempo de lazer."

Nessa direção, encontra-se Simone Weil (1979:65) que descreve, de forma pungente, a fragmentação servil que ocorre com o trabalhador no seu tempo de trabalho: "Dois fatores condicionam esta escravidão: a rapidez e as ordens. A rapidez: para alcançá-la é preciso repetir movimento atrás de movimento, numa cadência que, por ser mais rápida que o pensamento, impede o livre curso da reflexão e até o devaneio. Chegando-se à frente da máquina, é preciso matar a alma, oito horas por dia, pensamentos, sentimentos, tudo. Quer se esteja irritado, triste ou desgostoso, é preciso engolir, recalcar tudo no íntimo, irritação, tristeza ou desgosto: diminuiriam a cadência. E até a alegria. As ordens: desde o momento em que se bate o cartão na saída, elas podem ser dadas, a qualquer momento, de qualquer teor. E é preciso sempre calar e obedecer. A ordem pode ser difícil ou perigosa de se executar, ou até mesmo inexeqüível; ou então, dois chefes dando ordens contraditórias: não faz mal: calar-se e dobrar-se."

A autora enuncia o quão bom seria se o operário pudesse deixar sua alma junto com o cartão de ponto na chegada, para retirá-la, intacta, na saída da fábrica. As horas de lazer acabam sendo inúteis diante do esgotamento provocado por este tipo de trabalho. Havemos de nos perguntar: qual lazer poderia restituir o que as pessoas perdem de si no trabalho? A autora nos adverte contra os sistemas de reformas ou de transformação social anunciadores de diminuição da duração do trabalho, alegando que, se o trabalho não puder significar ação e reflexão, inúteis para a emancipação continuarão sendo as horas de não trabalho: "Winguém aceitaria ser escravo por duas horas; a escravidão, para ser aceita, deve durar por dia o bastante para quebrar alguma coisa dentro do homem" (Weil, 1979:140).

Assim como a ciência e a tecnologia, o lazer também está subordinado aos limites impostos pelo capital, ou seja, está determinado pela necessidade da perpetuação do processo de maximização de lucros. Theodor Adorno (s/d:56) diz: "(...) essa atividade que se entende em si mesma como o contrário de toda coisificação também se coisifica. (...) No tempo livre, continuam as formas da vida social organizadas segundo o regime do lucro."

O atrelamento do lazer ao uso de equipamentos e a associação entre lazer e consumo são dois fatores fundamentais para a compreensão da crítica que está sendo feita aqui.

Parece não haver uma idealização do lazer que não considere a necessidade de equipamentos, ou seja, ao pensar-se em lazer, pensa-se em equipamentos que propiciem a diversão. O equipamento passa a fazer parte da conceituação de lazer, na medida em que espaços de lazer – público ou privado –devem ser ocupados com brinquedos, piscinas, quadras, lanchonetes, cinemas etc. O lazer se concretiza no e durante o usufruto destes equipamentos, configurando-se numa explicitação do apelo do mercado ao consumo.

Pensar o lazer como bens a serem adquiridos é uma idéia que nos barbariza, pois arrebata para além de nós, para o exterior - no consumo - o encontro com a arte, com o lúdico, com a diversão, com dimensões que deveriam estar presentes em tudo o que fazemos.

Expressões como "aqui não tem nada" em termos de lazer, presente nas falas populares apontam, ao nível do senso comum, o atrelamento do lazer ao uso e consumo de determinados equipamentos. Apontam tanto a ideologia mercadológica inculcada como a exclusão no uso desses bens. Nesta direção, Nelson C. Marcellino (1983:59) afirma que "os equipamentos urbanos para o lazer, quando concebidos, quase sempre são assumidos pela iniciativa privada que os vê como uma mercadoria a mais para atrair o consumidor. As possibilidades oferecidas em termos de lucro são critérios levados em conta para a construção e manutenção em funcionamento dos equipamentos de lazer."

Parques de diversão (Playcenter, Beto Carrero World), clubes privados, SESC (Serviço Social do Comércio), SESI (Serviço Social da Indústria), cassinos, parques e shopping centers são os exemplos mais claros da associação entre lazer/entretenimento/ equipamentos/consumo. Estes espaços de lazer ocupados por equipamentos, são mantidos de acordo com as regras da sociedade capitalista, não oferecendo - de forma geral - possibilidade de criação e de reflexão. É de se esperar que esses equipamentos de lazer sejam construídos nos centros das cidades, em áreas nobres e/ou distantes dos centros urbanos (como o Wet'n Wild, construído na Rodovia dos Bandeirantes, entre Campinas e São Paulo), atendendo aqueles que podem consumi-los. Para os desfavorecidos economicamente que habitam as periferias das cidades, a residência é o principal espaço para a vivência do lazer.

Tal como se apresenta hoje, o lazer é uma atividade de consumo. Essa afirmação compreende o seguinte: 1) se as atividades de lazer são transformadas em mercadorias a serem consumidas, o lazer está perfeitamente integrado ao sistema econômico do qual ele faz parte e, 2) se este sistema econômico tem o consumo de mercadorias como pilar de sustentação, não só as atividades de

lazer tornam-se mercadorias, como o próprio tempo de lazer configura-se em tempo para consumir mercadorias.

Sobre a relação entre lazer e consumo nos dias atuais, Roger Sue (1988:30) é categórico ao afirmar que "o lazer tornou-se um produto da sociedade industrial, ele é ao mesmo tempo um tempo disponível e um objeto de consumo. Ele se vende e se compra. Ele entrou no sistema de consumo que ele contribui para desenvolver na medida em que o tempo disponível para o consumo tende a aumentar. Lazer e consumo estão estreitamente ligados."

Parece inevitável, então, que o lazer implique numa relação de consumo. Parece evidente também que este tipo de lazer vinculado ao consumo toma características próprias conforme a camada social que dele se ocupa. Em outras palavras, isso quer dizer que o que se consome no tempo de lazer do operário não é o mesmo consumido no tempo de lazer do presidente da mesma fábrica, por exemplo. O tipo de atividades, programas ou diversão consumidos no lazer não são os mesmos para o patrão e para o empregado. ⁵ Sabe-se que a parte orçamentária consagrada aos lazeres é muito mais elevada nas camadas superiores. Isso demonstra que as distinções sociais ou a desigualdade se reproduzem também na esfera do lazer, como nas outras esferas da vida.

Numa economia que elabora incessantemente formas de aquisição de lucro e mecanismos de dominação por uma pequena parte da população, a produção geral - tanto de mercadorias como de serviços - é movida pela ideologia social do crescimento e pela necessidade individual de consumo.⁶ O lazer, a exemplo dessa afirmação, vem recebendo nas últimas décadas grandes investimentos em termos de "construção" de equipamentos (como parques, shopping centers, bares, casas noturnas, pacotes turísticos) e em termos de marketing, para estímulo do consumo desse tipo de lazer.

ESPAÇO, CONSUMO E SHOPPING CENTER

O espaço, categoria básica da vida humana, juntamente com o tempo, estabelece vínculos com os processos sociais, econômicos e culturais, sofrendo continuamente alterações para acompanhar as transformações da sociedade. Assim, acaba por confundir-se com a própria ordem social, pois não é uma dimensão social independente. Para compreender o espaço, é preciso compreender as relações sociais que nele se estabelecem, tendo em vista que o espaço constrói a sociedade ao mesmo tempo em que a sociedade constrói o espaço. Certamente, não há nenhum sistema social onde não exista uma noção própria de espaço (e de tempo). Neste contexto, Milton Santos (1997:38,22) sabiamente enuncia: nos espaços "a forma é alterada, renovada, suprimida, para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social." Assim, esvaziam-se as áreas rurais e crescem as cidades. Com o crescimento das cidades, crescem

também as diferenças de classes e de oportunidades, crescem as distâncias entre trabalho e residência, cresce a distância entre os homens. O mesmo autor alerta que "nas cidades a proximidade física não elimina o distanciamento social, nem tão pouco facilita os contatos humanos não funcionais (...). O que une, no espaço, é a sua função de mercadoria ou de dado fundamental de mercadoria."

As áreas verdes e as praças públicas nos centros das cidades são cada vez mais reduzidas, sobretudo nas periferias. Em seus lugares são construídos arranhacéus e novos investimentos de produção e especulação mercadológica. Esses espaços, no entanto, poderiam favorecer o encontro ocasional e propiciar vivências prazerosas no tempo livre das pessoas. Mas, o que observa-se é que estes espaços estão sendo sub-utilizados, depredados e compreendidos como ameaçadores à integridade dos indivíduos.

Não há no Brasil, como coloca Carlos Rodrigues Brandão (1994:29), internalização por parte das pessoas de que os espaços públicos lhes pertencem, por isso a dificuldade de usufruí-los e zelar por eles. Escreve o autor que: " a percepção comum entre nós é assim: aquilo que é público não é meu e mesmo que também não seja efetivamente do Estado, é uma questão do dele."

Roberto DaMatta (1985:17), em interessante ensaio antropológico, diz: "Na rua a vergonha da desordem não é mais nossa, mas do Estado. Limpamos ritualmente a casa e sujamos a rua sem cerimônia ou pejo..." Pode-se dizer que isso ocorre porque, na maioria das vezes, os espaços públicos são pensados e construídos pelo poder público (municipal ou estadual) sem a participação popular. Consequentemente, a população não estabelece identificação com estes espaços, não os pensa como seu ou como extensão de sua casa. Além disso, é evidente o descaso do poder público no sentido da conservação destes espaços e da implementação de políticas educativas e de animação no campo do lazer.

Roberto Damatta (1985:47) faz algumas considerações acerca da oposição entre "casa" e "rua" como referência à "espaço privado" e "espaço público", respectivamente. A rua, ao contrário da casa, é lugar "de individualização, de luta e de malandragem. Zona onde cada um deve zelar por si, enquanto Deus olha por todos (...)", é lugar de fluidez, movimento e perigo. Na rua passamos desapercebidos, somos indivíduos anônimos e nos comportamos de forma negativa: jogamos o lixo para fora de casa, não obedecemos as regras do trânsito e depredamos o bem comum. Segundo este antropólogo, a rua tem um código fundado em mecanismos impessoais onde as leis são mais dominantes que as pessoas. Assim, fica difícil para um cidadão "comum" modificar o lugar público da rua.

Expressões como "vá para o olho da rua" ou "estou na rua da amargura" estão intimamente relacionadas ao status de indivíduo isolado e sozinho que corresponde ao espaço público. Nesse sentido, "(...) ser posto para fora de casa significa algo violento, pois, se estamos expulsos de nossas casas, estamos

privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de 'amor', 'carinho' e 'consideração'. Do mesmo modo, 'estar em casa' ou sentir-se em casa, fala de situações onde as relações são harmoniosas e as disputas devem ser evitadas" (Damatta, 1985:46).

Então, enquanto o espaço público é violento, inseguro e deteriorado, o espaço privado, familiar é o espaço da calma, do repouso, da diversão, da segurança, da inter-relação entre iguais. Espaços que asseguram estas características fazem parte, cada vez mais, dos investimentos da iniciativa privada, que procura combinar segurança, lazer e consumo. Assim são os shopping centers. Numa pesquisa realizada em shopping centers da cidade de São Paulo, Heitor Frúgoli (1989) destaca que "comodidade", "segurança", "aconchego", "praticidade", "modernidade" e "progresso" são algumas atribuições dadas a esses espaços por seus fregüentadores.

Os shopping centers, que surgiram na década de 50, nos Estados Unidos, aparecem como lugares de consumo que oferecem a alternativa de lazer para os grupos de médio e alto poder aquisitivo. Espaços privados do meio urbano que incorporam o público, têm o consumo como pilar de sustentação e o lazer como atrativo diferenciado para as compras. As camadas mais baixas da sociedade circulam pelo centro da cidade enquanto o shopping center é palco do vai-evem de uma elite que entende os códigos próprios deste espaço. Algumas lojas dos shopping centers, por exemplo, anunciam "sale" nas vitrines quando estão em liquidação porque supõe-se que as pessoas que frequentam esse espaço têm o conhecimento básico da língua inglesa como parte de seu "capital cultural".

Comumente localizados em pontos previamente estudados e com amplos estacionamentos disponíveis, os shopping centers são marcados pelo planejamento centralizado, pela funcionalidade e pela homogeneização. Contradizendo a tendência atual de competição espacial entre localidades, cidades, regiões e nações que busca qualidades especiais, acaba acontecendo uma monotonia ou produção padronizada dos espaços: em diferentes cidades e países, observam-se ambientes idênticos, como é o caso dos shopping centers. Assim, a homogeneidade típica dos shopping centers modernos acaba por negar o princípio urbano básico do uso do espaço público que é a heterogeneidade, a diversidade.

Segundo a ABRASCE (Associação Brasileira de Shopping Centers), o lazer é um importante fator de atração num shopping center: "Entre dois shopping centers, o consumidor sempre preferirá ir ao que possua uma área de lazer. A área de lazer é um gancho que começa a ter importância numa decisão de sair de casa."8 A partir daí, fica clara a intenção de associar consumo ao lazer num mesmo espaço.

O consumo, com o desenvolvimento do capitalismo e o crescimento das cidades, passou a ser uma esfera da vida social que registra a urbanidade. O espaço urbano define-se, então, como o locus da produção de bens e de serviços e da circulação. A contemplação dos objetos aumenta a intensidade do consumo nos

grandes centros urbanos, vitalizando um mundo de ilusões. A indústria cultural vem reforçar a ilusão, entrelaçando o capital cultural com o capital econômico.9 Esse enlace, no entanto, é marcado pela diferença de classes sociais encoberta pela idéia de democratização de possibilidades a partir do consumo. Um bem pode até ser produzido com o objetivo de ser consumido por distintas camadas sociais mas, o modo de apropriação deste bem e a sua utilização virá, indubitavelmente, explicitar os recortes sociais que geram os excluídos.

David Harvey (1993:79) chama a atenção para o fato de que a pós-modernidade nas cidades gera um zoneamento de mercado baseado na capacidade de pagar, criando novos padrões de conformidade para as paisagens urbanas. Dessa forma, a distinção entre grupos sociais se sobressai, confirmando a tese de que práticas espaciais (e temporais) nunca são neutras nos assuntos sociais. Ele diz que "o populismo do livre mercado, por exemplo, encerra as classes médias nos espaços fechados e protegidos dos shopping e átrios, mas nada faz pelos pobres, exceto ejetá-los para uma nova e bem tenebrosa paisagem pós-moderna de falta de habitação."

Este autor, parafraseando Foucault e Lefebvre, afirma que o espaço é sempre um continente de poder social. Nesse sentido, existe uma tensão constante entre a livre apropriação do espaço para fins individuais ou sociais e o domínio do espaço pela propriedade privada, pelo Estado ou outras formas de poder de classe social. Então, vale ressaltar que não pode haver uma política do espaço independente das relações sociais que nele ocorrem.

Ainda o mesmo autor lembra que, na época do Iluminismo, vencer as barreiras espaciais era a maior meta dos revolucionários, mostrando que existe uma consciência nas pessoas de que a apropriação do espaço reflete, na verdade, uma forma de desigualdade social. Assim "a derrubada de portões, o cruzamento de fossos de castelos, o caminhar ao bel-prazer em lugares onde já fora proibido entrar: a apropriação de um certo espaço que teve de ser aberto e invadido, foi o primeiro deleite da Revolução [Francesa]" (Ozouf apud Harvey, 1993:234).

Todas estas questões abordadas aqui apontam para a compreensão de que o uso do tempo livre revela diferenças na apropriação desse tempo, no uso dos espaços e no acesso aos bens produzidos; revela enfim, as distinções entre as classes sociais, contradizendo um discurso dominante de que tanto o consumo como o lazer são elementos de democratização de possibilidades.

Pensando com Paulo Salles de Oliveira (1986:12). "numa sociedade criada e fundada sob o signo da desigualdade e da dominação, na qual os detentores do capital compram a força de trabalho dos despossuídos de capital, não há lugar para democracia de oportunidades".

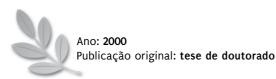
[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]



NOTAS

- Para o funcionalismo, tudo o que existe numa sociedade tem um sentido, um significado para manter seu funcionamento equilibrado. A idéia de equilíbrio fundamental para este referencial teórico-metodológico baseia-se numa analogia entre a sociedade e o organismo, ou seja, as diferentes partes da sociedade devem estar coordenadas para conservar a unidade do sistema social como um todo homogêneo. Função e estrutura são conceitos essenciais do funcionalismo. Nessa ótica, os fenômenos sociais possuem causas e funções específicas para manter uma estrutura. Segundo o funcionalismo, todo fato sócio-cultural pode e deve ser explicado por meio de sua específica "função" no interior do grupo em questão.
- ² A origem da palavra "negócio" em latim (*neg-otium*) encontra-se na idéia de "negação do ócio".
- ³ Para enriquecer este assunto, confira: DE GRAZIA,V., *La taylorisation des loisirs ouvriers: les instituitions sociales de l'industrie dans l'Italie fasciste*, in Paris, Recherches Le soldat du travail, n.33/34, 1978.
- ⁴ Contudo, é importante ressaltar que, ao ultrapassar o aparente e entrar no cotidiano das camadas populares, percebe-se a recriação de espaços e formas para a vivência do lazer ligado às relações familiares, ao bate-papo e jogos de cartas nos bares e padarias, às festas de santo e aos aniversários. Sobre esse assunto, confira: MAGNANI,G., Festa no Pedaço: cultura popular e lazer na cidade, SP, Brasiliense, 1984 e MARIN, Elizara Carolina, *O lúdico na vida: colonas de Vale Vêneto*, Campinas, Dissertação de Mestrado (Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- ⁵ Confira: FORJAZ,M.C., *Lazer e consumo cultural das elites*, in SP, Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 3, n.6. 1988.
- ⁶ Cf. SANTOS, Miltom, Pensando o espaço do homem, SP, Hucitec, 1997, p.14.
- ⁷ Sobre esse assunto, confira BRHUNS, H. T., *A proposta carente de lazer X espaços de lazer dos carentes*, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, V.11, n.3, 1990, pp. 210-214.
- ⁸ ABRASCE, *As vantagens do shopping center e o comércio tradicional de rua*, Biblioteca Técnica e EMBRAPLAN (Empresa Brasileira de Planejamento), n.6, Rio de Janeiro, p.22.
- ⁹ Sobre a idéia de "capital cultural", confira BOURDIEU,P., *Gostos de classe e estilos de vida*, in ORTIZ,R. (org.), Pierre Bourdieu, Coleção Grandes Cientistas Sociais, n.39, SP, Ed. Ática, 1983.





Formato da contribuição: texto resumido de tese

Fonte: "Motivação no trekking: um caminhar nas montanhas", Tese de Doutorado, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000; orientador: Lamartine P. DaCosta

E-mail do autor: mrena@terra.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Doutor e Mestre em educação física (psicologia do esporte) - Universidade Federal de Juiz de Fora

Motivação no *trekking*: um caminhar nas montanhas¹

Renato Miranda

Como atividade esportiva *outdoor*², o *trekking* exige de seus praticantes diversas adaptações psicológicas frente às adversidades do clima, disposições geográficas, cenários naturais e esforços físicos. Independente do grau de dificuldade dele, entender a definição de motivação é um quesito fundamental para inquirir as acões dos praticantes desta modalidade do montanhismo.

Nas diversas definições de motivação (COX,1994; CRATTY,1984; FEIJÓ 1998a,1998b; RODIONOV,1990; SAMULSKI,1995; SINGER,1986; WEINBERG e GOULD,1995), verifica-se uma correlação de termos que funciona como identificação conceitual. Os termos que mais corroboram esse pensar são: metas, objetivos e necessidade. Assim sendo, para entender melhor motivação é necessário considerar que "a palavra chave é motivo, o que significa literalmente o desejo para satisfazer uma necessidade." (COX, 1994, p. 137). Ou ainda. "Motivação é a insistência de caminhar em direção a um objetivo." (SINGER,1986, p. 47).

No contexto de definições é imperativo detectar quais as necessidades e objetivos dos praticantes de *trekk*ing em suas atividades ordinárias de esporte e lazer. Como entender de onde vem tanta força e coragem para caminhar e subir ao cume de uma montanha? Como também fazer uma longa travessia¹?

Em síntese, considerando-se que terminar uma trilha ou chegar ao cimo de uma montanha é o objetivo primário de qualquer *trekker*², a motivação apresenta-se como um elemento fundamental nas ações que possibilitam tal sucesso



isto porque, o motivo para o sucesso ou alguma meta no esporte não é inato, como a direção para satisfazer fome ou sede, mas deve ser aprendido ou desenvolvido. (COX, p. 134).

A motivação, enquanto categoria sujeita à investigação, pode ainda ter dois enfogues principais. No primeiro "estão os estudos das razões pelas quais se escolhe uma atividade e não outra. No 'segundo' [grifo do autor] estão os dados referentes às razões pelas quais se realizam ações com diferentes graus de intensidade, procurando explicá-los." (CRATTY, 1984, p. 36).

AL HUANG e LINCH (1992,p.226.) fazem também uma consideração importante a respeito da motivação e a individualidade do prazer afirmando que o "nível de motivação é diretamente proporcional ao prazer obtido no esporte. Sem este fator, a motivação e o entusiasmo se evaporam rapidamente." Isto explicaria o porquê de muitas pessoas quando de uma programação de trekking com sucesso, em que conseguiram desfrutar de todos os benefícios da atividade, quererem permanecer praticando o esporte, submetendo-se a quaisquer sacrifícios.

Em outra perspectiva, pessoas que enfrentaram alguma adversidade de alto grau sem estarem preparadas, e por isso não satisfizeram seus objetivos, desmotivaram-se e perderam o interesse pelo *trekk*ing. É o caso de praticantes que se submeteram a uma dura jornada para atingir o cume de alguma montanha e, por falta de preparo físico ou psíquico para suportar mudanças climáticas repentinas, não atingiram o objetivo idealizado e/ou sofreram lesões físicas ou traumas psicológicos.

Avaliando tal contexto, a motivação de rendimento respalda um entendimento melhor sobre o fenômeno da busca constante por melhores e novos desafios. A chamada motivação do rendimento é a capacidade que determinada pessoa possui para orientar sua energia psíquica em direção à melhoria, aperfeiçoando ou mantendo seu rendimento em níveis elevados (SAMULSKI,1992, p. 56).

Esta capacidade é favorecida a partir dos níveis de conquistas da pessoa em relação aos objetivos traçados anteriormente. "O sucesso geralmente depende da proximidade alcançada pelo indivíduo em relação ao alvo previamente estabelecido e não se relaciona com nenhuma medida objetiva de desempenho nem com a vitória ou a derrota." (CRATTY, p.41).

A motivação é caracterizada como um processo ativo intencional e dirigido a uma meta, dependendo da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). (CRATTY, p.55). Não obstante, a motivação intrínseca representa a vontade interior de realizações de determinadas tarefas, não dependendo exclusivamente de fatores motivacionais externos, embora a motivação extrínseca colabore com a manutenção ou modificação do comportamento.



A motivação ambiental é representada por fatores externos que podem motivar o comportamento tais como, troféus, dinheiro e elogios. Já a motivação intrínseca é a força psíquica interior para o empenho em uma atividade por vontade própria. No que tange às realizações pessoais significativas, realizadas com a maior eficácia possível, provendo contínuos e novos desafios, a motivacão intrínseca é, sobremaneira, mais fundamental do que a extrínseca, pois nos esportes, de uma maneira geral, o vínculo entre realização de tarefas e motivação intrínseca é interdependente. O desafio de vencer obstáculos, criar novas tensões em si mesmo, promover mudanças e obter sucesso, aventam ser algumas das principais motivações em vários esportes; atletismo, esportes coletivos, pára-quedismo e montanhismo.

Esta procura de tensão e o desafio de vencer obstáculos nem sempre é o motivo supremo para o atleta. Na lista de motivações de WHITTAL E ORLICK apud CRATTY (p.44) a procura de acontecimentos que geram tensão foi excluída, enfatizando, no entanto, os motivos decorrentes da vida em sociedade e as qualidades de desempenho.

Tanto tensões, incentivos, dificuldades e problemas mediante uma tarefa esportiva qualquer, têm relações pertinentes com a motivação. Estas relações são denominadas por SAMULSKI (p.61) como relações fundamentais. Por exemplo, quando o atleta se encontra em um nível de ativação ou motivação muito alta, o rendimento é muito baixo, já um nível médio de motivação proporciona os melhores pré-requisitos para o rendimento. Outra relação que se verifica também cogitada por este autor é entre o nível de motivação e a atratividade e estimulação, isto é, há uma relação linear entre estes dois fatores. Se se aumenta a atratividade da situação ou se apresentam incentivos, aumenta-se a intensidade da motivação.

Já a relação entre a intensidade de motivação e a dificuldade da tarefa é interdependente. Com uma dificuldade muito baixa ou extremamente alta, a motivação é mínima; com uma dificuldade compatível (média), a motivação é ótima.

A respeito da motivação e o desempenho é pertinente a citação da Lei Yerkes-Dodson que diz:

> À medida que as tarefas vão ficando mais complexas e difíceis, o nível de facilitação do impulso vai baixando gradualmente. Essa relação foi formulada há alguns anos por dois psicólogos comparativos e é conhecida pela designação de Lei de Yerkes-Dodson. Pode ser simplesmente enunciada da seguinte maneira: a motivação ótima da aprendizagem decresce com a crescente dificuldade da tarefa. (MURRAY, 1986, p. 26)

Nos escritos de CRATTY (p. 46-47) observa-se que, quando um desempenho é demasiadamente fácil, causa aborrecimento e ansiedade no entanto, guando o desempenho é determinado por um novo ritmo de complexidade, há um caráter de novidade presente em questão que estimula a melhoria do rendimento. Cratty (p.46), ao comparar essa idéia, cita a teoria do chamado flow-feeling proposta por CSIKSZENTMIHALYI (1992).

Tal teoria indica que as pessoas parecem fluir quando mostram um esforço bem motivado e produtivo em grande número de situações e que esse sentimento e expressão de esforço caracterizam-se por vários sentimentos e condições associados.

Entre estes se destacam:

- 1. O indivíduo está concentrado na tarefa, completamente envolto na ação, sem ter consciência de outros problemas ou de outras alternativas para a atividade.
- 2. Os objetivos são claros e recebe-se um feedback imediato do que está ocorrendo, seja certo ou errado.
- 3. O sentido de tempo fica prejudicado. Os das percepções de tempo desaparecem ou o tempo despendido na tarefa parece muito curto.
- 4. O indivíduo adquire o sentido de controle, pois que está atuando sobre algo.

(CSIKSZENTMIHALYI apud CRATTY, p. 46)

No trekking, tal como em outra atividade qualquer, para vivenciar o flowfeeling, é fundamental que as pessoas estejam cônscias dos desafios que poderão enfrentar e as aptidões em potencial que possuam. Para tanto, a manutenção de um nível oportuno de motivação é primordial a fim de facilitar a experiência do fluir.(MIRANDA, 2000, p.19)

Encontram-se nos escritos de AL HUANG E LINCH (1992) algumas estratégias, por ora adaptadas que, auxiliam o trekker a manter-se motivado. Isto fará com que seu interesse e persistência sejam renovados durante as dificuldades, representadas pelos árduos obstáculos durante um trekking ou pelas intermináveis subidas íngremes de uma montanha em direção ao cume.

Assim apresentam-se as seguintes estratégias:

1. A falta de interesse e o tédio são os maiores obstáculos ao esforço constante do trekking. O fator diversão pode ser ativado mudando a rotina, descobrindo novas trilhas e incluindo outras pessoas no grupo.

- 2. Em qualquer tipo de atividade há um ponto de esgotamento. O excesso de esforço durante um *trekk*in*g* é prejudicial ao organismo. Por mais que o *trekker* admire seu esporte, precisa de descanso.
- 3. Se o *trekker* projetar seu *ego*³ no esporte, se medir seu valor pelos resultados, sua atividade pode trazer vulnerabilidade para o praticante. Se sofrer algum tipo de fracasso, começará a evitar essas situações e sua motivação cairá drasticamente. O *trekker* tem de compreender que sucesso é o resultado do progresso com base nos erros. A perda simplesmente ensina a atingir níveis mais altos.
- 4. O *trekker* deve procurar manter a perspectiva de atividade com o fim em si mesma, sem se preocupar demasiadamente com os resultados e seu próprio desempenho . Se o *trekker* tende a ser levado muito a sério, é bom que reduza essa tendência, caso contrário, a atividade de lazer perde sua finalidade e gera aborrecimento.

Assim se dispondo, a manutenção de um nível ótimo de motivação dependerá estritamente da capacidade psíquica da pessoa para o trabalho ou tarefa. Em RODIONOV (1990) a capacidade para a execução de um *trekk*ing é verificada na medida em que a atividade a ser realizada é mantida por um determinado período de tempo. Nesta capacidade psíquica para o trabalho ou tarefa há dois fatores intervenientes: externos e internos.

Entre os fatores externos estão a estrutura informativa das tarefas realizadas no *trekk*ing e as características do meio de convivência. Entre os internos estão o grau de treinamento, estabilidade emocional e características individuais. A manutenção do nível necessário de estabilidade emocional e de processos psíquicos; para enfrentar qualquer tipo de *trekk*ing e suas eventuais dificuldades, é o que define a capacidade psíquica para o trabalho. (RODIONOV, 1990, p. 44).

É fundamental perceber a relação psicofisiológica da capacidade para o trabalho, em outras palavras; a capacidade física e psíquica para a realização de tarefas são dois fenômenos simultâneos intimamente ligados entre si. Sem possuir uma alta capacidade psíquica para o trabalho não há alta capacidade física (RODIONOV, p. 45).

Em síntese, no *trekk*in*g* (MIRANDA, p.22) não basta o praticante possuir características adequadas de temperamento, alto nível de capacidade física e boas qualidades funcionais. O *trekker* necessita saber materializar suas possibilidades potenciais (psicofisiológicos), justamente quando as condições da caminhada criam para ele o máximo de estoryos.

Pode-se considerar então, que a motivação e a capacidade psíquica para o trabalho fundem-se no conceito de dedicação.

MOTIVAÇÃO E FLOW-FEELING

A teoria do *flow-feeling* foi desenvolvida por CSIKSZENTMIHALYI de maneira progressiva e fundamentalmente a partir da década de 70. Conhecido também como fluir, fluidez, fluxo ou experiência máxima , o *flow-feel*ing auxilia entender melhor o porquê de pessoas realizarem certas tarefas com o máximo desempenho e em alto grau de motivação. Permite, por exemplo, detectar indícios importantes de como os *trekkers* mantêm uma alto nível de motivação em uma jornada altamente desgastante, cuja tarefa primordial é subir e descer uma determinada montanha, que para muitas pessoas pode não ter sentido algum.

É apropriado avaliar que dos diversos conceitos sobre motivação verificados anteriormente, são encontradas palavras e/ou expressões iguais ou similares referentes ao *flow-feeling* ou experiência máxima, tais como; alcançar metas pessoais, satisfação, motivação intrínseca, impulsionar, estruturas de atividades e necessidades. Isto se deve pela característica dinâmica da experiência do fluir que se processa em um patamar de envolvimento e complexidade só possível em alto grau de motivação, por isso há uma identificação do fluir como transformador do *self*^e e como um significativo motivador.

O elemento sustentador para o fluir é determinado quando a atividade a ser feita é vivenciada como tendo um fim em si mesma. Além disso, independente de suas razões, esta atividade absorve a pessoa e torna-se intrinsecamente gratificante. Em todas as situações em que a pessoa flui, sua atenção é livremente investida para alcançar as metas pessoais. O fluir, é antes de tudo, uma experiência autotélica.

A palavra autotélica, cunhada por CSIKSZENTMIHALYI (1990,1992,1997), originouse da união de duas palavras gregas, *auto* que significa por (ou de) si mesmo, e *telos* que significa finalidade. Daí a idéia de que uma experiência autotélica refere-se a uma atividade auto-suficiente, envolvente, realizada sem a expectativa de algum benefício futuro, mas simplesmente porque realizá-la é a própria recompensa.

A experiência autotélica, ou o fluir, eleva o curso da vida a um nível diferente. A alienação dá lugar ao envolvimento, a satisfação substitui o tédio, a impotência se transforma numa sensação de controle, e a energia psíquica atua para reforçar a sensação do *self*, em vez de se perder atendendo a objetivos exteriores. Quando a experiência é intrinsecamente gratificante, a vida se justifica no presente, em vez de ser mantida como refém de um hipotético ganho futuro. (CSIKSZENTMIHALYI, 1992, p. 106).

Pesquisando as atitudes e comportamentos de montanhistas praticantes de *trekk*ing (MIRANDA,2000) percebe-se que este pensar acima se configura em realidade prática, todavia não é um fenômeno que ocorre simplesmente por acaso. O fluir é uma experiência espontânea, favorecida por três situações:

primeiro, quando a atividade a ser realizada é estruturada; segundo, a habilidade da pessoa é compatível para a realização da tarefa; terceiro, considerando ambas as situações. Estas três situações acima propiciam compreender melhor as características comuns para o *flow-feel*in*g*.

Para CSIKSZENTMIHAL YI (1992,1993) as características comuns do flow-feelng⁵ independentes da atividade são: os objetivos a serem atingidos são facilmente identificados, a percepção de que suas aptidões se adequam para enfrentar os desafios imediatos, num sistema de ação limitado por regras e voltado a um objetivo que oferece indícios claros de como está o desempenho individual (retro informação -feedback- imediata). Além disso, a autoconsciência desaparece, há uma concentração intensa, perda da noção de tempo e espaço, percepção de satisfação, controle absoluto das ações, experiência autotélica, alegria espontânea e experiência intrinsecamente compensadora.

Neste contexto as condições básicas para o fluir são: relacionar a estrutura da atividade à habilidade da pessoa, oferecer percepção de descoberta, impulsionar a pessoa para níveis mais elevados de desempenho e conduzi-la a estados de consciência jamais sonhados. Em outras palavras, quando a informação que chega em nossa consciência está de acordo com nossas metas, estamos prontos para fluir. Como afirma CSIKSZENTMIHALYI (p.108): "Fluindo, a pessoa está apta a desenvolver capacidades e fazer contribuições significativas à humanidade."

O COMITÊ OLÍMPICO INTERNAÇIONAL E O MEIO AMBIENTE

Em termos genéricos, o COI (Comitê Olímpico Internacional) está tentando conscientizar a opinião pública sobre a questão ambiental na totalidade de suas ações e de seus eventos. Em BREVIK (1999), o apoio dos Comitês Olímpicos Nacionais (CONs) e das Federações Internacionais (FIs) é fundamental. Tanto os CONs quanto as FIs estão sendo estimulados a criarem Comissão de Meio Ambiente, e/ou indicar um representante oficial para acompanhar o tema em âmbito nacional. Nessa direção, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) criou em junho de 1997, a sua Comissão de Meio Ambiente.

O *trekk*ing praticado como fonte de lazer está inserido neste contexto na medida em que pode ser instrumento e exercício de conscientização ambiental. Ao mesmo tempo, estará corroborando a posição do Movimento Olímpico, dando sustentação ao ideal ecológico, estimulando o COB nas iniciativas em defesa da natureza e formando opinião pública positivamente sobre o meio ambiente.

Outro mecanismo de conscientização ecológica que o COI e os CONs têm utilizado é a edição de manual sobre esporte e meio ambiente e outras publicações oriundas de seminários, congressos e estudos de especialistas, tal como em TAVARES e DaCOSTA (1999).

Noutra medida, a cada dois anos, o COI organiza a Conferência Mundial sobre Esporte e Meio Ambiente para avaliar o progresso do Movimento Olímpico nesta área. Em ambos os casos o *trekk*ing pode ser fonte de estudos e experiências, além de servir como mecanismo de apoio aos demais esportes ou atividades *outdoor* - formais, não-formais ou informais⁶ (DaCOSTA.1990).

A primeira Conferência Mundial do COI sobre o Meio Ambiente, em conjunto com Programa de Meio Ambiente da Nações Unidas (UNEP), foi realizada em Lousanne, Suíça de 12 a 15 de julho de 1995. A Segunda Conferência Mundial aconteceu em cooperação com a Associação de CONs da ásia e com o Comitê Olímpico do Kuwait, de 1 a 2 de novembro de 1997, na Cidade do Kuwait. A terceira, no Rio de Janeiro entre os dias 21-24 de outubro de 1999.

Estas Conferências tem criado um elo importante entre a comunidade científica, dirigentes esportivos, políticos, praticantes de esportes e atividades físicas e todos que querem participar de um modo ou de outro da proteção ao meio ambiente.

Necessário se faz expandir todas essas informações e diretrizes, oriundas das Conferências e publicações para toda a sociedade, embora já existam estratégias do COI neste sentido, para que, a partir da informação popular (televisão, jornais, revistas e rádio), o conhecimento sobre a importância da proteção ao meio ambiente e a prática de esportes voltada para a formação da consciência ecológica, possam estar ao alcance de todos. Caso contrário, os esforços motivados pelo COI poderão refletir apenas no âmbito limitado por suas atuações.

O conceito de pensar de modo global e agir localmente é, antes de tudo, uma atitude que amplia todas as possibilidades de ações ecologicamente corretas em qualquer evento ou prática esportiva da Terra; basta que ali haja alguém ou um grupo de pessoas que oriente todos os atores sociais envolvidos, em relação à importância de sustentar seu próprio "eco" e proteger o meio ambiente. (MIRANDA, 2000 p.85).

Considerando este contexto, é significante citar outras manifestações organizadas e incentivadas pelo COI, como: seminários regionais, o dia nacional da limpeza, cooperação com outras organizações, promoção com atletas nacionais e internacionais e cooperação com a mídia.

Os seminários regionais sobre esporte e meio ambientes têm como objetivo conscientizar os membros do Movimento Olímpico a respeito da importância e significado da proteção ao meio ambiente. Em 1997, foram realizados seminários em Bridgetown, Barbados, para os CONs da América Central e do Caribe e na Apia, Samoa para os CONs da Oceania. Em maio de 1998, foi realizado, em Curitiba, Brasil, o Seminário Sul-Americano de Esporte e Meio Ambiente.



O Dia Nacional da Limpeza é uma promoção dos CONs, incentivados pelo COI, por ocasião do Dia Mundial do Meio Ambiente: 5 de junho. Diversas atividades, em parceria ou cooperação com as autoridades nacionais e locais, junto com os escritórios regionais da UNEP, são organizadas: retirada de lixo, restauração e manutenção de áreas de recreação e de instalações esportivas, realizadas por atletas voluntários e pela população local.

A cooperação do COI com outras organizações pode ser verificada, por exemplo, nas relações com as Academias Olímpicas Nacionais e com a Federação Mundial da Indústria de Produtos Esportivos (WFSGI)⁷, para promover projetos de proteção ambiental.

A promoção com atletas nacionais e internacionais procura incentivar cada CON a escolher um atleta para divulgar mensagem sobre a proteção ambiental e aumentar a conscientização dos jovens que praticam esportes.

A colaboração com os meios abrangentes de comunicação se dá na medida em que é feita uma ação conjunta do COI-mídia com o objetivo de divulgar e ampliar as ações em defesa da sustentação do meio ambiente. Como exemplo, (Behnam, 1998), a Revista Olímpica no canal de televisão Eurosport e todas as publicações do COI, como Olympic Review, fornecem informações sobre esporte e meio ambiente.

De uma maneira geral, todas essas realizações vinculadas ou propostas pelo COI a fim de utilizar o esporte como instrumento ecológico, têm no *trekk*in*g* praticado regionalmente um nicho potencial com ótimas repercussões. Grupos ou associações de *trekk*in*g* e escalada espalhadas nas diversas cidades do Brasil possuem atuações concretas semelhantes às propostas e consideradas pelo COI, embora, ainda são oportunamente conhecidas por boa parte da população e meio acadêmico (especialmente faculdades de educação física, biologia, geografia, turismo e ecologia).

Em Juiz de Fora, Minas Gerais, desde 1989, há *trekkers* que utilizam a prática esportiva *outdoor* como lazer, não só visando aos benefícios psicofisiológicos da prática do *trekking*, mas também revigorando as tendências e os movimentos pela defesa do meio ambiente.

Pressupõe-se, então, que, a partir das atitudes coletivas, instituições esportivas, movimento olímpico (COI e COB), praticantes de montanhismo (grupos e associações), faculdades de ensino superior e com o devido apoio político, podem efetivar, em benefícios de todos, ações locais significativas sem dispensar o pensamento global esportivo e ecologizado.

Em conclusão, cita-se uma relevante ação local que se constatou recentemente; a realização dos Jogos Mundiais da Natureza, na Costa Oeste do Paraná,



Brasil, em setembro/outubro de 1997. Com parceria da iniciativa privada e dos municípios da região, o governo do Estado do Paraná, através da Secretaria de Estado do Esporte e Turismo, envolvido no processo de desenvolvimento sustentado, organizou a primeira versão dos Jogos Mundiais da Natureza.

Com o propósito, segundo SANTOS (1999), de divulgar o esporte natural, como uma verdadeira lição de equilíbrio, determinação e respeito ao meio ambiente, utilizaram-se esportes ligados à água, terra e ar, nos quais o maior desafio foi ensinar ao homem a necessidade de preservar o mundo que o cerca.

Como condição de preservação do meio ambiente e utilização da energia dinâmica dos meios naturais, as seguintes modalidades foram selecionadas: esportes de água (canoagem; travessia e *slalom, rafting*, vela e pesca), esportes de terra (escalada, golfe, orientação com arco, ciclismo, hipismo e triatlo) e esporte de ar (balonismo, pára-quedismo).

Participando do evento, estiveram reunidos atletas profissionais e amadores, brasileiros e estrangeiros. Para comprovar a força atrativa dos esportes *outdoor*, competiram, entre homens e mulheres, 255 participantes nos esportes de água, 230 nos esportes de terra e 60 nos esportes de ar.

Renovados a cada quatro anos, os Jogos, além de apresentarem um caráter inédito, motivam a iniciativa de novos eventos semelhantes em todo Brasil e no mundo, favorecendo, com isso, a dinâmica da consciência ecológica e da prática esportiva propriamente dita. O modelo dos Jogos propostos pelo Governo do Paraná pode ser ainda redimensionado e adaptado conforme a região ou cidade ou ter conotação mais regional, sem perder a direção dos objetivos e importância global.

CONCLUSÃO

O entender da motivação e suas particularidades com a teoria do *flow-feeling*, auxilia na atual relativização e valorização das atividades esportivas na natureza no que se refere aos novos rumos da formação acadêmica em esportes no Brasil, perspectivas de atuação profissional, o papel do movimento olímpico para o meio ambiente, prática esportiva voltada para o lazer e ações coletivas para o pensamento global esportivo ecologizado..

O vislumbrar do desenvolvimento dos esportes praticados na natureza, o crescente número de praticantes em Minas Gerais e no Brasil de um modo geral, fazem com que profissionais afinados com o movimento esportivo, vislumbrem um possível direcionamento de seus esforços para atuarem nas diversas possibilidades de intervenção que os esportes da natureza propiciam.

Naquilo que foi abordado, é pertinente observar que antes dos motivos que levam as pessoas à montanha; sejam na busca de vencer obstáculos, criar novas tensões ou buscar uma nova possibilidade de lazer e gerar benefícios psicofisiológicos os esportes praticados na natureza e/ou de aventura, tendem a continuar a aumentar o número de aficionados, principalmente pela característica autotélica do particular benefício da prática esportiva, os esportes praticados na natureza repercutem como desses esportes aqui verificados.

Não obstante, além base matricial para o desenvolvimento da consciência ecológica e da motivação para a criação e gerenciamento de ações coletivas para o pensamento global esportivo ecologizado.

A referência micro sobre trekking que este estudo suscitou, além de avaliar como oportuno o reconhecimento do meio ambiente como a terceira base da sustentação do Olimpismo, apresenta um exemplo de prática de esporte na natureza que referenda preocupações com a proteção e preservação do meio ambiente, orientada peculiarmente para a consciência ecológica.

Surge a possibilidade, a partir de agora, de auxiliar a construção de uma matriz teórica de conhecimento ecológico-esportivo, atendendo não só os assuntos relativos à educação física e psicologia do esporte, mas também várias áreas de conhecimento. Para tanto, recomenda-se que se produza uma redefinição do esporte voltado ao lazer tendo a natureza como o campo de ação e vivência e nas Instituições de Ensino Superior a criação de disciplinas e centros de estudos voltados ao esporte/meio ambiente.

Possivelmente desse modo poderemos, de fato, descobrir o que está atrás de resposta em forma de mote, dada por montanhistas quando perguntados sobre o motivo de se caminhar e/ou escalar montanhas: "Porque ela está lá!"

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

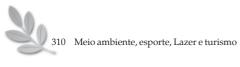
NOTAS

- 8 Tese de doutorado vencedora do II Prêmio Brasil Esporte de Literatura (Ministério dos Esportes)
- ² Atividade esportiva *outdoor* ou *atividade na natureza ou meio ambiente.*
- ³ Travessia: tipo de *trekk*ing em que a pessoa percorre uma grande distância com alto grau de dificuldade. indo de uma região à outra através de trilhas em áreas naturais- neste caso montanhas. Ex.: travessia Petrópolis-Teresópolis.
- ⁴ Trekker: praticante de trekking: Em algumas regiões do Brasil se diz trekkista, no entanto trekker é o nome mais usual. Vide revistas especializadas (Outdoor, Caminhos da Terra, Garra Esporte e Aventura e outras).
- ⁵ Ego: É a parte da estrutura da personalidade que lida com a realidade externa e controla as energias instintivas. Neste caso, seu emprego refere-se ao senso de identidade ou self. (STRATTON E HAYES, 1994, p.79).



- 6 Self: Elemento mais importante da consciência, representa simbolicamente todos os outros conteúdos, bem como o padrão de suas inter-relações. É a entidade que decide o que fazer com a energia psíquica gerada pelo sistema nervoso. (CSIKSZENTMIHALYI, 1992, p. 58-60).
- ⁷ As características comuns do *flow-feel* ngsão reconhecidas também, segundo Csikszentmihalyi, como componentes do prazer. (CSIKSZENTMIHALYI, 1999, www.flownetwork.com/ - flow zone. P. 1-2.).
- 8 "Atividade formal é um fluxo contínuo de ações com componentes ordenados e estáveis, aos quais se aplicam os propósitos fundamentais de padronização, sincronização e maximização. Atividades não-formais são versões complementares e descontínuas de eventos formais com diferentes graus de utilização de seus componentes originais, objetivando o atendimento a necessidades contingenciais. Atividades informais [tal como o trekking estudado nesta pesquisa] são ações autônomas e autodirigidas segundo realizações de indivíduos e grupos, como resposta a solicitações permanentes ou eventuais." (DaCOSTA, 1989, p.46-47).

⁹ WFSGI - World Federation Sport Goods Industry.





Publicação original: artigo em periódico

Formato da contribuição: texto resumido

Fonte: MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte.* Campinas (SP): Autores Associados, v. 22, nº. 2, p.143-153, jan/2001

E-mail da autora: alcyane.marinho@hotmail.com

Títulos acadêmicos principais atuais: Graduação pelo Departamento de Educação Física da UNESP de Rio Claro (SP); Mestrado pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP (Campinas, SP), na Área de Estudos do Lazer.

Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos¹

Alcyane Marinho

"... abate-se uma floresta para no mesmo sítio construir um conjunto baptizado de 'Cidade Verde' onde se tornarão a plantar algumas árvores que darão uma sugestão de 'natureza'. Por conseqüência, o 'natural' que assedia toda publicidade é efeito de 'make-up': 'ultra-beauty garante-lhe uma maquilhagem aveludada, unida, duradoira, que dará a sua tez o brilho natural com que sonha!".

Baudrillard (1995, p.89) está alertando sobre o processo de naturalização com que nos deparamos em toda parte do meio ambiente; consistindo na restituição da natureza em forma de signo, depois de ser praticamente liquidada na realidade.

O autor aponta uma tendência atual ainda não concretizada completamente: uma espécie de *reciclagem da natureza*. Nela, a natureza apresenta-se sob forma de campo reduzido ao estado de retalho, enquadrado no tecido urbano quadriculado e servido em forma de espaços verdes, de reservas naturais, etc. Privilegia-se um modelo de simulação em detrimento à presença original e específica da natureza, condenada a ser um sinal meramente efêmero.

As aproximações e valorizações crescentes com relação à natureza (nos mais variados níveis: econômico, político, esportivo, social, etc.) têm levado a inúmeros questionamentos quanto ao significado que a mesma tem recebido. Além



desse processo de *reciclagem da natureza*, relatado por Baudrillard, a natureza, veiculada pela mídia, parece estar sendo vendida pelo mercado de imagens e pelas indústrias de entretenimento como um "mito", sendo transformada, a cada dia. em um reduzido símbolo de consumo.

No caso das atividades esportivas em ambientes naturais, muitas vezes, a satisfação trazida por tais práticas relaciona-se a uma espécie de (pseudo) aventura, produzindo uma definição bastante reduzida da natureza. Esta, por sua vez, passa a ser encarada como um mero local de atividades, cujo propósito é limitado a servir às necessidades do praticante que procura por satisfação e prazer. A natureza, levada, então, a um segundo plano é redefinida como um ambiente coincidentemente útil e agradável, atrativo e conveniente para as atividades esportivas. O conhecimento e a proteção ambiental, nesse contexto, parecem ser irrelevantes¹.

Um exemplo pertinente a ser trazido para essa discussão são as "corridas de aventura". Grupos de executivos, de atletas e de outros tipos de interessados envolvem-se em um jogo de representação de sobrevivência, redefinindo a natureza como um teatro no qual os indivíduos agem fora do habitual contexto cotidiano. A natureza, aparentemente, é reduzida a um cenário teatral, a um espetáculo no qual os protagonistas se empurram para além de seus limites físicos.

Remetendo-me a EMA (Expedição Mata Atlântica), considerada a maior corrida de aventura do Brasil, a mesma reuniu, em outubro do ano passado, em sua terceira edição, quase 100 participantes. A corrida foi constituída de 450 km (em até 6 dias consecutivos, totalizando 130 horas) distribuídos ao longo das seguintes atividades: canoagem (102 km); *rafting* (18 km); *moutain bike* (195 km); *trekking* (128 km); natação (2 km) e travessia pelas encostas do mar (5 km) ².

Nesse evento, existem, também, outras categorias com menores níveis de dificuldade (além da categoria "expedição", a principal e mais difícil, existem as categorias "aventura" e "alternativa", esta última destinada a equipes iniciantes). Os grupos são constituídos por quatro participantes, dentre os quais, no mínimo, uma pessoa deve ser do sexo feminino, além da presença de uma equipe de apoio com até dois integrantes.

Destacando ainda algumas características da corrida, são inúmeros os patrocinadores envolvidos - especializados, em quase toda a sua totalidade, em artigos esportivos (roupas, calçados, bebidas, etc.). A EMA também possui um manual de conduta no qual são encontradas informações sobre o evento, bem como direitos e deveres de todos os engajados na atividade.

Para poderem se inscrever, as equipes interessadas tiveram que enviar, à organização, seus currículos com histórico esportivo para análise e, posteriormente,

pagarem uma taxa de inscrição para participarem da corrida. O valor total das inscrições de cada equipe foi de R\$ 2.500,00. Além de troféus e medalhas, as três melhores equipes foram premiadas em dinheiro (primeira colocada: R\$ 17.500,00; para o segundo colocado: R\$ 5.000,00 e para o terceiro colocado: R\$ 2.500,00).

Refletindo sobre esses valores e outras taxas adicionais, é possível afirmar que as corridas de aventura fazem parte dos sonhos de muitos; contudo, elas parecem, de certo modo, uma prática elitista, voltando-se, muitas vezes, para uma clientela selecionada, tendo em vista que, a maioria dos participantes são médicos, engenheiros e empresários, os quais podem se dedicar aos treinamentos exigidos e têm condições financeiras para arcarem com as inscrições e com os equipamentos especializados. Entretanto, embora tenha acessos desiguais relacionados às condições de vida de seus praticantes, também é preciso destacar que as corridas de aventura não são, necessariamente, exclusivas de determinada classe socioeconômica. Eventos similares a esses surgem na perspectiva de resistir a tal elitismo. Tratam-se de corridas menos sofisticadas, envolvendo pequenos grupos de pessoas, muitas vezes, apenas moradores da região na qual ocorrem as provas.

Sobre a corrida, propriamente dita, os competidores se orientaram por cartas geográficas e bússola convencional ao longo de terrenos inóspitos e acidentados. Nesses percursos, os participantes (equipes nacionais e estrangeiras) passaram pelos mais variados obstáculos: botes virados, assaduras pelo corpo, atropelamentos, noites sem dormir, articulações lesionadas, bicicletas estragadas, entre outros.

"... teve gente que se arriscou muito. No penúltimo dia, a norteamericana Alyson Denk, 29, não hesitou em tirar as calças e correr no meio do mato semi-nua, seguida pelos seus companheiros (...). 'Eu mal conseguia andar, ficar pelada foi a melhor saída', explicou Alyson que também não hesitou em cobrir as assaduras com 'silver tape', uma fita extremamente adesiva para remendar prancha de surfe, em vez de colocar um curativo" ³.

O desespero para completar a prova a qualquer custo parecia deixar qualquer médico desolado. Frases tais como: "doutor faz a sangue frio mesmo, tenho pressa" foram muito comuns. Cerca de 70% dos participantes passaram por um algum tipo de atendimento médico ao longo da corrida, desde pisadas em ouriços até atropelamentos de carro (Revista da Folha, op. cit., p.9).

Nessas ocasiões, os limites entre a dor e o prazer parecem não ser muito precisos, podendo ser este fato constatado nas palavras de uma participante que foi atropelada por um caminhão na etapa de *mountain bike. "Eu queria ir a todo custo, mas depois percebi que não ia dar"*, diz a participante com o braço quebrado e devidamente engessado.

Nessa mesma perspectiva, o discurso de um competidor que foi punido por estar usando a imagem do patrocinador maior do que a permitida pelo evento também é ilustrativo:

"Tivemos de subir e descer uma pirambeira de 17 km para pegar outro uniforme. A Gabriela (companheira de equipe) até chorou, mas tudo isso faz parte da vida de quem gosta desse tipo de esporte (...). A Gabriela também não reclamou de ter ficado três dias sem escovar os dentes. 'A vaidade feminina? É preciso dar um tempo com isso"⁴.

Vive-se, nessas práticas esportivas, uma experimentação de riscos nem sempre previsíveis e calculáveis, distanciando-se, de uma certa forma, da continuidade diária da vida. Aproximando-se, nesse caso, do sentido de aventura, proposto por Simmel (1988). Em seu ensaio sobre a aventura, o autor afirma que o desprender-se do contexto da vida significa, certamente, aventurar-se em essência, pois na totalidade de uma vida, os seus conteúdos individuais, por mais que consigam se distanciar uns dos outros, sempre estarão em torno de um processo homogêneo. A aventura é vivida independente do antes e do depois, seus limites são determinados sem referência a eles.

Na aventura, destaca Simmel (*op. cit.*), entregamo-nos aos poderes e acidentes do mundo, os quais têm o poder de nos deleitar mas, no entanto, também podem vir a nos destruir. O enfrentamento de perigos conduzem aos mais variados acidentes ocorridos nas atividades de aventura, levando-nos a crer que os mesmos assumiram uma qualidade particular que, decisivamente, transcendem o cotidiano vivido. Eles têm uma intensidade capaz de levar a um distanciamento da vida, assumindo uma qualidade onírica ⁵. Assume-se, nesses casos, o papel do aventureiro, entregando-se ao destino e colocando a vida em perigo com o intuito de desfrutar a excitação do risco.

Uma outra questão é pertinente para a nossa discussão: se por um lado, reportagens mostram que, nessa busca pelo risco, pela aventura, a natureza, algumas vezes, pode ser percebida como um mero cenário atrativo para a prática esportiva, por outro, atitudes de respeito e cuidado também surgem nas entrelinhas desse jogo de representação. Nesse sentido, a EMA, organizada pela Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura, parece ter uma certa preocupação com questões sociais e ambientais. Iniciativas podem ser visualizadas a partir de uma regra no regulamento da corrida: todas as equipes participantes devem executar um projeto socioambiental junto às comunidades locais por onde a competição se desenvolve ⁶.

Um dos objetivos sustentadores das corridas de aventura em geral é conduzido nesse sentido. Nos dizeres de Jean Claude Ravel, responsável, no Brasil, pela *Elf Authentique Adventure* (corrida de aventura mundialmente conhecida): "Queremos deixar alguma coisa. Não é só chegar, olhar e ir embora"."

Conforme entrevistas realizadas ao longo da competição, as populações locais demonstraram ser gratas pelos préstimos feitos a sua região, além de ficarem, muitas vezes, entusiasmadas com tanta movimentação no transcorrer da corrida, sentindo-se atraídas pelo colorido das roupas e equipamentos, pelo barulho dos carros, das bicicletas, dos botes, etc. Em sua maioria, fazem parte dessas populações pessoas humildes e até mesmo sem conhecimento suficiente para questionar se, realmente, o desenvolvimento de tal evento é benéfico ou não para o local. Propostas convincentes de melhorias podem levar a aceitação e compreensão limitadas.

Iniciativas, como as acima citadas, são válidas, no entanto deveriam surgir voluntariamente, sem um sentido de compensação no interdito: "Usufruímos os rios, mares, matas e rochas, mas desenvolvemos um projeto socioambiental...". Esse fato legitima uma tentativa de demonstrar ações ambientalmente corretas, sendo rotuladas de "ecológicas", conforme estratégias de marketing, nem sempre comprometidas de fato com mudanças socioambientais 8. O seguinte discurso pode ilustrar esse fato:

> "A prática de esportes em equipe em uma corrida contra o tempo, exigindo técnicas apuradas, estratégias, controle emocional, com regras ambientais e atividades sociais, autenticam a Expedição Mata Atlântica como uma verdadeira corrida de aventura que ultrapassa os limites de um simples evento esportivo" 9.

Em uma versão mais comercial e apelativa, pode-se destacar o programa apresentado pela Rede Globo de Televisão "No limite" (cópia do "Survivor" sobrevivente em português - "jogo de luta" pela sobrevivência valendo aproximadamente um milhão de dólares ao último e único "sobrevivente"). Nessa aventura, os participantes não pagam para participar, podendo (ou não) ganhar (status, dinheiro e/ou fama) devendo, contudo, submeterem-se aos mais extravagantes (e, às vezes, ridículos) exageros físico-mentais.

Na verdade, a intenção até agora foi mostrar um pouco do discurso obtido por intermédio da mídia, o qual, como destacado anteriormente, tende a espetacularizar o evento e, muitas vezes, mascarar a experiência genuína dos participantes. O que, realmente, os praticantes estão buscando nessas aventuras? Como ocorre, de fato, o envolvimento desses "aventureiros"? As respostas a essas perguntas, possivelmente, auxiliariam na compreensão das diferentes formas de relacionamento entre os seres humanos e o ambiente natural.

Que o lazer, para os envolvidos nessas atividades de aventura, não se tenha convertido (como tende a aparecer) também, em trabalho, em obrigação: "vamos produzir diversão, vertigem, adrenalina...". Que, na verdade, não se sobressaia uma relação pautada meramente por critérios de produção, consumo e lucro, mas que se busque um novo modelo cultural, mantido por vínculos éticos e afetivos. Aliás, como são as relações de ética, de afetividade e de sensibilidade nessas práticas de aventura?

(RE) DESCOBRINDO A NATUREZA DE DIFERENTES FORMAS

Nossa contemporaneidade é marcada pelo consumo de bens e serviços, signos e imagens atrelados à satisfação e ao corpo. As imagens fortificam um mercado consumidor, baseando-se no fascínio das pessoas por atividades que carregam mensagens de aventura e de fortes emoções, haja vista a crescente participação nas referidas corridas de aventura. Portanto, as atividades esportivas, em geral, praticadas em ambientes naturais estão inseridas nesse contexto, permeadas pelas noções de aventura, risco calculado, adrenalina e prazer.

Por mais que os eventos anteriormente citados possam ilustrar, de alguma forma, uma (re) aproximação da natureza, em uma tentativa de (re) valorização dos elementos naturais; os mesmos pressupõem um certo tipo de consumismo, como já destacado, merecendo, por isso, serem questionados e repensados, assim como tantas outras práticas junto à natureza. Como ressalta Santos (1992), a (re) descoberta da natureza é um tema que a atualidade vem nos impondo, de diferentes formas, a cada dia, contudo deve ser abordado com bastante cuidado porque a força das imagens e dos discursos pode trair o rigor dos conceitos.

Nesse contexto, é igualmente preciso destacar que, no turismo de aventura ¹⁰, as atividades as quais requerem os elementos naturais para o seu desenvolvimento, de formas distintas e específicas, parecem estar despertando mais sensibilidades, em diferentes níveis. As intensas manifestações corporais nessas práticas permitem que as experiências na relação corpo-natureza expressem uma tentativa de reconhecimento do meio ambiente e dos parceiros envolvidos, expressando, ainda, um reconhecimento dos seres humanos enquanto parte desse meio.

Despontam, então, autores preocupados (Betrán, 1995; Bruhns, *op. cit.;* Serrano, 2000; entre outros) com a defesa e manutenção dos seres humanos junto à natureza (a partir de condutas éticas) seja praticando esportes, em uma viagem turística, seja contemplando a paisagem ou em qualquer outra forma de manifestação de lazer ao ar livre.

Bruhns (1997) salienta que a experimentação dessas novas emoções e sensibilidades poderá conduzir os seres humanos a diferentes formas de percepção e de comunicação com o meio em que vivem. Portanto, faz-se importante compreendermos os diferentes significados que a relação dos seres humanos junto à natureza tem assumido ¹¹.

As atividades esportivas atuais, conforme Betrán (op. cit.), representam maneiras diferenciadas de relação com o corpo, encaixando-se perfeitamente com a ciência, com a técnica e com o recorde, convertendo-se em elementos sociais que produzem e acompanham o pensamento coletivo. A prática de atividades de aventura desponta nesse sentido: impulsionadas pelo desejo de experimentar algo novo, emoções prazerosas, utilizando-se da tecnologia infiltrada na esfera da recreação e do lazer.

Com base em Serrano (op. cit.), pode-se verificar que, juntamente com o surgimento dessas práticas de aventura e com o fortalecimento do ecoturismo, é presenciada uma maior disseminação do ambientalismo, o qual deixa de abordar somente temas eminentemente naturais (tais como: proteção das espécies e ecossistemas), passando a abranger temas mais gerais como direitos de minorias (sociais, religiosas e étnicas), debates sobre gênero e qualidade de vida 12.

Emerge, nesse contexto, a percepção de que os problemas relacionados aos recursos naturais, bem como sua apropriação e sua conservação, são derivados não unicamente da natureza, mas também da cultura, ressaltando-se, com isso, a necessidade de os sujeitos, que dão base a tais cultura e estilo de vida, serem igualmente trabalhados. Faz-se necessário, portanto, refletir sobre as necessidades humanas e seus valores socialmente construídos (Serrano, idem).

Especificamente quanto às atividades esportivas em ambientes naturais, os "aventureiros" envolvidos parecem estar fortalecendo um novo modo de vida, em busca de práticas mais "excitantes" que brincam com o risco e com o perigo em um jogo no qual os parceiros e os equipamentos tecnológicos compõem a dinâmica a ser vivida.

De acordo com Feixa (1995), desde as sociedades pré-industriais, o risco e o contato direto com a natureza constituíam parte do cotidiano. As emocões corporais eram vividas no contexto da festa, da guerra, da religião - contextos estes nem sempre cabíveis de diferenciações. Não havia necessidade de se criar cenários especiais para a vivência dessas emoções. O autor acredita que as atividades esportivas atuais apenas estão sendo regulamentadas e dotadas de um sentido competitivo, transcendendo o sentido original de caráter religioso ou festivo, por exemplo.

Concordo com o referido autor ao afirmar que as atividades de aventura que se manifestam em nossos dias, privilegiadamente nos momentos de lazer (as quais recebem, inclusive, a denominação de "novos esportes"), na verdade, não são tão novas assim. Haja vista os exemplos do surfe e do skate, pioneiros desses esportes e em eminência desde os anos 70. Contudo, discordo que, em sua maioria, as atividades de aventura voltem-se unicamente a um caráter competitivo. É fato que corridas de aventura (como a EMA e outras tantas, além de competições de escalada *indoor*, de *rafting*, etc.) estão começando a conduzir,

ainda timidamente, essas práticas a um processo de esportivização; contudo, nelas, ainda prevalecem características genuinamente lúdicas, carregadas de emoções, em uma forma singular e expressiva de brincar com o risco, denotando diferentes significados.

Compartilho com Betrán & Betrán (1995) que, cada sociedade, em cada época, tem sua própria cultura corporal baseada nos parâmetros ideológicos, tecnoeconômicos, sociais e também culturais. A idéia do corpo, bem como seu tratamento, uso, hábitos e costumes inscrevem-se na mentalidade de cada momento.

Portanto, nessa época em que vivemos, a natureza e seus elementos estão sendo bastante requisitados, privilegiadamente durante o lazer, ora como cenários, ora como parceiros indissociáveis. Seja como for, cabe aos envolvidos (professores de diferentes áreas - Ecologia, Geografia, Educação Física, etc.; empresários e outros) procurarem efetivar intercâmbios de conhecimentos sobre o meio em que vivem e, juntos, descobrirem as melhores (e menos degradativas) formas de manutenção dos seres humanos junto à natureza (da qual todos somos parte) consumando a possibilidade de permanência de uma tríade perfeita: lazer, natureza e aventura.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

Notas

- ¹ MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. *Revista Brasileira* de Ciências do Esporte. Campinas (SP): Autores Associados, v. 22, nº. 22, nº. 23, jan/2001 (ISSN: 0101-
- ² Desenvolvi esse assunto no artigo "Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza" (Conexões n 3, 1999).
- ³ As informações sobre a EMA foram adquiridas em uma reportagem da Revista da Folha, 5 de novembro de 2000, p. 7-9.
- 4 Revista da Folha, op. cit.
- 5 Idem.
- ⁶ Featherstone (2000).
- ⁷ Consta na página da internet da EMA (www.ema.com.br) que a Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura se comprometeu em destinar aproximadamente 50% da arrecadação das inscrições para o desenvolvimento de projetos socioambientais nos parques e comunidades envolvidos no trajeto da prova. Alguns projetos estavam sendo realizados antes da competição propriamente dita: produção de 30.000 folders e cartazes para divulgação dos parques envolvidos; doação de equipamentos para controle nesses parques (ex.; GPS, rádio HT, etc.); doação de equipamentos de segurança e primeiros socorros (ex.: macas, ataduras, etc.); doação de cobertores, capas de chuva e botas para as comunidades isoladas da região e doação de material escolar (ex.: cadernos, lápis, canetas, borrachas, etc.).

⁸ Folha de São Paulo, 8 de abril de 2000, p.7.



- 9 Do ponto de vista de alguns críticos. Serrano (2000) destaca o ecoturismo como um desses "produtos esverdeados" à disposição (meramente consumista) das classes médias.
- 10 Discurso adquirido no site da EMA (op. cit.).
- 11 O turismo de aventura é enquadrado na polissemia do termo ecoturismo e em sua multiplicidade de atividades. De acordo com Serrano (2000, p.9), ecoturismo é considerado como uma "idéia guarda-chuva" porque engloba inúmeras atividades como o trekking, escaladas, rappel, espeleologia, mergulho, cavalgadas, vôo livre, estudos do meio, safári fotográfico, observação da fauna e da flora, pesca, turismo esotérico e turismo rural, entre os mais comuns.
- 12 Eu não procuro, nessa discussão, apontar que uma forma de aproximação à natureza é ecologicamente melhor que outra, nem dar por encerrado um tema cheio de dúvidas e questionamentos, apenas compartilho de idéias que meu olhar e meu discurso privilegiam, comprometendo-me com determinados valores.
- 13 Segundo a autora supracitada (idem, p.11), "é preciso lembrar que em outros momentos da história das sociedades ocidentais já se ensaiaram sinais de preocupação/sensibilidade acerca das relações sociedadenatureza: os primeiros grupos de proteção da natureza ingleses em meados do século passado e o surgimento dos parques nacionais nos Estados Unidos, em 1872, são exemplos que produziram, ao menos pontualmente, alguma mudanca nessa relação". A autora apoia-se em Cascino para apontar que, também, é preciso destacar, na década de 60, que o movimento da contracultura norte-americana produzido pelos jovens hippies, naturalistas e esotéricos contribuíram, da mesma forma, para o desenvolvimento do ambientalismo atual.



Publicação original: dissertação de mestrado

Formato da contribuição: resumo

Fonte: MARINHO, Alcyane. Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva. 2001. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, UNICAMP - Campinas (SP). Orientadora: Prof^a. Dr^a. Heloisa Turini Bruhns. 2001.

E-mail da autora: alcyane.marinho@hotmail.com

Títulos acadêmicos principais atuais: Graduação pelo Departamento de Educação Física da UNESP de Rio Claro (SP); Mestrado pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP (Campinas, SP), na Área de Estudos do Lazer.

Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva

Alcyane Marinho

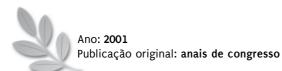
RESUMO

Investigar as relações estabelecidas na escalada esportiva em ambientes artificiais foi o objetivo deste estudo, tendo como ponto de partida para a análise o muro de escalada do GEEU (Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp), localizado na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Esta pesquisa refere-se a uma investigação na área de estudos do lazer privilegiando uma abordagem sociocultural, respaldada no referencial da análise cultural proposta por Geertz (1989). A natureza desta pesquisa é qualitativa e foi desenvolvida, complementarmente, com a utilização de entrevistas semi-estruturadas e de observação participante como recursos para obtenção dos dados. Foi possível detectar a existência de uma sociabilidade urbana no muro de escalada. Os membros do grupo se organizam, tentando conciliar estudos, escaladas e todas as atividades diárias, mantendo relações afetivas e dando sentido ao muro lugar comum entre eles. Isso os diferencia e os torna singulares. Esses ambientes artificiais surgem como formas de conquista de espacos, tratando-se de uma opção de escolha por um tipo de comportamento próprio de uma camada social. Os vínculos, as relações de amizade, aí estabelecidos, são mais fortalecidos e



duradouros, justamente pela relação mais direta estabelecida com a prática e com os outros escaladores. O GEEU, assim como outros grupos de escalada urbana que se formam, a cada dia, faz parte de um movimento de resistência frente ao processo de racionalização e à desordem das cidades, manifestando inovação e criatividade, preservando e promovendo a sociabilidade, como reacão ao individualismo. Na dinâmica do muro de escalada, os corpos escaladores manifestaram inúmeras expressões carregadas de sentidos, conduzindo a inúmeras interpretações. Os corpos escaladores mostraram que o mesmo corpo que é supervalorizado, repleto de sentidos narcisista e hedonista pode, também, ser notado não só por sua aparência, mas, da mesma forma, ser um lugar de sedução e fascínio, criando laços, celebrando prazer e criatividade, por intermédio de acordos estéticos. Os aspectos técnica e força, na escalada esportiva, são tão requisitados quanto leveza e delicadeza, independentemente do gênero. O corpo escalando, liberto em movimentações criativas, tensas, sublimes e sensíveis, repentinas ou planejadas, expressa sua subjetividade em um diálogo constante consigo mesmo, com outros corpos e com o aparato tecnológico. Este, por sua vez, apresenta-se como facilitador da prática, mediando o corpo e a atividade. A tecnologia, portanto, não é entendida apenas em seu aspecto funcional, mas também cultural, como uma lógica sensível aos fascínios, desejos e necessidades culturais. A aventura, nos muros artificiais de escalada, não se liga ao desconhecido e ao perigo, contrariamente a isso, é vivida com base nos acontecimentos anteriores e posteriores à atividade; seus limites são determinados com referência a eles, sob segurança calculada e completamente integrados ao cotidiano de tarefas, deveres e trabalhos acadêmicos dos escaladores. A experimentação lúdica do corpo, em suas formas genuínas, é bastante perceptível no muro, vivendo-se, com isso, novas emoções, dando diferente conotação às possibilidades de risco e perigo (praticamente inexistentes) e às sensações de prazer e medo. Apesar do tempo de lazer dos escaladores atrelar-se ao tempo das obrigações acadêmicas e do trabalho, a lógica dessas duas dimensões não estão igualmente marcadas pela produtividade e/ou rendimento. O muro não é uma mera etapa. Nele manifesta-se um ritual, permeado pela ética do grupo e expresso por seu caráter inclusivo. Foi possível notar que os comportamentos, gostos e estilos dos escaladores do GEEU fazem parte do contexto das inúmeras transformações na cultura urbana das grandes cidades de nossa contemporaneidade. Os muros de escalada, espalhados pelos diversos cantos da cidade, surgem nessa perspectiva: enquanto formas de inovação e expressão cultural contemporânea, solidificados por uma política de amizade.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]



Formato da contribuição: resumo adaptado de pesquisa

Fonte: "Pipa, pião e 5 marias: Brinquedos de ontem, hoje e de sempre." Pesquisa realizada durante a Semana do Folclore no Museu do Homem do Nordeste em Pernambuco. Anais ENAREL 2001

 $\textbf{E-mail:} \ danib ambini@hotmail.com, \ gugapessoas@hotmail.com,$

cissamendes@hotmail.com, shvx79@hotmail.com

Títulos acadêmicos principais atuais: Daniele: Especialista em Educação Física adaptada aos portadores de doenças crônicas degenerativas e idosos e Licenciatura Plena em Educação Física – ESEF/UPE; Gustavo: Especialista em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (CELAR) e Turismólogo pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP; Mendes: Bacharel em Hotelaria pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e Turismóloga pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP; Xavier: Especialista em Lazer, Recreação e Atividade Física para Qualidade de vida pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC/PR e Turismólogo pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Brinquedos, brincadeiras, recreação, arte e cultura popular: alternativas para um museu interativo

Daniele Barreto Figueiredo e Silva Gustavo de Lira Santos Maria Cecília de Araújo Bezerra Mendes Sérgio Henrique Verçosa Xavier

Com a crescente demanda, no mercado, de jogos e equipamentos eletrônicos, percebe-se em meio às crianças o descaso por brinquedos que outrora fizeram a alegria e o lazer de jovens de décadas passadas, inclusive a dos pesquisadores. Com intuito de não deixar este passado tão rico em experiências se apagar na memória da população, o Museu do Homem do Nordeste, localizado no bairro de Casa Forte na cidade do Recife em Pernambuco, em parceria com Caravana Viagens e Turismo e o SEBRAE – Paraíba, desenvolveram a VI Semana do Folclore com o tema: "A importância do patrimônio lúdico na formação infantil". Neste



caso, entendemos as tradições lúdicas como parte da sustentabilidade ambiental e portanto cultural.

Proporcionando visitas à exposição permanente do Museu, adicionou à sua rotina uma feirinha de brinquedos populares e guloseimas, oficinas de frevo, maracatu, caboclinho, bumba-meu-boi e capoeira junto com a exposição de brinquedos populares da colecionadora Macao Goes.

Tendo como objetivo a implantação de atividades recreativas e lúdicas em museus, que são considerados espaços conservadores e monótonos, destinados a perpetuar antiguidades, tornado-o locais de visitação e lazer para todas as idades. Visto que são desenvolvidas atividades culturais, no qual a criança, receptora, participa apenas psicologicamente das mesmas. Procuramos com este trabalho fazer a intersecção do lazer passivo com o ativo, no qual a criança participa física e psicologicamente, colocando em prática aquilo que viu e aprendeu.

METODOLOGIA

Com o intento de entender melhor os anseios das crianças ao visitarem o museu, durante a Semana do Folclore, elaboramos um questionário composto de 8 (oito) perguntas fechadas. Num universo total de 2427 crianças que visitaram o Museu, apenas 1414 estavam enquadradas no nosso plano de pesquisa. Este tinha como objetivo entrevistar crianças de ambos os sexos, com idade mínima de 6 anos e máxima de 17 anos, de escolas públicas e privadas, do ensino Fundamental I e II. Sem precisar identificar-se seriam abordadas após usufruírem de todas as atividades oferecidas pelo museu.

Como alvo inicial queríamos coletar 400 (quatrocentos) questionários válidos, 100 (cem) a cada dia, 50 (cinquenta) por turno. Com a ajuda de alguns voluntários, colegas dos cursos de Turismo, Hotelaria, Geografia e Educação Física das Universidades Católica (UNICAP), Federal (UFPE) e de Pernambuco (UPE), sentimos que alcançaríamos esse objetivo e até bem mais. Ao final captamos 500 (quinhentos) questionários válidos. O questionário pretendia saber o motivo pelo qual a criança foi ao museu; o que ela achava que iria encontrar; a atividade que ela mais gostou; e quais os 5 bringuedos que ela mais brinca.

O BRINQUEDO POPULAR

Antes do surgimento das fábricas e indústrias modernas, os móveis, objetos, calcados, utensílios, brinquedos, entre outros, eram confeccionados de forma artesanal. No lugar de máquinas o trabalhador utilizava apenas algumas ferramentas como: martelos, tesouras, facas, serrotes, etc. Com isso podemos perceber a

diferença entre o brinquedo popular e o industrial, pois nele tudo é feito manualmente, pelo artesão, que usa materiais e ferramentas simples e muita criatividade.

O fazer tradicional do brinquedo popular é transmitido pelo artesão de geração em geração com formas simples, coloridas e muito engenhosas. Por serem produzidos em pequena escala, diferentemente dos industriais, que são produzidos em grandes escalas e dispõem de máquinas que confeccionam o produto em poucos minutos, os grupos de artesãos passam a encontrar obstáculos difíceis de serem ultrapassados o que leva a uma falta de interesse dos mesmos em produzir, e do consumidor em adquirir um material artesanal, já que, nas lojas eles encontram similares com mais atrativos e a custos mais baixos.

No Brasil, os principais centros produtores de brinquedos artesanais nas décadas de 60 e 70 estavam no Nordeste, Centro-Oeste e na região Sudeste. Ainda hoje estes continuam sendo os locais de produção e ainda são encontrados na periferia dos grandes centros urbanos, trazidos com a cultura do migrante nordestino.

No Nordeste brasileiro a produção é criativa e engenhosa. São bruxas de pano das mais simples, com vestidos de trapos e sacos de plástico às mais sofisticadas de rosto modelado, anéis e pulseiras. O mobiliário de madeira pintada, cerâmica, lata, jogos de sala, de quarto, de cozinha, miniaturizando o cotidiano adulto. Ainda há meios de transportes, roda gigante, carrossel e balanço que fazem parte dos brinquedos com movimento e muitos deles são cópias dos modelos originais.

No vasto universo lúdico artesanal, ainda temos brinquedos de habilidades que são os piões, badoques, pipas entre outros; os acústicos, como os diversos instrumentos musicais; e os brinquedos indígenas.

O UNIVERSO INFANTIL E A TECNOLOGIA

É pelo jogo, pelo brinquedo que a criança se desenvolve física e mentalmente. Uma criança que é proibida de brincar torna-se o adulto que não sabe pensar e criar. "A infância é, portanto, a aprendizagem necessária à idade adulta (CHATEAU, 1987: 14)".

Na brincadeira a criança deposita toda a sua seriedade e neste momento ela se coloca exatamente na posição que a imaginação permite: Se ela brinca de carrinho, ou ela se transforma em motorista ou em policial de trânsito. Com as bonecas a menina se sente a própria mãe que se preocupa com o filho, encarnando nitidamente o personagem que a brincadeira exigiu.

Tais personagens fazem com que a criança saia de sua realidade e crie outra paralela com facilidades e dificuldades impostas por ela. Neste mundo percebe-se que o adulto não está presente fisicamente, mas ele é representado, pois o brincante

necessita de um modelo para dar continuidade a sua brincadeira, e neste universo ela pode se transformar em quem quiser: índio, ladrão, cavaleiro de armadura, astronauta e tantos outros que a imaginação permitir. Todo este mundo de faz de conta fará com que a criança se prepare para a vida real, pois em muitos casos elas reproduzem situações do seu cotidiano. (CHATEAU, 1987: 13 e 14).

Contudo encontramos um obstáculo maior, o fascínio que o "moderno" o "novo" vem exercendo na sociedade e que vem proporcionando o desaparecimento destas manifestações criativas e tradicionais. Entre as tradições estão as antigas brincadeiras e jogos infantis, substituídos pela televisão, brinquedos industrializados e pelo mundo da informática e mesmo esta última, restrita a determinadas camadas da população, passando a ocorrer a "falta da criação cultural pela própria criança, por uma produção cultural para a criança". (Marcelino, 1996: 42).

Uma das conseqüências negativas é o fato da criança não produzir mais brinquedos rústicos, feitos em casa, utilizando materiais simples e baratos. Esta brincadeira além de divertida contribui para o aprimoramento psicomotor. A preservação e conservação dessas atividades não excluem as oportunidades que a informática traz. O interessante é o espaço que a criança tem de produzir cultura e não apenas aceitar mercadorias.

A SUSTENTABILIDADE CULTURAL EM MUSEUS

A recreação cultural é o conjunto de atividades que visa integrar os indivíduos com as manifestações culturais de uma localidade. Ela provoca o interesse fazendo com que o participante vivencie e entenda melhor outros comportamentos e atitudes, podendo provocar curiosidade pela cultura apresentada surgindo a *postériori* habilidades criativas no indivíduo, quando para ele são demonstradas as técnicas próprias de determinada cultura, na confecção de objetos artesanais, danças típicas e etc.

A recreação cultural informativa é aquela com a finalidade de aperfeiçoamento cultural. Podem ser usadas diversas formas de apresentações, como por exemplo: Palestras, mesas-redondas, mostras, exposições, teatros, grupos folclóricos. Esse tipo de recreação já existe no Museu, porém algumas delas apenas em datas comemorativas. Grupos folclóricos, apresentações teatrais e teatro de bonecos, algumas das atividades que mais prendem a atenção da criança, poderiam ser apresentados freqüentemente À forma como é repassado o significado das peças, que ficam em exposições, poderia ser com uma linguagem mais simples e didática, talvez, até, através de brincadeiras.

A recreação cultural criativa é aquela que a criança participa diretamente, aprendendo e se integrando com a sua cultura. Alguns exemplos são apresenta-

cões teatrais e de danças. Outros exemplos seriam as oficinas, com atividades de produção como: argila e papel em geral, pintura, madeira, danças, capoeira e muitas outras que podem ser vistas através da nossa cultura ou da própria exposição do Museu.

PRINCIPAIS RESULTADOS

O quadro de numero 1 se relaciona com a seguinte pergunta: Por que você veio para este passeio?

[...] Quadro 1 - Respostas: Não respondeu o motivo - 2,6%; Queria aprender coisas novas - 18,8%; Para me divertir - 8,6%; Para não ter que assistir aula - 0,2%; Para conseguir uma nota mais fácil com o relatório - 9.2%: Porque minha turma veio - 2,6%; Por curiosidade ou interesse - 30,0%; Porque meus pais me induziram - 1,4%; Por que a escola ou a professor me induziram - 9,0 %; Porque já tinha vindo uma vez e quis vir novamente - 3,0%; Porque já tinha feito um passeio pela agência e quis vir de novo - 14,2%; Outros - 14,2% (Total - 100%).

Podemos observar que a curiosidade ou interesse das crianças, com 30 %, ainda é o principal motivo da visita ao museu; em segundo lugar tivemos a aprendizagem, onde estes indivíduos, que somam 18,8 %, estão em pleno desenvolvimento mental e toda informação e de grande importância. Mas não podemos deixar de falar na questão da aquisição de nota, onde 9,2%, dos entrevistados tocam no assunto de provas e relatórios visto que esta ainda é uma das formas de avaliação escolar. O que nos chamou a atenção foi o baixo número de crianças que foram ao museu porque não queriam assistir aula, com apenas 0,2 %.

A segunda questão descrita, no quadro 2, tem a seguinte pergunta: O que você achava que iria encontrar no MH-NE?

[...] Quadro 2 - Respostas: Coisas velhas, antigas e históricas - 22,2%; Coisas para adultos – 1,0%; Quadros, estátuas, esculturas e similares – 11,8%; Brinquedo, apresentação, jogos, musicas, arte, dança, trabalho manuais e curiosidades -36,8%; Outros - 28,2% (Total - 100%).

Já que em muitos colégios foi comunicado para as crianças o que elas iriam encontrar de festivo durante a semana do folclore, muitas crianças responderam aquilo que realmente encontrava-se, num total de 36,8%. Outras como era esperado continuam a ter a idéia tradicional sobre museu, 35.6%.

O quadro 3 tem como objetivo saber o que elas mais apreciaram com a seguinte pergunta : Qual a atividade que você mais gostou?

[...] Quadro 3 – Respostas: Feirinha de artesanato e guloseimas – 6,4%; Oficinas de frevo – 22,6%; Visita a parte de dentro do museu – 31,6%; Exposição de brinquedos populares – 7,4%; Oficina de capoeira – 24,4%; Apresentação das escolas – 3,8%; Outros – 3,8% (Total – 100%).

Foi grande a nossa surpresa quando e resposta mais votada (31,6%) foi a visita a parte de dentro do museu, mas facilmente explicável porque quem ministrava a apresentação do museu era uma equipe de recreadores. Logo após, a oficina de capoeira (24,4%) e a oficina de frevo (22,6%), respectivamente. Também podemos explicar este fato: As crianças participavam ativamente destas oficinas.

Por fim, tínhamos a dúvida da interação do brinquedo moderno com o popular.Com a seguinte pergunta: Quais são os brinquedos com os quais você mais brinca? As respostas coletadas seguem nos quadros 4.1 e 4.2.

QUADRO 4.1: Brinquedos modernos / industrializados

CATEGORIAS	N
1) Videogame; Bicicleta; Computador; carrinhos / lanchas / aviões	0921
elétricos ou de fricção; Bonecos(as) de lojas; Jogos de Tabuleiros*.	
2) Ferrorama / Autorama; brinquedos de montar; armas; patins /	0091
patinete / skate; instrumentos musicais; mini-game; tamagoche;	
massa de modelar; jogos de elaboração**.	
3) Outros (Maquiagem, Jogos de mesa***, Skate de dedo, Revista em	0034
quadrinhos; Fogãozinho; Panelinha; Casinha de pano; Karaokê)	
4) Geleca.	0000
TOTAL	1046

^{*} War; Jogo da Vida; Imagem e ação; Banco Imobiliário; Xadrez; Dama; Ludo e etc.

QUADRO 4.2: Bringuedos populares/ artesanais

CATEGORIAS	N
1) Bola; Pipa; Pião; Corda; Elástico; Bola de Gude;	0852
2) Carrinho de rolimã; Telefone sem fio; Bambolê; Peteca; Pega vareta; Vai e Vem; Bonecas e bonecos de pano; Brinquedos feitos pela criança; Carrinhos de lata e madeira.	0156
3) Badoque; Casinha; Escolinha; Brincadeiras*; Brinquedos de escolas**; Fantoche, Bolinha de sabão; Argila; Gestos com a mão; Brincar com a imaginação; Cantar; Cabeleireiro; Livros; Iô-iô; Cantigas de rodas.	0162
4) Pirocoptero.	0000
TOTAL	1170

^{*} Pega - pega; Pega - Congelo; Pega - macaco: Amarelinha; Pula - carniça; Esconde-esconde, Barra – Bandeira, Cabra-sega; Chuta a Garrafa (Pique e late), Pisa-pé.

^{**} Escorrego; Balanço; Gangorra; Roda e etc.



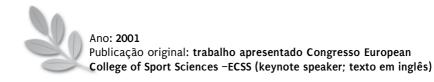
^{**} Sorveteria da Eliana; Chocolateria da estrela; Tricô da estrela e etc.

^{***} Ping-Pong; Sinuca; Dominó; Baralho.

CONCLUSÃO

Através desta pesquisa, feita com crianças de escolas privadas - e neste meio descobrimos as escolas particulares de baixa renda -, e pública, percebemos que no universo estudado os brinquedos não foram totalmente retirados do cotidiano. A tradição lúdica ainda se mostra presente. Este motivo pode ser atribuído pelo fato de que os bairros em que elas moram sejam calmos e próximo às escolas, que em geral, são de médio e pequeno porte. Contudo torna-se necessário o incentivo por parte de diversas instituições, da família e da escola, para que os mesmos não se tornem apenas "peças de museus".

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]



Formato da contribuição: texto resumido dos Anais, sem referências

Fonte: Proceedings "ECSS Congress, Cologne 24 - 28, July 2001 - Plenary

Session: Impact of Sport on Environment"

E-mail: dacosta8@terra.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Doutor em Filosofia e LD em Administração do Esporte, PPGEF-Universidade Gama Filho / Rio de Janeiro; Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos, UGF, Rio de Janeiro

International trends of sport and environment - a 2001 overview

Lamartine DaCosta Keynote Speaker

THE STATE OF KNOWLEDGE

This paper re-examines issues of the environment and sport relationships through a consideration of profiles and perspectives, as proposed by the central theme of this Congress. To begin, I would like to remark that the conflict-resolution approach is still dominant today in the field of knowledge explored by the present session. This notion has been particularly holding true in terms of ethics and management focuses. And its concern was mirrored in the last World Conference on Sport and the Environment (Rio de Janeiro, October 1999), promoted by the International Olympic Committee - IOC, when the major focus of interest was forwarded as the commitments searched by the Agenda 21 descriptive procedures and by the prescriptive statements favouring environmental sound sport practices. Table 1 depicts the preferred themes of presentations of that 1999 Conference within which the categories "Agenda 21 implementation and governance" and "Ethics, behaviour and governance" reach altogether 29.7 % of speakers' preferences.

The association of both policy and behavioural claims was respectively followed by institutional assessments and directions ("Reports and future perspectives": 27.0%), instrumental developments ("Management, procedures and standards": 24.3%) and culturally enhancing approaches ("Events and promotion" and "Education and Culture") with 18.9% of the presented papers.



In fact, these options reflect thereby the gradual development of international sport leadership's concern on the issue of sport and environment since 1992. That year marks the watershed United Nations Conference on Environment and Development in Rio de Janeiro with IOC participation; the strong reactions from governments and environmentalists brought forth by environmental damages occurred during the 1992 Winter Olympics of Albertville; and also the signature of the Earth Pledge by the IOC, the National Olympic Committees - NOC and the International Federations- FI. Key issues on sport and environment in international grounds began henceforth to address the institutional commitments, the development of norms and standards as well as the educational and legacy improvements.

THE TURNING POINT

In Rio's 1999 Conference, emerged a prominent trend to more scientific and even philosophical addresses towards the so-called "green sports". As yet, the policies and actions envisaged by the Agenda 21 in addition to environmental ethics judgements and recommendations are becoming apparently dominant. Coincidentally, Rio's Conference joined representatives of 93 NOC and of 19 International Federations, an unprecedented participation taking into account the international sport level of relationships with the environment. Moreover, more elaborated approaches in academic and knowledge production terms seem to be currently reshaping the mainstream of the ecologically sustained sport practices. [...]

Facing this hypothesis, the present contribution presupposes that the international concerted environmental commitment mainly promoted by the IOC is in a turning point. As such, this change needs updated focus and interpretations in view of its impact in different levels of sport practice and management. Thus far, the recent responses from sport leaders, managers and researchers to world-wide increasingly ecological imbalances may stand as a comparison to this paper's initial interpretations. After all, the environmental stewardship that has been exhibited by the IOC and its affiliates since 1992 has correspondences with the overall international challenges and achievements.

THE OUTLOOK

The aforementioned comparative responses were collected during 1999 from experts, environmental institutes and the United Nations Agencies. This survey was implemented by the United Nations Environment Programme - UNDP, the main influential partner of IOC for environmental visions and actions, aiming to tackle existing problems and to point out serious new threats. Following there is a summary of the "Global Environmental Outlook- 2000", the report published by

the UNDP, putting forward the major issues identified in the study with percentage of respondents mentioning issue (UNEP, 1999):

```
(1st) Freshwater scarcity and pollution - 57 %
(2<sup>nd</sup>) Climate change - 51 %
(3rd) Deforestation and desertification - 28 %
(4th) Poor governance - 27 %
(5<sup>th</sup>) Loss of biodiversity - 23 %
(6th) Population growth and movement - 22 %
(7th) Changing social values - 21 %
(8th) Waste disposal - 20 %
(9th) Air pollution - 20 %
( 10th ) Soil deterioration - 18 %.
```

Summing up, "poor governance" was detected as the 4th choice among 36 critical environmental issues, most of them with less than 18 % citations from a total of 200 environmental experts from 50 countries. This category related to both Agenda 21 requirements and environmental ethics claims may be certainly included among those problems that exist now as suggested by the survey but which are not receiving enough policy attention. Therefore, the previous suggested change of international main sport institutions in their central approaches to the environment protection and legacy may be matched with the "poor governance" problem detected in the more encompassing perspectives of environmental matters.[...]

Of course, most of the threats listed in hierarchical order by the UNDP outlook for the 21st century have been acknowledged since the eloquent warnings for "saving the Earth" of the 1970s. The novelty here is the lack of adequate governance often dependent of operational appropriateness and ethical basis. Another feature revealed by the governance factor put now in such high importance among other historical problems, is the weakness of the Agenda 21 when dealing with powerful partners in the transition to environmental sound use of resources. The recent overthrow of the Kyoto Protocol for the reduction of greenhouse gas emissions is strongly confirming the key importance of poor governance in addition to the lack of values-led policies.

GOVERNANCE AND ETHICS

In short, in 2001 global perspectives, the environment and sport theme is seemingly changing its international focus in order to emphasise adequate

governance and ethical behaviour. Moreover, "adequate" might be here understood not only in terms of legitimacy but rather as partnerships based on common interests, mutual needs and common yet differentiated responsibilities. This rationale was already found in the Agenda 21 blueprint for actions' implementation , however the experience from recent years is showing that powerful organisations, either private or governmental, are more players than partners. On account of Rio's 1999 Conference, values-led governance and ethical positioning are again calling for priority in the attention to be taken by sport leaders and researchers.

BUSINESS ECO-SOCIAL RESPONSIBILITY

Coincidentally with the elite sport efforts to meet the Agenda 21 requirements for both scientific sustainable solutions and social responsibility definitions, there are current claims from the World Federation of Sporting Goods Industry-WFSGI showing great interest on green accountability and consumer's environmental ethics.

As the Federation had assumed officially during Rio's Conference, the ecoefficiency by means of social responsibility there should be an increasing importance of this factor in many large companies. Having been found wanting on issues like child labour and indigenous land rights, those business enterprise "are realising that market needs for products and services should be met without destroying natural resources and social capital" (Gorgemans, 1999).

In addition to this approach to ethical positioning in business, the WFSGI has been promoting since 1999 showcases of multinational corporations committed with reduction of environmental impacts associated with the life cycle of the products. That is the case of the focuses put in a few examples also presented in Rio's 1999 conference, such as Adidas- Salomon, Mizuno, Patagonia and Nike in segments and location of their production systems. Unfortunataly, assessment of these programs and their influence on other WFSGI associates have not been provided yet.

THE IOC SOCIAL RESPONSIBILITY

Actually, international top sport and the Olympic sports in particular became gigantic enterprises in which ethics exerts minor influences. But the very nature of sport competitions demands a legitimacy mostly attained by ethical and educational values. And the search of that legitimacy by sport institutions and managers is very often a complex enterprise. As such, Joachim Mester (1995) in the celebration of the 75th anniversary of the German Sport University Cologne, illuminated the complexity remarking "that in the normal business world values

and the development of values can be more actively regulated than is the case at the moment in sport".

Symptomatically, the well-established managerial power of IOC interventions has been caught by surprise when conflictive situation created by its own lack of ethical standards was brought up. This was particularly true in relation to the environmentalist crisis of the 1992 Winter Olympic Games of Albertville. Since then the IOC has been undertaking the above mentioned conflict-resolution profile. And partnerships with independent expertise and positive action groups came about in order to provide a "green profile" to the Games (DaCosta, 1997). Finally, in 1996, the principle of sustainability was included in the Olympic Charter in order to encourage the Olympic Movement " to take measures to reflect such concern in its activities and educate all those connected with the Olympic Movement as to the importance of sustainable development" (IOC, 1997).

In reference to recent years' experiences of IOC in maneuvering important crises it is suggested that the Olympic Movement becomes more open to association with independent partners as well as to lead consensus building operations. Furthermore, during the early 1990s the IOC demonstrated an unprecedented sensitivity to social criticism despite keeping its close relationships with large-scale commercial enterprises. For sure, the IOC Sport and Environment Commission included scholars in its decision-making processes.

This context of reconciliation has been substantially levered up by the far reaching repercussions of the IOC bribery scandal, starting at the end of 1998. In practical terms, the moral crisis implied in ethical compliance with recommendations from either the IOC Reform Commission, or the Ethics Commission, both including a majority of independent membership. In these circumstances, a number of scholars dedicated to Olympic Studies area have joined the efforts to carry out a deep reform in the IOC basic structure and its leaders' attitudes. Also, the creation of the World Anti - Doping Agency - WADA along with the IOC changes, brought another group of scholars with international reputation into its decision-making process (WADA, 2000).

THE SURVEY

However, respectively to this presupposed context of reconciliation a timely guestion should be addressed in view of the international sport present status: is the current IOC reform meeting the requirements for adequate governance policies and ethical compliance?

Indeed, as respondents to this question Olympic scholars are potentially able to develop management and ethical discernment once the latter tasks are intrinsic parts of their professional life. Moreover, those specialised researchers are presupposed observers of the Olympic Movement. Conversely, the IOC members and managers since the start up of the 1999 reform have been not able to openly respond on the subject that they are reforming. Thus, the solution for surveying governance and ethics in the IOC grounds was to elect Olympic scholars as sources of assessment.

As such, former ethical and policy -making assumptions as addressed in previous sections of this paper were formulated in nine items referred to the ongoing IOC reform. These statements were included as a part of a questionnaire sent to 50 selected scholars, from June to November, 2000. The instrument was originally referred to an investigation aiming to scrutinise the IOC moral crisis and the role of Olympic scholars in face of ethical and values inadequacies in the Olympic movement (DaCosta, 2000).

The data-gathering instrument totalled 26 position statements to be checked in terms of frequency of agreements besides avoiding individual identification. The nine items regarding the ongoing IOC reforms should be checked as proposals considered both theoretically valid and appropriate as endorsements from Olympic scholars. For the purpose of this paper, only the results from the latter set of statements will be presented and discussed while the complete study is being publishing elsewhere.

Concerning the potential respondents, the delimitation was planned to include Olympic scholars from all continents, both sexes and with Ph. D. degrees conferred in less than ten years (<10 yr) and before 1990 (>10 yr). The profile of these respondents was outlined as an active professor with a Ph.D. degree dedicated to Olympic Studies. The percentage of returns from the total of 50 questionnaires distributed by Internet and surface mail was 72%, totaling 36 respondents being 8 (22,2%) women and 28 (77,8%) men. The group with more than 10 years of Ph.D. experience totaled 20 (55%) respondents and the younger group , 16 (45%). The continental distribution of respondents were: Europe - 13 (36,1%); North America - 11 (30,5%); Asia - 6 (16,6%); Latin America - 5 (13,8%); Africa - 1 (2,7%). By countries, major sources of respondents were Canada - 6 (16,6%); Germany - 6 (16,6%); USA - 5 (13,8%); UK - 4 (11,1%). Thus, these four countries alone totaled 58,3% of respondents with English speaking nations dominance.

Also, the group of 36 Olympic scholars declared 16 specialization involvement beside Olympic Studies such as: history - 38%; sport sciences - 27%; education - 13,8%; philosophy - 8,3%; ethics - 5,5% and others with 7,4%. Moreover, 30,5% of these respondents had consultant or executive functions in Olympic Movement's different bodies (IOC commissions, Sydney's SOCOG, National Olympic Academies etc.). Despite this complementary profile, the group of respondents cannot be seem as representative of Olympic scholars but only as a small-group of these specialists able to try out preliminary answers to the question initially proposed.

THE RESULTS [...]

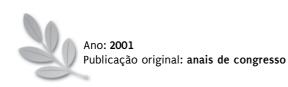
DISCUSSION [...]

CONCLUSIONS

Overall, the hierarchy developed by respondents in the last section suggests that a more active and participatory role is the profile expected to be assumed by the IOC. In retrospect, both the IOC and the WFSGI during the 1990s have been seeking for legitimacy as referred to their respective areas of intervention, namely international sport organisations and global markets.

However, in terms of the environment and sport the major concern on performances and standards is entering in the new frame of reference changing the focus from reactive to proactive policies. In other words, international sport leaders and managers are substituting their search of legitimacy for interventions in environmental issues by collective building capacity of social and ethical governance. Should it be the case that they are loosing their original conflictresolution profile and developing their own perspectives for environmental interventions? Are they moving towards a self-interest institutional ethics leaving behind the mutually co-operative governance promoted by the Agenda 21?

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]



Formato da contribuição: texto resumido

Fonte: Anais do XVI Congresso Brasileiro De Economia Doméstica (editado por Ana Lídia Coutinho Galvão, Elza Maria Vidigal Guimarães, Rita de Cássia Teixeira).

Viçosa: ABED, 2001.

E-mail da primeiera autora: apvieira@ufv.br

Títulos acadêmicos principais da primeira autora: Doutoranda em Dança, Temple University – Filadélfia, PA, EUA; Mestre em Educação/Educação Física, Valdosta State University, Valdosta, GA, EUA; Licenciada em Educação Física, ESEFEGO,GO.

Arte, lazer e Educação Ambiental: o caso da Ludoteca da Universidade Federal de Viçosa

Alba Pedreira Vieira¹ Maria do Carmo Oliveira² Maria do Carmo Couto Teixeira³

Qual a condição do nosso meio ambiente? O que é "saúde" ecológica? Quando podemos afirmar que nossos ecossistemas não estão saudáveis? Assim como o conceito de corpo humano, saúde é um conceito relativo. Quando alguém não se sente saudável, em algum ponto se faz o julgamento que algo precisa ser feito. Mas como promover a sensibilização, principalmente em nossas crianças, de que algo não vai bem em nosso meio ambiente? Em outras palavras, como promover a educação ambiental? Um olhar mais sensível à nossa volta nos faz reconhecer que há sinais ecológicos suficientes para avaliar que ações imediatas são apropriadas. Mas há tantas perspectivas em educação ambiental (por exemplo, Dias, 1993; Sato, 2000; Grun, 1996) que muitas vezes se torna difícil saber em que acreditar e qual caminho seguir. Principalmente, em se tratando de educação ambiental com crianças. Devemos promover palestras? Criar disciplinas específicas sobre o tema nas escolas? Seriam as escolas os únicos locais possíveis e viáveis para se promover a educação ambiental? Há como conciliar o desejo lúdico das crianças com a seriedade requerida pelo tema do meio ambiente e a educação ambiental? É possível se promover uma educação ambiental lúdica no momento de lazer das crianças?

Na era pós-moderna, o acesso a atividades lúdicas com qualidade no momento de lazer das crianças tem se tornado uma preocupação crescente em muitos



países. Contomitantemente, nas últimas décadas, tem se acentuado em âmbito mundial o foco em relação às questões ambientais. Compreendendo e assumindo o papel fundamental da universidade pública em propiciar atividades lúdicas de lazer que fomentem a consciência ecólogica da criança através do brincar, foi uma das bandeiras assumidas pela Ludoteca da Universidade Federal de Viçosa (UFV) na cidade de Viçosa, Minas Gerais. Sendo parte do programa de extensão da referida universidade, a Ludoteca é caracterizada como uma instituição que utiliza métodos informais para facilitar o acesso das crianças viçosenses à educação sobre o meio ambiente e desenvolvimento. Nesse sentido, vale lembrar partes dos documentos que compõem a AGENDA 21, fruto de encontros promovidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) sobre meio ambiente e suas relações com o desenvolvimento:

"...Tanto o ensino formal como o informal são indispensáveis para modificar as atitudes das pessoas para que estas tenham capacidade de avaliar o problema do desenvolvimento sustentável. O ensino é fundamental para conferir consciência ambiental e ética, valores e atitudes, técnicas e comportamentos..."

"Os países e as organizações regionais e internacionais devem lutar para facilitar o acesso à educação sobre meio ambiente e desenvolvimento, vinculada à educação social, desde a idade escolar primária até a idade adulta em todos os grupos da população." (ONU, 1992).

No nosso país, as questões relativas ao meio ambiente tem se tornado ainda mais comprometedoras devido ao crescente (e muitas vezes caótico) crescimento das cidades brasileiras. Em nome do "progresso" de nossa civilização, as crianças tem perdido o espaço e o tempo para brincar. Ademais, elas carecem também de oportunidades para terem um maior contato contato com a natureza. Nos grandes centros urbanos, o trânsito e a violência colaboram para retirar ainda mais as possibilidades de lazer da população, e em especial das crianças. Trancadas dentro de casa, muitas crianças vivenciam seu tempo de lazer em frente à televisão em um processo de apropriação da cultura que lhes poda a sensibilidade criativa. Diante desse quadro, faz-se necessário a criação de alternativas para garantir ao público infantil o acesso e desfrute do patrimônio lúdico-artístico-cultural, bem como de valores, costumes, e formas de pensamento que incentivem a espontaneidade e criatividade da criança.

Sensíveis às demandas sociais de educação ambiental, lúdica, e artística/criativa de nossas crianças, é que a Ludoteca da UFV adotou projetos e atividades que abordam diretamente essas questões. Nesse artigo, compartilhamos a experiência desenvolvida a fim de ilustrar uma ação concreta vinculada à abordagem da educação ambiental de uma comunidade: a comunidade infantil de Viçosa e microrregião que participou da programação oferecida pela Ludoteca nos anos de

1997 a 2003. Justificamos essa delimitação temporal por ter sido esse o período em que a primeira autora, juntamente com as demais autoras, atuou na Ludoteca seja como coordenadora geral ou membro da comissão coordenadora.¹

Nosso objetivo é refletir sobre o trabalho de educação lúdico-ambiental desenvolvido na e pela Ludoteca no período de 1997-2003. A abordagem reflexiva se dá fundamentada nos princípios da pesquisa ação participativa. Esse tipo de pesquisa foi escolhido pois fornece grandes possibilidades para a ação educativa. A pesquisa ação é um veículo chave para refletir sobre a nossa proposta educativa na Ludoteca porque convida seus participantes a pensar e investigar sua própria prática em conjunto com outros e com um comprometimento com a transformação:

"[A pesquisa ação é] concebida e desenvolvida principalmente pelas pessoas de dentro, por aqueles engajados e comprometidos com a situação, não por pessoas de fora, não por expectadores embora "facilitadores" de fora possam também, de fato, ter um importante papel a desempenhar." (Winter, 2002)²

A pesquisa ação foi considerada uma abordagem apropriada para re-avaliar e transformar as práticas educativas informais numa ludoteca não somente pelas possibilidades do seu processo reflexivo durante os estágios de planejamento, implementação, observação, reflexão e replanejamento, mas também pela sua similaridade com o processo pedagógico através desses passos. Um exemplo são os vários artigos e estudos produzidos e publicados (veja lista de alguns artigos no anexo 1) ao longo do período de 1997 a 2003, o que demonstra a instrospecção reflexiva e investigativa que caracterizou nossa imersão nessa proposta. Ademais, atuamos diretamente no processo educativo com as criancas e também indiretamente através da orientação e observação participante dos estudantes do curso de Educação Física, Economia Doméstica, e Pedagogia que alí realizavam estágio. Esse processo pedagógico-investigativo influenciou diretamente a reflexão da equipe de trabalho, o que possibilitou aos estudantes e professores envolvidos um resgate de sua importância enquanto agentes capazes de uma ação mais concreta e transformadora em relação à educação ambiental, ao lazer, à arte, e à cultura. Para um melhor compreensão do trabalho de educação embiental desenvolvido, discorremos sobre aspectos (por exemplo, objetivos e espaço físico) que norteiam a Ludoteca.

LUDOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

Vimos nos últimos anos, iniciativas do Ministério da Educação e Cultura (MEC) no sentido de priorizar nas instituições formadoras de professores a utilização de brinquedotecas ou ludotecas. No plano teórico dois aspectos sobressaem: diretrizes na formação do professor recorrem ao brinquedo como um facilitador na aquisição do conhecimento, e o reconhecimento dos processos lúdicos como

fundamentais na formação integral bio-psico-social das crianças (Araújo e Melo, 2002). Seguindo essa tendência, a Ludoteca da UFV foi inaugurada em 1997. Viculada à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, a Ludoteca tem como finalidade maior propiciar e democratizar, à comunidade de Viçosa e microrregião, oportunidadades de acesso às mais variadas vivências lúdicas, brinquedos e brincadeiras, visando ao desenvolvimento infantil, assim como possibilitar aos estudantes e profissionais da UFV condições de atuação no campo da extensão universitária e de pesquisas nas áreas envolvidas. Dentre os objetivos específicos, destacam-se (1) informar à comunidade das inúmeras possibilidades que a vivência lúdica pode alcançar no contexto social da criança, e (2) criar um espaço interdisciplinar para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, oferecendo a docentes e discentes a oportunidade de avanço científico e prática acadêmica.

Resultante do desejo e sonho por desenvolver um trabalho inter e multi-disciplinar na UFV, a Ludoteca surgiu a partir da interação de professores de três departamentos, Educação (DPE), Educação Física e Saúde (DES), e Economia Doméstica (DED). O conselho administrativo era composto por professores representantes desses departamentos. Havia um Coordenador Geral, o qual era eleito entre os Coordenadores de áreas (DES, DED e DPE), com mandato de um ano, podendo ser reeleito sucessivamente. Um rodízio entre os Coordenadores das áreas envolvidas garantia que a cada ano um desses coordenadores assumisse a coordenação geral da Ludoteca.

A primeira idéia para quem entra na ludoteca é a de ser um mundo de brinquedos. Brinquedos variados, coloridos, novos e usados. Brinquedos que vão realizar sonhos e fantasias ou estimular a criança a brincar livremente. Existem objetos imóveis quando na prateleira, mas nas mãos das crianças adquirem vida, transformam-se, indo além do real. Se não podemos falar em meio ambiente sem falar em espaço, o mesmo ocorre com o espaço físico da Ludoteca. Nos seus variados espaços tudo convida a explorar, a sentir, a experimentar. Preparados de forma criativa, tais espaços incentivam a brincadeira de faz-de-conta, a dramatização, construção e solução de problemas, socialização e a vontade de inventar.

O ambiente físico da ludoteca da UFV, portanto, é organizado a partir do brinquedo, dos jogos, e da brincadeira, visando proporcionar experiências que auxiliem o desenvolvimento global da criança. De acordo com os objetivos da Ludoteca, os brinquedos, materiais e equipamentos são agrupados formando salas ou áreas, tais como: sala de jogos, sala do faz-de-conta, sala de histórias e música, sala de artes e área externa. Em todas as áreas, a criança tem a oportunidade de experimentar, descobrir, refletir e criar, dentro de um ambiente especialmente lúdico. A sala do faz-de-conta, por exemplo, possui o mobiliário básico de uma mini-casa como: fogão, geladeira, pia, cama, utensílios de cozinha, roupas, fantasias e acessórios variados. É o local onde as crianças brincam assumindo papéis de membros da família e da sociedade, vivenciando situações

cotidianas, facilitando a sua compreensão e resolvendo conflitos e ansiedades. Além disso, ajuda a desenvolver a interação social, a linguagem, a autonomia, permitindo que a criança extravase sua fantasia.

A ampla área externa é o grande diferencial da Ludoteca. Alí, árvores e plantas, uma extensa área gramada, e a área de areia, permitem à criança o contato com um pedacinho da natureza. Como nos lembra Vieira et all. (1999), um dos possíveis campos de intervenção da educação ambiental está no desenvolvimento de atividades lúdicas realizadas em ambientes naturais. Mas a educação ambiental na Ludoteca não se restringe em permitir à criança o contato direto com a natureza nessa área que está ao ar livre. Mesmo nas áreas internas, atividades lúdicas e artísticas permitem que as crianças estimulem sua consciência ecológica. Essas atividades e outros eventos de cunho educativo ambiental promovidos pela Ludoteca são detalhados a seguir.

METODOLOGIA: ARTE, LAZER E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA UFV

As vivências lúdicas desenvolvidas na Ludoteca inserem-se no que chamamos de Pedagogia Ambiental Lúdica. Tal pedagogia viabiliza a integração de conteúdos específicos da educação ambiental com os do lazer possibilitando a vivência de valores que desejamos e acreditamos que sejam possíveis para a construção de uma nova sociedade baseada no respeito e na integração sensível do ser humano ao meio ambiente.

Na área interna da Ludoteca, atividades com materiais recicláveis buscam "ecologizar" a cultura lúdica e artística infantil. Entendemos que na era de consumo atual, o lixo e/ou o descartável é tema crucial na educação ambiental. Nesse sentido, as crianças se empenham em trazer materiais recicláveis para a Ludoteca, a fim de transformar o "lixo" em brinquedo. Na sala de Artes, o uso da sucata serve como material para expressão artística através do aproveitamento de materiais recicláveis para produção de brinquedos tais como biloquês, "raquetes de tênis," bolas e outros. Esses brinquedos são posteriormente vivenciados em outras áreas como a externa e a sala de jogos. Muitos desses brinquedos são utilizados para jogos que estimulam a iniciação desportiva das crianças. Nas atividades de artes, muitas vezes, utilizamos tintas de solos e elementos do meio ambiente. Brinquedos, tais como bonecas, são criados a partir de papel marché. Fantasias criadas a partir de materiais recicláveis como jornal, são utilizadas pelas crianças na sala do-faz-de- conta.

Na sala de histórias e música, as crianças respectivamente lêem, ouvem, e criam expressões artísticas tendo como tema a natureza e os animais. A cantiga "atirei o pau no gato" é recriada pelas crianças, as quais, na maioria das vezes, preferem cantar "eu brinquei com o gato." A história de Chapeuzinho Vermelho é recriada para que o lobo seja o "herói" e não o animal "perigoso e malvado" da

história. "Instrumentos" musicais também são criados a partir de materiais recicláveis. Parecendo simples, essas práticas vem confirmar a importância da revisão do conceito e da função de jogo e brincadeira pelo educador. Quando percebemos o jogo, o brinquedo e as brincadeiras também como ferramentas para a integração dos conteúdos da educação ambiental com a construção e sedimentação de valores que norteiam uma cultura ecológica, o lúdico se torna um instrumento valioso nas mãos dos que tomam para si a tarefa de educar com o compromisso de transformar o meio ambiente.

Além das atividades no espaço físico da própria Ludoteca, as crianças fazem visitas periódicas a espaços que promovem um contato com o meio ambiente que os rodeia a partir de uma perspectiva crítica e sensibilizadora. Chamamos essas visitas de mini-turismo ecológico. Para a realização dessas atividades é feito um levantamento dos potenciais sócio-ambientais da região. Dentre os eventos realizados, destacamos a oportunidade que as crianças tem de visitar o Horto Botânico e Museu de Zoologia, todos localizados no campus universitário e próximos a Ludoteca. Nesses dois espaços, acompanhados pela ludotecária, professores orientadores, e estudantes estagiários, as crianças podem ampliar seu conhecimento sobre a fauna e flora brasileira tendo acesso inclusive a espécies raras. Como se pode perceber, o conceito de meio ambiente integral, contemplando os diversos elementos da natureza, tais como fauna e flora, incluindo o ser humano como parte deste sistema (e não fora dele), está presente e norteia o trabalho da Ludoteca da UFV.

Entendemos, contudo, que o trabalho de educação ambiental com as crianças pode ser feito também, indiretamente, através de oficinas para professores. A realização de oficinas práticas tem ênfase no reaproveitamento de materiais recicláveis, tais como: produção de papel marché, de enfeites e de brinquedos a partir de sucatas, e assim por diante. Essas ações estão orientadas pelo princípio dos 3Rs (reduzir, reutilizar, reciclar). O objetivo é despertar nos professores%em sua maioria de escolas da região%a idéia de que materiais recicláveis que seriam descartados como lixo, podem se transformar em brinquedos lúdicos e jogos educativos, bastando usar unicamente a criatividade, a sensibilidade artística e, é claro, ecológica, de cada um.

Demais eventos incluem as ruas de lazer, que oferem oportunidade de integração de pessoas das diversas faixas etárias. Há de se lembrar que, no mundo atual, estão cada vez mais exíguos os espaços, o tempo, as ações e os equipamentos para que crianças *e adultos* vivenciem o lúdico. Portanto, é fundamental que se criem oportunidades para que todos os membros da comunidade possam ter garantido o acesso ao direito de lazer. As ruas de lazer estão intimamente ligadas à questão do meio ambiente por permitir, além da fruição e usufruição de atividades lúdicas que promovem a educação ambiental (como por exemplo, a construção de brinquedos a partir de sucatas), o encontro com o outro. Ou seja, as atividades lúdicas desenvolvidas valorizam as experiências coletivas e coo-



perativas que permitem aos membros da comunidade se reapropriarem dos espaços públicos, bem como estimulam o prazer do conviver comunitário, das trocas de experiências e de lembranças da infância muitas vezes encobertas pelo peso do trabalho cotidiano e pela necessidade de sobrevivência. Ao final do evento, é de praxe a realização de uma mini-gincana que, dentre outras "tarefas", pontua os participantes que recolhem o lixo na rua utilizada para esta vivência de lazer. Consideramos ser essa uma alterntiva oportuna devido à situação crítica de limpeza urbana comum a cidades de pequeno, médio e grande porte.

Outro evento promovido é a Ludoteca Itinerante. O deslocamento de pessoas, brinquedos e equipamentos possibilita momentos de recreação e lazer à crianças que não tem condições de ir à Ludoteca. Tem como objetivo geral atender as comunidades, em eventos recreativos, descentralizando o atendimento na área da recreação e lazer, nas diversas regiões da cidade de Viçosa. Um dos objeticos específicos é servir como meio de articulação comunitária, na perspectiva da apropriação do brincar, especialmente onde não existam equipamentos ou programações, garantindo a recreação e o lazer como direito social. Em todas as atividades promovidas pela Ludoteca Itinerante todas as demais atividades de cunho educativo ambiental anteriormente descritas são realizadas.

REFLEXÕES FINAIS

Neste artigo buscamos compartilhar a experiência pedagógica-lúdica-artística-e-ecológica que a Ludoteca desenvolveu no período de 1997-2003. Incluímos aqui o termo e qualidade "artística" pois, de um modo geral, as experiências desenvolvidas na Ludoteca nos fazem crer que a educação ambiental se faz artística à medida que abarca uma perspectiva estética da vida. Isto é, quando ela se desenvolve e é coletivamente construída de uma forma envolvente que influencia a estrutura emocional e afetiva das pessoas. Assim, a educação ambiental é capaz de reviver nas pessoas uma sensibilidade (ou educação dos sentidos) que é em geral tolhida em um contexto onde esses sentidos não são estimulados (Werneck, 1999).

Nossas experiências se traduzem numa busca em compreender as manifestações do brincar como prática cultural da infância, a qual adquire forma nos mais variados tempos e espaços sociais. O brincar na Ludoteca é abordado, construído, e vivenciado como possibilidade de construção de resistência às determinações culturais, às quais, também, a infância está exposta. Dentre estas determinações, enfatizamos não somente a educação para o lazer mas também pelo lazer (Marcellino, 2003), incluindo aí a educação ambiental. Inspiradas por Michel de Certeau (1994), importa-nos discutir e construir o brincar como forma de tensão a um sistema que, cada vez mais, tende a inibí-lo, entendendo a criança como sujeito que não só se conforma e se adapta aos apelos de regulação impressos nas estruturas culturais, mas que também resiste a tais imposicões, apropriando-

se de tempos, espaços e novas perspectivas ecológicas na produção da cultura do brincar.

Apesar de estarmos cientes que muito ainda há de ser feito, percebemos que a Ludoteca da UFV tem se empenhado para cumprir seu papel como propulsora de uma nova consciência a respeito da relação da humanidade para com a natureza, na perspectiva de um desenvolvimento que contemple os aspectos ambientais.

Um importante aspecto do trabalho da Ludoteca, é sua possibilidade de inserção na formação do futuro professor. Os estudantes universitários dos cursos de Educação Física, Economia Doméstica, e Pedagogia são convidados a desenvolver atividades lúdicas usando brinquedos e jogos que promovem, dentre outros aspectos, a consciência ecológica das crianças. A própria vivência numa brinquedoteca possibilita aos futuros professores refletir sobre o ato de brincar e a perceber sua importância para o desenvolvimento da sensibilidade ecológica infantil. Nos relatórios e nas falas dos estudantes em reuniões que são periodicamente realizadas por toda a equipe de trabalho, há um tema comum: Eles percebem como o lúdico é "efetivo" em promover a educação infantil sem ser sizudo.

A observação participante e as interações com as crianças e adultos nos permitem ver os resultados das nossas ações. Resultados que não são medidos quantativamente, por não ser essa a nova abordagem. Mas, a partir de uma perspectiva qualitativa, podemos perceber que, na Ludoteca, a criança tem tempo para brincar, está livre para escolher suas brincadeiras e brinquedos, convivendo e aprendendo a emprestar, e a compartilhar, integrando-se com adultos, outras crianças e com o meio ambiente. Nossa compreensão é que a Ludoteca da UFV representa um local privilegiado para que a criança vivencie a educação ambiental através do lúdico, pois alí tudo convida a explorar, a sentir, a experimentar, a criar; tais qualidades estimulam valores que potencialmente propiciam as crianças a tomarem iniciativas em relação ao meio ambiente, resolvendo problemas, persistindo, enfim, desenvolvendo-se e desenvolvendo a sua sociabilização e sua consciência crítica cidadã.

Sabemos que muito há por se fazer em relação à construção de uma educação ambiental *com* as crianças, mas temos a consciência que os primeiros passos tem sido dados na Ludoteca da UFV. Para finalizar, usamos as palavras de Lorenzi (2003), que exprimem nossas esperança em relação ao trabalho de educação ambiental lúdico desenvolvido na ludoteca:

"A busca pelo questionado desenvolvimento sustentável requer reflexão sobre as ações praticadas em prol deste, no sentido que as mudanças só ocorrerão quando mudarmos nosso comportamento, quando realmente passarmos por um processo de internalização de novas crenças e valores rompendo com conceitos pré-estabelecidos, ou seja, por meio da educação. Educar

é preparar para pensar certo, no sentido de tornar apto a agir, a mudar, a criar, inovar, criticar, a cooperar, a recomeçar ou voltar atrás se for preciso, a ter esperança e comprometimento com o futuro e, ainda, buscar o conhecimento. O verdadeiro objetivo da Educação está em orientar um novo sentido de viver e atuar valorizando acima de tudo a vida."

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

NOTAS

- ¹ Professora do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa. Mestre em Educação pela Valdosta State University, EUA e doutoranda na Temple University, EUA.
- ² Professora do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais.
- ³ Professora de Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. Mestre e Doutoranda em Educa-
- 4 No perído de 1997-2003, a professora Alba assumiu a coordenação geral da Ludoteca por duas vezes, em 1998 e 2001, e nos demais anos atuou como membro da comissão coordenadora.



Publicação original: artigo periódico

Formato da contribuição: texto resumido e adaptado

Fonte: Revista Nova Atenas de Educação Tecnológica - v.4, n. 2, jul. dez 2002

E-mail do autor: leopoldovaz@elo.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Mestre em Ciência da Informação;

Departamento Acadêmico de Ciência da Saúde - CEFET-MA

Gestão do lazer, turismo e eventos: uma nova habilitação a ser oferecida pelo CEFET-MA

Leopoldo Gil Dulcio Vaz

O turismo é uma das atividades que mais cresce no mundo. Por permitir rápido retorno do investimento, gerar empregos diretos e indiretos e por sua ligação com os mecanismos de arrecadação, o turismo é a atividade que mais contribui para o desenvolvimento de diversos países.

Para obter resultados é imprescindível que este turismo seja feito de forma organizada e racional. O Maranhão possui grande vocação para o turismo e o tem como símbolo de suas melhores expectativas de integração e desenvolvimento, gracas às condições territoriais, climáticas e culturais. A participação do turismo no PIB brasileiro já é de 8%. Porém, o fluxo turístico em direção ao Brasil está muito aquém de nossas potencialidades. O momento exige a transformação do potencial latente em novos negócios e vantagens competitivas.

O QUE DETERMINA ESTE QUADRO

O turismo envolve uma multiplicidade de serviços: transporte, hospedagem, alimentação, agenciamento, trabalho de intérprete e tradutor, guias turísticos, organização de eventos, entretenimento, etc. São muitas empresas e profissionais envolvidos, diversas interações e etapas a serem percorridas, tornando a atividade complexa e de difícil mensuração.



No Brasil, as estimativas da EMBRATUR, referentes ao ano de 1990, indicam 1,7 milhões de pessoas diretamente empregadas no turismo.

O despreparo desse enorme contingente de trabalhadores e a dificuldade de acesso que têm as pequenas e microempresas às novas tecnologias, são grandes dificuldades a serem superadas no turismo.

OPORTUNIDADES

Investimento na formação da cultura do turismo, aqui incluídas a formação profissional e gerencial, é a grande lacuna que deve ser preenchida. Atuar neste cenário é propiciar a um maior número de investidores, empresários, técnicos e trabalhadores o ingresso no mercado de trabalho, favorecendo a geração de trabalho e renda, contribuindo inclusive para um melhor equilíbrio social.

HISTÓRICO DO LAZER

A palavra lazer provém do verbo francês "loisir", que tem origem por sua vez, na forma infinitiva latina de "licere", que significa o permitido. O francês "loisir" dá origem à expressão inglesa "leisure", que se utiliza tecnicamente para significar tempo livre. (DUMAZEDIER, 1979; JIMENEZ GUSMAN, 1986; SUE, 1992).

JIMENEZ GUZMAN (1986), ao analisar o sentido etimológico do lazer, detecta três tendências: para a primeira, o que caracteriza o lazer é a idéia de *permissão para atuar* - o lazer seria um conjunto de atividades nas quais predomina a ausência de restrições, de censuras, de proibições, de repressão; para a segunda, derivada do sentido etimológico do lazer, seria a *ausência de impedimentos de ordem temporal* - o lazer seria, antes de tudo, um tempo livre, sem restrições, sem ataduras, sem compromissos; já para a terceira tendência, seu sentido etimológico radicaria em uma *qualidade de ordem subjetiva* - o lazer seria constituído por uma série de atividades livremente escolhidas, atividades autônomas e agradáveis, benéficas física e psicologicamente.

Para quem busca o sentido de lazer em sua evolução, esse autor as agrupa em duas fundamentadas posições histórico-evolutivas: a noção de lazer se origina na noção grega de "scholē", tempo ocupado por atividades ideais e nobres para o ser, por atividades livres como a contemplação teórica, a especulação filosófica e o ócio; para a segunda posição, o sentido atual de lazer provém da noção romana de "otium". O lazer hoje, não seria outra coisa que a transferência corrigida no tempo do "otium" romano, isto é, um fenômeno elitista, carente já de sentido filosófico, diferenciador de classes e ostentatório.

O lazer não tem sido o mesmo, nem será, sempre igual, pois cada modelo de organização social lhe imprime suas funções e características, de acordo com o sistema de aspirações, necessidades e valores imperantes nesses momentos e válidas para toda a organização (JIMENEZ GUSMAN, 1986). O lazer tomou a dimensão de hoje após a Revolução Industrial, quando então a jornada de trabalho começou a diminuir paulatinamente, muito embora "os fundamentos históricos do Lazer sejam anteriores à sociedade industrial, porque sempre existiu o trabalho e o não-trabalho em qualquer sociedade" (CAVALCANTI, 1981).

A conquista de oito horas de trabalho, oito horas de descanso e oito horas de lazer marcou o início da humanização do trabalho e transformou a recreação e o lazer como um fato social (MARINHO, 1979, 1984; CUNHA, 1987). Com o reconhecimento das horas livres entre uma e outra jornada de trabalho, dos repousos semanais remunerados, das férias anuais e da cessação da vida de trabalho (aposentadoria) - (REQUIXA, 1969, 1976) - gerou-se, então, tempo de lazer compulsório - (TOYMBEE, citado por MARINHO, 1979, 1984).

PROFISSIONAIS DO LAZER

Considera-se 'liderança recreacional' ao conjunto de profissionais que se empenham na realização de programas na área de lazer (GAELZER, 1985). Em alguns países a profissão de recreador já está regularizada e valorizada. No Brasil, as profissões ligadas à educação física, aos esportes e à recreação e lazer foi recentemente regulamentada – Lei 9696/98. Só poderá exercer a função, profissional habilitado. Tão importante como a regularização profissional devem ser também as condições de formação dessa liderança que deverá levar a bom termo os programas recreacionais.

As experiências universais têm demonstrado que a orientação das atividades recreativas, e, portanto, a ação da liderança recreacional é mais importante que instalações, equipamentos e material adequado. Por esse motivo a liderança deve desenvolver uma base cultural e de conhecimentos teóricos e práticos que lhes garantam êxito na orientação dos programas.

Daí a importância de ser considerado, pela liderança recreacional, que a orientarão e o planejamento dos programas de atividades devam estar fundamentados na filosofia dos direitos humanos à liberdade. Por essa razão é que GOUVEIA (1969) tenha afirmado que a primeira atitude do recreador é planejar e elaborar programas com os que se recreiam e não para eles.

Unidades de recreação não terão vida longa nem cumprirão seus objetivos se não houver pessoas responsáveis pelo bom andamento dos progra-

mas e pela subsistência do material. A função primordial da liderança na recreação é de direção e supervisão dos programas. Estes são variados e complexos, e as preferências dos vários tipos de grupo e de indivíduos requerem muita habilidade de realização que deve ser observada e considerada de suma importância.

Para cada tipo de atividade de lazer existe um equipamento específico. Os equipamentos de turismo caracterizam-se como equipamentos destinados a programação turística em geral, associando hospedagem e atividades recreativas. Além das programações tipicamente de hotelaria - recepção, hospedagem e alimentação, são executadas programações diversificadas de lazer e recreação, construídas segundo as características geográficas-naturais e/ou histórico-culturais. Quanto ao tempo em que ocorrem, geralmente o são em temporadas de férias, em períodos determinados, em feriados e nos fins de semana. Ou nos períodos de pacote turístico programado.

No estudo da liderança recreacional deve ser considerado o fato de PARKER (1978) ter feito a observação de que "a recreação é um sistema de controle social e, como todos os sistemas de controle social é até certo ponto manipulável, coercitivo e doutrinador. O lazer não é nada disso", e declarado que a recreação, renovando o ego e preparando para o trabalho, tem levado os críticos a comparar desfavoravelmente a recreação e o lazer.

Analisando essa posição deve-se primeiro ter em mente que o lazer, no estudo de Parker, é um termo freqüentemente utilizado para designar algo semelhante à recreação, tanto que o autor assim se expressa: " a recreação sempre indica algum tipo de atividade e como o lazer e o jogo não possui forma única". Com tal posicionamento, recreação, lazer e jogo se caracterizam como atividade.

ATIVIDADES DE LAZER

As atividades de lazer são classificadas por DUMAZEDIER (1979) em

- · lazeres físicos aqueles que implicam esforço e exercício de tipo corporal;
- · lazeres práticos são os que exigem uma habilidade manual e especial;
- · lazeres intelectuais que têm que ver com o cultivo do intelecto e da cultura;
- · lazeres artísticos que têm a ver com a prática específica de uma arte;
- · lazeres sociais são os relacionados com aquelas atividades de diversão, descanso e desenvolvimento, praticadas de uma forma coletiva.



FUNÇÕES DO LAZER

No oferecimento de atividades de lazer, além dos espaços destinado à essas atividades, devem ser levadas em consideração as funções básicas do lazer:

- função educativa, caracterizada pelo interesse próprio dirigido para a ampliação dos horizontes mentais, busca de novas experiências e de novo conhecimento;
- função de ensino, caracterizada pela assimilação ou aprendizagem das normas culturais, de ideais filosóficos ou políticos, das normas de convivência social ou de comportamentos;
- função integrativa, que tem por objetivo solidificar ou integrar os grupos, principalmente os familiares, de amizade-companhia, de interesses comuns;
- função recreativa, que compreende atividade relacionada com o descanso psicológico e físico;
- função cultural, refere-se à compreensão e assimilação dos valores culturais ou à criação de novos;
- função compensadora, seriam as atuações que, de alguma forma, nivelam as insatisfações das outras áreas da vida.

A atividade, seja ela recreação, lazer ou jogo, pressupõe uma multiplicidade de trabalho tanto individual como coletivo. Por sua própria natureza exige condições mínimas de realização, modo de procedimento e maneira de execução, pois não se pode entender atividade no plano teórico. Para realizá-la o indivíduo precisa pensar, estudar e aprender; necessita encontrar seu próprio ritmo e equilíbrio testando a si mesmo e se organizando interiormente.

ESPAÇOS DE LAZER

MARCELLINO (1983) considera que, muito embora as pesquisas realizadas na área das atividades desenvolvidas no tempo livre enfatizem a atração exercida pelo tipo de equipamento construído, deve-se considerar que, para a efetivação das características do lazer é necessário, antes de tudo, que o tempo disponível corresponda um espaço disponível.

De que espaço falamos? dos **espaços dos interesses sociais** - quando os sujeitos se propõem a estarem juntos, face a face, e relacionarem-se, antes de tudo

que possa acontecer decorrente do encontro; dos espaços dos interesses físicos - quando a proposta é feita em função de atividades corporais onde prevaleçam os exercícios do corpo; dos espaços dos interesses intelectuais - que têm como primeira instância o desenvolvimento do domínio cognitivo na atividade, não considerando o elemento criativo e sim o concreto, o racional, o lógico; dos espaços dos interesses artísticos - onde o produzido gera o encantamento; dos espaços dos interesses turísticos, que têm como finalidade: mudança de paisagem, ritmo (saída do cotidiano), observação e sensação de outros estilos de vida, e também o turismo social se caracterizando por uma dimensão menor (STUCCHI, 1997).

EQUIPAMENTOS DE LAZER

Estes interesses, que também mostram uma dimensão concreta traduzida como lugares, podem ter significados diferentes em função da forma como cada sujeito os vê e os utiliza. Daí a preocupação com os estudos dos equipamentos de recreação e lazer deve ter como objetivos classificá-los segundo suas características físicas de construção, aspectos físicos estéticos e dimensões proporcionais aos locais geográficos em que serão implantados, como também agradar aos olhos de que os utilizará, inspirando confiança.

CAMARGO (1984) classifica os equipamentos de lazer segundo suas características físicas, seus oferecimentos e sua demanda. Adotando sua nomenclatura e classificação, STUCCHI (1997) apresenta-nos a seguinte descrição:

EQUIPAMENTOS ESPECÍFICOS

A freqüência de determinado equipamento vai depender do local em que se situa e da demanda existente pela facilidade de acesso. As formas de existência dos equipamentos podem ser visualizados quanto à dimensão física do espaço e suas finalidades programáticas, como segue:

EQUIPAMENTOS ESPECIALIZADOS

Conceito: são equipamentos destinados a atender uma programação especializada, ou uma faixa de interesses culturais específicos. Como exemplo, a "academia de ginástica";

Programação: voltada para um segmento dos interesses socioculturais da clientela. estruturada sobre uma modalidade específica de animação. Exemplo: os "parques aquáticos";

Localização: em áreas urbanas, de grande concentração populacional;

Público: delimitado pelo interesse e pela localização;

Composição: geralmente de uma quantidade limitada de instalações para atividades:

Exemplos de equipamentos especializados: teatros, auditórios, cinemas, academias de ginástica, centros esportivos voltados para um interesse específico (natação, futebol, tênis, voleibol), bibliotecas, parques aquáticos, campos de golfe e/ou de minigolfe.

EQUIPAMENTOS POLIVALENTES

1. De dimensões e capacidades médias

Conceito: equipamentos destinados a receber uma programação diversificada, ou para atender variados interesses socioculturais. Com dimensões e capacidades para atender até 2.500 pessoas/dia, nas atividades permanentes, e até 5.000 pessoas simultaneamente, em eventos especiais ou de fins de semana;

Programação: atividades permanentes, temporárias e eventuais diversificadas, segundo públicos e interesses culturais;

Localização: preferentemente em áreas urbanas, próximas ao centro da cidade ou em regiões comerciais. Ou então em regiões de grande concentração populacional;

Atendimento: durante os dias da semana, período integral. E com ênfase nos finais de semana:

Público: de toda uma cidade, ou de uma região importante de uma grande cidade;

Composição: várias instalações para atividades, diversificadas por interesses socioculturais, por públicos e por conteúdos, de dimensões e capacidades entre média e grande, conforme o caso;

Exemplos: centros culturais em geral, quando associam instalações diversificadas - teatro, áreas de exposição, bibliotecas. Centro poliesportivo em geral. Parques urbanos. Centros culturais e esportivos.

EQUIPAMENTOS POLIVALENTES GRANDES

Conceito: equipamentos destinados a atendimentos de massa, em uma programação diversificada, abrangendo variados interesses socioculturais. Com instalações de grande dimensões e grande capacidade;

Programação: permanentes, temporária e de eventos, amplamente diversificada, segundo públicos, interesses socioculturais e conteúdo;

Localização: em uma região importante de um estado ou de uma grande cidade. Pode também se localizar em regiões da periferia das cidades, devido às dimensões de terreno necessário:

Atendimento: preferentemente nos fins de semana. Durante a semana, principalmente nos grandes eventos;

Público: de toda uma cidade, ou de uma região do estado;

Composição: várias instalações de grande capacidade, complementada por algumas instalações menores, diversificadas por interesses socioculturais, conteúdos e públicos. de preferência, priorizar as áreas verdes.

EQUIPAMENTOS DE TURISMO

Conceito: equipamentos destinados a programação turística em geral, associando hospedagem e atividades recreativas;

Programação: além das programações tipicamente de hotelaria - recepção, hospedagem e alimentação, programações diversificadas de lazer e recreação;

Localização: preferencialmente em áreas de interesse turístico, pelas características geográficas-naturais e/ou histórico-culturais;

Atendimento: em temporadas de férias, em períodos determinados, em feriados e nos fins de semana. Ou nos períodos de pacote turístico programado;

Público: genericamente o mais amplo, do estado, do país e do exterior;

Composição: instalações para hospedagem, para alimentação (restaurantes, lanchonetes), e instalações para atividades de lazer, de preferencia diversificadas;

Exemplos: hotéis de lazer, resorts, colônia de férias, grandes parques em escala regional, estadual e nacional, quando têm unidades de hospedagem, camping, acampamentos, pousadas em locais retirados (praias, montanhas, reservas ecológicas), pousadas em cidades turísticas.

GESTÃO DO LAZER

Para MARCELLINO (1995), a presença do profissional é importante nos equipamentos de lazer: centros culturais, centros esportivos, clubes, museus, bibliotecas, parques, academias esportivas, hotéis de lazer ou resorts.

Constituem a alma dos equipamentos de lazer, e suas funções profissionais vão muito além da simples organização de algumas atividades para o público. O quadro de pessoal de um equipamento de lazer, quaisquer que sejam as suas características tipológicas, de dimensões, de capacidade, de composição de suas instalações deve ser estruturado de acordo com os seus processos de gestão:

administração: administração geral do equipamento de lazer e serviços administrativos em geral;

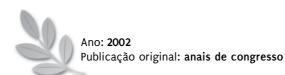
programação e animação: planejamento, realização e animação de todas as atividades do centro. A programação pode incluir atividades permanentes, atividades temporárias e eventos;

manutenção: compreende todos os sistemas destinados a manter em condições ótimas de funcionamento todas as instalações do equipamento: quadras, piscinas, auditórios, salas, etc., e instalações de apoio às atividades: vestiários, depósitos, sanitários.

O profissional de Lazer, deverá demonstrar aptidões intelectuais como capacidade de pensar em termos de símbolos abstratos, exatidão e atenção concentrada, cultivando ainda a sociabilidade, a meticulosidade, a liderança, desenvolvendo principalmente a coordenação motora.

Tal profissional não poderá ser apenas mero repetidor de modelos estereotipados mas, um agente transformador da teoria e da praxes, com o objetivo de não violentar a prática do lazer.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]



Formato da contribuição: texto resumido e adaptado

Fonte: resumo de trabalho apresentado Fonte: Anais do 2º Congresso Científico Latino-Americano Unimep/Fiep, 2002, Piracicaba. Coletâneas - Congresso Científico Latino-Americano Unimep/Fiep, 2002.

E-mail do primeiro autor: valdovieira@yahoo.com.br

Títulos acadêmicos principais: Valdo Vieira - Doutorando em Psicologia Social (UERJ), Mestre em Ciência da Motricidade Humana (UCB/RJ), Licenciado em Educação Física (UERJ), Bacharel em Estatística (UERJ); Bernardo de Miranda Villano: Licenciado em Educação Física (UERJ) e UGF - Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos; Manoel José Gomes Tubino - Presidente da Fédération Internationale d'Education Physique, Doutor em Educação Física pela Université Libre de Bruxelles, Doutor em Educação (UFRJ).

Trekking de regularidade – o esporte construindo Valores para a melhoria da Qualidade de Vida

Valdo Vieira Bernardo Villano Manoel José Gomes Tubino

Os padrões dominantes de produção e consumo estão alterando o clima, degradando a biosfera, esgotando os recursos naturais, causando a extinção de espécies e deteriorando os sistemas sociais, comprometendo significativamente a qualidade de vida em nosso planeta. O Homem começa a entender que é parte integrante da natureza e que o mundo é um todo, integrado, interrelacionado e interdependente. O esporte, um dos fenômenos socioculturais da atualidade, pode atuar para uma melhor convivência humana e respeito ao meio ambiente. Com a nova conceituação de esporte e o aparecimento de novas modalidades esportivas, surgiu na década de 90 um novo movimento esportivo: os esportes da natureza. Entre eles vimos apresentar o TREKKING DE REGULARIDADE. Trata-se de um esporte realizado em ambientes naturais, respeitando às características e limites de cada trilha, onde equipes compostas por 3 a 6 pessoas recebem uma planilha contendo informações necessárias para a interpretação do caminho a ser seguido, como distância, direção, características do ambiente e velocidade média. Esta velocidade é determinada



de acordo com as peculiaridades do local, mas sempre definida para que as equipes caminhem (e não corram). Isso faz com que este esporte possa ser praticado em iguais condições por pessoas de vários grupos etários, sexo e níveis de condicionamento físico. As aferições dos tempos são realizadas nos Postos de Controle colocados estrategicamente ao longo do percurso. Tarefas especiais são inseridas possibilitando o conhecimento dos problemas ambientais das regiões onde é praticado. É o esporte construindo valores para a melhoria da qualidade de vida para as presentes e futuras gerações.



Formato da contribuição: resumo

Fonte: "Ecoturismo: discurso, desejo e realidade", Meio Ambiente, Educação e

Ecoturismo, São Paulo: Editora Manole, 2002

E-mail da primeira autora: ritam@institutoroma.com.br

Títulos acadêmicos principais: graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, Especialista em Planejamento ambiental pela UNESCO e Mestre em Sociologia do Desenvolvimento pela École des Hautes em Sciences Sociales.

Ecoturismo: discurso, desejo e realidade¹

Rita Mendonça² Zysman Neiman³

VISITAR A NATUREZA HOJE

As áreas naturais selvagens vêm sendo eliminadas durante toda a história da humanidade. Esse processo intensificou-se violentamente nos últimos séculos. Neste período, o interesse por elas vem crescendo à medida que suas extensões vêm diminuindo. Não se trata de um fenômeno cultural isolado. Em todas as regiões do mundo encontramos indivíduos, discursos e instituições preocupados e ativos em relação ao significado e as conseqüências do desaparecimento dos ambientes e das espécies silvestres.

Em nossa sociedade temos muito pouco estímulo para refletir sobre o que fazemos, o que queremos ou o que realmente precisamos. Mas o fluxo natural das coisas vai revelando o que de fato tem importância para nós. O crescimento do número de visitas às áreas naturais nos últimos anos vem possivelmente nos mostrar que, tal como da arte, precisamos do contato com a Natureza, com a nossa fonte de vida.

Os contos de fadas testemunham a importância psicológica das florestas para os seres humanos. Simbolizando o inconsciente, elas significam o lugar sombrio, perigoso, que nos faz medo. A representação dos desafios, do enfrentamento do bem e do mal se dá, com uma enorme freqüência, em todos os povos do mundo, na floresta. Ela contém, portanto, todos os obstáculos que devemos enfrentar e superar para nos tornarmos reis e rainhas, autores de nossa própria história pessoal. Que seria de nós se não a tivéssemos, perto ou longe, para nos dar a esperança de um dia nos tornarmos dignos de nossa rica



experiência humana? A floresta simboliza o próprio processo de aprendizado da vida. Ela dá sentido às atividades humanas. Ou melhor, ela nos faz questionar o sentido do que fazemos.

Quando entramos em uma área natural quase sempre nos sentimos bem, percebemos que alguma coisa muda. Quanto mais nos aprofundamos nessa relação, nessa intimidade com os elementos naturais, percebemos que ali há uma grande escola que nos proporciona uma das raras oportunidades que temos para realmente evoluir. Quem já teve a experiência de, por exemplo, caminhar por uma mesma trilha diversas vezes pode compreender isso: a cada vez há coisas diferentes que podemos ver ou coisas diferentes em que pensar. A situação nunca se repete, o que nos leva a refletir sobre a constante transformação de tudo. Ao perceber isso percebemos a nós mesmos.

Desde o Neolítico, com a descoberta da possibilidade de interferência nos processos naturais, domesticação e o cultivo de espécies selvagens, pudemos enfrentar, além do medo do perigo, o desconforto (e medo também) da incerteza, de em um dia encontrar alimento e noutro não. O desenvolvimento da agricultura nos proporcionou a garantia de ter suprimentos de forma previsível, a ponto de chegarmos à situação em que nos encontramos hoje, em que podemos ter acesso a alimentos produzidos nos mais diversos ecossistemas do mundo.

E assim fomos humanizando os espaços, protegendo-nos do desconhecido. Hoje em dia, só ficamos à vontade em ambientes urbanos ou rurais bem transformados. Mesmo o naturalista mais ousado gosta de voltar para casa e encontrar o espaço com o qual se identifica. Fomos nos acostumando a uma forma de viver afastada dos elementos naturais – ou pelo menos sem consciência deles - evitando aquilo que aparentemente está contra e que vai a qualquer momento produzir algum mal, atacar, causar doenças ou coisas nesse sentido. Ao humanizarmos os espaços, transformamos a sociedade humana em algo muito centrado em si mesmo, construindo toda uma lógica de um para o outro. Fomos, assim, nos afastando desses medos, dessas descobertas, desses fascínios, que estão de alguma forma ocultos no inconsciente coletivo.

O contato com a Natureza oferece uma nova oportunidade de enfrentar essas emoções, as diferenças e os mistérios. Promove o resgate de sentimentos pessoais que foram esquecidos nesse processo de desenvolvimento da nossa sociedade. Veja os vídeos e programas para televisão sobre a vida selvagem: como eles fascinam as pessoas, sejam crianças ou adultos. Quantos seres nem sabemos que existem. Eles vivem suas vidas completamente indiferentes a nós! Não somos tão importantes assim! Criamos um ambiente humano mais confortável, seguro e adequado para nós, mas a idéia de que somos os seres mais importantes do planeta simplesmente está na nossa concepção. Não quer dizer que o mundo esteja de fato a nosso serviço.

Uma visita a espaços naturais, que reflita sobre essa lógica e a questione, transforma nosso tradicional comportamento indiferente. Ao perceber mais, ampliamos nossa experiência. O tempo mais lento de contemplação ajuda a percepção dos ritmos e da essência das coisas, o que é raro de se poder fazer em ambientes humanos. Usamos muito pouco nossos atributos, como a capacidade de percepção sensorial, a consciência, a intuição, a elaboração dos sentimentos - coisas tão importantes para a vida cotidiana das pessoas, que vão determinar a relação que temos com os outros, com o meio natural com nosso próprio mundo. Na Natureza, isso é mais fácil: ao avistarmos um pássaro, uma lagarta, um roedor, há uma possibilidade de aprimorarmo-nos como ser humano.

"Nos meus retiros espirituais, descubro certas coisas tão banais, como estar diante de uma coisa e ficar horas a fio com ela: bárbara, bela, tela de TV",

Nesta canção, Gilberto Gil nos presenteia com uma bela imagem da importância do olhar com atenção, do novo olhar, da descoberta do que as coisas nos ensinam e que podemos não ser meros consumidores de paisagens. É preciso tornarmo-nos testemunhas e não simples observadores de belos cenários.

A oportunidade de visitar áreas naturais pode reformular nossas relações com esse universo, o que nos leva à rica idéia da criação de Unidades de Conservação, importantes não só por protegerem as espécies de plantas e animais como por possibilitarem a atuação direta no processo de transformação individual e, por extensão, da sociedade. No entanto, o fato de protegermos plantas e animais pode estar contaminado com a concepção de que somos os donos do mundo e temos o poder de decidir sobre o futuro e a dinâmica da Natureza. A existência do ser humano e a forma como ele concebe o uso dos recursos naturais hoje faz parte dessa dinâmica. Há um caminho natural que conduzirá a humanidade à sobrevivência ou à extinção, do qual temos um certo poder de interferência. Em caso de extinção, o planeta seguirá seu curso natural, independente da existência de Unidades de Conservação. O que está em jogo é, no fundo, uma questão ética. Qual o sentido de fazermos o que fazemos?

A preocupação com a preservação ambiental, o sentido de cuidado, é próprio da natureza humana, ou seja, destruição e conservação são processos que serão assimilados pelo funcionamento dos ecossistemas, independentemente de ficarmos chateados ou felizes. Se o mico-leão dourado ou as baleias se extinguiram, outros virão, assim como tantos outros já desapareceram, e o mundo continua.

A ética e a estética são duas invenções humanas que explicam o anseio pela preservação. Só sobrevivemos em função do afeto que temos pelo outro e que origina a preocupação com os filhos, com os descendentes, com os companhei-

ros de sociedade, com os membros da tribo. Esse afeto, o gostar do outro, produz um "efeito colateral" de gostar de coisas em geral, da Natureza. Não jogar lixo numa trilha, em última instância, é um hábito derivado do caráter de apreciação estética da paisagem, uma vez que boa parte dos materiais jogados é inócua; apenas são desconhecidos da Natureza e não são a ela reintegrados. Mas produz um efeito que incomoda os que apreciam a Natureza tal como ela é. O afeto que temos pelos elementos naturais traz a preocupação com os animais e as plantas, fazendo com que algumas pessoas canalizem esse sentimento de cuidado e adotem-no como causa, dedicando boa parte do tempo de suas vidas na batalha pela sua preservação.

Esse afeto, num mundo com 6 bilhões de pessoas, funciona de forma diferente do que sempre foi quando éramos pequenos grupos. Estamos perplexos face à complexidade do mundo em que vivemos, onde somos tratados, muitas vezes, apenas como um número. Isso pode dar uma sensação de impotência pois o que está além do pequeno contexto perceptível de cada indivíduo fica fora de sua compreensão e portanto de seu espectro de ação. Cada um é direcionado para cuidar de sua própria vida, subtraindo-se do sentido de participação coletiva.

A experiência de estar na Natureza pode ser um grande laboratório para a reformulação da questão da individualidade/individualismo nos processos coletivos: não sabemos que experiência poderia ser melhor do que essa para as pessoas se re-humanizarem. O espaço natural pode ser visto como uma necessidade vital sem o qual não se pode evoluir. Assim, ele deixa de ter apenas valor utilitário e passa a ter valor existencial. Se ele precisa existir para que eu também exista, devo ter cuidados com ele sem esperar algo em troca e criar uma nova perspectiva para atividades como o ecoturismo, diferente das que existem hoje.

DESENVOLVIMENTO

O ecoturismo em Unidades de Conservação tem se mostrado um interessante meio para possibilitar o contato mais intimo entre individuo e natureza. Discutiremos, a seguir as implicações desse processo como nova possibilidade profissional e a conservação de recursos através da sua prática.

AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO COMO ESPAÇOS DE REENCONTRO

Para as pessoas que possuem ligação pessoal muito forte com a Natureza, fica difícil racionalizar sobre as diferentes percepções que o contato com cada elemento natural, seja uma particularidade (uma planta, um inseto ou uma cachoeira) ou o ecossistema inteiro, proporciona. A ligação afetiva, emotiva, espiritual

ou como queiram chamar, leva a uma busca pessoal por espaços que proporcionem o bem estar inerente a essas situações interativas.

A simples suposição da inexistência de áreas preservadas nos faz refletir sobre a sensação de vazio que a humanidade viveria caso esses espaços não existissem. A sociedade contemporânea, como se encontra organizada, é quase sempre carente do contato direto com a Natureza. É privada, portanto, das oportunidades de vivências pessoais e de crescimento espiritual decorrentes desse contato.

Assim sendo, os critérios para a criação de Unidades de Conservação devem ter como prioridade, a possibilidade de proporcionar experiências pessoais para a humanidade. Antes da visão econômica ou utilitária dos recursos naturais, devem transmitir a tranqüilidade de simplesmente sabermos que elas existem, que estão bem e que quando quisermos podemos visitá-las ciente de que esta e as futuras gerações têm e terão a possibilidade de ter experiências diretas.

No entanto, dentro da lógica da nossa sociedade capitalista no final do século XX, as justificativas para a criação de Unidades de Conservação têm sido outras. Mais importa a garantia de preservação da biodiversidade pelo seu caráter utilitário e potencial em futuras descobertas de novos remédios, alimentos ou matérias-primas, uma espécie de banco onde estão depositadas as riquezas do futuro.

O movimento ambientalista, intensificado a partir da década de 60, popularizou a mentalidade preservacionista que defendia a exclusão das atividades humanas em certas áreas naturais para evitar o impacto inerente a elas. Mais recentemente, talvez como incorporação da lógica neoliberal de um mundo globalizado, defende-se a possibilidade de "uso racional", "sustentável", dos recursos naturais. Assim, as chamadas zonas intangíveis das Unidades de Conservação passam a ser vistas com outro enfoque: o da utilização sustentável dos organismos ali preservados. Há de fato compatibilidade entre preservação e utilização?

Para explicar a sustentabilidade os argumentos são estritamente técnicos, embasados na confiança da superação de problemas através do conhecimento científico. Assim pode-se calcular quantas árvores pode-se cortar para fazer um manejo florestal ou quantos animais pode-se abater para garantir a estabilidade de uma população. Nunca se admite outras lógicas para a existência dos espaços naturais, o fato de que eles têm que simplesmente existir por existir, por uma questão espiritual, ética ou mítica, e não pela simples contabilização de quanto dinheiro nos dará no futuro.

Além disso, a criação de um sistema de Unidades de Conservação não é garantia suficiente de que existirão, no futuro, ecossistemas viáveis até mesmo do ponto de vista utilitário. Elas, que teoricamente são criadas para a proteção,

trazem embutidas uma lógica perversa que autoriza a destruição das áreas não preservadas. Imaginem o mapa do Brasil com manchas demarcando os parques que já existem e façam uma viagem no tempo para daqui a mil anos ou dois mil anos. Se elas de fato cumprirem o seu papel teremos uma amostragem do que um dia foi a Natureza brasileira, mas, se o ritmo de ocupação das áreas não protegidas se mantiver, os demais espaços, aqueles que ficaram fora das Unidades de Conservação, estarão completamente transformados pela ação humana, pois ali será implementado o "desenvolvimento" do país. Essas Unidades de Conservação não passarão de sombras de um passado exuberante. Hoje, quando olhamos o mapa e vemos que há uma maravilhosa área verde ocupando todo o lado norte da América do Sul, fica difícil supormos que ela ficará reduzida a pequenas manchas, preservadas com tanto "zelo".

Muitas Unidades de Conservação foram definidas em função da existência de atrativos exuberantes, como a presença de cataratas, abismos, cavernas, rios ou marcos históricos. Raras vezes leva-se em conta fatores como a importância ecológica, a existência de espécies endêmicas ou ameaçadas, valor mitológico ou afetivo para comunidades tradicionais etc. Mal se descreveu as espécies existentes nos ecossistemas naturais, como decidir que aqui e não ali, deve ser preservado?

Pensando de outra forma, podemos questionar se temos o direito de destruir aquilo que não temos capacidade de criar. Pode-se destruir a cidade para a criação de novos sistemas mais modernos que superam os antigos, novas relações sociais, afetivas etc., pois esse é o nosso domínio. Mas não sabemos recriar a Natureza e, daí, o desejo de zelar, de proteger. Nenhum animal ou planta, de fato, está pensando em recriar ou em destruir. Os seres humanos é que precisam refletir sobre a destruição que produzem, pela responsabilidade de possuírem consciência e por terem relativa clareza das conseqüências de seus atos para a sua própria existência. Temos um poder de destruição muito maior do que qualquer outra espécie já teve e a nossa consciência nos dá a possibilidade de pensar sobre isso. Então, porque não refletir dentro de uma nova lógica, que possibilite desenvolver uma relação harmoniosa de todos os seres sobreviverem juntos, numa caminhada coletiva, como companheiros de planeta?

No Brasil, as Unidades de Conservação têm sido criadas sem as mínimas condições para garantir a sua conservação: não há recursos humanos, planos de manejo, previsão orçamentária para investimentos em equipamentos e outras necessidades. Pouquíssimas possuem estrutura mínima para se manterem em funcionamento, sendo que a maioria encontra-se abandonada ou delimitada apenas no papel. Para a criação de novas áreas protegidas, há que se propor uma política pública ou privada de gestão das já existentes, para que elas possam de fato cumprir as metas que, pelo menos temporariamente, são determinadas e traçadas para elas.

É necessário que todos os setores da sociedade - o movimento ambientalista, os empresários interessados nas atividades em parques (como o ecoturismo), os administradores - discutam muito sobre os destinos dessas áreas, perante uma nova lógica coletiva de conservação, que não se restrinja à ação do poder público, uma vez que os recursos têm sido escassos para esse setor. O Brasil tem criado Unidades de Conservação como uma forma paliativa de garantir a preservação de ecossistemas até que outras prioridades, com o pagamento da dívida externa, a competitividade da moeda no mercado internacional, a balança comercial etc., sejam resolvidas. O mais cruel é que a visão econômica não coloca em primeiro plano nem as pessoas, muito menos a Natureza. Os projetos educacionais, sociais e ambientais são sempre relegados para um segundo momento, pois a lógica de mercado mundial exige do Brasil uma postura voltada para a economia. Quando a política econômica estiver estável, quando o país estiver em pleno desenvolvimento, quando o PIB crescer, quando formos, enfim, um país rico, então será possível investirmos em preservação, em educação e em questões humanitárias. Não há fórmula melhor para a geração do espírito individualista, materialista, consumista e competitivo do cidadão contemporâneo.

As visitas a uma área preservada, diante desta realidade, deveriam obrigatoriamente favorecer experiências educativas e de questionamento desses valores, independente dos tipos de visão que o visitante já possua sobre as questões ambientais. Os que já têm consciência sobre a importância da Natureza, trabalham há muito tempo com ela, têm amor pelo que fazem, devem desenvolver atividades diferentes daqueles que jogam lixo pela janela do carro e estão visitando-a pela primeira vez. No entanto, todas elas têm que proporcionar vivências transformadoras, que possam acrescentar algo na vida do indivíduo. Sempre. As Unidades de Conservação devem estar organizadas para atender a públicos diferentes, conhecendo bem o seu perfil e tomando atitudes mais interativas entre os funcionários, a área e o visitante, através da elaboração de novos programas de visitação pública, menos punitivos e mais integradores. Porque a grande maravilha, a verdadeira mina de ouro, é a experiência pessoal que se tem no contato com a Natureza. Essa experiência não é transferível. Ela é de uma amplitude tal que não se pode traduzi-la em palavras.

Infelizmente, no entanto, a visitação aos espaços preservados não é acessível a todos, e só quem tem recursos financeiros para se deslocar até eles é que podem conhecê-las. O ecoturismo ainda é uma atividade restritiva.

ECOTURISMO E SUA POTENCIALIDADE

O setor de Ecoturismo, definido muito recentemente, se propõe a possibilitar o contato dos indivíduos com os espaços naturais de modo a garantir a estes últimos sustentabilidade econômica e ecológica.

Uma das principais definições, a da *The Ecotourism Society*1 diz o seguinte: "Ecoturismo é a visita responsável a áreas naturais visando preservar o meio ambiente e o bem estar das populações locais". A partir daí pode-se depreender que o ecoturismo surgiu como um meio de alcançar o desenvolvimento sustentável das regiões que ainda hoje apresentam importantes conjuntos naturais, de grande valor ecológico e paisagístico e como estratégia de conservação de culturas tradicionais. Portanto, ele não contém um fim em si, não existe para desenvolver-se a si mesmo, mas sim para possibilitar a inserção destas ditas regiões que, via de regra, foram afastadas do desenvolvimento regional.

Observa-se ainda que nessas áreas, as populações residentes possuem um forte vínculo com a Natureza, que representa o suporte principal de sua caracterização cultural. Daí a preocupação, na definição de ecoturismo, de promover o bem estar destas populações. Por "bem estar" compreende-se sua integração ao processo de desenvolvimento econômico sem corromper suas características culturais mais profundas. Afinal, se estes povos ainda vivem tendo a Natureza como suporte para a manutenção de suas culturas, possivelmente são os únicos a realmente conhecer as formas de sustentabilidade específica daqueles ambientes.

As instituições brasileiras voltadas para a organização e execução das atividades ecoturísticas foram se estruturando a partir de um outro histórico e possuem hoje um caráter empresarial . Sendo assim, funcionam dentro da lógica do mercado e priorizam os aspectos voltados à prestação de serviços e ao retorno econômico em detrimento das prioridades conservacionistas.

Ao contrário de algumas ONGs que trabalham com ecoturismo e inclusive vêm ganhando prêmios por suas iniciativas no setor, as empresas têm muito raramente dedicado atenção especial a um trabalho educativo elaborado a partir de pressupostos inovadores. Costumam supor que o simples contato com a Natureza já é algo suficientemente excepcional para garantir uma mudança de comportamento dos indivíduos. As prioridades de conservação da Natureza e das culturas locais não vêm sendo minimamente atendidas pelo vertiginoso crescimento dessa atividade. Na experiência prática, o potencial transformador que o contato direto com a Natureza pode proporcionar tem sido desperdiçado.

Entrar em contato com milhares de outros seres vivos é algo exótico para nós. Sem dúvida é um momento particular de nossa existência, uma vez que poucas pessoas de nossa sociedade vivem imersas em um ambiente de rica biodiversidade. A conotação de exótico vem do desconhecimento daqueles elementos todos. Mesmo sabendo o nome científico de algumas espécies conhecemos muito pouco de sua natureza, de sua experiência, de suas características.

Além disso, como dissemos, caminhar por espaços selvagens nos traz a oportunidade de enfrentar dificuldades, de superar limitações, como os de ter que dar



grandes saltos, caminhar por espaços estreitos ou à beira de desfiladeiros, esperar uma cobra abrir o caminho, atravessar rios, etc. Nesses enfrentamentos somos levados a conhecer melhor a nós mesmos. Afinal, sem nunca termos passado por essas experiências antes, como sabermos de nossas reações frente a elas? Podemos aproveitar para conhecer melhor nossos corpos e nossas emoções. Na maioria das vezes, nossas reações no campo são muito diferentes daquelas que imaginávamos antes de enfrentar certas situações. Nessas travessias - que ninguém deve fazer sozinho – estabelecemos também novas relações sociais, pois muitas vezes precisamos ajudar o outro e sermos ajudados. As experiências do companheirismo e da solidariedade podem ser praticadas, sedimentadas, aprofundadas. Aprendemos a confiar nos companheiros de viagem.

A percepção da interdependência e da complementaridade que temos uns com os outros nos relembra sermos membros de uma grande teia, enorme e complexa em suas relações, desfazendo as hierarquias a que estamos acostumados. Ao passarmos por situações as mais variadas temos que aceitar as limitações de cada situação, nos submeter às vicissitudes da Natureza, estar abertos ao imprevisto, superar nossas barreiras e entrar em contato direto com a água e com a terra.

Podemos, se nos permitirmos, questionar nossos valores, aprender com a experiência, e voltar para casa renovados e enriquecidos, capazes de buscar reformulações para os aspectos indesejáveis de nossa vida cotidiana. Numa viagem de ecoturismo podemos questionar sobre o que é de fato necessidade. segurança e conforto. Um viajante aplicado pode surpreender-se com suas próprias respostas...

Nossos valores sobre conforto, por exemplo, são compatíveis com os da comunidade que estamos visitando? O visitante deverá trazer sua cultura ou tentar integrar-se aos hábitos locais? Quais os limites do contato entre culturas? Existem? Uma exigência de conforto e segurança do visitante pode ofender os hábitos locais? O ecoturista está buscando afirmar sua própria cultura (será que precisamos?) ou conhecer de fato o diferente? Como estar aberto para essas experiências?

Pelo nosso condicionamento cultural podemos exigir certo padrão de conforto e segurança; mas é preciso tomar cuidado para que isso não mascare, não encubra o medo de experimentar outras possibilidades de viver e de pensar. É preciso que o ecoturismo deixe de "preparar" os locais para receber o visitante e passe a preparar o visitante para conhecer os locais. O ecoturista que for educado a compreender e conviver com a diferença saberá reconhecer a riqueza dessa experiência.

Muitas vezes, um atendimento comumente considerado como "de qualidade" pode tornar a experiência do visitante totalmente previsível. Uma pousada com televisão e frigobar no quarto, um guia super treinado, bem vestido e bem equipado, constituem serviços de qualidade como se espera que sejam, em qualquer lugar. Mas, se o visitante não sabe o que significa entrar em contato com a alma do lugar fica sem poder desejar essa experiência.

O grande mitólogo Joseph Campbell certa vez, deu o seguinte conselho a uma senhora que havia planejado minuciosamente sua viagem à Grécia, em busca do contato com as divindades: "Tomara que tudo saia diferente do que a senhora planejou. Como espera que os deuses vão encontrá-la se está fazendo tudo ao seu alcance para impedir que eles a encontrem? A menos que deixe espaço para o imprevisto, como pode o divino entrar em você? O começo da aventura de encontrar a si mesmo está em perder o caminho" (caso relatado por Phil Cousineau², em uma palestra).

Se apenas voltar para casa com mais um conjunto de belas fotos ou mais um banho de cachoeira, não estará faltando alguma coisa? É claro que isso já é bastante bom, mas estamos nos referindo a um potencial, ao universo a que a Natureza nos remete. Os lugares – todos – têm uma alma, que anseia por ser percebida, sentida e mesticada à do visitante.

Sem a atuação educadora de todos os profissionais envolvidos com o ecoturismo, fica mais difícil vislumbrarmos importantes processos de mudança. Nossa experiência cultural nos leva a consumir paisagens, a listar os atrativos a serem visitados e a cancelá-los à medida que passamos por eles. O ecoturista costuma ter em seu cômputo geral "quantos" lugares já conheceu e qual será o "próximo" roteiro que irá fazer. Procura novos destinos nas agências que conhece. É menos comum encontrar alguém que queira voltar a um lugar por lá ter tido boas experiências e desejar ampliá-las.

A lógica de descoberta de novos roteiros, de novos lugares, acaba sendo a mesma lógica do consumo do supermercado. Quer dizer: consome-se paisagens e não se tem uma experiência pessoal e diferente. Claro que essas observações não podem ser generalizadas, pois muitos têm experiências intensas e enriquecedoras. Estamos falando sobre a lógica mais comum dos ecoturistas, das agências e das pessoas que trabalham com ecoturismo e da maneira como ele está se desenvolvendo.

Esse espírito não está isolado da tendência geral de nossa sociedade, mas devemos alertar para o fato do ecoturismo poder se tornar uma atividade com dinâmica própria, capaz de proporcionar experiências de resgate muito significativas para os indivíduos e para a sociedade, e que esse enorme potencial pode estar sendo desperdiçado. Pensando assim, acreditamos que o ecoturismo não pode ser reduzido à retórica do desenvolvimento sustentável. É esse o ponto.



CONCLUSÃO

A realidade costuma ser mais complexa do que os esquemas que propomos para compreender e organizar as nossas atividades. Dentro do que chamamos de ecoturismo existe um mosaico bastante diversificado de propostas e de experiências. Há agências que promovem visitas à Natureza como uma opção a mais para seus clientes, portanto encarando o setor como mais uma modalidade do turismo convencional. Outras, em diferentes graus, estão preocupadas com a conservação dos espaços que vão visitar.

As visitas à Natureza não são obviamente uma novidade, uma vez que elas sempre existiram. Apenas agora estamos organizando-as como negócio e, assim, tornando-as mais acessíveis a um público mais amplo. Essas visitas podem ser sempre muito enriquecedoras, aliás, como qualquer viagem. Mas somos levados a desejar que essa experiência seja potencializada perante a raridade dos espacos naturais preservados, à sua fragilidade e ao fato de serem pouco valorizados em nossa sociedade.

Por ter surgido como um negócio, o setor ecoturístico não se propôs, ainda, a refletir sobre o que faz. Produz viagens e não prioritariamente experiências nem conhecimento. Só reproduz estratégias de marketing e conceitos administrativos convencionais, aplicados tradicionalmente a outras áreas do conhecimento humano.

Há que se criar uma "rede" com identidade própria, formada por grupos de estudo, ONGs, agências, pessoas preocupadas em experimentar situações inovadoras. Não vamos todos encontrar um mesmo caminho nem compartilhar a mesma opinião, evidentemente, mas podemos conviver com a aceitação da diversidade - aliás, lição número um da ecologia - e compartilhar um código de ética, que una a todos.

Isso não só é oportuno pela experiência em si, como se mostra necessário e urgente, na medida em que vemos crescer, com uma velocidade muito grande, o consumo irresponsável das paisagens, das trilhas e das cachoeiras, e uma padronização chocante dos meios de hospedagem e da infra-estrutura ecoturística, mesmo nos lugares onde a personalidade da cultura local é forte e expressiva. Hoje é perfeitamente possível hospedar-se em uma pequena pousada de um vilarejo da Bahia com o mesmo padrão de outra em Goiás ou no Maranhão. Quem está induzindo esse processo? Onde fica a proposta de respeito e valorização das culturas locais? Nos eventos folclóricos pré-programados? No sotaque do garcom? Porque se definiu que o ecoturista precisa de televisão e frigobar no guarto? Isso é compatível com os valores e estética local? A idéia inflexível de padrão de qualidade põe seriamente em risco os valores locais que, contraditoriamente, o ecoturismo propõe resgatar.

Se a própria população local está construindo pousadas e formando guias com o viés do visitante, ela está fazendo ecoturismo de uma forma diferente da sua estética e lógica próprias, diminuindo a possibilidade de experiência do turista.

O ecoturismo torna-se, assim, infelizmente, o próprio exemplo da fábula do lobo em pele de cordeiro. Pior: o faz de uma maneira ingênua, uma vez que o setor até acredita que está de fato contribuindo para os processos conservacionistas. As pressões mercadológicas são tão intensas que os profissionais da área acabam abrindo uma série de concessões para poderem continuar competitivos, modificando seus próprios princípios e diminuindo seu leque de possibilidades de livre atuação. Isso reforça ainda mais a necessidade dessas reflexões e da criação de uma rede de troca e colaboração entre os diferentes segmentos.

Estamos nos aproximando de questões difíceis de serem levantadas. O que de fato move uma pessoa com desejo de contribuir na conservação da Natureza? A resposta, há tanto experimentada e comprovada pelos que têm trabalhado na área, é a afetividade. Como incluir esse "elemento" nos debates técnicos? Se já colecionamos uma lista infindável de argumentos – na forma de leis, tratados, convenções, teses, e artigos sobre a importância da conservação - porque as coisas são tão difíceis de mudar?

O professor Joseph Cornell3 tem dito e comprovado em seus livros, workshops e conferências no mundo todo que somente a descoberta e o desenvolvimento da afetividade pode transformar a experiência humana e conseqüentemente nossa relação com os elementos naturais. Podemos saber tudo sobre a Natureza, mas isso não é suficiente para querermos preservá-la. Para preservarmos temos que ter com ela uma relação afetiva, de amor, que gera o desejo de que ela continue existindo. O amor é o que dá um sentido maior às coisas. Mas isso é algo muito delicado de se introduzir nesse mundo objetivo, ou melhor, pretensamente objetivo.

Quem tem trabalhado com ecoturismo nesta ótica sabe de seu potencial para lidar com tal abordagem. A oportunidade de ter uma experiência direta com outras formas de vida é algo muito mais transformador do que qualquer proposta bem elaborada de planejamento sustentável. O ecoturismo deve se assumir como um setor da sociedade capaz de transformar, e com isso, contribuir para uma mudança de paradigma. Só ainda não tem uma percepção consciente dessa possibilidade, não se vê desejoso de transformar. Está aturdido face às pressões do mercado.

É preciso ter a liberdade de criar, de experimentar, perder algumas oportunidades, criar outras. Um curso sobre elaboração de roteiros pode fornecer as instru-

ções básicas, mas não existe um meio único ou mais correto de conduzir um ecoturista para o "meio do mato". O profissional, dentro de sua responsabilidade, deve se permitir ouvir sua intuição pessoal, sua experiência e experimentar, trocar com os outros seus resultados positivos e negativos. Não só executar a atividade, mas investigar, pesquisar, buscar soluções e alternativas com criatividade, imaginação, intuição. Construir, enfim, e não só buscar capacidade técnica, competência, porque isso é fácil. Você faz uma universidade ou um curso profissionalizante e conquista competência técnica. Adquirir habilidades é fácil em ecoturismo. Aprofundar-se na atividade já não é tão evidente. Quando experimentamos atividades com grupos, devemos ter claro que há muitos parâmetros em questão, tais como os relacionados à ecologia, psicologia, filosofia, artes etc.

Os profissionais tornaram-se técnicos. Não são leitores, reflexivos, não "vão atrás", quando isso seria absolutamente fundamental. Como em tantos outros setores, a teoria está desvinculada da prática. Mas sabemos que não é necessário que seja assim. Podemos criar um fluxo permanente entre as idéias e as ações, promovendo assim o desenvolvimento construtivo do ecoturismo no Brasil.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

NOTAS

- 4 Este texto foi elaborado a partir de conversas entre os autores em que expressaram suas reflexões e busca de caminhos para o ecoturismo. Essas conversas foram gravadas e as fitas foram transcritas por Andréa Grechi.
- 2 Rita Mendonça é bióloga e socióloga e trabalha como consultora autônoma nas áreas de planejamento, turismo e educação ambiental. E docente do SENAC/SP, INPG (Instituto Nacional de Pós-graduação) e da Universidade Anhembi Morumbi, nas cadeiras de Fundamentos do Pensamento Ecológico, Planejamento e Gestão de Ecoturismo, Administração de Parques Naturais, Educação Ambiental. Membro do Instituto de Estudos de Complexidade e Pensamento Sistêmico.
- 3 Zysman Neiman é Biólogo, Mestre em Psicologia e Doutorando em Ciência Ambiental, todos pela Universidade de São Paulo. Trabalha com Educação Ambiental e Ecoturismo desde 1988, sendo Diretor Presidente da Physis Cultura & Ambiente. É docente do SENAC/SP, Universidade do Grande ABC e Universidade Anhembi Morumbi e autor de diversos livros de Educação Ambiental, tendo participado da Elaboração do Tema Transversal Meio Ambiente dos Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC para o Ensino Fundamental como redator.
- 4 In Lindberg & Hawkins, 1996.
- 5 Comunicação pessoal. Para ler mais, vide Cousineau, 1999.
- 6 Comunicação pessoal. Para ler mais sobre suas idéias, ver Cornell, 1997



Formato da contribuição: texto resumido

Fonte: "Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente – Visões Internacionais", Tavares, O., Miranda, R. e DaCosta, L.P. (Eds), Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002

E-mail do autor: otavares@uol.com.br; mrena@terra.com.br;

dacosta8@terra.com.br

Títulos acadêmicos principais atuais: Tavares - Doutor em Educação Física, GESPCEO / PPGEF-UFES; Miranda - Doutor em Educação Física, GPEO-UFJF; DaCosta - Doutor em filosofia, UGF.



Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente: visões internacionais

Otávio Tavares Renato Miranda Lamartine DaCosta¹

Lançado em 2002, o livro 'Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente: Visões Internacionais' foi produto do Seminário Sul-Americano de Esporte e Meio-Ambiente. Promovido pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) em maio de 1997, em Curitiba (PR), este evento contou com a participação dos membros do Comitê de Esporte e Meio-Ambiente do Comitê Olímpico Internacional (COI), que realizavam naquele momento sua reunião no Brasil, dirigentes esportivos de todo o continente, atletas, administradores públicos, dirigentes de organizações não-governamentais e personalidades do meio acadêmico.

Os objetivos do livro eram tornar públicas as contribuições apresentadas no evento estabelecendo referências importantes para o pensar e o agir no âmbito das relações necessárias entre esporte e meio-ambiente. Neste contexto, não apresenta a estrutura típica de anais de congresso, mas de livro propriamente dito. Assim, foi estruturado em três partes. A primeira apresenta os fundamentos para a compreensão da questão ambiental. A segunda apresenta textos sobre as relações entre esporte, olimpismo e meio ambiente. A terceira, reúne textos que



apresentam a aplicação dos preceitos de responsabilidade ambiental na prática de organização de eventos esportivos.

Parte I

Fundamentos para a compreensão da questão ambiental

Fundamentos para o Desenvolvimento Sustentável

Haroldo Mattos de Lemos¹

Uma série de conferências promovidas pelas Nações Unidas desde o início da década de 1970 vem analisando e discutindo a questão ambiental e suas relações com o desenvolvimento. A preocupação incidia sobre o crescimento populacional, o esgotamento dos recursos naturais e a capacidade de absorção dos excedentes humanos pela biosfera, o que evidentemente, coloca a idéia de crescimento em questão.

Um conjunto de problemas situa a relação entre crescimento e meio ambiente: o crescimento populacional, a crise urbana, a pobreza, a disparidade de níveis de consumo entre países ricos, países em desenvolvimento e países pobres e, por fim, as disponibilidades dos recursos hídricos.

A Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas apresentou em 1987 um relatório intitulado Nosso Futuro Comum no qual apresenta o conceito de 'desenvolvimento sustentável' (DS) definido como "aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades". Este é um conceito de aplicação complexa e controvertida uma vez que tem uma dimensão cultural e política que vai além da tecnologia e da economia. Neste contexto, o indicador mais importante para o DS é o fluxo total de recursos da biosfera para o subsistema econômico, que o transforma em bens e serviços e que retorna à biosfera sob a forma de resíduos.

Para alcançar um DS algumas ações estratégicas são necessárias: [a] estabilizar a população mundial; [b] reduzir a pobreza; [c] aumento da eficiência no uso de recursos naturais e da energia; [d] desenvolvimento de tecnologias limpas; [e] melhoria da educação em todos os níveis; [f] junção de planejamentos econômicos e ambientais; [g] redução dos gastos militares mundiais. O processo de transição em direção a um DS é dinâmico, sujeito a erros e acertos, mudanças e adaptações, por meio de aproximações sucessivas. O maior desafio será como criar e manter a vontade política necessária para converter o conceito de DS em ações que vão significar mudanças consideráveis para todos nós.

O Papel dos Governos e do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) nas Questões Ambientais

Tore Breivik²

O PNUMA tem por objetivo melhorar o atendimento as questões de emergência ambiental e trazer à atenção da comunidade global os problemas ambientais de significado regional e internacional. O desafio que se apresenta ao PNUMA é integrar as ações de curto e médio prazos com os objetivos de longo prazo do Programa.

No curto prazo, o PNUMA lida com catástrofes ambientais como, por exemplo, os incêndios florestais no Brasil e na Indonésia. O desenvolvimento de sistemas de alerta de acidentes ambientais de grande escala, e os conflitos potenciais entre nações pela disputa de recursos naturais comuns, são as áreas prioritárias do PNUMA no curto prazo.

No médio prazo, o PNUMA está voltado para o desenvolvimento de seu papel de liderança na formulação de consensos a respeito de problemas ambientais emergentes. Outros objetivos do Programa a médio prazo são o desenvolvimento de instrumentos econômicos inovadores para expandir práticas e padrões de conduta ambiental entre as nações, e a busca de sinergias entre diferentes convenções e protocolos a serem implementados pelo PNUMA.

No longo prazo, o PNUMA irá focalizar seu trabalho no meio ambiente urbano, na questão da água e no desenvolvimento econômico com preservação do meio ambiente. Neste sentido, o Programa busca reforçar as ligações entre ciência, gerência e política. Provavelmente, o papel central do PNUMA é a troca de informações sobre políticas e tecnologias, apontando para a contrução do conhecimento para melhores investimentos e para a cooperação e transferência de tecnologias.

Estes objetivos do PNUMA irão requerer a construção de sinergias e parcerias com governos, outras agências das Nações Unidas, o setor privado e a sociedade civil. Neste sentido o PNUMA procura parceiros como o Comitê Olímpico Internacional.

O esporte, como toda a atividade humana, guarda uma relação de mão dupla com o ambiente natural. O esporte pode não ajudar mas tem um impacto sobre o meio ambiente, assim como é afetado pela própria qualidade deste mesmo meio ambiente. Como sabemos hoje em dia, o esporte é feito de um vasto espectro de

instituições, eventos, instalações e participantes, nos mais diversos níveis. O esporte pode ajudar ou prejudicar o meio ambiente, e se beneficiar ou ser prejudicado pelas condições ambientais. Temos a responsabilidade de pensar no legado a ser deixado pelos Jogos Olímpicos. Um meio ambiente poluído não faz distinção entre indivíduos, atletas ou não.

Acima de tudo, precisamos renovar nossos compromissos com a melhoria do fluxo de recursos financeiros e tecnológicos. Isto nos permitirá assumirmos nossas responsabilidades com nós mesmos e com as gerações futuras.

Parte II

Esporte, olimpismo e meio ambiente

O Movimento Olímpico e o Meio Ambiente

Pál Schmitt³

Consciente de sua responsabilidade e com base nos princípios fundamentais estabelecido pela Carta Olímpica, o Comitê Olímpico Internacional (COI), exercendo sua função de coordenador do Movimento Olímpico, resolveu aumentar seu campo de atuação na questão do meio ambiente, transformando-a no terceiro pilar do Olimpismo, depois do esporte e da cultura. Por esta razão, o COI certifica-se de que os Jogos Olímpicos sejam realizados em condições que demonstrem preocupação e responsabilidade pelas questões do meio ambiente, e colabora com as organizações públicas, privadas e com as autoridades competentes, empenhando-se em colocar o esporte a serviço da humanidade.

Em 1992 o COI convocou todas as Federações Internacionais e Comitês Olímpicos Nacionais a assinarem o Compromisso do Planeta Terra. Através deste documento os membros do Movimento Olímpico se comprometeram a contribuir, da melhor maneira possível, para que a Terra fosse um lar seguro e acolhedor para as gerações presentes e futuras. Já em 1994, o Presidente do COI assinou um acordo de cooperação com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) com o objetivo de desenvolver ações conjuntas nesta área. Neste mesmo ano, o Congresso do Centenário Olímpico dedicou uma sessão inteira à relação entre esporte e meio ambiente. Essa questão foi desenvolvida em maior profundidade através da Comissão de Estudo do Congresso do Centenário, cujas recomendações foram aprovadas pela 105ª Sessão do COI, em Atlanta, Estados Unidos, em julho de 1996. Deste documento podem ser destacadas as seguintes deliberações: [1] o Movimento Olímpico deve liderar as questões esportivas ligadas ao meio ambiente; [2] os Jogos Olímpicos são uma oportunidade

impar para enfatizar a importância da proteção ao meio ambiente; [3] o reconhecimento pela comunidade internacional das ações e esforços do COI para o apoio e proteção do meio ambiente; [4] oportunidades de cooperação com diversas organizações internacionais e nacionais, governamentais e não governamentais, podem se apresentar para o apoio à proteção do meio ambiente; [5] a política do COI relacionada com o meio ambiente deve ser específica do COI; [6] a avaliação pelo COI de uma política de proteção do meio ambiente deve se adaptar ao país em questão; [7] desenvolver maiores esforços para proteger o meio ambiente e educar os jovens do mundo quanto à responsabilidade de cada um neste sentido; [8] os principais responsáveis pelas questões relacionadas com as questões do meio ambiente são as autoridades competentes. O papel fundamental do COI é encorajar uma atitude ambiental responsável.

Disto decorreu a nova redação da Carta Olímpica (Regra 2, § 12), enfatizando a questão ambiental e as novas e rigorosas exigências ambientais para a as cidades candidatas à sede dos Jogos. Também são conseqüências deste amplo processo a criação da Comissão de Esporte e Meio Ambiente do COI, a produção de seu Manual de Esporte e Meio Ambiente, a realização das Conferências Mundiais sobre Esporte e Meio Ambiente, os Seminário Regionais, a organização dos 'Dias de Limpeza' por iniciativa dos comitês olímpicos nacionais, as iniciativas de cooperação com outras organizações e com mídia e incentivo à atuação dos atletas como defensores olímpicos do meio ambiente.

Vinculação Entre Organizações Governamentais e Não Governamentais em Relação a Esporte e Meio Ambiente: Delineamentos Para Comitês Olímpicos Nacionais e Seus Governos

Willi Kaltschmitt Lujan⁴

Como podemos observar, o Movimento Olímpico assumiu uma responsabilidade integral em relação ao Meio Ambiente e nos obriga a sensibilizar toda a família olímpica, os Comitês Olímpicos Nacionais (CON's), as federações internacionais, e as associações continentais e regionais, mas com uma finalidade que vai mas além de nosso movimento. Trata-se de servir a humanidade como um ente mais educativo na preservação do Meio Ambiente.

Desafortunadamente, a maioria dos CON's carece de delineamentos concretos, a infra-estrutura necessária e desconhecem o potencial que um CON pode representar para o trabalho e as finalidades de estas organizações na área do Meio Ambiente. Quero começar então por estabelecer quais seriam os delineamentos principais que um CON deve ter relativo ao Meio Ambiente para iniciar dita vinculação.

Um CON deve modificar os estatutos que o regem dentro de seus objetivos de proteção ao Meio Ambiente. Assim, isto se converte em um de seus objetivos e responsabilidades. Também permite a formação de uma Comissão que será a responsável por implementar as políticas e planos do CON neste setor e, por fim, permite pressupor, investir e captar com respaldo legal, fundos para este fim.

Geralmente é muito difícil para um CON incursionar em outras áreas que não sejam as esportivas específicas, se não possui uma infra-estrutura de apoio humano e técnico com responsabilidade direta na área que se deseja incursionar. No caso do Meio Ambiente, a infra-estrutura vital que um CON deve ter para desenvolver um trabalho pró-ativo é sua própria Comissão de Meio Ambiente. Esta Comissão não necessita ser formada somente por membros do CON ou suas entidades afiliadas. Ao contrário é recomendável que estas Comissões se formem integrando pessoas externas ao Movimento Olímpico, cujo denominador comum sejam suas diferentes especialidades, obviamente pessoas qualificadas ou técnicos e algo muito importante, a inclusão de atletas ou ex-atletas de reconhecidos méritos em seu país.

Como podemos apreciar, os CON's tem excelentes oportunidades de planificar e promover atividade. Tem muito que aportar e muito que receber se vinculam seus projetos com outras organizações governamentais ou não governamentais. Mas é básico ter os delineamentos claros, a infra-estrutura e a vocação para implementá-los. O potencial existe já.

Os Atletas e as Questões do Meio Ambiente

Lars Schmidt Grael⁵ Axel Schmidt Grael⁶

Este texto aprecia a possível contribuição do esporte e dos atletas para a transformação da sociedade em direção a uma nova realidade baseada no conceito de sustentabilidade. A Agenda 21 apresentou-nos o desafio de atingir a um novo modelo de desenvolvimento e relações humanas para harmonizar a vida humana e a integridade do planeta. A conscientização em relação aos problemas ambientais é um processo contínuo que evoluiu dos alertas desconexos de ambientalistas para uma compreensão virtualmente global da crise ambiental como uma clara evidência.

Modelos alternativos de desenvolvimento têm sido desenvolvidos desde os anos de 1970 em busca de um modelo de desenvolvimento sustentável economicamente possível, socialmente equilibrado e ecologicamente sustentável. A Conferência do Rio é um marco neste processo quando abordagens teóricas tentam avançar de forma a obter uma sociedade sustentável caracterizada por novas relações entre os indivíduos assim como entre as nações. Este conceito de

sociedade sustentável baseia-se em princípios de justiça social, equilíbrio intra e inter gerações e, uma tecnologia de uso sustentável dos recursos naturais.

Levando em consideração a atual condição de desequilíbrio entre as questões postas e respostas conclusivas, as mudanças em direção a sustentabilidade chegarão gradualmente. São necessárias uma mudança de paradigmas e um extensivo processo de convencimento e educação ambiental. O papel dos esportes e dos atletas é altamente importante neste contexto. Sua imagem social conectada às idéias de sucesso, eficiência, tecnologia, beleza física, saúde, perseverança e, principalmente, com a idéia de nação e nacionalidade pode fazer deles uma poderosa ferramenta de comunicação de valores, idéias e atitudes. Deste modo, sua credibilidade e visibilidade social devem ser usadas a favor da difusão de experiências e conceitos de sustentabilidade.

Entre os diversos esportes, a Vela é um dos mais próximos à natureza. Atualmente, as competições nacionais e internacionais de vela já adotam regras e regulamentos para estimular atitudes ambientalmente corretas e prevenir a poluição. O velejador é um parceiro importante para iniciativas educacionais em relação ao meio ambiente. No Brasil, uma ênfase particular tem sido dada pelos velejadores à proteção e limpeza da Baía da Guanabara, o berço da Vela nacional, por meio de programas educacionais para velejadores e público em geral.

Contudo, é importante lembrar que as atividades esportivas e competições são, algumas vezes, poluidoras também. Deste modo, considerando o papel dos esportes e dos atletas para a sociedade acima mencionado, as comissões de esporte e meio ambiente deveriam analisar cada prática esportiva no sentido de prevenir a poluição e a degradação ambiental. A Comissão de esporte e Meio Ambiente do Comitê Olímpico Brasileiro está firmemente comprometida com estes objetivos embora saibamos que ainda existe um longo caminho até atingirmos resultados satisfatórios.

Meio Ambiente - Educação Pelo Esporte

David Chernushenko7

De um modo geral os esportistas não são *experts* em meio ambiente ou receberam algum tipo de educação formal sobre questões ambientais. O mesmo pode ser estendido à questão da relação entre esporte e meio ambiente. No entanto, toda a comunidade esportiva (COI, federações esportivas nacionais e internacionais, comitês olímpicos nacionais, organizadores de eventos, profissionais de educação física, patrocinadores e outros), necessita de um mínimo de informação e educação e educação sobre as questões do meio ambiente.

Algumas questões ajudam a orientar tal idéia: 1) Quem precisa de educação ambiental? 2) O quê é preciso saber? 3) Onde se pode encontrar informação? 4) Como fazer para ampliar e atualizar a educação ambiental em seu país, cidade ou organização?

Além disso, algumas questões são centrais no desenvolvimento de programas de informação e educação ambiental; a) o impacto do esporte sobre o meio ambiente pela organização, construção e operação de instalações e eventos esportivos; b) o impacto das condições do meio ambiente sobre o esporte; c) o papel positivo que o esporte pode desempenhar para o meio ambiente; d) outras questões tais como qualidade ambiental, gerenciamento de materiais e recursos, proteção da biodiversidade e transporte.

Algumas fontes de informação importantes para atualização constante nas questões ambientais, são sugeridas: a) livros e materiais impressos (por exemplo, The IOC Manual on Sport and the Environment); b) conferências e seminários sobre o tema; c) o uso da internet através dos sites que oferecem informação específica sobre esporte meio ambiente (por exemplo, www.Olympic.org.family/ioc/sports_and_environment); d) organizações ambientalistas não governamentais; e) agências governamentais com responsabilidade sobre o esporte e/ ou meio ambiente.

Compartilhar informações, desenvolver parcerias e mobilizar esforços para a melhoria das condições ambientais; são pontos fundamentais. Como alguém já afirmou, o desafio é a semente da oportunidade.

Olimpismo e Meio Ambiente - Uma Revisão

Lamartine Pereira DaCosta⁸

A presente proposta está em torno da renovação "verde" promovida pelo COI completada por compromisso com valores. Embora haja uma dificuldade representada pela oposição entre o pensamento sistemático e desenvolvimento moral. Como ação inicial propõe-se avaliar o "Manual de Esporte e Meio Ambiente" publicado pelo COI, não obstante a reduzida experiência prática neste tema em face dos reclamos éticos do ambientalismo.

Como contribuição elegeu-se o exame da sustentabilidade promovida pelo COI na avaliação das cidades candidatas para apreciar na prática as recomendações ético-teóricas advindas da proteção ambiental.

Foram selecionados 132 "fatos" descritos pela Comissão de Avaliação das cidades candidatas a sediar os Jogos Olímpicos de 2004. Como resultado de uma

primeira abordagem tais "fatos" mostraram-se genéricos em mais da metade das avaliações. Numa segunda abordagem verificou-se ser a seleção da cidade sede diretamente dependente de ações ambientais concretas.

Em conclusão, recomenda-se que a chamada "filosofia" do Olimpismo incorporou o valor de sustentabilidade, uma proposta apenas sugerida pelo manual do COI anteriormente anunciados, uma vez que na prática isto já estaria ocorrendo dado o grande impacto dos Jogos Olímpicos nos fundamentos do Olimpismo e do Movimento Olímpico.

Nestas circunstâncias, sugere-se modificar a Carta Olímpica alterando-se o "todo harmonioso" da definição do Olimpismo por um "todo sustentável e harmônico" ao se referir às qualidades de "corpo, vontade e mente".

Parte III

Esporte e meio ambiente: realizando os preceitos na prática

Organização de Eventos e Planejamento de Instalações em Relação ao Meio Ambiente: Alguns Princípios Importantes e Questões Chave

Simon Balderstone9

Considerando o esporte em constante interdependência com o meio ambiente é cada vez maior a consciência de que a segurança, a saúde e o desempenho do esportista estão intimamente relacionados, à saúde e a proteção do meio ambiente.

Por outro lado a responsabilidade de organizadores de eventos esportivos em relação ao meio ambiente está em, ao mesmo tempo, maximizar o benefícios comunitários e ambientais resultantes da prática esportiva, minimizar os danos e impactos ambientais e procurar transformar positivamente o meio ambiente. Esse processo depende de: a) parâmetros; b) princípios e políticas; c) performance de operações; d) divulgação das realizações.

Alguns "atores" do Movimento Olímpico devem ser considerados. Os atletas desempenham um papel de modelos de comportamento que pode ser aproveitado para divulgar encorajar comportamentos ambientalistas corretos.

A indústria de produtos e instalações esportivas deve ser encorajada a produzir de acordo com os padrões de preservação ambiental, ao utilizar sempre que possível materiais recicláveis, processos e produtos que colaborem para o desenvolvimento sustentável.

Mas, acima de tudo, deve haver um princípio de gerência integrada. A questão ambiental deve ser considerada de maneira transversal a todas as etapas do processo de planejamento, organização e realização de eventos esportivos. Tal princípio também significa uma comunicação do início ao fim com a comunidade potencialmente atingida e com organizações do movimento do meio ambiente.

Estes princípios de integração e consulta devem estar articulados ao princípio ambiental básico do "ciclo vital", do "berço ao túmulo" (cradle to grave). Desde os primeiros estágios de planejamento até no trato com patrocinadores e licenciados, passando pela adaptação de prédios e gerência de dejetos.

Por fim, todo este forço deve ser sentido de ir além do ponto de minimizar os efeitos negativos ao meio ambiente para atingir o ponto de maximizar os efeitos positivos, através do legado da reabilitação de áreas degradadas, de novas práticas, de mudanças de atitudes, de mudanças de estilo de vida. Este deve ser o princípio mais importante.

Jogos Olímpicos – Um Exemplo de Política Ambiental como os Jogos Olímpicos Podem Projetar Soluções Ecologicamente Sustentáveis no Século XXI

Olav Myrholt10

Os Jogos Olímpicos são uma vitrine da cidade sede e do país em que se realizam os Jogos. Os Jogos Olímpicos são manifestações dos valores e da capacidade do país sede. Uma vez que a razão primeira da existência dos Jogos é o esporte, o que se tem por objetivo é integrar a questão ambiental no esporte.

Para isto antes de tudo, cientistas, políticos, e organizadores ambientalistas tem que aprender a trabalhar ema equipe tem que aprender a trabalhar em equipe e com espírito coletivo como no esporte. Neste sentido, para a elaboração de objetivos ambientais e sua implementação, é necessária a colaboração de todos os atores envolvidos. Essencialmente, uma parceria entre o comitê organizador, organizações não governamentais, e a comunidade científica.

Além disso, é importante a existência de fundos para a realização do programa ambiental proposto para os jogos, uma estratégia de marketing que agregue

valor a causa ambiental ao patrocínio e envolva os patrocinadores e a participação governamental a fim de criar atitude positiva em relação ao meio ambiente e promover educação ambiental.

O COI tem encorajado as cidades sede dos Jogos a irem sempre além do mínimo proposto, explorando todo o potencial do projeto ambiental. Neste sentido, o legado ambiental dos Jogos para a cidade sede e para o país, em especial é: a) cenário e ecologia; b) conscientização e capacidade de realização c) consumo de recursos e desperdício; d) produção e trabalho; e) saúde ambiental e sanitária; f) energia e transporte.

O papel educacional do Movimento olímpico é o compromisso mais importante a respeito das questões ambientais. É importante lembrar que o COI não é uma organização ambiental. A experiência tem mostrado que os esforços ecológicos têm sido possíveis através da internalização de certos valores do esporte: cooperação, objetivos comuns e cooperação para a obtenção de dinheiro e outros recursos. As chaves para o sucesso de iniciativas ambientais nos Jogos Olímpicos são: o desenvolvimento do respeito mútuo e entendimento.

Projetos, planos e atividades que têm uma ligação mais próxima com as pessoas são os mais prováveis de serem bem sucedidos e de criarem um legado ambiental duradouro dos Jogos Olímpicos para a cidade sede.

Jogos Mundiais da Natureza: Da Costa Oeste do Paraná Para o Mundo

Oswaldo Luiz Magalhães dos Santos¹¹

Em um cenário de rios, corredeiras, parques e paisagens deslumbrantes, 800 atletas dos cinco continentes participaram da primeira edição (1997) dos Jogos Mundiais da Natureza (JMN), realizado em toda a extensão da costa oeste do Estado do Paraná, no sul do Brasil.

Foram 13 modalidades que tiveram como característica principal a aventura e a comunhão com a natureza em esportes do AR – balonismo e pára-quedismo (*skysurf*); da ÁGUA – pesca, canoagem (*slalon* e travessia), *rafting* (*slalon* e resgate) e vela (*laser e hobbie-cat*); e de TERRA – ciclismo (*moutain bike*), escalada, golfe, hipismo (enduro eqüestre), orientação com arco e triatlo.

A partir da inclusão dos JMN no calendário do COI, os Jogos são renovados a cada 4 anos, mas ao contrário de seus similares, não cumprem trajetória itinerante. São sempre realizados às margens do Lago de Itaipu e nas proximidades das Cataratas do Iguaçu.

A organização dos Jogos contou com cerca de 5000 pessoas, entre elas 2000 voluntários, envolvidos em todas as fases de execução dos jogos. Além disso, 36 hotéis em toda região no entorno dos Jogos ficaram à disposição dos atletas e demais participantes, que contaram ainda com cinco locais para acampamento com 550 barracas. Acrescente-se a isso 13 hospitais e mais 12 unidades de tratamento intensivo, dois helicópteros e um avião ficaram preparados para qualquer emergência.

Um grande centro de imprensa foi montado em Foz do Iguaçu para atender mais de 300 profissionais de comunicação presentes ao evento. Um time de 73 profissionais foi responsável pela TV oficial dos jogos, com um acordo operacional com a Reuters Internacional para a divulgação de boletins diários.

Com 60 balonistas e 90 pára-quedistas os esportes de AR, causaram emoção e beleza durante os dias de competição. Já os esportes de ÁGUA mobilizaram 20 barcos na classe *hobbie cat* e 30 barcos na classe *laser* com a participação de 70 atletas. No *rafting* foram realizadas duas etapas: a primeira em descida e habilidade e a segunda em descida *slalon* e resgate. Na canoagem (travessia) 70 competidores participaram divididos nas categorias K1 e K2. Na modalidade *slalon* participaram 85 barcos entre canoas e caiaques divididos em quatro categorias: simples, duplas, masculina e feminina. A pesca, cujos peixes são devolvidos vivos ao rio foi pontuada conforme a espécie e tamanho do peixe.

Nos esportes de TERRA a escalada, como esporte de demonstração nesta edição, foi incluída entre as modalidades oficiais a partir dos Jogos de 2001. O hipismo foi realizado em forma de enduro (45 km), em terreno natural e sem obstáculos artificialmente preparados. No arco e flecha a disputa aconteceu na forma de orientação. O *mountain bike* foi disputado ao longo da costa oeste do Paraná, em sis etapas com os ciclistas percorrendo cerca de 50 km diários. O golfe contou com 120 atletas profissionais em ma competição de 72 buracos. O triatlo teve 60 participantes nos 1,6 km de natação, 48 km de ciclismo e 12 km de corrida.

A Alemanha foi a campeã dos Jogos, o Brasil o vice-campeão e os Estados Unidos o terceiro colocado.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

NOTAS:

² Presidente do Instituto Brasil PNUMA.



¹ Editores do livro "Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente: visões internacionais". Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2002. 1 CD-ROM

- ³ PNUMA: Membro da Comissão Esporte e Meio Ambiente do COI.
- ⁴ Vice Presidente do COI; Presidente da Comissão de Esporte e Meio Ambiente do COI; Presidente do Comitê Olímpico Húngaro
- ⁵ Membro da Comissão Esporte e Meio Ambiente do COI.
- ⁶ Membro da Comissão de Esporte e Meio Ambiente do Comitê Olímpico Brasileiro
- ⁷ Secretário Estadual de Meio Ambiente / RJ (à época).
- ⁸ Presidente da Green & Gold Inc.; Membro da Comissão Esporte e Meio Ambiente do COI.
- ⁹ Academia Olímpica Brasileira; PPGEF / Universidade Gama Filho.
- ¹⁰ Membro da Comissão de Esporte e Meio Ambiente do COI; Gerente Geral do Escritório Executivo do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Sydney.
- 11 Membro da Comissão de Esporte e Meio Ambiente do COI.
- 12 Governo do Estado do Paraná



Publicação original: capítulo de livro

Formato da contribuição: texto completo

Fonte: SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Educação Física, Lazer e Meio Ambiente: Desafios da relação ser humano e ecossistema (cap.5). In: DE MARCO, Ademir (org.). Educação Física: Cultura e Sociedade. Campinas: Papirus, 2006. [p. 87 –108]

E-mail dos autores: tsampaio@unimep.br

Títulos acadêmicos principais: Docente no Mestrado em Educação Física e Membro do Grupo de Pesquisa em Lazer-GPL UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba

"Avançar sobre possibilidades": horizontes de uma reflexão eco-epistêmica para redimensionar o debate sobre esportes

Tânia Mara Vieira Sampaio

No marco dos grandes desafios atuais, os impasses com a sustentabilidade da vida são muito mais amplos e implicam em uma rede intrincada de conexões que precisa ser observada. Apontar-se-á, nesse propósito, alguns debates epistemológicos que contribuem para a articulação de paradigmas interpeladores às diversas áreas de saber. No caso específico desse texto, alguns aspectos relativos à preocupação com a vida em suas múltiplas manifestações no ecossistema, serão o foco irradiador do diálogo. Os desdobramentos para as áreas de saber preocupadas com a qualidade de vida das pessoas, dos demais seres vivos e do ecossistema reforça a perspectiva de que nessa complexa organização, a fragmentaridade dos saberes, precisa pensar-se enquanto elemento de aprofundamento do estudo e não encastelamento das ciências.

Sem a pretensão de propor soluções sobre as questões da qualidade de vida de nosso mundo globalizado, esse texto deseja levantar o debate dos referenciais teóricos e possíveis inspirações para construir uma percepção da vida, na qual a interdependência dos seres coopere no redimensionamento de cada um nessa grande teia. Consequentemente gere a pergunta sobre as relações de poder assimétricas, de várias ordens, para reinventá-las. A perspectiva do debate teórico é lançar luzes à questão do esporte e seus processos de inclusão e exclusão



do corpo feminino e das demais diferenças que constituem a pluralidade da experiência humana.

REVISÕES EPISTEMOLÓGICAS DE CARÁTER INTRODUTÓRIO

Nesse propósito, ensaiamos passos novos. O corpo deseja caminhar por outras estradas, anunciando contornos inaugurais. Movimentos nos quais se possa reconhecer sensibilidades semelhantes e não meras formas que se repetem. Significa aprender de descobertas, como as da física quântica¹³, que há que se considerar, até mesmo, para os objetos que tomamos por sólidos, o movimento, em oposição à dimensão estática. A revisão de paradigmas da física desencadeia para as outras áreas de saber questionamentos capazes de desinstalar suas verdades de caráter absoluto e imutável.

Na perspectiva de um recurso imaginativo pergunto se o ritmo das águas, tão imprevisível e multiforme não pode dar o tom do caminhar novo que buscamos. Ouvir as canções da água, nos leitos e desvios que o curso das relações ecossistêmicas provocam, pode ser pista inusitada, prazerosa e propiciadora de horizontes. Extrair do movimento ordenado/desordenado das águas o convite para um movimento novo na direção de revisão das racionalidades discursivas a que estamos acostumados, não é mero recurso de linguagem, é proposição de perspectiva. Penso que há desafios novos que nos vêm, por exemplo da Física, mais do que das Ciências Sociais e Humanas, nesse momento. O físico Ilya Prigogine em seu livro *O fim das certezas. Tempo, caos e as leis da natureza* nos provoca a pensar que não mais podemos nos assegurar nas certezas antigas, estamos em um momento no qual se pode "avançar sobre possibilidades".14

As próprias ciências rígidas passam por um processo de autocrítica e estão interpelando suas definições absolutas, estáticas, imutáveis e com isso, enunciando que o paradigma cartesiano está em processo de esgotamento. Afirmam que será preciso uma nova percepção do ecossistema e de sua complexa rede de relações que tece a vida. E, por conseqüência, o pensamento/o conhecimento humano terá que ser alterado. "Na física o paradigma mecanicista teve que ser abandonado no nível do muito pequeno (na física atômica e subatômica) e no nível do muito grande (na astrofísica e na cosmologia). Em outros campos, as limitações podem ser de diferentes espécies; elas não precisam estar ligadas às dimensões dos fenômenos a serem descritos. Preocupamo-nos menos com a aplicação da física newtoniana a outros fenômenos que com a aplicação da visão de mundo mecanicista em que se baseia a física newtoniana. Cada ciência terá que descobrir necessariamente as limitações dessa visão de mundo, no respectivo contexto"15

Ilya Prigogine, ao interrogar os conceitos fundamentais da física afirma contundentemente as noções de instabilidade e caos propondo uma nova formulação das leis da natureza "que não mais se assenta em certezas, como as leis deterministas, mas avança sobre possibilidades". 16 Sendo-me permitida a analogia, avançar sobre possibilidades constituí-se o horizonte teórico que perpassa nossa reflexão. Tempo de possibilidades, é o tempo indicado pelos físicos anunciando que cada saber a seu tempo terá que revisitar seus "dogmas". Os saberes humanos, construídos em códigos de linguagem disponíveis, comuns a várias ciências, também estão sob "suspeita", não há como afirmar, senão provisórias e incertas certezas, a despeito de toda a objetividade metodológica.

A Educação Física e a prática esportiva tem diante de si revisões a empreender no diálogo com outros saberes humanos. As construções de saber são datadas, contextualizadas, sexuadas, racificadas, socialmente classificadas e implicam em relações de poder que precisam ser identificadas para desençadear processos de des-construção e construção. "Produção do saber e exercício do poder, longe de se constituírem em esferas estanques e separadas, aparecem historicamente indissociadas." A correlação evidente entre poder e saber, trará consigo, portanto, a pergunta pelo método de construção do conhecimento e seus pressupostos básicos.

Na afirmação intrigante de Ivone Gebara¹⁸ o debate espitemológico a partir do feminismo e da ecologia profunda nos desafia "a arrumar os sentidos e os conhecimentos de um outro jeito. Por isso, um passo importante a ser dado é repensar o conhecimento, nossa epistemologia para, a partir daí, captar de outra maneira os sentidos de nossa existência." Em seu texto o desafio é para jamais deixar adormecer a energia inquiridora da mente, a nunca deixar de questionar o que parece óbvio e definitivo. Contra dogmatismos... o movimento da vida!

O movimento de escuta e de silêncio apresenta-se neste contexto como kairós, um tempo oportuno para situarmo-nos como seres aprendentes. A pintura da realidade confronta-nos com a ausência de respostas, o que é bastante positivo. O movimento de sintonia e, aprendente dos processos auto-criativos e autodestrutivos do ecossistema, 19 indica que as respostas que buscamos não se formulam humana e individualmente, mas têm um surgimento plural. Ao invés de respostas, seria importante seguirmos com as perguntas. Agregando a elas o silêncio de nossa racionalidade estruturadora dos saberes.

DAS REVISÕES EPISTEMOLÓGICAS À IDENTIFICAÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS

Os problemas globais que afetam a biosfera e a vida humana, ambos talvez irreversíveis, na visão de Fritjof Capra, 20 são problemas atuais que não podem ser entendidos isoladamente. São sistêmicos. Estão interligados e são interdependentes. O momento presente, com "a escassez dos recursos e a degradação do meio ambiente combinam-se com populações em rápida expansão, o que leva ao colapso das comunidades locais e à violência étnica", nos coloca diante de uma grande crise: uma crise de percepção. Com este desafio, o autor

abre sua obra interpelando as ciências para o diálogo e para assumir a mudança de percepção e do pensamento como possibilidade de responder às urgências de nosso tempo, sejam elas a da sustentabilidade no ecossistema sejam as diversas formas de violência que se propagam.

O movimento do corpo em silêncio, sem pressas em dar respostas, sem aflição por não saber a verdade, sem...uma infinidade de certezas. De fato, desprovido das respostas mas aberto aos movimentos complexos que marcam a existência cotidiana das pessoas e da pluralidade de vidas do ecossistema, é caminho transgressor necessário.

Uma contribuição a este horizonte de re-significação das relações pode ser encontrado em trechos de testemunhos orais do Chefe Seattle, um lider indígena dos EEUU, aproximadamente no ano 1852, citados na obra de Campbell: "Isto sabemos: a terra não pertence ao homem, o homem pertence à terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo. O que acontecer à terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo."21

Destaque deve ser dado a estas cosmovisões que aproximam horizontes há tempos vivenciados por nações indígenas e anunciadas no desafio dos físicos para alcançarmos uma nova percepção do mundo e suas complexas redes de sentido. Na expressão de Albert Einstein: "Os seres humanos são uma parte do todo que nós chamamos de Universo, uma pequena região no tempo e no espaço. Eles consideram a si mesmos, suas idéias e seus sentimentos como separados e à parte de todo o resto. É como uma ilusão de ótica em suas consciências. Essa ilusão é uma espécie de prisão. Ela nos restringe às nossas aspirações pessoais e limita nossa vida afetiva a umas poucas pessoas muito próximas de nós. Nossa tarefa seria livrar-nos dessa prisão, tornando acessível nosso círculo de compaixão de forma a abraçar todas as criaturas vivas e toda a natureza em sua beleza."22

A observação da dinâmica criativa da própria natureza e sua forma autocriativa poderia ser um passo alternativo ao jeito de elaborar o conhecimento. Refere-se agui à necessidade de debater essa visão mecanicista e instrumental da natureza para usufruto dos seres humanos(de alguns seres humanos) em detrimento da integridade do ecossistema. Infere-se nesta etapa da reflexão a necessidade de sentir-pensar o ecossistema em sua dimensão interdependente e complexa superando a fragmentaridade de nossas abordagens epistêmicas. "As epistemologias de origem cartesiana, epistemologias do "penso, logo existo", nos condicionaram a entender o conhecimento humano como limitado a processos mecânicos que se passam no interior do sujeito e se expandem para o "mundo objetivo" (...) Tentamos superar as formas mecanicistas de conhecimento em que o todo é apenas a soma das partes e cada parte pode ser considerada uma peça independente. A epistemologia inclusiva tem a ver com o caráter de interdependência

recíproca no qual existimos e somos. (...) Não se trata apenas da interdependência e relação com os outros seres humanos, mas com a natureza, as forças da Terra e do Cosmos. O conhecimento é um ato humano no que se refere ao tipo de elaboração e consciência particulares a nosso tipo de organização vital, mas é também conhecimento animal, vegetal e cósmico em nós."²³

O debate epistemológico não pode prescindir da identificação dos pressupostos fundantes das formulações de saber pois estes organizam pensamentos, valores e relações elucidando que o conhecimento se estrutura a partir de uma determinada percepção do mundo, o que remete-nos novamente à interrogação sobre o paradigma que nos orienta. Considerando a reflexão de Edgar Morin sobre o papel que os paradigmas desempenham na formulação das teorias, doutrinas e ideologias, podemos afirmar que movemo-nos no eixo mecanicista, no qual o paradigma da disjunção compreende a relação entre ser humano e natureza como um processo de distinção: "entre os dois termos e determina o que há de específico no homem por exclusão da idéia de natureza (...) Este paradigma determina dupla visão do mundo – de fato, o desdobramento do mesmo mundo: de um lado, o mundo de objetos submetidos a observações, experimentações, manipulações; de outro lado, o mundo de sujeitos que se questionam sobre problemas da existência, de comunicação, de consciência, de destino."²⁴

Depreende-se de seu posicionamento a necessidade de alcançarmos um paradigma complexo no qual "implicação/distinção/conjunção" estejam articulados para poder alterar a cultura científica que nos aprisiona. Em consonância com esse debate epistemológico, pode-se acrescentar a reflexão, de Hugo Assmann e Jung Mo Sung, acerca dos *ecossistemas do sentido*, em muito semelhantes aos ecossistemas naturais na qualidade de moradas da esperança e da curiosidade. Ambos elementos fundamentais ao processo de aprender a aprender e como tal espaço das construções epistemológicas. "Os ecossistemas naturais são constituídos por nichos plurais que abrigam formas diferenciadas de vida. Os ecossistemas do sentido obedecem igualmente a esse princípio da diversidade e da diferença dos seres que compartem um mesmo habitat do sentido."

A reflexão epistemológica desencadeada traz para o debate da produção dos saberes o cotidiano em sua complexa diversidade, o que implica em sentirpensar as alegrias e tristezas da vida como construtos do conhecimento humano, reportando-se a uma percepção da realidade e de suas múltiplas relações. E, a partir da experiência cotidiana é que conhecemos as coisas e a nós mesmos.

Conhecer o próprio conhecimento permite influir nos processos de construção e transmissão do mesmo, podendo alterar a estrutura hierárquica de poder para introduzir novas formas de sentir-pensar. Nesse sentido, constata-se que os processos reducionistas das racionalidades científicas questionados por muitos teóricos²⁶ desembocaram nas incertezas que invadem também o horizonte da Educação Física.

GÊNERO E COMPLEXIDADE: PARADIGMAS EM DIÁLOGO

Entre os caminhos epistêmicos de superação dos impasses, é fundamental explicitar as contribuições advindas das teorias da complexidade e das teorias gênero. A primeira, que pensa o ecossistema em sua dimensão interdependente e complexa, no qual o ser humano inclui-se, não como superior, mas como distinto, inaugurando uma nova percepção que propõe relações de conexidade entre seres vivos diferentes na perspectiva de redes. A segunda, com suas ênfases nas relações sociais assimétricas entre homens e mulheres; na demarcação da não homogeneidade destes grupos sociais, agregando-se a essa reflexão a constatação das assimetrias étnicas e de classes sociais.²⁷ Ambas as teorias, têm impulsionado revisões conceituais de muitas ordens superando a fragmentaridade de nossas abordagens epistêmicas.

Do questionamento das desigualdades sociais baseadas nas diferenças de ordem biológica, chegou-se a interrogar milenares afirmações de inferioridade das mulheres em relação a homens, de negros em relação a brancos, do ecossistema em relação a seres humanos devido à natureza intrínseca de cada um destes seres.

Entre as decorrências surgiu a urgência de uma revisão antropológica que contemplasse as construções históricas e sociais "naturalizadas" ao longo das épocas obscurecendo os jogos de poder embutidos nestas descrições de papeis e relações. Outrossim, não tendo o eixo econômico como exclusivo ou "carro chefe" as pessoas puderam ser percebidas como seres não apenas constituídos de necessidades, mas de desejos e paixões, com todas as implicações para as relações humanas, sociais e ecossistêmicas que isto possa significar.

O resgate do corpo como lugar ímpar da experiência de estar vivo, do sentirpensar, lugar das relações, das circulações de poder que oprimem e libertam... um fio da grande teia, foi decisivo nessa novidade epistêmica e, por conseguinte, é dado relevante para o resgate do trato com o ecossistema.

Em tempos de esgotamento de recursos fundamentais à sobrevivência do planeta deseja-se que uma reinvenção das relações em toda a sua complexidade seja mais do que um modo de ser e torne-se uma proposta epistemológica e metodológica.

Nesse momento, vale ressaltar alguns avanços antropológicos como os que formulam a superação de concepções de mundo e relações de caráter androcêntrico para uma perspectiva antropocêntrica. No entanto, cabe dizer que se essa mudança resolve a descentralização da matriz cultural masculina como parâmetro para o humano, ela não altera a percepção de centralidade do humano para entender o ecosssistema em suas relações. "O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas

partes. Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos. Assim, como cada ponto de um holograma contém a informação do todo do qual faz parte, também, doravante, cada indivíduo recebe ou consome informações e substâncias oriundas de todo o universo."28

Esse debate nos coloca novamente diante da necessária crise de percepção que apresenta a interdependência de tudo o que forma o ecossistema e produz vida na forma de desafio para pensarmos os seres humanos como parte dessa grande "teia da vida". Uma visão que certamente terá que abdicar da concepção de centralidade. Seja ela divina ou humana ou cósmica. Nem mais teocêntrica, nem mais andro/antropocêntrica, nem qualquercoisacêntrica!

Afirmamos aqui, provisoriamente, uma concepção que "explode" o centro para dar lugar a uma concepção de relações de mútuas interdependências; sem que isto desqualifique o ser humano, mas o re-signifique na relação de perceberse como parte necessária e com necessidades de toda a complexa e múltipla diversidade do que existe no ecossistema.

Outro eixo epistemológico decorrente da questão acima mencionada referese a concepção de poder de tais relações. O eixo assimétrico, de subordinação e instrumentalização reforça os padrões de concepção do poder como hierárquico. Este tem sido, historicamente, responsável por nortear relações que subordinam mulheres a homens, negros a brancos, ecossistema à seres humanos... Urge a inauguração de outra concepção de poder que se desenhe na perspectiva de redes pois se coadunam com concepções de conexidade e interdependência anunciadas anteriormente.

Trata-se de inaugurar uma experiência que redimensione o ser humano em relação ao ecossistema não como superior mas como distinto. Uma experiência de nova percepção de ser e estar no mundo em um contexto de relações mais amplas que as humanas e sociais. Uma percepção que inclua relações de conexidade de seres vivos diferentes e que pela diferença criam e recriam a vida ou podem, ao revés, destruí-la. Isto exige uma visão de poder na perspectiva de redes e não de hierarquias que se sobrepõem. Nesse sentido, outras referenciais teóricos precisam ser articulados, entre eles Gênero, Movimento e Mercado em seus reflexos para a corporeidade.

CORPOREIDADE NO EIXO DO DEBATE DE GÊNERO

A reflexão sobre a corporeidade não pode prescindir de localizá-la em sua materialidade. Esse corpo em movimento apresenta-se identificado por seu sexo, sua etnia, sua classe social, sua idade, suas crenças etc. Segundo Ivone Gebara: "a questão de gênero nos leva a uma crítica do universalismo das ciências humanas (...) as afirmações que diferentes ciências humanas fizeram sobre vários assuntos,

frequentemente foram apresentadas como sendo do "humano", quando na realidade elas se referem sobretudo à experiência masculina, aliás muitas vezes limitada ao mundo ocidental. A teoria universal é uma teoria masculina e centralizada nos lugares de poder dominante e nas relações sociais ligadas a poderes." ²⁹

A contribuição que nos auxilia a uma aproximação deste corpo em sua concretude é a categoria analítica de Gênero que se apresenta como uma possibilidade teórica que enfrenta a pergunta pelas relações sociais de poder e, portanto, é capaz de articular não só a confluência das relações de sexo, mas também étnicas, de classe... que atravessam as diferentes estruturas da experiência humana.

O debate acerca do caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo adverte para a compreensão de que a dimensão de sexo não se restringe ao aspecto puramente biológico mas transita nas construções sociais. Este dado nos permite não naturalizar processos de caráter histórico, interpondo-se aqui a categoria Gênero como algo distinto de sexo.

A percepção do sexo anatômico de uma criança, logo após o seu nascimento, não necessariamente corresponderá ao seu Gênero. As matrizes de Gênero, desenhadas nas culturas e processos históricos, têm a força de imprimir aos corpos algo que transcende sua anatomia. Jo Ann Scott avança ao dizer que o sexo é o que *percebemos* do sexo anatômico de uma genitália de macho ou de fêmea. A partir daí, inicia-se o processo de socialização destes corpos com as imagens do masculino e do feminino disponíveis na cultura. Por exemplo, vestir o corpo masculino de azul e o corpo feminino de cor-de-rosa, é um dos muitos sinais deste processo de construção da identidade de Gênero.³⁰

Ademais de considerar Gênero como uma categoria de análise é importante considerá-lo uma categoria histórica. Pois, não há sociedade que não elabore imagens vinculadas ao masculino e ao feminino e estas construções são datadas e contextualizadas. As ações humanas não são apenas fruto de decisões racionais, mas se estruturam a partir do imaginário social com seus simbolismos que subsistem nas culturas. "São produções de sentido que circulam na sociedade e permitem a regulação dos comportamentos, de identificação, de distribuição de papéis sociais." Este complexo mecanismo de construção de um saber com características de algo "natural" e aparência de imutabilidade precisa ser desvelado por uma atitude científica de suspeita e superação epistemológica.

No significativo estudo histórico de Maria do Carmo Saraiva, podemos encontrar as contradições que marcam o esporte e os distintos processos que circunscrevem as mulheres, à algumas práticas exclusivamente femininas. Simultaneamente procedeu-se a criação de concepções histórico-culturais-científicas que indicavam esportes impróprios para as mesmas. "Sobre o mito da "fragilidade" e do "garbo" femininos, constitui-se, também, o esporte feminino da modernidade.

(...) No campo esportivo também aparecem as contradições como a contradição entre o culto da graciosidade e "suavidade" e os riscos dos esportes adequados às mulheres, como a ginástica olímpica, a patinação, a GRD (Ginástica Rítmica Desportiva), etc. As normas estéticas rígidas (...) recrudescem na forma de "técnica" nesses esportes, como na GRD, esporte exclusivamente feminino, fundamentado em movimentos ginásticos e da dança."32

Os estudos mediados pela categoria de Gênero evidenciam os processos normativos de construção do saber visando a desnaturalização de processos que são socialmente construídos e a análise das relações sociais de poder. Este procedimento analítico considera o poder não como uma instância absoluta e estática, mas como um conjunto de forças que se move entre/contra/sobre/ com os diversos sujeitos sociais. Portanto, trata-se da análise das distintas parcelas de poder vividas pelos grupos sociais em uma determinada estrutura social e sua repercussão sobre a corporeidade.

Neste sentido, a concepção de poder de Foucault tem sido apreciada e apropriada em muitas reflexões teóricas feministas, por sua perspectiva de considerar que o poder apresenta-se como constelações dispersas, em parcelas que são apropriadas diferentemente pelos grupos sociais e em contraposição a uma visão de poder como bloco homogêneo e único por parte das esferas dominantes.33 "Enfim, precisamos substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado por alguma coisa que esteja próxima do conceito foucaultiano de poder, entendido como constelações dispersas de relações desiguais constituídas pelo discurso nos "campos de força."34

Depreende-se desta consideração que não apenas o saber em sua construção e transmissão teórica, mas igualmente a realidade está construída com base em relações sociais de poder. Nestas, as relações de Gênero apresentam-se marcadas por interesses e relações assimétricas que, muitas vezes, subordinam as mulheres, bem como outros grupos sociais (a saber minorias étnicas, sociais, etc.). No jogo de forças é possível constatar que se as mulheres já conquistaram um lugar nas quadras esportivas, permanecem excluídas dos espaços de decisão. "Como nos círculos intelectuais do século XVIII, no mundo dos esportes, dos negócios e da política, hoje, as mulheres continuam sendo preteridas e pouco participam das decisões. Isso prejudica o número e a qualidade das oportunidades que lhes são oferecidas, inclusive para a prática de esportes."35

CORPOREIDADE E OS MOVIMENTOS RELACIONAIS

A análise de relações sociais tem de considerar os vários movimentos dos corpos, que experimentam a relacionalidade como constituição de seus cotidianos. Trata-se de observar as pessoas ou grupos sociais em sua dinâmica relacional. Por conseguinte, a pergunta a respeito do movimento pede a identificação do lugar em que estão as pessoas, visando à reflexão sobre pessoas concretas e não apenas sobre os discursos. Nesse sentido, à dinâmica dos corpos em relações sociais associa-se a dimensão movimento como outra categoria fundamental a ser elucidada.³⁶

A interação das categorias corpo-movimento-relações sociais permite a organização de perguntas teóricas que contemplem não unicamente a identificação dos discursos mas a possibilidade de um encontro com as vivências concretas e suas representações. O interesse está em analisar os movimentos que comunicam o complexo jeito humano de construir seus sentidos e organizar suas sociedades. Trata-se de uma opção metodológica a pergunta sobre o movimento dos corpos concretos em suas múltiplas relações. Por um lado, para evitar abstrações sobre a realidade e, por outro, para não perder a riqueza dos detalhes que indicam os vários jeitos de admitir a subjetividade como parte integrante do método de enfrentar as situações.

Está no corpo, com sua materialidade, a condição dos seres vivos construírem suas experiências de relações no mundo. É o corpo de mulheres, homens e crianças que exige uma nova leitura do mundo e de suas ciências. A organização da corporeidade é exigente: quer explicações, satisfações, companhia... Em sua experienciação na vida, cria linguagens próprias para comunicar suas urgências e presença no mundo e relações. Não se trata de enfocar a experiência de vida em geral, nem mesmo de abordar os grandes eixos históricos. Deseja-se, sobretudo, uma aproximação de vidas e histórias que tenham em comum sua construção cotidiana, perpassada por uma multiplicidade de relações sociais, estruturadas simultaneamente por mecanismos de dominação e controle e por exercícios de mudanças e resistências. "As organizações sociais e, consequentemente, seu imaginário se modificam mediante a incorporação de novas técnicas de produção de imagens. Melhor dizendo: vivemos o fenômeno da multimídia que articulando diferentes tecnologias, proporciona a seus usuários um contato cada vez mais interativo e veloz com bancos de dados complexos, nos quais estão presentes imagens, hipertextos, música, sons. São aparatos que 'constróem' imagens de corpo, ideais de beleza, de atleta, de esporte. A indústria cultural moderna enquanto produtora de criação simbólica, nos apresentam o corpo e o esporte enquanto signos da sociedade contemporânea."37

A opção metodológica de reconhecer a relevância dos aspectos do cotidiano para formular as perguntas possibilita aproximar-se dos desejos, anseios, sonhos, ausências e processos de resistência presentes na construção das experiências de vida das pessoas e de suas comunidades através da corporeidade em movimento intencional.

Na experiência cotidiana, composta de inúmeros detalhes – e que, por isso, corre o risco de parecer supérflua à análise – acontece de fato a construção das relações sociais de poder. O que conduz a investigação, baseado na categoria de

Gênero, em seu propósito de superar a dicotomia entre o concreto das relações humanas e os raciocínios abstratos das formulações epistêmicas.

O movimento que, na vida cotidiana, os corpos estabelecem para saciar necessidades básicas, desenvolver desejos e estabelecer projeções sociais de dignidade é fundamental e constitutivo da construção de uma fala objetiva e até mesmo paradigmática da história. A experiência humana, por sua diversidade, resulta numa pluralidade de movimentos que se articulam em meio a provisoriedade e transitoriedade inerentes ao aspecto relacional da corporeidade no mundo. E tal dinâmica das histórias de vida quer ser elucidada e preservada no processo de aproximação do debate sobre Motricidade Humana e Corporeidade. "A formalização e a instrumentalização dos movimentos corporais, que se refletem nos movimentos do dia-a-dia e nas técnicas de trabalho, aparecem também nos movimentos desportivos (...) todos os movimentos que se desviam das normas desportivas são considerados como não-desportivos e desvalorizados e só permitidos quando capazes de aumentar as habilidades e as capacidades desportivas. Esse modelo de corporalidade reflete as relações políticas e econômicas da moderna sociedade industrial, orientada para a produção, na qual toda ação humana tende a ser medida e valorizada por meio dos seus resultados."38

A Corporeidade considerada à luz de uma nova percepção epistêmica traz grandes desafios à produção do conhecimento e seguramente para pensar a área da Educação Física e os esportes, uma perspectiva que se anuncia para os diálogos em curso.

[As referências bibliográficas desta contribuição podem ser consultadas na fonte original]

NOTAS

1 "A primeira revolução científica de nosso século, iniciada pela termodinâmica de Boltzmann, deflagrada pela descoberta dos quanta, seguida pela desintegração do Universo de Laplace, mudou profundamente nossa concepção de mundo. Minou a validade absoluta do princípio determinista. Subverteu a Ordem do mundo, grandioso resquício da divina Perfeição, para substituí-la por uma relação de diálogo (ao mesmo tempo complementar e antagônica) entre ordem e desordem. Revelou os limites dos axiomas..." MORIN, 2000, 56.

² PRIGOGINE, 1996.14: MORIN, 2000.59-61.

3 CAPRA, 1982,95 [negrito acrescentado]

⁴ PRIGOGINE, 1996:14,31

⁵ NUNES, 1995,10

⁶ GEBARA, 1997,24.

⁷ MORIN, 2000, 56-57.

8 CAPRA, 1996,

9 CAMPBELL, 1990, 33-36. [negrito acrescentado]



¹⁰ Citado por Peter Russel em *O despertar da terra. O cérebro global.* São Paulo: Cultrix, 1991.

¹¹ GEBARA, 1997, 72,74,61.

¹² MORIN, 2000, 25-27 [grifo acrescentado].

¹³ ASSMANN & MO SUNG, 2000, 266.

¹⁴ MORIN, 2000, 89,56

²² SCOTT, 1991,14.

²³ SARAIVA, 1999, 66.

²⁴ SAMPAIO, 1999.

²⁵ TEVES, 2000, 192.

²⁶ GONÇALVES, 1994, 29.